SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SUMMARIO

VOL. IV DE MAIO A JUNHO — 1903 NUM. 19

[Ad]ministração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa Preço 200 réis

SUMMARIO

41 GRAVURAS

AVISO. — N'esta administração vendem-se pelo preço de 400 réis, cada uma, capas em percalina, propriedade dos SERÕES, segundo a lei, destinadas ao I, ao II e ao III volumes da Revista. Por cada encadernação, de que tambem se encarrega, acresce mais 100 réis, e nas remessas de volumes pelo correio acresce ainda 100 réis de porte.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

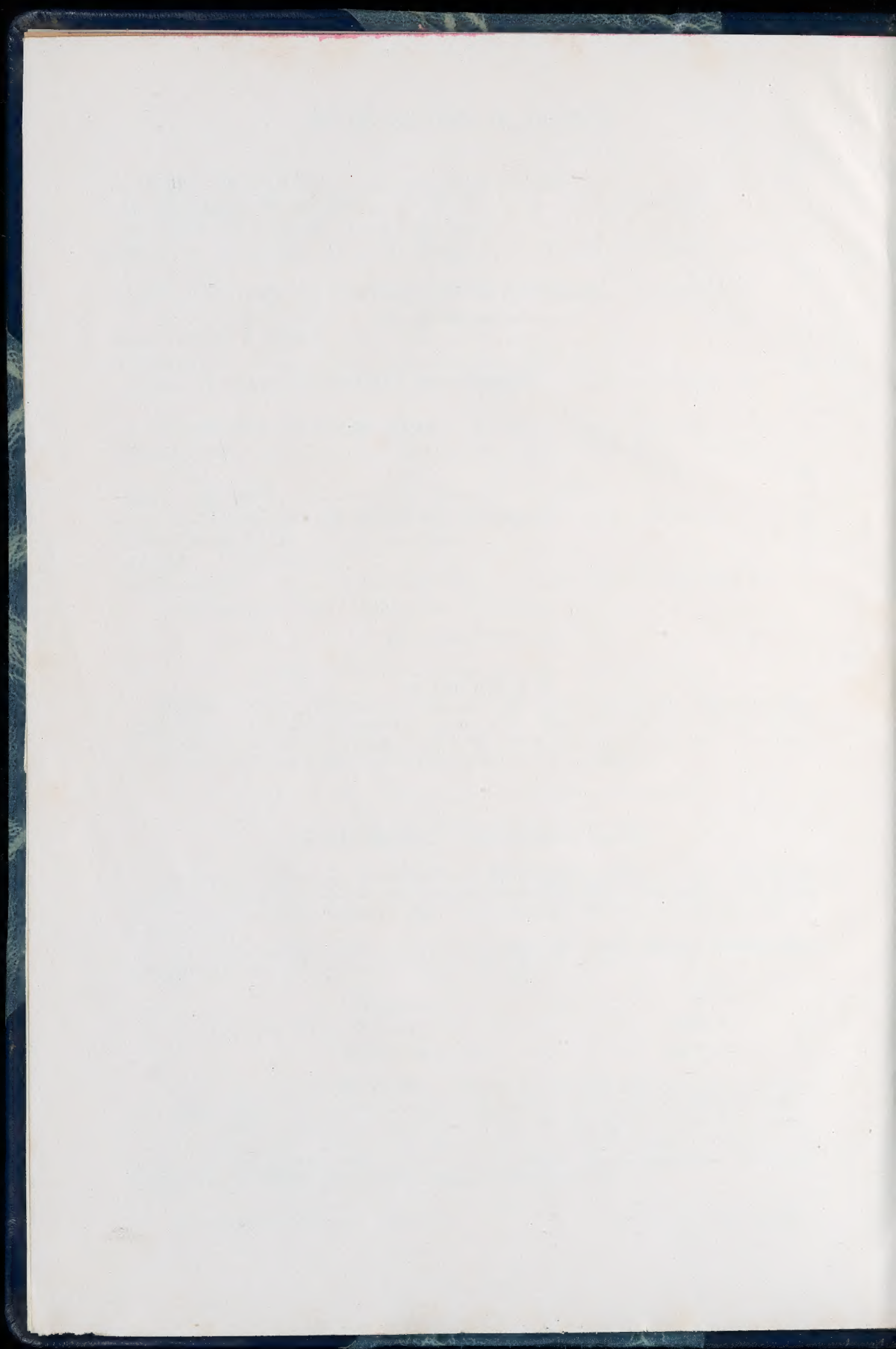
Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar adiantadamente **uma serie de 12 numeros,** tendo n'este caso a reducção do preço a **2$200 réis,** o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra **terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas** poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por:

Series de	**3 numeros**	**600**
	6 numeros	**1$200**
	12 numeros	**2$200**

Para os paizes da **União Postal,** por **serie de 12 numeros** (pagamento adiantado), **3$000 réis,** moeda portugueza. Para e **Brazil** (moeda brazileira), **18$000 réis** por serie de 12 numeros, pagamento adiantado.—Numero avulso *1$500* réis (moeda brazileira).

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo avultado de cobrança pelo correio; por isso se pede a *remessa directa* da importancia das assignaturas á **administração dos SERÕES, em Lisbôa, Calçada do Cabra, 7.**

Typ. e impressão dos *Serões*, C. do Cabra, 7 — Editor. Thomaz Rodrigues Mathias

SERÕES

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

VOLUME IV

LISBOA
ADMINISTRAÇAO E OFFICINAS—CALÇADA DO CABRA, 7
1904

A Rocca de Cupido. — Quadro de Henry Woods

MAPPA D'AFRICA DE FREDERICO DE WIT

As Estradas do Mundo

Depois da grande estrada do Mediterraneo, assumpto dos dois anteriores artigos, e da exposição synthetica dos problemas politicos e commerciaes que ella suscita, inicia-se no seguinte artigo, como continuação da serie subordinada ao mesmo titulo e aos mesmos propositos, o estudo dos problemas d'Africa, restringindo agora o assumpto á discripção succinta do grande continente negro que n'este momento historico tanto prende a attenção de todas as nações, muito especialmente da nossa, cuja vida social e prosperidades publicas estão, por assim dizer, adstrictas aos vastos dominios que ainda ali possuimos e mantemos.

PROBLEMAS DA AFRICA

Summario. — MORPHOLOGIA GERAL DA AFRICA. — AS REGIÕES NATURAES

COMO um immenso bloco emergindo entre dois oceanos, o Continente africano, cuja altitude media é superior á de qualquer das restantes partes da terra, apresenta uma conformação geral maciça, de bordos fracamente recortados, sem chanfraduras convidando a entrada do mar. Ao norte, no Mediterraneo, só a Grande e a Pequena Syrta, entre a Cyrenaica e Tunis, formam o unico recorte de todo o seu litoral. A metade meridional, apertada pelo Atlantico, desvia-se para o oriente, aguça-se gradualmente até o Cabo das Agulhas, onde se juntam as aguas de muitas correntes. O mar separa n'essa direcção as terras antarticas das que formam, para o norte, o seu prolongamento natural, o relevo euro-africano.

De norte ao sul, em um arço terrestre de 12 graus, os seus oito mil kilometros de comprimento não revelam uma uniformidade

morphologica, nem a sua maior largura, de sete mil e quinhentos kilometros, offerece tambem uma disposição que indique, na historia geogenica do continente, uma origem commum. O vasto triangulo africano parece feito de peças diversas, que as modificações architecturaes do planeta tivessem aproximado e ligado. Os trinta milhões de kilometros quadrados da sua superficie, de relevos os mais variados, com condições geologicas as mais extremas, são, talvez, o resultado da união de varios continentes ou de grandes massas lithosphericas que as oscillações do globo tivessem obrigado a aggregar-se.

Esta fragmentação primitiva traduz-se hoje pela diversidade com que se caracterisam as differentes zonas do Continente, pelo contraste entre as suas regiões naturaes, pela sua asymetria orographica singularmente notavel e ainda por outros caracteres que imprimem ao seu solo aspectos muito especiaes. Ao norte, uma facha obliqua, fortemente montanhosa, de 2800 kilometros de comprimento e de 300 na sua maior largura, que abrange Marrocos, Argelia, Tunis e uma parte do *Pequeno deserto sahariano*. Do Atlantico ao Mar Jonico, prolongando-se de um lado até quasi se juntar ás terras da Hespanha e do outro até a Sicilia, este fragmento actual da Africa forma o relevo meridional que, em edades geologicas, teria contribuido para encerrar entre cordilheiras toda a *bacia occidental* do Mediterraneo.

Entre o dorso do Atlas e as regiões baixas do Sudan, separando completamente o *sulco transversal da terra*, distincto por muitos caracteres, do immenso valle transversal da Africa, por onde se fez a passagem dos povos do oriente até a Nigricia occidental, o Sahara constitue um vasto plató, que se estende para o nordeste, até se encontrar, atravessando a Nubia, a Arabia, a Persia e o Afghanistan, com a região morta do Gobi e os desertos do Thibet. Semeado de *oasis* na sua parte septentrional, mostrando aqui e acolá pequenas *ilhas* de rochas primitivas e altas, como a indicar uma remotissima ligação entre o Fezzan e a Abyssinia, o *Pequeno deserto*, em successivos planos inclinados, e o *Grande deserto*, em planicies quasi uniformes, separam tambem climas, flora, fauna, raças humanas, e permittem á Africa do norte condições especiaes que não se encontram do Sudan para o sul.

Segmentando o Continente de leste a oeste, um immenso sulco transversal, largo de centenas de kilometros, forma o Sudan, que se prolonga dos primeiros contrafortes occidentaes da Abyssinia e, em successivas depressões do solo, que mais fundamente se accentuam perto de Khartum, no Tchad e em toda a rêde hydrographica do Chari, se encaminha até a região fortemente montanhosa do Kong e do Futa-Djallon. Esta larga e extensa facha do Continente, diversa do Saharà tanto pelos seus caracteres geomorphicos como pela composição geologica, é o primeiro segmento *propriamente africano* e foi a estrada primitiva mais concorrida do Continente.

E' ao sul do Sudan que a altitude da Africa começa a augmentar. Todo o vasto triangulo, que constitue a parte meridional do Continente, apresenta-se, pela sua conformação orographica como pela sua riqueza hydrographica, com caracteres tão particulares e tão distinctos que pode ser considerado homogeneo pela sua origem. Toda a sua facha oriental, da Erythrea até os confins meridionaes, áparte uma estreita nesga do litoral, offerece, em linhas mais ou menos sinuosas, fortes relevos de uma altitude consideravel, formando immensos planaltos, que descem bruscamente para o poente, para a immensa goteira longitudinal do Continente, onde se encontram o Nyassa, o Banguelo, o Moero, o Tanganika, os lagos Alberto e Alberto Eduardo, o Victoria e o lago Rodolfo. Esta disposição orographica, em cordilheiras quasi parallelas que traduzem uma formação geologica especial, imprime á hydrographia de toda esta zona caracteres peculiares, aos quaes faz excepção o valle do Zambeze, que divide o oriente africano em dois segmentos de grandeza e importancia differentes.

Das grandes altitudes do centro da Africa, d'onde sáem o Congo, o Zambeze e o Nilo, o solo, em declives irregulares, desce para o Atlantico, forçando ao oriente o Zambeze a varias sinuosidades e os affluentes do Congo, ao occidente, a direcções mais ou menos de sencontradas. De sorte que todos os rios, pelos degraus que teem de vencer, apresentam, com frequencia, quedas d'agua e cataractas, que tornam difficil a sua navegação.

A disposição diversa das massas de montanhas a leste e a oeste imprime ao triangulo meridional africano uma significação absolutamente diversa da que se observa na parte septentrional do Continente. E d'essa conformação geral resulta que os *caminhos naturaes* da metade sul-africana não representam, com raras excepções, para as necessidades economicas e politicas da civilização moderna, estradas faceis, por onde possam caminhar os productos da mesma civilização, transformando o estado social dos povos que habitam as regiões dos tropicos.

Mas n'essa heterogeneidade morphologica que caracterisa a Africa pode-se determinar um certo numero de largas zonas geographicas, que constituem, cada uma no seu conjuncto, uma região natural. Todo o valle do Nilo, de Khartum até o Delta, é um vasto *oasis* mantido pelas aguas que correm das montanhas da Abyssinia, dos grandes lagos do Continente e da immensa planicie da Africa central, onde se espalha o Bahr-el-Gazal. E' o Nilo quem permitte a toda essa facha productiva, que corta o deserto do Sahará, a sua importancia actual e a elle se deve a historia do Egypto antigo. Nenhum monumento da brilhante civilização dos Pharaós, nenhum documento da architectura egypcia seria possivel, se o Nilo sem as suas cheias periodicas, não regasse e fertilizasse, a prazos certos, o vasto areal que se extende do Darfur e Kordofan até as margens do Mediterraneo. Em toda essa extensa nesga africana, nenhum relevo sombreia o rio, nenhum lhe quebra a monotonia. Do Cairo até o encontro da bifurcação do Nilo é sempre a mesma paizagem; o solo offerece uma ondulação uniforme e o rio desce, ora sereno e esguio, ora amplo e barrento, e as suas aguas, transpostas as ultimas quedas, espalham-se tranquillamente, enriquecendo os campos, pelos muitos braços que irrigam o Baixo Egypto. De um e outro lado do Nilo, planicies mortas, queimadas por um sol que faz vertigens.

Costumes egypcios

Sempre a mesma vegetação e sempre, apesar de todas as transformações do estracto humano mandante no Egypto, o mesmo fellah scismador e paciente, fatalista e soffredor, rhitmico nas suas esperanças e nos seus desalentos como periodico é o crescer e o minguar das aguas que lhe trazem a fortuna ou a fome.

O valle inteiro do Nilo, a começar onde o Azul e o Branco se encontram, constitue uma *região natural*, inconfundivel, absolutamente diversa de qualquer das restantes zonas da Africa e sem egual em nenhuma das outras partes da terra. E', pelas suas ligações com o Mediterraneo, subsidiaria d'este mar. Toda a sua vida economica ha de sempre engrenar-se com as transformações e as lutas que as nações européas promoverem n'aquella grande estrada do mundo. A sua politica ha de depender da politica mundial. O povo que n'elle dominar com o direito de mais

forte será tambem o povo que deverá guardar as chaves do Mediterraneo. Ladeando o Mar Vermelho, passagem difficil e apertada para o Oriente; á curta distancia da Palestina e não muito longe da Anatolia, o valle do Nilo, bem guardado, bem policiado, é a sentinella que vigia as ambições extranhas, do Mediterraneo ao Mar das Indias. Arrasta do Centro da Africa o que elle fabrica de mais rico e permitte a ligação dos interesses dos povos européus com os das populações ainda primitivas que se encontram em volta dos lagos.

Costumes egypcios

Pela unformidade do seu solo, pela periodicidade das suas oscillações hydrographicas, toda a *região nilotica* tem uma individualidade propria e constitue, apesar da sua extensão, uma *região natural* cortando a vasta facha do globo que liga Thibet aos territorios desertos do Alto Niger e Alto Senegal.

* * *

Toda a antiga Ethiopia, como um bloco de granito dominando um rosario de altas montanhas, apresenta, ao contrario da zona irrigada pelo Nilo, um aspecto morphologico especial, que imprime aos povos, ás suas crenças e aos seus habitos caracteres absolutamente diversos.

Encontrando-se com o Mar Vermelho em arribas quasi a prumo, núas de vegetaçãoes aquecidas por um sol ardentissimo e pelos ventos que sopram da Arabia, as montanhas, em degraus bruscos e deseguaes, crescem tumultuosamente ao sul e ao oeste, e alargando-se, ramificando-se, em redemoinhos orographicos que não supportam uma classificação, espalham-se em um vasto triangulo que abrange a Abyssinia e a Somalilandia. Depois, em declives irregulares, mas com formas orographicas mais definidas, as montanhas approximam-se em cordilheiras sensivelmente parallelas que, ora isolando-se, ora communicando-se, vão até o valle do Zambeze. Em toda esta nesga oriental da Africa, protegida a leste pelo Indico, limitada ao occidente pelo immenso sulco longitudinal que conserva os maiores lagos do Continente os valles correm na direcção do litoral, os rios quebram-se em quedas successivas e sob a fórma de torrentes perdem-se nos lagos ou dão origem, pela estreiteza e deseguadade dos valles parallelos, a vastissimos paúes sem profundidade notavel e sem saida para o mar.

Este colossal systema de muralhas naturaes, protegendo a Africa ao oriente, grava no modo de ser social e moral de todas as populações que vivem n'essas regiões uma feição caracteristica, um relevo especial, que as torna inconfundiveis com qualquer outro typo humano de qualquer parte do continente. Em opposição com o fellah scismador e paciente, que tudo espera do rhitmo da natureza que enche e empobrece o Nilo a espaços certos, os indigenas da Africa oriental, seja qual fôr o typo ethnico a que pertençam,

offerecem qualidades de energia e de decisão que raro se observam nos povos que habitam as planicies africanas.

Da aspereza das montanhas receberam a dureza do caracter; da uniformidade da sua composição morphologica, a tendencia antiquissima da rebeldia, a permanencia das suas crenças, o vigor com que se defendem dos estrangeiros. São povos difficilmente dominaveis. As migrações orientaes as mais remotas, infiltrando nos indigenas primitivos o sangue de raças asiaticas, a pouco e pouco, lentamente, esse crusamento, por se ter dado entre raças affins, firmou-se e, depois de seculos de mistura, surgiu uma camada superior, semi-aristocratica e mandante, que dominou e prepondera ainda em toda a Africa oriental. Nos baluartes naturaes que as montanhas lhes facultam, na rudez das regiões em que se encontram, afora o seu genio audaz e soffredor, essas populações firmam com confiança a sua melhor defesa.

Não ha caminhos naturaes. Da costa ás zonas lacustres, do Mar das Indias até o immenso veio que segue do lago Stephanie ao Banguelo, vae-se em degraus irregulares e successivos. A sua altitude, a sua conformação orologica, a destribuição das suas pequenas rêdes hydrographicas, a natureza do seu solo em grande parte composto de rochas primitivas, a desegualdade dos seus valles e planicies, tudo concorre para que o conjuncto de tantos caracteres tome um aspecto, se não identico em todos os segmentos d'essa facha, pelo menos approximadamente egual. Se a Abyssinia, pela sua situação geographica offerece condições climicas que se afastam das da Africa oriental allemã, é certo que outros caracteres naturaes que indicámos, as ligações orographicas entre as duas zonas, favorecem ás populações vantagens eguaes que criam uma uniformidade de caracter social.

Da extensa zona dos lagos, os planaltos seguem para o oeste em curvas irregulares mas de aspereza menos accentuada do que na costa oriental. Ha vastas planicies, com agua parada, como a facha que se prolonga do Arhuimi ao lago Alberto Eduardo; ha zonas immensas de curtos relevos, sombreadas aqui e acolá de montanhas em pequenos agrupamentos, como esse vasto triangulo do centro africano envolvido pela grande curva do Congo.

Desce-se para o occidente, até chegar ao Atlantico, em planos inclinados dispostos em direcções variadas que os affluentes do Congo revelam na sua marcha. Elles não soffrem como o Zambeze, ao sul da Angonia, o estrangulamento promovido pelos montes muito elevados de uma e outra margem pertencentes ao mesmo systema orographico. Os rios, até as cataractas que avizinham o porto belga de Matadi, correm serenamente, em declives não bruscos, e é só ao approximar-se

Costumes egypcios

do Oceano, quando os montes que marginam a costa occidental da Africa se oppõem á sua passagem, que o Congo, reunindo todas as suas aguas, investe contra a muralha que lhe impede o caminho e depois de transposto os obstaculos entre Stanley-Pool e Matadi, caminha com uma forte velocidade até se perder no mar, a dezenas de milhas da costa.

Quem compara a *região natural* de toda a vasta bacia hydrographica do Congo com a região egualmente bem definida, mas inteiramente diversa da Africa oriental, comprehende que o modo de ser das populações deve differir absolutamente nas duas grandes zonas do Continente. Ao aspecto rude e aspero da natureza, na face oriental, oppõem-se no occidente, regiões não fortemente accidentadas; a rêdes hydrographicas revoltas e pobres, uma immensa bacia irrigando vastissimos prados; a cordilheiras dispostas parallelamente ao veio longitudinal do Continente, montanhas entremeadas com depressões, menos fundas é certo do que no Sudan, mas regularmente reintrantes, de modo a permittirem facil communicação entre o Nilo e o Congo e entre este e as aguas do Chari.

E' em toda esta *região natural*, formada pelo Estado Independente do Congo, parte de Angola e do Congo francês, que vivem as *raças propriamente negras*. N'um ou n'outro ponto uma certa confusão com o sangue oriental, que as migrações anteriores á expansão europêa permittiam com frequencia; mas na maxima parte d'esta rêde humana, com insignificantes invasões de typos extranhos, nota-se uma uniformidade ethnica, levemente retocada de pequenas variantes, naturaes em agrupamentos humanos d'esta grandeza.

As regiões *nilotica*, *oriental* e a *congolesa*, com os seus caracteres especiaes, offerecem á immigração dos homens e capitaes europeus facilidades ou difficuldades as mais diversas. Um exame detido d'essas tres zonas africanas revela, com clareza, como a influencia britannica contemporanea, a exemplo da antiga civilização egypcia, entrou na facha-nilotica, guiada pelo rio, pelas variações rhitmicas das suas aguas; como vae sendo relativamente facil a exploração e a colonização do segmento congolês, e como é laboriosa e necessita uma intensa energia nos immigrantes a dominação da facha oriental. Facil e simples o caminho do Alto Nilo; fertil e espaçosa a área irrigada pelo Congo; rude e escabrosa a subida dos degraus montanhosos que vão dar á grande fieira dos lagos. A natureza dos caminhos, se explica o estado actual das populações indigenas, indica tambem quaes as resistencias que a civilização tem a vencer e como o problema colonial africano tem de se subordinar a essa diversidade dos terrenos.

❂ ❂ ❂

Uma quarta *região natural* se pode precisar no continente africano. Do Bahr-el-Gazal para o norte, o Nilo corre no meio de um grande deserto, raro semeado de pequenos oasis. Porem entre aquelle affluente e a curva do historico rio onde se encontram as suas primeiras quedas d'agua, n'uma zona transversal, do Kordofan ao Chari e d'esta rêde hydrographica até os primeiros contrafortes das montanhas do Kong e do Futa-Djallon, o Continente como que se deprime em centenas de kilometros, de Khartum ao Sokoto. Um esforço de torção, para o oriente, do triangulo meridional da Africa teria produzido, em grau muito menos intenso, um phenomeno similhante ao que se observa na grande depressão do planeta que vae do Golfo Mexico até a Malasia, passando pelo Mediterraneo, Golfo Persico e Mar Vermelho.

E' a *região sudanica* absolutamente distincta do Sahara, e da qual se começa a subir aos immensos planaltos da Africa meridional. Kordofan, Darfur, Uadai, Baghirmi, Kanem, Sokoto, constituem uma larga estrada de passagem facil, o caminho mais curto e mais protegido a todas as invasões dos povos do oriente. Bordada a leste pelo Nilo, que se esquiva de a irrigar; circumdada ao sul pelos affluentes superiores do Congo, como o Ubangui e o Uellé; parada ao occidente pela conformação asymetrica dos systemas montanhosos que flanqueiam o Golfo da Guiné, o immenso valle transversal da Africa é uma zona onde a vegetação se mostra facil e rica. Em muitos pontos, inferior ou egual ao nivel do mar, dos 30 por cento das grandes depressões do Continente, pertence á referida região sudanica a maior parte d'ellas. Não possue rios caudalosos a fertilizal-a, mas recebe as aguas de um subsolo riquissimo; não tem relevos que ponham obstaculos nos caminhos; as planicies succedem-se, umas vezes por zonas desertas do lado do Sahara e outras por declives mais irregulares que chegam dos altos cumes da parte meridional do Continente.

O seu aspecto não se assemelha, no seu conjuncto, a nenhuma das tres regiões que indicámos. Aqui e alem, como é natural suppôr, a contiguidade das zonas morphologicamente diversas permitte o arremedo de uma região affim. Tal no Kordofan, onde a feição sahariana é muito accentuada; tal no Chari, até proximo do Tchad, onde se não descortina differença sensivel com a conformação

caracteristica dos terrenos da região congolesa.

Para definir precisamente, no ponto de vista que nos occupa, a metade meridional da Africa, falta-nos exprimir qual a feição geomorphica especial ao vertice do continente occupado pela Colonia do Cabo.

Pode-se dizer que o Cabo, o Natal, o Orange e o Transvaal constituem, na extremidade sul da região *natural oriental*, o *pendant* do que ao norte representa a Abyssinia. Os systemas de montanhas correm norte-sul até se acercarem da extremidade aguçada do Continente, e é só então que se desviam para o oeste, contorcendo-se de modo a levantarem em torno do litoral uma forte barreira ao conflicto com o mar. As tres ordens de cordilheiras transversaes do Cabo e os relevos transvaalianos na mesma direcção como que traduzem intimos obstaculos geologicos n'este movimento de propulsão para leste, de que o Cabo Guardafui foi a parte mais feliz. Effectivamente, a costa desvia-se, no extremo sul-africano, para o occidente, e esse desvio indica talvez as difficuldades soffridas pelo Continente n'esse movimento de propulsão oriental tão caracteristico nas duas Americas e na Asia.

O agrupamento montanhoso da extremidade meridional da Africa, com os systemas orographicos complicados da Abyssinia e os fortes relevos, ainda hoje mal conhecidos, do Kong e Futa-Djallon constituem, na morphologia geral da Africa, os tres centros de resistencia principaes, que um dia poderão esclarecer o problema da formação do continente. Esse extremo meridional do triangulo africano não poderá, a nosso ver, considerar-se uma região distincta. Apesar da sua situação em plena zona temperada e da sua disposição orographica, bem caracteristica na Colonia do Cabo, é, no conjuncto dos seus caracteres, um prolongamento da facha oriental que descrevêmos.

A Cidade do Cairo

* * *

Ao norte e oeste d'esta zona, prolongando-se do Alto Limpopo até o systema longitudinal das montanhas que bordam a oeste o continente, do Orange ao Congo extendem-se planicies improductivas, baixas, pequenos desertos comparaveis a fragmentos do Sahara. E' o Kalahari, a Bechuanlandia, parte da Grande Namaqua, da Damaralandia e do *hinterland* oriental da nossa colonia de Angola. Ao oeste, rodeiam esta *região natural* as grandes montanhas da colonia allemã; ao norte, é o encontro das regiões affins pelos

seus caracteres, do Congo e do Alto Zambeze; ao sul, na Griqualandia, está separada ainda, pelo Orange, dos desfiladeiros successivos que vão morrer no Cabo das Agulhas. Foi essa região o refugio das antigas raças africanas, e, ainda hoje, a área de protecção dos typos ethnicos os mais primitivos do Continente.

Completamente differente pelos seus caracteres hypsometricos, de toda a facha Abyssinia-Transvaal; pobrissima de rêdes hydrographicas que a região congolesa possue; sem ser alimentada periodicamente pelo humus arrastado por uma forte corrente, como se observa na zona nilotica; sem nenhuma das qualidades culturaes do Sudan, o deserto de Kalahari, que muito ao oriente, na Australia, tem, em latitudes approximadas, o seu prolongamento geologico, constitue uma região com caracteres proprios, com uma individualidade distincta de qualquer dos outros segmentos africanos que temos indicado. É como uma immensa bacia, que o esforço conjugado das montanhas que a bordam tivesse deprimido, fazendo-a descer a profundidades grandes.

Este rapido esboço da topographia do triangulo sul-africano esclarece a feição especial a cada uma das suas partes. A geologia poderá talvez um dia explicar como o movimento de torção na direcção do movimento do nosso planeta teria contribuido para essa desegualdade flagrante entre os diversos fragmentos do solo. Sem nos demorarmos na investigação das causas, registemos unicamente o facto.

Ao noroeste do Continente, encontram-se ainda duas regiões egualmente bem definidas: a do Atlas, como uma muralha que partisse da Syrta até se ligar ás Canarias, e a da Senegambia, e Alta Guiné que vae terminar nos successivos planos inclinados que se prolongam com as planicies do Sudan.

A primeira d'estas regiões naturaes, com caracteres mediterraneos, isola-se facilmente do resto do Continente. Preserva-a d'esse contacto o Sahara, zona morta e de valor commercial insignificante. Limite meridional da bacia occidental do Mediterraneo, a sua população é diversa da do resto da Africa e as suas condições politicas teem por isso outro alcance e outro valor que não apresentam as regiões que foram mencionadas.

Para o sul, o Alto Niger e o Alto Senegal indicam bem como é irregular, polymorpha, a constituição do seu solo. Mas n'esse conjuncto irregular, n'esse aspecto revolto da alta região que defronta immediatamente com o Atlantico, ha a notar um nucleo central formado pelas grandes altitudes de Kong e Futa-Djallon, altitudes que, em quebradas tortuosas e deseguaes, chegam umas, intactas, até o Oceano, como na Serra Leôa e na Liberia, perdem-se outras em gargantas e saltos successivos, criando redemoinhos orographicos ainda mal definidos, como nos Camarões, na Adamaua e na Alta Nigricia, abaixando-se ainda outras, gradualmente, de um modo tão notavel, que os rios se vasam no mar em deltas pestilentos e instaveis.

Ha pois na Africa, como a denunciar o destino que deve pertencer a cada uma das suas zonas, *oito regiões naturaes* bem caracterisadas. Relevos orographicos, riqueza hydrographica, constituição morphologica do solo, separação facil e isolamento de algumas d'ellas, populações com caracteres ethno-sociaes diversos, tradições antigas peculiares, situação especial em presença dos oceanos, tudo concorre, dentro dos limites dos quadros em que dividimos o Continente, para que cada uma d'essas regiões tenha probabilidades de uma funcção historica que as questões actuaes da politica colonial contemporanea vão preparando lentamente.

A dominação européa, n'essas regiões, valorisa-as de um modo differente. Mas desde os tempos primitivos, a começar das primeiras migrações recebidas da Europa e da Asia, a *personalidade* de cada uma d'ellas conservou-se sempre intacta e inalteravel. É porque as condições geographicas, resultado das causas internas, profundas, traduzem-se syntheticamente, sob uma forma coordenada. Entre o aspecto ethnico de uma zona e as qualidades que caracterisam o solo ha relações intimas, só apparentemente desaggregaveis.

E nenhuma parte do globo melhor do que Africa, revela com mais nitidez, essa reunião de forças, essa troca de serviços, que estabelece a harmonia entre as vantagens que ao homem a terra offerece e a adaptação ao solo a que o homem se sujeita.

SILVA TELLES.

... Uma mulher lanchava sósinha na meza proxima...

EPISODIO DE VIAGEM

CHAMAVA-SE Eduardo Travers. Quando lhe fui apresentado em Londres, elle era capitão de cavallaria do exercito da India, no goso dos seus seis mezes de licença. Encontramo-nos amiudadas vezes no *club*. Elle convalescia lentamente d'uma dolorosa entorse n'um pé, o que ainda o obrigava a coxear arrimando-se a uma grossa bengala, de castão dourado e burilado de complicados lavores em estylo persa; eu estudava então descuidadamente um capitulo muito curioso da sociedade londrina, viajando no paiz dos *clubs*, na *clubland*, uma região caracteristica que vae de Picadilly a Pall Mall, passando por St. James Street. Jantamos juntos algumas vezes, ouvindo attentamente um delicioso sextecto austriaco que n'um recanto da sala, meio occulto por enormes plantas ornamentaes sempre renovadas, executava valsas de Strauss. Verifiquei com segurança então a benefica e apregoada efficacia da musica sobre as digestões, sobretudo da musica ligeira, fortemente rythmada e vagamente expressiva d'aquelles encantadores movimentos de tres por quatro. Depois do jantar conversavamos longamente, eu por habito, elle por não poder andar. Bem educado, bem parecido, affavel de maneiras, trinta e quatro annos, espirito nem particularmente instruido, nem excessivamente culto, mas intelligencia reflexiva e bondoso de temperamento, foram as notas rapidas que sobre o caracter do esbelto capitão escrevi na minha carteira. Dias depois, accrescentei-as com as palavras do official das Horse Guards, Tom Garton, que m'o apresentara e a quem eu fazia o elogio do meu novo conhecimento:

— E' um excellente rapaz, na verdade. Muito affeiçoado á familia, adora as irmãs mais novas, embora possa estar separado d'ellas, em Bombaim, sem lhes sentir a falta. Dedicado aos amigos sem ter grande empenho de conviver com elles. Com respeito a amores, nunca lhe soube d'uma paixão, e conheço-o desde o collegio; supponho simplesmente que nunca lhe occorreu tal idêa; a vida tem-lhe sorrido, bastante agradavel; para que complical-a com inexperimentadas situações?

Uma noute, communiquei-lhe a tenção de partir para Liverpool, e despedindo-me, Travers interrompeu:

— Agradavel coincidencia, parto tambem

vou fazer uma viagem; robustecer este pé, e bateu-lhe levemente com a ponta do inseparavel bastão. Ha navios que vão de Liverpool ao Mediterraneo. De Genova subo a Milão e aos Lagos Italianos, depois um passeio na Suissa e vou esperar ali por minha familia.

Os Travers iam para Engadine todos os mezes de agosto tão natural e invariavelmente como iam á egreja aos domingos. D'alli contava descer á costa e a tempo de tomar o paquete para Bombaim. Programma traçado era programma realizado para o caracter de Eduardo; era quasi uma obrigação imposta, como um dever a cumprir.

Partimos juntos no expresso de Liverpool e Tom Darton acompanhou-nos á estação, para se despedir do amigo. Um *good bye* expressivo, um *shake hands* mais communicativo, e cada um seguia o seu destino.

⊛ ⊛ ⊛

O *Arab* largava somente ás tres horas, portanto lanchamos ainda juntos no hotel. Pouco depois, Travers reparou n'uma senhora, simplesmente vestida, attitude reservada e serena, que lanchava sósinha na meza proxima. Causou-lhe viva impressão, e chamou para ella a minha attenção. Delicada e de apparencia abatida, mesmo um tanto insignificante á primeira vista,—trinta e trez a trinta e quatro, talvez—havia n'ella qualquer cousa de estranho no olhar velado e profundo que attrahia irresistivelmente.

— Parece-me que já a vi—dizia Travers; a phisionomia d'ella parece-me familiar. Quem será?— e pedia ao mesmo tempo costelletas de carneiro e um copo de clarete.

— Tem esse particular as physionomias insignificantes; parecem-nos sempre conhecidas — objectei indifferente.

— Talvez assim seja, mas com certeza não posso aturar uma mulher que tome um ovo escalfado e uma chicara de chá no meio do dia, concluiu Travers, observando o que ella lanchava. E' deveras implicante.—Depois a conversação encaminhou-se para outros assumptos e a mulher solitaria ficou esquecida.

Separamo-nos, Travers para embarcar, eu para percorrer escriptorios e em verdade não contava encontrar outra vez o bello capitão de cavallaria, que iria para India; e esperava quando muito, ter d'elle noticias por alguma carta de Darton, a quem regularmente escrevia, se me lembrasse, falto de assumpto, de lhe perguntar pelo amigo. Mas, dois mezes depois, atravessava a Suissa em rapida digressão de recreio, chegava a Milão, e *via Mazoni*, junto do Grande Hotel, o acaso fazia-me topar com Travers em preparativos de regresso á India, quasi a findar a sua licença. Dias depois, n'um passeio aos celebres jardins, assaltou-me á memoria a estranha e implicante mulher do *lunch* em Liverpool e fallei-lhe d'ella.

— Oh! meu amigo, dolorosa recordação! e Eduardo Travers callou-se.

A minha curiosidade aguçou-se, julguei descobrir n'aquella expressão alguma cousa de tragico n'esta eterna comedia da vida, e engenhosamente, com mil rodeios, insisti no assumpto, e obtive a narrativa que segue, tal como a encontro nos meus apontamentos escriptos á noute no Hotel, n'uma noute quente e limpida.

⊛ ⊛ ⊛

Quando Travers de pé, junto da amurada a bordo do *Arab*, seguia com a vista o caes, afastando-se já n'uma fusca distancia, viu outra vez a desconhecida do ovo escalfado. Era sua companheira de viagem. Estava inclinada sobre a amura do vapor, observando com uma anciosa e alegre expressão — não estava mais ninguem em redor, e imaginava-se inobservada — a terra que ia desapparecendo. Travers sentiu-se novamente attrahido pelo fulgor estranho d'aquelles olhos, e como para fugir ao encanto deu uma volta rapida para se dirigir para outro ponto do convés. Infelizmente deu um geito ao pé torcido e cahiu. Soltou uma exclamação de dôr e de desespero, sendo desolador de vergonha, para um desembaraçado e esbelto capitão de cavallaria, ver-se cahido ridiculamente aos pés de uma mulher. Ella voltou-se subitamente, e estendeu-lhe a mão para o ajudar a levantar-se; porém foi desnecessario. Travers aprumava já a sua estatura altiva.

— Magoou-se— disse ella, — com certeza magoou-se. O som da voz era meio assustado, meio compadecido.

— Não foi nada—respondeu elle;—muito obrigado. Torci devéras o meu pé ha seis semanas, n'uma queda do cavallo no picadeiro, e devia ser mais cuidadoso.

— Devia de certo; uma torcedura leva muito tempo a curar. — A sua voz era funda e suave, d'aquella suavidade muito mansa que parece encaminhar-se direita ao coração; mas o pé ainda lhe doia, e ella bem o percebia.

— Sente-se um pouco n'essa cadeira de palha e descance, disse-lhe ella: está soffrendo muito. O chão está escorregadio. Deixe-se estar, que lhe vou buscar outra cadeira mais confortavel.

— Sem incommodo, minha senhora. Esta deve servir-me muito bem.

Ella ficou de pé ao lado d'elle.

— Fizeram-me, ha pouco, uma nova operação cirurgica, explicou; mas não está consolidada ainda; dá-me fraquezas subitas.

— Deve curar-se bem — aconselhou ainda compadecida — e facilmente agora o poderá fazer a bordo do vapor.

— Apenas vou até Genova. Tenciono seguir pelo St. Gothard e dar um passeio.

—Não lhe deve ser conveniente,—objectou ella, envolvendo-o n'um doce olhar convicto e expressivo. Os seus olhos eram pardos, fundos e limpidos, e aquelle olhar meio desconfiado da manhã, á mesa do *lunch*, tinha desapparecido.

— Por longo tempo não deve andar, — accrescentou; — não muito, pelo menos.

Havia n'ella um irresistivel magnetismo que elle sentia sem o perceber.

— E' um grande aborrecimento, — esta inopportuna entorse—confirmou Travers. Depois repentinamente perguntou:

— Acaso não estava hoje a lanchar no North Western?

— Sim, estava lá.

— Váe para longe por este vapor?

Ha algumas perguntas que, apesar de indiscretas, toda a gente se arroga o privilegio de fazer aos companheiros de viagem.

— Vou para Napoles.

— As laranjeiras devem estar em flôr; mas não é conveniente ficar lá muito tempo — é pouco saudavel.

— Vou mais para cima — A Posilippo — disse com reluctancia.

— Conheço Posilippo. Ha no alto um pequeno restaurante onde se vae almoçar, sabe.

— Sim? respondeu distraidamente.—Nunca estive lá. Voltou-se como quem queria descer á camara, depois hesitou, olhou ainda para trás, e disse-lhe — deve ter cuidado com o seu pé. Quer que lhe vá buscar uma bengala ou que lhe dê o braço para descer, se váe para baixo?

O seu modo affectava uma completa indifferença dentro d'aquella delicadeza; não mostrava desejo de prolongar a conversação, nem contrahir mais intimo conhecimento; talvez o contrario. Evidentemente cumpria apenas o dever christão em favor d'um estranho que soffria.

— Oh, muito obrigado, hei-de conseguir, logo descer, sem auxilio. Ella seguiu o seu passeio pelo convés vagarosamente.

Não parece ter mais de vinte oito annos quando falla,—pensou Travers.—Quem será? Provavelmente alguma menina errante—elle notara que não usava nenhuma alliança no terceiro dedo da mão esquerda — descontente e inquieta, como são as mulheres da sua edade. Porém é galante.

Uma ou duas horas mais tarde, quando se ia sentar para jantar, a bordo do *Arab* viu com certo prazer intimo que o seu logar era proximo do d'ella.

— Vamos ser vizinhos por uma semana, a não ser que tenha empenho em que troque o logar por outro.

— Não tenho motivo algum para fazer similhante objecção ao acaso das collocações — disse ella seriamente. Porque o havia de fazer?

Travers pensou que era sincera.

A bordo dos vapores, estabelecem-se ás vezes intimidades n'uma semana, entre pessoas que depois seguem o seu caminho, e geralmente não se tornam a vêr.

— Viaja muito?

— Tenho percorrido o mundo por aqui e por acolá! Sou militar, devo regressar á India em outubro — com licença até então. Calou-se, esperando que ella lhe désse alguma informação pessoal, mas nada disse. Travers reparou que ella tinha uma cabecita muito elegante, muito esculptura antiga, com cabellos castanhos sedosos cahindo-lhe sobre as orelhas, e muito simplesmente enrolados atrás. Os bellos olhos pardos tinham longas e negras pestanas a amortecer-lhe o brilho d'aço. E' muito singular esta mulher, reflectia Travers; á primeira vista parece insignificante, depois gradualmente váe-se descobrindo que ha n'ella alguma cousa de bello. Os seus encantos appareceram-lhe pouco a pouco, um a um, como as estrellas no crepusculo.

— Conhece algum dos nossos companheiros? perguntou unicamente para reatar conversação.

— Nenhum,—respondeu—e nem os quero conhecer, accrescentou quasi para si.

— A maior parte tornar-se-ha invisivel d'aqui até ámanhã. Talvez tambem lhe succeda o mesmo.

— Oh não! — respondeu com um leve estremecimento. — Não enjôo. Tenciono sentar-me no convés todo o tempo a respirar os quatro ventos.

— Soprando para longe os cuidados da vida, não é assim?

Uma subita e sombria idéa pareceu vibrar lhe nos olhos.—Sim, afastando-os todos para longe. Quem sabe se elles se afastarão?!

Parecia ter pouca vontade de conversar, e tanto mais Travers a apreciava. Odiava as pessoas que se agarram a um novo conhecimento, que tagarellam á mesa com os hospedes desconhecidos, que se demoram nos hoteis para attrahir a attenção. Zangára-se

comsigo proprio por diligenciar sondal-a, a sua bella desconhecida — já a considerava bella—e arguia-se de estar a forçar conversa, comquanto por impulso irresistivel não o podesse evitar.

Depois de acabado o jantar ella desappareceu. Cançado de fumar e do grupo de fumadores, foi experimentar se, com o apoio da sua bengala e na escuridão que o tornaria menos ridiculo, poderia conseguir arrastar o pé e dar algumas voltas no convés. Seria cuidadoso d'esta vez e não cahiria. Então viu-a, encostada outra vez ao parapeito. As luzes do salão inferior reflectiam mil manchas de luz movediça sobre as ondas que vinham quebrar-se mansamente contra o costado do paquete, e ouvia-se aquelle som especial, e estimulante do desejo de caminhar rapido, que produz o córte das aguas pela prôa do navio. Passou quasi perto d'ella e envergonhou-se de o ter feito. Ella sentiu os passos arrastados, olhou e reconheceu-o na meia obscuridade do convés.

— Não deveria estar a passear.—Está melhor do seu pé?

— Vae indo muito bem, obrigado—só um pouco entorpecido.

Hesitou um instante, depois disse com certa reserva, a distancia— Pósso ir tambem vêr a vista do mar?

Ella fez-lhe um signal de assentimento, e elle encostou-se tambem ao parapeito perto d'ella. Chocaram-se os olhares e quedaram-se por momentos silenciosos. Sentiu-se enleiado sem saber por que motivo, e perguntou-o a si proprio. Travers era um peccador insensivel, pensava comsigo proprio, trinta e quatro annos, com reminiscencias de muitas viagens, de muitas terras d'aguas, com o uso constante da sociedade: nunca na vida amára, ou pelo menos uma vez só e essa apenas durante um mez, quando tinha desenove annos, a bella e ingenua Dolly Ronaldson, que se rira d'elle e casara com um pastor anglicano. Habituára-se tambem ás conquistas faceis, de momento, das meninas e das viuvas levianas que viajam; prompto sempre a quebrar a monotonia de uma travessia pela fórma que o outro sexo lhe quizesse corresponder. E todavia por um motivo que elle não podia definir, estava ali aquella pequena mulher desconhecida, com um rosto pallido e um par de bellos olhos, insinuando-se no seu espirito, e excitando não só a sua curiosidade, mas uma especie de interesse em escutal-a, desejoso de estar perto d'ella, enleiado, hesitante, quasi romantico. Subito ella perguntou-lhe:

— Desejava que me dissesse o seu nome.

— Travers, respondeu immediatamente,— Eduardo Travers. Eu conheço o seu, accrescentou. Ella estremeceu um pouco e olhou para elle, muito fixo e insistente olhar, com a respiração quasi suspensa.

— Henriqueta Williamson—vi na lista dos passageiros,—apressou-se em declarar.

— Ah!—e suspirou longamente.

— E viaja sósinha?

— Sim, só.

— Ninguem, nem mesmo para a vêr partir hoje?

— Ninguem. Diga-me, acaso é parente do celebre juiz Travers?

— E' meu pae. Conhece-o?

— Não; mas vi-o em qualquer parte—não me lembra onde — concluiu depois de um momento de hesitação — Ouvi dizer que era um homem muito bondoso.

— Immensamente bondoso. Corta-se-lhe o coração quando tem de sentenciar alguem.

Em baixo no salão ao piano principiára a tocar-se uma aria allemã. Elle parou um momento para escutar. — Esta musica recorda-me cousas passadas. Chamamol-a em Simla, no regimento, o *Grande dia indiano.*

— E' de Herz, do meu Herz.

— Fez-me pensar no caso Waylet do anno passado.

Ella voltou-se rapida e olhou-o de novo fixamente.

— Porque?—perguntou curiosa, d'aquella curiosidade que procura ordenar e impor-se.

— Meu pae estava julgando esse caso. Estavamos, eu e minha mãe, esperando em casa pelo veredicto, justamente antes do jantar — porque já era tarde quando acabou. Estavamos certos de que a mulher era culpada, seria condemnada e sabiamos o que sentiria meu pae por ter de a sentenciar. Elle tinha pena d'ella. Que cousa horrivel condemnar ao enforcamento, especialmente uma mulher!

—Mas o que tem—Herz, o meu Herz—que fazer com esse julgamento? perguntou ella; e emquanto fallava collocára os cotovelos sobre as grades de ferro da amura, e encostando o queixo nas mãos encruzadas olhava direita para o mar.

— Uma banda indiana estava-a tocando no largo quando chegou meu pae do tribunal, muito alegre. Tinha julgado a favor d'ella, absolvendo.

— Sim?— A sua voz era serena como quem pouco interesse tivesse no assumpto.

— Porque elle disse-nos que mesmo que ella houvesse praticado o crime de matar o marido, o homem era tão bruto que o merecia. Creio que alguns jurados tambem pensaram da mesma sorte.

—Talvez tenha sido assim, accrescentou ella com a voz repassada de tristeza — geral-

mente poder-se-hia poupar o trabalho de sentenciar penalidades aos criminosos. Maior castigo é para elles o proprio crime do que qualquer outro que se possa inventar.

— Oh, minha senhora, não diga isso! — objectou Travers, educado no rigor disciplinar, inflexivel, aspero. E' preciso que haja leis que punam e tribunaes que appliquem as penas.

Ella nada respondeu, e seguiu-se um silencio prolongado.

—Vae demorar-se muito tempo em Napoles?— perguntou Travers, como pretesto de mudar de conversação.

— Não sei.

— Vae ter com pessoas amigas?

— Vou procurar uma velha amiga de minha mãe—depois n'um repentino impulso de confidencia, — ella está em más circumstancias e tem lá uma casa de hospedes.

— Demora-se muito tempo?

— Não sei. Toda a minha vida talvez — ou só um dia. Eu desejava ter viajado muito — continuou. Quero vêr tudo no mundo. Parece-me que é o que devo fazer.

Havia decisão na sua voz; fallava como se tivesse esquecido de que estava ao pé de uma pessoa estranha.

— Tem razão — disse elle. Não me parece que eu me podesse contentar com uma pequena talhada de mundo.

Ella desencostou-se subito da amura, e deu alguns passos para se retirar;

— Vou para baixo — confirmou — já é tempo.

— Tem acaso um bom camarote?

— Sim, uma senhora que parece bastante socegada occupa o outro beliche. — Parou, emquanto fallava, olhou em redor como para as sombras que escureciam o convés.

— Preferivel comtudo não ter ninguem, não é assim?

— Oh, não!—respondeu com um certo estremecimento. — Detesto estar só. — Depois desappareceu vagarosa na sombra. Travers, vivamente interessado e curioso, sentia que havia um mysterio na vida d'aquella mulher.

* * *

Dez dias depois do *Arab* ter lutado através da bahia de Biscaia para entrar em mares mais calmos, de ter mettido carvão em Gibraltar, e de se ter afadigado no traiçoeiro golfo de Lyon, achava-se a poucas horas de Genova. Parecia a Eduardo Travers que vivêra annos desde que deixára Liverpool — annos longos, agradaveis e sonhadores. Miss Williamson dera provas de ser um excellente marinheiro, como elle, e assim tinham sido quasi inseparaveis. A sua convivencia fôra em

E beijava-lhe as mãos longamente

regra silenciosa; nem um nem outro eram falladores; porém qualquer d'elles, instinctivamente, quasi inconscientemente, procurava o outro, se o acaso os separava por algumas horas. Durante os dias de temporal rijo, quando todos os outros passageiros se tornaram invisiveis, elles continuaram sentados no salão, lendo geralmente, porém dirigindo de vez em quando um olhar ou uma palavra; até que fosse possivel trepar para o convés. E assim andavam juntos em quanto o vapor ia sulcando as aguas. Gradualmente o tempo tornou-se de velludo, e a felicidade parecia deslizar-se-lhes suavemente — assim o sentia elle pelo menos. Para ella era differente. O trepidar do helice da machina, a serenidade das vagas ondulosas, a apparição d'um barco a distancia, na isolada vastidão indefinida do mar e do céo, o convés comprido, o toldo branco que se acabára de estender sobre elle, a esplendida manhã quando vira Gibraltar e ao longe as margens fuscas d'Africa, todas estas cousas lhe passavam dos sentidos para o coração e como que lhe suspendiam o viver da alma. Não volvia o pensamento em recordações ou em sonhos do futuro, apenas ousava viver, e era bastante. Travers achára-a difficil e vacillante, comquanto agora já lhe permittisse sentar-se ao lado d'ella no convés, ou no salão, tão naturalmente como tomára o logar á meza do jantar, e a pouco e pouco ella já o esperava e observava. Os restantes passageiros estiveram invisiveis, quasi todos, até a noite em que se avistaram os faroes do porto de Lisboa. Os dois, que casualmente se haviam encontrado pela primeira vez no hotel em Liverpool, parecia terem herdado o mundo. Travers reconheceu perfeitamente que estava enamorado da bella desconhecida Williamson; e as suas famosas linhas de defesa, que longos annos levára a construir com a experiencia da vida, estavam arrasadas. Tinha avidez, desejo ardente de saber mais alguma cousa d'ella, do seu passado, de a despertar do sonho meio tristonho que por vezes lhe anuviava o olhar, de a encaminhar para a felicidade que elle imaginára poder offerecer-lhe; sentia sêde de saber tudo d'ella, e mais ainda, de lhe ver os olhos pardos, aquelles estranhos olhos mysteriosos, illuminados de amor, e de amor por elle!

— Com a breca! — pensava comsigo. Tenho vivido o sufficiente para que haja, na minha cabeça, alguns cabellos brancos, e por causa de uma mulher não tenho pregado olho em dez dias. Estou idiota sem duvida! Mas em verdade nunca vi ninguem parecido com esta mulher. Se podesse conseguir que ella se importasse comigo, que bella vida lhe daria na India! — Já resolvêra não desembarcar em Genova. Recordara-se de que não tinha visto Napoles, havia quatro annos, e portanto seria uma bella idéa seguir viagem até lá; além d'isto, ella tinha-lhe dito, que seria melhor para o seu pé, que ia melhorando: uns dias mais far-lhe-hia grande differença.

— Parece que nos conhecemos já de longos annos — disse-lhe Travers n'aquella noite, emquanto estavam sentados nas cadeiras do convés. O barometro oscillara; havia pronuncios de phosphorescencia no mar; o ar brando e quente, quasi a briza da Italia.

— Amanhã estaremos em Genova. Deviamos desembarcar por um pouco de tempo. Se me permittisse, gostaria de lhe mostrar o Palacio Vermelho.

— Tenho pena de voltar outra vez á terra, — disse ella — Desejaria ficar a bordo para sempre — e todavia queria vêr tudo.

— Como?

— Oh, não sei, respondeu sorrindo.

Elle sabia tanto da vida d'ella como no primeiro dia em que se encontraram. Escutara tudo quanto Travers dissera a seu proprio respeito, porém nada lhe contara da sua existencia.

— Talvez tivesse familia que não quizesse abandonar n'essa viagem ininterrupta e sonhada?

— Sim, tinha — e hesitou; depois continuou: — Eramos muitos em casa, sendo eu a mais velha. Não eramos ricos e não tive ensejo de viajar. Tinha de educar minhas irmãs mais novas; de lhes ensinar o francez, de lhes fazer tocar as escalas, até os meus desoito annos. Isto passou-se ha dez annos; pareço-lhe já velha e feia, porém tenho apenas vinte e oito annos.

— Não deixou agora a casa de seus paes?

— Deixei-a quando tinha desenove annos — porém nunca tive felicidade, — nunca, na minha vida — e tanto a ambicionava. — Depois, com uma estranha vibração na voz, continuou:

— O senhor fallou-me em outra noute do caso Waylett; aquelle que seu pae julgou — lembra-se? Conheci essa mulher, fui muito intima d'ella, e tenho desejado a felicidade exactamente como ella a desejava.

— Conheceu-a? perguntou Travers surprehendido.

— Sim, conheci-a muito bem.

— Então deve saber se ella praticou o crime?

— Não lhe sei ou não lhe posso dizer; porém sei que ella casou por deferencia e conveniencia, e sei que elle a tratava vergonhosamente, e se tornara um empecilho de feli-

cidade. Fazia-lhe sentir duramente a pobreza donde a tirára. Demais era um avaro incorregivel e asqueroso. O mundo ficou talvez um pouco melhor sem similhante homem. Se ella o matou, perdeu a sua alma praticando uma acção recta, e foi a desesperada fome de felicidade que a levou ao crime, se acaso o fez.

— Lembra-se que o caso foi muito discutido na India. Os jornaes dessecaram a complexa psychologia d'essa mulher, a narrativa foi minuciosa; mas o que não pude comprehender d'ella foi que, depois de ter sido absolvida e livre, serenamente abrisse e tornasse publico o testamento do marido morto e guardasse o dinheiro d'elle. Não poderia ter sido tão mau como se affirmara, logo que lhe deixara tudo quanto possuia, uma bella fortuna.

— Não a podia levar comsigo para o outro mundo — replicou asperamente.

— Sabe o que é feito d'ella?

— Desappareceu. Supponho que será para sempre uma desterrada na sociedade.

— Pois bem, criminosa ou não, certo é que não conquistou a felicidade, a que o marido era empedimento.

— Ninguem a conquista; sómente a procura.

— Santo Deus! —disse Travers com repentina emoção — que cousa horrivel será essa mulher!

— Comtudo ha tantas cousas horriveis n'este mundo — concluiu ella com tristeza.

— Deve ter soffrido muito para fallar do modo como tem feito esta noute.

— Talvez.

— Em todo o caso, não terá sido tanto como a mulher de Waylett — se ella está culpada. Quero dizer, não terá nada no seu espirito... — interrogava curioso Travers.

— Não—disse ella;—supponho que não. De certo que nada tenho feito, que não tornasse a fazer; com quanto esteja convencida que todos nós fazemos cousas de que nos arrependemos. — Ella olhava então por sobre o hombro, d'um modo particular que a caracterisava, como quem sentisse alguem do lado que a chamasse.

— Mas ás vezes praticamos actos tão desesperados com a mira na felicidade, que apenas servem para perder a possibilidade de a obter, — e continuou quasi em segredo:

Somos como os escravos que tentam um esforço supremo e arrojado para conquistar a liberdade e surpresos na fuga conseguem somente augmentar o rigor da sua escravidão.

— Porque não falla em outra cousa senão na felicidade? — disse elle repentinamente. Diga-me já amou alguem?

— Não, — disse em voz baixa; nunca amei ninguem — hesitou, quasi ia dizendo— antes — e escolhia as suas palavras cuidadosamente — da maneira como quer dizer — em toda a minha vida. Talvez seja esta realmente a tragedia d'ella.

— Não confia em mim, então? — instou Travers.—Apenas nos conhecemos ha alguns dias, porém contamos n'elles annos. Sinto por si o que nunca senti por nenhuma mulher; mas, quando a procuro nos meus pensamentos, é sempre no desconhecido ou na sombra...

— Na sombra, — repetiu Henriqueta.

— Diga-me alguma cousa de si, -- instou apaixonado.

Ergueu-se e levantou-a delicadamente da cadeira, e passando-lhe o braço em volta da cintura encaminhou-a pouco a pouco, meigamente para a extremidade do convés. Estava escuro, ninguem os podia vêr: o convés estava deserto, ninguem os podia ouvir.—Confie-me toda a sua vida. Diga-me se posso pensar em si, se poderá algum dia pensar em mim. Ha tão pouco tempo que nos encontramos, comtudo não somos estranhos um para o outro. Sinto como se tivessemos partido das extremidades oppostas do mundo para nos encontrarmos.

Involuntariamente, ella aconchegou-se a Travers, pesando sobre o braço, n'um terno abandono.

— Amo-a. — Juro que a amo.

E, docemente enlevados no encanto das confidencias intimas, se quedaram alheados do mundo até que repentinamente, através da escuridão do convés, sentiram passos, que se approximavam. Era o capitão.

— Noute escura,— disse alegremente o capitão; — nem parece que já estamos para chegar a Genova de manhã, não é verdade!

— A que horas entramos?

— Pelas sete, espero, e sahiremos de tarde. Apenas um dia ali — e retirou-se.

— Um grande, e bom dia, — disse Travers, dirigindo-se para Henriqueta. Porém ella afastou-o.

— Não posso! — disse — Não posso. Deixe-me ir. Amanhã comprehenderá. — Elle segurava-lhe as mãos que ella procurava retirar e beijava-lh'as longamente.—Quero dizer-lhe ainda uma vez—continuou suffocada — nunca amei ninguem *antes*, em toda a minha vida; e libertando-se n'um momento desappareceu apressada, atravessando o convés, integrando-se na sombra...

Manhã humida e encinzeirada: a belleza de Genova escondida pela neblina e pela chuva. Travers, deitado no seu camarote, pensava — Italia e chuva! Não vou para cima emquanto não tocar a campainha. Talvez levante o tempo dentro de horas; nada podemos fazer a chover a cantaros. Sentiu passos e fallas em cima; alguem que ia a terra — provavelmente gente do vapor, para compras. Percebeu bem o ruido de um escaler que desamarrava, depois o patinhar dos remos. Deixou-se ficar repousado, curioso de saber o que ella lhe diria quando se encontrassem.

Eram nove horas quando se levantou. A campainha do almoço tinha tocado. Vestiu-se lesto, como bom militar; porém, antes de ter acabado de se vestir, alguem bateu á porta do camarote—o criado com uma carta.

—A senhora Williamson deu-m'a esta manhã para entregar á hora do almoço. Ella mudou de tenção; não seguiu para Napoles, e foi levada para terra com a sua bagagem; disse que ia pelo comboio para qualquer outro ponto.

Travers tomou a carta sem pronunciar palavra. Fechou a porta e ficou a olhar espantado para o papel, escutando os passos do criado que se afastava ao longo do corredor dos camarotes; soavam-lhe como o declinar da vida. Depois abriu vagarosamente o sobrescripto. Continha um pequeno bocado d'um jornal dobrado e umas linhas que elle leu n'um relancear:

«Disse-lhe hontem, á noute, que estava em pé nos degraus das portas abertas do céo; agora estou-as fechando sobre mim para sempre. Adeus».

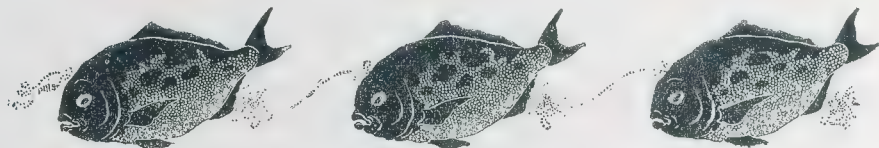
Estupefacto, Travers desdobrou o bocado de jornal. Era evidentemente um retrato cortado de Henriqueta Williamson, muito mal reproduzido, mas innegavel. Em baixo d'elle impressas as palavras: — Waylett, accusada de ter assassinado o marido. — Na margem a lapis, estava a data de um anno antes e as palavras: — *Eu matei-o* — da mesma lettra da carta.

Olhou em volta por momentos atordido. Depois recordou-se dos seus beijos e dos braços d'ella — como elles se haviam entrelaçado, unindo-se cada vez mais ao seu pescoço, e sentiu um calefrio pela espinha, uma angustia no coração.

O criado reappareceu.

— Peço perdão, senhor, mas quer que lhe traga o almoço?

— Não, não, eu já lá vou.—Procurou uma caixa de fosforos, e accendendo um, pegou fogo á carta e ao bocado do jornal. Viu-os queimar e desapparecer lentamente. Depois juntou as cinzas, e deitou-as ao mar, pela vigia do camarote.

— Nem olhei para ellas — disse-me elle ao findar a sua narrativa no *giardino* de Milão — nem soube a direcção para onde o vento as dispersou. Todavia ainda vejo aquelles olhos pardos, de longas pestanas pretas, limpidos, a fitarem-me mysteriosos, d'uma ineffavel expressão.

FRONTAL DE ALTAR

NA SÉ DE BRAGA

Para a formação do inventario da nossa riqueza artistica, cumpre exhumar do obscuro e injusto esquecimento para o ruido da publicidade vulgarizadora muitas preciosidades dispersas pelo paiz e que desde longe permanecem torpemente desprezadas ou ignoradas. D'esta forma archivar-se-ha lento e lento todo o material indispensavel, embora secundario, que um obreiro possante e arrojado possa desejar no futuro para a construcção integral do grandioso monumento da Historia da Arte em Portugal.

Plenamente crentes na temeraria realização d'essa Obra perduravel folgamos em contribuir para ella com o modesto e humilde grão d'area.

Da serie indefinida dos prelados bracharenses apenas um pequeno numero merece o justo reconhecimento da posteridade, já pelo brilho fulgente das suas nobilissimas virtudes, já pela alta benemerencia dos seus emprehendimentos generosos.

D'este punhado de mitrados eleitos, um houve todavia, que se distinguiu com raro destaque e cujo nome é extremamente grato rememorar: — D. Diogo de Sousa. Elevado á dignidade primaz na época (1505) de mais extranha gloria, infelizmente insubsistente e ephemera, que a historia nos registra, e sendo elle, por assim dizer, um producto das circumstancias do seu tempo não podia ficar indifferente a esse singular desvairamento de grandezas, que estonteadamente avassallou este povo de heroes.

Alliando uma opulenta magnanimidade á robusta sinceridade da crença dotou, a cidade dos arcebispos com os mais sumptuosos edificios religiosos, além d'outras dadivas, que o execravel camartello *reformador* do seculo XVIII houve por bem aniquilar com uma brutalidade incomprehensivel. Ás magnificencias da architectura additou faustosamente inestimaveis maravilhas de ourivesaria, joialharia e esculptura.

O espirito d'este grande homem, bem como o d'outros collegas coevos, parecia dominar-se obstinadamente por este principio de todo o ponto exacto: fazer triumphar a religião

pelo luminoso deslumbramento da Arte! Do seu riquissimo patrimonio artistico restam alguns despojos na Cathedral, que durante seculos esteve a saque, e em que a mais ávida rapina deu mãos ao mais estupido vandalismo.

Amargamente o relembramos.

Tudo o que existe é conhecido do publico com excepção d'uma peça notabilissima: o frontal do altar-mór.

Na intensa dedicação, que D. Diogo de Sousa assiduamente tributou á religião de que foi pastor distincto, ha que especializar a sua profunda hyperdulia.

Da manifestação pomposa d'este culto affectuoso e ardente derivou, entre outras consagrações, o celebre retabulo da capella-mór, considerado por todos os escriptores, que a elle se referiram, como *o melhor de todas as Hespanhas.*

Certo que esta apreciação é excessivamente apaixonada e, portanto, suspeita e inaceitavel, revelando ao mesmo tempo uma ingenua ignorancia.

A avaliar, porém, pelos vestigios sobreviventes devia ser um dos trabalhos capitaes da Renascença portugueza.

Lamentavel é pois que as referencias dos chronistas sejam tão parcimoniosas e mesquinhas, que não nos permittam reconstituir, pelo menos mentalmente, essa esplendida composição de radiante apotheose á Mãe de Deus, alem de imperdoavelmente injustas por não transmittirem o nome do privilegiado artista, que conseguiu vivificar a pedra com a mais nobre inspiração do seu talento e com a mais firme convicção da sua fé. E a admiravel producção do esculptor ignorado, a quem se prende a nossa mais viva sympathia e respeitosa admiração, foi ignominiosamente demolida pelo archiepiscopal iconoclasta, que se chamou D. Gaspar de Bragança!

A' delirante vesania de furiosa destruição, que acommetteu sua alteza serenissima, escapou apenas o lindo frontal, que apesar de mutilado e incompleto, é uma das maiores preciosidades, que possue a cidade de Braga —actualmente d'uma penuria miseranda em archeologia artistica.

O calcareo d'Ançã de que é formado pode dar logar á presumpção d'uma vaga conjectura sobre a sua procedencia pela interferencia do cinzel eximio d'algum mestre da escola esculptural de Coimbra. Mas, no campo indeciso das hypotheses, pode tambem attribuir-se aos *Biscaios,* encarregados pelo insigne arcebispo das renovações a introduzir na vetustez da sua Sé e que n'ella deixaram perennemente expostos os elevados creditos do seu valor.

O que sabemos de positivo e indiscutivel é que foi esculpido o soberbo retabulo nos principios do seculo XVI, quando o espirito do povo portuguez assimilava os principios fundamentaes do estylo gothico para substituir essa esthetica, que se extinguia, por outra de mais tocante expressão e de mais imprevista originalidade, assignalando com um relevo inconfundivel uma phase brilhante na evolução da Arte.

Pertence pois o referido frontal ao estylo *manuelino,* embora se divisem uns ligeiros caracteristicos do gothico expirante, que denunciam o periodo da transição.

D'uma sentida concepção, cheia de harmonia, equilibrio e vida, e d'uma graciosa estructura architectonica na elegancia suprema das linhas e na ostentosa riqueza decoral, este magnifico baixo-relevo compunha-se originariamente de sete formosos ediculos sendo-lhe eliminado o extremo do Evangelho, com muita probabilidade, no tempo do proprio D. Diogo de Sousa, visto que se lhe ajusta com precisão o riquissimo frontal de seda, bordado a matiz e copiosamente alastrado d'oiro, que o monarcha Venturoso offereceu ao egregio primaz.

Não atinamos com razões, que justifiquem esta sevicia.

No ediculo central ergue-se a imagem de Christo resurgindo, com a cabeça cingida pela corôa d'espinhos e com o sudario pendente dos hombros em forma de manto, que dois anjos reverentes lateralmente apartam de leve para deixar ver a divina anatomia n'uma radiosa plenitude.

Nos lateraes encasam-se admiravelmente os apostolos aos pares, pousando sobre misulas d'um fino rendilhado e sendo os logares d'honra occupados, á direita, por S. Pedro e S. Paulo: este de barbas longas e grandes cabellos, aquelle de calva veneranda e com as chaves do céo; á esquerda por S. Thiago e S. João: este de rosto juvenil que uma farta cabelleira emoldura, aquelle de bordão e traje de romeiro.

Cada grupo discorre confidencialmente sobre os estupendos successos desde a tragedia cruciante do Calvario, ou sobre os transcendentes ensinamentos do Mestre, e um ou outro dos personagens trava do braço do seu interlocutor a chamar-lhe a attenção para a sua convicta affirmativa, ou para a grave importancia do facto a revelar.

O modulo, a attitude, a expressão e a mimica de todas as figuras são d'uma justeza e d'uma correcção admiraveis.

Em remate ornamental sobre a airosa arcatura de cada um dos nichos, divididos entre si por esbeltas pilastras, a pedra recorta-se fundo com perfeição geometrica n'uma ascendencia caprichosa e abundante de linhas diversas que se entrelaçam ou sobrepõem, afastam ou convergem, recamando-se de finos bordados, ou terminando n'uma exquisita florescencia de lavores subtis do mais apreciavel encanto pela inexcedivel tenuidade do seu burilado.

A imperturbavel firmeza do traço, auxiliada pela suave maleabilidade do calcareo, e a opulenta prodigalidade do *decor* evidenciam bem as excellentes aptidões technicas e a poderosa exhuberancia imaginativa do artista que modelou e lavrou o formosissimo frontal, que é sem duvida uma das mais valiosas joias do defraudado espolio da arte portugueza.

Todavia isto não obsta ao lastimoso desconhecimento em que jaz, porque os maus fados que atrozmente o perseguiram desde a nascença, depois de o terem truncado primeiro e despedaçarem mais tarde a parte principal, occultaram por fim o resto com um ignobil tapamento de madeira!

Cumpre expor á admiração do publico esta preciosissima peça esculptural, que lhe é tão barbaramente sequestrada. Urge desentaipal-a, defendendo-a depois com os necessarios resguardos para que a sua conservação não fique compromettida.

Ao cabido que seja conscio dos seus deveres compete realizar tão louvavel tarefa, com a dispensa d'algumas minguadas migalhas dos seus reditos, praticando assim um acto exemplar de dedicado civismo com que muito se nobilitará.

Eis o que se nos offerece dizer sobre este bello thesouro escondido, cuja gravura supre as deficiencias da escripta.

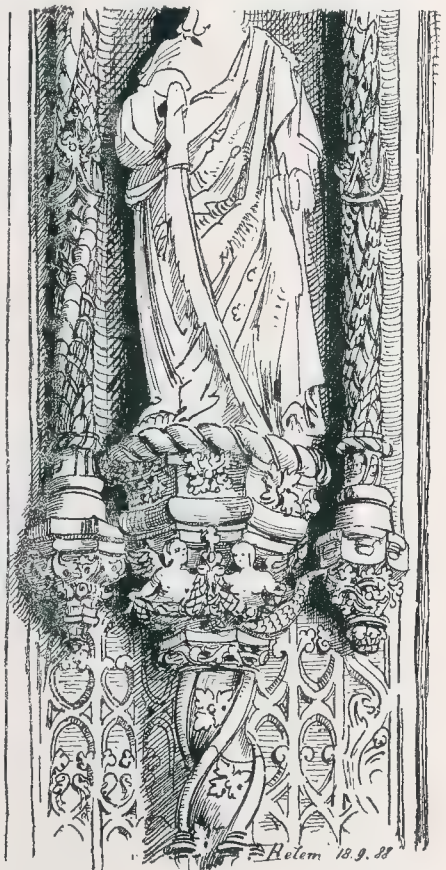
Fevereiro de 1903.

MANUEL MONTEIRO.

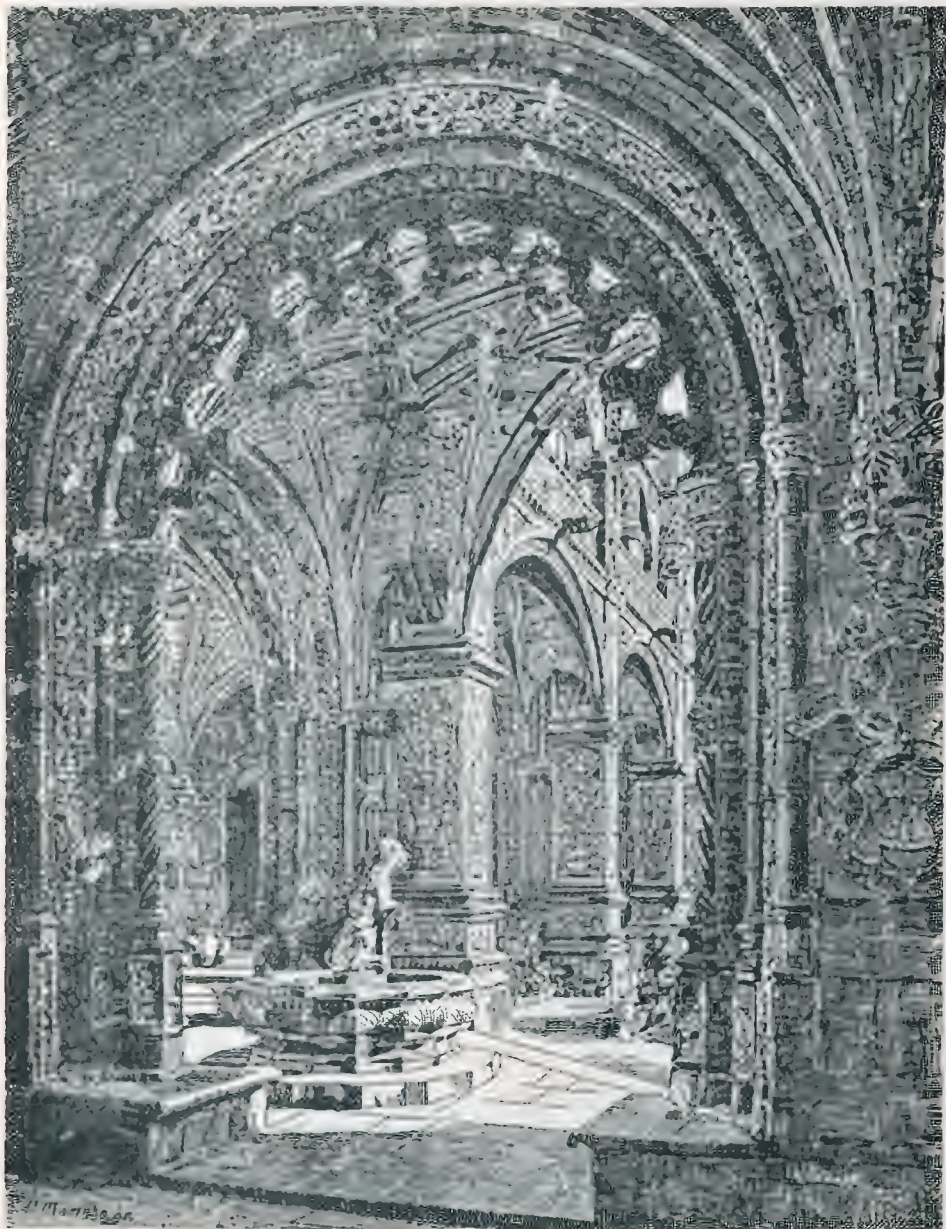
A Architectura da Renascença em Portugal POR ALBRECHT HAUPT

Mosteiro de Santa Maria de Belem. Portal e claustros. Refeitorio e capella dos Jeronymos.

O EFFEITO do interior impõe-se pela belleza e pela largura, especialmente na nave transversal; a architectura interna é comparativamente simples, com excepção das abobadas ricamente construidas, cujos fechos são decorados com corôas de bronze e outras ornamentações, e dos pilares que debaixo até acima se recobrem de soberbos ornatos por entre finos bastões; as paredes são construidas de enxelharia e sómente as aberturas das capellas e do côro são moldadas em architectura pujantemente desenvolvida em grupos de columnas torsas e recamadas de escamas. Adornam tambem a entrada do côro dois pulpitos, repousando sobre magnificos cachorros e supportes.

Toda a parede do lado do norte da nave é interrompida por confessionarios que teem a estranha disposição de se comporem de duas camaras, uma das quaes tem entrada pelo claustro e outra pela nave da egreja. Ambas são ligadas por uma janella de grades. D'estes confessionarios existem ainda doze, cujas portas do lado da egreja se distinguem por um arco em sanéfa de fino lavor desenvolvendo-se superiormente em uma graciosa architectura de tabernaculo. Do lado occidental da egreja parece ter havido intenção de construir duas torres, uma das quaes está feita, baixa, terminando em fórma octogona, e coberta por um telhado cónico. Recentemente este telhado foi substituido infelizmente por uma feia cupula moderna. As bases das duas torres avançam para o interior da egreja e conteem, no nivel terreo, cada uma a sua capella ricamente abobadada. A galeria de pedra entre as torres (cujo parapeito está infelizmente restaurado) avança tambem na egreja por uma arcada, de maneira que ha ainda duas outras capellas além das já mencionadas sob as torres. A galeria do côro dos monges tem o mais soberbo trabalho de cadeiras em estylo de renascença existente em Portugal, as quaes

D'um portal do mosteiro dos Jeronymos

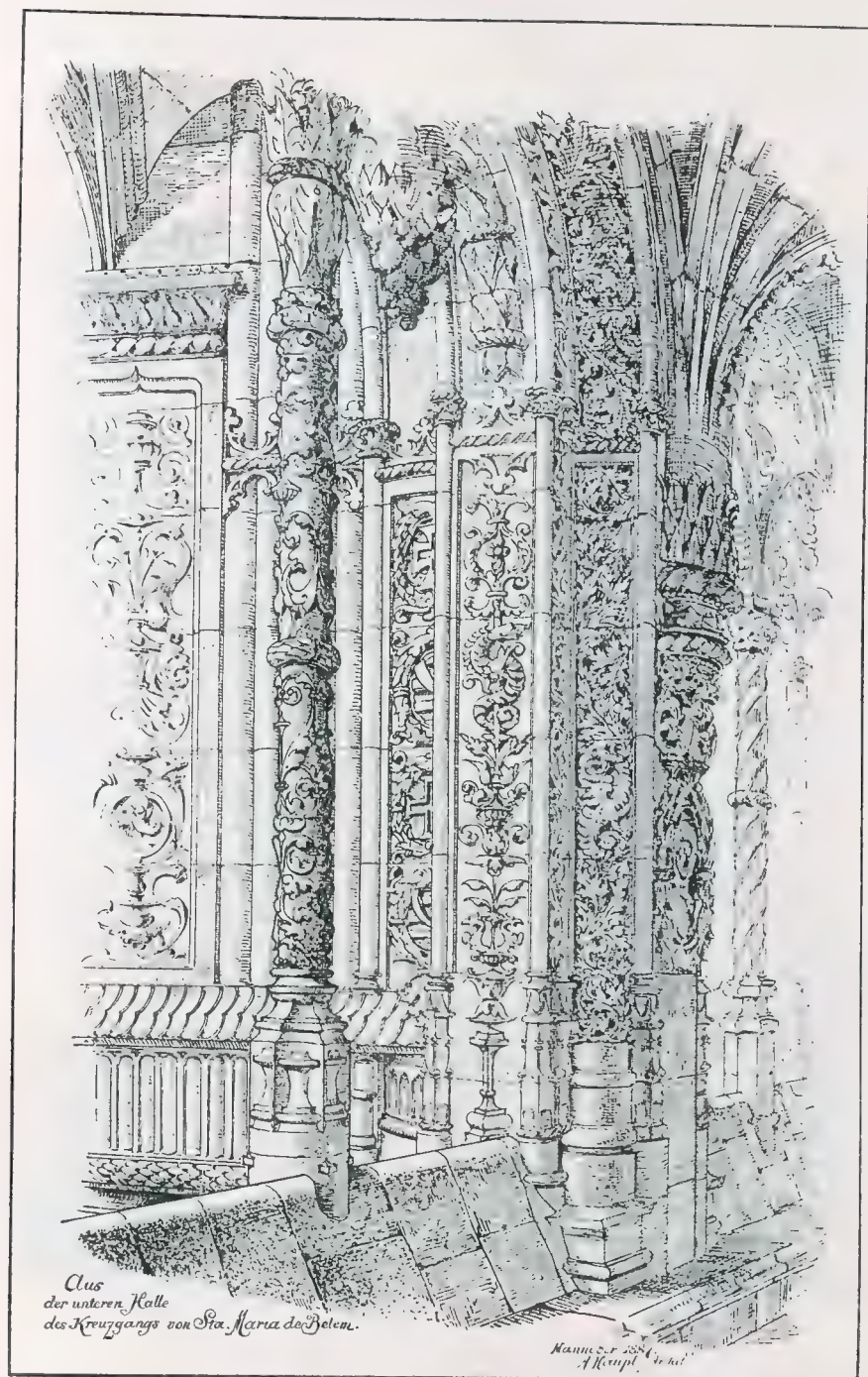
Planta da Egreja e Mosteiro dos Jeronymos, de Belem

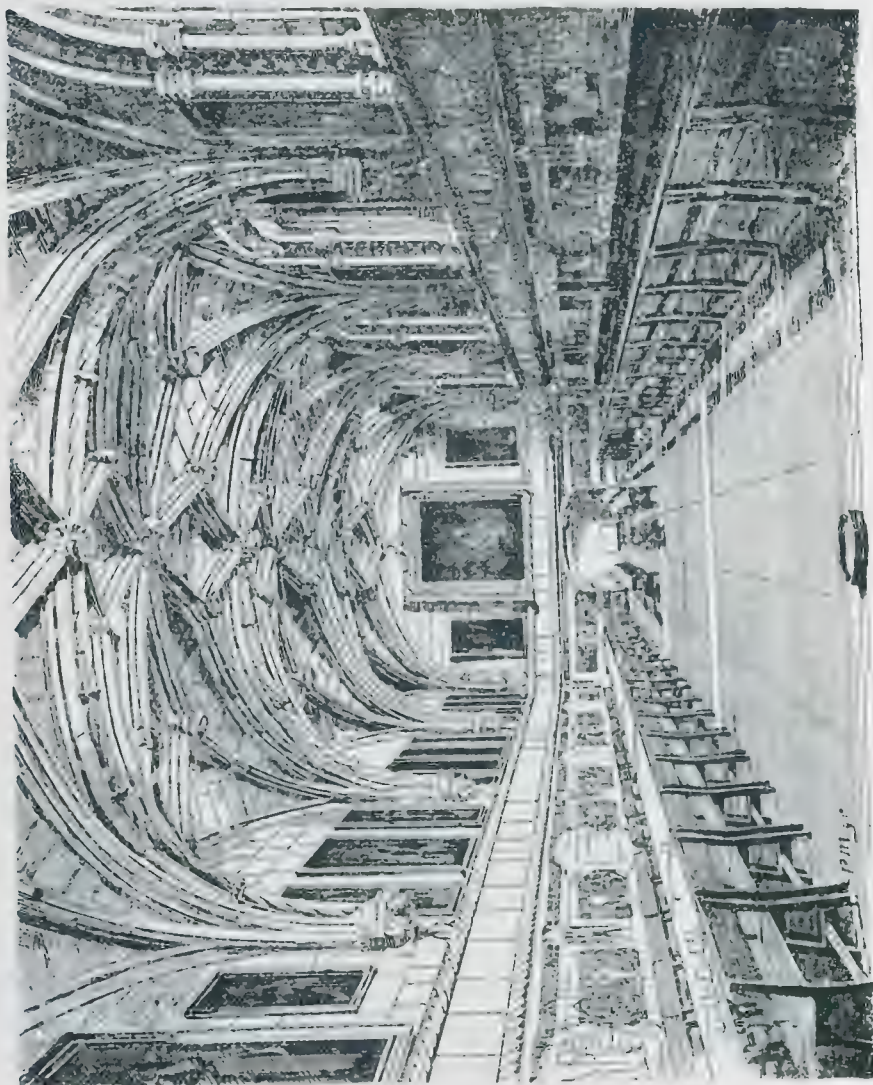
delimitam o espaço oblongo por tres lados em duas filas sobrepostas. As superficies dos os lados das cadeiras do côro, são recobertos de ornamentação riquissima, que demons-

Claustro do mosteiro dos Jeronymos

enormes pilares e suas bases, que dividem o fundo, os frisos, os parapeitos, os caixilhos e trando a influencia hespanhola e flamenga egualam, em technica perfeita e poderoso

impulso de composição, as melhores obras da Hespanha. A data do começo das cadeiras do côro é de 1560, e devem sem duvida ser attribuidas ao mesmo artista que produ-

Abobada do claustro dos Jeronymos

ziu as cadeiras do côro da Sé d'Evora, quasi tão importantes como estas; mas sendo este um trabalho mais antigo do mestre, não attinge a grandeza e o arrojo do de Belem. Talvez devessemos pensar aqui em Diogo de Carta ou Carça, que em 1548 esculpiu as celebres cadeiras do côro de Nossa Senhora do Carmo de Lisboa já desapparecidas. A conservação das bancadas do côro de Belem pouco deixa a desejar. A nave da egreja é no resto vazia. A nave transversal guarda, á esquerda e á direita n'uma serie de nichos, os

Janella do claustro dos Jeronymos

restos mortaes de infantas e infantes portuguezes; em frente d'esta nave avança ao norte e ao sul uma capella quadrada de menor altura e largura. A capella mór, feita até 1551 por Diogo de Torralva no logar d'outra mais antiga, apresenta fórmas de renascença imperfeita; a parte desapparecida, que tinha o dos seus successores exigiu um novo alongamento. A capella mór mostra no exterior uma construcção em pedras rectangulares e uma balaustrada sobre a pesada cornija principal, e duas pequenas torres baixas com cupulas sobre as escadas aos cantos; bem como simples janellas quadradas. No interior acaba em

Refeitorio no claustro dos Jeronymos

caracter da outra architectura, dizem ter sido substituida por demasiado pequena. Existe ainda uma miniatura representando o interior do côro com o altar mór. Póde suppôr-se que a construcção do tumulo de D. Manuel e semi-circulo e é dividida por duas columnatas sobrepostas, uma jonica, outra corinthia, as quaes supportam a abobada de berço, adornada de caixotões de diversos marmores. E' este talvez o mais antigo exemplo d'abo-

bada no gosto de Terzi, posteriormente tão empregada. Nas fundas arcadas, entre as co-

Pilastra do claustro dos Jeronymos

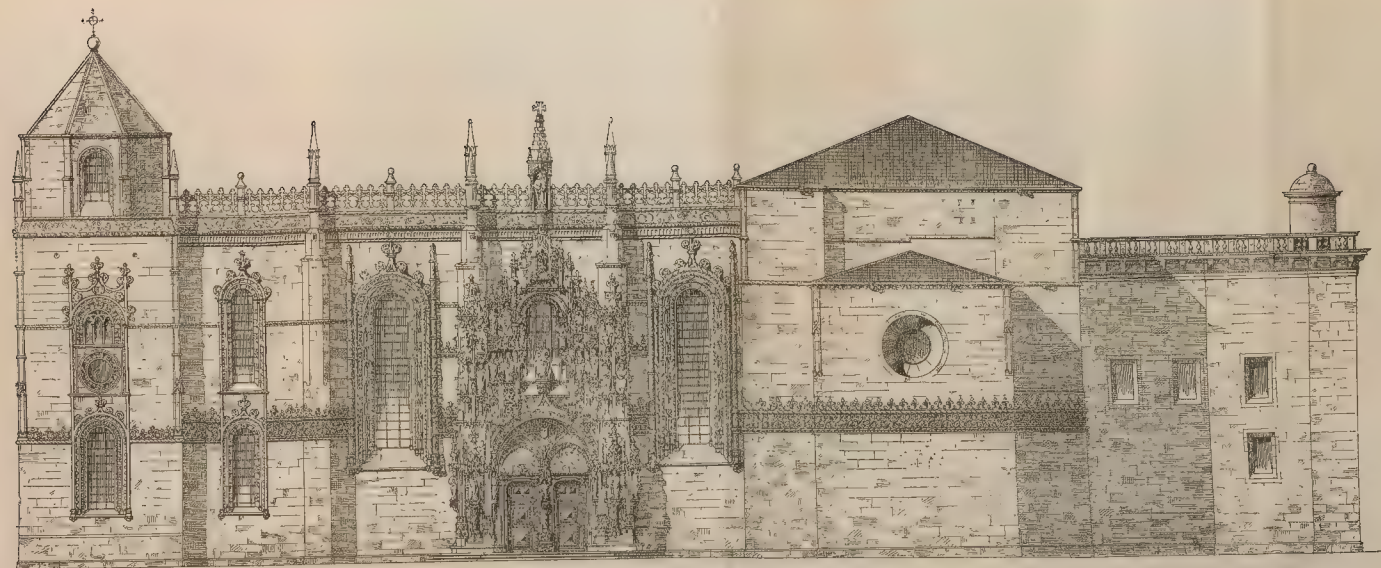
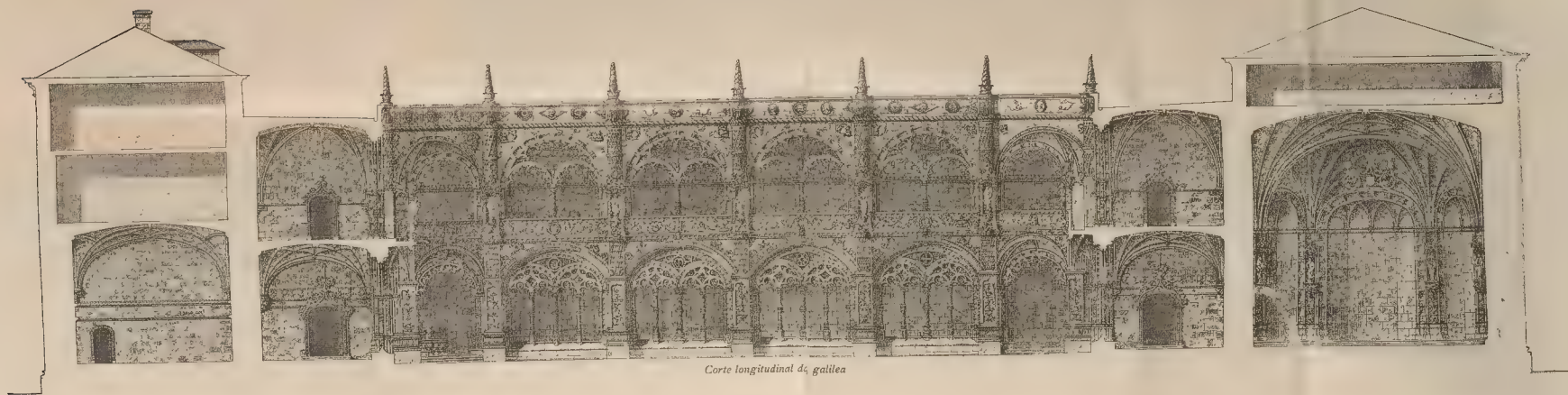
lumnas dos lados, estão os sarcophagos dos reis; e entre as da abside grandes paineis da Paixão de Christo, pintados por Christovão Lopes (1516 a 1600) pintor da real casa, no estylo de Dias e de Campello, quer dizer, n'um maneirismo sem exaggero. A architectu-

ra de Torralva é infelizmente pesada, apesar de ser composta com delicadeza, e em consequencia d'esta feição particular, não está de harmonia com o resto em caracter medieval.

Causa pena que esta capella mór não tivesse sido concluida pelo artista que a começou. Não aconselhariamos a restauração projectada no estylo manuelino.

No côro da egreja estão depositados os restos mortaes dos reis D. Manuel, D. João III, D. Sebastião e D. Henrique, com suas mulheres, de maneira que a egreja contem ao todo, juntando a estes os sarcophagos da nave transversal, os restos mortaes de dezoito pessoas da casa real d'Aviz. Além d'isto estão aqui depositados os restos de Vasco da Gama e de Camões.

Capella dos Jeronymos

(Continua).

Fachada da Egreja e Mosteiro de Santa Maria de Belem

Corte longitudinal da galilea

Uma visita á Beira

Por ANTONIO ENNES

Deviamos estar no porto á bocca da noite. Principiou a viagem sem incidentes, e podemos observar a parte do Pungue por onde, tres dias antes haviamos navegado á tôa fechados em trevas. E' estreito, e n'aquella época do anno em que leva poucas aguas as suas margens em muitos pontos sobrelevam alguns metros sobre o nivel das mais altas marés, o que inspira confiança a alguns, raros, indigenas, para n'ellas assentarem toscas moradias. Torce-se constantemente sobre si mesmo, de modo que a cada trecho parece que o fecha alguma das ribas, e o navegante tem de ir sempre precavido para dar resguardo aos seus frequentes cotovêlos, angulosos ou boleados, onde as areas e as vasas se accumulam formando bancos em parte descobertos e atapetados n'essa parte de hervagens côr de esmeralda. As correntes do oceano chegam até ali, e ainda mais adeante, e chegam a miude formando um macaréo impetuoso, marulhento, roncador, que raspa as ribas pondo o raizame dos arvoredos a descoberto como rede de veias e arterias d'um animal esfolado, e revolve o fundo entulhando as calas com os baixios e escavando fundões nas corôas da vespera.

Quando já as *tones* começavam a remar para um e outro lado, pelas duas horas da tarde, encontrámos um escaler, em que o commandante militar de Aroangue, o tenente Machado Leal, inquieto com a nossa demora, vinha trazer-nos carvão e viveres; tomámos a reboque esse obsequioso escaler, e seguimos avante, ufanos da destreza com que, até ali, tinhamos sabido evitar os encalhes. Precipitada ufania! Menos d'uma hora depois, o pobre *Almirante* arrastou, levantou a prôa, estacou, e como a maré descia, por mais que os marujos, mettidos n'agua, tentassem levantal-o nos braços, não lograram descraval-o. Tinhamos de esperar que viesse a enchente pôr-nos a nado. O sitio felizmente era dos mais pitorescos do chato e monotono Pungue. Havia largueza, e o relevo caprichoso do fundo dava tons e lavores variegados á agua, que corria aqui encrespada e escurecida pela sua propria massa, além se empoçava esverdinhada e lisa, n'outras partes espumava arrastando-se na area ou espelhava o arvoredo das margens, laminava-se de sol ou velava-se de sombra. A espaços a formação d'uma grande queimada, de fumo negro com furta-côres vermelhas, desdobrava um toldo por cima das nossas cabeças. Havia fresquidões no ar, e a natureza tinha uma physionomia communicativa de socego e paz.

Emquanto esperavamos, improvisavamos um *pique-nique*, em que o lugar, o scenario, o nosso descostume do viver sertanejo, davam um sabor original ás iguarias, já de si estranhas. Devorámos bifes do mirú caçado na vespera no caminho de Mapanda; Machado Leal levára no seu farnel gallinhas do matto assadas com piripiri e os seus criados uns negrinhos do Niassa, improvisaram caril; o commandante do *Euxene* abriu terrinas de *foie-gras*, desrolhou garrafas de Champagne; os marinheiros do *Almirante* fizeram chá cozendo as folhas no lume da machina; divertiram-nos as faltas, gracejamos dos incommodos, comemos á mão, lavamos-nos no Pungue, deitamos restos aos patos bravos, e depois, quando o crespusculo começou a derramar melancholia no espaço e a infiltrar saudades nos corações, fallamos largamente da nossa patria e dos nossos santos amores, voltando as cabeças, como a mirar os reflexos vermelhos que boiavam na agua estanhada para occultar as lagrimas que nos marejavam os olhos.

Subiu a maré e os escaleres fluctuaram.

Adeante!

Quando se condensaram as sombras da noite, occultando os mal definidos signaes por que os nossos pilotos acertavam as rotas voltamos a esbarrar, a pegar-nos, a ter de andar á ré; depois n'um passo mais estreito a corrente violenta pôz-se a medir forças com a machina do *Almirante*, e, por mais que o fogueiro atulhasse a caldeira, embora a pressão subisse acima da linha da prudencia, estivemos mais d'uma hora avistando sempre pelo través o clarão rubro da mesma fogueira distante.

Chegámos até a desandar, com a helice

ás voltas afadigadas. Rompemos afinal a agua, já perto da volta da maré, e suppozemos que a vasante nos levaria d'uma assentada ao porto, mas d'improviso encalhámos mais uma vez, com o impulso associado do vapor e da agua, e o escaler adornou, sendo pouco o peso de todos nós, aferrados a uma das bordas, para lhe restituir a posição de equilibrio. Eram já 10 horas da noite, havia pouco tempo ainda que a maré vasava, e portanto só lá para a madrugada viria a enchente tirar-nos d'aquelle apuro. Não sabiamos onde estavamos, mas pelo tempo de jornada suppozemos-nos perto da Beira, junto das ultimas ilhas. Houve conselho. Deliberou-se que o escaler do commando militar continuasse só a viagem com todos os passageiros, ficando o tenente Leotte e o commandante do *Euxene* a bordo do *Almirante* para o safarem e levarem a salvamento.

Fez-se o trasbordo, os quatro tripulantes negros da fragil embarcação empunharam vigorosamente os remos, e deitamos-nos á aventura. Mas nós nem percebiamos, na solidão escura do rio, de mais a mais bifurcado ali por uma ilha coberta de matto, onde estavam as margens, para que lado era a foz. Navegamos perfeitamente á tôa, discutindo a cada instante para onde deviamos deitar o remo.

Tomamos uma certa direcção votada por maioria, e tocamos no fundo; mudamos a derrota e logo percebemos pela prôa uma ramaria alta a mover-se, cobrindo e descobrindo as estrellas. N'esta desorientação o escaler parou de subito, batendo com um estremeção violento, mas os croques e os remos não encontraram fundo, não encontraram o obstaculo em que haviamos tropeçado, o que nos deixou certos de que tinhamos embicado no lombo d'um hypopotamo adormecido, que fugira ainda mais espantado do que nós. Acertamos por fim, mas logo nos achamos a braços com outra ordem de difficuldades. Um dos quatro remadores estava perdido de bebado, e, uma vez pendendo sobre o punho do remo inerte, outra vez puxando por elle com desordenada furia, atrazava o andamento da fragil embarcação, obrigando-a a bordos e a solavancos. Mandamol-o dormir, mas o possesso do alcool barafustou, engalfinhou-se nos camaradas, pouco menos ebrios e o escaler mais d'uma vez repetiu a menção de alijar ao Pungue a sua empilhada carga de conselheiros e caixotes de louça, officiaes e carvão, auctoridades brancas e criados pretos, colchões, tralhoada e muleques.

Emquanto andámos perdidos passou a vasante, e nós, que a todo o vapor não haviamos podido vencer a maré contraria, desesperamos de sequer lhe resistir a braços de remadores! Mettemol-os em brios, offeremos-lhes premios, fizemol-os cantar, e elles remavam, remavam, como machinas d'aço, sem tomarem o folego, convertidos em cascatas de suor que espalhavam nauseas no ambiente, acertando as remadas pela solfa de quantas melopeas inventou a arte cafreal. *Rema, não rema* entoavam elles, n'um extravagante rythmo, curvando e retezando os robustos corpos nos bancos que rangiam, sem conseguirem dobrar uma ponta da area cuja mancha amarellenta marcava margem sombria; *anda, não anda*, proseguiam a improvisada cantilena, acompanhando novas remadas, e o areal lá estava ainda á mesma distancia da prôa; *paga, não paga, dá mata-bicho, não dá mata-bicho*, e a embarcação parecia pregada n'um chão laivado de barro. Os mesmos troncos de mangue ouviam especados na riba, com que nos iamos protegendo, um reportorio immenso, elegiaco ou buffo, executado a quatro vozes ou a solo com estribilhos coraes, desde a classica e sentimental *Sina mama* até umas caprichosas odes symphonicas em que se exalçava a generosidade do *siô ministro* que dava rupias ou a do *córnel* que tinha barbas grandes como umas vassouras. Apesar d'esta serenata, entremeada de gargalhadas estrepitosas e de ditos trocados em lingua indigena, que tinham ares de satyricos, a nossa situação era mais do que aborrecida, era penosa. A noite estava fresca, o céo chorava cacimba, e nem um toldo tinhamos para abrigo; apertados uns com os outros, não podiamos mudar de posição; enganámos a fome e a sede com pão duro e secco e agua suja da despensa dos negros. Foi girando o norte, foram cerrando as constellações no espaço, e nem signal do porto. Já estavam roucas as vozes dos remadores, já lhes tremiam os braços; era tambem o bebado, que estivera dormindo, quem os estimulava, descompondo-os, chamando-lhes mulheres. Subito, subiu pelo céo acima um clarão azulado vindo da parte do Oriente, e alastrou-se de relance pela abobada immensa, dando-lhe a transparencia opalina d'um globo fusco de lampada electrica; depois diffundiu-se, tingindo-o de desvanecido azul, que ao passo que se ia fechando, repintava-se de vermelhidões ora espalhadas como poeira ora condensadas em laivos e em barras, e antes dos passaros terem tido tempo para despertar nas ramadas, fulgurou o ouro fulvo do disco do sol pelas frinchas do mangal. Esta manhã sem crespusculo nem aurora mostrou-nos, lá muito ao longe, os topos dos mastros dos navios fundeados em frente da

Beira, e quando atracámos ao portaló da *Euxene* já a soalheira quente das 8 horas nos enxugára nos corpos as roupas ensopadas pelo orvalho do céo, e pelos vapores do rio.

Pois eu que nunca em minha vida tinha passado uma noite sem abrigo não tive nem um accesso de febre. E—singular coincidencia—á hora em que andava perdido n'um rio selvagem, encalhando em cavallos marinhos, com os pés enxarcados pela agua infiltrada no fundo do escaler, esfomeado, espreitado pelos corcodilos e pelas biliosas, agonizava e morria quasi subitamente na Europa, sua patria, no seu lar aconchegado meu pobre irmão, que se despedira de mim chorando os perigos a que me ia expôr a viagem a Africa. Sabe-se lá onde está o perigo, onde está a morte?

Esta excursão pelo Pungue revelou-me as difficuldades que ha a superar para estabelecer entre o litoral e o interior, meios de communicação seguras e faceis, que favorecessem a colonização e o desenvolvimento economico do paiz.

O rio não era só mau por ser, em alguns lanços, tão açoriado que na baixa mar só dois pés d'agua lhe corriam sobre as areas, e por lhe regarem o leito correntes impetuosas e turbulentas, que arrastavam hypopotamos; era pessimo, especialmente, por estar sujeito á deslocação caprichosa e frequente dos seus immensos bancos, deslocação que não permittia saber ao certo por onde se poderia navegar sem perigo de encalhar. Em poucos annos a carta do tenente Fontaura, não só se tornára inutil, tornára-se perigosa.

Não havendo ainda outra, pedi aos tenentes Leotte e Ivens Ferraz, que balizassem o rio tal qual elle estava então, assignalando o canal por meio de marcos triangulares, brancos, cravados nas margens e de boias fundeadas nas maiores larguezas de agua; elles passaram inclemencias n'essa tarefa, iam sendo levados pelo mocoiro, apanharam febres, e, provavelmente bastaram um anno e uma cheia para tambem lhe estragarem o solicito trabalho. Como poderia, pois, o commercio aproveitar confiadamente similhante rio? Seria sensato tornar dependente e tributario da sua morosa e perigosa navegação todo o transito para Manica?

Estas perguntas eram especialmente interessantes quando se tratava de escolher o traçado e a testa do caminho de ferro.

Embora as opiniões divergissem ácerca d'esse traçado, todas as pessoas que conheciam o paiz concordavam em que não era possivel prolongal-o até á Beira, por serem submersiveis na extensão de muitas milhas os terrenos adjacentes ao litoral, e que, portanto, a testa da linha teria de ficar na margem d'um dos rios que desaguam no porto. Mas qual d'elles deveria ser preferido para avenida aquatica da estação terminus d'uma grande via ferrea? O governador geral da provincia, o tenente-coronel Machado havia dado a palma ao Busi.

Effectivamente este rio, cuja foz se acha á entrada do porto da Beira, tem melhores condições de navegabilidade do que o seu vizinho e irmão Pungue. Não se parece nada com elle. E' profundo até muito dentro. O *Bufalo* que só ia de rastos a Neves Ferreira, nadava desembaraçado até o Jobo. Navios de muito maior porte ainda podem ir fundear algumas milhas a montante da barra. E', porém, estreitissimo.

Penetra-se n'elle por um canalete, escavado rente da margem esquerda, em que só pequenas embarcações podem virar de bordo. O proprio *Bufalo* passava lá quasi a raspar com as pás das rodas o raizame descoberto do mangal. Tem a vantagem de atravessar terrenos relativamente altos, inaccessiveis em parte ás inundações, e tanto que as suas margens, ao contrario das do Pungue, são enfeitadas de Chiveve para cima, por uma flora opulenta e animada de populações indigenas, o que lhes dá um aspecto fresco e aprazivel. Uma excursão que por elle fiz só me deixou agradaveis impressões. Não conheci na provincia rio mais pitoresco. Onde os taludes marginaes não tapam a vista, descobrem-se relvas vicejantes de chão fertil entre cujas verduras se distinguem as umbrellas escuras dos coqueiros e as ventarolas claras das bananeiras, indicios seguros da proximidade de habitações humanas. Ao passo que no Pungue não se descobre viv'alma, no Busi se por elle passa um barco a vapor, annunciando-o com os silvos de sereia, acodem ás ribas grupos enormes e festeiros de indigenas, mulheres com ranchadas de filhos agarrados aos pannos e pendurados das saias, latagões de bôa catadura, e essa gente cheia de bonomia sauda os transeuntes com gritos e palmadas, e offerece-lhes de longe gallinhas e ceiras d'ovos. Ha, pois, n'aquella parte, solo habitavel e que pode sustentar os habitantes, ha braços para trabalho, ha agua doce porque as marés oceanicas pouco sobem o rio, parece haver condições para a installação, não só d'uma testa de caminho de ferro, mas até d'uma povoação europea. Influido por estas apparencias, o governador Machado acredita que o Jobo poderia, não só servir de caes ás futuras communicações com o interior, mas até substituir a Beira, apertada e incommodada no seu areal, e com a sua imaginação de crente,

mandou lá desenhar no chão o plano d'uma cidade, *Nova Lusitania*, com ruas, praças, e até vão para theatros e circos, dando assim um ponto fixo e determinante á directriz do caminho de ferro.

Mas elle proprio se convenceu, depois, de que o Jobo era mau assento para uma cidade, e o Busi má serventia para viação accelerada. Se as inundações não submergiam o solo da futura Lusitania, cobriam-n'o e rodeavam-n'o pantanos creados pelas chuvas, saturando a atmosphera de miasmas. O corpo expedicionario não conheceu logar mais doentio. Tendo mandado para lá um destacamento, teve de o recolher ao hospital. Depois, se o Busi era navegavel, a sua estreita fita d'agua profunda tolhia os movimentos das embarcações, e tambem era encrespada por correntes violentas e tambem cobria um leito mudavel.

Depois em qualquer ponto alto e internado das suas margens, sendo necessariamente distante do porto, onde tambem se lançava o Pungue, não podia concentrar em si os serviços d'esse porto e do transito para o interior, a Beira, emquanto as aguas lhe não levassem o seu areal, havia sempre de ser o principal caes e o principal armazem do commercio, e ficaria mal servida por uma testa de linha ferrea distanciada por muitas milhas d'agua. E que agua! Primeiro um vasto porto, um verdadeiro mar a miude tão revolto que se não deixa communicar da praia com os navios surtos a poucas amarras da sua rampa, quanto mais atravessal-o!

Não é raro as embarcações de véla que vão da Beira ao Busi, fazer aguada, por exemplo, passarem lá dias e dias sem poderem regressar. Atravessado o porto, havia que penetrar n'uma barra atravancada por bancos de area onde apesar das boias o proprio *Bufalo* — lá esteve encalhado muitas horas n'uma noite escura, — e por ultimo, era preciso esperar maré a favor para gastar só cinco ou seis horas em voltas e contra-voltas até poder baldear no Jobo mercadorias ou passageiros, já baldeados no porto ou na Beira. Que demoras, que despezas, quantos riscos e trabalhos!

O Jobo não resolvia, pois, o problema. A sua unica solução realmente economica e technica era trazer a linha senão até a Beira, ao menos até um local das margens do porto. Era uma incoherencia construir com fabuloso gasto, viação accelerada para a tornar dependente da navegação morosa e arriscada de detestaveis rios; envidar esforços athleticos para facilitar as communicações, e ao mesmo tempo difficultal-a com baldeações. Essa solução, porém, ainda hoje não está achada. Procuraram-n'a os engenheiros do corpo expedicionario, indagando se haveria chão firme por onde a linha podesse seguir do valle do Busi para a margem fronteira á Beira, e julgaram que, effectivamente era possivel, com o auxilio d'alguns aterros, dirigil-a até o fundo do porto, a um logar, perto do qual ha fundo para navios d'alto bordo; mas estas indicações não foram aproveitadas.

© © ©

Na época da minha primeira visita á Beira (agosto e setembro de 1891), a noticia de que, finalmente Portugal e a Grã-Bretanha tinham chegado a acordo acêrca da delimitação territorial, e a certeza de que se realizaria, e estava sendo estudado deligentemente o caminho de ferro de Manica, deram novos impulsos á povoação e restabeleceram entre os seus habitantes portuguezes e estrangeiros a ordem moral, antes perturbada pelo meio de conflictos, pela duvida do futuro, pelos emprehendimentos aventurosos dos agentes da *South-Africa*. Continuava-se a duvidar, se é que se não duvidava cada vez mais de que no planalto houvesse ouro exploravel e de que lá se fizessem correntes de immigração; mas acreditava-se na linha ferrea, e bastaria ella para fazer girar o negocio.

As relações entre as auctoridades nacionaes e as inglezas foram-se tornando, senão cordeaes, pacificas.

Estacionava no porto o cruzador britannico *Magicienne*, e o seu commandante o capitão Pisson, nomeado consul, esmerava-se tanto em zelar os interesses como em reprimir as demasias dos seus patricios. Excellente homem, conciliador, sensato, recto, sabendo conciliar os deveres de diplomata com a generosidade d'animo de marinheiro.

Bom inglez, mas inglez fino. Uma vez, estando na secretaria do commando militar, viu um aventureiro, seu subdito, entrar de chapeu na cabeça, sentar-se sobre uma mesa, e começou a vociferar destemperadamente contra a exigencia d'uma licença de porte d'arma; sem dar tempo a que o commandante reprimisse a insolencia, mostrou-se para o castigar elle com palavras severas, declarando que seria o primeiro a dar exemplos de deferencia pelas auctoridades de Portugal. Para mim foi sempre um prazer tratar com elle, e o *Magicienne* nunca se esquivou a cumprir, para com o commissario portuguez, os preceitos da cortezia naval.

No interior tambem os esperavam os embates e os attritos. Depois da desastrada refrega do Chire, o capitão Pisson e o governador Machado fizeram demarcar, nos ar-

redores de Massikessi, uma zona neutra que nem inglezes, nem portuguezes transporiam armados, e essa neutralidade foi escrupulosamente respeitada. A expedição Caldas Xavier poude então effectuar a sua retirada para o litoral, tranquillamente e sem deixar arriscado nenhum interesse nacional.

Na Beira não se sabia d'ella, desde que tinham chegado, lá e a Neves Ferreira, os feridos do Chire, e essa ignorancia inquietava. N'uma bella manhã do fim d'agosto chegou até a minha palhota a voz alegre de terem chegado de noite Caldas Xavier e os seus voluntarios, e pouco depois, appareciam de surpreza o benemerito major e mais quatro officiaes, seus fieis companheiros até á ultima hora dos perigos e dos trabalhos. Como nós os abraçámos travando conhecimento nos abraços!

Se longe da patria um patricio é um amigo, aquelles homens eram para nós, ainda vibrantes dos enthusiasmos e das indignações d'uma luta nacional, a propria patria representada na sua virilidade intemerata. O unico rasgo de abnegação e de valor com que se nobilitou a nossa reacção contra as usurpações britannicas, tinham-n'a praticado elles e os seus camaradas. Nunca será de mais recordal-o. Quando as forças de *South-Africa* invadiram a margem esquerda do Save e senhorearam Mutassa e Mutara, Massikessi, não se sabendo onde a sua audacia pararia, julgou-se indispensavel oppôr dique á onda que do planalto podia despenhar-se nos valles do Pungue e do Busi. O corpo expedicionario, organizado em Lisboa n'esse intento, quantos mezes gastaria ainda para se transportar ás terras ameaçadas? Era necessario uma defesa mais prompta, um socorro mais á mão, a provincia só tinha tropas no orçamento. Nem seria prudente soldados negros, mas europeus audazes e bem armados. Alguns portuguezes briosos de Lourenço Marques offereceram-se então para organizar um corpo de voluntarios que fosse a Manica affrontar o perigo imminente; cento e tantos homens, muitos d'elles paizanos que nunca tinham manejado senão a penna ou o martello, pegaram em armas, organizaram-se militarmente, e sob o commando superior de Caldas Xavier, que já havia assignalado a sua intrepidez na margem do Zambeze, partiram para a Beira. Era no mais rigoroso da invernia, desfazia-se o céo em jorros d'agua, trasbordavam os rios, o planalto de Manica era como a costa d'um vasto oceano: nada os deteve!

Cuidando mais de chegarem depressa do que de chegarem bem abastecidos e municiados, metteram-se ao matto, nadando mais do que andando, sem olharem para ver se eram perseguidos, ignorando o que os esperava pela frente, antes guerrilheiros intrepidos do que militares circumspectos, passando fome negra por não poderem acompanhal-os as bagagens, padecendo enfermidades de que se curavam uns aos outros com fraternal caridade, encontrando-se a miude separados e isolados uns dos outros pelos incidentes, foram até Massikessi, e occuparam-n'a. Ahi, julgando-se ameaçados pelos inglezes e pela gente do Mutassa, foram ao encontro da ameaça ainda extenuados das marchas e das suas privações e encontrando-se inesperadamente em frente do inimigo entrincheirado no Chire, affrontaram-n'o, e ao fogo vivo das suas metralhadoras, em campo descoberto, só armados de espingardas. Tiveram de retirar, mas retiraram sem desaire. Foram talvez imprudentes e imprevidentes, não foram fracos. Contaram os proprios inglezes que do alto da sua trincheira viram um official de engenharia que se juntára aos voluntarios, José Roma, tendo esgotado as munições, sentar-se n'uma pedra debaixo do fogo contrario, tirar da algibeira uma bolsa de tabaco e um livrete de mortalhas e enrolar serenamente um cigarro.

Caldas Xavier e os seus valentes camaradas — os ultimos a retirarem, — traziam escripto em si a historia das suas canceiras e provações. Os exploradores que se mascaram e caracterisam para tirarem e enviarem a Europa, retratos que façam chorar as familias e enthusiasmar os membros da Sociedade de Geographia, nunca foram capazes de *se faire des têtes*, de arranjar apparencias de maior miseria. Sem cumprimento, chegavam a causar pavor e a metter nojo. O bello rosto viril do major lembraria uma caraça feita por um forte nariz aquilino, muito desbrugado, preso por tiras de pergaminho velho a duas orelhas espetadas, se o não illuminasse o fuzilar dos seus dois olhos negros, penetrantes, que a natureza, provavelmente tinha feito para alguma aguia, e por lhe sairem grandes de mais encrustou n'uma cabeça humana. Mas apesar do seu aspecto vinham todos fortes de animo, lastimando apenas que o seu sacrificio não houvesse aproveitado mais á patria, e possuidos pelo singular amor ao sertão que parece que mais obseca quem mais padeceu já por elle. Alguns, e nomeadamente o conductor de obras publicas Brito, que honrára os galões ephemeros de capitão, offereceu-se para sem descanço, auxiliar os estudos do caminho de ferro; voltando para Massikessi com o theodolito ás costas, logo depois de ter voltado de lá com a espada á cinta.

Os soldados acantonaram-se primeiro dentro do terreiro do commando militar, e acamparam depois no areal, á margem do Chiveve. Mostraram-se disciplinados, sobrios, briosos, sabendo provêr ás suas necessidades, como se fossem veteranos de bôa escola militar. Fiz um d'elles, — operario do caminho de ferro arvorado em cabo,— chorar de enternecimento, contando-lhe que a esposa, que ficára em Lisboa com dois filhos de tenra edade, não sahia do corredor da secretaria do ultramar buscando, implorando, noticias d'elle, que a não preveniu da marcha para Manica nem de lá lhe escrevêra. Esse bom homem acabou tristemente, mezes depois, em Lourenço Marques. Um Yago, convenceu-o de que a mulher o estava deshonrando na patria, e o louco lançou mão d'um rewolver, e, a beijar os retratos dos filhos, fez saltar os miolos. Dizem que já não ha desgrenhadas tragedias na vida real!

A força europea era acompanhada por uns tresentos landins de Inhambane, carregadores que tambem sabiam disparar uma espingarda. Alguns tinham-se portado bem no Chire. Fôra entre elles que as balas inglezas haviam principalmente encontrado victimas. Tres ou quatro que logo depois da escaramuça, foram enviados gravemente feridos e mutilados para as ambulancias do Corpo expedicionario, deixaram os medicos assombrados da coragem com que soffreram terriveis operações cirurgicas. Ferravam nervosamente os dentes, mas não soltavam um ai!

Toda essa gente me foi visitar á minha palhota, em formatura marcial. Ainda agora me parece que os estou vendo, ao descahir da tarde, marchando, ao longo da praia sobre a area ainda endurecida pelas aguas estampando os negros vultos moventes no fundo azul e prata do mar. Abriam a marcha os chefes, cinco ou seis, pannos de listas cingidos aos rins e fluctuando em torno das pernas nuas, fardas velhas ou casacos paizanos deixando a descoberto, da cinta ao pescoço, musculosos thorax polidos, cabeças cobertas por casquetes de variados moldes apenas uniformes na sordidez. Só esses levavam espingardas. Seguia-os a chusma dividida em duas columnas cerradas, tendo por unico armamento bambús do Donde, empunhados a modo de azagaias, mas ordenados bellicosamente e acertando o passo pelo rhythmo d'uma canção de guerra, grave melodia entoada a meia voz, em côro com uma afinação exemplar.

Impressionava aquella apresentação. Havia gravidade e galhardia na marcha, solemnidade no canto, antes triste como de quem vae para a morte, do que festivo ou violento em homens correndo á vingança e á victoria. E infundia um certo respeito.

Pensei de mim para mim que se aquellas mangas de gentes viessem em som de guerra esgrimindo puidas azagaias, mais d'um bravo europeu havia de descorar deante de sua arremettida.

Estas impressões dissipavam-se, porem, desde que se observavam de perto e a um por um os singulares guerreiros, que em massa tanto aparentavam. Os rudimentos do fato e os atavios cafreaes tornavam-n'os burlescos, achincalhavam-n'os, davam-lhes ares de creanças que no carnaval tivessem saqueado uma loja de adelo. Os figurinos, — figurinos de miseria e vaidade pueril, — eram immensamente variados. O mais simples compunha-se d'uma simples tanga, bem mal composta ás vezes, e d'um chapeu de feltro acochichado ou um *bonet* de quadrados, ou um lenço de côr atado com grossos nós de pontas espetadas, encarrapitado no toutiço langudo. Outros admittiam peças de vestuario europeu á excepção de calças e botas, usadas de um modo caprichoso: camisas que se recordavam vagamente de terem sido brancas, com a fralda solta e pendente; colletes abertos sobre peitos cabelludos e deixando passar pelas cavas tisnadas braços nus; um ou outro chapeu alto de seda vergando sobre si mesmo com vergonha do seu largo galão de cebo empastado; capotes felpudos de soldados vestidos sobre a pelle luzidia da transpiração; toda a trapagem da feira da ladra pendurada á aventura em corpulentos manequins animados.

A nota mais original da mascarada de nús eram todavia os enfeites da cabeça. Para serem tidos por ferozes, alguns honrados chefes de familia tinham atado á cabeça um par de chifres, cuidadosamente dispostos para ficarem muito espetados, muito ameaçadores, cada qual sobre uma fonte; outros mais modestos, contentavam-se com um chavelho só, mui alentado e fixavam-n'o no meio da testa, Julgavam-se terrificantes, assim armados. A par d'aquelles viris adornos escabrosos, pareciam afeminados, as franjas, os aspectos, as guarnições variamente dispostas de cabellos da carapinha e da barba mettidos dentro de canudos delgados de palha ou enrolados em páusinhos, com que apesar dos trabalhos do matto, certos Narcisos de carvão tinham querido fazer realçar a formosura. Os tubos de folha ou de madeira, as capsulas de cartuxos de espingarda, mettidos nos buracos das orelhas não eram peças de decoração vaidosas; eram objectos de utilidade, porque serviam para guardar tabaco.

Muitos dos negros assim mettidos em caricatura eram bellas estampas de homens, altos, robustos, bem proporcionados, esbeltos. As *modas* do sertão, quasi tão irracionaes como as da Europa, e o aproveitamento dos trapos velhos da civilização, mais por vaidade do que por commodidade calumniavam torpemente a natureza. Se a velha Grecia tivesse colonizado a Africa teria prohibido aos indigenas vestirem-se e adornarem-se! A' marcha marcial seguiu-se o *batuque*, ou antes a exhibição das pantomimas chorographicas, que entre os povos do Sul têem sempre uma intenção e como que um libretto bellicoso.

(Continúa).

INDELEVEL

No claustro a escuridão era sombria, tetrica.
Apenas uma luz, sinistramente, a espaços,
irradiava uns clarões, amortecidos, baços,
no extenso corredor de abobada symetrica.

A leve oscillação, cadenciada, metrica,
d'um pendulo qualquer soava debilmente.
Caía a mais e mais a treva. De repente
a lampada fulgia, avermelhada, electrica.

De novo a sombra espessa a distender o manto.
De novo, quasi extincta, a chamma vacillante,
no crepitar final, tremeu. . . sumiu-se, alfim!

E o monge que vagueia, estaca e scisma. Ai quanto
mais negra em si não era a treva dolorida
que um perjurio rasgou no seu amor sem fim!

(Vibrações). ALBERTO MARQUES PEREIRA

Laura de Dianti e Affonso de Ferrare. — Quadro de Tiziano Vecelli

Este magnifico e suggestivo quadro do celebre mestre veneziano, existente no museu do Louvre, era mencionado na collecção de Carlos I com a denominação de — A amante do Ticiano. — A investigação critica moderna julga vêr n'aquella formosa mulher, bem consciente da sua formusura exuberante, o retrato da filha do chapeleiro que foi a amante do duque de Ferrare, o qual lhe apresenta, no quadro, os dois espelhos para que ella não duvide, julgando lisonja, do comprimento galante que lhe dirige, tocado do desejo insoffrido...

CAPITULO NONO

De como o amor e o acaso felicitam os herdeiros de Pedro Braz, e de como se encontra afinal o perdido testamento.

As commodidades de vida em Golgolgoa não podiam sequer comparar-se ás de Riverina, e alem d'isso João Millington estava ancioso de rever Catharina, seu unico pensamento desde que a encontrara. Com o coração palpitante e agitado partiu para a sua jornada, sem attender ás apprehensões do seu gerente sobre a incerteza do tempo. Tão absorto ia nos seus agradaveis pensamentos, que não reparou como o céo escurecera. Repentinamente a luz deslumbrante de um relampago, seguido do medonho estampido do trovão, acordou-o do seu sonho delicioso.

— Estamos dentro de uma tempestade, pavorosa — disse para o rapaz que conduzia o pequeno *buggy*.

— Sim, tenho estado a vel-a approximar-se n'estas ultimas quatro milhas. Póde ser porém que não dê chuva, e embora seja bem precisa, melhor seria que não viesse agora — e o rapaz consultava com a vista o céo completamente nublado.

Antes mesmo que se tivesse voltado para os cavallos, um outro relampago brilhou em volta d'elles, como envolvendo-os, estalou secco o ribombo do trovão e em seguida a chuva cahiu em torrentes. Ficaram alagados completamente. A tempestade bramia furiosa. Fuzilavam os relampagos sem intervallo. Os trovões rolavam através das planicies como descargas de artilharia em combate. Os cavallos estacavam a miude. Um acre cheiro de ozone denunciava a forte electrização do ar. Debaixo d'uma chuva ininterrupta, chegaram a Riverina noite fechada.

Toda a gente veio á varanda quando sentiram o som do carro, e a senhora Clarke sorriu-se intimamente quando soube quem era.

Bem depressa ambos, o advogado e o rapaz cocheiro tinham vestido fato secco e cada um sentava-se confortavelmente á espera de comida. A senhora Clarke e Catharina acolheram com mil gentilezas o moço advoga-

Synopse dos oito capitulos publicados — *Um velho fazendeiro australiano, Pedro Braz cuja origem é desconhecida, e de quem se não conhece familia, morre depois d'uma viagem tendo promettido a Helena Moss, cuja vida infeliz o commovera, e a João Millington, advogado intelligente em principio de carreira, deixar-lhes em testamento todos os seus bens que são avultados. Depois da morte, porém, não se encontra o testamento, e as propriedades, á falta de herdeiros conhecidos, entram em administração judicial. Faz-se leilão dos moveis; e alguns objectos da mobilia dispersam-se pelo mundo. Corre a lenda de que a alma de Pedro Braz anda penando e parece que a desventura acompanha sempre os possuidores diversos d'aquelles taes moveis que perteceram a Pedro Braz, o velho criador de gado. Um tal José Candler, vagabundo, chega por acaso a Malugalala; pede pousada, é recebido, e informa-se do caso do testamento de Pedro Braz. O criado d'este, Bob, rapaz gracejador, encontra na physionomia de José Candler parecenças com o fallecido patrão. Em conversa, pergunta lhe se elle vem recolher a herança, e accende-lhe assim o fogo da ambição. Faz o seu plano, procura o advogado Millington propõe-lhe dividirem a herança, fazendo-se elle passar por sobrinho de Pedro Braz. E' repellido severamente. Encontra um advogado desacreditado Geeves, e os dois associam-se n'uma demanda para obter a herança. Helena Moss parte para uma fazenda no interior, acompanhando, como governante, Francisco Crapp, jornalista, o qual vae substituir o dono das pastagens, seu amigo, que se ausenta por alguns annos. A fazenda Narenita é proxima de Malugalala. Helena Moss volta a visitar a antiga fazenda de Pedro Braz. Descre-*

do, e em volta da meza da ceia conversaram animadamente.

— Parece-me que tem de ficar captivo pela tempestade, se isto continúa — disse a senhora Clarke.

— Captivo pela tempestade? — replicou Millington, a quem não desagradou de todo esta idéa — pois isto continuará por muito tempo?

— Póde ser. Todos esperamos que seja uma cheia. Seria a salvação do districto.

— Seria de certo — confirmou o marido. A agua estava já muito baixa nos depositos. Bem podem procurar tornar-lhe o seu captiveiro forçado o mais confortavel possivel, accrescentou dirigindo-se para as senhoras.

A chuva parecia não querer nunca acabar. Cahia agua dia e noite sem cessar. O rio engrossara e os tanques trasbordavam. Não havia o minimo divertimento em Riverina, nem era possivel sequer sahir de casa, todavia o moço advogado admirava-se de achar deliciosa a vida. Catharina e elle passavam horas estudando duetos, tocando piano e conversando. As recordações de Narenita occupavam a parte mais interessante das conversas.

— Aquelles dois parece que se comprehendem muito bem, dizia o senhor Clarke á mulher, vendo-os n'uma tarde, na larga varanda coberta, ensaiarem umas voltas de valsa, que ambos entoavam para lhes servir de acompanhamento.

— Quando chegará o correio? Devo por certo receber agora uma carta de Sydney — disse João Millington, dirigindo-se aos donos da casa, n'aqulle mesmo instante, parando de dançar.

— Nenhuma esperança de receber correio pode ter emquanto durar este tempo. O factor não póde atravessar, emquanto o rio não descer. De mais disseram-me esta manhã que um dos tanques de barragem arrebentara, e formara junto da pequena ponte uma enorme albufeira.

— Por isso nem os jornaes de Neilpo ainda nos chegaram — concluiu a senhora Clarke.

— Ninguem póde aqui vir, nem ninguem poderá d'aqui sahir, emquanto continuar a chuva — confirmou o dono da casa.

Millington, repetidas vezes, pensou nos seus negocios parados em Sydney, mas devia confessar-se que estava bem satisfeito de ter desculpa para se demorar.

— Não posso de fórma alguma ir-me embora emquanto a chuva durar, todos m'o dizem — pensava para si, procurando tranquillizar a consciencia.

Assim decorreram dez dias, ao cabo dos quaes reunidos em volta da meza para o almoço, esperavam pelo senhor Clarke que ousara sahir. Afinal entrou afadigado, perguntando alegre:

— Estará o café ainda quente?

— Sim, respondeu-lhe a mulher, servindo-lhe uma grande chicara — Onde estiveste?

— Lá em baixo nos tanques. Estava receoso de que houvesse desastre. O tempo está serenando. E como para lhe confirmar o dito, entrou pela janella aberta um raio de sol. João Millington anathematizou intimamente aquelle raio de luz, elle que tanto gostava já da musica da chuva.

—Agora vae dar-se em dois ou tres dias uma grande transformação, — disse a senhora Clarke—O senhor não pode partir antes que baixe o rio, por isso terá opportunidade de a vêr.

— Mas eu precisarei forçosamente partir, mal aclare o tempo.

—Não deve ir ainda, mesmo porque não é possivel, e aproveitará vêr o aspecto unico que apresenta Riverina depois das chuvas. E' um acaso de uma vez na vida — e a sua hospedeira sorria-se, sorvendo um golo de café.

vem-se varios incidentes da vida do matto. Retoma-se em seguida a viagem de Walter Reid e sua familia, a casa de quem tinham ido parar os moveis de Pedro Braz, e sobre elles pesa a má sina que parecia perseguir os diversos donos dos taes moveis. Walter Reid morre deixando ao desamparo seus tres filhos, pouco depois de ter desembarcado na colonia; os pequenos alcançam collocação, e separam-se, obtendo a mais velha, Catharina um logar de governante em casa dos Green que são administradores da fazenda Narenita. Os moveis são mais uma vez vendidos em leilão e de novo se dispersam. O pretendente, Candler, á herança do tio Pedro Braz, visita acompanhado do seu advogado a fazenda de Malugalala. Bob vigia-lhe as intenções, e n'um dia, em que exercia esta vigilancia, descobre varios documentos que se referem á vida de Pedro Braz, embora nada elucidem sobre o testamento. Bob deu d'elles immediato conhecimento á senhora Moss que por seu turno os descreve em carta ao advogado Millington Entretanto Catharina Reid, visitando uma fazenda proxima de Nerenita, encontra uma amiga de infancia de sua mãe, a qual deseja leval-a para a sua fazenda em Riverina e sendo rica toma-a sob sua protecção, bem como aos irmãos mais novos. Catharina parte para a sua nova residencia, deixando á senhora Green saudosa recordação. O pretendente Candler á herança de Pedro Braz julgou opportuno propôr a acção, querendo justificar parentesco com o velho fazendeiro. Os documentos achados por Bob servem para desmascarar o embuste de Candler O acaso d'uma visita de Millington ás propriedades em administração em Golgolgoa fal-o encontrado com Catharina, de quem se enamora.

A menina Reid e elle sentaram-se na varanda, silenciosos, ambos antevendo o fim dos bellos dias ali passados, e ambos cheios de pezar intimo e inconfessado.

— Terei grande pena de deixar Riverina. Não julgava que n'um sitio tão distante e tão isolado podesse vir encontrar tanto prazer, disse João, quebrando o silencio. A vida na fazenda, no matto, é tão livre e sem convenções; nunca na minha vida apreciei tanto uma visita.

-- Sim, foi muito agradavel — replicou Catharina suspirando. — Quem sabe se nos encontraremos em Sydney.

— Vae para a cidade? — perguntou elle com anciedade.

— Sim, vamos para Sydney no proximo mez. Depois partimos todos para Inglaterra.

— Para Inglaterra! —e tomou alento, como se recebesse uma punhalada.

— Sim, para Inglaterra — confirmou Catharina serenamente, porém com declarada tristeza na voz.

Na manhã seguinte, quando o moço advogado sahia do quarto, a sua amavel hospedeira, chamou-o e disse-lhe: — Venha vêr, sr. Millington a primeira parte da transformação do scenario.

... E' a minha cadeira, affirma a sr.ª Moss...

Tão longe quanto a vista podia alcançar, cahia sobre o chão um nevoeiro verde-pallido. Era como se houvessem coberto a terra d'uma tenue gaze.

— O que é? — perguntou elle.

— Relva — foi a resposta.

— De certo que não é, duvidou sorrindo.

— E', e em poucos dias havemos de a vêr, ondeando ao sabor da briza. Bem se vê que não conhece Riverina.

— Se alguem me tivesse dito que existia o mais leve germen de vida n'esta arêa, eu teria respondido que era uma historia falsa. Se m'o tivessem dito quando aqui cheguei, não teria de certo acreditado.

Tres dias depois quando elle partiu para a sua jornada, a relva chegava-lhe á altura dos joelhos e todo o aspecto do paiz estava mudado. Era lindo de ser visto.

A despedida entre a menina Reid e elle foi muito formal, como são as despedidas entre aquelles que se encontram e teem sido amigos n'um curto convivio. Quanto elle desejaria dizer-lhe tudo que lhe ia na alma, e pedir-lhe para ser sua mulher, mas não se atreveu. Os seus actuaes proventos não lhe permittiam ainda tomar o encargo de familia, mesmo que ella acceitasse o pedido, do que elle duvidava. Aquella encantadora rapariga havia de ir para Inglaterra e elle perdel-a-hia para sempre. Pobreza, quanto és cruel! Se ao menos apparecesse o testamento de Pedro Braz, que bom seria! Sanavam-se todas as difficuldades. — Dirigir-me-hia a ella immediatamente e pedir-lhe-hia que fosse minha mulher— dizia elle, emquanto se recostava no vagon do comboio que o trazia outra vez a Sydney.

O moço advogado achou maior difficuldade do que suppunha em se entregar ao trabalho, e á medida que se passavam os dias com menor coragem se animava a abrir o correio. Catharina promettera annunciar-lhe quando poderiam chegar á cidade e uma carta d'ella quereria dizer o principio do fim. O que seria d'elle! Os dias e as semanas iam passando mas nenhuma carta veio de Riverina, até que chegou o fim do mez. O que queria isto dizer? Ardia em febre de desespero e de duvida. Avidamente lia nos jornaes a lista dos passageiros que partiam para Inglaterra, receoso ao mesmo tempo de vêr o nome d'ella entre elles, porém para sua intima consolação ainda não tinha apparecido até então.

Na propria manhã do ultimo do mez recebeu uma carta de Neilpo com a lettra de senhora.

Elle nunca tinha visto a calligraphia de Catharina, mas o caracter d'aquella lettra do sobrescripto não lhe fazia parecer que fosse d'ella; o talhe não correspondia ao que elle conhecia do temperamento da sua amada, e Millington gabava-se de ser eximio grapho-

logo. Com effeito a carta era da sua hospedeira, a senhora Clarke.

A bondosa senhora tinha-lhe adivinhado o segredo do coração e sympathisára com elle. Comprehendia que elle estivesse morto de curiosidade por saber noticias de Catharina, portanto escreveu-lhe delicadamente uma carta, dando-lhe conta do que mais particularmente lhe podia interessar. Que em virtude da doença d'uma parente, senhora de avançada edade, dona d'uma outra fazenda proxima, estava abandonada a idéa de partirem por agora para Inglaterra.

— Graças a Deus — exclamou elle em tom piedoso, não desejando comtudo mal á pobre senhora na sua doença. — Que o medico tinha vindo duas vezes na semana; que Catharina era com inexcedivel dedicação a principal enfermeira, visto que a senhora doente vivia só, e que elles, seus unicos parentes, não a abandonariam em Riverina.

João Millington viu n'este adiamento de partida um bom presagio para a realização do seu desejado projecto, e pareceu-lhe que a vida era melhor, e o trabalho mais leve e agradavel.

❁ ❁ ❁

Crapp recebeu em Narenita uma carta do amigo, a quem ficara substituindo na gerencia das propriedades, pedindo-lhe que fosse a Inglaterra. A educação dos filhos, a saude melindrosa da mulher obrigavam-o a demorar-se mais do que pensara, e negocios importantes reclamavam a sua presença. Assim Crapp teria as suas ferias, e accrescentava com uma leve ponta de ironia, teria tambem editor para o seu novo romance. Deixou Narenita acompanhado dos Moss, marido e mulher. Uma luzida cavalgada de amigos veio a dez milhas de distancia para lhe dar uma cordeal despedida. Os Greens acompanharam-o até Talworth.

O sr. Millington foi ao encontro d'elles na estação do caminho de ferro de Redfern, e levou Francisco Crapp para sua casa em Darhsighurst, onde havia de passar os dois ultimos dias da sua estada na colonia.

Os Moss foram para Bondi e deviam demorar-se ali uma semana em casa da velha tia da senhora Moss. — Precisamos de descanço, e a tia sabe quanto me é agradavel rever a minha querida e velha Sydney, — disse a senhora Moss com enthusiasmo. Não ha nada que se lhe compare no paiz. Todas as ruas, os barcos, os carros, as egrejas, são como velhos amigos. E' realmente encantador.

Na manhã seguinte procuraram João Millington no seu escriptorio.

— Não ha dez minutos que o Crapp sahiu d'aqui — disse o advogado. — Foi comprar alguns photos e outras miudezas para a viagem. Volta breve, e elle deseja passar estas ultimas horas junto dos amigos. E' verdade, deixe-me dizer-lhe que encontrei uma pessoa de sua amizade, — e Millington córou espantosamente.

— Sim, quem?

— A menina Reid.

— Quem disse?

— Sim, ella; encontreia-a hontem quando ia para a estação de Redfern.

— Ella parte para Inglaterra? perguntou a senhora Moss.

— Não, nem creio que vá, porque devo dizer-lhe que a pedi em casamento, embora não o possa realizar immediatamente.

— Estou bem satisfeita e felicito-o sinceramente.—exclamou a senhora Moss—desde que conheci a menina Reid achei sempre que devia ser sua noiva em breve. Onde está Catharina?

— Em Sydney agora. A senhora Pendrith esteve muito mal, sem esperanças de vida. Está agora melhor; mas o doutor prohibiu-lhe a longa viagem por mar. Estão vivendo em Burwood, e hão-de ficar muito satisfeitos de a vêr. Fallam muitas vezes em si e nas amigas de Narenita.

No dia seguinte de manhã reuniram-se todos no cáes para a partida de Crapp.

— E' verdade. Se souber alguma cousa do testamento, senhora Moss, não deixe de me participar—dizia Crapp abraçando um a um os seus amigos. Pouco depois encostado ao resguardo do tombadilho acenava com o lenço demoradamente para os que estavam em terra no caes vendo afastar-se o navio.

❁ ❁ ❁

Chegara o dia de regresso dos Moss a Narenita. Tinham de ir ainda fazer umas ultimas compras.

— Estou deveras contrariada por uma cousa, dizia a senhora Moss.

— Por quê? perguntou-lhe o marido.

—Estava certa de que, quando aqui viesse, a Sydney, encontraria a velha cadeira de Pedro Braz. Era mais do que um presentimento; era uma convicção. Estava certa d'isso.

— Era uma convicção enganadora, que se desfez, como fumo—disse o marido.

— Sim, estou desalentada. Pedi á Catharina que a procurasse, visto que vive agora aqui. Eu descrevi-lh'a, e parece que ella tambem tinha uma egual em Inglaterra e prometteu-me procural-a.

—Talvez a cadeira d'ella fosse a mesma. O sr. Millington contou-me uma vez que ouvira

dizer que os moveis tinham ido para Inglaterra.

—Isso é uma hypothese tua, e tão enganadora como a minha convicção.

Em quanto seguiam pela Arcada de Sydney, encontraram-se, como haviam ajustado, com a menina Reid.

— Oh, senhora Moss —exclamou ella, foi acaso á rua de Castlereagh ?

— Não ; porquê ?

— Porque está lá uma cadeira parecida com a que nós tivemos em Inglaterra, e como aquella que me descreveu. Está n'uma loja de moveis usados, sómente está pintada e com dourados.

— Vamos já vel-a, disse com enthusiasmo a senhora Moss.

— Não póde ser a nossa, porque esta é pintada, e a nossa era em madeira natural.

—Tambem a minha. Conhecel-a-hia em qualquer lugar que fosse. Eu gravei bem fundo as iniciaes P. B. e as minhas H. M. no vigamento da cadeira pela parte de baixo.

Catharina parou e olhou para ella espantada.

— Oh ! senhora Moss que notavel coincidencia! Essa era a nossa cadeira. Vendemol-a depois da morte de meu pae.

— Aqui ?

— Sim, aqui em Sydney.

— Vamo-nos sem demora — interpôz a senhora Moss.

Continuaram até a rua Castlereagh, indo através da Arcada Imperial, e breve estavam na loja de mobilia. Lá, arrumada a um lado, estava uma cadeira de braços antiga, luxuosamente dourada. A pintura dera-lhe um aspecto burlesco, que a anciedade de a descobrir lhes fazia completamente passar desapercebido.

O adelo, na impossibilidade de a vender tal como era, teve a brilhante idéa de mandar pintar e dourar o antigo movel. Assim ficou uma cadeira de braços antiga resplendente de pintura japoneza dourada.

— E' a minha cadeira — segredou a senhora Moss. — Conhecel-a-hia mesmo quebrada em pedaços.

— Não demonstres interesse, porque o homem então regateará no preço — disse o sr. Moss. Deixem-me com elle; porque, se pensa que temos desejo particular de a possuir, pedirá dobrado.

— Pergunta-lhe se tem retratos antigos, e depois ajustaremos o preço. Tenho empenho em encontrar os dois objectos — replicou a mulher.

Feita a pergunta disse que sim, que tinha muitos, a oleo, que os ia mostrar. Estiveram analysando miudamente, apparentando vêr só as molduras. O retrato porém não estava entre elles. Perguntaram se não tinha ainda outros. Não estava certo ; foi procurar. Em quanto elle se afastava, as duas senhoras levantaram a cadeira. Lá estavam as iniciaes.

... entre as telas um papel bem acamado...

O vendedor voltou com um retrato muito arruinado, unico que tinha encontrado. Era o retrato de Pedro Braz.

Affectando um capricho sem explicação plausivel, ajustaram os dois objectos por preço ridiculo para o desejo intenso que a senhora Moss tinha de os adquirir, mas ainda sufficiente para o adelo suspirar de allivio por se vêr livre de similhantes tropeços. Os artigos deviam ser empacotados e mandados para a estação do caminho de ferro, e pagaram-lhe ainda o empacotamento.

Foram depois ao Hyde Park em romagem de saudade, recordando o casual encontro que a senhora Moss ali tivera com o velho Pedro Braz, e por ultimo seguiram para o escriptorio de João Millington; Catharina tomou no caminho o tramway para regressar a casa.

— Sr. Millington, dê-me os parabens — exclamou a senhora Moss, quando entrava a porta do escriptorio.—Fiz um achado. Mal imagina. Encontrei a cadeira antiga de Pedro Braz, e o seu retrato ambem. Estão já comprados. Não esteja desalentado,—vendo-lhe passar na phisionomia uma sombra de desanimo — Deus está-nos protegendo e sinto que estamos em vesperas de grandes descobertas — e olhando para o marido que se sorria duvidoso:

— Sabes que te não deves rir das minhas convicções. Tiveste hoje uma prova bem evidente.

— Bem sei, — replicou elle com bondade.

— Presinto que a nossa vida só agora vae principiar — dizia a senhora Moss ao marido quando, sentados no *buggy*, seguiam para Narenita.

⊛ ⊛ ⊛

— Agora já me pareces melhor — dizia a senhora Moss, apostrophando a antiga cadeira. Ajoelhada defronte d'ella na varanda da casa de Narenita, com uma toalha na mão, continuava no seu trabalho de dias, tentando desfazer a pintura com que a haviam coberto e conseguira afinal com o auxilio da therebintina fazer desapparecer todos os vestigios do excentrico dourado, mesmo nas menores cavidades da talha.

... Sr.ª Moss, felicito-a ...

A cadeira ficou na varanda ao ar livre, para que se evaporasse todo o cheiro da agua raz, e só depois a collocou no seu quarto de dormir com uma almofada por cima.

— Sim, agora ao menos pareces mais natural; voltaste ao teu antigo estado, minha pobre cadeira. Agora falta-me limpar o retrato, — o qual tinha pendurado defronte na parede, afim de que, sentando-se, podesse vel-o e recordar-se do tempo ido.

Uma simples lavagem com vinagre e agua deu-lhe um aspecto brilhante e fresco.

— Mereces uma moldura melhor e logo que possa arranjar-te-hei outra. Podia ter dito ao Henrique para me trazer uma; mas não importa, melhor será esperar até que eu propria a vá escolher.

O sr. Moss voltara a Sydney para negocios relativos á fazenda e só regressava dentro de alguns dias.

Depois do chá levou o candieiro para o seu quarto. Sentou-se na famosa cadeira e ficou ali por algum tempo, reflectindo como aquelles dois objectos tinham viajado, as voltas que haviam dado, os diversos possuidores, a influencia nefasta que parecia terem produzido sobre a vida dos Reids, conforme lhe contara Catharina, e como elles andaram sempre juntos:

— Deve haver aqui algum mysterio! — exclamou, convicta.

Pegou na pintura para ir pendural-a, e examinou-lhe a moldura quebrada. Quiz concertal-a um pouco, e trouxe-a para cima d'uma meza. Como estivesse ajustando a tela enfunada, pareceu-lhe ver que havia duas telas em lugar de uma, a da pintura e outra de fundo pela parte de trás. Como mulher, não esperou para tirar os preguinhos; pegou n'uma tesoura e cortou. Entre as duas telas, um papel cuidadosamente acamado. Curiosa, tremula, retirou-o com todo o vagar porque quasi adherira ao panno e leu as primeiras palavras. Era o testamento de Pedro Braz.

Não finalizou a leitura, correu á varanda e chamou pelo criado:

— Corra depressa á casa do sr. Green e peça-lhe, se me póde conduzir a Talworth: preciso partir immediatamente para Sydney.

Instantes depois, chegava o sr. Green com o *buggy*.

— O que ha? o que succedeu? exclamou, reparando que a senhora, já prompta, trazia na mão uma pasta muito bem embrulhada e atada.

— Achei o testamento de Pedro Braz — replicou subindo apressada para o carro.

— E' possivel? O que me diz?

Ella narrou-lhe a maneira como o tinha encontrado. Seguiram com a maior velocidade, e de Talworth o sr. Green preveniu pelo telegrapho o sr. Moss para esperar na estação de Sydney sua mulher, e tambem a João Millington.

⊛ ⊛ ⊛

— Henrique até que chegou o dia feliz — exclamou a senhora Moss saltando do comboio. Chama um carro e sigamos para o escriptorio de João Millington — Encontrei o testamento!.. Admirados e surpresos ficaram silenciosos, e talvez n'este silencio houvesse um fundo de duvida. A senhora Moss contou-lhes o succedido.

— Feche a porta, João Millington — disse ella, emquanto este a seguia com o coração

palpitante. — De certo não quer ser interrompido hoje pelos clientes.

O advogado examinou a escripta, com a face pallida e as mãos tremulas. — E' o testamento intacto e perfeitamente valido. E' justamente como elle m'o dissera. Veja aqui, a penna da testemunha que disse ter esbarrado no papel ao fazer a assignatura e apontava os signaes onde havia salpicado a tinta. Muito solemnemente em seguida leu o testamento.

Era simples e curto. Depois de ter disposto de alguns legados a favor de todos os que estavam a seu serviço no tempo da sua morte, estatuia uma annuidade de quinhentas libras por anno a Roberto Hawbre, — aquelle excellente e activo Bob de Malugalala, e depois dizia: «Recommendo com muito interesse aos meus testamenteiros que procurem os descendentes directos, se existirem alguns, de Henrique Burgoyne, e, precisando elles, de distribuir-lhes mil libras por anno, ou, se não precisarem, de lhes dar, a cada um uma recordação em memoria minha e em lembrança da bondade que seus antecessores prodigalizaram a um pobre orfão sem amigos, e sem protecção. Deixo toda a minha propriedade de Malugalala a Helena Moss para seu unico uso e beneficio; o remanescente da minha fortuna toda e tudo mais deixo á dita Helena Moss e a João Millington, advogado em Sydney, para ser egualmente dividido entre os dois». E seguia-se uma enumeração promenorisada das propriedades.

— Senhora Moss felicito-a. — E' uma das mulheres mais ricas da colonia — exclamou Millington acabando a leitura.

Ella retribuiu os cumprimentos, dizendo:

— Nós tambem o felicitamos. Elle cumpriu com abundancia as suas promessas — murmurou a senhora brandamente, recordando-se do velho Pedro Braz, n'uma oração intima.

— Quer escrever a Crapp a contar-lhe tudo? — perguntou o advogado quando se levantaram para partir.

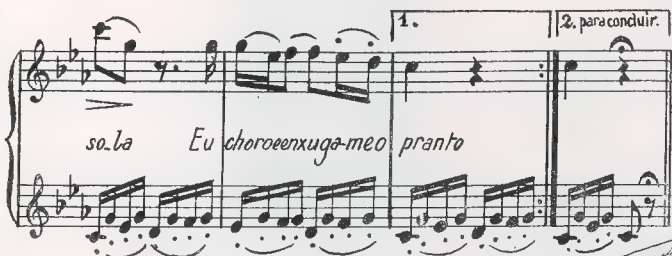
—Por certo! Como ficará surprehendido! E, diga-me senhor Millington, quando se realiza o seu casamento?

— Muito breve, de certo, respondeu sorridente o moço advogado.

Os Moss tiveram de se demorar na cidade mais tempo do que esperavam; porém, quando voltaram para o matto, eram já os donos da magnifica fazenda de Malugalala.

(Fim).

FÃO (ESPOZENDE). — PONTE SOBRE O CAVADO

DESCANTES
Versos de
José de Sousa Monteiro
Musica de
Aug. Machado
Andantino ♩=42.
PIANO
p
Pedia Deus que meou.
vis.se
poco cresc.
e Deus ouviu-me e eu sor. ri
Po. déra que não sor.
Ao mar de fereza brava
fui meus soluços levar;
mas, ao ver que eu soluçava,
deu-me consolos o mar.

Diziam-me as ondas máguas,
diziam-me as ondas dores.
Agora as marinhas aguas
tem beijos consoladores.

Santo Antonio. — Ceramica de R. Bordallo Pinheiro

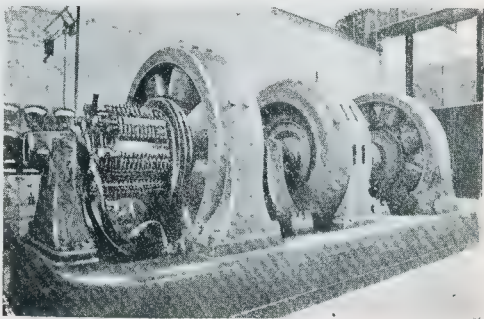
Vista geral das cataractas do Niagara

Utilização de forças naturaes

O NIAGARA

De todo o tempo travou-se rijo combate entre homem e a natureza, procurando aquella dominar as violencias d'esta, aproveitar-lhe a força desmedida, domesticar-lhes as bravezas indomitas, utilisar-lhe os beneficios gratuitos que ella rudemente prodigaliza. N'esta lucta incessante e profiada, o engenho e intelligencia humana supprem a inferioridade da sua fraqueza nativa, d'estas victorias, alcançadas á custa de grandes dispendios por vezes, iremos apresentando exemplos, que revistam caracter excepcional, como no artigo seguinte.

As cataractas do Niagara, as famosas quedas d'agua, são, como é sabido, as maiores do mundo, e pela intervenção intelligente dos americanos constituem hoje a origem da maior e da mais poderosa força electrica que se conhece. O Niagara domesticado, docil e benefico, transmitte n'um circulo de 200 kilometros de raio, por meio d'um engenhoso systema de canaes e de cabos, a sua força brutal, illuminando cidades e aldeias, animando as fabricas, actuando as machinas. O rio Niagara recebe o seu enorme volume de agua dos lagos Eric, Michigan, Huron e Superior para a derramar, quasi immediatamente ao salto vertiginoso das suas quedas, n'um outro lago, o Ontario.

Estas ultimas teem uma altura de 48 metros e uma largura de cerca d'um kilometro, comprehendendo a ilha da Cabra (Goat's Island) em forma de ferradura e que separa, como fronteira, o territorio americano do canadiano. Uma immensa toalha d'agua precipita-se d'aquella altura na proporção de meio milhão de toneladas por minuto, e pode desenvolver uma força

Um grande dynamo

de oito milhões de cavallos-vapor, segundo calculos de engenheiros. Por em quanto ape-

nas uma pequenissima parcella d'aquella força colossal está aproveitada, e todavia suppre com vantagem de preço o carvão e o gaz.

Uma companhia exploradora, cujas officinas offerecem aspecto fascinador pela grandeza, fornece 50.000 cavallos de força e completa as suas installações para elevar a 100.000 a offerta dos seus serviços, transmittidos a distancia por cabos pouco mais volumosos do que um dedo pollegar.

Esta companhia construiu ao longo do rio e acima das quedas um canal de cerca de dois kilometros de comprimento, que vem trazer a agua a tubos especiaes, a qual pelo facto da queda da altura de 48 metros produz a força necessaria a mover series de turbinas, essas magnificas rodas hydraulicas horisontaes de pequeno diametro, as quaes por seu turno actuam poderosos dynamos productores. A agua, depois de ter impulsionado directamente as turbinas, é novamente conduzida por canal um subterraneo ao rio Niagara.

Fabricas estabelecidas sobre a escarpa da margem, anteriormente á introducção da força electrica

Secção de dynamos que produzem a força electrica

Tal é em resumo o systema de utilização d'esta poderosa força natural, e o exame das gravuras que acompanham este artigo elucida melhor do que uma descripção minuciosa a sequencia do processo empregado, cujos beneficios são aproveitados por uma área tão consideravel, onde a actividade emprehendora dos americanos encontra meio facil de se multiplicar.

Desde longos tempos e desde afastadas épocas, a força produzida pelas quedas d'agua foi aproveitada em trabalhos diversos, movendo os moinhos e as azenhas, e a mecanica hydraulica applicou o seu esforço inventivo em aperfeiçoar os motores actuados pelas aguas correntes, tanto na construcção das reprezas e das barragens, como das rodas e das turbinas, destinadas a transformar o impulso das aguas no movimento rotativo da arvore de força que produz o trabalho util. Principalmente na construcção das turbinas tem havido um decidido progresso.

Com o desenvolvimento dos meios de producção de electricidade, que mais recentemente tem occupado a attenção dos mecanicos inventores, e a qual ainda exige o emprego previo d'um motor qualquer, origem do potencial electrico, as quedas d'agua naturaes ou artificialmente produzidas, todas as vezes que se dispõe d'um curso de rio e d'um desnivel conveniente, teem sido aproveitadas, e por isso pequenas terras, insignificantes como população ou como importancia fabril, sómente gosando da proximidade d'um rio, manso e limpido, correndo sinuoso através de prados cultivados, ou d'um caudal rapido descendo apertado entre rochedos escarpados em declive vertiginoso, affectam a apparencia de luxuosas cidades, illuminando as estreitas ruas e as suas modestas casas com a luz scintillante das lampadas electricas. Curioso aspecto e estranha surpreza se observam, por exemplo, n'este genero, quando se viaja nos baixos Pyreneos, onde abundam localidades de pequena importancia assim illuminadas.

Secção das turbinas que desenvolvem a força motriz

E' certo, porém, que na Europa ainda as grandes quedas d'agua são mais falladas como aspectos pincturescos do que como productivas de força industrialmente applicada e transmittida a distancia. Esta caracteristica ultima pertence sobretudo ao arrojo pratico do novo mundo, e nenhum exemplo mais frisante se conhece do que aquella subordinação das violentas cataractas do Niagara; os cabos telodynamicos seguem d'ali em sentido divergente, irradiando e complicando-se em malhas apertadas, do ponto central productor para distancias consideraveis, conduzindo a sua energia creadora.

Todavia, na Europa conhecem-se localidades onde se podia constituir fontes semelhantes de força para applicar ás industrias, e no nosso paiz bem facilmente se podia generalizar este processo hydraulico, evitando o consideravel dispendio dos motores de carvão de pedra, importado do estrangeiro, o que é uma perda d'ouro constante, e o que não raro encarece desmedidamente o preço da producção fabril, para a qual o custo do combustivel e seu transporte são excessivos. E' certo que nem sempre o motor hydraulico pode fornecer força durante o anno, nem offerece a regularidade por vezes exigida ao motor; tem a sua utilização difficuldades e inconvenientes, mas a intervenção moderna do dynamo, creando uma nova energia, a electrica, que assim é intermediaria, resolve muitos dos primitivos inconvenientes.

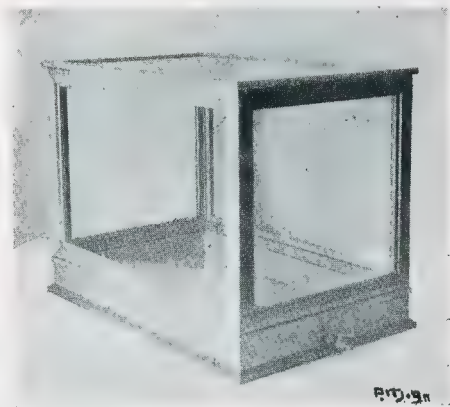
ESTUFIM DE SALA

DESENVOLVE-SE de dia para dia o gosto pelas decorações do interior de casa com plantas ornamentaes e com flôres naturaes. Já vae longe o tempo em que alguns feixes ou pennachos de *gynerium* prateado bastavam para enfeitar as jarras, acompanhados por vezes de escassas flôres artificaes; hoje espalham-se pelas salas abundantemente os ramos de flôres cortadas e frescas e junto d'uma ou outra janella estabelecem-se estufins onde se cultivam algumas plantas de folhagem permanente ou extravagante que alindam o interior da casa, recordam em miniatura um trecho de paisagem, supprem quanto possivel a falta de jardim na forçada sobreposição dos andares de aluguer. Como modelo d'esses estufins, que muitas vezes attingem o aspecto de objectos de arte, damos nas tres illustrações, que acompanham este artigo, as sufficientes indicações para quem modestamente quizer mandar construil-os, tirando todo o partido possivel das condições artificiaes em que as plantas teem de viver. Vê-se bem claramente que é essencial serem moveis os caixilhos de vidro lateraes da caixa, afim de arejar o interior convenientemente, quando se queira, e de tratar as plantas á vontade; o caixilho superior é em geral movel em torno de machas-femeas ou gonzos, e os lateraes movediços por inteiro. A parte inferior é constituida por uma caixa de zinco da altura normal dos vasos que se pretende collocar dentro, sendo, porém, aproveitada muitas vezes para constituir o proprio alegrete. N'este caso, colloca-se no fundo uma cama de escorias de carvão, cisco, que favorece a drenagem e a conservação das raizes, deita-se-lhe por cima a terra vegetal e recobre-se de musgos com os quaes vão excellentemente os fetos, os adiantos, as avencas arrendadas e os lycopodios minusculos. Escusamos descer a minudencias de construcção do estufim, porque suppômos sufficiente o exame das gravuras; são variaveis, é claro, as dimensões, e d'ellas depende a maior ou menor grossura dos sarrafos para a construcção; apenas recommendamos simplicidade no processo de ajustar ao seu respectivo lugar os differentes caixilhos, o que se consegue, prendendo-os na parte inferior por fulcros que se encaixam em buracos abertos no rebordo da base, que constitue a caixa de terra, e pela parte superior com cavilhas que passam através de fendas abertas no re-

bordo tambem superior do estufim que constitue a cimalha e aro do caixilho da tampa. Convêm recommendar ao marceneiro o emprego de madeira bem secca, e ainda pintal-a com mais demãos do que as habituaes ou empregar tintas espessas, afim de que a humidade constante não tenha acção muito effectiva sobre ella.

São variadissimas as colleções de plantas que podem assim cultivar-se, e a sua escolha depende das dimensões do estufim e do gosto da amadora que lhes dispense cuidados. Na figura que representa aqui um canto do salão vê-se á esquerda um specimen de *nephrolepsis cordata*, feita de folha escura e compacta, vê-se tambem á direita um onduloso *scolopendrium vulgare* em frente d'uma *cystopteris bulbifera*, que é o mais rendilhado de todos os fetos oriundos da America. Mais pequenos specimens do mesmo feto estão em evidencia adiante dos outros. Um *pteris* dobra os seus dedos pelludos para o centro do estufim e accresce-lhe a belleza pelo contraste do córte e da côr da folhagem.

Os accessorios floraes para acompanhar os fetos são sempre leves e delicados. Ha collecções de plantas originaes que podem ser facilmente mettidas no musgo e á medida que os mezes seguem vão abrindo os seus thesouros floraes.

Principiando pelo abril temos o *arbutus*, a flôr Puritana, modesta simples e suave—em botão e em flôr. A aerea flôr de espuma *(Tiarella cordifolia)* e violetas, brancas e azues, correspondem a maio. Junho encanta-nos com a flôr-gemea *Liunœa borealis*, que se dá perfeitamente em casa em lugar humido e com musgo e tem um lindo tom avermelhado. Segue-se julho com a sua perfumada *pyrola*

ou folha de canella, e em agosto completa-se a ornamentação com uma ou duas orchideas.

Em setembro evidentemente tecem as tranças das damas em volta da caixa de fetos, e são do melhor effeito as bonitas flôres brancas em espaço limitado, entre musgos e lycopodios. Outra belleza floral bem util é a *dallibarda*, renovo da familia das rosas que esmalta de julho a outubro o tapete musgoso dos brejos.

Se fôr preciso mais decorações floraes para uma occasião servem então as flôres cortadas, porque a caixa de fetos acceita todo o revestimento que a imaginação lhe queira ordenar. Se as flores applicadas são de qualidade delicada, será melhor retirar o caixilho da frente para evitar que murchem. As flôres de macieira e da azalea brava, amores perfeitos, a infinita diversidade de flôres, podem então ser empregadas com tanto que tenham aspecto leve e delicado.

Fallamos propositadamente em fetos, porque a moda voltou-se para estas plantas ornamentaes, procurando e cultivando as differentes especies e variedades desde os mais frondosos e elegantes sombreiros dos gigantescos fetos arborecentes até os mais rendilhados e mimosos, apenas herbaceos, por vezes lipputinianos, delicadas miniaturas vindas de todas as partes do mundo, de Java e de Ceylão, da America e das Indias, da Africa tropical e da Australia. Para outra vez fallaremos d'outras familias de plantas ornamentaes que enfeitam excellentemente o estufim das salas.

MODAS

Na ultima chronica que aqui escrevemos sobre caprichos de modas, affirmamos que ainda se prolongaria pelo verão a dentro a mesma hesitação, um pouco versatil, que ia caracterisando as predilecções primaveris. Eram as indicações meteorologicas a influenciar directamente n'este dominio da phantasia; a temperatura, conservando-se baixa para a quadra do anno, a humidade, continuando a pôr friezas irritantes no fundo do ar puro, afastavam naturalmente o desejo de adoptar as *mousselines* e as rendas, as cassas leves e vaporosas que predominam todos os annos na entrada do verão. D'aqui uma hesitação justificada para generalização de *blouses*, e uma preferencia inesperada pelos *boleros* e pelos casacos, genero *tailleur*, necessidade de agasalho contra bruscas virações resfriadas; mas, o sol claro de junho, o céo azul desmaiado, a efflorescencia garrida das plantas e dos parques, as festas marcadas de elegancia estival, a pedirem a *toillete* vistosa, ousada *coquette*, clara para resaltar sobre o fundo verde das *pelouses*, para receber os mil reflexos da luz coada por entre a folhagem das arvores copadas. Houve, portanto, um recurso engenhoso: as flanellas brancas, as fazendas de linho ou de linho e algodão brancas muito macias, muito flexiveis, apropriadas a pregas largas e bem vincadas, enfeitadas de botões e de rendas. Entre estas fazendas, appareceram no mercado algumas levemente tintas de azul muito pallido ou d'um tom lilaz esmaecido que foram logo procuradas com avidez

para quebrar a monotonia do branco. E na previsão de que a temperatura se elevasse afinal, como se o sol quizesse desmentir os astronomos que lhe encontraram agora largas manchas augmentadas, vieram os *foulards* e estes adquiriram uma preferencia decisiva, bem como as fazendas de tecido chinez em seda e linho, leves, brilhantes, de tons unidos, que se prestam a todos os feitios e a todas as composições.

⚜

Para acompanhar o gosto mundano, mas limitando o custo excessivo d'estas fazendas exoticas ou de imitação de exotismo, generalizaram-se as alpacas, predominando as de tons azues muito diluidos. Appareceram n'estas *toilettes* os botões de prata, ricamente cinzelados. Para vestuarios de jantar e de noute, a renda e o bordado são os enfeites predilectos, sobretudo os bordados em côres orientaes, em caprichosos desenhos turcos, persas, e para consolação europêa arabescos phantasiosos da Roumania. Estes enfeites empregam-se em geral sobre as fazendas de linho e seda de que fallamos. São menos usadas as sedas puras e fortes e preferem-se os tafetás que são na verdade muito apreciados, tendo apparecido, como novidade, um especial denominado *invicta* que pela sua flexibilidade veste muito bem. Notam os que examinam profissionalmente os grandes armazens de modas que se faz numero de *toilettes* de rua, muito superior ao que anteriormente se via encommendado, e os vestuarios propriamente de casa são menos procurados, o que traduz nas modas os habitos cada vez mais accentuadamente masculinizados que o sexo fragil vae adoptando. Os deveres do *sport* assim o exigem. De manhã, os vestidos elegantes que apparecem nas *courses* de compras, de hygienico passeio, de exercicio ao ar livre, affectam quasi sempre o genero alfaiate, ajustados, proprios a permittir os movimentos ageis e vigorosos, as saias curtas, as botas altas de couro de russia ou de pellica colorida de amarello, as mangas largas, as golas derrubadas, os largos chapeus de palha enfeitados com uma flôr, presos aos cabellos por alfinetes de preço, com pedras preciosas e brilhantes, recurvos como antennas de insectos.

Em contraposição, a este feitio masculo,

desembaraçado, e captivante, que se presta á accentuação das curvas sensuaes, das fórmas ondulantes, dos bustos reforçados e firmes, que os colletes direitos, completados por corpetes de espartilhos na parte superior, ainda mais põem em evidencia, em contraposição, diziamos, irrompe com visos de dominação um renascido gosto romantico, exhumando

feitios, tendencias e gostos das grandes damas do principio do seculo XIX; com exuberancia de folhos sobrepostos, com largas mangas cahidas, com *avalanches* de rendas e de tules bordados. Vê-se por esta rapida enumeração de generos quanta variedade a moda admitte, mantendo uma certa harmonia com o uso corrente, mas individualizando conforme as classes, as posições sociaes, e a formosura pessoal das elegantes. Citaremos ainda para definir aquelle gosto romantico, que irrompe tambem pela litteratura e acclama Rostand, uma toilette que fez sensação n'uma grande e recente festa parisiense ao ar livre, era em fazenda branca, com cinco folhos e cada folho uma tira bordada a côres orientaes e duas fitas pretas passando e repassando em volta, através de fendas abertas no folho, com as mangas largas da mesma fórma com folhos, um cabeção sobre os hombros, um largo chapeu levantado ao lado.

As illustrações que acompanham este artigo dão uma idea bem clara do gosto geral que predomina não só em vestuarios de passeio ao campo e de visitas na cidade, mas tambem em variados modelos de *blouses*.

A primeira gravura representa um costume de blusa chamada camisa, em mohair brilhantina, d'uma côr neutra, uma das fazendas mais apropriadas ás excursões de verão, compras, etc., e muito recommendavel pela sua bôa qualidade, resistindo a uso prolongado e repellindo a poeira. O modelo aqui desenhado foi feito em fazenda côr de cinza, mostrando pequenos salpicos ou pontos, tendo ficado uma elegante *toilette* muito elogiada na *garden-party* onde appareceu. A blusa camisa é toda em pregas, e a decoração supprese por fitas de velludo preto e ornamentações ou applicações de tafetá bordado. Pregas simulando um forro estão collocadas ao centro nas costas e tambem na frente onde occulta o fechado. A gola e os punhos da camisa mostram fitas de velludo e o motivo da decoração é o mesmo que apparece na superficie das mangas em forma de mitra de bispo. A saia tem a fórma redonda e sete airosos

gommos com um forro pelo avêsso. Fitas de velludo acompanham as costuras da saia, grandes enfeites prendendo as extremidades e os quaes tambem se usam para o cinto. Tanto se pode fazer o vestido curto como comprido, sendo esta mais uma qualidade por que se recommenda.

Esta segunda illustração representa um costume, tambem de blusa camiza. A combinação de tafetás e rendas que se lavam é eminentemente appropriada ao modelo aqui apresentado. A blusa camiza mostra delicadas pregas em effeito de peitilho á frente, e de cada lado das costas estendem-se grupos de pregas do pescoço até a cintura. Entremeios de renda cobrem o simulado forro de pregas sob o qual se fecha na frente, dispondo-se sobre as pregas da blusa e das mangas motivos bordados illuminando o cabeção da blusa. Rendas de entremeios, que teem tres quartos de comprido, dão acabamento ás mangas, especialmente bonitas quando enfeitadas de renda.

Pequeninas pregas nos cinco gommos da saia; e dispõem-se a intervallos, sobre as pregas, como estão dispostas na blusa, diversos motivos de flores. Uma tira de inserção finaliza a parte de baixo da ourela ou bainha, e adopta-se uma roda media, sendo destinado este modelo tanto para saias compridas como para redondas.

A terceira gravura reproduz tres modelos de *blouses*: a primeira é um modelo em flanella, enfeitado de flanella branca, recortada e debruada de fita de velludo preto. Esta blusa une-se em baixo e na frente, mas é aberta no pescoço para mostrar um peitilho de fazenda em pregas, enfeitado de velludo. A gola tem debrum branco por cima e por baixo do enfeite de velludo; rodeia o pescoço uma especie de triangulo em seda preta.

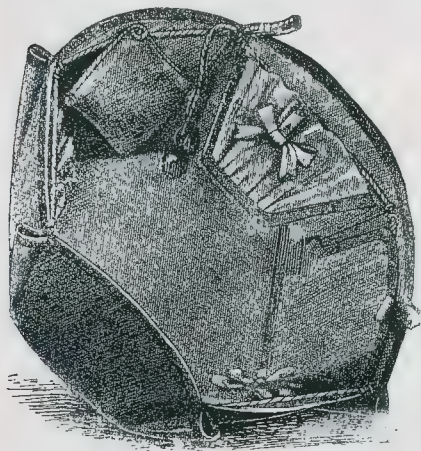
As mangas largas são enfeitadas nos punhos com um pequeno fôlho de flanella branca recortada de velludo, unindo-o todo com um punho estreito. Apresenta o segundo modelo da gravura uma blusa de seda em pintas com um peitilho de renda e fôfos de cambraia desde o cotovêlo até o punho unidos com renda e pregados n'um punho estreito. A frente da blusa é pregada na borda do peitilho de renda e apertada debaixo do braço esquerdo e por cima do hombro esquerdo. As mangas são muito justas até o cotovêlo ao mesmo tempo que os fôfos de cambraia são franzidos n'uma tira bordada acabando na extremidade com uma renda larga, cosida na cambraia e unida depois n'um punho em bicos.

A terceira representa uma blusa de brocado de seda, enfeitada com tiras de velludo e coberta de renda de *gripure*. O corpo de renda transparente é ligado com velludo tendo na extremidade medalhões de velludo cobertos de renda. De cada medalhão sae uma tira de velludo que segue até á cintura. A blusa na frente é trazida até á cintura um tanto comprida e firmemente ajustada por debaixo do cinto. As mangas, que são repregadas nos hombros, são enfeitadas com medalhões de velludo e renda e a manga em fórma de campainha é enfeitada da mesma fórma.

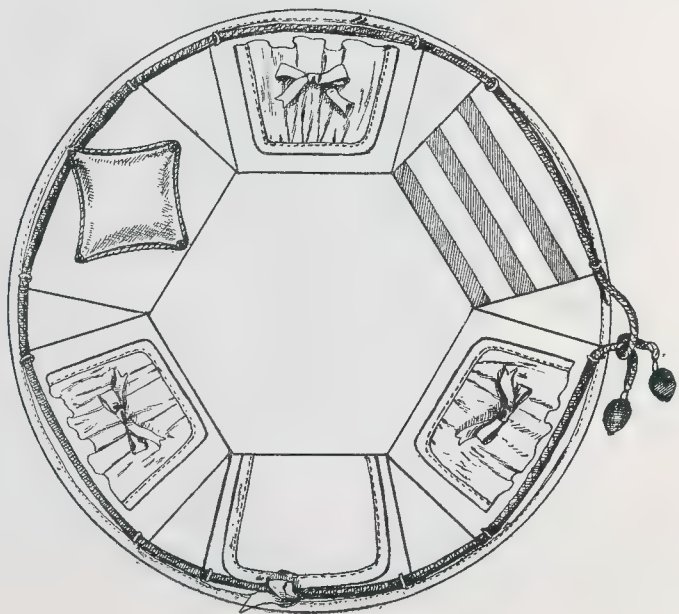
Um elegante vestido mostra a nossa quarta illustração, feito em *cheviot* cinzento, mosqueado, enfeitado de seda branca, cordão e debrum de phantasia. A saia de roda media, tem a forma de cinco gommos e tem nas costas uma prega invertida.

Uma aba Luiz xv, em quatro divisões *(quartos)* alonga a veste, o que lhe dá um aspecto de casaco largo e fluctuante. A veste é simplesmente feita e o cinto vem prender-se debaixo das frentes; a gola é arredondada e um airoso cabeção, tambem em arredondado contorno, cahe sobre os hombros. Punhos voltados completam as mangas com duas costuras unidas.

TRABALHOS MANUAES

Cesto de costura. — Todas as mezas de costura tem um cesto para guardar os differentes pequenos objectos essenciaes de costura, e aquelle que se apresenta aqui parece

satisfazer ao fim com uma certa elegancia e bom gosto.

E' feito de cartão, coberto de seda e a sua construcção simples está bem applicada pelo diagrama. O centro é hexagonal, e os lados são cortados em secções e arranjados a formar um perfeito circulo quando está ainda desatado o cordão que ha-de correr através de argolas, fixadas nas differentes faces. Estes bocados do lado são cosidos ao fundo, ou se o cartão for de qualidade a ser simplesmente vincado pelas dobras, melhor se arma o cesto; quando o circulo está completo, colloca-se todo sobre um pedaço de seda cortado perfeitamente redondo e o forro arranjado de egual fórma, arrematando na parte superior com debrum de seda. Os bocados dos lados servem de base para varias divisões ou bolsas, de guardar linhas, botões, dedal, e tambem a carteira das agulhas e almofada para alfinetes como se vê na figura junta. As tres bolsas são feitas de seda e debruadas com fitinha estreita acabando com um pequeno laço, que lhes dá melhor aspecto. A carteira de agulhas é feita de flanella branca e o exterior de seda para irmanar com as bolsas; é debruada com fita e atada na extremidade com um pequeno laço. A almofadinha de alfinetes é feita de seda e debruada em volta com cordão de seda. Tiras de côres diversas formam as divisões para tesouras e furador no lado da restante secção. Seda floreada, setim ou cretonne devem servir para fazer este cesto util, e sendo tanto mais attrahente quanto as côres forem brilhantes e claras.

O cordão corre, através de argolinhas de metal, na extremidade superioı para puchar o cesto a formar o feitio, arrematando com borlas de tamanho regular.

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

Acontecimentos politicos e sociaes

Março.—1 *Marrocos*— A kabila Bienosmar recebe uma carta de Roghi, dizendo que será coroado brevemente em Fes e pedindo-lhe que vigie a praça de Tetuan de cujo governo será encarregado um dos seus chefes. Recebem-se noticias de terem sido commettidos recentemente nas visinhas kabilas dois assassinios e varios roubos.

2 *San Salvador*—O general Regalado transmitte a presidencia da Republica ao general Escalon, eleito presidente. E' a primeira vez em 50 annos, que esta transferencia se effectua sem conflicto. — *Turquia* — O correspondente do «Daily News» é expulso pelo Sultão da Turquia por ter feito o relatorio das atrocidades commettidas pelo governo turco.

3 *Marrocos* — Roghi com forças não superiores a 300 homens interna-se nas montanhas de Schahunhass.

4 *Dinamarca*—Devido á exaltação dos animos por causa da eleição do presidente da municipalidade em Copenhague dão-se varios tumultos que chegam a adquirir graves proporções. — *Marrocos*— Um grande banqueiro recebe do governo marroquino a missão de negociar um emprestimo nos Estados Unidos, para se fazerem importantes compras de armas e munições.—*Portugal*— Em reunião de moageiros de Lisboa e Porto fica assente a fusão de toda a moagem do paiz, subsistindo apenas um comprador de cereaes e um unico vendedor de farinhas.

6 *Corêa* — O governo da Corêa negoceia com banqueiros belgas um emprestimo de seis milhões de libras com a garantia do rendimento das alfandegas.

8 *Venezuela* — Um decreto restabelece o bloqueio do Orinoco, nos portos de Guanta e Carupano por forças venezuelanas.

9 *Estados Unidos* — Os aperarios das industrias de ferro em numero de 500:000 ameaçam fazer gréve, reclamando augmento de salario. — *China* — Chegam noticias de haver ali agitação contra os inglezes.

10 *Portugal* — Chega ao Funchal o sr. Chamberlain, sendo aguardado pela colonia ingleza e muito povo.

12 *Marrocos* — De Tanger referem que as desordens locaes augmentam ao norte do imperio. Os roubos de munições repetem-se constantemente.—*Argentina* - O governo argentino convida o governo de Washington a declarar que a divida publica de uma nação americana não póde autorizar nenhuma intervenção europêa, mas os Estados Unidos recusam fazer essa declaração. — *Portugal* — Em Coimbra grande massa de povo, armado com cacetes e com pedras percorre as ruas da cidade, reclamando a annullação das licenças e das multas impostas pelos fiscaes do sello. Ha um ruido de ensurdecer, gritos, e as proprias mulheres proseguem agitando varapaus, como para uma revolta. No mercado falta totalmente tudo. Fecham-se fabricas e todos os estabelecimentos commerciaes e officinas. A gréve não termina sem serem abolidas as licenças os grévistas não acceitam medidas provisorias. — Dão-se conflictos com a força armada, que faz fogo sobre o povo, mas de pontaria alta. Ha felizmente apenas duas victimas. — *França* — Ha no parlamento em Paris forte e violenta discussão acérca das congregações religiosas. — *Congo* — Descobrem-se importantissimas minas de cobre no Congo belga.

15 *America*—O senado rejeita varias emendas do tratado relativo ao canal inter-oceanico de Panamá, uma das quaes tende a submetter o tratado á França, e outra pede a concessão perpetua de um tratado de territorio ao longo do canal.

23 *Uruguay* — Segundo as condições de paz, cinco governadores provinciaes são escolhidos pelos nacionalistas: os insurrectos deporão as armas e haverá amnistia para todos.

25 *Inglaterra*—A camara dos communs em Londres approva em primeira leitura o projecto de melhoramento da situação dos agricultores da Irlanda por meio de adeantamentos

feitos aos rendeiros para poderem comprar as propriedades aos senhorios.

31 *Portugal* — Em resultado da gréve que se deu em Tortozendo alguns grévistas percorrem as ruas da povoação gritando «temos fome».— Em Silves declaram se em gréve os operarios da casa Villarinho & Sobrinho, por causa das horas de trabalho. O sr. conde de Silves, chefe da casa, declara annuir, mas só até se manipular a cortiça existente, depois fechará a fabrica.

Abril **1** — *Marrocos* — As kabilas de Beni-Hassan e Cheraghna travam combates entre si no caminho de Tanger a Fes.

2 *Russia*—Em Ufa dá-se um conflicto sangrento entre os soldados afim de manter a ordem publica fazem uma descarga contra os operarios grévistas matando 28 e ferindo 50. — *Hespanha*—Em Salamanca os estudantes apedrejam os gendarmes; estes para manter a ordem fazem varias descargas. — *Portugal* — Chega a Lisboa sendo recebido com enthusiasticas ovações e com a solemnidade devida á sua altissima posição Eduardo VII rei de Inglaterra, primeiro imperador das Indias.

3 *Hespanha*—Os estudantes de Madrid fazem grandes manifestações pelas ruas, afim de protestar contra os successos de Salamanca, onde ficaram trez estudantes mortos e varios feridos. A policia dá cargas contra os manifestantes.

5 *America*—Em Mexico declaram que toda a republica é partidaria da candidatura de Porfirio Diaz, para occupar a presidencia nos annos 1903 a 1908.

6 *Hollanda* — A junta de defesa dos trabalhadores de transportes e as direcções das associações operarias em Amsterdam, votam a gréve geral de todos os ramos de transportes por agua e por terra, inclusos os caminhos de ferro. — *Servia* — Travam-se em Belgrado desordens entre funccionarios publicos e estudantes. A cavallaria faz carga sobre os discolos, disparando alguns tiros, sendo numerosos os feridos.

7 *Marrocos*—Em Melilla 3:000 homens pertencentes ás kabilas Guelaya Mazuzde e Trajana atacam Alkazaba e Trajana.

8 *Hollanda*—E' proclamada em Amsterdam a gréve dos operarios dos metaes havendo disturbios defronte do escriptorio central dos correios e telegraphos, e ficando feridos dois homens.—*Italia*—Estão em gréve os typographos, os cocheiros de praça e o pessoal dos «tramways» em Roma. —*Hespanha*— Em Gijon estão em gréve 5:000 operarios. Os estabelecimentos commerciaes fecharam.

10 *Hollanda*—Uma reunião monstruosa das Uniões dos trabalhadores federados, reprovam as resoluções da Junta de defesa e decidem continuar a gréve.

11 *Servia*—E' descoberta em Belgrado uma conspiração contra o rei Alexandre.

12 *França* — Abre-se em Bordeos o congresso geral socialista francez sob a presidencia de Cipriani.— O presidente Loubet parte de Paris para Marselha afim de embarcar ali para a sua viagem á Argelia. Acompanha-o os srs. Falliers, presidente do Senado, Delcassé, ministro dos negocios estrangeiros, e Pelletan ministro da marinha.

13 *França* — A proposito do congresso catholico ha manifestações ante-clericaes em Brest, travando-se desordens em que são espancados agentes policiaes.

15 *Africa do Sul*—Ha negociações diplomaticas entre a França, Allemanha e Hollanda para entabolar um accordo commum a favor dos caminhos de ferro neerlandez e do sul da Africa. Os ditos governos dirigem nota a Inglaterra reclamando um accordo na questão. — *Hespanha* — Salmeron parte para Valencia com o intuito de conciliar os dois grupos em que ali se acha dividido o partido repubilcano e que se degladiam encarniçadamente quando se encontram frente a frente.

17 *Marrocos*— O pretendente ás portas de Fes approxima se d'aquella capital á frente de forças importantes, reinando ali grande alvoroço.

19 *Marrocos* — O sultão ordena que saiam immediatamente todos os europeus de Fes, inclusivé o coronel Mac-Clean, em quanto a cidade está ameaçada por Roghi. Em Mekines a situação é alarmante.—*Turquia*—Dá-se um recontro entre os bandos insurrectos e as tropas ottomanas, perto de Ochrida no vilayet de Monastir, tendo ficado mortos 200 homens

20 *França* — Em frente do convento dos frades capuchinhos em Mans dá-se ruidosa manifestação aos gritos de: Viva a Liberdade, effectuando-se vinte prisões.

22 *Estados Unidos*—Uma importante comcompanhia que explora minas de carvão e ferro em Philadelphia despede 30:000 operarios que se negam a trabalhar 9 horas.

23 *Russia*—Dão-se desordens anti-semistas entre os operarios em Kischinew, ficando mortos 25, feridos gravemente 75, e ligeiramente 200. E' proclamado o estado de sitio na cidade e no districto de Kischinew.

24 *Russia* — Na Bessarabia dá-se grave conflicto com os judeus, os que são atrozmente massacrados. — *Hespanha* — Em Aranjuez as classes pobres amotinam-se, por ter encarecido o pão. Travam-se conflictos ficando feridas algumas pessoas. Fecham-se os estabelecimentos.

26 *Bulgaria*—Em Sofia é assassinado com uma punhalada no coração por um albanez, o novo consul da Russia em Metrowitza. — *França* — Em Saint Nicolas-du-Port a populaça expulsa á pedrada os jornalistas que vão vêr o convento, travando-se conflicto e ficando feridos 2 homens.

29 *America*—Na republica de Honduras os rebeldes aprisionam o general Sierra ex presidente d'aquella republica fuzilando-o em seguida.

30 *Hespanha* — Em Oviedo o povo desenfreado ao celebrar-se a proclamação do deputado do grupo triumphante em Oviedo intenta assaltar a camara. A guarda civil quer evitar o assalto, o povo aggride a força publica, disparando-se tiros de parte a parte ficando cinco pessoas mortas e outras gravemente feridas.

Maio 2 -- *Russia* -- Dão-se em Tomsk grandes disturbios, sendo arvoradas bandeiras vermelhas, soltos gritos sediciosos e cantados hymnos revolucionarios. São presos numerosos manifestantes. — *Turquia* — Em Salonica descobrem-se trincheiras e minas excavadas debaixo dos principaes bairros destinados a fazer ir pelos ares a cidade toda. Teem sido presos cerca de 1000 revolucionarios e mortos 300. —*Hespanha* — Em Barcelona, por motivo de novas tarifas sobre as hortaliças os vendedores negam-se a entrar na cidade e retiram-se sem descarregar 488 carros. Os vendedores de peixe declaram-se tambem em gréve.

4 *Portugal*—Diversas associações commerciaes fazem vivas reclamações contra o boato do projecto do monopolio da venda do petroleo no paiz, nas condições dos tabacos e phosphoros.—*Inglaterra*—Celebra-se em Londres uma reunião da «Tanganica Concessions Company» a qual confirma contracto com o sr. Robert Williams para a constituição da Companhia de ferro do Lobito, a qual será installada ainda este mez; a construcção da linha levará quatro annos. O sr. Robert Williams falla na reunião declarando ser sua opinião que a bahia do Lobito virá a ser mais importante que a de Lourenço Marques

5 *Italia* — Confirma-se que o Papa decide manter o protectorado francez no Oriente. Consta que um diplomata estrangeiro recebe a missão de preparar terreno junto de alguns governos afim de assegurar a eleição d'um cardeal italiano no futuro congresso.

7 *Marrocos* — A kabila de Benimanzor que está em Nunca, na região argeliana affecta ao sultão, subleva-se, obrigando o Kai a refugiar-se em Kiss. — *Mexico* — E' contratado um emprestimo provisorio de 25 milhões de dollars a 5 % com banqueiros de New-York, Londres e Paris.

8 *Asia* — Os russos penetram na Coréa, avançando sobre Wiju um importante destacamento, protestando o governo coreano contra o facto.—*Grecia*—Dá-se em Monastir graves disturbios, activando-se a vigilancia em toda a Grecia para com os residentes de origem macedonica e effectuando-se algumas prisões. — *China* — Os russos tornam a occupar Niu-Chuan com um importante contingente de tropas collocando guarnições nos fortes da foz de Lia-Su.—*Inglaterra*—A camara dos communs approva em segunda leitura por 443 votos contra 260 o projecto de lei agraria para a Irlanda.

9 *França*—E' preso em Nancy, Balignet por ter entregado documentos á Allemanha e recrutar agentes para aquelle imperio bem como a mulher de Balignet como cumplice do marido.

10 *Estados Unidos*— Em New-York declaram-se em gréve 5000 operarios do caminho de ferro metropolitano. — *Turquia*— Em Monastir ha graves conflictos motivados pelo fanatismo dos musulmanos contra os christãos.

11 *Marrocos*— Os rebeldes atacam Tetuan. Ouve-se em Ceuta o fogo de artilharia e fusilaria.

12 *Chili*—Em Valparaiso aggrava-se a gréve dos operarios e trabalhadores do porto. Ha collisão entre os grévistas maritimos e a policia, incendiando os grevistas os edificios dos cáes, ficando mortos 10 homens e feridos 200.

13 *Macedonia* — Na aldeia Koundino os insurrectos macedonios arremessam bombas explosivas sobre 2000 homens das tropas imperiaes, matando 150 e ferindo outros tantos.

14 *Hespanha* — Assistem ao congresso das federações operarias em Madrid 27 delegados, discutindo se o seguinte thema : «Creação de escolas locaes e modo de se propagar nas regiões operarias.

15 *Portugal*—No Porto continuam em gréve os operarios tecelões de varias fabricas por causa do preço da mão d'obra.—*Macedonia*—Descobrem-se na Salonica um novo deposito de mil libras de polvora, estando minados os consulados da França e da Russia —*Grecia*—Em Athenas são descobertas n'um subterraneo 9 caixas suspeitas sendo presos 8 bulgaros em Ahenas e 20 na Thessalia.

16 *Republica Argentina*—O governo argentino faz nova encommenda de armas no valor de 75000 libras sterlinas suppondo-se que estes armamentos são motivados pela questão da Bolivia.

20 *Somalilandia*—Os derviches em numero de 4000 atacam em Bur-Hill a columna de tropas abexins que operava contra o Mullah, mas os derviches são repellidos, deixando no campo 300 mortos e morrendo dos abexins 21 no combate.

23 *Inglaterra*—A federação das associações dos merceeiros em Londres representando 80:000 commerciantes do genero, telegrapham ao rei e ao presidente do conselho de ministros da Grecia protestando contra o projecto de estabelecer sobre as passas d'uva, monopolios prejudiciaes aos interesses da mercearia ingleza, e declarando que fará a esse projecto a mais energica opposição.

© © ©

Acontecimentos mundanos, scientificos e artisticos

Março. — **1** *França* — E' celebrado em Paris o centenario do philosopho Edgar Quinet, havendo grande manifestação no cemiterio. Assiste o presidente Loubet bem como os ministros, senadores e deputados, tendo sido proferidos muitos discursos. — O tribunal de appellação de Nancy condemna a congregação das irmãs do Bom Pastor a pagar a mademoiselle Lecoinet uma indemnisação de dez mil francos, em virtude de a terem despedido, estando cega e doente e depois de ter trabalhado durante vinte annos nos ateliers do estabelecimento. — *Malaga* — E' sentenciado á morte de garrote Francisco Garrido Dias, que regressando de cumprir uma pena de doze annos, mata a amante ao encontrar-se com ella na rua. O assassino allega ter praticado o crime pelo facto de ter confiado, ao partir para o degredo aos cuidados da assassinada,

um seu sobrinho que foi por ella envenenado. — *Italia* — Realiza-se em Napoles com o mais lisongeiro resultado diversas experiencias com um apparelho que permitte descobrir a approximação dos barcos submarinos.

2 *Portugal* — Realiza-se em Lisboa a sessão solemne commemorativa do centenario do Collegio Militar, com a assistencia de sua magestade el-rei D. Carlos. — *Londres* — A opinião publica torna a occupar-se da escandalosa quebra do grupo financeiro «London and Globe Company».

6 *Hespanha* — A princeza das Asturias dá á luz um infante.

12 *França* — Effectuam-se as exequias do sabio philologo Gaston Páris.

13 *Austria* — O professor Behring envia á sociedade de medicina os resultados da inoculação do sôro anti-tuberculoso, demonstrando que pode obter-se nos vitellos completa imunidade contra a tuberculose.

14 *Portugal* — Effectua-se em Santarem no velho templo da Graça a abertura da campa rasa onde, segundo a tradição, repousam os restos do grande navegador portuguez Pedro Alvares Cabral—*França*—Batem se em duello á espada no Parc des Princes Joseph Reynaud e Henry Buchard, este ferido n'um beiço ao primeiro assalto. — *Inglaterra* — E' mandado construir pelo «War-office» em Londres um aerostato dirigivel que estará prompto em agosto.

16 *Estados-Unidos*—E' preso em New-York, Whitaker Wright, director do «London and Corporation Company» na occasião em que desembarcava indo fugido de Inglaterra.

17 *Estados Unidos* — Em Philadelphia é preso um hervanario negro, accusado de se dedicar a propinação de venenos mediante remuneração.

18 *França* — Realiza-se em Paris a abertura do hypodromo Colombes — Na Opera Comique a «première» da Muguette peça extrahida da novella de Ouida, a celebre escriptora ingleza conhecida por aquelle pseudonymo.

20 *Portugal* — Abertura em Lisboa da 3.ª exposição de paisagem da Sociedade Silva Porto com a assistencia de el-rei D. Carlos.

21 *França* — Realiza-se em Paris um assalto ao sabre entre o esgrimista Sousa Magalhães e o eximio amador Chenneriére.

23 *França* — Suicida-se no hotel Regina em Paris com um tiro de revolver o general sir Hector Macdonald commandante em chefe das tropas de Ceylão.

24 *Inglaterra*—E' condemnado á morte em Londres, Chapmand por envenenamento de quatro mulheres.

25 *Portugal* — Realiza se em Extremoz a festa da inauguração do asylo João Baptista Rollo para creanças pobres e abandonadas.

29 *Portugal*—E' inaugurado em Lisboa com a assistencia de sua magestade el-rei D. Carlos o Instituto Medico Virgilio Machado (therapeutica electrica). - *Estados-Unidos* — Fazem-se experiencias em New-York com a metralhadora «Lança» que dispara ao mesmo tempo vinte e cinco projectis de kilo e póde fazer 800 tiros por minuto. O inventor chama-se Cleveland.

30 *França* — Uma mulher dispara dois tiros de revolver contra o romancista Marcel Prévost na «cité» Rougemont, não lhe acertando nenhum dos tiros.

31 *Portugal* — Inaugura-se em Lisboa a exposição de rendas portuguezas fabricadas sob a direcção da sr.ª D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro.

Abril. — **1** *Hespanha* — Chegam a Madrid os duques de Guise.

2 *Italia*—E' inaugurado em Roma o Congresso Historico.

3 *Hespanha* — São condemnados á morte, por garrote, em Madrid, Filippe Pacheco, Gregorio Gomes Pacheco e Casimiro Rojas como auctores d'um roubo e assassinio.

4 *Allemanha* — E' assassinada em Berlim uma millionaria judia, roubando-lhe 250:000 francos.

6 *Turquia* — Chegam a Constantinopla o principe imperial da Allemanha e seu irmão.

7 *Hespanha* — No caminho de ferro da Andaluzia dois malfeitores assaltam um «wagon» onde ia uma senhora de idade e sua criada, roubando-lhes uma mala com valores.

15 *Portugal* — Realiza-se a abertura da exposição de pintura em Lisboa na Sociedade Nacional de Bellas Artes com a assistencia de sua magestade el-rei D. Carlos. — *Italia* — Inaugura-se no Capitolio em Roma o congresso latino estando presentes os srs. Nasi, ministro da instrucção publica da Italia e Chaumié, ministro da instrucção publica de França.

19 *Portugal* — Inaugura-se com toda a solemnidade o Asylo de Infancia Desvalida no Lumiar, perto de Lisboa. — *França* — Abre-se o congresso internacional de Phalassotherapia em Biarritz. Assistem 200 congressistas á sessão de abertura.

20 *Hespanha* — E' inaugurada na Universidade de Madrid o congresso da imprensa medica presidindo o sr. Salazar, ministro da instrucção.

22 *Portugal* — Celebram-se no Porto as exequias pelas victimas da catastrophe da Ponte das Barcas, na Ribeira, por occasião da invasão franceza em 1809.

24 *Russia* — Um soldado embriagado tenta matar a imperatriz viuva, golpeando-a.

26 *Bulgaria*—E' assassinado em Sofia, com uma punhalada no coração, por um albanez o novo consul da Russia em Metrowitza.

28 *Hespanha* — Em Sant'Iago da Galliza são sentenciados á morte marido e mulher accusados de assassinio.

30 *Estados Unidos* — Edisson inventa um apparelho para extrahir o ouro, empregando o ar comprimido.

Maio.—**1** *Portugal*—Realizam-se em Lisboa manifestações commemorativas do dia 1.º de maio, festa do trabalho a que concorrem os operarios de todas as classes. — *Hespanha* — Realiza-se em Madrid uma «velada» em homenagem á memoria de Castellar.

2 *Portugal* — Inaugura-se em Lisboa o pavilhão da Avenida da Liberdade destinado a exposições de rosas e outras organizadas pela Sociedade de Horticultura

3 *Portugal*—Realiza se em Lisboa uma imponente homenagem á memoria do glorioso escriptor e grande poeta Almeida Garrett, cujos restos são trasladados para o Pantheon dos Jeronimos. Houve cortejo civico concorrendo numerosas sociedades particulares, escolas, collegios e representantes do governo.

6 *Portugal* — Começam á ser corridos os dois primeiros tramos da ponte sobre o Tejo, a grande obra d'arte do novo caminho de ferro de Sant'Anna a Vendas Novas. Mede cada um 60 metros de comprido e são assentes sobre pilares de fundações a ar comprimido. Esta ponte depois de completa contará 840 metros de comprimento e ficará assente em 13 pilares.

8 *França* — Santos Dumont faz a primeira experiencia em Paris com o seu novo balão dirigivel n.º 9. Faz evoluções durante meia hora na altura de vinte metros, deixando arrastar pela terra o «guiderope».

9 *Grecia*—Celebram-se em Athenas os esponsaes do principe André da Grecia com a princeza Alice de Battenberg.— *Allemanha* — Os medicos Tanelins e Sommerfeld fazem na sociedade medica de Berlim uma prelecção sobre o novo tratamento da tuberculose causando profunda sensação as declarações sobre os resultados já obtidos com o novo remedio que elles intitulam «Sanosin».—Em Metz o imperador Guilherme inaugura o portal da egreja cathedral na presença do cardeal Kopp, principe-bispo de Breslau, legado a «latere» e dois altos dignitarios.

11 *Portugal* — Regressam a Lisboa suas altezas reaes o principe Luiz Filippe e infante D. Manuel.

16 *França* — Os collegios das filhas do Sagrado Coração e da Providencia em Mans, recebem ordem de dissolver-se dentro do prazo d'um mez.

17 *França* — Na egreja de Belleville dá-se uma desordem em que ficam 10 pessoas feridas mais ou menos gravemente. No momento em que o padre começa a prégar, os livres pensadores soltam gritos hostis, a que bastantes membros da «Juventude Catholica», respondem com bengaladas e murros. A briga torna-se geral. As mulheres são as mais exaltadas. A policia avisada do que se passa separa os combatentes, expulsando uns 50.

19 *Russia* — O conselheiro Bogdanowitch, governador de Ufa é morto a tiro em S. Petersburgo por dois malfeitores.

20 *Hespanha*—E' inaugurada em Madrid a exposição de Bellas Artes.

21 *Hespanha* — Celebra-se em Pamplona uma imponente manifestação ao collocarem-se as lapides commemorativas dos triumphos dos liberaes durante a guerra carlista.

23 — *Hespanha*—Chegam de Paris a Madrid 47 automoveis. Os touristes almoçam em Burgos.

Accidentes

Março. — **1** — *França.* —Uma violenta tempestade, que cahe sobre Amiens, causa grande numero de victimas e enormes prejuizos.— *Monaco.* — Um comboio do caminho de ferro funicular de Monte Carlo desce a montanha com uma velocidade extraordinaria, e percorrendo cem metros de via ferrea, foi esmigalhar-se contra os muros da estação. — *New-York.* —Um comboio que segue pela margem do rio Manesse, em grande velocidade, descarrila, precipitando-se a machina e vagons no rio. Os passageiros salvam-se a nado.

3 *Hespanha* — Um terrivel cyclone, em San Sebastian, derruba grandes arvores e produz enormes prejuizos nas habitações.

4 *Italia* — Em Recanati sente-se um forte abalo de terra.

5 *Hespanha* —Na povoação de Elche sente-se um violento tremor de terra.

6 *America* — Dá se uma forte erupção no vulcão de Colima acompanhada de chuva de cinzas, espessas nuvens negras, surdos ruidos subterraneos e abalos de terra.

9 *Estados Unidos* — Em Leiter, na Virginia, incendeia-se um hotel, morrendo 7 pessoas. — *Ladominique* — Dá-se um tremor de terra muito violento e prolongado.

10 *Hespanha* = Na via ferrea de Arganda, proximo de Madrid, dá-se um choque de comboios resultando uma morte e tres pessoas gravemente feridas.

14 *Argelia* — Um comboio procedente de Oran é apedrejado em Aiutezza pelos arabes.

17 *Italia* — Sente-se em Termo um tremor de terra. — *America do Norte* — Em Olcan dá-se explosão n'um comboio petroleiro. O petroleo inflammado espalha-se sobre a multidão que ali occorre, ficando mortos 22 individuos e feridos muitos outros.

20 *Estados Unidos* — Um nevoeiro densissimo faz abalroar dois vapores á sahida do Canal em New-York causando um grande numero de victimas.

23 *Mexico* — A peste bubonica causa ali um elevado numero de victimas nos povos do interior, tornando-se preciso recorrer aos presidiarios para se enterrarem os mortos.

24 *Antilhas* — Cae em San Vincente grande chuva de pedras projectadas da Sulphureira, ficando feridas algumas pessoas.

26 *Allemanha* — A imperatriz Augusta Victoria andando a passear a cavallo em Grunwalde cahe e quebra um braço.

Abril — **1** — *Italia* — Em Nice uma carruagem automovel, governada pelo sr. Sborowski, despedaça se de encont o a um rochedo causando-lhe a morte e ao barão Pallange que o acompanhava.

2 *Palestina* — Dá se em Jerusalem um tremor de terra causando grandes estragos nos estabelecimentos de Monte Olivete. Na aldeia proxima desabam muitos predios.

3 *Allemanha* — Dá-se n'uma das minas proxmas da cidade de Gleiwitz uma explosão de gaz deixando mortos oito operarios e feridos outros oito.

6 *França* — Um incendio destroe em Lille o «Grand Theatre».

11 *China* — Dá-se uma explosão n'um parque de artilharia proximo de Cantão, da qual morrem 1:500 pessoas.

13 *Hespanha* — Incendeia se um deposito onde estavam 43:000 caixas de petroleo no ilheu de Fort Louis, junto á salina Consolado. — *Inglaterra* — Um comboio que parte de Dublin descarrila perto de Roscamon, ficando oito passageiros feridos e um morto.

16 *Portugal* — Dá-se uma explosão na fabrica de polvora em Chellas, arredores de Lisboa, destruindo a officina e causando duas mortes e dois feridos.— *Estados Unidos* — Em Texas, um incendio no districto petrolifero de Spindletst, ardendo 256 poços com as respectivas installações, causa enormes perdas, avaliadas n'um milhão.

18 *França* — Um grande incendio destroe completamente o antigo café concerto Alhambra, em Marselha. As chammas elevam-se a mais de cem metros.

19 *França* — As ultimas geadas destroem os vinhedos do departamento da Gironde, causando completa derrota.

22 *Estados-Unidos* — Em New-York um comboio expresso choca com outro de mercadorias ficando completamente despedaçadas as carruagens do primeiro, resultando a morte de cinco passageiros e ferindo gravemente dez.

24 *Chile* — Um violento incendio ataca a cidade de Pisague, no Chile, e destroe muitas casas commerciaes e estabelecimentos bancarios.

29 *Canadá* — Um fortissimo tremor de terra, seguido de erupções vulcanicas, devasta Frank, cidade mineira do territorio Alberto, no Canadá. As minas estão sepultadas debaixo de uma enorme camada de muitas toneladas de lava. Ha a lamentar mais de 100 victimas.

Maio — 5 — *Portugal* — Naufraga em Angeiras, ao norte de Mattosinhos, um cahique abandonado pela tripulação. Suppõe-se pertencer ao mergulhador Azevedo.

6 *Hespanha* — Em Miravelles rebenta uma caldeira a vapor matando duas creanças, filhas do director da fabrica, e ferindo gravemente mais quatro pessoas.

11 *Tunisia* — Um incendio destroe os edificios da companhia de adducção de aguas a Tunis, tendo ficado feridas varias pessoas.

19 *Hespan a* — Em Reus dá-se uma grande explosão que destroe completamente umas officinas de pyrotechnia, que ficam situadas fora da povoação, havendo mortos e feridos.

2i *Filippinas* — Um incendio destroe em Manilla 2:000 habitações de indigenas, deixando sem abrigo 6:000 habitantes, sendo os estragos avaliados em dois milhões de pesos. — *India* — No instituto Pasteur, de Rausali, India britannica, foram tratados no anno passado 543 doentes mordidos por cães e chacaes, sendo 215 europeus e 328 nativos. Dos primeiros curaram-se todos, e dos ultimos morreram 5, devendo este facto ser attribuido ao tardio tratamento.

● ● ●

NECROLOGIA

Março — 3 — Barão de Mattosinhos, em Lisboa.

—Zaldivar, antigo presidente da Republica de San Salvador.

4—John Wilbor, 88 annos, em Cintra vice-consul dos Estados Unidos em Portugal, dotado de illustração profunda, quasi encyclopedica, artistica e litteraria.

13 — Visconde da Corte, em Beja, tendo desempenhado ali todos os cargos publicos de mais elevada cathegoria.

14—General Jacintho Couto, 68 annos, em Lisboa, reformado, tendo desempenhado por largo tempo o cargo de director geral de engenharia.

— Ernest Legouvé, academico, em Paris 97 annos de edade.

28—Condessa de Madedo, em Malaga, tendo sido ministra de Portugal nas côrtes de Bruxellas, Roma e Madrid.

—Conde da Vidigueira, em Lisboa.

31—Barão da Ribeira de Pena, em Ribeira de Pena, 70 annos, formado na faculdade de direito na Universidade de Coimbra, eleito deputado por varios circulos.

Abril—6—Dr. José Carlos Lopes, no Porto, 65 annos, lente jubilado da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

8—Barão de Santos, em Fontenay aux Roses, 75 annos, diplomata de carreira, bacharel em direito, par do reino, antigo ministro plenipotenciario junto da côrte da Russia.

— Visconde de S. Domingos, em Vitney, Oson, Inglaterra, 80 annos, um dos proprietarios das minas de S. Domingos.

10 — Barão da Costa Ricci, em Londres, agente financial portuguez aposentado.

11—Barão de Cametá, em Lisboa, 80 annos, negociante considerado no Pará.

13—Georgina Pinto, no Rio de Janeiro, distincta actriz portugueza.

19—Conde de Ficalho, 66 annos, em Lisboa, conselheiro d'Estado, mordomo-mór da casa real, notavel homem de lettras e sciencias e distincto professor de botanica na Escola Polytechnica de Lisboa, tendo publicado importantes obras sobre esta especialidade.

24—Joaquim da Boa Morte Alves de Moura, em Lanhoso, 90 annos, bacharel formado em philosophia e mathematica, appellidado o santo pelas suas sublimes virtudes christãs.

Maio—1—Ernesto Victor Wagner, 77 annos, em Lisboa, professor do Conservatorio, notavel artista e habil tocador de trompa; profundo conhecedor de todos os instrumentos de metal..

4—Sir Robert William Hambury, em Londres, presidente do ministerio da Agricultura.

5 — Luis Porphirio da Motta Pegado, general de divisão, em Lisboa, 72 annos lente da cadeira de geometria da Escola Polytechnica, sabio mathematico.

8 — Soror Maria Ludovina do Carmo Gramacho, em Evora, ultima freira do convento de Santa Clara.

THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante os mezes de Março a Maio

Março — 9 — O Bandolim, comedia em 3 actos, e em verso, original do sr. Arthur Azevedo (Theatro D. Amelia).

14 — Consciencia dos Filhos, drama em 4 actos, por Gustave Dévore, traducção do sr. Maximiliano d'Azevedo (Theatro D. Maria II).

18 — O Segredo de Polichinello, comedia em 3 actos de Pierre Wolff, traduzida pelo sr. Neves da Costa (Theatro D. Amelia).

23 — O menino Joãosinho, comedia burlesca em 3 actos, traducção livre do inglez pelo sr. Freitas Branco (Theatro do Gymnasio)

27 — O Sorvedouro, drama em 5 actos original do sr. J. M. Cardoso d'Oliveira (Theatro do Principe Real).

31 — Lei-San, phantasia chineza n'um acto original do sr. Manuel Penteado. — Commissario bom rapaz, farça n'um acto de Courteline, arreglo do sr. Casimiro Lima (Theatro D. Amelia).

Abril — 11 — A escola antiga, comedia em 4 actos de Harlweiss, traducção do sr. Freitas Branco (Theatro D. Maria II).

11 — Por cima e por baixo, revista em 3 actos e 14 quadros, original do sr. Sá d'Albergaria (Treatro Avenida).

16 — O inquerito, comedia em 2 actos por Georges Henriot, traducção do francez (Theatro D. Amelia).

16 — Noticia da ultima hora, comedia n'um acto, original do sr. Eduardo Coelho (Theatro D. Amelia).

18 — Só para homens, comedia n'um acto, original do sr. Baptista Diniz.

18 — Os amores de Cleopatra, comedia burlesca em 3 actos, traduzida do francez (Theatro do Gymnasio).

18 — A luta pela vida, drama em 4 actos, original do sr. Carlos Saraiva (Theatro do Principe Real).

21 — A torrente, peça em 4 actos de M. Donnay, traducção do sr. Lopes Tavares (Theatro D. Amelia).

Maio — 6 — A festa da actriz, peça em 1 acto, original do sr. Jorge Santos (Theatro D. Maria II).

6 — Medicina domestica, comedia em 3 actos, original do sr. Raphael Ferreira (Theatro D. Maria II).

9 — Marido sem mulher, comedia em 4 actos, traducção do allemão pelo sr. Freitas Branco (Theatro do Gymnasio).

CONHECIMENTOS UTEIS

Limpeza de esponjas. — Nada mais desagradavel do que uma esponja acinzentada, de aspecto sujo, mesmo que o não esteja. Convem n'este caso mergulhal-a em leite durante doze horas; depois laval-a com agua fria e a esponja tomará a apparencia de nova, menos o gasto bem entendido. O sumo do limão é tambem excellente para o mesmo fim. Mas as esponjas acabam sempre por se *engordurar* e tornam-se então d'um uso repugnante, apesar de frequentes lavagens com agua e sabão. N'este caso deve empregar-se para desengordurar a esponja o acido chlorhydrico na proporção d'uma colher de sopa para meio litro d'agua. Por vezes o carbonato de soda dá bom resultado, dissolvido em agua fervente.

❂ ❂ ❂

Limpeza e conservação dos veludos. — E' vulgar aproveitarem-se os veludos d'umas para outras *toilettes*, porém podem ter perdido o seu bello aspecto rico. N'este caso o seguinte processo consegue renoval-os, bem entendido, pedaço por pedaço, tendo descosido previamente as costuras. Colloca-se sobre brasas uma placa de cobre espessa e quando estiver bem quente embrulha-se n'uma toalha molhada em agua fervente sobre a qual se pousa o veludo do lado do avesso. Vê-se então elevar-se um vapor negro muito espesso; é o momento de passar, com extrema ligeireza, uma escova macia sobre o veludo que se deixa seccar depois bem estendido sobre uma meza. Quando o veludo está esmagado, emprega-se com resultado o processo de o expôr, pelo lado do avesso, ao vapor da agua a ferver, e em seguida escova-se brandamente ao arrepio do pêlo. Para limpar os veludos de poeira entranhada, usa-se, e diz-se com resultado, espalhar sobre elles arêa secca e muito fina e escoval-os em seguida até que tenha sahido o ultimo grão de arêa.

Limpeza de nodoas. — Ha muitos e variados processos, além da classica benzolina e do chá, para tirar nodoas, que alguem classifica a deshonra do vestuario. Vamos citar alguns. As manchas de tinta de escrever sobre tecidos de lã e de algodão exigem o emprego do acido oxalico, vulgarmente denominado o sal d'azedas; mas, para que o acido não prejudique a côr, deve applicar-se immediatamente e por cima do sal um vinagre bem forte. Estas mesmas manchas em tecidos brancos, fazem-se desapparecer de preferencia, pela applicação de leite ou o suco de limão ou de tomate maduro. Quando a côr d'um estofo foi accidentalmente destruida por um acido, fricciona-se a nodoa com ammoniaco e muitas vezes a côr reapparece. Devemos fazer aqui um nota geral sobre a maneira de esfregar qualquer nodoa: deve friccionar-se sempre ao correr do fio do tecido e nunca em circulo, nem ao acaso. O vinho de Xerez faz desapparecer, dizem, as nodoas produzidas pelo vinho tinto, friccionando-as levemente. De todas as nodoas, as mais desagradaveis são sem duvida as de gordura, que de mais tendem sempre a alastrar. Para as tirar ha tambem variadcs processos, e é sobre estas que a benzina, o alcool, o ammoniaco, a cré, a greda e outras substancias ainda como o ether e o chloroformio, teem a sua especial applicação. As seguintes misturas são de seguro exito: — (1.ª) A essencia de therebentina pura, 26 grammas; alcool de 40°, 31 grammas; ether sulphurico 31 grammas. Mistura-se n'um frasco que se deve rolhar cuidadosamente.— (2.ª) Mistura-se ammoniaco, ether, e alcool em partes eguaes.—(3.ª) Deite-se n'um frasco de largo gargalo dois litros d'agua bem limpida e pura; junte-se-lhe uma porção, como o volume d'uma noz, de cinzas gravelladas, (as dos bagaços da uva exprimida no lagar, depois de seccos e queimados) e mais dois limões cortados em rodas. Deixe-se digerir a mistura durante vinte e quatro horas. Filtre-se o licor e conserve-se em frascos bem fechados para uso opportuno. Affirma-se ser esta uma das receitas mais efficazes para tirar nodas de fato.

Elixir para dentes.— Para o tornar antiseptico qualquer elixir como agua de Botot, do dr. Pierre, etc., deite-se por cada 100 grammas de elixir 2 grammas de resorsina.

PROBLEMAS

Resoluções do numero anterior

N.º 49 — 4,651 por cento.

N.º 50 — *Xadrez:*

BRANCOS	PRETOS
1. P 8 R — faz T	1 R 3 B Ra.
2. P 8 C R — faz T	2 R 3 Ra.
3. T 6 C R xeque e mate	

Num. 51.

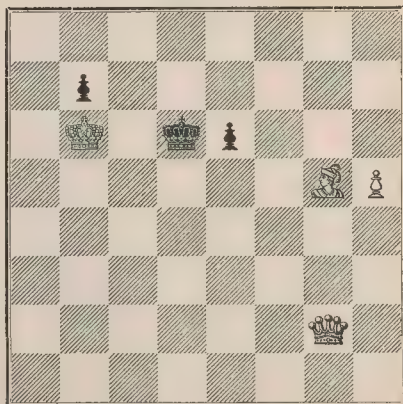
A edade d'um homem, em 1808, era igual á somma dos 4 algarismos do anno do seu nascimento. Que edade tinha elle então, e qual foi o anno em que nasceu?

Num. 52.

Dois comboios partem de duas cidades, *M* e *N*, distanciadas de 560 kilometros e correm ao encontro um do outro. Para que se encontrem a meio caminho, é necessario que o comboio de *N* parta 1 h. $^3/_4$ antes da hora de sahida do comboio de *M*. Se os dois comboios partissem ao mesmo tempo, a distancia que os separaria ao cabo de 7 horas de percurso seria apenas de $^1/_{10}$ da distancia primitiva. Quanto tempo gasta cada comboio para ir de M a N?

Num. 53

XADREZ

Pretos (3 peças)

Brancos (4 peças)

Os brancos jogam e dão mate em tres lanços

SERÕES

REVISTA MENSAL
ILLUSTRADA

VOL. IV — AGOSTO — 1903 — NUM. 20

dministração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa

Preço 200 réis

SUMMARIO

37 GRAVURAS

AVISO. — N'esta administração vendem-se pelo preço de 400 réis, cada uma, capas em percalina, propriedade dos SERÕES, segundo a lei, destinadas ao I, ao II e ao III volumes da Revista. Por cada encadernação, de que tambem se encarrega, acresce mais 100 réis, e nas remessas de volumes pelo correio acresce ainda 100 réis de porte.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar adiantadamente **uma serie de 12 numeros**, tendo n'este caso a reducção do preço a **2$200 réis,** o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra **terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas** poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por:

Series de	**3 numeros**	**600**
	6 numeros	**1$200**
	12 numeros	**2$200**

Para os paizes da **União Postal,** por **serie de 12 numeros** (pagamento adiantado), **3$000 réis,** moeda portugueza. Para o **Brazil** (moeda brazileira), **18$000 réis** por serie de 12 numeros, pagamento adiantado.—Numero avulso *1$500* réis (moeda brazileira).

Assigna-se em todas as livrarias do paiz, e em todas as estações postaes; vende-se avulso em todos os lugares do costume e na

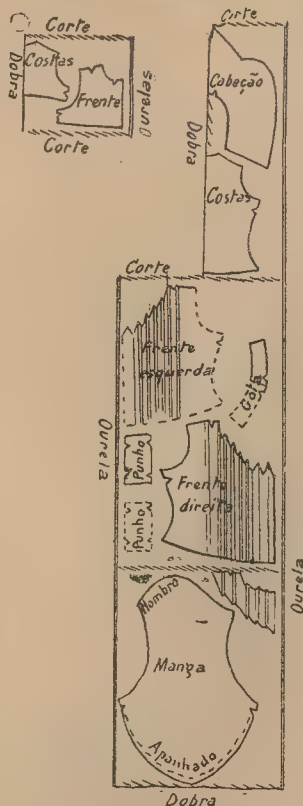
Administração dos SERÕES, em Lisbôa, Calçada do Cabra, 7

Typ. e impressão dos *Serões*, C. do Cabra, 7 — Editor. Thomaz Rodrigues Mathias

MOLDE GRATUITO

Para corresponder, quanto possivel, ao carinhoso acolhimento que as senhoras teem dispensado aos *Serões*, acompanhamos este numero com a distribuição gratuita d'um molde de vestuario, a que se seguirão outros opportunamente, segundo as estações, completando por uma forma pratica as indicacões geraes de modas que constituem uma secção permanente da nossa revista. Nas vesperas da época balnear, das excursões maritimas, de residencia temporaria á beira mar, o nosso modelo é uma blusa marinheira do mais moderno córte, cuja armação, feitura, e processo de cortar e fazenda empregada se veem claramente, não só da illustração aqui reproduzida, como tambem dos diagrammas, onde as legendas dão todos os esclarecimentos necessarios O modelo foi traçado para as medidas médias, como é d'uso fazer-se, podendo assim ser facilmente utilizado e adoptado sem difficuldade.

Acrescentamos apenas algumas indicações geraes. A fazenda preferida para confeccionar esta blusa é sem duvida a flanella azul escura, ou branca, embora este córte tenha sido apresentado tambem em côr vermelha para meninas, dando-lhe a dupla applicação das excursões em barcos ou em automoveis de passeio, que os amadores de *sport* comparam com justo motivo ao prazer de vogar á vella. As frentes da blusa são em pequenas pregas, e o largo cabeção, que lhe dá o caracteristico maritimo, é forrado e guarnecido de applicações de fita de velludo ou de seda estreitas. O decote em v, que este cabeção fórma, é preenchido pela pequena veste ou peitilho, que é feito separadamente da blusa, para ser collocado solto ou preso á parte interna do cabeção, e n'elle se póde empregar outra fazenda leve e transparente, para conservar o typo marinheiro, ou empregando flanella deverá ser de tom diverso da blusa.

Para a utilização dos moldes recordamos como essencial, embora isto seja bem conhecido d'aquellas senhoras que habitualmente se servem de moldes, que as alterações necessarias para ajustar ao corpo se fazem, tanto nas frentes, como nas costas, pela parte superior dos moldes, tendo previamente acertado com cuidado a cintura. A adaptação das mangas não offerece difficuldade, quando o comprimento entre o cotovêlo e o punho fôr excessivo, porque n'este caso basta encurtar na parte inferior do molde; porém para o excesso de comprimento da parte comprehendida entre o cotovêlo e o hombro, o encurtamento faz-se por meio d'uma prega ou pela reducção cuidadosa do modelo, tomando conta de que se não estreite demasiado a parte de cima para que não falte largura na cava debaixo do braço. A correcção do molde do cabeção é

tambem facil; porque, se fôr muito largo de costas, faz-se no papel atrás e ao meio uma prega direita que lhe diminue a largura do necessario, e o que é facultado pelo corte especial que elle tem; se a largura excessiva fôr no peito, encurta-se simplesmente nas extremidades. Desde que estejam completa e cuidadosamente corrigidos os moldes para o tamanho justo a empregar, procede-se ao córte da fazenda, para o que são dispensaveis quaesquer explicações, examinando com attencção o diagramma onde está tudo indicado, como dobra da fazenda, lados da ourela, extremidades, melhor aproveitamento da fazenda, etc. O pequeno diagramma da veste ou do peitilho deve ser cortado sobre o forro, e só depois de provado e acertado se deve cortar a fazenda, musselina, *piquet* ou outra qualquer que se empregue, como acima fica dito.

Os **SERÕES** teem publicado os seguintes

MYSTERIOS DA HISTORIA

Narrativas dramaticas de casos, incompletamente sabidos, que deixam entrever enigmas crueis do coração humano, motivos de psychologia complexa que desenham caprichosos entrelaçamentos de paixões e de interesses.

Tragedia em Napoles (Joanna, rainha de Jerusalem e da Sicilia). — **Num. 2.**

O collar da Rainha (Maria Antonietta e o cardeal de Rohan). — **Num. 3.**

Tragicos destinos (Maria Stuart e David Rizzio). — **Num. 4.**

Predicção historica (Assassinio de Henrique IV). — **Num. 5.**

O cabaz de pecegos (Morte do papa Alexandre VI). — **Num. 6.**

Vingança de Rival (Filippe II de Hespanha e a morte de Escovedo). — **Num. 7.**

A torre de Londres (Jayme I de Inglaterra, e o conde de Somerset) **Num. 8.**

Tragica historia d'um czar (O aventureiro Demètrio). — **Num. 9.**

Romance d'um principe (Filippe II de Hespanha, e seu filho D. Carlos). — **Num. 10.**

Curiosa confissão d'um rei (Carlos IX e o assassinio de Coiigny). — **Num. 11.**

Fatal entrevista (A morte de Francisco Borgia, duque de Gandia). — **Num. 12.**

O serralheiro do rei (Luiz XVI e Gamain. — **Num. 14.**

Carlos Corrêa da Silva

RUA SERPA PINTO, 24 = LISBOA

DEPOSITO DE MACHINAS INDUSTRIAES

MOTORES A GAZ

CROSSLEY

TINTAS DE IMPRENSA

DE

CH. LORILLEUX & C.ª

Materiaes para typographia e lithographia

E. E. DE SOUSA

SUCCESSOR DE FIGUEIREDO

GRAVADOR DA CASA REAL

CASA FUNDADA EM 1819

Gravura em todos os generos e carimbos de borracha os mais aperfeiçoados.—Variedade em prensas, sinetes, timbres, tintas de côres para carimbos e para marcar roupa.—Especialidade em bilhetes de visita impressos, lithographados e de chapa.

157, Rua Aurea, 159—98, Rua da victoria, 100, Lisboa

PASTILHAS PERFUMADAS

MARCA «**SANO**»

FABRÍCO APERFEIÇOADO

Réis 180, cada caixa de seis pastilhas

Á VENDA SÓ NA

ANTIGA DROGARIA BARREIRA

105, RUA DE S. ROQUE, 107

LISBOA

CENTRO MODERNO

ALFAIATERIA

FERREIRA BRITO & C.ª

Fazendas Nacionaes e Estrangeiras

Rua da Prata, 174-176

LISBOA

TYPOGRAPHIA

EDUARDO ROZA

29, Rua da Magdalena, 31 (Em frente da Rua dos Bacalhoeiros)

Impressos para o commercio, bancos, companhias e associações. Preços os mais resumidos de Lisboa. Execução rapida é nitida.

MOBILIAS

Vendem-se de salas, quartos e casas de jantar.

PREÇO BARATO

82, Rua Nova da Trindade, 82

LOJA

« UTILIDADES »

180, RUA DO OURO, 182

LISBOA

Convem a todos examinar o especial sortimento e a modicidade dos preços d'esta casa.

Paizagem estival. — Quadro de Sidney Cooper

As Estradas do Mundo

Tendo sido encetado, no artigo do numero anterior, o estudo dos problemas geographicos e politicos do grande Continente negro, com a discripção abreviada do seu solo, faz-se, no artigo que segue, exposição resumida das raças e dos povos que habitam as regiões naturaes, determinadas na antecedente revista. Assim se prepara o assumpto principal e se procura facilitar a comprehenção da importancia suprema das estradas civilizadoras em Africa, pelas quaes se deslocarão, em proximas conferencias diplomaticas, a preponderancia e o dominio das nações, na eterna e porfiada luta dos interesses e das competencias.

PROBLEMAS DA AFRICA

Summario.—RAÇAS HUMANAS.—SUA DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA.—CRUSAMENTOS.—SIMILHANÇAS E ANTAGONISMOS. — OS POVOS D'AFRICA

SEM nos aventurarmos na investigação do passado mais remoto das raças da Africa e limitando o nosso estudo ao que conhecemos de positivo sobre a distribuição ethnica do Continente, pode-se dizer que em parte alguma da superficie do globo a harmonia entre as condições do meio e os caracteres das raças é mais perfeita.

Se nos fosse possivel determinar a influencia que os elementos que constituem o meio geographico manifestam sobre a construcção moral e phisica de um agrupamento ethnico, veriamos que entre o meio e o homem ha relações tão intimas, ha uma interdependencia tão profunda, que, do seu encontro, ou resulta um equilibrio estavel para o organismo collectivo, ou uma incoordenação que impossibilita a fixação do agrupamento no tempo. Entre estes extremos ha, naturalmente, todos os graus de transição, passagens sem fortes soluções de continuidade, que as pequenas variantes do meio e os caracteres peculiares á raça explicam cabalmente.

BUSHMANO

E' claro que não pretendemos subordinar todas as manifestações de uma collectividade ethnica ás condições naturaes que a envolvem. Não admittimos a opinião que aos elementos geographicos, isolados ou no seu conjuncto, attribue, sempre, a direcção tomada, pelos espiritos e traduzindo uma civilisação. E certo que esta exige um meio geographico com caracteres especiaes, para que a sua expansão seja facil, mas a *base* anthropologica lhe é absolutamente necessaria, porque não ha condições geographicas a desenvolverem uma civilisação, quando são negativas ou improgressivas as qualidades fundamentaes d'uma collectividade ethnica. Além d'isso, os factores de ordem moral e social são tanto mais preponderantes quanto mais larga e profunda é a obra intellectual humana, isto é, quanto mais brilhante, intensa e expansiva é a civilisação.

Nos povos primitivos, a sua historia é quasi inteiramente a traducção dos caminhos geographicos por elles percorridos.

A raça influe, certamente, mas o meio imprime á cultura inferior um typo social, não contrariado pelos factores de ordem moral e intellectual, que são, n'essas collectividades, sem energia sufficiente para se des-

prenderem occasionalmente da acção do meio geographico.

Os povos superiores não se conservam dentro dos limites geographicos que melhor se harmonisam com a sua constituição phisica e moral. Espalham-se por todas as zonas, onde o conflicto entre as condições ambientes e a sua vitalidade organica poderá traduzir-se em resultados diversos, desde a mais completa adaptabilidade aos agentes exteriores até a mais absoluta incompatibilidade com estes agentes. Isto importa dizer que a predominancia do meio externo ou a supremacia dos caracteres ethnicos nas raças superiores é funcção da inadaptabilidade ou da harmonia que estas revelam quando collocadas dentro d'essa atmosphera phisica e moral. No primeiro caso, soffrem as funcções organicas, que não resistem á acção subjugante do meio. A energia moral fallece, porque não encontra, a sustental-a, uma reserva animal que assiste ás raças identificadas com as condições exteriores. No segundo, estabelecido o equilibrio e firmada a garantia de que a collectividade ethnica não decairá no tempo, a predominancia dos elementos moraes e as iniciativas só remotamente dependentes dos factores geographicos accentuam-se progressivamente, apparentando não poucas vezes uma quasi autonomia.

O conhecimento d'esta verdade importa uma these anthropo-social. Á superficie da terra,— tanto quanto nos ensinam os elementos geographicos das zonas habitadas pelas raças humanas,— ha uma distribuição ethnica que, desde os tempos mais antigos, se conserva quasi inalteravel. Essas collectividades humanas fixaram-se no tempo e em zonas regularmente delimitadas, gravitando em volta de centros regionaes, cujos caracteres geographicos lhes permittem manifestar uma individualidade propria.

Sempre que os agrupamentos ethnicos se teem transportado do seu meio de origem para outro que lhes é adverso, a energia da raça soffre, e a sua extincção é um phenomeno natural. Mas todas as vezes que as ligações intimas entre os immigrantes e o meio não geram um antagonismo, mas uma harmonia completa, a raça prolifera e vive. Traduzindo estas affirmações sob uma fórma synthetica, pode-se concluir muito legitimamente que a distribuição geographica dos agrupamentos ethnicos á superficie do globo importa uma distribuição equivalente das condições regionaes peculiares a essas ethnias. E como em toda a superficie da terra, desde as epocas prehistoricas, encontramos, com insignificantes variantes, uma mesma distribuição d'essas collectividades humanas, é permittido concluir que alguma coisa se passa entre estas e as condições geographicas, que torna uma verdade logica, natural, a dependencia entre os phenomenos da natureza humana e os agentes da constituição geographica da zona habitada.

D'esta these não será licita a conclusão de uma harmonia pre-estabelecida entre os agrupamentos humanos e o seu meio de origem. Basta o facto de terem as raças superiores, nos seus movimentos de expansão, encontrado condições geographicas favoraveis, longe do seu centro de apparecimento, para que não criemos a falsa hypothese de ter a natureza reservado logares especiaes consoante a categoria d'essas raças.

Essas circumstancias favoraveis revelam unicamente que o equilibrio produzido significa que as novas condições geographicas são affins das que contribuiram para a formação da raça ou do povo emigrante.

Á falsa hypothese do cosmopolitismo humano, preferimos a these geral da subordinação de todos os seres a limites naturaes de existencia, a zonas precisas de movimento, a áreas determinadas de expansão, fóra das quaes a estabilidade ethnica se altera, degenerando.

«*En étudiant l'espace, il faut tenir compte d'un élément de meme valeur, le temps*», diz E. Réclus. Effectivamente, as condições geographicas variam, quanto á sua importancia social, com o tempo. Os grandes relevos orographicos, as estepes extensissimas que bordam a Africa e a Asia, os grandes sulcos que estes continentes apresentam em certas direcções, representam ainda um valor incomparavel na vida moral e social dos povos inferiores, mas esse valor tem, com o tempo, perdido uma grande parte da sua influencia nos povos progressivos, nos que procuram a sua autonomia intellectual pela successiva preponderancia dos elementos moraes no seu viver collectivo.

Os povos primitivos são sensivelmente homogeneos pela sua constituição ethnica. Deve-se aos factores geographicos essa pureza anthropologica, mas á mesma causa se attribue, com razão justificada, o seu quietismo social, que os conserva improgressivos e misoneicos. Os povos superiores revelam, pelo contrario, uma tendencia opposta, que os incita ao cosmopolitismo, sem que este ideal nunca possa ser realizado.

N'uma raça,— no sentido anthropologico d'esta palavra,— temos de attender aos seus caracteres organicos e aos seus predicados moraes e intellectuaes. Aquelles estão sujeitos a condições naturaes de existencia, como acontece a qualquer outro ser animal ou ve-

getal. Construidos,— pode-se dizer,— *á imagem de um certo meio ambiente*, entre este e a raça ha uma osmose especial, ha uma troca de energias, d'onde resulta, para a collectividade ethnica, um equilibrio estavel. A deslocação do agrupamento, para fóra das suas condições normaes da vida, promove um phenomeno de desorganisação, tanto mais intenso quanto mais antagonicos são os novos elementos com a atmosphera phisica e moral onde esse agrupamento se havia formado. Resulta d'este facto que ha uma escala de

graus successivos desde a possibilidade de permanencia da raça, quando transportada para um meio affin, até á degenerescencia rapida e completa, quando emigrada para um meio hostil.

Mas os caracteres moraes e intellectuaes criam energias especiaes, soffrem estimulos diversos dos provocados pelos factores geographicos. O agrupamento ethnico, na impulsão que experimenta pela influencia d'esses estimulos de hierarchia superior, precisa harmonisar as tendencias do seu espirito progressivo com as qualidades propriamente animaes do seu organismo. Quando essa harmonia é impossivel pelo transporte da raça para um meio exotico, a civilisação creada não apresenta um aspecto systematisado, não revela uma unidade de fim em todos os seus modos de ser. Faz-se naturalmente o encontro entre os agrupamentos ethnicos com qualidades organicas e energias psychicas differentes, e d'esse encontro ou resulta uma juncção de forças pelo crusamento, se os agrupamentos são ethnicamente semelhantes, ou accentua-se o antagonismo e a separação permanente dos grupos em presença.

Vê-se como os estimulos moraes, que procuram ás raças superiores uma autonomia em presença das condições geographicas que as cercam, não possuem os requisitos necessarios para libertar egualmente os nossos caracteres ethnicos. Estes conservam-se inalteraveis, continuando a necessitar, para o seu completo desenvolvimento no tempo, de condições de meio apropriadas, que não encontram em todas as zonas da superficie da terra. A energia moral das raças superiores dá-lhes a miragem de um cosmopolitismo que não existe, mas assegura-lhes tambem uma relativa independencia, *no seu meio proprio*, em presença de todas as condições geographicas que constituem esse meio. Comparando a civilisação norte-americana e sul-australiana com todos os *typos* da civilisação e das colonias promovidas pelos povos europeus, encontraremos facilmente a justificação da doutrina que sustentamos. Veremos tambem, quando analysarmos os aspectos da civilisação africana, que o valor moral e intellectual dos povos progressivos não é condição unica para que as collectividades ethnicas se firmem no tempo e em qualquer região.

Uma Bushmano

Parece-nos licito concluir: que a distribuição ethnica á superficie do globo está sujeita a leis naturaes, independentes da nossa vontade nem de quaesquer iniciativas estranhas á synthese estabelecida entre a vida humana e as condições geographicas do meio; que as raças superiores tendem, dentro das condições normaes que lhes são favoraveis, a accentuar progressivamente a predominancia dos factores moraes na sua vida collectiva, tornando subsidiarios da sua vontade os elementos geographicos, cuja significação se torna, para ellas, de valor secundario; que, pelas mesmas razões, os agrupamentos ethnicos que occupam o ponto culminante da escala humana, tendem, principalmente pela sua camada superior, para um crusamento das suas mutuas energias, ligando-se mais ou menos facilmente em virtude das suas affinidades naturaes; finalmente, que as raças inferiores são productos quasi exclusivos do meio geographico, de um modo mais completo e decisivo que o revelado pelas raças superiores na infancia das suas civilisações.

◎ ◎ ◎

Estas considerações, que julgamos indispensaveis para se poder interpretar o progresso das sociedades africanas, chamam-nos naturalmente a um assumpto que precisa ser esclarecido, antes de querermos julgar, pelo estudo da distribuição das raças humanas na Africa, se a civilisação neo-europêa n'este continente ganhará uma feição analoga á das sociedades creadas pelos povos europeus em outros continentes ou se a sua organisação terá caracteres especiaes.

Os emigrantes europeus espalham-se por toda Africa. Qual o resultado ethnico d'esta onda humana sobre um tão extenso fragmento da terra? Qual a influencia que pertence a cada uma das suas *regiões naturaes?* Como se traduz, em materia de crusamentos fixaveis no tempo, o encontro entre as raças superiores da Europa e o elemento indigena, heterogeneo, que se distribue por todas essas regiões?

Estabeleçamos previamente alguns principios, para que seja mais facil a comprehensão dos factos que tivermos de apontar.

As raças humanas não constituem uma unidade homogenea. Ha, entre ellas, differenças tão importantes, são tão persistentes muitos dos seus caracteres, que é impossivel deixar de admittir, quer individualmente, quer em especial na vida collectiva de cada uma d'ellas, toda uma hierarchia que as classifique em grupos regularmente definidos. Entre estes grupos, quando proximos pelos seus caracteres, crearam-se ligações, deram-se crusamentos de tal ordem, que hoje a distribuição ethnica indica que do typo humano superior se desce ao ultimo da escala sem fundas soluções de continuidade. Dos seus caracteres propriamente anthropologicos, da sua constituição moral, do aspecto synthetico de cada agrupamento ethnico se deduz a sua dissimilhança e a hypothese possivel de uma origem proxima mas não inteiramente identica. Se são especies affins, se raças irmãs, se typos que se differenciaram com o tempo nos successivos meios que percorreram dando os productos actuaes, pouco nos interessa saber, porque todas as hypotheses são plausiveis, conforme o criterio que tomarmos por guia n'este assumpto. Mas o que é absolutamente confirmado é o facto da irreductibilidade dos caracteres ethnicos, d'aquelles que separam os grupos e dão-lhes uma conformação especial, dentro dos limites do tempo registados pela sciencia. Isto importa dizer que as condições do meio geographico não alteram fundamentalmente os caracteres ethnicos de uma raça, embora n'esse meio sejam susceptiveis de largas modificações os seus predicados moraes e intellectuaes. Ha no nosso organismo alguma coisa de persistente, que exige, para se alterar, um tão grande espaço de tempo, que se pode logicamente affirmar a sua permanencia, visto que um periodo d'esta ordem está fóra dos limites da nossa visão pre-historica e nenhum facto nos autorisa a suppôr que nas sociedades futuras uma modificação radical, dentro de uma raça, se possa dar pelas condições geographicas que a cercarem.

Cada agrupamento ethnico tem, portanto, uma individualidade propria, uma constituição especial, que traduz em todas as suas manifestações uma perfeita synthese. D'esta systematisação dos elementos organicos e psychicos resulta o *caracter* proprio de uma raça, adaptado a determinadas condições do espaço, fóra das quaes a harmonia dos elementos não se sustenta e a energia organica desfallece.

No agrupamento superior, formado pelos typos ethnicos de hierarchia mais graduada, ha ainda differenças secundarias, mas a constituição intima é approximadamente egual, de sorte que a juncção dos typos anthropologicos pertencentes a este grupo não indica, a julgar pelos seus resultados, antagonismos organicos que difficultem ou impossibilitem o seu crusamento. Entre *teutões, celtas, slavos* e *mediterraneanos*, apesar da diversidade dos seus typos, a mistura realisa-se, firmando-se no tempo, consoante o grau e o numero dos crusamentos. Em França, embora os seus tres typos predominantes se encontrem relativamente puros em zonas restrictas, a sua reunião, desde os tempos das invasões prehistoricas, praticou-se em tão larga escala, que deu logar ao typo social gaulez dos modernos dias. Na Allemanha, o prussiano occidental, de pura estirpe escandinava, fundiu-se com o brachycephalo das provincias do sul, celta como o irlandez e o bretão, e d'essa união surgiu o povo germanico actual. E como em França e na Allmanha, todos os paizes da Europa, povoados por typos ethnicos anthropologicamente differentes, mas organicamente semelhantes, compõem-se de raças misturadas, de crusamentos realisados desde os tempos mais antigos, predominando, naturalmente, conforme as regiões, ora uma, ora a outra raça.

No grupo superior humano os crusamentos entre as raças que o compõem são portanto *fixaveis no tempo* e podem dar logar a typos intermediarios. E' uma verdade demonstrada pelos factos observados pela ethnologia comparada. Poder-se-ha discutir se, mesmo dentro d'este grupo, os productos do crusamento não tendem a approximar-se ora de um ou de outro dos dois typos humanos fundamentaes. Será licito o exame sobre o quanto da energia desenvolvida pelos povos ethnicamente homogeneos, comparada com a dos que o não são. Mas o que não admitte duvidas é a viabilidade dos crusamentos no tempo, é a permanencia do typo intermediario asism constituido. O *anglo-saxon* actual, feito de elementos ethnicos diversos, é tão estavel como o *frisão* mais puro ou o mais *escandinavo* dos actuaes habitantes da Suecia. Na Noruega encontram-se dois typos louros anthropologicamente diversos pelos seus caracteres craneanos. E no entanto os crusamentos d'estes typos, que se fazem constantemente, indicam que o seu producto vive no tempo.

Ha, effectivamente, maior antagonismo entre os caracteres anthropologicos das raças do norte e as do sul da Europa, mas a comparação da percentagem dos louros nos paizes do sul, tendo em vista as causas historicas, revela bem que não ha entre as raças da Europa uma impossibilidade organica em se crusarem nem mutua repulsão proveniente de causas profundamente intimas. Este facto significa que o equilibrio organico das raças que compoem

Congolences

affirmação de que n'uma zona onde se firma uma das raças do primeiro grupo humano, todas as restantes do mesmo grupo teem analogas possibilidades de fixação. Da fusão de dois ou mais typos resultará um *caracter collectivo* differente, mas o producto não degenera. E' o caso dos Estados Unidos, onde a estatistica demographica do seculo XIX indica, no começo, uma percentagem muito maior do anglo-saxon e do teutão e no ultimo quarto do seculo essa percentagem é mais favoravel ao elemento neo-latino, resultando d'esta circumstancia uma feição intellectual e moral no povo norte-americano diversa da dos seus primeiros tempos.

Estas considerações, applicadas ao grupo humano primitivo formado de raças negras, confirmam a doutrina que considera a especie humana composta de collectividades desegualmente *polarisadas*. Typos affins, pertencentes a este grupo inferior, fundem-se com facilidade, crusam-se sem revolta das suas qualidades ethnicas nem das suas energias intimas.

São frequentissimos na Africa, na Oceania e na America esses povos crusados ao lado dos typos genuinamente puros. E' porque entre elles não houve, quando se crusaram, um conflicto organico, não se deslocou tambem o seu centro de gravidade; os mais intimos phenomenos do dynamismo cellular conservaram a formula da sua serieção e mutua

o *grupo da civilisação* tem leis biologicas, ás quaes esse equilibrio se subordina; os caracteres ethnicos estão coordenados em um determinado sentido, de modo que a resultante de todos estes phenomenos tem *uma orientação* definida. A reunião por crusamento d'estes typos não desloca sensivelmente o centro da gravidade das suas aptidões organicas, a natureza não faz nenhum esforço que indique uma mudança no sentido em que se dispõe a synthese ethnica.

Do conhecimento d'estes factos resulta a

conjugação. Entre estes dois grupos extremos encontram-se as mais diversas raças, constituindo, pelas affinidades que as approximam, novos grupos que se succedem, crescendo em hierarchia, desde os representantes inferiores da nossa especie até os povos que habitam mais intensamente a Europa e a America de origem europêa. Se as qualidades imtimamente organicas de todos estes grupos humanos permittissem a fusão, por crusamentos, de todos elles; se a formula da sua estabilidade ethnica fosse egual, quer entre as raças proximas, quer entre as remotas, comprehende-se que devessemos encontrar, como na Europa, exemplos firmes, *no tempo*, dos crusamentos realisados entre os representantes dos grupos existentes. Assim, na Asia reconheceriamos os productos, conservados intactos, de todas as raças que teem habitado aquelle continente. Na Africa egual phenomeno se deveria observar.

Ora, examinando demoradamente uma carta da distribuição ethnica á superficie do globo, reconhecemos que cada grupo forma os *seus* typos mestiços: é o caso dos crusamentos entre os povos europeus, conhecidos vulgarmente por aryanos ou indo-germanicos. Os grupos affins juntam-se com relativa facilidade, dando productos viaveis em gerações successivas: é o que se nota entre os lapões e os slavos, entre os tartaros e os slavos actuaes, os chinezes e os malaios, entre os negros brachycephalos e dolychocephalos. Quanto maior é o affastamento entre a categoria ethnica de um grupo e a do outro, quanto mais estes se approximam dos extremos, mais raros são os exemplos de sociedades crusadas *permanentes*, porque mais intenso é o antagonismo entre essas raças.

Ha, evidentemente, nos meios exoticos onde o *grupo da civilisação* domina, casos esporadicos de crusamentos e até não poucas vezes aspectos de collectividades simulando um crusamento de feição permanente entre as raças superiores e as mais inferiores de todas. Mas é um crusamento instavel, exigindo constantemente uma renovação do sangue superior. Nota-se uma deliquescencia nos personagens que representam essas sociedades; ha uma degenerescencia facil, que traduz uma desharmonia intima quando a fusão se estabelece e que se exteriorisa por formas varias, como se este esforço organico fôsse contrario ás leis geraes da natureza.

SOMALIS

Comprehende-se bem que estes pheno-

menos de antagonismo serão funcções de muitas variaveis; em alguns casos, talvez,

Uma Cabyla

apparentem uma estabilidade, pelo menos temporaria, do crusamento obtido. Não negamos que isso aconteça, e exemplos encontramos, e não poucos, na America latina. Seria porem indispensavel que um censo rigorosamente feito nos dissesse se os movimentos da população formada pelos personagens dos grupos humanos extremos indicam, em todos os seus dados demographicos, se a população decresce, estaciona ou progride; se a entrada do sangue novo, trazido pela raça superior, augmenta a vitalidade manifestada pela raça crusada. E' necessario porem dizer que os factos observados na America não podem servir de documento, quando tenhamos de considerar phenomenos analogos no Continente africano. E' differente o meio americano do da Africa; embora, da sua situação geographica, se possa inferir que a America do Sul e o Continente negro se approximam pelas suas condições naturaes, não é menos certo que os factores geographicos dão aos dois continentes *typos de meio* não identicos. Alem d'isso o elemento ethnico que constitue o sub-solo da população sul-americana não é egual ao que forma o grosso da massa humana em algumas das *regiões naturaes* da Africa.

N'este continente não surgiu ainda, do conflicto entre os europeus dominadores e os indigenas mais baixos da escala humana, nenhum agrupamento *mixto* e *persistente*. O mesmo se observa na Asia, não só em relação ás raças negras mas ainda a outras cujo logar na serieção humana é mais proximo do occupado pelo *grupo da civilisação*.

Não pretendendo n'este momento discutir a doutrina contraria, que admitte a possibibilidade das ligações, sem numero limite, entre todos os grupos humanos, e espera por uma fusão de todas as raças actuaes d'onde resulte uma collectividade ethnica mestiça, isto é com caracteres importados de varios grupos, parece-nos facil responder ás perguntas que fizemos sobre a influencia propriamente anthropologica que as ondas humanas da Europa podem ou devem revelar noContinente africano.

Conforme a *região natural* d'este vastissimo triangulo emergente, assim a sua destribuição ethnica. Cada uma d'essas zonas que indicámos offerece, por condições geographicas especiaes, que importam caracteristicas climicas egualmente distinctas, um meio vantajoso ou hostil, de possivel adaptação ou regularmente antagonico, consoante a natureza da raça que receber. N'este momento, a ethnologia ensina, do seu estudo, que os agrupamentos que se encontram em Africa estão em harmonia com os caracteres que exprimem o meio. Cada região conserva um agrupamento determinado e como entre as regiões ha affinidades,—embora differenças secundarias as separem,—observamos tambem, com ligeiras excepções, na sua distribuição ethnica, uma escala gradual. Quanto mais *africano* e extremo pelos seus caracteres de clima quente é a região, tanto mais baixa é a hierarchia do agrupamento que a habita. Ha, entre varios d'esses grupos affins, crusamentos fixos no tempo, mas nenhuma raça mestiça se encontra formada entre os representantes dos povos europeus e os que constituem as raças propriamente negras e que occupam a mais vasta porção do Continente africano.

Dissemos que na Africa havia á considerar oito *regiões naturaes*, que, pelos seus caracteres geographicos, se distinguem sufficientemente, de modo a permittirem a formação de meios apropriados a certas collectividades ethnicas. Tres grupos fundamentaes de raças humanas se encontram n'este continente: o grupo *europeu*, o *hamito-semita* e o *negro*. Ao 1.º pertencem os typos *mediterraneanos*, *slavos* e *anglo-teutões*; ao 2.º, os *hamitas orientaes* e *occidentaes*, e os *semitas*, incluindo n'esta designação, os *arabes*, os *judeus* e os *phenicios*; ao 3.º, os *negros sudanezes*, o agrupamento *negroide bantú*, os *negritos*, os *hottentotos* e os *bushmanos*.

N'este simples enunciado dos grupos humanos existentes no Continente, e sem mais considerações sobre a classificação de todas estas raças, se vê que ha dois grupos superiores e um que pertence ao ultimo grau descendente da escala humana. Tentando fixar a serieção pelas categorias, e notando as regiões em que se encontram de preferencia, vemos immediatamente o seguinte. A região *nilotica* é dominada ethnicamente pelos *hamitas*; a zona mauritanica pelos *hamito-semitas*, como tambem a região *sahariana*; os *hottentotos* e *bushmanos* preferem o deserto meridional do Continente, toda a facha da Bechuanelandia, o Kalahari até o Alto Zambeze; os *negros sudanezes*, a zona *sudanica*; o *negroide-bantu* e todos os grupos secundarios que com este teem relações ethnicas, em toda a nesga da Africa que contém a vasta bacia hydrographica do Congo até ás margens do Atlantico, abraçando o grande quadrilatero, limitado pelos rios Zambeze, Congo, Niger e o Senegal. O *grupo europeu*, em graus de concentração, unicamente, nos extremos sul e norte, acha-se esparso em quasi todas as regiões do litoral.

Analysando esta distribuição ethnica, colhemos dados importantes que esclarecem os problemas da Africa e dos quaes nos serviremos no proseguimento d'este estudo. Os *negritos*, typo pygmeu, e o ultimo da serie humana, não apresentam uma preferencia de meio regional. Foram talvez os primeiros habitantes da Africa ou de qualquer continente que, em tempos primitivos, de que só vagas tradições nos restam, se ligasse com o continente actual. Perseguidos por successivas invasões das raças negras affins, mas mais energicas, foram repellidos em differentes sentidos e hoje encontram-se espalhados desde a Somalilandia, sob a designação de *Tankas*, até os limites do Congo francês, no Ogoué. São creaturas destinadas a desapparecerem a curto praso, logo que os grupos superiores tiverem tomado posse real dos paizes onde esses pygmeus se encontram. A área da sua distribuição traduz as lutas que tiveram de soffrer com os povos que marchavam do oriente. Vêem-se no Alto Congo, na região dos grandes lagos, no Massai, no paiz dos Gallas. Ao sul, chegam até o Limpopo e ao occidente, até o Sangha. No norte, ha quem os tenha encontrado perto do Egypto. São morphologicamente semelhantes aos *Andamans* do golfo de Bengala, aos Mincopias das Filippinas e ao typo negroide inferior do baixo Decan. Esta situação no oriente da Africa e as ramificações que soffrem em diversas direcções não deixam duvidas sobre os soffrimentos passados por este grupo humano em presença dos inimigos mais fortes e provavelmente melhor armados. Organicamente fracos, incapazes de se concentrarem, errando pelas florestas e pelas estepes do Continente, bem cêdo pertencerão ao passado,

Uma abyssinia

a exemplo dos seus similares do Industão?

Seguem-se-lhes os *hottentotes* e os *bushmanos*, cuja historia ethnica, apesar de varios trabalhos de immenso valor realisados no dominio das sciencias anthropologicas, é ainda hoje difficil de se precisar. Ha n'estes dois ramos vestigios das raças do Extremo-Oriente, vestigios indecifraveis, salvo hypotheses de uma primitiva ligação entre o sul africano, a ilha de Madagascar e a Malasia. Não constituem, principalmente os *hottentotes*, um agrupamento em caminho de immediata degenerescencia. Occupam uma região, onde são necessarios, mas é provavel que a immigração de raças incomparavelmente mais energicas as obrigue a dispersarem-se, fugindo para as regiões onde os invasores não terão probabilidades de se firmar. O seu *habitat* é no sul da Africa, na Colonia do Cabo, do Orange e no Transwal, — paizes que constituem, pelos seus caracteres geographicos, uma região natural,—e a extremidade de toda a facha montanhosa do Continente. Os *bushmanos*, que formam, na escala da superioridade, a passagem entre os *pygmeus* e os *hottentotes*, vão já soffrendo o destino d'aquelles e espalham-se por isso não só no deserto do Kalahari, como chegam, ao norte, até ao Tanganika.

Do grupo *negro* são as raças que indicámos o sub-grupo inferior, constituindo os *hottentotes* a passagem d'este para o sub-grupo superior, composto dos *negroides-bantús* e *negros sudanezes*. Não descreveremos os caracteres ethnicos d'estes grupos humanos. Seria um trabalho de anthropologia pura, que podemos pôr de lado n'este estudo. Diremos unicamente que é justamente entre os *negros sudanezes* e os *hamitas orientaes* que os crusamentos são mais frequentes, sem que se possa affirmar, a julgar pelas descripções dos exploradores e naturalistas, — que existe um povo absolutamente constituido de elementos *hamito-orientaes* e *negros sudanezes* propriamente ditos.

O grupo negro é cercado ao sul pelos europeus, a leste pelos *hamitas* e *semitas*, ao norte pelos representantes d'estes dois grupos principaes. Os *bantus* e os *sudanezes*, depois de terem repellido os *pigmeus* e os *bushmanos*, soffrem a seu turno a invasão lenta dos povos superiores. E' a luta a que assistimos n'este momento e que em virtude de uma alta comprehensão da civilisação européa na Africa, vae tomando um aspecto completamente differente da dos tres primeiros quartos do seculo XIX.

Todo o leste africano é habitado pelos *hamitas*, os antigos *ethiopes*. Do Egypto até ao Massai, do Guardafui até ao Alto Nilo, este grupo ethnico, de grande vigor organico, sustenta egualmente uma lucta tenaz contra a invasão européa. Toda a facha oriental é dominada principalmente pelos hamitas e pelos crusamentos que teem produzido com o primitivo elemento indigena. Pertencem a este grupo os habitantes da Nubia meridional, os *somalis*, os *massais*, os *bejas*, os *afars* do Danakil e ainda outros ramos com caracteres morphologicos e moraes muito diversos dos do grupo negro. A sua influencia ethnica espalha-se pelo Saharà e chega até ás margens do Mediterraneo. Encontram-se na Argelia, Tunis, Tripolitana, Barka e propagam-se até ao Egypto, crusando-se com os *semitas* em todos estes paizes que formam as regiões naturaes *nilotica*, *mauritanica* e *sahariana*.

A distribuição ethnica na Africa manifesta-se por camadas humanas que se justapoem. Aos *negritos pigmeus* seguem-se os *hottentotes* e *bushamanos*; a esta sub-divisão, os *negroides-bantús* e os *negros sudanezes*. Na ordem da sobreposição e categoria, veem os *hamitas orientaes*; em seguida os *hamitas occidentaes*, que revelam já caracteres phisicos e intellectuaes superiores. O grupo *semita* é o que antecede em hierarchia o europeu. Constituem os actuaes povos da Europa a ultima onda humana recebida pelo Continente africano. Os *semitas* occupam tambem, mas esparsamente, as tres regiões norte-orientaes da Africa. O seu crusamento com os *hamitas*, principalmente com os do occidente, é facil e firme no tempo. Teem, com elles, affinidades ethnicas, parentesco e semelhanças intellectuaes e moraes.

As differenças ethnicas entre todos estes grupos humanos traduzem egualmente nos typos sociaes que elles manifestam diversidades equivalentes. Religião, crenças, linguas, cultura, tudo concorre para a legitima classificação das categorias que indicámos. D'estas raças, algumas do *grupo negro*, terão necessariamente que desapparecer; outras precisam viver, porque a civilisação africana não será possivel sem ellas. O grupo *hamita*, fazendo a passagem entre os agrupamentos inferiores e os typos mais graduados, traduz tambem uma necessidade ethnica, que não pode ser prejudicada. O seu papel na historia futura da Africa deve estar marcado; a sua missão não pode ser dispensada. A metade norte-oriental da Africa apresenta hoje uma forte população, com qualidades de energia moral que merecem ser cuidadosamente attendidas. Na metade sul-occidental a predominancia ethnica pertence ao *grupo negro*.

São differentes as regiões naturaes da Africa; são diversas, pela sua hierarchia na escala humana, as raças que habitam o continente. O grupo negro é cercado pelos hamitas e semitas e estes dois agrupamentos pelos europeus. Ha portanto uma luta ethnica tenacissima.

A situação geographica especial do Continente africano imprime a este conflicto entre tantas raças diversas e organicamente antagonicas uma significação que merece ser detidamente analysada.

Bordam a Africa as melhores e mais movimentadas estradas do mundo; os seus grandes rios põem essas estradas em communicação com o centro do vasto triangulo. Defronte da America e ligada á Asia, domina o Atlantico-Sul, o Mar das Indias e o Pacifico Australiano; vigia o Mediterraneo e está a poucos dias da nova estrada da Anatolia. A sua funcção no progresso e na concorrencia dos povos europeus será infallivelmente immensa.

As suas qualidades geographicas e os seus caracteres ethnicos, bem analysados, hão de esclarecer-nos sobre o papel politico e economico, que cada uma das suas vastas regiões naturaes deve representar na politica mundial. Os ultimos povos invasores, desembarcados da Europa, não podem, por leis ethnogenicas, fixar-se, em crusamentos permanentes com as raças inferiores, em nove decimos do Continente. Entre elles e o grupo inferior ha que contar com fortes collectividades humanas, possuidoras de direitos de posse effectiva em mais de metade da Africa.

São complexos os problemas que os *movimentos* das populações africanas apresentam ao estudo reflectido dos homens da sciencia. A civilisação do Continente tem de ser alguma coisa de differente da que os novos invasores promoveram na America e na Oceania.

Tudo conflue n'este sentido e tudo faz suppor que não é ainda n'este seculo que a carta politica da Africa será definitivamente organisada. Novas ambições, novas lutas dar-se-hão á superficie d'este immenso bloco, que a natureza fez emergir, como a difficultar a passagem entre as velhas civilisações do Oriente e as margens do Atlantico Septentrional onde se combatem ainda, por uma lei geral da concorrencia na vida, os mais illustres representantes da especie humana.

Silva Telles

Geishas

Uma visita á Beira

Por ANTONIO ENNES

(Continuação).—Um batuque militar.—Theatro do matto.—Uma ovação a Caldas Xavier.—A missa no areal.—A visão da Patria.

PRINCIPIOU o grande espectaculo. Estenderam-se as columnas n'um grande semicirculo de que a minha palhota era centro, e os negros sentaram-se na arêa, costas para o mar, joelhos á bocca. Entoaram uma cantata de notas vibrantes, e logo um d'elles se ergueu e avançou para a frente da linha, saudado pelas acclamações phreneticas dos outros, reforçadas por palmas, assobios, estridencias de buzinas corneas. Era um chefe e um bravo; alguns dentes pendurados ao pescoço attestavam que já tinha morto outros tantos homens na guerra. Ia *pombeirar*. Atacou uma especie de recitativo, cortado em phrases curtas, a que os companheiros respondiam em côro, e representou com uma vivacidade doida de gestos, de saltos, de contorsões, animadas scenas guerreiras, investidas impetuosas, fugas, emboscadas, combates com azagaias, lutas braço a braço, terminadas pela victoria sobre o inimigo, derribado, espezinhado, crivado de golpes. Segundo a significação que tinha, a mimica era muda ou explicada e commentada n'um canto adequado, em que a espaços intervinha o côro. E que originaes harmonias, que melodias doces, que engenhosas combinações de notas e de tons haviam inspirado as musas da natureza áquelles artistas intuitivos. Quando o *pombeirante*, depois de expandir as ufanias do seu triumpho n'um tripudio de possesso, volveu a sentar-se modestamente entre os companheiros que o applaudiam delirantes; logo outro o substituiu, seguindo-se outro e outros, sem nunca haver competição, todos recebidos com vociferações de alegria e de enthusiasmo, todos egualmente ajudados pela massa choral. A mimica variava conforme o caracter ou o capricho do executante, mas era sempre viva, e sempre obrigada a grandes pulos e a manejos de azagaia, figurada pela espingarda ou pelo bambu. Alguns folgazões davam-lhe um caracter grotesco, que provocava estrondosas gargalhadas dos espectadores, faziam cousas inacreditaveis, desengonçavam o corpo em attitudes ridiculas, simulavam situações truanescas. Um representou por completo o ataque nocturno de surpreza a uma povoação inimiga, a descoberta ardilosa, a marcha acautelada, o assalto inopinado, a chacina, o saque, a retirada com a presa, tudo entremeiado com *numeros de musica*, como se diria nos cartazes, se os tivessem aquelles espectaculos. Quando o corypheu tinha popularidade pelos seus feitos d'armas, ou conseguia fazer chegar ao rubro o enthusiasmo do seu publico, levantavam-se admiradores expansivos e atiravam-lhe para cima da cabeça e dos hombros punhados de arêa, de palha, de hervas. Por vezes a pantomima e o canto significavam preito e tornavam-se apotheoticos; o *pombeirante* gesticulava e saltava deante de mim, parecendo ameaçar-me com a azagaia erguida, soltando gritos estridentes, procurando talvez intimidar-me e por fim pousar-me a mão na cabeça ou puxar-me ao de leve pelas barbas, ao som de acclamações phreneticas da turba. Eram demonstrações de respeito, aquellas familiaridades que me envolviam a cabeça n'um nimbo de vapores de catinga!

A etiqueta d'aquellas festas não permitte a qualquer insignificante apresentar-se a *pombeirar*. Não sendo a dança mera recreação, mas sim uma solemnidade em que guerreiros narram e celebram os seus feitos, estimulando com o exemplo proprio o valor alheio, quem nunca matou sequer um inimigo não deve sair dos córos e a transgressão ousada d'esta regra é punida com apupos, quando não cachações. Em compensação exige-se que o chefe respeitado e temido, que o valente que se assignalou por alguma proeza exhiba a sua pericia chorégraphica perante o seu povo e os companheiros d'armas.

O pobre major Caldas Xavier não escapou

a essa exigencia, que significava afinal uma homenagem ingenua á sua bravura.

De cada vez que se retirava um *pombeirante*, os negros gritavam: *majozo! majozo!* n'um temporal desfeito de gritos, de palmadas, de ditos, em que se distinguia um sopro affectuoso. Fizemos com que elle respondesse ao appello, apparecendo á frente da sua gente, mas quasi nos arrependemos. Saltou n'elle a turba-multa a entornar-lhe em cima a praia e o matto, n'uma ovação delirante em que a sua pequenina figura nervosa desappareceu por largo tempo n'um torvelinho de braços agitados, de membrudos corpos remexidos. Mas ninguem o desacatou!

Bôa gente afinal!

Bôa e simples, como a infancia. Quando eu lhes disse que o rei queria premiar a fidelidade com que elles haviam servido o seu *induna*, os chefes pediram-me que lhes désse umas divisas de panno encarnado que pregassem no braço, para mostrarem nas suas terras, — diziam — que rei era amigo d'elles, e a arraia miuda exultou com a distribuição, que lhe mandei fazer, de *cofiós*, barretes de malha de lã, vermelhos ou azues, e retalhos de panno para enrolarem na cinta. Nada mais ambicionaram, a não ser, já se vê, o inevitavel *mata-bicho*.

O *batuque* guerreiro com que elles me mimosearam, é privativo dos povos do sul, landins vatuas, zulus, embora o imitem já, ou antes o macaqueiem, todos os vizinhos d'essas tribus. A chorégraphia propria da região da Beira é essencialmente differente; tem uma intenção apenas recreativa e um certo caracter pastoril. O Tica, um pequeno regulo das margens do Pungue e das cercanias de Neves Ferreira e Mapanda, mandou-me comprimentar pelos dançarinos da côrte, que perante mim exhibiram os primores de sua arte. Eram quatro muleques, com o corpo nú e desornado da cintura para cima, e o ventre e as pernas cobertas até o joelho por uma especie de saia curta e tufada como as das estrellas perneantes dos nossos palcos, formada por uma espessa franja de palhas. Ao som de pequenas flautas, por elles proprios tangidas, giravam sobre si agitando os pés a compasso e meneando os corpos, com movimentos lentos e desgraciosos. Este estylo de dança parece-se tanto com o féro batuque landim como o covardissimo regulo de Mapanda com um chefe de guerra do Gungunhana!

Antes de se retirarem para Lourenço Marques, a bordo da corveta *Rainha de Portugal* os voluntarios de Caldas Xavier ouviram missa na Beira, e, piedosos ou não, é de crer que em suas almas entrassem intimas hosannas, por se haverem salvo da morte que tinham visto de tão perto e sob tantas formas medonhas.

A povoação não tinha ainda um lugar de culto religioso. Pertencia á parochia de Sofála, cuja séde lhe ficava tão pouco á mão que o habitante que quizesse cumprir semanalmente o primeiro mandamento da Egreja teria de perder a semana toda em viagens de ida e volta. Ia lá o parocho uma vez por outra, não cabendo uma vez a cada anno, e improvisava alguns actos catholicos, baptisando creanças negras que tinham paes ou encontravam padrinhos dispostos a pagarem 1:000 réis pelo sacramento administrado ao ar livre ou n'uma palhoça, com um copo d'agua, dentro d'um circulo de negralhada boquiaberta deante dos dourados da capa sacerdotal. A ceremonia servia de pretexto para bebericagens, batuques, e o neophyto não guardava memoria d'ella, nem adquiria nunca idéa da sua significação, pois que na terra não existia, normalmente, um signal material ou uma noção moral de christianismo.

O corpo expedicionario organizou, porém, os seus serviços religiosos logo que, a instancias minhas, lhe foram enviadas alfaias de culto, por largo tempo encalhadas nos depositos de Moçambique. N'um pedaço de areal entre o acampamento e o Chiveve armou-se uma capella, que não podia ser de mais desaprimorada fabrica, nem mais abstinente de pompa e arte. Era apenas uma barraca de lona, denegrida e remendada, com um panno levantado a modo de toldo para descobrir o altar, feito de taboas toscas mascaradas com um frontal de seda agaloado e alvas roupas de linho; sobre o altar, um crucifixo abria os braços entre quatro luzes desmaiadas pelo clarão vivo do sol; a par d'elle, uma banqueta enroupada em toalhas servia de pedestal á pequena imagem eburnea da Virgem, que Sua Magestade a Rainha D. Amelia offerecera á expedição; d'um e outro lado do toldo tremulavam bandeiras portuguezas em hastes cravadas no chão. Em dias de missa a força expedicionaria formava deante da barraca, e a banda marcial, collocada na varanda d'uma casa de madeira que fazia frente ao altar, acompanhava as orações rituaes com melodias profanas. Realmente, nem o scenario nem o ceremonial exaltavam a imaginação ou o sentimento religioso. O local fôra mal escolhido. Havendo as immunidades do céo e do mar para zimborio e nave do templo, tinham embarracado Deus em sarapilheiras. Vista que se desfitava da ara santa ia bater nas cozinhas, nas arrecadações, nos despojos do acampamento. Os soldados vestiam as rou-

pas do serviço, desalinhadas e manchadas de escuro pelas transpirações copiosas. A banda incompleta e desharmonisada, não tendo reportorio para a solemnidade do acto, tocava arias da *Força do Destino* ao *Credo* e polkas e mazurkas ao *Agnus*. Dobravam-se os joelhos sobre botas arrombadas ou solas arrancadas de butes de munição, que conspurcavam o areal. Vozearias distantes de negros entrecortavam o murmurio das preces do officiante. Todavia, apesar do ambiente de irreverencia, apesar das distracções e dos escandalos que de continuo offendiam a piedade e impediam o recolhimento dos espiritos, a hora da missa, era uma hora, talvez a unica, de intenso viver moral: homens rudes choravam lagrimas silenciosas perante o Christo livido, em cujo corpo esqueletico os rasgões da lona punham chagas e lanhos de sol, e almas refractarias ao mysticismo concentravam-se em actos de fé e de amor, quando o sacerdote elevava acima das cabeças humilhadas a hostia sacrosanta, saudada pelos rufos graves dos tambores e pelos clangores vibrantes das cornetas.

E' que ali o culto de Deus identificava-se, para nós todos, com o culto da familia e da patria. Quem não orava com os labios, orava com o coração, sentindo no seu palpitar votos fervorosos sem endereço definido, que a saudade e a inquietação suggeriam a todas as ternuras humanas, e desejando crêr, ou crendo sem o confessar, n'um poder sobrenatural para lhe entregar á protecção da sua misericordia alguns entes queridos desprotegidos pela ausencia. Eram, certamente, grosseiras e banaes as decorações e as praticas do serviço divino; mas os sentimentos dos assistentes descobriam n'ellas estimulos para as suas intimas expansões. Quem teria olhos para attentar na defeituosa esculptura da imagem do crucificado, lembrando-se de que era elle o mesmo symbolo, deificado por adorações fervorosas, a cujos pés estariam n'aquelle mesmo momento, tantas mães alanceadas por inquietações, filhas pungidas pela previsão da orphandade, esposas nunca tornadas a si do desespero da separação, soluçando supplicas de vida em favor dos que os seus amores pavidos julgavam arriscados, nos sertões d'Africa, a todas as barbaridades da natureza e dos homens? Communicava-se idealmente com os ausentes queridos por meio das imagens que elles tambem veneravam. Mal se divisava a pequenina Virgem de marfim na sua maquineta de vidraça que os feixes de sol fechavam a espaços, com radiantes cortinados de ouro polido, mas todas as vistas se sentiam guiadas pelas ancias da alma para aquella fagueira personificação das virtudes e dos encantos da mulher. Com a ingenuidade pueril da ternura, pediam-se noticias á sua omnisciencia, encommendavam-se mensagens á sua omnipresença, procuravam-se presagios e revelações na expressão que a sombra ou a luz debuxavam no seu rosto pallido. Era ella a Esperança! A Rainha tivera uma feliz inspiração, dando por companheira e padroeira aos expedicionarios, áquelle grupo de homens que iam viver, sem familia, n'um ermo de affectos, a Mãe Celestial em que o Christianismo encorporou todos os carinhos santos do coração feminino. Vista através dos prismas das lagrimas saudosas dos expatriados, a graciosa estatueta tomava feições de retratos que as despedidas pungentes em cada cellula do organismo lhes haviam estampado; e se ella retivesse e repetisse, como um phonographo psychico, as preces mudas que se lhe aferravam á fimbria do manto para serem elevadas ao céo, ainda agora retumbaria no santuario que a guarda, um côro enternecedor de arrancos e suspiros, de obsecrações afflictas e timidos votos, sobresaindo d'ella vozes que Deus não costuma ouvir, supplicando tremulas: *Senhora, permitti que ainda abrace minha velha mãe! Virgem, livrae de perigos a minha estremecida filha!* Debaixo do pedestal da cruz em que o Christo agonizante ensinava o sacrificio, o branco linho do altar, offerecido pela piedade d'uma dama desconhecida, recordava consoladoramente aos soldados que a sua abnegação deixára na patria sympathias, que lá de longe velavam por elles. A musica sobre-excitava os cerebros; as notas vibrantes dos metaes pareciam fallar altivamente da gloria, retemperando as energias, ao passo que as melodias suaves espalhavam enternecimentos convidando á fraternidade humana, e os espiritos cedendo ao seu pendor de relacionar com as proprias preoccupações os factos exteriores, compunham para cada trecho lyrico libretos pessoaes. Que cousas sentidas me não disse a mim, dolorido pela morte d'um irmão, a aria *Pietà fratelli!* da *Força do Destino!* Cravadas aos lados do altar, pendente como em homenagem a Deus, mas com as dobras enfunadas pelas virações do Mar Indico, as bandeiras nacionaes electrizavam com suggestões viris os abatimentos morbidos das ternuras egoistas. Eram a honra da patria, que ali estava fiada do nosso brio; era o passado epico que nos fitava, na propria terra por elle balizada com tropheus para a civilização e para o Christianismo. Se aquella agua que alem sussurrava teria espelhado o vulto de Vasco da Gama, encostado á amurada do seu navio, alongando a vista em busca da terra?

Aquelle madeiro carcomido, acarretado pelas cheias do Pungue do interior longiquo, talvez tivesse sombreado com a ramaria soldados intrepidos d'outras eras, ou servido de pelourinho a missionarios martyrisados! Atropellavam-se no cerebro as recordações estimulantes, escandecia-se o sangue nas veias, e quando os clarins faziam vibrar os ares e os nervos, sentimos impetos de descravar as pobres cabisbaixas e, levantando-as bem alto, investir com ellas pelo sertão dentro, obrigando os povos a saudal-as de joelhos. Da figura resignada do Crucificado só se percebiam então as gotas de sangue, sumia-se n'uma neblina vermelha o rosto meigo da Virgem, esvaiam-se as visões ternas da familia, e julgava-se descobrir no largo mar azul antigas frotas ovantes com as bordas reluzentes de morriões e arnezes feridos pelo sol, que nos enviavam pela aragem atoardas enthusiasticas de *Portugal! Portugal!*

Sentia-se muito, phantasiava-se muito, n'aquella hora solemne, consagrada a todos os cultos do coração humano! Quando o officiante se retirava do altar, segurando nas mãos o calix revestido e murmurando orações, havia em todos os olhares a expressão vaga e espantadiça que deixam as meditações profundas.

A missa a que assistiram os voluntarios de Caldas Xavier, essa reforçou a sua propria virtude suggestiva com os enternecimentos que de si derramavam aquelles valentes, tantas vezes havidos por mortos, que elles proprios sentiam como que o assombro jubiloso e grato d'uma resurreição. O *levantar a Deus* foi um momento de intensa nevrose religiosa. Quando a musica se calou, e, no silencio grave resoaram successivas vozes breves e sacudidas de *joelho em terra;* quando, prostrados os corpos, curvadas as frontes, o altar pareceu crescer para o céo e o padre, mirrado dentro da casula, ergueu nos braços brancos a hostia sagrada, lentamente como sobe no horisonte a estrella da manhã, até que o seu disco, alvinitente na penumbra da barraca, parou aos pés do Christo dando por subpedaneo symbolico ao suppliciado do Golgotha um globo, imagem do mundo inundado de luz candida, como a da fé, quando a campainha lithurgica telintou e os seus chorrilhos cadenciados de agudas notas argentinas se concertaram com os rufos tronantes dos tambores e os limpidos clangores das cornetas, que faziam continencia a Deus, passou pelas almas um fremito da fé com que n'outras eras os soldados marinheiros da epopéa portugueza deviam ajoelhar e orar, depois das tempestades e dos combates, na orla das terras remotas que descobriam e conquistavam. Tanta vibração moral houve n'aquelle acto que se communicou a gentios e selvagens. Os carregadores landins de Caldas Xavier assistiam da porta á ceremonia, fechando o campo de parada com uma sebe negra ouriçada de bambus desfolhados, curiosos e irreverentes, attentos só á musica cujos instrumentos de latão reluzente apontavam uns aos outros com gestos e interjeições mal abafadas de espanto; mas no momento de adoração, estarreceram, consultaram-se com os brancos olhos esbugalhados, um que outro deixou-se cair sobre os joelhos, e afinal ajoelharam todos, sisudos, silenciosos, reverenciando tambem instinctivamente o Deus desconhecido de Paulo!

(Continúa).

ABSORTA
Versos de José de Sousa Monteiro
Musica de M. Grisalde
(Condessa de Proença-a-Velha)
Gracioso (Metr: ♩=100)
CANTO
PIANO
Es.... cu... taabsor.taá va_ran........da En....treocul.tanaheraem
flôr, A gui.tarraquelhe man.......da De lon....genaa_ragem

bran........da quen..tes pro.tes....tos d'a..môr.
Quen..tes protes..tos d'a..môr.
p
Cau....te......la mi....nha tri..guei...ra Das
pp
mãos dean..jo e pés de fa..da Não teen leveaalma a to..a......da

Os Serões *confessam-se em extremo reconhecidos á amavel condescendencia da distinctissima senhora, que permittiu a publicação, nas modestas paginas d'esta revista, d'este delicado trecho musical. A senhora Condessa de Proença-a-Velha, que enaltece os primores d'uma distincção toda fidalga com as fulgurações d'um talento todo artistico, esmaltando os beneficios da sua alta posição na sociedade com os labores, tantissimas vezes ingratos, da cultura intellectual, tem dedicado á realização dos seus ideaes de arte um tão fervoroso empenho que pela sua iniciativa, pela sua cooperação brilhante e pela sua suggestiva influencia, conseguiu fazer reflorir nos salões a vida musical portugueza; e de tal sorte que d'aquella sua interferencia, bem digna de louvor inteiro, ficou perduravel memoria e acção. Buscando inspira-se da musica popular, e modulando-a nos dizeres da poesia portugueza, a senhora Condessa compoz uma serie de melodias, onde a alma nacional tem sentida traducção no canto. A esta valiosa collecção pertencem as paginas que os* Serões *se honram de publicar.*

UM RECLAMO SENTIMENTAL

No verão de 18.., o movimento de passageiros e o trafico entre S. Luis e Memphis era bastante intenso; porém não tanto que podesse sustentar ao mesmo tempo a companhia de paquetes de S. Luis e o capitão Job Benton. A companhia de S. Luis, recentemente constituida com meia duzia de bellos vapores novos, fazendo carreiras diarias, augmentava progressivamente os seus lucros. O capitão Job, com o seu unico vapor, o *Southerner*, ia invariavelmente perdendo dinheiro.

O *Southerner* era um vapor de rodas, de tamanho regular e de forma antiquada. Fazia muita agua e em regra atrazava-se de um ou dois dias em cada viagem.

Mas para o capitão estas cousas eram indifferentes; para elle o seu barco era, por todas as razões, o melhor paquete do Mississipi. De que estaleiro viera primitivamente ninguem sabia; rezava a tradição ter sido de Pittsburg. Andava, ha tanto tempo, na carreira de Memphis que mesmo os mais antigos não podiam fixar com precisão a data da sua primeira viagem.

O proprio capitão Job tinha já alguma cousa de veterano. Filho de piloto, desde a mais tenra idade, aprendera todas as complicadas obrigações do seu mister. Aos dez annos era ajudante na casa das machinas, aos quinze timoneiro, aos vinte piloto, e aos trinta patrão e um excellente patrão, embora o fosse da escola antiga. Considerava as innovações, como a illuminação electrica ou quaesquer outras commodidades, umas simples *frioleiras*; e detestava cordialmente os engenheiros do governo, com os seus trabalhosos planos de attenuar a violencia da corrente do rio. Mas elle era tão universalmente popular, e o seu barco tão largamente conhecido, que durante annos prosperara.

Com o advento da nova companhia, diminuiram-lhe a breve trecho os passageiros e a carga. A principio ficara calmo; depois, vendo a deserção augmentar de dia para dia, receiou do seu futuro; em breve os rendimentos começaram a adelgaçar-se como o rio durante a estação estival. Convenceu-se afinal, de que precisava fazer alguma cousa para se defender e depressa. Decidiu-se a tentar reducção no tempo do trajecto, e em conformidade arranjou um novo roteiro de viagem, o qual em verdade não foi um exito. As machinas do *Southerner*, acostumadas a longos annos de deliberado e pacifico trabalho, recusaram-se á velocidade da nova carreira, — e logo no primeiro dia arrebentou um tubo da caldeira, quebrou-se um dente de engrenagem e desarranjou-se um cylindro da machina. Em resumo, o vapor foi obrigado a entrar por duas semanas em reparação e, quando voltou, a luta estava perdida. O luxo e a frequencia das embarcações rivaes tinham chamado a si definitivamente tanto os viajantes como os carregadores. O *Southerner* fez ainda algumas viagens com a equipagem sem trabalho, e camarotes cheios de criados e de cadeiras vasias; e portanto o capitão resolveu suspender as carreiras.

Não era, porém, cousa facil para elle abandonar o theatro da sua primitiva gloria: — nos seus quarenta e dois annos só por duas vezes se afastara d'aquellas quinhentas milhas de rio; e dos estabelecimentos das margens conhecia quasi todos os homens, mulheres e creanças. Todavia pareceu-lhe que nada mais ali havia a fazer. Portanto n'um dia de outubro disse adeus aos seus agentes, dirigiu-se para a sua herdade de Illinois, algumas milhas acima da cidade de Alton. Ali elle fez encalhar o seu dilecto vapor, pol-o a secco, especou-o defronte da sua propriedade, e retirou-se á vida pacifica de agricultor.

Pelo menos era esta a sua intenção quando veio para terra; mas em breve reconheceu que os habitos de tantos annos, passados a bordo, não podiam ser abandonados d'um momento para o outro. A administração da sua herdade entreteve-o ao principio, depois pouco a pouco foi-a entregando ao seu feitor, até que ao cabo de seis mezes, nem sequer n'ella pensava um instante.

O capitão Job começou de persuadir-se de que qualquer dia recuperaria o seu lugar no trafico do rio. Mais tarde ou mais cedo deveria haver uma inesperada mudança. N'esta

esperança julgou inteiro dever seu conservar o *Southerner* sempre prompto a voltar á navegação.

Assim considerando, impoz-se um rude tra-

...especou o vavor defronte da propriedade...

balho, dividiu o seu dia n'uma curiosa obrigação. Logo depois do almoço corria para a sua embarcação e começava na faina. Desempenhava todos os misteres de bordo; mais d'uma hora era empregada na escrupulosa limpeza do chão, do convés, dos tectos, primeira obrigação que elle aborrecia fazer, mas que achava necessaria. Em seguida vinha a inspecção e arranjo dos camarotes e do salão. O capitão tomava n'isto maior interesse, havia ao menos alguma variedade: cadeiras e mesas para se limpar do pó, pannos de mesa para se sacudir, e tinha de olhar pelo piano. O capitão mirava-o com grande respeito. Era extremamente ignorante de musica, mas em todo o caso parecia-lhe necessario experimentar o instrumento d'alguma fórma, portanto todos os dias levantava-lhe a tampa, e com ambas as mãos tirava estrepitosos e destoados sons do teclado. Era tão particular na limpeza e no arranjo da mobilia do seu beliche como a mais cuidadosa dona de casa com o seu *boudoir*. Mudava constantemente, d'um para o outro lado os tapetes, os quadros, as cadeiras, as mesas, porém nunca sabia decidir qual seria o lugar mais conveniente. Depois d'uma vista d'olhos na despensa e outra na roupa-ria, dava por terminadas as suas obrigações de criado de bordo.

Em seguida descia á coberta entre o mastro e a mesena e fazia-se engenheiro. As machinas resguardadas por espessos pannos alcatroados eram carinhosamente descobertas. Untava-as, polia-as de todos os lados, aparufusava aqui, desmanchava acolá e afinal cobria-as de novo.

Depois tomava funcções de calafate, revistava cuidadosamente o cavername e o apparelho.

Chegava a hora do jantar na herdade. As refeições do capitão eram pausas alegres na

sua existencia, porque eram cozinhadas e servidas no estricto systema de bordo, por um ex-marinheiro do *Southerner*.

Finalizado o jantar, Job Benton voltava ao vapor, mas agora como capitão. Se o tempo estava favoravel, sentava-se horas seguidas, ou no convés perto do leme ou na casa da vigia. Se estava mau tempo, ia para o seu pequeno escriptorio, e passava revista á lista dos antigos passageiros, na qual appareciam nomes de muitos homens notaveis, incluindo o d'um presidente.

Eram-lhe docemente gratas estas longas tardes. Perto do seu querido rio — o irresistivel, o gigante Mississippi — quebrando sereno na margem, absorvia-se na contemplação dos variegados espectaculos que lhe davam as embarcações do rio, umas a favor da maré deslizando na corrente, outras lutando fortemente contra ella. Toda a embarcação que passava proxima, desde o mais insignificante barco de reboque até o mais majestoso paquete, comprimentava o *Southerner* com um forte silvo de vapor, e todo o mestre ou piloto gritavam ao capitão Job, através do espaço, alegres saudações. O capitão não tinha vapor para fazer soprar o apito em resposta, pelo que se affligia intimamente, porém encontrara na grande sineta de bordo um meio sufficiente de o substituir. Entretanto lia os jornaes, sobretudo os annuncios maritimos. Voltava para a ceia, depois no crepusculo revistava o velho paquete, bastante grande para içar nos seus canos as lanternas encarnada e verde que a lei maritima determinára dever usar toda a embarcação fluctuante, e dormia a bordo. Os inspectores declararam que era ridiculo e enganador um barco posto a secco, em terra, exibir aquelles signaes. Mandaram-lhe ordem de os tirar.

..logo depois do almoço, começava na sua faina...

Profundo desgosto para o capitão Job, mas a associação dos pilotos não achou nenhum inconveniente n'este pequeno capricho do capitão, e foi em seu auxilio. Houve uma discussão, longa, renhida, na qual se expenderam d'ambos os lados numerosas opiniões,

graves e substanciosas, mas a ordem foi revogada.

De noute, os vapores apitavam ao *Southerner*, como de dia, e fosse que horas da noute, o capitão correspondia sempre; que elle enfiara um arame da sineta do *Southerner* para o seu camarote, e nunca o somno era tão pesado, que a não tocasse quando passava alguma embarcação.

No domingo fazia-se excepção a este regimen. O capitão omittia os varridos e as limpezas, e logo de manhã passava o seu antigo cozinheiro para o *Southerner*, com completas instrucções para o jantar, que assumia na vida do reformado maritimo a importancia d'um acontecimento. Era servido no comprido salão do vapor, com todo o esplendor de roupas, crystaes e pratas que a despensa podia mostrar e era largamente partilhado pelos vizinhos do capitão. Em regra, vinham de S. Luis por series alguns velhos amigos, marinheiros tambem. Elaborava-se e discutia-se o menu; o capitão e seus amigos contavam historias inverosimeis de embarcações, phantasticas aventuras de viagens e honrava-se abundantemente a garrafeira do capitão Job.

Vindo o verão, emquanto alourava a seara na herdade, empregavam-se com a ajuda do capitão, durante duas semanas, os braços dos trabalhadores disponiveis na renovação annual do vapor. Era limpo o fundo e repintado a primor.

...encontrara na sineta de bordo o meio de substituir o silvo da machina...

Durante oito annos o capitão Job varreu e esfregou, fez obras e conservou a sua embarcação. Durante oito annos acompanhou e estudou attento as notas do rio, nova balizagem, formações d'arêa e esperou pela sua vez com cega crença. Afinal ella chegou; a companhia de paquetes de S. Luis falliu ruidosamente.

Leu estas noticias n'uma segunda á tarde e na quarta feira seguinte á noute o *Southerner* com equipagem completa, em lastro, e uma lancha a vapor para descarregar, seguia para o forte de S. Luis no patinhar seguro e vagaroso das suas rodas volumosas. O capitão Job estava radiante de intensa alegria. O seu vapor não era já a reliquia encalhada na herdade de Benton, um objecto de curiosidade para os viajantes; era mais uma vez o paquete semanal de Memphis. Deliciava-se em escutar o bater da mareta no casco, o cair da agua das rodas nas duas esteiras espumosas, o zumbido do vapor fe-

chado em tensão, o rythmico movimento da machina. Com enthusiasmo de um mestre noviço, corria do convés para os salões, observando todos os movimentos da sua embarcação, distribuindo para uns e para outros innumeras instrucções e ordens.

A's dez horas o *Southerner* passava por baixo da ponte de Eads, e amarrava ao dique de S. Luis. No caes o capitão soube pela primeira vez que ia ter um competidor. Alguem do rio Ohio tinha feito construir um novo vapor, o *Telegramma*, para o trafego de S. Luis a Memphis. Já largára de Memphis em primeira viagem; porém o capitão estava em muito boa disposição para se affligir com o caso:—para dois havia largo espaço, dizia comsigo proprio.

Na tarde seguinte, á hora habitual das cinco, o *Southerner* partiu para Memphis com tempo de feição. O capitão receiava um pouco d'esta primeira viagem. Pensára nas inesperadas mudanças dos bancos do rio; temia que os velhos amigos o tivessem esquecido.

...contavam historias inverosimeis de bordo...

Os factos não justificaram os receios. Havia apenas mais alguns barcos de carga desconhecidos, aqui e ali uma nova construcção na margem do rio; o Mississippi corria sempre impetuoso, de aguas baixas e mexidas, as mesmas ressacas traiçoeiras, os inconstantes falsos bancos de arêa, e a marinhagem, como nos antigos tempos, furtando-se quanto podia, ao trabalho. O capitão foi observando todas estas pequenas cousas e consolando-se de assistir á repetição do passado. Quando o *Southerner* apitou a St. Geneviève, primeiro ponto de escala, ás dez, reconheceu que não fôra esquecido. Ali, como em todos os pontos da carreira, mal se divulgava a noticia de que o antigo capitão Job Benton inaugurara as suas novas viagens, os amigos, os antigos carregadores, os passageiros d'outr'ora accorriam ao caes, desejavam-lhe as boas vindas, entregavam-lhe encommendas, saudavam-o calorosamente. O capitão Job de chapéo na mão agradecia effusivamente, commovido, sensivel a estas demonstrações de apreço.

Pelas quatro da tarde do dia seguinte avistava-se Cairo. O capitão enxergou do pavimento superior do convés com surpreza umas grandes rodas que se approximavam do sul. Eram-lhe desconhecidas.

— Que barco é aquelle, Tom? — perguntou ao piloto.

— O *Telegramma*.

— Hum! — resmungou o capitão. Passe-lhe adiante se puder.

— Sim, senhor — e Tom deu signal ao machinista de augmentar velocidade.

O *Southerner* conseguiu chegar em frente

da cidade um pouco antes, e, depois de um aviso com o apito, começou de navegar com a intenção de amarrar antes do *Telegramma*. A manobra foi habilmente feita. Os dous barcos approximaram-se do caes. O capitão Job estava admirando a habilidade do seu piloto e indolentemente observando a escuma que cahia do talhamar do *Telegramma*, quando subito sente o *Southerner*, desobedecendo ao leme, vogar subtilmente sobre o

...contemplava allucinado a grandeza do desastre...

vapor que se approximava. Viu logo o que succedera; a cadeia muito gasta do gualdrope partira em qualquer parte.

— Para a ré! contra-vapor! — gritou freneticamente ao piloto. O piloto do *Telegramma* manobrou a roda do leme, orçou rapido, ordenou tambem ás machinas, porém foi inutil a tentativa. Houve uns segundos de intervallo irremediavel, depois, com um som aterrador de madeira a quebrar-se e a despedaçar-se, a dura prôa do *Telegramma* furou o franzino casco do *Southerner*. Um momento depois, os barcos embrulhados ainda na abordagem forçada foram de encontro ao muro do caes. Os passageiros do *Southerner* atemorisados e a maior parte da equipagem aproveitaram o ensejo de descer para terra.

Ao capitão Job pareceu que o desastre, apesar de ser grave, não era de fórma alguma fatal, porque a agua no dique estava muito baixa. Mas a catastrophe tinha apenas principiado. O piloto do *Telegramma*, na anciedade de se safar do *Southerner*, com quem se achava enrascado, e sem pensar nas consequencias do acto tentou recuar outra vez. O *Southerner* recusou desembaraçar-se, e, os dois vapores ainda presos um ao outro, vogaram para fóra. O capitão Job horrorisado de vêr o seu barco levado para a agua funda, precipitou-se do castello de prôa, protestando furiosamente contra o piloto do *Telegramma*. Quando este perturbado viu o erro commettido já estava a cincoenta pés de distancia da terra. Inverteu a manobra, que levara comsigo o *Southerner*, porém a corrente forte, actuando na pôpa do velho barco, libertou-o do duro esporão do seu assaltante, ao mes-

mo tempo que lhe expunha á agua no costado uma larga fenda que descia quasi até a quilha.

Rapidamente o *Southerner* adornou e começou de se submergir; mas a altura d'agua não era tanta que o cobrisse por inteiro, e o capitão respirou mais desafogadamente, não prevendo ainda o terrivel desfecho que ia seguir-se á collisão. O vapor encalhara só na pôpa e na prôa, e a parte central continuava a submergir-se; os pontaletes, uns após outros, o cavername, arqueando-se e estalando, desceram cada vez mais e arrastaram consigo as cobertas; depois com um ruido tristemente funebre a quilha estalou, e camarotes, camara do piloto, canos da machina, envolveram-se e enroscaram-se n'uma confusa destruição, desoladora, progressiva, precipitada. Era como se mão poderosa e colossal, poupando as extremidades do barco, tivesse pousado ao centro d'elle, e inexoravelmente o esmagasse contra o fundo do rio. O capitão Job, de pé, sob os restos da prôa fóra d'agua, comtemplava absorto, allucinado, assombrado, a grandeza do desastre. Os espectadores de terra viram sómente a perda de um paquete já velho e de pequeno valor, mas o capitão Job via o desfazer desapiedado das suas mais caras esperanças, dos seus mais sorridentes planos, o fim absoluto da sua carreira.

Vieram tiral-o d'ali muito a tempo uns barqueiros, assim como a Tom, o piloto, que sentado indifferente ao lado do patrão, segurava em cada mão ainda um raio da roda do leme. Posto em terra, o capitão foi cercado de multidão compadecida e plena de conselhos. Um amigo suggestionava-lhe a possibilidade de levantar o *Southerner*. O capitão dirigiu ainda uma vez o olhar para o desastre da sua vida, depois retirou-se; não podia supportar aquella visão dolorosa, os olhos marejados de lagrimas, o coração confrangido n'uma angustia intensa.

...cercado de multidão compadecida e plena de conselhos...

Voltou para a herdade e procurou esquecer, que é a suprema consolação para as

dores profundas, mas não havia meio. A sua occupação constante, o seu lindo vapor — tudo quanto de caro possuia no mundo — desaparecera para sempre. Todo o dia fumava o inapagavel cachimbo em frente da porta de sua casa, observando tristemente o rio. Os seus vizinhos procuravam-o; porém, como elle não se interessava pelas suas visitas, em pouco tempo deixaram de apparecer. Deligenciou consolar-se e distrahir-se, cultivando o seu jardim, a sua horta, mas fôra baldado o esforço. Por habito lia os jornaes de S. Luis e de Memphis. Um dia soube por um d'elles que os engenheiros do governo haviam dynamitado o *Southerner*, submergindo o inteiramente no canal. Depois d'esta nova não mais quiz abrir um jornal. Todavia os barcos, que passavam em frente de sua casita, rio acima ou abaixo, continuavam a comprimental-o, apitando mais alto do que nunca; elle é que não tinha já a sua sineta de bordo para corresponder agradecido. Muitas vezes, acordado alta noute por um silvo agudo de machina, eccoando pela quebrada escarpa da margem, apressado, como por instincto, ia procurar a corda da sineta, e deixava cahir a mão tristemente, recordando-se de que a sineta grande, de que tanto se orgulhava, estava enferrujando-se pouco a pouco nos lôdos do rio.

Seis mezes se passaram. Uma noute foi despertado por um apito, magico e estranho som, que o fez sentar na cama. Reconhecera aquelle silvo — não havia outro egual desde S. Paulo até Nova Orleans — o apito do *Southerner*. Alguem o levantara afinal do fundo do canal. Offegante, escutou, olhos fitos na escuridão do quarto, se ouvia novo silvo, um ruido de machina; conseguiu moderar a respiração, quasi supprimil-a por momentos, a escutar attento, mas nada ouviu. Subito lembrou-se da noticia da dynamitização do vapor e censurou a si proprio a fraqueza da sua memoria.

—Um sonho—notou com pezar e deitou-se novamente. Como se aquella illusão tivesse sido consolação de narcotico adormeceu profundamente e só de madrugada, sol fóra já, despertou. Subito feriu-o, como choque electrico, o tanger d'uma sineta familiar—a do *Southerner* — chamando para sondagens. D'esta vez estava bem acordado.

Levantou-se, abriu rapido a janella que dava para o rio, e assombrado reconheceu, fundeado e ancorado na margem uma bella embarcação— toda donairosa, casco pintado de branco, reluzente ao sol da manhã. O capitão Job pegou no seu oculo maritimo, companheiro inseparavel das suas unicas distracções, e observou attento e conhecedor a construcção do novo barco. Por sobre os canos das fornalhas fluctuava um novello pito-

...Isto não é sonho, Tom?...

resco de ligeiro fumo escuro, da descarga das machinas sahia n'um jacto violento um pennacho algodoento de vapor. Mas o seu espanto redobrou de intensidade quando percorrendo com o oculo todo o navio n'aquelle rapido exame, viu na prôa, junto de rendilhada carranca de ornato caprichoso, em lettras azues e douradas, pintado o nome de *Southerner*.

O capitão Job precipitou-se porta fóra a inquirir curioso, d'onde era aquelle vapor, para que viera fundear ali defronte da sua propriedade, porque tomara o nome do seu antigo paquete, e d'onde lhe viera a sineta e o apito. Job já não considerava sonho tel-os ouvido de noute e de manhã, nitidamente, eguaes aos antigos, absolutamente identicos.

Abordando o vapor, trepou as escadas, não reparou sequer na saudação affectuosa dos marinheiros, atravessou o convés e entrou no salão. Parou estupefacto. Era duas vezes maior do que o do antigo *Southerner*, todo atapetado, e decorado com profusão de lampadas electricas, de espelhos, e vidros coloridos. Espreitou para a sala das senhoras, luxuosa e *coquette*, para o quarto de fumar na outra extremidade; porém n'este momento foi novamente surprehendido pela apparição de Tom, seu antigo piloto, agora todo abotoado n'um uniforme de bordo, botões dourados reluzentes. O capitão Job encarou-o com sincero espanto.

— Quem é o capitão d'este barco, Tom? — perguntou-lhe.

— Poi emquanto tem apenas piloto, a quem está vendo.

— Mas o que veio aqui fazer?

— Queira acompanhar-me, capitão. No seu camarote saberá tudo.

O capitão cada vez mais intrigado seguiu o rapaz até o escriptorio onde pousada sobre a carteira estava uma carta, cujo sobrescripto tinha impresso a legenda seguinte:

Linha de S. Luis Memphis.— Vapor **Southerner.** *Capião* **Job Benton.**

E depois o endereço:

Ao Capitão Job Benton.

Herdade de Benton

Nervoso, frenetico, rasgou o sobrescripto e leu:

Caro Capitão. — Os abaixo assignados, residentes nas cidades dos rios, entre S. Luis e Memphis, tendo reconhecido a necessidade de substituir promptamente os vapores da fallida Companhia de S. Luis, e o seu proprio vapor submergido, decidimos inaugurar uma nova carreira de paquetes. N'uma recente reunião dos accionistas o senhor foi escolhido para ser o primeiro capitão na nova companhia; e por isso temos a satisfação de lhe offerecer a capitania do novo *Southerner* com participação nos lucros da linha do sul. Esperamos que receba favoravelmente esta proposta, d'outra forma creia que nos temos de empenhar muito para o convencer. Como simples attenção baptisamos o vapor com o nome de *Southerner*, outr'ora o *Valley Queen* da companhia de S. Luis. E para que podesse julgar-se, em casa propria, a bordo, mandamos procurar nos lôdos do Cairo a sineta e o apito do velho *Southerner*, seu antigo barco.

O *Southerner* tem aviso de partir da cidade no dia .. em primeira viagem. Confiamos em que possa arranjar os seus negocios de fórma a estar preparado para a sua segunda viagem, na semana seguinte.

Etc. — F. e F.

Pela segunda vez na sua vida o capitão ficara assombrado. Leu de novo a carta, detendo-se, com um certo desdem, na parte: «Confiamos em que possa arranjar os seus negocios de fórma a estar preparado para a sua segunda viagem.»

— Isto não é sonho, Tom?

— Não, senhor, — respondeu sorrindo o piloto.

Subiram ao convés. Capitão Job reflectia. Não lhe passara desapercebida a subtileza da manobra sentimental dos novos associados que assim resolviam o problema da concorrencia, defendendo os seus interesses, e reclamando a empresa com a antiga fama do barco e do capitão; mas bem se importava elle com a intenção reservada, que em verdade fôra habil e pratica. Voltava á vida, embora ao serviço d'outros. No prazer do commando encontraria compensação bastante aos revezes soffridos. Dirigiu o olhar para a herdade. — Ao portaló do navio estacionava o seu caseiro que, tendo-o visto sahir de casa, sem almoço, precipitadamente, viera saber o que occorrera de estranho.

— Vou partir. Escreverei amanhã — gritou-lhe o capitão.

O rapaz que por inclinação natural vivia amarrado á terra, ficou surprezo de tão subita resolução, para elle inexplicavel, e retirou-se a moer nas mãos o seu largo chapéo de palha entrançada.

O capitão perfilou-se n'um instantaneo volver ao seu antigo cargo, e tocando no braço do piloto:

— Pergunte ao machinista se está tudo prompto — disse.

Tom tomava o seu lugar ao leme, e em poucos minutos annunciava. — Tudo prompto, capitão.

Capitão Job pegou na corda do sino, concentrou-se n'um derradeiro exame da sua pessoa, como quem duvida da realidade, depois tocou firmemente a primeira pancada do signal de partida.

— Larga, Tom — gritou elle alegre, inteiramente transformado. A machina silvou; as rodas agitaram com violencia a superficie das aguas, e o grande vapor em sua elegancia donairosa seguiu rio abaixo.

No fundo de toda a acção generosa, o pessimismo encontra sempre um tenue sedimento de interesse e de reclamo que turva levemente a crystallina limpidez da bondade.

(Adaptado do inglez).

VELHA HISTORIA

A Mayer Garção.

I

Meu Deus, meu Deus, a noute é negra e tormentosa;
Anda a rugir, a uivar, desapiedado, o vento!
Cáe em ondas a chuva, e toda a terra, anciosa,
E' como alguem que solta o derradeiro alento!

Treme o solo, gemendo, e ao longe, no arvoredo,
A folhagem soluça, estorce-se, vacilla!
O proprio ar batido, em impetos, tem medo!
Corta o a cada instante o raio que fuzila!

Giram em turbilhão destroços mil, suspensos:
Abrigos de casaes, tectos, cabanas, troncos!
E vão-se ouvindo, ouvindo, e cada vez mais densos,
De colossaes trovões os formidaveis roncos!

. . . .

Mas n'esta mesma hora, além, entre a verdura,
N'uma casita leve, erguida contra um monte,
Apesar da borrasca, em plena noute escura,
Sem estrellas no céo, sem lua no horisonte:

Um par, um par gentil, enamorado e moço,
Palpitando de amor, de vida e de desejos,
No meio de tal ruido, e entre tanto destroço,
Envolve-se, feliz, n'uma rede de beijos...

E um ao outro diz as cousas mais suaves!
Trocam juras sem fim, confidencias formosas!
Sonhos ideaes como os segredos das aves,
E perfumados como um braçado de rosas!

Esboçam uma vida eterna d'alegria!
E a sorrir, a cantar, projectam um futuro,
Que seja a ondulação de uma mesma harmonia,
E vêem tudo roseo, immaculado e puro!...

Cá fóra, o vento zune, a trovoada augmenta!
Reboa pelo espaço um gigantesco grito,
Forjado dos mil sons que a tempestade alenta,
E feito colossal nos eccos do Infinito!

Passam em torvelinho as cousas mais disformes:
Ninhos feitos em pó; ferragens de portaes;
Blocos de chaminés; pedregulhos enormes;
Arbustos inda em flôr; folhame de trigaes!...

E os dois unidos sempre, enlaçados, risonhos,
Foragidos do Tempo, esquecendo a existencia,
Aberta a phantasia aos mais ridentes sonhos,
Vogam calmos n'um mar d'etherea transparencia!

E' noute? E iam jurar que o sol fulgura ovante!..
Troveja? E nem sequer attentam nos trovões!
Desfaz-se o céo em agua, e n'esse alado instante,
Não sentem latejar senão dois corações!

Vae na terra e no mar uma furia medonha!
De cada canto sáe um uivo d'afflicção:
Mas a mente dos dois demora-se risonha
Na mesma inebriante e divina canção...

Assim os vem colher o somno, de surpreza...
Era clara a manhã, o sol ia já forte,
Quando ambos acordando, e olhando, a natureza,
Viram então que ali pairára o luto e a morte!

Entra-lhes pela alcova uma luz esbatida;
Nas arvores saltita um passarito implume;
E da varanda ao fundo, uma rosa esquecida
Espalha no ambiente um tepido perfume!...

E os dois, furtivamente, abrindo uma janella,
Lêem no azul, no solo, e em mil dispersos traços,
O que fôra e fizera essa infernal procella,
Emquanto elles, sorrindo, iam trocando abraços...

II

Meu Deus! Meu Deus! Que ideal, que luminoso dia!
O sol deixa cair uma poeira d'ouro!
O espaço inteiro canta um hymno d'alegria,
E cada grão de arêa é como que um thesouro!

Na relva humida e verde a rega da manhã
Depoz em cada folha uma divina perola...
Passa no ar tranquillo uma frescura sã,
E vem da immensidade uma harmonia cerula!

Creanças brincam rindo, em gargalhadas francas!
Dormem ao longe os bois, n'uma infinita paz!
E erguendo-se do chão, um bando d'azas brancas,
Vae perder-se distante, n'um vôo immenso e audaz!

Cheio de sol, o rio ondula docemente,
Lembrando um regio manto, a luzir, a luzir,
E está tão socegado, e está tão transparente,
Que dá vontade até de sobre elle dormir!...

Nas ruas, toda em festa a multidão respira!
Desponta em cada rosto uma alegria immensa!
Enche o peito, enche o ar a boa seiva que gira
Em tudo quanto sente, e pulsa, e vibra, e pensa!

Um dia creador! Um dia abençoado,
D'esses que são talvez, na vasta natureza,
A essencia da Vida, o germen increado
De Deus, do Sol, do Amor, da Força e da Belleza!

. . . .

Mas n'esse dia, então — mysterio indecifravel!
Os dois, os mesmos dois que na outra noute horrenda,
Quando a terra tremia, o vento era indomavel,
E andavam mar e céo em aspera contenda,

Não haviam sequer ouvido um ecco só,
D'essa ameaçadora e formidanda luta,
Que tudo esfrangalhava e reduzia a pó,
Com uma sanha herculea, e uma pujança bruta,

Ai! n'esse dia, os dois, com a tormenta n'alma,
Surdos ambos, febris, ardendo de furor,
D'esse estranho furor, que força alguma acalma,
E que irrompe do peito, ingente, abrasador,

N'esse dia nenhum viu risos na paisagem,
Ouro no sol a flux; frescura e paz no ar!
Nenhum! que ambos no rosto, em tetrica visagem,
Deixavam a sua ira em ondas trasbordar!

Cantos na ramaria, arrulhos pelo espaço,
Murmurios feitos d'agua, a alacridade, a vida,
Tudo isso lhes parece impenetravel, baço,
Como uma aldeia branca em sombras envolvida!...

Entrára-lhes no lar, e ao mesmo tempo, o ciume...
Ella descrêra d'elle! Elle descrêra d'ella!
E assim como se esváe e se evola um perfume
Que enchia o ar d'um quarto, abrindo uma janella,

Assim voou tambem dos seus dois corações
O estonteante aroma, ethereo e delicado
Das chimeras sem fim, das doces illusões,
Que ambos viam florir no mundo illimitado...

Ao despontar-lhes n'alma a antevisão sombria
D'uma leve suspeita, embora bem cruel,
Pensavam, a tremer, se fôra uma utopia
O limpido clarão d'essa lua de mel...

Um sopro aquelle Amor? O espinho entrava fundo...
E emquanto cá por fóra em plena exuberancia,
Fluia a seiva e o sol, e o dia era jucundo,
Elles, no referver d'uma indizivel ancia,

Fechavam-se no quarto á luz, á vida, a tudo...
E estiveram assim durante horas, scismando!
Em volta o brilho, a festa! E o lar lá dentro mudo!
Todos sorrindo, e os dois, os dois então chorando!

Passou breve, porém, esse fatal momento;
Até que ambos por fim despertaram curados.
Mas ai! souberam bem que é só no pensamento
Que o bello e o horrendo estão d'um bloco egual formados...

Póde soprar o vento, ou póde o sol brilhar,
Cobrir-se o chão de flôr, ou requeimal-o a geada,
Ser um leão um rio — ou uma pomba o mar,
Estar parda a manhã ou a noute estrellada:

Que isso tudo, bom Deus, tão bello — ou tão medonho,
Isso tudo não conta, e nem sequer existe,
Se acaso dentro em nós alguma flôr de sonho
Um momento surgiu ao ar festivo ou triste...

E' em nós, é por nós que o mundo externo é mundo!
Paisagem, vida, côr, alegria, tristeza,
Somos nós e só nós que damos fórma e fundo
A tudo o que palpita! A' propria Natureza!

Affonso Vargas.

Igreja de Santa Clara a Velha. — Lado meridional e topo occidental do edificio

IGREJA DE SANTA CLARA A VELHA. — FACHADA ORIENTAL E PARTE DO LADO NORTE DO EDIFICIO

(Desenho do dr. Valle e Souza)

Igreja de Santa Clara a Velha

(COIMBRA)

Alem da ponte de Coimbra, deixando atrás de nós a animação da encantada cidade e entrando na estrada, linda a valer, bordada de laranjaes odoriferos e de choupos que se recortam nó azul em pitoresca silhueta, lembrando uma renda collossal, e que ao fim da tardé resaltam n'um forte destaque de agua forte quando o sol desce afogueado para a banda dos montes, dando a impressão deliciosa d'um poente de oiro e morango, depara-se á esquerda com as interessantissimas ruinas d'esta igreja, de aspecto melancholico como todos os edificios irreparavelmente perdidos, que causam uma impressão de tristeza e quebrantamento e attestam o maximo despreso com que ainda hoje são vistos os restos archeologicos da nossa crença e poderio antigos e do nosso gosto artistico, que por esse paiz alem se deturpam grosseiramente e ameaçam desabar em ruinas.

Suggestivo documento do passado em que vibra a alma de Santa Isabel que o fez construir com tão calorosa fé, e que n'elle viu iniciado o seu fervoroso culto, a igreja de Santa Clara *a Velha* faz evocar a imagem da vida religiosa mediéva e, nas suas pedras denegridas pelos seculos e carcomidas, como velhinha enrugada, conta-nos os mysterios de épocas distantes, perturbadas pelo estridor formidavel das armas, por entre as quaes a santa rainha fulgura como o anjo da concordia e da paz.

Junto d'essas cantarias venerandas passam-

se horas largas e doces, em que a alma se commove vivamente, ajudando a imaginação de artista a reconstruir o que já não existe, evocando na sua realidade o que apenas é um sonho que paira sobre as pitorescas ruinas.

A igreja só, na austera belleza do seu estylo gothico, vil e sacrilegamente profanado, olha saudosamente á roda de si, não vendo nenhum dos edificios, grandiosos pela sua fabrica e pelo lado moral, que ahi fizeram elevar a alma terna de religião e o coração quente de humanitarismo da rainha santa.

Dos velhos edificios do sumptuoso mosteiro, situado a sul da egreja, dos paços que juncto d'elle a rainha fez construir para habitar o mais perto possivel das suas freiras [1]; do hospicio que creou nas proximidades da sua residencia para albergar trinta pobres [2]; do estabelecimento em que recebia orphãs pertencentes á classe dos lavradores, educando-as e casando-as [3], nada hoje resta senão as abobadas do côro e da igreja, que ainda campeia como viva testemunha d'esse periodo glorioso da nossa historia, que se borda de episodios tocantes, d'onde se destaca a doce e radiosa figura, toda de serenidade e de paz, de Santa Isabel.

N'esta região de repouso e de belleza se desenrolou grande parte do quadro da sua vida, cheia de sonho e de poesia, que a lenda entreteceu nas suas paginas ingenuas e piedosas, desenhando o seu meigo perfil de cenobita e rainha, n'um tom suave de illuminura antiga.

Ahi, nas frequentes visitas ás suas religiosas deu a santa rainha o exemplo da sua piedade e abnegação incendida nas mais altas e raras virtudes, acarinhando as creanças abandonadas, protegendo os humildes, dirigindo seus passos para os hospitaes, tratando os doentes e curando com suas mãos patricias as chagas mais repugnantes.

Ahi, junto da veneranda igrejinha, quantas vezes descançou a santa rainha, depois de exercer a caridade e de praticar a esmola para com os desgraçados, que se estorciam em sordidos tugurios, e os famintos que, em legião immensa, a seguiam apaixonadamente até a sua alcaçova, onde os acolhia, dando-lhes alimento e dirigindo-lhes palavras de consolação, que eram como uma musica suavissima do céo.

Ahi, após a morte de seu esposo, procurou Santa Isabel um refugio na oração, levando uma vida toda de piedade e de sacrificio que mais realçou a sua auréola fulgentissima de santa, formada das lagrimas dos infortunados e das bençãos d'um povo crente e piedoso.

A igreja de Santa Clara *a Velha* não é apenas uma reliquia veneranda, em que perdura a piedade inexhaurivel da santa rainha e a que andam adstrictas outras grandes recordações historicas de fanadas glorias nossas.

Sob o ponto de vista da arte ainda hoje offerece um interessantissimo campo de estudo aos antiquarios e aos artistas que amam verdadeiramente a severidade austera do gothico, não obstante estar em grande parte soterrada pelas arêas e aguas do Mondego que transformou o pavimento primitivo n'uma enorme cisterna de agua e lodo, as deploraveis mutilações que tem soffrido e os torpes remendos de pedra e cal que a deformam e lhe alteram o seu caracter venerando e commovente.

No reinado de D. Diniz, a par da cultura intellectual, produziu-se uma notavel florescencia na architectura.

O seculo XIII, em que ascendeu ao throno, viu nascer as grandes cathedraes gothicas e constitue um periodo famoso na historia da arte, sendo considerado por Paul Lacroix na sua obra *Les Arts au moyen âge* como o *grande seculo da architectura e da esculptura christãs.*

D. Diniz, um rei excepcionalmente artista, todo occupado da poesia e da instrucção, protegia tambem as artes, não faltando no paiz artistas de valor, como o attestam o lindo claustro de Cellas, e os magnificos claustros do *Silencio* em Alcobaça e o de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães.

A rainha, com o seu espirito activo e gosto aprimorado, devia fazer-se rodear, para a execução da sua obra querida, dos mais notaveis artistas do tempo, como o revelam ainda hoje na igreja os lavores dos capiteis, a linda decoração dos fechos das abobadas, brazões e demais detalhes.

Construcção dos principios do seculo XIV, sagrada pelo bispo de Coimbra D. Raymundo, em 8 de julho de 1330, a igreja de Santa Clara *a Velha* é gothica, estylo da transição, dividida em tres naves, terminadas cada uma por uma abside, restando apenas da central fragmentos das paredes e da abobada artezoada, e uma parte encoberta actualmente

---

[1] O *Paço Real* ficava no local onde actualmente está a Universidade.

[2] Era chamado *Paaço deanteiro*, por se encontrar á frente do paço em que habitava a santa rainha.

Posteriormente denominou-se *Espital de santa Helisabet.*

[3] Contribuia d'esta maneira D. Isabel para o engrandecimento da agricultura portugueza, secundando os esforços de seu marido, e formando por assim dizer especies de colonias agricolas.

Vide a tal respeito as *Memorias de Litteratura da Academia das Sciencias de Lisboa*, t. II, pag. 14, e o livro *Portugal* de Ferdinand Denis, o venerando amigo do nosso paiz, a pag. 30: *Agriculture au temps de Dinis.*

por uma eira (!) situada ao nascente da igreja.

As absides lateraes, onde ha bellos capiteis, teem egualmente abobadas artezoadas, menos elevadas, porém, do que a da abside central.

No extremo opposto do edificio ficava o côro das religiosas, mais amplo que a igreja propriamente dita. N'esse côro elevava-se o riquissimo tumulo mandado lavrar pela rainha santa alguns annos antes da sua morte e em que esteve sepultada desde 12 de julho de 1336 até 27 de outubro de 1677 ([1]).

A fim das religiosas poderem orar junto d'elle, o bispo D. Affonso de Castello Branco mandou fazer uma pequena capella, onde ainda hoje se vê uma ingenua decoração a fresco, que representa a procissão em que se trasladou a rainha Santa Isabel para o mosteiro novo, construido no alto do Monte da Esperança, por D. João IV.

Está muito deteriorada e em breves annos terá desapparecido inteiramente este interessante documento que, com os quadros da capella-mór do mosteiro novo de Santa Clara, memóra pela pintura as pomposas festas da trasladação.

Quem conhece todo o preço das velhas pedras experimenta uma impressão de tristeza ao contemplar essas elegantes e bem ornamentadas abobadas e esses muros sacrosantos torpemente rebocados e alvos, ou ao deparar com algum lindo fecho d'abobada ou capitel, graciosamente bordados de monstros e animaes, que prendem ainda o olhar, mas que a agua e o lodo vão roendo lentamente á proporção que o Mondego vae submergindo o edificio.

Parte d'elle foi destinada a celleiro e á guarda de alfaias agricolas e outra parte serve de abrigo para o gado.

A Rainha Santa Isabel

(Desenho original do dr. Valle e Souza)

Exteriormente a igreja attesta tambem aos visitantes o nenhum interesse que o paiz liga ás nossas ruinas artisticas.

---

[1] D. Isabel no seu testamento diz: *mando sotterrar o meu corpo em o meu Mosteiro de Santa Clara, & de Santa Isabel de Coimbra em o meogor do coro.*

O primitivo tumulo é um bello especimen d'arte esculptural; as quatro faces da arca, toda d'uma só pedra são deliciosamente lavradas, vendo-se em ordem processional estatuetas em baixo relevo. Sobre a tampa está deitada a estatua da rainha, vestida com o habito de religiosa, sobraçando o livro das orações, o bordão e os alforges de peregrina, e tendo á cabeceira dois anjos que sustentam thuribulos. O corpo da santa rainha já não está dentro d'este soberbo mausoleu; conserva-se n'um cofre de prata, mandado fazer em 1614 pelo bispo de Coimbra D. Affonso de Castello Branco, o qual custou a quantia de 15:000 cruzados e tem de peso 83 kilogrammas.

O primitivo tumulo está hoje no côro de baixo da nova igreja de Santa Clara, em pessimas condições de luz que nos difficultaram a execução do desenho que publicamos.

Remendos ignobeis de paredes modernas e chapadas de cal mancham sacrilegamente as venerandas cantarias que tão poucos olham com amor.

Ao nascente a igreja está remendada de pardieiros que desfiguram o que resta da abside central e das lateraes, insultadas e occultas na sua maior parte pelas lages d'uma eira!

Ao vandalismo não escapou a rosacea que mãos de architectos da época ogival abriram com carinho no topo da nave central sobre o arco da capella mór e que tão magico effeito devia produzir, quando a luz coada por vidros de côres brilhantes, ia bater melancholicamente nos muros do templo.

Até hoje, porém, teem permanecido inviolaveis, como desafiando as iras do tempo e a barbariedade ignara dos homens, as duas elegantes cruzes que terminam as partes oriental e occidental da igreja, desenhando-se graciosamente no azul, e ostentando em escudos as quinas nacionaes e as barras de Aragão.

O lado septentrional do edificio, que defronta com a estrada que vem da ponte, é o que mais impressiona e revolta até os que olham a arte com a mais soberana indifferença, pela maneira torpe como o desfiguraram, tapando com alvenaria as seis janellas [1] para as transformar n'outras mais pequenas.

A vegetação trepa pelos seus muros, cingindo-os d'um manto de heras e musgos,

...Depois de exercer a caridade e de praticar a esmola...

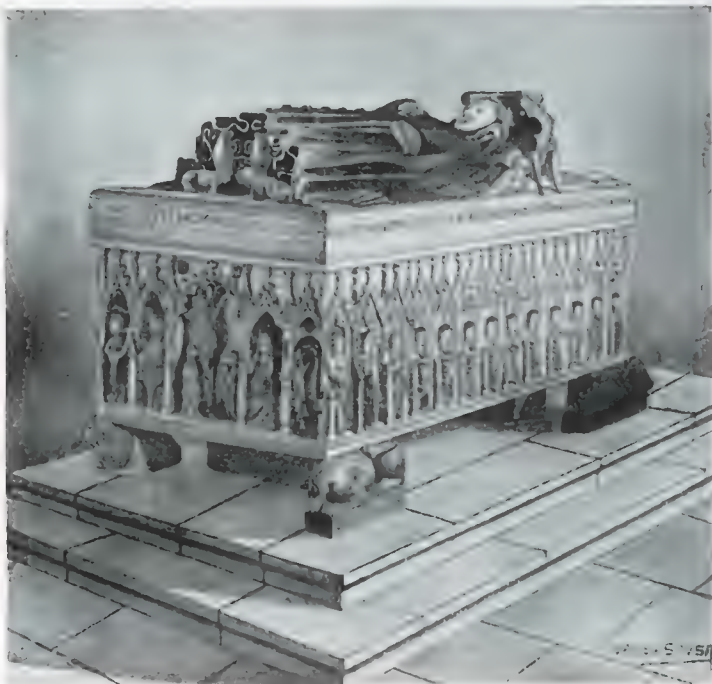
(Desenho original do dr. Valle e Souza)

[1] Duas illuminam a igreja que são as que se veem n'um dos nossos desenhos; as quatro restantes o côro.

como a encobrir, condoida, a obra da ignorancia crassa dos homens.

A porta situada n'este lado, que dava aos fieis ingresso na igreja, está soterrada, vendo-se apenas parte da ogiva [1] que em breve terá desapparecido inteiramente.

Esta porta, que tinha na sua frente um alpendre de que hoje apenas restam vestigios, tinha o nome de *porta do couto* ou *da cadeia*, por estar perto d'ella uma corrente de ferro, que servia de couto e homizio, indicando o privilegio d'asylo de que gosava o mosteiro. O condemnado que, fugindo á justiça, conseguisse transpôr a corrente ficava ao abrigo de toda a perseguição. [2]

A *Historia Seraphica da Ordem dos Frades menores de S. Francisco na Provincia de Portugal* de Fr. Manuel da Esperança, menciona dois casos, um succedido em 1428 e outro em 1572, em que as justiças secular e ecclesiastica proferiram sentença em favor da immunidade da porta do couto. [3]

PRIMITIVO TUMULO DA RAINHA SANTA EM SANTA CLARA DE COIMBRA

(Desenho do dr. Valle e Souza)

A fachada occidental foi vilmente conspurcada e destruida na sua maxima parte por demolidores estupidos.

O brutal camartello não teve o mais pequeno respeito pela grande rosacea, de perto de quatro metros de diametro interno, alli aberta para dar melhor luz ao côro e que deu o nome á *porta da rosa*, tão famosa na chronica legendaria de Santa Isabel, e que frei Manuel da Esperança diz chamar-se assim por ser junto d'ella que a santa rainha

[1] Distingue-se bem no referido desenho.

[2] Para memoria d'este privilegio ainda hoje se vê a mesma corrente, presa, ao chão, juncto ao portico d'entrada do novo convento de Santa Clara.

[3] Frontéiro á *porta do couto* havia ainda no seculo passado um portico sobre o qual se via n'um nicho uma imagem de Santa Clara, em que se lia este letreiro: *Esta obra foi feita na era de 1587 annos, sendo abbadeça d'este convento D. Antonia de Castro.*

Este portico que dava entrada para o amplo pateo da igreja, erguia-se juncto da ponte.

De tudo isto não ha sequer vestigios.

mudou em rosas as peças de dinheiro que levava no regaço para os seus pobres ao deparar com seu esposo, o qual lhe perguntou que levava, respondendo ella: — *Rosas, senhor!*

Esta rosacea era um dos ornamentos mais sumptuosos da igreja, a avaliar pelo arco superior que é apenas o que existe. A outra parte foi quebrada para lhe adaptar uma porta.

No lado meridional da igreja á direita do campanario encanta singularmente a vista, como uma flôr immensa incrustada na parede, a esplendida rosacea que nos lindos ornatos centraes e ricos detalhes apresenta toda a magnificencia da arte ogival.

Esta rosacea foi rasgada para illuminar a tribuna construida no côro pela santa rainha para alli collocar o seu tumulo depois da grande cheia de 18 de fevereiro de 1331, que o fez desapparecer sob as aguas durante muitos dias e inundou todo o templo.

A rosacea e as duas grandes janellas que se divisam á esquerda do campanario, davam luz ao côro, para o qual havia a porta que ainda se vê sob a rosacea.

Esta porta e a escada do campanario, que ainda hoje existe, occupam o lugar de duas janellas que deviam haver e que com as duas já referidas, correspondem ás quatro que illuminavam o côro pelo lado do norte.

As trez janellas á direita do campanario davam luz á igreja.

As janellas d'esta parte meridional soffreram torpes desfigurações, como todas as do edificio sem distincção.

Não obstante isso, é a parte mais bem conservada e a que os photographos aproveitam para os seus clichés.

Ainda hoje alli existem quasi rentes do chão os massiços que sustentavam as abobadas do vasto e sumptuoso claustro de que resam as chronicas, e em que se erguia uma fonte cujo motivo principal era uma nympha, tendo o braço enlaçado por uma serpente, da bocca da qual sahia agua.

D'anno para anno fazem-se reparos que desmancham cada vez mais a energica belleza de todas as partes do edificio, ao passo que as successivas inundações do rio vão corroendo as suas riquezas decorativas, cujo estudo proporciona preciosos elementos para a historia da nossa arte.

E' uma dor d'alma e uma vergonha o abandono a que se votou o velho templo, não se tratando de garantir da destruição os restos d'este edificio que nos falla do mais poetico, do mais puro, do mais glorioso vulto feminil da nossa historia.

O patriotismo e o bom gosto exigem que se ligue algum interesse a essas pobres e adoraveis ruinas, uma vez que as condições locaes não permittem a reconstituição do edificio consoante o plano primitivo, e que se não tenta exploral-o methodicamente como indicam archeologos, um dos quaes chega a considerar exequivel o projecto de o enxugar, e de o tornar visivel desde o pizo primitivo [1].

N'outro qualquer paiz, em que os monumentos se consideram como uma parte importante da riqueza nacional, este edificio seria piedosamente conservado e defendido, procedendo-se aos reparos indispensaveis, e garantindo-o da barbaridade dos homens.

Em Italia, onde a conservação dos monumentos nacionaes está confiada a Giacomo Boni, um dos mais illustres discipulos de Ruskin, cujos preceitos são escrupulosamente applicados, uma lei de 1878 creou commissões regionaes ás quaes pertence guardar e promover a conservação dos monumentos e dos objectos d'arte que existam na respectiva localidade.

A Inglaterra é o paiz onde com mais ardor se conservam e restauram os monumentos, sobretudo depois dos trabalhos de Ruskin, o qual tão profunda influencia teve nos artistas e no publico do Reino Unido, erguendo um energico e caloroso brado em favor dos monumentos historicos, fundando a Sociedade Protectora dos Monumentos Architectonicos, transformando a architectura ingleza de pseudogrega, que era, n'um gothico, cheio de sobriedade, terçando armas em defesa das paisagens e das industrias ruraes britannicas e enriquecendo prodigiosamente a *National Gallery* com os quadros dos primitivos, dispostos em cinco salas, onde fulguram com brilho diamantino as escolas de Sienna e de Florença, representadas pelos Lippi, Benozzo Gazzoli, Ghirlandajo, Botticelli, Perugino e Pinturicchio.

Nenhum outro paiz, como a Inglaterra, sabe restaurar os edificios da edade media.

Em França dão-nos uma bella lição os trabalhos de Vitet que, sendo nomeado em 1830 inspector geral dos monumentos historicos, fez a sua historia e a sua critica em estudos minuciosos, e indicou o programma das restaurações architectonicas, a que serviram de complemento os monumentaes estudos technicos do grande Violet-le-Duc.

Desde ha muito que no mesmo paiz se promulgaram leis para proteger os monumentos.

Entre outras a lei de 1833, determina que

---

[1] Vide a este respeito a bella obra do Dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos *Evolução do culto de Dona Isabel de Aragão*, vol. 1.º pag. 151 nota.

se expropriem por utilidade publica as construcções que causem estorvo ou prejuizo aos monumentos; e a lei de 1887 protege-os tambem dando, nos seus art.os 1.º, 4.º e 5.º, aos prefeitos a faculdade de expropriarem os immoveis cuja classificação não seja permittida pelos proprietarios.

Em virtude d'esta ultima lei não pode executar-se n'um monumento historico, ou seja do estado ou particular, a mais ligeira reparação sem que obtenha a approvação do ministro, depois de ouvida a commissão dos monumentos historicos a qual, em face d'um relatorio organisado pelo inspector, que superintende no monumento, resolve se devem ou não executar-se as reparações.

Em Portugal entre outras leis de protecção temos o importante decreto de 1902 que manda classificar, precedendo consultas ou propostas do conselho dos monumentos nacionaes, os immoveis, por natureza ou por destino, pertencentes ao Estado, ás corporações administrativas e a particulares, cuja conservação represente, pelo seu valor historico, archeologico ou artistico, interesse nacional, determinando no art.º 9 que sejão classificados e inventariados pelo conselho dos monumentos nacionaes os objectos mobiliarios, de reconhecido valor intrinseco ou extrinseco, pertencentes ao Estado, ás corporações administrativas ou a quaesquer estabelecimentos publicos, exceptuando os museus.

O artigo 5.º, inspirado na lei franceza a que alludimos, dispõe que se proceda á expropriação por utilidade publica, mediante lei especial que a auctorise, sempre que o proprietario de um immovel se oppozer á classificação d'este.

O artigo 4.º determina que os immoveis classificados não poderão ser destruidos no todo ou em parte, nem soffrer qualquer trabalho de reparação ou modificação sem licença do ministerio das obras publicas, commercio e industria, depois de ouvido o conselho dos monumentos nacionaes.

Apesar dos bons intuitos do legislador, muitos dos nossos monumentos continuam no mais deploravel abandono, cahindo em ruinas, soffrendo revoltantes attentados que lhe alteram o seu caracter venerando.

A igreja de Santa Clara *a Velha* tem sido das mais vilmente desfiguradas e é um exemplo vivo do nenhum interesse que entre nós se liga aos monumentos do passado.

E, pela severidade do seu estylo, e pelas suas recordações historicas, bem merece ella que se erga um brado a favor das suas pobres ruinas e se peça para ellas um pouco de amor e de respeito, impedindo que a mão dos homens as deformem mais do que estão e expurgando-as dos nefandos reparos que maculam a sua feição primitiva.

Coimbra julho de 1903.

Antonio Julio do Valle e Sousa.

Igreja de Santa Clara.—Fachada occidental vista do Monte da Esperança

(Desenho do dr. Valle e Souza)

CAPITULO I

Um empregado do escriptorio trouxe-lhe para assignar a ultima carta; Dudley Hatton ficou só no seu gabinete de trabalho. Eram seis e meia d'uma sexta feira do mez de julho. Dudley, longo tempo, reteve na memoria a lembrança d'aquella hora e d'aquelle dia.

Fôra uma semana de violenta tempestade financeira, sobretudo para Drapers' Gardens, a empresa que provocara a crise. Durante aquelles cinco estreitos dias, houve pobres que ficaram ricos, e ricos que cahiram na miseria e no suicidio. Na mesma bolsa, no espaço de duas horas, as cotações dos valores de especulação oscillaram horrivelmente, como sacudidos por violento e mysterioso terremoto. Os mais solidos titulos de credito, os melhores garantidos, esses mesmos, foram arrastados no turbilhão, levados pela necessidade das realizações immediatas e das vendas forçadas. Outras empresas eram favorecidas de um vento ponteiro que as impellia sobre as vagas revoltas do mercado, e as cotações d'ellas subiam desmedidamente, sem outra razão, que não fosse o descoberto dos baixistas, obrigados a liquidar a posição. Havia rugidos nas vozes tremulas da multidão, similhantes ao refluxo do vendaval. O calor do verão augmentava o frenesi do panico. Dudley Hatton, que não sabia ainda n'aquelle momento qual o resultado exacto das suas grandes transacções bolsistas, deixára cahir a penna da mão e continuara sentado, olhando vagamente, quasi inconsciente do lugar e do tempo em que estava, apreciando por calculo mental o balanço das perdas e dos lucros, planeando novas combinações. Chegava-lhe através das janellas o ruidoso movimento da City: porém não o ouvia. Os relogios das egrejas vizinhas, tocando os quartos, não lhe fallavam do dia que estava a findar. Elle estava como absorto; ausente de si proprio, n'uma intensa fadiga intellectual, esgotado de força nervosa, vivendo de hontem para acordar no dia seguinte. Os empregados, anciosos por se retirar, observavam pela porta do escriptorio a attitude concentrada do patrão e não atinavam com o motivo da demora d'elle.

Tivessem elles ganho a vigesima parte apenas da sua fortuna, e bem poucas vezes os veria a rua Throgmorton, a rua dos negocios! Que laço mysterioso prenderia aquelle homem fabulosamente rico áquella habitação triste e plena de phantasmas financeiros, quando todo o mundo se abria para elle — as cidades divertidas da Europa, o esplendido Oriente, a vida saudavel do mar? E estava-se matando decididamente — hora a hora, semana a semana. Esta ultima crise emmagrecera-o a olhos vistos. A mão, que levantara uns papeis de cima da sua secretária, tremia convulsa. Dudley Hatton envelhecia progressivamente. Todavia vivera apenas trinta e sete annos.

Os amigos observavam o facto, apontavam os indicios, comtudo nenhum, lady Hermione, sua mulher, menos do que todos elles, percebia o grão de abatimento a que tinha chegado. Ali sentado no seu escriptorio, com o pensamento vago e o corpo cançado, á luz escassa d'um sol poente, salientavam-se no seu rosto pallido traços e rugas mais fundas do que nunca lh'os tinham visto os empregados. E havia o quer que fosse nos seus olhos, que um simples estranho ou indifferente observaria com interesse — um d'esses olhares que procuram compaixão e soccorro, que imploram quasi o favor supremo de lhe apontarem uma arma; olhar d'um homem que tivesse perdido a batalha da vida, exhausto no desespero da refrega. Tovavia Dudley Hatton era considerado o quinto dos homens mais ricos do mundo. O seu rendi-

mento fôra estabelecido por jornalistas. não mathematicos, mas sempre imaginosos, em sommas colossaes. Elle era photographado fallado nos jornaes, intervistado como «o rei africano».

— Que enorme fortuna! que feliz homem! —diziam os leitores.

— Que vida de cão! commentavam os seus amigos que lhe conheciam o trabalho preoccupado de todos os instantes.

⊛ ⊛ ⊛

O secretario bateu á porta interior do escriptorio e como não tivesse obtido resposta, bateu segunda e terceira vez até que a bem conhecida voz gritou— Entre!— Encontrou ainda Dudley junto da grande mesa de trabalho—o quarto meio ás escuras, os papeis dispersos defronte d'elle. Receioso a principio que seu patrão estivesse doente, amimou-o em tom suave e de maneira affavel adiantou-se com segurança. Os poucos que viviam na intimidade de Dudley Hatton não levavam muito tempo para o estimar. Mesmo o grande inimigo dos affectos, o seu dinheiro não o podia privar da affeição d'elles.

— Então Hardy, que ha de novo? Julgava, que já tivesse ido para casa.

— Estava á sua espera, senhor.

— Uma attenção que me encanta, Hardy.

— Muito obrigado, porem o sr. Foxall está ali fóra.

Os vincos do rosto de Dudley desvaneceram-se n'um instante; tal era a magia d'aquelle nome.

— O sr. Foxall! Que será que o demora até estas horas para cá do *Temple Bar?*

— Disse ter ajustado uma entrevista comsigo.

—Um encontro comigo? uma entrevista?

Tirou da algibeira um livrinho de notas, capa da Russia, folhas douradas e folheou-o apressado. Quando encontrou a data, sulcaram-se lhe de novo as faces, e passou-lhe o effeito magico do nome.

— Oh, sim! já sei: havia de facto uma combinação. Faça subir o sr. Foxall. E você, Hardy, vá para casa. Diga aos outros empregados que podem sahir. Não preciso que ninguem fique.

O empregado agradeceu, comprimentou, e sahiu do escriptorio. Antes que se passassem vinte segundos, ouvia-se o tropel dos outros sahindo, similhante ao de rapazes de escola. Entretanto Patricio Foxall subia a tres e tres os degráos da sala inferior para o escriptorio particular, e entrava no gabinete alegre, expansivo, mas n'um tom levemente agastado.

— Como váes agora, meu caro Dudley?

Dudley estendeu-lhe a mão por sobre a carteira e depois de Patricio lhe ter tocado com surpreza nos dedos frios, abriu o armario d'uma papeleira collocada por detrás d'elle, tirou uma garrafa de *sherry* e um copo de vinho, e offerecendo-a acrescentou:— Charutos ahi estão sobre a mesa. O seu jovial visitador, de collete azul claro, accendeu um puro havano, Dudley tomou para si um cigarro de papel e começou de lhe abrir a extremidade, desenrolando cuidadosamente as dobras da mortalha.

— Tenho uma horrivel memoria Patricio, desculpa-me.

— Em verdade creio que tens. Hoje esperei por ti uma hora. Mas dize-me—o que é que te privou de ir ao consultorio de Chaplin?

— O dinheiro.

— Vae para o demonio com o dinheiro! Dá-te acaso elle carne para os ossos e somno para as noutes? Pois, meu caro, tens de ir n'este mesmo instante, porque o doutor espera-te. Anda, mette-te no carro e vae.

Dudley fumou em silencio ainda alguns minutos. Depois perguntou.

— Pensam acaso os meus amigos que eu esteja deveras doente?

— Não pensam; sabem-n'o.

— E estão realmente preoccupados por minha causa?

— Fazem-te a amabilidade de dizer que ainda esperam que não morras n'uma casa de doidos.

Elle não viu a rapida mudança que na phisionomia de seu amigo produziram aquellas palavras, nem o olhar que lhe relampejara nas pupillas. Todavia riu-se, e riu-se muito forçadamente, com uma gargalhada rouquenha, que podia ouvir-se talvez na rua. Patricio Foxall tinha um estribilho de supremo desdem para qualquer argumento que o contrariasse. Era proprio d'elle, e inimitavel, uma pequenina phrase murmurada entre os labios, rapida, curta, como se fosse um encolher de hombros, apenas ouvida, quasi indistincta: *Bau-bau* e continuava impassivel:

— Dizem que você trabalha muito e que se está matando, dia a dia. Jan Beckstein, — astuto como o diabo velho —anda vaticinando que morres pelo Natal. De certo ficaria bem contente com isso! Vamos já agora não dês esse gosto a Beckstein! Se o fizesses, seria a primeira vez que elle teria de te agradecer um prazer.

Dudley sacudiu a cinza do cigarro, levantou-se, procurou a cadeira onde pousara o chapeo alto, olhou para si como verificando a correcção sempre escrupulosa do seu vestuario.

— Se alguem me levar cedo para a sepultura, não ha-de ser Jan Beckstein — dizia serenamente, emquanto empurrava a porta para deixar sahir adiante Foxall — Fiz-lhe hoje uma partida que elle tão cedo não ha de esquecer. Vamos; meu Patricio, vou procurar o teu afamado medico já que tanto instas. Mas repara bem que não é o dinheiro que d'esta vez me faz sahir, hein?

Foxall pôz o chapeo ao lado, como era seu tic estouvado, metteu o braço no de Dudley, e — *Bau-bau!* foi tudo quanto julgou conveniente responder áquella intencional referencia á sua amizade.

CAPITULO II

O dr. Oliver Chaplin, de Harley Street, ouvindo tocar a campainha da porta da entrada, arremessou apressado para o lado o jornal da noute que estava lendo, abriu um livro de sciencia, um in-quarto prenhe de texto miudo e de notas ainda mais miudas, sentou-se á sua banca com uma penna na mão como quem tomava apontamentos de leitura substanciosa. Quando o criado annunciou solemnemente «sr. Dudley Hatton», a sua attitude era a d'um profissional em acção. O mais fino observador, vendo-o, não teria adivinhado que elle voltara, ha pouco, do *golf-link* em Northword, onde sustentara uma viva discussão com um collega, tambem eminente, sobre os meritos relativos e absolutos do novo *golf-americano*. Compoz com toda a apparencia de seriedade inalteravel a sua physionomia; e quasi não abaixou a cabeça, como faria um juiz, quando Dudley entrou.

— Sr. Dudley Hatton — inutil será dizer que conheço o nome.

Dudley Hatton nenhum caso fez do comprimento lisongeiro Estava habituado a ouvil-o constantemente.

— O meu amigo Foxall desejava que eu viesse consultal-o — disse laconicamente; — não sei para quê; mas elle será talvez o unico homem de Londres que faça de mim o que quer. Portanto aqui me tem, doutor, e a si compete-lhe agora interrogar.

O dr. Chaplin inclinou a cabeça e pegou n'uma agenda para escrever notas. Ao seu lado esquerdo pousava um candieiro, cuja luz era velada por um *abat-jour*. Puxou-o mais para si, e virou-se para observar o seu doente por sobre os oculos.

— O sr. é um homem muito activo.

— Talvez. Póde considerar-me assim.

— Que váe ao escriptorio todos os dias?

— Sim.

— E algumas vezes tem sentido o cançasso d'essa vida activa, estou certo.

— Se não o sentisse, não estaria aqui.

O dr. Chaplin escreveu uma nota no seu livro e continuou a serie de perguntas usuaes, encadeadas, a idade, o peso, o appetite, a digestão, numerosas observações complementares.

— Viaja muito, sr. Hatton?

Dudley sorriu-se.

— No anno passado atravessei para a America cinco vezes, uma vez ao sul da Africa, tres a Berlim, e outras tantas a Paris. Achará isto muito, doutor?

— Pelo menos uma prova dos seus impulsos de vagabundagem. Deixe-me perguntar-lhe se transporta tambem no pensamento os negocios durante essas viagens, ou se algumas d'ellas se destinam a simples diversão e repouso?

Dudley cerrara os olhos e encostára-se para trás na cadeira, enfastiado com o longo interrogatorio.

— Ah! — disse elle — pela minha vez, vou fazer-lhe uma pergunta. Quando o doutor tem um caso perigoso, — um doente entre a vida e a morte, uma grande operação a executar — esquece-o tambem, e põe de parte a preoccupação quando lhe apraz? Parece-me que não, doutor.

Como Dudley se curvasse sobre os joelhos, não poude ver o leve sorriso de desdenhosa superioridade que perpassou através dos labios finos do medico. Rapidamente impassivel, tomou outra nota na agenda encadernada em preto e acrescentou:

—Vejo muito bem. O senhor está mettido em variadissimas empresas, em grandes operações financeiras, e não póde deixar de pensar n'ellas. E' natural. São as suas *damas brancas*, acodem-lhe ao cerebro constantemente. Acaso dorme bem, sr. Hatton?

— Dormir? O que eu daria para dormir!

— Ha sempre uma serie de pensamentos que o despertam. A imaginação accresce a sobrexcitação. Levanta-se cedo porque váe para a cama tarde.

— Levanto-me cedo porque preciso. Sou levado sempre por um impulso natural. Preciso obedecer-lhe. Devo trabalhar logo que acordo. Se descançar falha-me o cerebro. Sou como um ebrio; a finança é a minha bebida alcoolica. Por isso estou aqui consultando-o, doutor. Dê-me a possibilidade de repousar; é o que lhe peço.

Oliver Chaplin pousou a penna e puxou o candieiro para a borda da mesa para que a luz podesse incidir sobre o rosto do seu cliente. Observou-o attentamente, no menor gesto, na menor contracção dos musculos

da face; o seu olhar investigador mergulhava fundo no cerebro, na alma de Dudley.

— Se quizer entregar-se inteiramente nas minhas mãos, começarei por lhe prometter, — disse carinhosamente, depois talvez lhe possa affirmar; porém teria de ser inteira a sua confiança em mim, sr. Hatton.

Dudley, quasi envergonhado da instancia que fizera, voltou á sua attitude sceptica.

— Quer dizer, banhos, hydrotherapia de toda a especie, isolamento, estação d'aguas, hein, doutor? Um curativo completo para a neurasthenia. Oh! conheço muito bem essa nova palavra que tudo explica e tudo significa.

O doutor abaixou o *abat-jour* e pegou outra vez na penna.

— Não receitarei nenhuma d'essas cousas — disse serenamente.

— Então o que é que me receita? O que deseja que eu faça?

— Deixar completamente, definitivamente para sempre os negocios.

— Deixar para sempre os negocios?

— Não vejo meio termo. Senão..

Parou abruptamente, receiando dizer o que tinha no pensamento. Seguiu-se um silencio molesto para os dois. Através das janellas abertas podia ouvir-se a distancia um realejo que servia de reclamo, o relogio por cima do fogão batia pacientemente o tic-tic do pendulo compensador. Dudley foi o primeiro a interromper o silencio.

— O doutor ia a dizer...

— Ia a dizer as consequencias. Deixe-me explicar-lhe por outra fórma. Estou certo que não quererá occultar-me nada, sr. Hatton. Tenha-me n'este momento não simplesmente como medico, mas como amigo. Não se resentirá de uma pergunta?

— Aqui estou para fallar; pergunte-me o que quizer.

Houve ainda um momento de hesitação, depois interrogou vagarosamente:

— Esse impulso para o trabalho e para a actividade de que me falla, é unico, quero dizer, não sentirá outros impulsos, sr. Hatton?

A pergunta foi simples, mas o effeito que ella produziu foi profundo. De novo appareceu nas pupillas de Dudley aquelle olhar perigoso que tanto incommodára o seu empregado de confiança na solidão do escriptorio. As mãos tremeram-lhe nervosamente, a physionomia decompoz-se visivelmente, envelhecendo-o.

— Outros impulsos — o que quer dizer, doutor?

...As mãos tremeram-lhe nervosamente...

A explicação clara era agora inevitavel.

— Quero dizer que os impulsos nervosos affectam muitas fórmas. Quando o systema está desafinado, quando se não póde dormir

nem descançar, a Natureza faz soar aos nossos ouvidos uma campainha de alarme. Muita gente tem vindo dizer-me, n'este mesmo quarto, as mais ridiculas manias, que eram resultado simplesmente de trabalho excessivo. Tenho até conhecido doentes, sensatos, religiosos, nos quaes a desordem do systema nervoso chegára a tal ponto que tiveram o impulso de matar os que lhe eram mais caros. Outros revertem sobre si proprios este impulso de aniquilamento. De certo não conhece casos d'estes.

Parou, como se a suggestão fosse sufficiente; porém Dudley escondera o rosto entre as mãos. Por muitos minutos não fallára. Como este homem adivinhou tão admiravelmente a verdade! — pensava elle. O terrivel impulso para a morte, para o socego, para o esquecimento que elle sentira a miude e que nem a si proprio ousara confessar.

— Sim,— disse brandamente — sim, tenho sabido de alguns casos, doutor. Porém sempre considerei remedio efficaz para taes desarranjos mentaes um trabalho afincado e salutar. O trabalho cura taes impulsos...

E depois, como se formasse uma resolução, cerrou os punhos e concluiu:

— Por Deus que assim ha de ser!

O doutor observou-o rigorosamente durante este paroxismo de terror nervoso. Um pouco receioso das consequencias da sua pergunta, começou por mudar de assumpto, desviar-lhe o intento.

— Ouça bem,— disse — o sr. Dudley está gasto pelo trabalho, cançado, doente mentalmente. A Natureza está-lhe tocando a campainha de alarme. Tome cuidado comsigo, deve fazel-o, senão por si, pelo menos por sua mulher.

— Por amor de minha mulher! — interrompeu, mas logo reprimiu a phrase que lhe viera aos labios e levantou-se apressado.

— Hei-de voltar cá a vêl-o outra vez, quando estiver melhor disposto. Se julgar que possa haver alguma cousa que me faça bem, então m'a receitará. É a sua hora de jantar e a minha, doutor. O jejum não fará bem a nenhum de nós.

Julgando perceber o motivo d'esta repentina resolução, o doutor não procurou contrarial-o, mas insistiu:

—Vae tomar umas grandes ferias — e deve principiar ámanhã. Heide ir de manhã a Park Lane, a sua casa, para vêr como são executadas as minhas prescripções. Póde divertir-se muito bem até o Natal, sr. Hatton, e depois d'isso havemos de considerar novamente no caso. Porém é dever meu dizer-lhe muito claramente que se continua como vae vivendo, em seis mezes...

— Morrerei n'uma casa de doidos, hein? Não me poupe, doutor; eu sei.

Dudley riu-se da sua propria prophecia, e depois repetiu, como se fallasse para si,— Eu bem o sei — em seis mezes!

Deixou o consultorio aborrecido das consolações que lhe offereciam. Elle, todos estes ultimos mezes, provocára o alarme da ameaçadora campainha da Natureza, como dizia o doutor, e agora estava soffrendo o castigo da sua audacia.

©

Emquanto atravessaram juntos o vestibulo, o dr. Oliver Chaplin reteve o seu cliente um instante, tocando-lhe no braço, em tom de confidencia.

— A proposito — disse — o meu corretor insiste que eu devia comprar Louisvilles. Pensa que elle tem razão?

CAPITULO III

Patricio Foxall, similhante aos passaros descuidados, chalreadores e confiados, não semeava, nem tão pouco ceifava; mas dava-lhe pouco cuidado o dia d'amanhã, porque como aquelles expertos habitantes do azul sereno e limpido, elle sabia muito bem onde o semeador atirava ao vento as boas sementes productivas, e onde o cegador afanoso pela calma ia levantar a meda enorme das espigas douradas. Ninguem saberia dizer ao certo de que elle vivia, ou por que meios elle ganhava dinheiro para viver; todavia era recebido em todos os circulos de sociedade onde se aprecia apenas o lado externo do mundo, ainda mesmo pelos mais serios, comtanto que essa face apparente seja brilhante ou pelo menos polida. Caçador eximio, conversador attrahente, gracioso, de sua natureza vivo e intelligente, nenhuma andorinha migraria com mais exactidão para o norte, ou para o sul, na época propria do anno. Ou via-se dizer n'um mez que estava em S. Petersburgo, no seguinte encontral-o-hiam em Aix ou Homburgo ou em outro mais proveitoso *Monte*. Em qualquer ponto do globo onde esteja um bello bando de patos gordos, póde apostar-se que ahi se encontra Foxall, como guardador diligente — disse uma vez um gracejador satyrico. Mas certo é que da insinuação calumniosa restou sómente uma reputação de jovialidade excessiva; por que, para defesa propria, todos, conhecidos ou intimos, defenderam com calor o companheiro alegre da grande vida ruidosa e dissipadora. Se fosse possivel que alguem jogasse qualquer jogo, por difficil e escolhido que fosse, melhor do que Patricio o jogava, este de-

dicaria o mais irreprehensivel estudo para o conseguir: e certamente jogal-o-hia em breve melhor do que ninguem. Havia, porém quem dissesse que Monte Carlo lhe rendia duas mil libras por anno. Outros esperavam curiosos e pacientes pelo dia em que elle fizesse a sua primeira apparição nos tribunaes, em liquidação ruidosa de dividas.

As chegadas de Patricio a Londres eram tão irregulares e causavam tanta surpreza como as subitas partidas. Affirmavam que elle perdia as noutes, não se sabia onde; mas frequentes vezes era encontrado pela manhã cedo, em Hyde Park, trotando garbosamente, como quem preferisse a hygiene do exercicio á morbidez depressiva de noctambulo. De tarde encontravam-o no club do tiro, ganhando *poules* consecutivas pela certeza excepcional da sua pontaria, ou na sala das cartas, fazendo, amavel e condescendente, a partida do *whist* antes de jantar a respeitaveis amigos, a quem a sua inalteravel alegria de despreoccupado bom humor dava illusões consoladoras da passada juventude. Mais tarde ainda o seu lugar no *restaurant* da moda era como uma especie de throno em volta do qual se agrupavam os seus admiradores e imitadores.

...em volta d'elle agrupavam-se os seus admiradores...

Foi ali, que lord Alfredo Troon e outros da especie encontraram Patricio algumas horas depois de elle ter deixado Dudley Hatton á porta do consultorio do dr. Chaplin. Anciosos de saber noticias do amigo de Patricio como d'elle proprio, sentaram-se em volta, encheram-lhe o copo, forneceram-lhe charutos e serviram-o de tudo quanto elle necessitava. Por seu lado, Patricio ardia em desejos de fallar dos homens ricos que conhecia.

— Sempre inspira confiança!—pensava elle por intima philosophia pratica.

Saudaram-o tumultuosamente, pedindo-lhe noticias das suas viagens. Tinha estado em Monte Carlo, pelo menos era de lá que lhes tinham vindo as ultimas noticias.

— Não te recordas? dizia lord Alfredo. Escreveste-me e disseste-me que estavas n'um embaraço de mil demonios.

— Ah! É verdade. O dinheiro é uma maldição, e a ruina da humanidade! Dá-me cá um dos teus charutos Guilherme. Costumam ser excellentes!

Accendeu o charuto e, dando ordens aos criados com uma dignidade altiva que accentua familiaridade no restaurante e importancia propria, continuou a fallar das suas aventuras.

—Não tinha n'aquelle momento seis vintens na algibeira; reparem vocês agora! Uma semana depois conduzia um automovel a Beau Site, e foram ver-me duas mil pessoas. Palavra! As cartas, como os dados, estavam-me favoraveis; todavia cortei a minha sorte e vim. Não fiquei transformado em estatua de sal, porque não olhei para trás. Estavam cá amigos que precisavam de mim, em Londres — e tomava um ar mysterioso e impertinente, chupando o charuto em largas baforadas.

Todos perceberam que elle se referia a Dudley Hatton, o rei do ouro. Patricio Foxall faria sem duvida narrativa clara de tudo quanto soubesse. Na sua vida nunca guardára um segredo por mais de cinco minutos. As chronicas escandalosas estavam então cheias do nome de Dudley. Discutia-se-lhe a vida intima, attribuia-se-lhe a crise da bolsa, censurava-se-lhe a sua actividade prodigiosa, criticava-se-lhe o seu gosto d'arte. Aquelles miseraveis jogadores — qualquer d'elles prompto para a caçada d'uma reles nota de cinco libras — agglomeraram-se em torno do irlandez quando ouviram o nome de Dudley.

— Dizem que Hatton tem a memoria perdida — aventou lord Alfredo. Tu conhecel-o melhor do que qualquer, vives na sua intimidade e portanto deves negar o facto. E' natural. Patricio, acaso o viste hoje?

— Passei com elle toda esta tarde. Tens razão em dizer que o conheço bem. Não ha ninguem que gose d'esta intimidade que me dá o privilegio de fallar como fallo. Fomos companheiros de collegio, deves lembrar-te, e elle confia em mim inteiramente. E murmurava entre dentes o seu conhecido monosyllabo, levemente cantado e rapidamente dito, o seu eterno — *Bau-bau*.

— Então elle não está doente, Patricio, tudo quanto se diz é mentira? — suggeriu um d'elles.

— Tudo peta, meu caro. Não ha outro homem em toda a cidade de Londres que vos podesse dizer a verdade, não sendo eu, que não estou aqui para fallar d'estas cousas. Recordem-se vocês de que o meu amigo, Dudley, é um homem em evidencia, e não se é notavel na presente época se o mundo não disser mentiras a nosso respeito. Não acreditem em noticias de jornalistas bisbilhoteiros, que fingem intimidade com homens da grandeza de Dudley. Estão habituados a pesquizar a vida de cada qual pelas indiscripções da creadagem, comprada a copos de cerveja.

Lord Alfredo e os outros ouvintes menearam as cabeças em silenciosa homenagem perante aquella affirmação de amizade.

— Dizem que elle tem uma lesão no coração muito adiantada — insistiu um que estava ao canto da mesa, e que se conservara silencioso. Não me surprehenderia nada que fosse assim. Elle remava de Cains até Cambridge.

— E' justamente isto que faz o espanto da sua enorme fortuna! — insinuou outro; se Dudley Hatton fosse um homem ordinario, um judeu asqueroso e barrigudo, com anneis de brilhantes por cima das luvas e uma abotoadura de camisa luminosa como o pharol d'um automovel, poder-se-hia acreditar no seu bello dinheiro; porém um millionario educado é do vigesimo seculo. Havemos de nos habituar a elles, mais tarde. Tenho ouvido que elle é um dos melhores rapazes de Londres, um bello caçador e um perfeito *gentleman* nas maneiras.

— Dizem que depois da famosa trindade americana e d'um ou dois dos nossos grandes proprietarios territoriaes, elle é o homem mais rico do mundo — accrescentou ainda um terceiro.

— Se elle realmente soffre d'uma lesão cardiaca, é o mais infeliz pobre pedinte da vida—concluiu outro do grupo.

Foxall resentia-se d'este conhecimento intimo que affectavam ter do seu amigo. Era uma impertinencia; era quasi pretender que elle nada soubesse da vida e da saude de Dudley Hatton.

— Não é tal lesão do coração — interrompeu fallador e convincente. E' o cerebro que o atormenta; o cerebro, meus amigos; é uma doença de que nenhum de vocês desejaria padecer. Não se póde ter um cerebro como o de Dudley sem se lhe soffrer as consequencias. Percebe-se. Está ali um homem que tem empresas em todas as partes do mundo: industrias na America, concessões na Argentina, as minas de brilhantes na Africa, os seus tramways e os seus caminhos de ferro na Europa, os seus negocios em Londres. O sufficiente para endoidecer uma cabeça menos forte. E elle é só, attendam bem, é uma cabeça que pensa em tudo, trabalha por muitos, distribue a sua energia por toda a parte! Podem comprehender portanto o que eu receio por elle, sendo, como sou, seu verdadeiro amigo, o seu unico amigo, me dizia elle esta tarde.

— Então, Patricio, são historias tudo que por ahi se diz de que elle soffre d'uma exci-

tação muito proxima da loucura? — perguntou lord Alfredo.

— Dirás em verdade: um trabalhador infatigavel, cujo cerebro está acordado noute e dia. Nem uma hora de descanço. Demais, falta-lhe o consolador repouso das affeições intimas, casado com uma mulher que nenhum amor lhe tem, e não se interessa pelos negocios d'elle. Enlace-se o velho e o novo, e a cadeia que se formar será fragil e quebrar-se-ha. E' o caso. Uniu-se a uma familia nobre. A mulher despreza-o por preconceito, embora lhe utilize o dinheiro. Todavia, elle precisa bem de ternura, como uma creancinha! Talvez, se tivessem filhos, lady Hermione fosse mais affavel. E' esta sem duvida a grande infelicidade da sua vida. Não ter um filho. Em contraposição possue uma mulher que se envergonha do nome que usa. Ora, vocês comprehendem que, juntando-se a isto tudo uma crise financeira como a actual, eu não podia deixar de voltar a Londres para junto d'elle.

Firmou-se na cadeira e accendeu outro charuto. Os *dandys* mediocres, como o seu oraculo, ridiculos como elle, incapazes de perceber o que havia de indiscripção repulsiva n'aquelles dizeres d'um intimo, meneavam as cabeças com gravidade, chegavam a um commum accordo, no que com certeza iriam por toda a parte repetir e affirmar.

— Seria uma terrivel quebra, se elle viesse a perder o juizo — commentava o homemsinho do canto da mesa. — Vou vender os meus argentinos amanhã, e chamem-me urso se lhes aprouver.

— Mais depressa te chamaria macaco pellado — retorquiu Foxall, assobiando quasi, entre dentes, o seu eterno *bau-bau*.

CAPITULO IV

Raras vezes, Dudley Hatton entrava em sua casa, em Park Lane, sem que fosse com elle alguma nova realização maravilhosa da sua riqueza, um novo primor para as suas collecções. Na *City*, no mundo dos negocios, dentro da sua sobrecasaca apertada, Dudley procurava confundir-se com o vulgar da sua classe; contentava-se com modestos escriptorios, de aspecto banal, apenas as commodidades estrictamente necessarias; servia-se dos mesmos *restaurants* que toda a finança preferia. Mas ao cahir da noute, quando a grande officina financeira e commercial cessava de trabalhar, e os seus grandes operarios se retiravam para os soturnos palacios de Kensington, ou para as residencias apparentemente artisticas dos suburbios mais remotos, elle entrava em casa e volvia a ser o homem do mundo, educado, amador de arte, de apurado gosto, que se comprazia no goso das cousas delicadas e nos requintes da civilização. A sua casa não era emblema vulgar da sua fabulosa riqueza; era confirmação luxuosa da sua imaginação artistica e do seu prazer esthetico de colleccionador. Possuia um thesouro de moveis francezes que rivalizava com o da collecção Wallace. A sua galeria de quadros era um primor de selecção em arte antiga e moderna. Tinha preferencias evidentes pela estatuaria franceza. Havia grupos de Rude, de Barye, e de Guillaume, no *hall*, nas varandas, no atrio, e nos lanços da escada. A casa de jantar era citada a miude como exemplo do mais encantador bom gosto, alliado a uma deslumbrante sumptuosidade. O *boudoir* de lady Hermione representava só por si uma consideravel fortuna. O grande salão occultava mais do que expunha as obras primas do seculo dezoito. E todavia na disposição de todas aquellas riquezas, na accumulação de todos aquelles objectos de arte, havia tal discernimento e elegancia, tal propriedade e escolha que o effeito geral era mais de encanto do que de deslumbramento. Presidir á decoração da sua casa, mudar-lhe o aspecto progressivamente, á medida das suas novas acquisições, delineal-a, discutil-a com os artistas de que se rodeava, era o mais intenso prazer de Dudley. Todavia não lhe proporcionava a felicidade que elle ambicionava. Orgulhoso como era, e com justiça, da grande posição a que se elevara pelo proprio esforço, não deixava de sentir bem real, bem palpavel, o vasio de todo aquelle trabalho colossal. Faltava n'aquelle palacio pleno de riquezas invejadas a alegria acariciadora d'um filho ou o amor d'uma mulher. Havia cinco annos, depois de enriquecido, casára com a filha do conde de Lydon, lady Hermione, e o mundo disséra que elle era um homem feliz. Porém não houve filhos do casamento; e com certeza, silenciosamente veio o afastamento intimo. Uma mulher de raça altiva, educada no culto das tradições, resentiu se e desgostou-se profundamente. Na sua propria casa occupára lugar humilde pelas vicissitudes da fortuna, e desde a mais tenra edade julgava-se injustamente tratada pelo destino. Se agora, mulher d'um millionario, gastava dinheiro profusamente, fazia-o com ares de quem estava usando d'um direito que lhe fôra recusado por violencia, durante longos annos. Nunca comprehendera Dudley, apesar de o ter desejado. Ella era uma mulher intelligente, e talvez a necessidade tivesse sabido tornar util aquella energia latente; fôra-lhe sempre ensinado que a *City*,

creava vulgaridades, e arreigara-se-lhe o prejuizo. O que era justa ambição do marido, reduzia-se para ella a simples cubiça persistente—Tu és bastante rico — era argumento vulgar no calor das suas muitas discussões; —Podias fazer alguma cousa diversa do que accumular dinheiro. Meu pae diz que o pódes bem fazer.

— E teu pae é uma autoridade na materia! — respondia Dudley, um tanto aggressivamente, recordando-se da pobreza do conde. Este antagonismo systhematico a todos os seus projectos irritavam-n'o e afastavam-n'o cada vez mais. Era orgulhoso do seu poder dominador, orgulhoso de uma habilidade que tanto tinha conseguido e ainda mais esperava. A sua ambição, em verdade, era illimitada. Ser o rei do ouro no mundo, pesar sobre elle com toda a autoridade da sua riqueza, com uma palavra influenciar a vida das nações, e compellir os governos, á satisfação da sua vontade, tinha sido a suprema aspiração que lady Hermione nunca comprehendera. Ella não desconhecia o valor do dinheiro; mas a sua accumulação para um poder financial nunca o poude justificar. Os comprimentos da sociedade humilhavam-n'a na sua individualidade altiva. A *elite* prestava-lhe culto só porque era a mulher de Dudley. Os jornaes, que nas chronicas mundanas se occupavam d'ella com delirio, publicavam na quarta pagina annuncios de Dudley. E comtudo ella julgava-se com o direito de se distinguir por si, de ser considerada fóra d'estas sordidas homenagens. Mesmo os seus muitos inimigos concordavam que ella era linda. A sua frieza calculada accrescentava certa graça á altiva dignidade das suas maneiras plenas de distincção. Havia homens a quem ella humilhara com o seu desprezo, e comtudo provavam-lhe amizade perseverante. Mas sentia sempre que era apenas e sempre a mulher de Dudley Hatton, o rei do ouro.

❁ ❁ ❁

Sahindo tarde do consultorio de Harley Street, Hatton foi directamente para o seu club; jantou lá e voltou a casa, em Park Lane, antes das dez horas. Lady Hermione não estava em casa, dissera-lhe o criado; porém miss Hatton estava na sala. Dudley considerava que os dois unicos entes, que lhe eram verdadeiramente affeiçoados no mundo, eram sua tia Mary e Courvoisier, seu criado particular: a primeira excessivamente falladora, o segundo, homem de poucas palavras. Como criado, poucos o igualariam. Parecia saber por instincto o que havia de perguntar e o que havia de fazer. Em casa ou em viagem, não havia duvidas para Courvoisier. Nem novos paizes, nem linguas estranhas conseguiam desconcertal-o. O dia em que gosasse d'um feriado era particularmente rememorado entre a creadagem de Park Lane; nem ninguem podia dar noticia dos seus parentes ou amigos. O seu vocabulario seria de vinte palavras, talvez, mas servia perfeitamente para as necessidades de seu amo. Havia annos, murmurára-se na cozinha do palacio que Courvoisier era marido de uma mulher italiana que abondonára em Napoles; mas a verdade do dito ninguem a poude confirmar.

Dudley enfiou silencioso a *jacket* de interior que o criado lhe apresentou; e foi encontrar-se na sala com a tia Mary, como sempre, sentada n'uma grande cadeira de braços perto do fogão e esperando impacientemente pela sua vinda. As suas grandes lunetas de aro de tartaruga pousavam no collo em cima de um numero de revista illustrada. Educada em mediana pobreza, a tia Mary sentia-se incapaz de viver no deslumbrante estadão que a rodeava em Park Lane. Não podera despojar-se dos velhos habitos, e das velhas economias. Tinha enraizada no cerebro a idéa de que todos os criados eram ladrões e de que o cozinheiro vendia infallivelmente os sobejos. Passára e sua mocidade n'uma casa onde a necessidade obrigava a considerar o valor d'um vintem e o poder da sua economia, e onde as filhas faziam os seus proprios vestidos, e não desdenhavam coser os aventaes. Porém, n'este grande palacio de Park Lane, a tia Mary achava-se escravizada pela convenção. Nem sequer lhe permittiam que sacudisse o pó d'um *bibelot*. Tinha sempre um novo aggravo de que se queixar. Nada divertia mais Dudley do que ouvir essas amimadas queixas.

Elle entrára na sala serenamente e, evitando as luzes, perguntou novas de sua mulher.

— Onde está Hermione, tia — onde foi ella esta noute?

— Ah! não m'o perguntes que eu não sei Dudley! sei apenas que os criados estão a estas horas todos a pé e o gaz a gastar-se!

Dudley sorriu-se e sentou-se do outro lado da pequena mesa.

— Não é gaz, tia, é luz electrica — disse elle; e depois, pensando ainda em sua mulher, continuou — Hermione fallou-me d'um bazar de caridade. É natural que tivesse de se demorar.

— Deve ser isso. Todas as noutes um divertimento ou um prazer! Era bem differente o meu tempo quando eu era rapariga; tinhamos um baile pela abertura da caça, outro

pelo Natal e muito felizes nos poderiamos julgar se assistissimos a ambos.

— Porém agora é differente; este de hoje é de caridade, tia.

— Caridade! Não me falles de caridade! Gastando bom dinheiro em vestuario deslumbrante e descuidando o lavor da casa! Nem sequer um bocado de costura, posso affirmar-t'o, se tem feito n'esta casa desde o Natal! Que desperdicio, Dudley!

Dudley sorriu-se de novo, animando-a a continuar.

— A tia devia approvar pelo menos esta intenção religiosa.

— Qual intenção religiosa! Porventura as mulheres adoram o seu Creador, decotando-se e vestindo-se de fórma que nenhuma mulher honesta ousaria no meu tempo? São as vossas condescendencias que tudo desmoralizam. Onde é o lugar de uma mulher? Onde? ao lado de seu marido! Porque vae indo esta casa ao abandono e á ruina? Porque só ha aqui a tua velha tia, e ninguem faz caso d'ella! Ah! escusas de me recordar que ella é uma filha de conde. Olha, perfeito é quem o perfeito faz! Oh! ella toda desenvolta, com os seus grandes ares e os seus vestidos de Paris, e as suas bellas amigas d'aqui e suas bellas amigas d'acolá. Não era esta a mulher que meu sobrinho devia ter; isto digo eu, confirmava sentenciosa.

— Não julga, tia, que Hermione seja feliz? — interrompeu Dudley, que seguia no pensamento a deducção inversa do que estava dizendo a tia Mary!

— Qual é a felicidade de uma mulher senão a sua casa e os seus filhos? Ah! meu pobre Dudley, devias ter feito melhor escolha.

Pela primeira vez a physionomia de Dudley se tornou dura. Ella, talvez com intenção, fallara-lhe de filhos.

— Nota bem no que te digo — continuou depois de verificar com o *lorgnon* o effeito das suas palavras—ainda ha-de haver aqui muito desgosto. Porém eu já não estarei cá então. Morta e esquecida. Ninguem se importa com uma pobre velha! Aqui tenho estado sentada durante uma hora, e vê tu que belleza de fios estes que não respondem ao chamamento! Antigamente puxava-se um bom cordão simples e tinha-se a certeza de que a campainha tocava.

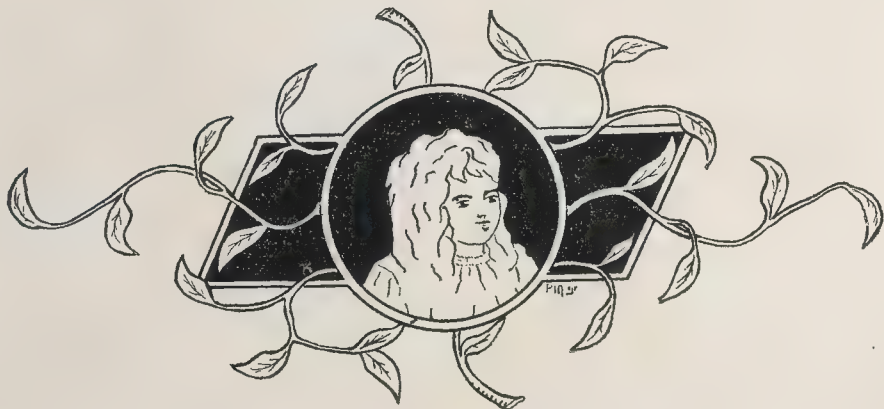
Em verdade, a tia Mary não tinha sequer tocado a campainha; porém Dudley apressou-se em o fazer e quando, com muitas reflexões similhantes, mixto de rabujice e de inveja, de egoismos de velha e de desdens de mulher que não casára, ella se retirou para se deitar, Dudley foi procurar refugio no seu gabinete de trabalho, com o espinto magoado e os nervos irritados.

⊛ ⊛ ⊛

A noute estava quente, sem luar; o ar suffocante, electrico; posto que a *season* estivesse quasi a findar, Park Lane, dentro do qual se levantava o palacio de Dudley, continuava ainda na animação dos mezes brilhantes de festas. Pela janella aberta chegavam amortecidas as ondas sonoras de uma orchestra do grande baile que dava um dos seus vizinhos. Havia estacionadas pela alameda longas filas de carruagens. Elle via d'alli apearem-se, no atrio fortemente illuminado do palacio onde se dava a festa, as mulheres da sociedade, esplendidamente vestidas, cabellos scintillantes de pedrarias, correndo febris para o prazer e para a luz, como irisadas e doudejantes borboletas. Tambem elle corria assim, afanoso e infatigavel para a suprema luta dos negocios, o seu prazer e a sua luz. Ellas íam em busca do dominio egoista da formosura, accendendo desejos; elle em busca do poder da riqueza, aguçando invejas. O espirito inclinou-se-lhe ás reflexões tristes, pendeu para o abysmo das cousas sociaes, negras, tenebrosas. Dudley perguntava a si proprio que lei de compensação governava este mundo de extremos. Com que direito estava elle ali no seu esplendido palacio, fabulosamente rico? E, todavia, sentia-se infeliz, corroido de ambição, desamparado de ternura, pobre de affeições. Perguntas intimas que não tinham resposta no seu proprio pensamento.

Sobre a sua mesa de trabalho, estava o candieiro acceso, foi sentar-se defronte d'ella, pensando em lêr as suas cartas particulares, distrahir-se, matar o tempo, mas debalde procurava fixar a attenção em cousas pequenas e frivolas. A sua imaginação trabalhava sem descanço. Rira-se das sombrias prophecias do doutor Chaplin; porém ali no silencio da noute começaram de o perseguir. Não era facto novo para elle este aviso de que estava á beira de uma esmagadora tragedia. Havia muitos mezes que Dudley sabia o que não ousaria confessar. O seu admiravel cerebro, resistente e infatigavel, o superior dom de concentração, estava-lhe seguramente falhando. Sacára pesados cheques sobre o banco da imaginação, e o saldo credor enfraquecia todos os dias. A natureza tinha-lhe tocado a campainha de alarme, como dizia o doutor, não uma só vez, mas muitas; e desdesprezara o aviso. Mesmo na consulta ao doutor fôra-lhe impossivel declarar toda a verdade, toda a realidade do seu estado. Os impulsos loucos, os paroxismos de paixão, que eram os symptomas do seu estado nervoso, ti-

nham sido sempre refreados a occultas de todos; porem elle proprio, talvez, não soubesse avaliar quanto esforço lhe custára. Algumas vezes, nos momentos de profundo desanimo, Dudley via-se endoidecer. Cruel visão interior, angustiosa luta d'alma em que debalde a razão lhe suggeria socego, descanço. Os planos que delineara, aquellas suas vastas empresas, escarneciam do conselho reflexivo. Não tentava descançar. As riquezas, a fama, a honra da sua casa financeira, impediam-n'o de o fazer. Sobre elle só, sobre o seu genio, firmava-se a verdadeira estabilidade dos seus negocios. Elle era a imaginação dirigente, o impulso creador. Se lh'o recusasse, talvez milhares de creaturas caissem n'um horroroso cataclysmo de miseria. Por amor dos que confiaram n'elle, e para o esmagamento dos ferozes inimigos que competiam com elle e o combatiam, Dudley julgava absolutamente necessario continuar. Passara muitos dias de crise similhante nos ultimos seis mezes, porém este dia fôra supremo. Aquillo que elle dissera a si proprio, outro lh'o dizia agora. D'antes era facil illudir-se, esperar. Podia ser que estivesse enganado; uns dias aqui, outros acolá, uma volta na America, uma viagem ao Cabo, e, tudo se desvaneceria. Mas agora não mais o poderia dizer. Apoderou-se do sentimento de que tudo poderia mudar, ser bem differente, do que era, se o amparasse o amor e o estimulo de uma mulher. N'aquella noute diria a sua mulher o que o doutor Oliver lhe exposera. Receiava o cynismo da sua resposta; a indifferença com que o escutaria; no entanto, estava resolvido a dizer-lhe tudo. Sobreveio-lhe com esta deliberação, como se fôra já um desabafo salutar, o desejo de descançar em quanto esperasse pela volta de Hermione. Talvez se illudisse na esperança de que uma inteira abertura d'alma podesse obter d'ella o que o silencio nunca pudera conseguir. E confiava em esperanças, elle, o frio calculador impassivel! Tinha a alma invadida pelo sentimento. Na sua consciencia perturbada, alongava-se estirada e immensa a sombra do seu proprio destino, um tenebroso espectro que pesadamente descia sobre elle. Subito adormeceu encostado á secretária, vencido, n'um aniquilamento sinistro.

Adaptado do inglez, segundo MAX PEMBERTON.

A Architectura da Renascença em Portugal POR ALBRECHT HAUPT

(Continuação) — Mosteiro de Belem. O interior. Os portaes. As fachadas. Capella dos Jeronymos. Torre de São Vicente em Belem

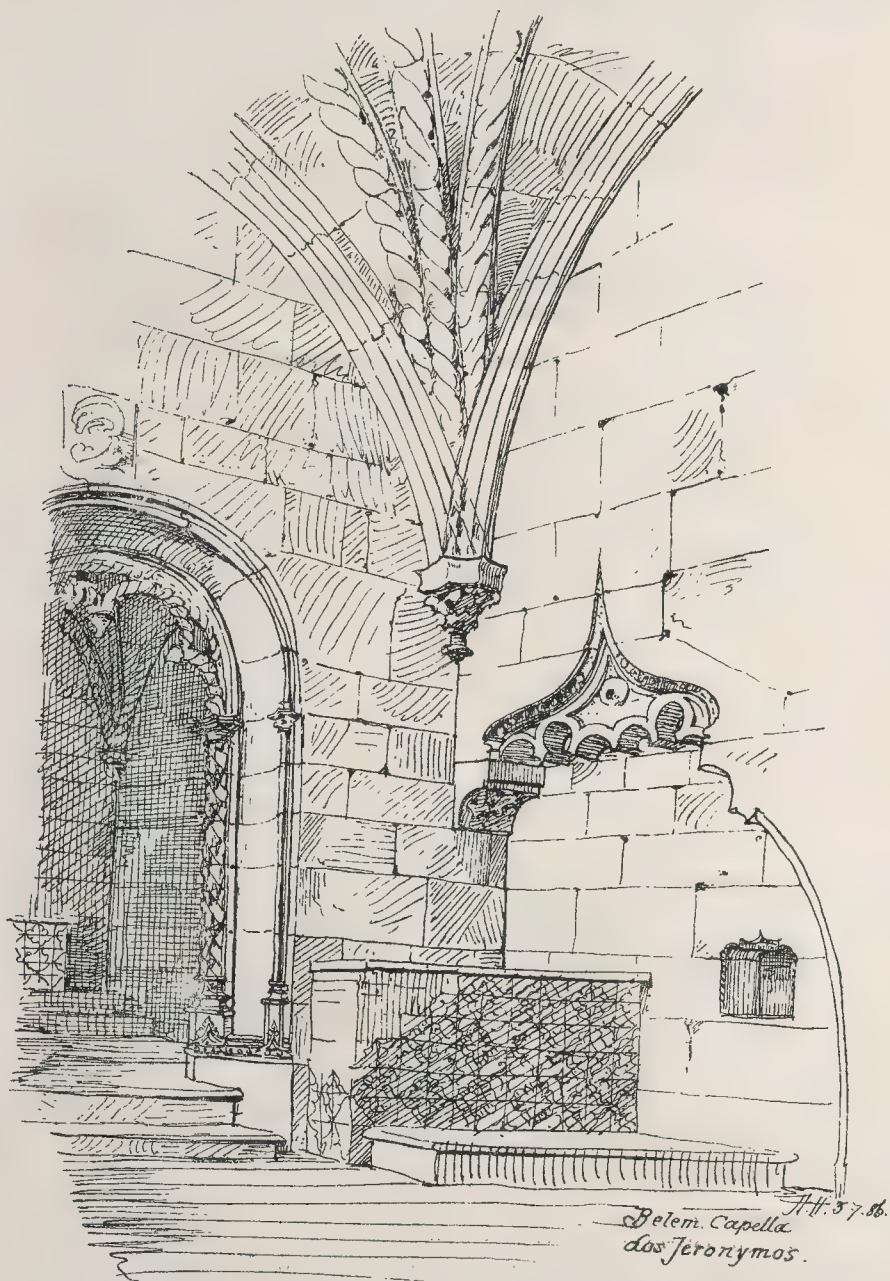
VISTA unica no seu genero é a do interior da nave transversal, que repousando, em sua soberba largura de quasi vinte metros, sobre supportes tão fracos produz um effeito deslumbrante. A circumstancia de não serem ligados com a parede da capella mór os dois pilares do cruzeiro da nave principal por meio d'uma nervura (faltam em geral na abobada as nervuras transversaes) e a circumstancia da abobada reticulada d'esta nave transversal atravessar a construcção inteira como um tonel, imprimem áquella ultima uma feição de independencia quando confrontada com a nave principal. Esta particularidade, que muitas vezes produz estranheza, augmenta aqui consideravelmante a grandeza da nave transversal, e não podemos deixar de vêr n'isto não um defeito, mas um audacioso caracter muito especial.

Pelo exterior a egreja mostra, sómente do lado sul da nave principal, architectura rica. A superficie da nave transversal é apenas adornada por um soberbo friso e por uma rosacea; a frente da nave principal pelo contrario, dividida por poderosos gigantes, tem ao centro um portal que se póde dizer dos mais esplendidos do mundo. E' obra dos mestres Nicolau e João de Castilho. Este portal tem a largura de doze metros e a grandiosa altura de trinta e dois metros, abrangendo, portanto, um intervallo inteiro entre dois pilares da nave. Dar por palavras uma idéa da riqueza da composição é quasi impossivel.

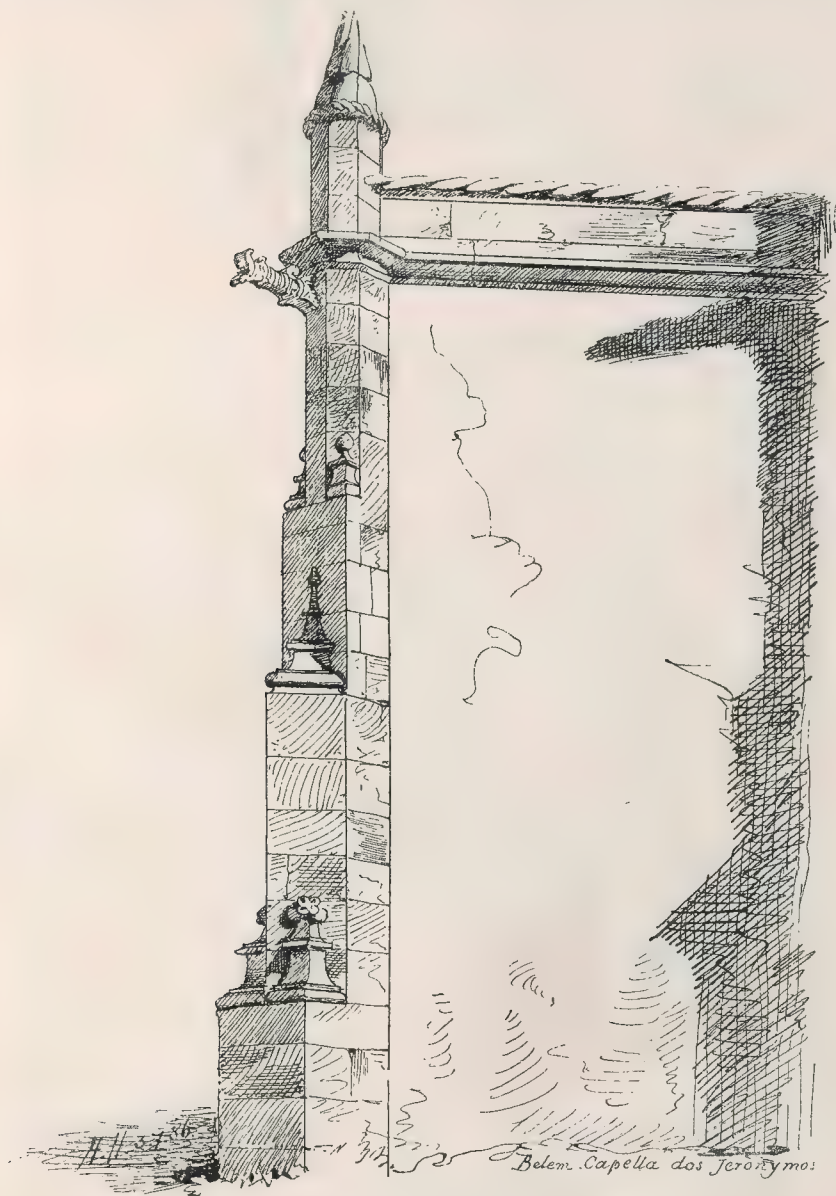
O portal ergue-se com uma architectura de tal riqueza, em pilares de reforço e em agulhas e candelabros, com numerosos nichos e baldaquinos, em parte completamente salientes, com estatuas de grandeza natural e sobre o portal ainda um esplendido espaço de abobada com ricos relevos em curioso fundo de ornamentação, d'uma tal sumptuosidade de ornatos da renascença e do gothico, que, como dissemos, não se póde fazer idéa da estructura senão por desenho. Em tudo as proporções são muito felizes.

Os dois pilares de reforço de cada lado do portal enquadram-se perfeitamente na composição. São ligados sobre a porta por um arco magnifico, que encerra a dupla abertura e deixa livre uma successão de abobadas e surperficies de tympano para baixos-relevos. Sobre arcos e pilares de reforço nasce a architectura da parte superior, toda em astragalos. Sobre a janella, emmoldurada de baldaquinos e de frisos ornamentados, aquellas partes de construcção juntam-se para compôr uma magestosa saliencia, que em seu desenvolvimento forma em frente da janella um pedestal com a estatua da Virgem e tendo na extremidade uma figura de anjo acabando em cima por um rico baldaquino. Duas grandes janellas de arco de volta inteira, preenchem as superficies dos dois lados do portal, ornamentadas com a mesma magnificencia. Os dois arcos seguintes, por baixo da torre, teem, correspondendo á construcção das capellas e dos intervallos do côro e na mesma architectura, dois andares e duas janellas em cada um d'estes. A frente toda é coroada por uma riquissima cornija: consistindo n'uma moldura em forma de cabo, n'um friso canellado, n'uma fita ornamentada e turgida, a qual é em trabalho de talha, n'um friso ornamental corrido, por cima outra fita em forma de cabo, que serve de arremate e n'uma platebanda ornamentada e arrendada de tres a quatro metros de altura. A moldura que ao nivel do côro percorre todo o edificio, consiste tambem em duas fitas de forma de cabo, entre ellas um friso de ornamentações de ramos naturaes ricamente entrelaçados, e na parte superior uma coroação aberta

e luxuosamente decorada. Estas cornijas, assim como todas as meias columnas, as quaes cercam e emmolduram todas as janellas, fazem recordar a architectura indiana; as molduras em cabo são, como já dissemos, muito peculiares ás construcções d'este caracter.

O arruinado portal da face occidental tambem arruinada, fechado n'um arco, contem varios trabalhos de esculptura muito di-

Trecho interior da Capella dos Jeronymos

versa da renascença das primeiras épocas, assim como da manuelina. Podemos considerar os dois grupos ali collocados em frente

fôra empregado tanto aqui como ali. O portal anterior foi em 1549 reduzido á superficie do arco de um portico que lhe quizeram

Pilar de reforço da Capella dos Jeronymos

um do outro, o de S. Jeronymo e o de el-rei D. Manuel com sua mulher, como sendo obra authentica de mestre Nicolau, o francez, porque estas mesmas figuras se encontram em S. Marcos perto de Coimbra, e Nicolau

acrescentar, eliminando-lhe algumas partes e acrescentando outras. Este portico desappareceu infelizmente; mas as suas ruinas mostram que era uma delicada e severa construcção do tempo de D. João III. No seu

Vista da Torre de Belem

estado presente o portal possue todavia um encanto pitoresco. Não seria para aconselhar a sua restauração, se acaso ella fôra possivel.

Do lado norte da egreja junta-se o claustro em dois andares, o qual, como já foi acima affirmado, deve considerar-se como sendo obra de João de Castilho. Mede approximadamente 55 metros quadrados e tem talvez 7 metros de altura o andar. Os angulos são cortados e ligados por abobadas diagonaes. Emquanto ao valor artistico do claustro, talvez possa ser citado como o mais bello do mundo. A grandeza das suas proporções, a riqueza dos seus ornamentos, o magnifico effeito de dupla galeria, as maravilhosas soluções dos angulos cortados, são incomparaveis. Consiste em 28 compartimentos de abobada, quer dizer seis por cada lado e mais quatro compartimentos nos cantos. As abobadas das magnificas galerias mostram o entrelaçamento de nervuras em parte ornamentadas, como era proprio d'aquelle estylo. O pavimento terreo tem todos os gigantes feitos em pilastras que terminam na parte superior em baldaquinos, com graciosos arcobotantos e que se ligam na altura do pavimento inferior por abobadas em cruz em frente das janellas. Estes arcobotantos apoiam-se nos pilares redondos que lhes ficam por detrás. Os arcos do pavimento terreo em fórma de janellas, são preenchidos por um arrendilhado ornamental, supportado por tres columnellos. As aberturas superiores teem apenas uma columna e um arrendado que enche pouco, porque o pavimento superior avança em fórma de varanda sobre as abobadas em cruz. Pilastras, columnas, columnellos, paredes e abobadas, tudo está ricamente decorado, em especial com ornamentos da renascença, cuja execução tem valor diverso, em parte perfeita, em parte de apparencia pesada e primitiva.

Rendilhado de pedra no pavimento terreo da Torre

Para dar maior relevo ao effeito magnifico do pateo do claustro, havia n'este até o anno de 1833, um tanque que hoje é jardim, e no qual havia ilhotas em fórma de estrellas. As paredes do tanque eram verticalmente revestidas de azulejos. O poço, agora no canto nordeste, adornava então o centro d'uma d'aquellas ilhotas, ligadas entre si por pontes. Devia ser magnifico o effeito total. Esta ultima concepção parece não ter sido primitiva, mas do tempo do cardeal D. Henrique.

Ao meio dos lados externos do claustro ha hoje pequenas capellas vasias, pouco fundas e cobertas de abobada reticulada. Nos quatro cantos ha tambem grandes e largas molduras onde existiam quadros notaveis. Eram estes obra dos pintores Manuel Campello e Gaspar Dias. Este ultimo parece ter sido um notavel mestre

como se póde adduzir de dois quadros de seu pincel que ainda existem no mosteiro. Encontram-se no refeitorio e no patamar da escada principal, porém estão muito arruinados.

se vêem ainda alguns arremates e consolos nas paredes. Do lado occidental do claustro [1] segue, em quasi todo o seu comprimento, o refeitorio, exteriormente insignificante, coberto por magnifica abobada, toda

Torre de São Vicente de Belem

As antigas alas do lado norte dos claustros desappareceram. Havia aqui o pateo da Malva que talvez nunca fosse acabado, mas do qual

em pedra de enxelharia ; hoje as paredes es-

[1] Para mais clara intelligencia do texto deve

tão revestidas, até 3 metros de altura, de bellos azulêjos do seculo XVIII. No espaço reservado d'um dos lados transversaes existe um quadro, representando a Santa Familia, de Dias, ainda hoje d'um bello effeito e notavel pelo seu severo colorido.

Do lado leste do claustro e accessivel por um esplendido portal duplo, existe a sala do Capitulo, em fórma de capella, a qual, ha pouco tempo, recebeu a metade da abobada que lhe faltava. Tem um arremate de tres nichos similhando o côro, e a abobada reticulada é magnifica.

Entre este espaço e a ala norte da nave transversal está a sacristia, de planta quadrangular, coberta d'uma soberba abobada que vem apoiar-se sobre uma columna da renascença luxuosamente ornamentada. Em todas estas dependencias do mosteiro o mais distincto adorno é o derivado das abobadas reticuladas e estrelladas, ricamente entrelaçadas e accentuadas com expressão, tanto pela belleza do desenho e não raro pela riqueza da ornamentação, como pela magnifica execução em marmore.

Dos outros edificios do mosteiro nada ha mais de importante, com excepção d'uma pequena e encantadora capella, situada no ponto mais elevado da vasta cerca e chamada tambem dos Jeronymos. E' de planta quadrangular, e tem nos cantos pilares de reforço originaes terminando em pontas torças. Pela sua fórma compacta e pela ausencia de telhado, produz de longe uma impressão desagradavel como se fôra um dado. Não obstante porém esta grande simplicidade tem um valor verdadeiramente artistico, quer pelo seu pequenino e encantador portal na face virada ao poente, quer pela sua magnifica execução em marmore. Adornam-lhe o interior a soberba abobada reticulada e o poderoso arco do côro. Tem ainda tres altares recobertos de azulêjo, exemplo interessante das diversas applicações d'este processo decorativo. Os dois altares inferiores estão mettidos engenhosamente, para ganhar espaço, em nichos abertos na parede externa.

Se lançarmos ainda uma vez mais um relancear sobre todo o mosteiro, sentimos bem funda a impressão da extraordinaria grandeza d'esta obra monumental. Se por um lado reconhecemos n'ella um eminente exemplo e a creação mais notavel do estylo nacional portuguez, quer pela traça total, cuja planta deve ser considerada absolutamente bella, quer pelo disvelo e riqueza da execução, por outro lado vemos aqui simultaneamente um amalgama dos principios da construcção e da ornamentação medievas com os da renascença, tão feliz e de tanto valôr artistico que d'elle se deduzem fundamentos para um maior desenvolvimento architectural sobre aquelle ponto de vista, bem distincto e bem accentuado, digno d'um estudo cuidadoso, como em nenhuma outra parte se póde encontrar.

E' condigno complemento de todo o mosteiro, a bella torre de S. Vicente, magnifica e severa, erguida sobre uma rocha, n'um cabedelo do Tejo, com o seu terraço que avança ainda sobre o rio. Data a sua construcção do principio do seculo XVI. A planta da construcção é, segundo a tradição, ainda do tempo de D. João II e como deixamos dito, é seu autor Garcia de Resende, criado e chronista de D. João. A torre quadrada fecha do lado da terra o terraço que avança para o rio. Os dois angulos d'este que olham para o mar são cortados de maneira que na base formam um hexágono, nos pequenos angulos do qual se levantam guaritas com cupulas, assim como nos dois angulos inferiores e nos quatro superiores da torre. O terraço e a plataforma da torre são protegidos por cortinas de grandiosas ameias, cada uma d'estas com o seu escudo e cruz da ordem de Christo, admiravel idéa artistica que accresce a impressão altiva e guerreira de todo o edificio. A meia altura da torre, avança, sobre uma serie de consolos ou misulas por cima do terraço, uma varanda aberta com columnas, arcos e parapeitos rendilhados; e aos lados da torre existem balcões similhantes. Internamente ha na torre, em cada andar, um grande espaço central, cuja abobada no pavimento terreo não tem nervuras, mas nos andares superiores riquissimas nervuras entrelaçadas. Pequenissimas portas dão ingresso aos estreitos interiores das guaritas angulares. No pavimento terreo o espaço central é repartido por uma divisoria cujo arco tem a sua grade de pedra arrendada. Uma escada de caracol dá accesso ao pavimento superior. Tudo está muito restaurado e por isso muito tem perdido da sua primitiva originalidade, principalmente nos detalhes da sala e da varanda. Por baixo do grande terraço da frente ha uma galeria em volta d'um pateo central aberto, o qual dá para as prisões collocadas abaixo do nivel da agua. Do lado oriental a entrada para o terraço e para a torre é facultada por uma escada que desce até a agua e cujo patamar está ligado por uma ponte levadiça ao portão que conduz ao terraço. As guaritas acima mencionadas com cupulas e collocadas na maior parte dos angulos apresentam coberturas de fórma curiosa, compostas de gomos

---

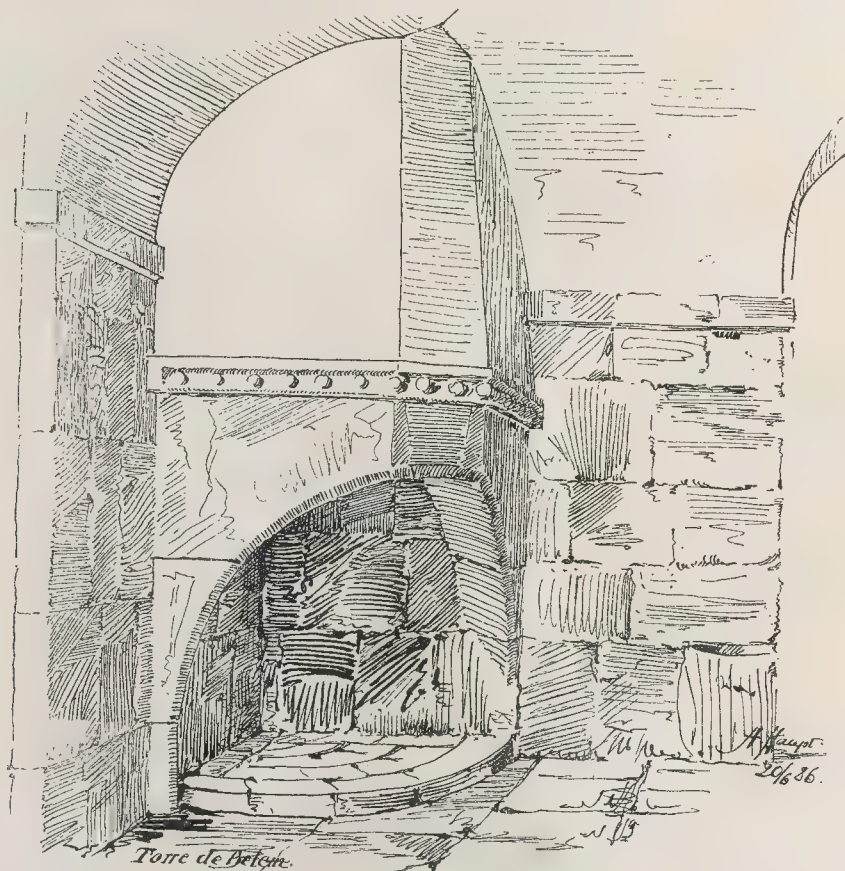
acompanhar-se a sua leitura do exame da planta total do Mosteiro que foi incluida no n.º 19 d'esta revista. (N da R).

que, como se póde vêr no esboço junto, proveem directamente da India. A maravilhosa semelhança com a architectura indiana, em partes inteiras da torre, denuncia sem duvida uma imitação. Tambem affectam esse caracter oriental outros detalhes, como, por exem-

Entrada e guarita da Torre de Belem

plo, as cornijas. Toda esta estructura altiva, d'um perfil energico, levantada sobre rochedos a meio do rio, e d'uma perfeita execução no trabalho de cantaria, offerece uma apparencia dominadora e guerreira, certamente unica no mundo, como o mosteiro para cuja defesa ella foi construida.

O seu lado mais bello e mais luxuoso olha para o lado do mar como era intento dos seus autores maritimos, e como uma marca caracteristica do seu tempo e do seu povo.

Ao longo do rio até a sua foz em Cascáes, segue uma serie d'outros mais pequenos fortes do tempo medievo e da renascença até o forte altivo de S. Julião. Este ultimo com a sua apparencia moderna, data comtudo do tempo de Filippe II, e deve ser obra de Terzi, vista a sua semelhança com a cidadella de S. Filippe, em Setubal, nos seus altivos e accentuados bastiões e no seu esplendido perfil. Este forte, como aquella, distingue-se pela sua forma pitoresca e ambos demonstram que ainda no dominio da architectura militar os mestres antigos eram capazes de produzir alguma cousa de artistico.

Chaminé de canto no pavimento terreo da Torre

MODAS

APESAR da mobilidade perpetua que caracterisa a moda, seguindo impetuosa e exigente a inconstancia do desejo, a aspiração tumultuosa das vaidades futeis, é certo que tambem para ella, rainha dominadora, quasi tyrannica, chegam momentos de fadiga, de repouso, pleno do tedio universal.

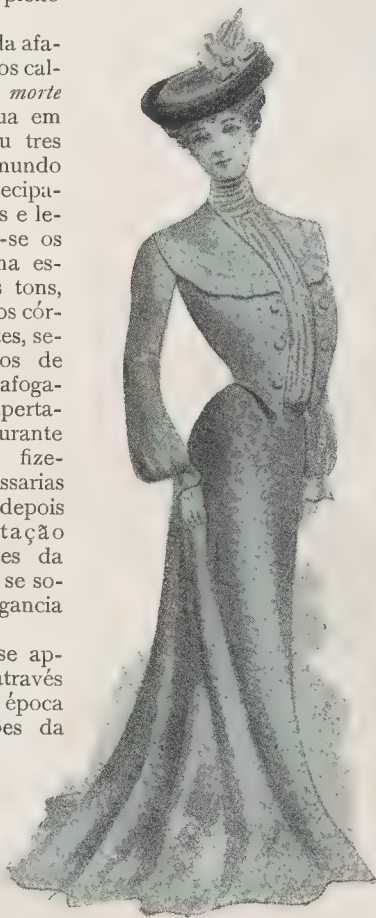
Por isso surgem na vida afanosa dos *ateliers* os periodos calmos, o que se chama a *morte saison*, e a qual se accentua em pleno verão, nos dois ou tres mezes de dispersão do mundo elegante : preparam-se antecipadamente as *toilettes* frescas e leves da occasião, saciaram-se os gostos e as preferencias na escolha das fazendas e dos tons, adoptaram-se determinados córtes, minudencias de enfeites, seleccionaram-se os generos de blusas e de rendas, desafogaram-se os pescoços das apertadas e altas golas que durante tanto tempo dominaram, fizeram-se as provisões necessarias para passar no campo, e depois determina-se uma quietação nas mudanças permanentes da moda, a que nem sempre se sobrepõe a verdadeira elegancia ou a arte de ser bella.

Em todo o caso vae-se approximando lentamente, através dos longos dias quentes, a época das praias, das excursões da beira-mar, com os crepusculos suavissimos do outono, com as frias humidades bromadas que a brisa transporta, e com esta approximação vem egualmente a preoccupação e a necessidade de preparar as *toilettes* para o momento.

Nos grandes armazens, por detrás dos saldos de cassas, de moussellinas, de *voiles* e de *foulards*, começam de apparecer as flanellas leves de sarja, em côres unicas, os flexiveis *cheviotes* de toque avelludado e macio, os pannos de meia estação, com que se confeccionam os vestuarios do outono, accentuando a preferencia pelo genero *tailleur*, em pequenos casacos, em transformação do feitio *bolero*, conservando ainda os cabeções largos, de forma romeira, que se sobrepoem aos hombros, como expressão dos primeiros agasalhos a resguardar das lufadas do ar humido os hombros setinosos que se desnudaram durante o verão.

Assim para caracterisar a corrente actual apresentamos nas illustrações juntas, uma *toilette* do genero, e acompanhamol-a de tres modelos de blusas que são typicas para a estação presente, e que apresentam no córte e na confecção geral as pequenas transformações mais recentes, tanto nas cinturas, como nos enfeites e guarnições.

A pequena jaqueta da nossa primeira gravura é aberta na frente, tendo por dentro um peitilho em seda, rendas ou tule, e sobre a jaqueta uma romeira arredondada com um folhinho a debruar. As mangas são apanhadas em franzido no punho, tendo tambem á borda um pequeno folho que cáe sobre a mão. A saia é formada de cinco gomos alargando em cheio em volta dos pés.

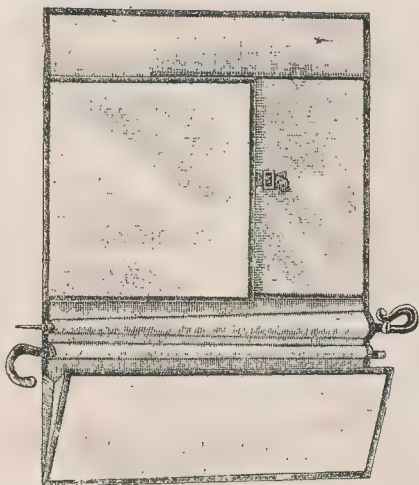
A segunda gravura, a partir da esquerda, mostra uma blusa, que foi executada em seda

lustrosa, mas na qual pode ser empregado qualquer outro material.

Tem um *plastron* em bico na frente e nas costas, comquanto nas costas não desça tanto como na frente. E' feito de preguinhas correndo do hombro, divididas por entremeios de renda e unem-se á frente em baixo assim como nas costas. A fazenda do corpo tambem se divide em preguinhas e entremeios de renda, collocadas a distancia umas das outras, e repete-se o mesmo genero na parte superior das mangas.

Segue-se outro modelo que tem um *plastron* em quadrado, enfeitado da mesma sorte com entremeios de renda que dão volta ás costas. Pode substituir se o entremeio por fitinhas entrançadas n'uma disposição de grega ou rotula, o que se escolhe conforme o padrão da cassa empregada. A parte de diante é formada de uma serie de preguinhas miudas, vincadas a alfinete, pregadas debaixo do *plastron* e nas costas dispoem-se apenas cinco ao centro. Usa-se d'um cordão na cintura para franzir. As mangas, na parte de cima, são justas ao braço, tendo enfeite egual ao do *plastron* e a parte de baixo é franzida e pregada a um punho que cáe sobre a mão em forma de folho.

Segue-se ainda um outro modelo onde apparece outra vez o peitilho em bico ou em v tanto na frente como nas costas, sendo a guarnição feita da propria fazenda que é dividida em quatro tufos, accentuados ou repartidos por uma estreitissima fita de velludo. As mangas teem seis franzidos apanhando-se em cada um d'elles um bocadinho da fazenda para formar o tufado. Os punhos são tambem franzidos.

Decoração de flores. — Generaliza-se cada vez mais, e ainda bem, o uso das flores, decorando as salas e a mesa de jantar. Com effeito nada mais agradavel do que repousar a vista sobre o colorido mimoso de algumas flores agrupadas n'um pequeno centro de mesa, o qual, se para muitos pode ser luxuoso e rico, para o maior numero pode reduzir-se a uma simples floreira, que as ha bem elegantes e artisticas no barro das Caldas, na magnifica ceramica polychroma de Bordallo Pinheiro.

Em vez de empregar, porém, um grande molho de flores, muito apertadas e bastas, na classica forma de mangerico, o que sobre deselegante e pouco compassivo para com as pobres flores é demasiado dispendioso para quem não possue jardim, deve decorar-se a floreira com certa arte e bom gosto, como sabem dispôr as mãos delicadas d'uma filha, amorosamente educada. Resta apenas encontrar o artificio simples de manter entre a folhagem, em posição adequada, para que mais realcem e mais encantos revelem, meia duzia de flores, algumas rosas de estação, pionias, papoulas e dhalias que resplendem agora, ou alguns crysanthemos nos mezes proximos. As duas illustrações, que publicamos, exemplificam o caso. Mette-se no fundo da floreira o pequeno vaso de barro, que no desenho foi um velho tinteiro de louça, bem fechado com uma rolha, na qual se espetaram quatro arames, d'esses que servem para fazer flores artificiaes, delgados e flexiveis, enrolados a diversas alturas. N'estas argolas enfiam-se os pés das flores, e assim se consegue com algum gosto dar uma disposição artistica a uma economica decoração de flores, e de folhagens.

TRABALHOS MANUAES

Saquinha indispensavel. — Este pequeno e delicado artigo, tão util para as senhoras, que os francezes lhe chamam *necessaire*, é feito, como mostra a gravura, de seda lavrada (brocado) comquanto possa egualmente ser feito em setim preto liso, em *peau de soie*, ou em seda lisa com alguns desenhos artisticos, de flores, pintados a oleo ou bordados. O sacco é feito de duas partes, com os cantos da extremidade de baixo cortados e unidos egualmente. O forro do sacco póde ser em tafetá branco, preto ou em qualquer outra côr preferivel. As costuras ficam abertas até uma certa altura em cima e passa-se um cordão preto e dourado por casas abertas na propria seda, atando-se n'um laço com borlas de seda na extremidade. Debruam-se as costuras do sacco com egual cordão e em cada canto finaliza-se com uma presilha e uma pequena borla. Este sacco poderá ser reproduzido em fazenda e usa-se muito especialmente para o transporte, de roupa de creanças, levadas pelas suas amas, quando feito em maiores dimensões.

❁ ❁ ❁

Involucro de viagem. — Para fazer este util involucro de viagem emprega-se um panno grosso e duro, uma linhagem resistente, de-

bruando-o de trança cinzenta, e para fechar, umas correias de couro com uma aza de pega. Uma das illustrações apresenta o involucro desdobrado; n'elle se vê uma grande sacca para roupa de noite etc., e outra sacca para artigos de *toilette*, ao mesmo tempo que o chapéo de sol e a bengala se levam em estojos especiaes.

❀ ❀ ❀

Escolha de côres. — Dizia madame Girardin que a mulher possuia duas especies de belleza, a que recebera da natureza e a que ella sabia adquirir. Referia-se a illustre escriptora á suprema harmonia da côr e da attitude para realçar os dons naturaes. Com effeito, é condição essencial, na arte de ser bella, possuir o sentimento da côr, e agora, em pleno verão, quando são mais vivas e variadas as côres das *toilettes*, melhor se ajuiza do grau de educação esthetica que a escolha e a preferencia dos tons traduzem. Entre o publico feminino portuguez denota-se um decisivo progresso; todavia parece-nos util explanar levemente este assumpto; porque, para olhos que sabem vêr, surgem ainda a todo o momento a mais infeliz manifestação do sentido colorista. Comtudo parecia-nos simples, devia ser mesmo obrigatorio, ensinar á mulher, desde creança, a lição das côres, o que em linguagem scientifica se denomina a lei de côres, cuja descoberta é devida ao sabio illustre Chevreul. Pela côr torna-se, á vontade da modista, feia uma mulher bella e produz-se ao menos a illusão da formosura n'aquellas para quem a natureza foi menos prodiga. Juxtapondo as côres complementares, leva-se a côr ou o tom ao seu maximo de intensidade harmonica ou de irritação insupportavel. Basta saber que o verde secco, o amarello esverdeado, tem por complementar o vermelho violaceo; que ao vermelho alaranjado corresponde o verde azulado, etc., para fazer vibrar á vontade tons inharmonicos ou para parecer possuir o bom gosto. Uma senhora encantou-se, n'um armazem de fazendas, com a magnificencia dos tons roxos-violetas d'um corte de seda, que no acaso ou no proposito do mostruario fôra collocado ao lado d'um vestido de seda amarella. Produzira-se uma symphonia de côres. Comprou o vestido, mandou-o ir para casa; e, de novo ao vêl-o, soffreu a terrivel desillusão de que o estofo lhe pareceu esmaecido, sujo, russo. Julgou-se victima d'um abuso de confiança; fôra apenas victima da lei de Chevreul. O vermelho e o verde adelgaçam as fórmas, o amarello e o azul avolumam-n'as; pois nem sempre se observa a applicação d'esta verdade. Uma mulher pequena e delgada parece mais pequena e mais delgada ainda, quando vestida de preto. Uma mulher grossa e alta em *toilette* branca assume as proporções d'um colosso de feira. As riscas verticaes emmagrecem, as horisontaes engordam, etc. A lei de Chevreul é perfeitamente applicavel ao vestuario, e a elegancia cuidadosa utiliza-a para evitar numerosos ridiculos e fealdades. O grande sabio francez escreveu tambem um capitulo curioso sobre os chapéos femininos, e occupou-se com escrupuloso cuidado da escolha da côr dos seus enfeites. Um chapéo preto de longas plumas brancas ou de bellas flôres claras ou vermelhas, convem sobretudo ás louras. Não assenta mal nas *brunas* (que não é o mesmo que trigueiras); comtudo para estas seriam preferiveis as flôres amarellas ou as plumas alaranjadas. O chapéo branco convem ás carnações brancas ou rosadas. Estas devem evitar o azul e preferir o vermelho. Segundo Gsell, a coloração geral da *toilette* deve ser complementar do typo da que a veste. Entende-se por coloração geral a resultante de todos os tons que compoem um vestuario completo. A loura, como os trigaes, escolherá a coloração geral azul turqueza; a loura côr do ouro, o azul esverdeado; a ruiva preferirá o verde; a *bruna* de cabellos negros como a aza do corvo, optará pelo vermelho. Para os cabellos castanhos a côr favoravel é o roxo violeta.

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

Acontecimentos politicos e sociaes

MAIO. — 21 *Hespanha* — Dá-se em Barcelona um «meeting» dos libertarios, assistindo os representantes de 36 officios. Pronunciam-se discursos violentos. A policia cerca o local afim de manter a ordem. Apesar da reluctancia dos libertarios consegue-se tomar notas dos discursos, sendo enviados aos tribunaes de justiça. — Celebra-se em Pamplona uma imponente manifestação ao collocarem-se as lapides commemorativas dos triumphos dos liberaes durante a guerra carlista.—*Madrid*— Termina a gréve dos mineiros em Langrés.

22 *Portugal.* — Realiza-se em Cascaes uma grande reunião de commerciantes d'esta villa afim de sollicitar a revogação da disposição — que não permitte a continuação das armações nas zonas comprehendidas entre o Cabo Razo e a Torre de S. Julião da Barra, em cuja zona ellas teem sido lançadas ha 30 annos.

23 *Italia* = Em Genova os estudantes reunidos votam uma violenta moção de protesto contra os acontecimentos de Inspruck; dirigem-se ao consulado austriaco, e ali assobiam e gritam: «Abaixo a Austria». Ha tambem agitação contra a Austria em Veneza, Treviso e Verona.

23 *America do Norte* — Ha em Chicago 30 gréves, e estão imminentes outras; os patrões fallam em «Lock-out» —*New-York*—Uns 200 italianos grévistas dos caminhos de ferro tentam alliciar para a gréve os operarios que continuam trabalhando, porém a policia carrega sobre os discolos com extraordinaria brutalidade, férindo grande numero d'elles. — *Turquia*— Descobre-se em Constantinopla um trama macedonico hungaro, urdido para fazer ir pelos ares a embaixada da Russia.

24 *Inglaterra* — Em Londres 250:000 pessoas celebram um comicio contra a reforma do ensino, que é julgada clerical e reaccionaria. — *França* — Em Paris á sahida d'uma conferencia catholica, o sr. Marc Sauguir, director da revista *Le Sillon*, acompanhado por muitos catholicos encontram-se no caminho com um bando de contra manifestantes socialistas, travando-se grande desordem, sendo disparados tiros, arremessados pedras e atirados pedaços de grades de ferro fundido. Ficam feridos um commissario de divisão e um official de paz. O conde Etehgayen é preso sob a accusação de ter feito uso de um rewolver—*America do Sul* —Em São Domingos depois d'um encarniçado combate, os insurrectos vencidos fazem ir pelos ares o Arsenal de Santiago. Está entre os mortos o general Dionisio Arias, delegado do governo. São numerosos os feridos.

26 *Inglaterra*—Realiza-se a abertura da conferencia telegraphica internacional. Mr. Auster Chamberlain ministro dos telegraphos apresenta as boas vindas aos congressistas, fallando depois os delegados da Hungria, Belgica e de Portugal, conselheiro Alfredo Pereira, que é muito applaudido sendo nomeado para duas commissões e vice-presidente de uma.

27 *Portugal* — Fecha-se no Porto a fabrica Graham & C.ª Os operarios d'esta casa, em numero superior a mil, resolvem manter a gréve até serem attendidas as suas reclamações.

28 *Hespanha* — Em Barcelona os padeiros grévistas aggridem o presidente da Associação dos Proprietarios das Padarias fe indo-o gravemente. Aggrava-se o conflicto com os operarios da fabrica do gaz. Recea se que a cidade fique ás escuras, vendo-se portanto a empreza obrigada a ceder ao augmento de 50 centimos no jornal do operario e a diminuir-lhes uma hora de trabalho.

29 *Portugal* — No Porto a gréve dos operarios tecelões toma caracter mais grave. Em diversos pontos da cidade, onde agrupam tecelões dão-se conflictos, occasionando prisões.

30 *França* - Em Marselha descobre-se uma conspiração, que tinha por fim assassinar o rei d'Italia quando voltasse a França. São presos tres individuos; e outros cinco, que se

julgam implicados no caso, conseguem fugir.

31 *Cuba* — Os pharmaceuticos em Havana, apesar das reclamações do publico recusam vender os medicamentos onerados com direitos aduaneiros, especialmente aguas mineraes. — *Angoche* — A columna de operações passa pela povoação de Farlay, arrasando tudo quanto pertencia ao celebre regulo Farley, que na importante região de Angoche ha muito nos incommodava em detrimento da nossa soberania e nas relações commerciaes n'aquelle ponto da nossa Africa Oriental.

JUNHO. — **2** *Portugal*—Effectua-se no Porto o primeiro congresso nacionalista a que preside o conde de Samodães e depois o conde de Bertiandos. Assiste enorme concorrencia predominando o elemento legitimista, e muitos padres. — *Hespanha* — Aggrava-se o conflicto agrario na companhia do Jerez. Os patrões recusam se em acceder ás exigencias dos trabalhadores para fazerem as colheitas. Os trabalhadores realizam *meetings* aonde pronunciam discursos violentissimos. — *Catalunha* — Dão-se numerosas manifestações em diversas cidades d'esta provincia. — *Italia* — Rebenta em Roma manifestações anti-austriacas. — E' mandada fechar a Universidade de Roma. — Dá-se em Palermo pela mesma razão grande desordem, ficando feridos 1 informador de jornaes e 3 agentes de policia. Em Messina e em Catania armam se egualmente motins, ficando feridos alguns populares.

3 *Marrocos* — Chega da Argelia um destacamento de soldados marroquinos para ir reforçar a guarnição de Figuig, entrando sob o commando de officiaes francezes, e destinada a operar nos arredores de Tanger e Tetuan. — *Estados Unidos* — Em Lincoln perto de Pink, na via ferrea onde o presidente Roosevelt devia sahir do seu comboio especial, descobre-se um sacco com uma substancia suspeita para tentativa de attentado.

6 *Marrocos*—Atacam os salteadores em Zeenat, a 14 milhas de Tanger, no caminho de Tetuan, um destacamento de tropas do governo xerifiano, com o effectivo de 1:000 homen, 800 dos quaes são de cavallaria.

7 *Macedonia* — A 14 kilometros de Andrinopla apparece um bando de insurrectos, que depois de um combate de seis horas bate em retirada perseguido pelas tropas. O bando tinha grande quantidade de bombas explosivas.

10 *Servia*— Dá-se em Belgrado o tragico e horrivel assassinio do rei Alexandre, da rainha Draga, de seu irmão, do presidente do conselho, general Petrovitch, ajudante de campo do rei, e do antigo ministro da guerra Parlovitch. O exercito proclama rei da Servia o principe Karageorgevitch.

12 *Grecia* — Dá se em Athenas agitação occasionada pela questão do monopolio das passas de uva de Corintho. — *Venezuela* — O general Mattos publica um manifesto confessando estar terminada a revolução, reconhecendo o presidente Castro e pedindo auctorização para regressar a Caracas.

14 *Sião* — E' assignado em Bangkok o accordo anglo-siamez relativo a Kalantan. A administração do principado fica nas mãos dos inglezes, sendo o residente confirmado pelo rei. E' mantida a guarnição ingleza de 300 homens que fora enviada para Kalantan no anno passado.—*Hespanha*—Chegam a Cadiz, vindos de Jerez cinco mil grévistas camponezes. Os jornaleiros de Sevilha e Malaga secundam o movimento.

15 *Servia* — E' eleito em Belgrado, rei da Servia, por unanimidade no Congresso nacional, Pedro Karageorgevitch.

16 *Portugal*—Aggrava-se no Porto a situação em consequencia de adherirem á gréve os metallurgicos, na sua grande maioria. Teem sido presos algodoeiros, typographos, padeiros, esculptores, pintores, cigarreiros, ourives, doceiros e sapateiros.

17 *Marrocos*— As tropas do governo xerifiano atacam Zeenat, queimando numerosos aduares e os montanhezes aprisionam o sr. Harris, correspondente do *Times*

18 *Hespanha* — Em Barcelona, em consequencia da gréve dos carregadores do porto, navios de varias nacionalidades estão onze horas sem poderem carregar ou descarregar. — *Servia* — O rei Pedro acceita em Genebra as modificações da Constituição de 1888 approvadas pelo parlamento.

21 *Hespanha* — Em Cadiz effectua-se um *meeting* de grévistas e agricultores ao qual assistem 2:000 pessoas. — Em Jerez realiza-se um outro a que assistem 10:000 pessoas, resolvendo continuar a gréve. — *Senegal* — A columna de *spahis* que persegue as tribus de mouros salteadores é atacada a 20 kilometros de Saint-Thomas, ficando feridos um official europeu e tres indigenas, soffrendo os mouros perdas consideraveis.

24 *Inglaterra* — O presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa, conselheiro Ferreira do Amaral, entrega em Londres ao rei de Inglaterra a copia da acta da sessão em que sua majestade foi proclamado socio honorario, o diploma e o collar d'ouro e medalha da Sociedade.

27 *Hespanha* — Realiza-se em Barcelona um comicio a que concorrem 6:000 operarios. Proferem-se discursos violentos e advoga-se a continuação da gréve.

28 *Portugal*—No Porto reune clandestinamente a Confederação Operaria das Artes Textis, resolvendo se depois de renhida discussão, que os operarios tecelões e fiandeiros retomem o trabalho mechanico e que cedam os 10 % que lhes são concedidos em favor dos operarios da tecelagem manual pertencentes ás casas cujos patrões não assignaram o compromisso, devendo este operariado manter a gréve, emquanto não tiverem os seus patrões assignado as respectivas tabellas. — *Estados-Unidos*— A subida do preço do algodão provoca em New York o encerramento de numerosas fabricas de fiação, correndo o boato de que se organiza em New-Orleans um *trust* mundial do algodão.

29 *Somalilandia* — Uns somalis vindos de Berberah confirmam que 2:000 soldados indi-

genas e uns 40 officiaes inglezes são trucidados pelo Mullah perto de Bohtle.

30 *Austria-Hungria*—Em Pest o conde Hedervary, presidente do conselho de ministros do Estado hungaro, expõe á camara dos deputados o programma do novo gabinete no meio de acclamação da direita e de protestos da esquerda e annuncia que não pedirá este anno senão contingente militar normal.

Julho. — **1** *Hespanha* — No congresso em Madrid o deputado Soriano pede explicação a Salmeron, sobre os motivos que elle teve para o expulsar do partido. O carlista Lórens provoca um violento debate contra Blasco e Soriano, pela questão dos republicanos de Valencia. —*França*— Em Paris o sr. Delcassé ministro dos negocios estrangeiros apresenta á camara um projecto pedindo um credito de 600:000 francos para as despezas da viagem do presidente Loubet á Inglaterra e da recepção do rei de Italia, sendo o credito approvado por unanimidade.—*Hespanha*— O superior dos padres Maristas, a pedido do governador de Barcelona, auctoriza estabelecer communidades nos povos da provincia.

3 *Turquia*—O governo ottomano em Constantinopla decide reformar as guarnições da fronteira bulgara. Receia-se nova tensão de relação entre os dois paizes.—*Hespanha*—No congresso em Madrid é renhida a discussão da resposta ao discurso da corôa. Malaquias Alvarez falla sobre o ensino por uma forma anti-clerical. Ataca as associações religiosas que se dedicam ao ensino, pedindo protecção para os professores laicos. Louva o procedimento da França e Portugal, que apesar de catholicos expulsam as congregações.—*Argel* —No acampamento de Sidi-Aissa um homem da tribu de Mehaya dispara um tiro de pistola contra Moley Mohamed, não acertando o tiro n'este, mas ferindo um soldado; o criminoso é aspergido de petroleo e queimado vivo.

4 *Grecia*—Dá-se em Athenas nas immediações da camara dos deputados grande tumulto e tiros de pistola. O chefe da opposição e varios deputados e ministro do reino pedem á multidão que se retire, restabelecendo-se depois a ordem. — *Hespanha* — No congresso o deputado republicano Lerroux pede ao governo que proceda á revisão do processo Montjuich, declarando existirem novas provas dos tormentos inflingidos aos presos.

8 *Inglaterra* — O embaixador de Portugal em Londres, marquez de Soveral, é o unico d'entre os enviados extraordinarios n'aquella côrte convidado pelo presidente Loubet para assistir ao jantar offerecido ao rei Eduardo na embaixada de França. — *Grecia*— O sr. Theotokis pede ao rei Jorge a demissão do gabinete e é acceita. Os camponezes da Elide, armados, deteem diversos comboios, pretendendo tomal o para ir a Athenas fazer manifestações contra o projecto do monopolio das uvas de Corintho. Tendo-se-lhes obstado a este intento destroem a via ferrea em varios pontos. Em Pyrgos dão-se violentas manifestações.

Acontecimentos mundanos, scientificos e artisticos

Maio.—**21** *Hespanha* — Realiza-se em Barcelona um banquete de 50 cubanos, sob a presidencia dos consules de Cuba, do Brazil e dos Estados Unidos para commemorar o segundo anniversario da proclamação da republica cubana.

22 *Africa*—E' concedido pelo governo portuguez á *Development Delagoa Bay Corporation Limited* autorização para adquirir bens immobiliarios que sejam necessarios para a exploração industrial dos telephones, tramways, luz electrica e abastecimento de aguas em Lourenço Marques.

24 *Portugal* — Realiza-se em Lisboa a sessão solemne na Sociedade de Geographia em homenagem a João de Azevedo Coutinho, presidida por sua majestade el-rei D. Carlos, que enaltecendo com vibrantes phrases o elogio do digno e valente explorador portuguez lhe entrega a medalha de ouro. — *França* — Com a assistencia de uma enorme multidão, partem de Versailles em direcção a Madrid, cento e vinte e sete carruagens, 23 voiturettes automoveis e 47 motocyclettes.

28 *Portugal* — Regressa a Lisboa sua majestade a rainha sr.ª D. Amelia depois de uma excursão pelo Mediterraneo até á Palestina e de volta por Paris. Incalculavel numero de pessoas aguardam em recepção festiva a augusta soberana.

31 *Portugal*—Inaugura-se em Evora com a assistencia de sua majestade el-rei D. Carlos, que expressamente para ali partira, uma exposição agricola regional muito completa e interessante effectuando-se animados festejos em honra do soberano.

Junho.—**1** *Hespanha*—Os estudantes portuguezes republicanos em visita a Madrid são obsequiosamente recebidos por Salmeron e os estudantes hespanhóes offerecem-lhes uma *velada*.

5 *Portugal* — Realiza-se em Lisboa na Sociedade de Geographia uma sessão solemne, a que preside sua majestade el-rei, seu presidente de honra, com a augusta presença de sua majestade a rainha, e de sua majestade a rainha D. Maria Pia, em homenagem ao illustre professor sr. conselheiro dr. José Vicente Barboza du Bocage, e para se fazer entrega ao antigo presidente honorario, da medalha de honra que lhe fora concedida pela Sociedade, consagrando-se os seus relevantes serviços á sciencia, á nação portugueza, e á Sociedade de Geographia, como medico, homem de estado, naturalista e diplomata.

6 *Portugal*—É offerecido um banquete em homenagem a Raphael Bordallo Pinheiro. Os vultos mais eminentes nas sciencias, nas lettras e nas artes; no commercio e na industria; no funccionalismo militar, emfim, uma grande parcella da patria portugueza representada n'essa assembléa, glorifica o extraordinario artista de multiplas aptidões, o desenhador primoroso, o ceramista e esculptor notavel. — *Hespanha* — Com a assistencia do

seu rei e mais pessoas da familia real verificam-se as provas do engenho do invento denominado *Apagador instantaneo de incendios*.

9 *Portugal*—Chegam a Lisboa, a bordo do seu *yacht Marroussi* os srs. duques de Orleans.

10 *Portugal*—Regressa da sua digressão ao norte do paiz o sr. Infante D. Affonso.—*Hespanha* — Realiza-se em Madrid uma sessão de homenagem á memoria do poeta distincto Nunes Arce.—*França*—O tribunal de pronuncia criminal em Paris, profere um aresto mandando comparecer perante o tribunal do jury criminal do Sena pelo crime de falsificação, venda de fundos e furto fraudulento os réus Frederico e Thereza Humbert, Emilio e Romão Daurignac.

14 *França* — Santos Dumont faz em Paris uma ascensão no seu balão n.º 9 indo e voltando de Longchamps á Opera, descendo depois a terra no meio da *pelouse* e tornando a subir toma novamente a direcção de Neuilly aonde chega sem incidente.

15 *Inglaterra*—O rei Eduardo VII recebe os delegados da conferencia telegraphica no castello de Windsor, sendo de uma extrema cordialidade para com o delegado de Portugal, sr. contelheiro Alfredo Pereira.

20 *Allemanha* — O imperador Guilherme II inaugura o monumento ao imperador Guilherme, seu avô, na praça do senado de Hamburgo. O monumento é obra do notavel artista e professor Schilling.

22 *Hespanha* — O rei Affonso XIII chega a Cartagena tendo tido uma enthusiastica recepção. —*Portugal*— Monsenhor Ajuti, actual nuncio da Santa Sé, em Lisboa, é nomeado cardeal no Consistorio realizado em Roma.

24 *Servia*—O rei Pedro I chega a Belgrado, sendo recebido na estação do caminho de ferro pelos ministros, municipalidade autoridades militares e a multidão que o victoria.

25 *Italia*—O Papa rodeado de 20 cardeaes celebra no consistorio publico na sala Real para a imposição dos chapeus aos novos cardeaes Nocella, Cavicchioni e Fiacher assistindo os diplomatas acreditados junto da Santa Sé, a nobreza romana e muitos outros convidados.

27 *Portugal*—Realiza-se em Lisboa com a assistencia de suas majestades el-rei D. Carlos a rainha D. Amelia, a rainha D. Maria Pia, o infante D. Affonso e milhares de pessoas, a ceremonia do lançamento ao mar da canhoneira *Patria*, feita com o producto da subscripção aberta entre os portuguezes residentes no Brazil.

30 *Estados Unidos* — O governo dos Estados Unidos acceita o convite de el-rei de Portugal para que a esquadra que aquella nação tem actualmente na Europa e se acha em Kiel, visite officialmente o porto de Lisboa.

Julho.—**1** *Portugal* — Realiza-se em Lisboa no palacio da Nunciatura, a ceremonia revestida de grande solemnidade da entrega do *Solideo* feita pelo guarda nobre de Sua Santidade, o sr. conde Francisco Salimei, a sua eminencia o sr. cardeal Ajuti, nuncio de Sua Santidade.—A commissão administrativa do posto de desinfecção, composta dos srs. drs. Homem de Vasconcellos, Silva Carvalho e engenheiro Antonio Parreira, toma posse dos terrenos demarcados, destinados ao posto de desinfecção do porto de Lisboa, no terra-pleno do caes de Alcantara e em frente das docas de reparação. O projecto do posto comprehende edificação e installações de apparelhos modernos de desinfecção e uma linha de caes acostavel aos navios na extensão de 300 metros, na muralha exterior, com escadas e rampas de desembarque.—É adjudicada a empreitada das novas obras para o abastecimento de aguas na cidade da Praia, melhoramento este ha muito reclamado e de inadiavel necessidade.

2 *Irlanda* — A partida da corrida Gordon Bennet effectua-se sem incidente em Allyshannon, Dublim.

3 *Hespanha* — O rei Affonso XIII impõe solemnemente em Madrid o barrete cardinalicio ao arcebispo de Valencia.

5 *Estados Unidos* — Em New-York apesar da tempestade consegue-se estabelecer o circuito do cabo submarino através do Oceano Pacifico. O sr. Roosevelt inaugura-o com a missão de uma mensagem ao governo das ilhas Philippinas dizendo o seguinte : «Estreio o cabo americano pelo Pacifico, saudando-vos e ao povo philippino. —*Portugal*— Realiza-se em Lisboa a festa commemorativa do 39.º anniversario da fundação do Albergue dos Invalicos do Trabalho, uma das instituições mais sympathicas de Portugal.

6 *Portugal* — E' inaugurada na cadeia da cidade de Coimbra o posto anthropometrico. —*França*—O presidente Loubet parte de Paris para Boulogne, afim de embarcar para Inglaterra acompanhado pelo sr. Delcassé, recebendo na *gare* grande acclamação de «Viva Loubet !» «Viva a republica !».

7 *Italia* — O embaixador de Portugal junto do Vaticano envia ao sr. ministro dos negocios estrangeiros do seu paiz um telegramma em que lhe communica gravissima a doença de Sua Santidade, não estando no entanto perdidas as esperanças de salvar o Santo Papa.

Accidentes

Maio. — **22** *Portugal* — De Pardilló para Coimbra o automovel do sr. dr. Egas Moniz espanta uma egua em que montava um cavalleiro que é cuspido por uma ribanceira, e o automovel para se afastar da egua, faz algumas evoluções na estrada precipitando-se tambem na ribanceira. D'este desastre resulta ficar com bastantes contusões o srs. Affonso de Barros, o dr. Themudo bastante queimado nas mãos por se ter segurado ao tubo do vapor e Rainho com ferimentos nos olhos por se terem partido as lunetas de automobilista.

24 *França* — E' morto em Libourne o machinista Barrow do automovel de que era conductor Lorraine. Marcel Renault cahe com o seu automovel n'um fosso perto de Poitiers.

25 *Portugal*—Um horrivel temporal inunda

as ruas da cidade de Braga. A trovoada fortissima causa enorme panico, cahindo faiscas que prejudicam a rede electrica. O cyclone destróe uma casa campestre, levando a cheia todos os haveres do caseiro. Por toda a parte ouvem-se gritos afflictivos do povo. — *França* — O principe de Monaco, dirigindo-se para Paris em motocyclette cahe n'uma valleta da estrada e contunde uma perna e um hombro; o principe segue depois para Paris pelo caminho de ferro; a sua cura leva alguns dias.

26 *Inglaterra* — Nas corridas de automoveis que se deram em Bristol, um d'elles choca-se com outro, resultando ficarem mortos dois espectadores e oito gravemente feridos. — *Edimburgo* — São victimas dos automoveis uma mulher e um homem. — *Hespanha* — N'uma estalagem em Valdepenas, dá-se uma explosão n'uma caixa contendo seis arrobas de polvora, ficando tres pessoas mortas seis gravemente feridas, e a casa completamente destruida. — *Chile* — Manifesta-se a peste e 1 Iquique, tendo havido já 2 obitos.

27 *Belgica*—Dá-se em Saeftingent uma collisão entre os vapores inglez *Hunddersfield* e o norueguez *Alfo*. O primeiro foi a pique, salvando se a tripulação, mas afogando-se uns 20 passageiros.

28 *Hespanha* — As chuvas torrenciaes que cahiram em consequencia das ultimas trovoadas, inundam as povoações de Pajaros, Otero e Leon, ficando submergidas cerca de quarenta casas, muitas outras completamente destruidas, e morrendo afogada uma creança.

30 *Estados Unidos* — Chuvas torrenciaes no Territorio Indiano, no Kansas, Missouri, Nebraska e Jowa causam a morte de 14 pessoas, ficando sem abrigo 20:000 pessoas, sendo os estragos enormes.

31 *Portugal* — Em Loulé dá-se uma explosão pyrotechnica de Sebastião Correia Ferreira, na sua residencia ficando completamente destruida. Dos escombros são tiradas tres creanças já mortas, duas em perigo de vida e quatro homens feridos, ficando o dono da officina reduzido a uma massa informe.

Junho. — **1** *America do Norte* — Um cyclone que passa sobre Gainesville, Georgia, causa enormes estragos e faz 200 victimas.

4 *Portugal*—Uma formidavel trovoada mata em Ceia uma rapariga, bois, vaccas, 29 ovelhas e assombra 4 pessoas. — *Canadá* — Os incendios favorecidos pela grande secca alastram-se n'uma extensão immensa, cahindo o fogo como um furacão sobre a cidade de Musquash, em New-Brunswick, destruindo-a completamente.

5 *Philippinas*—Uma grande tempestade nas ilhas Philippinas leva ao fundo do mar varios navios americanos, entre elles o vapor *Perlade* que naufraga em Visayas, perecendo parte da tripulação.

9 *Portugal* — Manifesta-se em Espinho um pavoroso incendio destruindo muitas casas. — *Hespanha* — Cahe violento temporal na provincia de Granada destruindo as chuvas as sementeiras e o vento as arvores. O rio Monachil trasborda levando muitos animaes na torrente.

10 *America do Norte* — Rompe-se o aterro da via ferrea de Baltimore, no Ohio e as aguas do rio inundam o districto meridional de Saint Louis, havendo já a lamentar 30 mortes.

13 *Inglaterra* — Um incendio destroe completamente uma fabrica de distillação situada em Greenock, morrendo 4 pessoas, ficando feridas 6 e desapparecendo muitas outras. Os estragos são avaliados em 60:000 libras esterlinas.

15 *America do Norte* — E' destruida por um furacão a cidade de Heppner, no Oregon, perecendo afogadas 500 pessoas.

18 *Inglaterra* — Dá-se em Woolwick uma grande explosão na fabrica de explosivos para o exercito e marinha ingleza, resultando mais de 30 victimas entre mortos e feridos.

22 *Japão* — Em Gilan 150 fonnosianos atacam uma fabrica de refinação de camphora, matando 11 japonezes alguns dos quaes eram agentes de policia.

26 *Austria* — Dá-se um tremor de terra em Erhau; desabando varias casas no arrabalde e os mais dos predios da cidade ficando damnificados.

27 *Hespanha* — O comboio de Bilbau para Zaragoza, descarrilla perto de San Asensio, cahindo tudo ao rio Nazerilhes ao passar a ponte de Malato, havendo numerosas mortes e feridos.

30 *Hespanha* — Sobre a povoação de Valoria la Buena, perto de Valladolid, cahe um terrivel cyclone, que arraza os campos. O granizo, do tamanho de nozes, quebra tambem muitos telhados e vidraças. Ha inundações e muito gado afogado. — *Belgica* — Dá-se em Bruxellas um desastre de caminho de ferro na estação de Schaerbeck, tendo ficado mortas 40 pessoas e feridas muitas outras.

Julho. — **1** *Inglaterra*—Dá-se em Wyoming uma terrivel explosão nas minas de carvão da «Union Pacific» encontrando-se 175 mortos na maioria carbonisados.

6 *Estados Unidos* — Em consequencia da tromba que se descarrega em Oakford Park perto de Pittsburg, o lago sahe fóra do seu leito afogando umas 100 pessoas.

NECROLOGIA

Março — **21** — Sybil Sanderson em Paris, 39 annos; cantora da «Opera», tendo creado o papel do Thais.

24 — Conde de Anadia, em Lisboa, official mór da casa real e muito estimado pelos seus dotes de espirito e qualidades pessoaes.

— João Maria de Abreu Motta, em Lisboa, 75 annos, general de divisão reformado. Foi um militar brioso, intelligente e de grande reputação, valendo-lhe sempre ser escolhido para serviços de importancia, e devendo-lhe o monumento da Batalha importantissimos

melhoramentos, sendo por elle dirigidos a restauração e construcção dos tumulos n'aquelle grandioso monumento.

26 — Mesquita Guimarães, capitão de fragata, 55 annos, tendo desempenhado além de outros cargos o de governador de Cabo Delgado de S. Thomé e o de administrador da Companhia do Nyassa.

— Vice almirante Augusto Carlos da Silva em Lisboa, 59 annos, tendo sido observador e chefe de serviço do Observatorio do Infante D. Luis.

— General Manuel de Azevedo Coutinho, em Lisboa, 65 annos, com longa folha de serviços no ultramar e tendo exercido interinamente as funcções de governador na Beira (Africa).

27 — Paul Blouet (Max O'Rell), na Gran-Bretanha escriptor distincto e humoristico, tendo publicado tres livros que foram traduzidos em quasi todas as linguas, e que o mundo culto apreciou, obtendo assim um exito extraordinario.

Junho — **5** — Vice-almirante Courthille, commandante das forças navaes do Atlantico.

9 — D. Gaspar Nuñes Arce, 69 annos, em Madrid, presidente da Associação dos Escriptores e Artistas de Madrid e celebre poeta hespanhol.

12 — Dr. Tavares de Medeiros, em Lisboa, tendo publicado muitas obras de reconhecido merecimento.

16 — Duqueza de Medina Sidonia, antiga dama das rainhas D. Isabel, D. Mercêdes e D. Christina de Hespanha.

18 — Conselheiro Xavier de Menezes, em Beja, antigo governador d'aquelle districto, professor e medico do seminario episcopal d'aquella cidade.

23 — Duqueza de Abrantes em Madrid, dama das mais illustres da aristocracia hespanhola.

27 — Cardeal Vaughan, em Londres, arcebispo de Westminster e primaz catholico de Inglaterra.

30 — Conde de Lavradio, em Lisboa titular de antiga nobreza, muito estimado pelas suas excellentes qualidades de caracter.

Julho — **1** — Manuel Nobre, em Lisboa, actor do theatro D. Maria II.

2 — Conde de Alpendurada, em Lamego, rico proprietario e agricultor.

3 — General João Eduardo de Brito, 64 annos, em Lisboa, um dos generaes de maior prestigio e consideração do nosso exercito e sobretudo da sua arma, artilharia, onde desempenhou com sciencia, rectidão e grande inteireza de caracter as commissões mais importantes.

6 — Dr. Oliveira Monteiro, no Estoril. Natural do Porto, foi um parlamentar distincto, lente da Escola Medica do Porto, deputado e par do reino, presidente da camara municipal d'aquella cidade e governador civil da mesma capital do norte, deixando affirmadas brilhantes qualidades.

— Visconde de Arneiro, na Italia, pianista de grande merecimento, musico e compositor portuguez dos mais notaveis.

THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante os mezes de junho e julho

Junho — **18** — O Monoculo de Averno, magica em 3 actos e 16 quadros, original do sr. Miranda (Theatro Avenida).

Julho — **5** — O dinheiro do diabo, traducção de uma peça allemã (Theatro do Rato).

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarização sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradavel entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilizaveis.

Como se deve revelar?

Se fizermos esta pergunta a 50 % dos amadores, elles nos responderão:

«Deita-se, na camara escura, o revelador sobre a chapa, examina-se por transparencia o seguimento da operação e quando os negros estiverem sufficientemente opacos, suspende-se a revelação e obtem-se. . » E portanto não deve ser este o systema a seguir, pois que com elle só se obterão ceus brancos, sombras escuras, clichés duros e mais nada. Ainda com alguma boa vontade e amor proprio póde chegar-se a obter um resultado satisfatorio, mas não é isto sufficiente nem seguro.

Póde-se revelar com todo e qualquer banho comtanto que se obtenha 1.º detalhes, 2.º que o cliché dê o que se deseja obter.

Regra geral: A menos que se faça photographia documental ou instantanea, o papel devè reproduzir a idéa que se formou ao photographar um assumpto e isto em primeiro lugar.

Supponhamos que se faz uma paisagem só para um determinado effeito, isto é, o pôr

do sol, uma tempestade etc., n'este caso a maneira de revelar seguindo o systema de exame por transparencia tem a sua razão de ser mas ella deve ser acompanhada pela attenção que se deve prestar aos detalhes pois que o primeiro empastará as nuvens, a relva etc. Havendo algumas nuvens corre-se o risco de nem d'ellas ficar vestigios.

Por outro lado, se revelar exclusivamente pelos detalhes, cahe-se no abuso contrario que será tão desagradavel como o primeiro.

Não é necessario que se possam contar as folhas das arvores e separar nitidamente os mais pequeninos objectos sobretudo se o que se deseja é o effeito no conjuncto.

O revelador que habitualmente emprego e que me dá tudo o que d'elle desejo é o seguinte:

N.º 1 — Deitar n'um frasco de litro:

Acido salicilico.........	1,5 gr.
Agua fervida...........	1000 c. c.
Pyrogallol..............	20 gr,

N.º 2 — Deitar n'um segundo frasco:

Sulfito de soda ordinario.	100 gr.
ou sulfito anhydro.......	50 gr.
Agua.................	1000 c. c.
Brometo de potassa......	2 gr.
Carbonato de soda.......	50 gr.
Carbonato de potassa....	50 gr.

Emprega-se como segue. Se o cliché tem uma exposição rigorosamente exacta, misturam-se as duas soluções em partes eguaes, mas como ha todo o interesse em não se obter em todo elle os mesmos effeitos, dever-se-ha proceder da seguinte forma:

Para os clichés typos. — paisagens ás quaes devemos imprimir todos os detalhes, suppondo uma chapa 13×18, pose incerta. Deitar na cuvette; 80 c. c. do n.º 1 e 5 c. c. do n.º 2 e agitar; se ao fim de 1 minuto de immersão não apparece a imagem, juntar-lhe 5 c. c. do n.º 2 e continuar estas de meio em meio minuto até á apparição da imagem. Logo que ella appareça, continuar a revelar durante alguns minutos e em seguida examinar o cliché.

Se houver demora nos detalhes juntar alguns c. c. do n.º 2 e só retirar o cliché da cuvette quando elles estejam nitidamente accentuados. Obtem-se por este mesmo systema no mesmo tempo clichés magnificos, dando infallivelmente provas d'uma nitidez extraordinaria e de um relevo notavel.

Paysagens com fundos flous. — Proceder da mesma maneira precipitando um pouco os addicionamentos do n.º 2, afim de que os detalhes se mostrem antes que a opacidade appareça e empaste os longes.

Nevoeiros. — Forçar a dose do n.º 2, o que dará um veu muito ligeiro accentuando o effeito que se deseja. Não demorar muito a revelação.

Nuvens e ceus. — Cingir-se a uma ligeira juncção do n.º 2 de forma que só se revele o ceu; em seguida e logo que tenha apparecido sufficientemente, deitar na cuvette uma quantidade do n.º 2 egual á do n.º 1 empregado, continuar á revelação examinando sempre com cuidado o ceu. Logo que se manifeste o empaste, fixar o cliché.

Retratos. — Logo que appareça a cabeça, examinar se as sombras estão normaes, caso estejam muito fortes passar sobre essa parte do cliché os dedos previamente molhados no n.º 2, até se obter uma opacidade maior nas sombras, revelar forçando as juncções do n.º 2, afim de evitar a dureza.

Instantaneos. — Empregar quantidades eguaes de cada numero, o n.º 1 diluido em egual volume de agua, ficando portanto a sua força em metade, junta-se, havendo necessidade, o n.º 2; se os detalhes não apparecem, examinar ao mesmo tempo os detalhes e a opacidade antes de retirar o cliché.

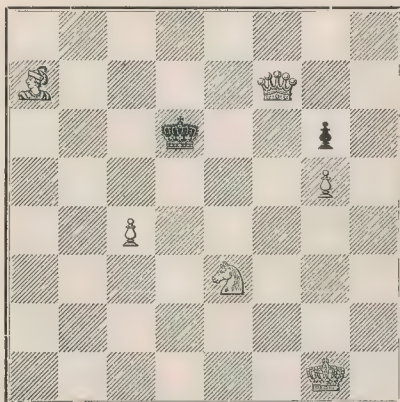
E' este a meu vêr um systema completo de revelação. Recommendo-o aos meus leitores, certo de que obterão com elle effeitos surprehendentes.

(Art et Photographie)

A. Seronille.

PROBLEMAS

XADREZ

Pretos (2 peças)

Brancos (6 peças)

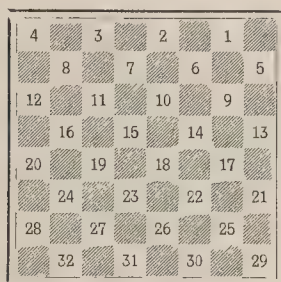
Os brancos jogam e dão mate em tres lanços

DAMAS

Os Serões, que desde sua fundação teem procurado sempre, em successivos melhoramentos, corresponder ao acolhimento benevolo que o publico lhe dispensa, abrem hoje mais esta nova secção que, mercê d'um distincto collaborador, tratará d'este jogo, e publicarão em cada numero um ou dois problemas que muito devem interessar os amadores.

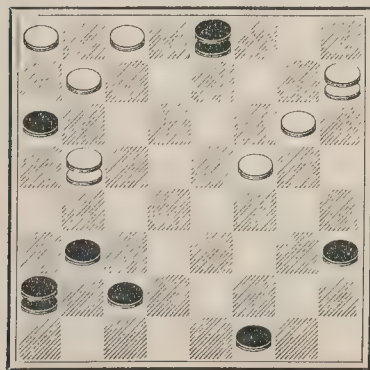
A seguir damos algumas explicações que julgamos necessarias para melhor ser entendidos. Constituem por assim dizer o regulamento do jogo. O taboleiro deve ser numerado conforme o modelo que segue e collocado como o diagramma indica.

Brancas

4		3		2		1	
	8		7		6		5
12		11		10		9	
	16		15		14		13
20		19		18		17	
	24		23		22		21
28		27		26		25	
	32		31		30		29

Pretas

devendo ficar os numeros 1 e 5 e 28 e 32 á mão esquerda de cada jogador. As *Damas* só avançam ou retrocedem em diagonal um quadrado, e só podem tomar as peças quando estas estejam no quadrado immediato. E' facultativo comer o maior ou menor numero de peças, isto é, tendo por um lado duas ou mais peças e por outro uma, opta-se pelo que mais convenha. Para melhor se comprehender o mechanismo e a notação dos problemas, apresentamos o seguinte exemplo.

PROBLEMA I

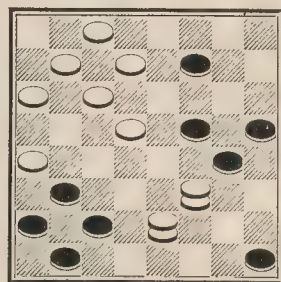
Branca em 3, 4, 8, 9, 14, *Damas* em 5 e 16.

Pretas em 12, 21, 24, 27 e 30, *Damas* em 2 e 28.

Jogam as *pretas* e ganham.

RESOLUÇÃO

2– 6	9–14	21- 17	24–20	28–26
9-13	18–22	13–22	31–24	e ganham
6– 9	30–26	14– 9	20–11	as *pretas*
14–18	22–31	5–14	8–15	

PROBLEMA II

Brancas em 3, 7, 8, 11, 12, 15, 20, *Damas* em 22 e 26.

Pretos em 6, 13, 14, 17, 24, 27, 28, 29, 32.

Jogam as *pretas* e ganham.

No nosso proximo numero será dada a solução bem como o nome dos decifradores. Toda a correspondencia deve ser dirigida á nossa redacção a J. S., editor especial d'esta secção.

Resoluções do numero anterior

N.º 51 — 1786 — 22 annos.

N.º 52 — 14 h; 17 1/2

N.º 53 — *Xadrez:*

BRANCOS	PRETOS
1. Ra 2 T Ra	1. R 4 R (var.)
2. Ra 4 B Ra	2. R 3 Ra ou R 4 B R
3. Ra 4 Ra ou Ra 4 B R xeque e mate	
	1. R 2 Ra
2. Ra 4 T Ra	2. R 3 Ra ou R 1 B Ra
3. Ra 4 Ra ou Ra 8 R xeque e mate	
	1. P 4 R
2. Ra 7 B R	2. P 5 R
3. B 4 B R xeque e mate	

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SUMMARIO

VOL. IV **SETEMBRO — 1903** **NUM. 21**

ministração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa **Preço 200 réis**

SUMMARIO

40 GRAVURAS

AVISO. — N'esta administração vendem-se pelo preço de 400 réis, cada uma, capas em percalina, propriedade dos SERÕES, segundo a lei, destinadas ao I, ao II e ao III volumes da Revista. Por cada encadernação, de que tambem se encarrega, acresce mais 100 réis, e nas remessas de volumes pelo correio acresce ainda 100 réis de porte.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar adiantadamente **uma serie de 12 numeros**, tendo n'este caso a reducção do preço a **2$200 réis,** o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra **terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas** poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por:

Series de	**3 numeros**	**600**
	6 numeros	**1$200**
	12 numeros	**2$200**

Para os paizes da **União Postal,** por **serie de 12 numeros** (pagamento adiantado), **3$000 réis,** moeda portugueza. Para o **Brazil** (moeda brazileira), **18$000 réis** por serie de 12 numeros, pagamento adiantado. —Numero avulso *1$500* réis (moeda brazileira).

Assigna-se em todas as livrarias do paiz, e em todas as estações postaes; vende-se avulso em todos os lugares do costume e na

Administração dos SERÕES, em Lisbôa, Calçada do Cabra, 7

Typ e impressão dos *Serões*, C. do Cabra, 7 — Editor. Thomaz Rodrigues Mathias

Cantora do Ghetto — Quadro de Nathaniel Sichel

A importancia estratégica da Ilha do Fayal

A magnifica posição geographica do archipelago dos Açores, em pleno Atlantico, quasi a meio caminho entre a Europa e a America, e ponto obrigado da passagem dos navios que poem em communicação o Velho e o Novo Mundo, tem chamado a attenção dos que, quer no estrangeiro, quer dentro da nossa casa, estudam as questões militares, a politica internacional ou de allianças de Portugal, e o futuro d'este paiz. As grandes manobras navaes que a Inglaterra acaba de realizar n'aquellas aguas dão um cunho de actualidade e de interesse ao artigo que segue.

Até D. Sebastião passou desapercebida a valia militar dos Açores.

A actividade nacional e official exercia-se em outra direcção e ainda não eram inimigos, para temer, os inglezes e hollandezes, com os quaes, mais tarde, estariamos em guerra.

D. Antonio, Grão-Prior do Crato, pretendente á Corôa de Portugal, vencido no continente pelas forças de Filippe 2.º, abandonado pela nobreza vendida a Castella, foi continuar a lucta nos Açores, auxiliando-o muito a França e a Inglaterra.

E, de facto, ali foi Rei, acclamado e bem amado d'aquelle povo, a quem o isolamento de metropole, tornava immune da corrupção com que o continente apodrecia, d'aquelle povo que tinha, graças ás circumstancias mesologicas, outra e melhor concepção da liberdade que não possuia o do reino.

E não obstante ser quasi absoluto o poder nas mãos dos donatarios e capitães-móres, comquanto as camaras e corregedores limitassem, cada vez mais, as attribuições d'aquelles, esse poder não se sentia, por abusos e despotismos.

O donatario governava patriarchalmente e era como que o pae dos administrados e por elles querido e desejado.

Assim vemos a Camara das Lages do Pico pedir ao rei que o donatario, Jeronymo de Utra Corte Real, fosse para a capitania exercer o seu lugar.

No azul profundo do céo que coroa os alcantis açoreanos e na vastidão do Oceano que os cérca, tinham os novos correligionarios do Grão-Prior a concepção ou a imagem da liberdade, por que iam derramar o seu sangue e curtir as maximas amarguras.

N'isso foram intransigentes e fanaticos, porque outras intransigencias e fanatismos não tiveram nunca: nem conheceram as fogueiras inquisitoriaes, nem abominavam o judeu e o estrangeiro, que ambos auxiliáram a colonização d'essas ilhas e constituiram o fundo ethnico de que procede o açoreano, accentuada e principalmente no grupo central, constituido pela Terceira, S. Jorge, Pico e Fayal.

❁ ❁ ❁

Filippe 2.º conseguiu alfim conquistar os Açores, conquista que não lhe foi fácil, que não lhe ficou barata e que foi cruenta.

Em guerra com a Gran-Bretanha o Demonio do Meio-Dia, dentro de pouco tempo os mares das Ilhas foram, a miudo, visitados por piratas inglezes, que ali iam esperar os galeões hespanhoes e portuguezes, para apresal-os.

Não era vergonhoso o mister de piratas. Nobres lords e condes, subditos de Sua Graciosa Majestade, a rainha Isabel, a filha do célebre Henrique 8.º e não menos célebre que seu augusto e polygamo pae, tomaram o commando de navios destinados a roubar!

Linschoten, que nesse tempo estava em Angra, escreve:

«A sete leguas da Ilha de S. Jorge, a oeste-sud-oeste, está a Ilha chamada *Fayal*, contendo 17 ou 18 leguas de circuito, a maior d'estas Ilhas depois da Terceira e S. Miguel, a qual abunda em todas as cousas necessarias á vida; porque ella mesmo fornece a Ilha Terceira de gado e de peixe e é celebrada pelos inglezes devido ao pastel que ali se cultiva. A sua principal povoação é *Villa Dorta* onde egualmente *(sic)* por falta de porto de abrigo os navios ficam expostos ao mar. O castello que ali existe não é inexpugnavel. Ora, a pedido dos habitantes, queixando-se das despesas que faziam para manter a guarnição e o incommodo que d'isto teem, offerecendo-se elles mesmos para defender a Ilha, o Rei fez d'ali retirar os soldados. Mas como Mylord Cõmerlãd (Cumberland) invadisse a Ilha, arrasasse o castello, lançasse as peças d'artilharia ao mar e tomasse algumas caravellas, o Rei irritado contra os habitantes, castigou alguns, e fez enviar nova guarnição da Terceira.

Alguns habitantes de raça flamenga ali habitam os quaes, com o tempo, se acostumáram á lingua portugueza, não existindo mais naturaes de Flandres. Estimam muito os da Nação Flamenga que veem com prazer...»

«Em 27 de outubro de 1589 Mylord Commerland (Cumberland) pairava por estas Ilhas e aproximava-se da Cidade d'Angra.

Desembarcou na Ilha do Fayal e na Graciosa, onde tomou diversas caravellas com grande espanto de todos os insulares. Tres ou quatro dias depois chegáram á Ilha do Fayal seis navios da India, sob o commando de Jan Doryves *(sic)* transportando 14 milhões de ouro e prata.

Em agosto de 1589 um parlamentario inglez, enviado para pedir viveres na Ilha de Fayal, foi morto por um tiro de artilharia, o que levou os inglezes a vingar-se, de sorte que o capitão da Terceira foi constrangido a enviar-lhes algumas caravellas com polvora e biscoitos com o fim de acalmal-os.»

Erão então 20 os navios inglezes, commandados por Martin Forbischer.

❁ ❁ ❁

Evidenciada assim a importancia dos Açores, por ali se reunirem os navios que regressavam da India e que, formando *comboio*, seguiam para o Reino, e accrescida essa importancia pela permanencia n'aquelles mares de numerosas embarcações inimigas, voltou-se fatalmente a attenção dos governantes para o problema que tinham deante de si, a resolver sem delongas.

Não se fizeram esperar as providencias da metropole.

Tres annos depois da incursão de Cumberland, em 1592 (alvará de 11 de abril), o rei provia á fortificação da Ilha do Fayal, n'estes termos:

«Eu elRei faço saber aos que este alvará virem que vistas as cousas que os officiaes da Camara da Villa d'Orta da Ilha do Fayal allegam na carta que me escreveram, escripta na outra meia folha desta folha com a informação que ácerca do conteúdo na dita carta me enviou o Corregedor das Ilhas dos Açores: hei por bem de conceder aos officiaes da Camara da dita Villa e Ilha que ora são e ao diante forem, por espaço de bj (6) annos mais, alem do tempo que lhes já para isso foi dado, a imposição nos vinhos carnes e azeites da dita Villa e Ilha do Fayal para os gastos e despesas do Concelho d'ella que são: creação de engeitados, lenha e azeites dos corpos da guarda e outros, visto como pela muita informação constou a dita Camara e Concelho não terem renda de que as ditas despesas se possam fazer,

A Bahia da Horta

o que tudo assim me praz com declaração que a metade do rendimento da dita imposição de cada um dos ditos bj (6) annos se gaste nas ditas cousas por autoridade dos ditos officiaes da Camara; da outra metade se dispenda por ordem de Jeronymo d'Utra Corte Real

Fidalgo de Minha Casa, Capitão e Governador das Ilhas do Fayal e Pico, nas fortificações da terra, polvora e outras munições e não se poderá dispender o dito rendimento da imposição em outra alguma cousa senão nas sobreditas, a qual imposição assim concedo pela maneira n'este Alvará declarada e com todas as mais clausulas e declarações que se contem na provisão por que já se lhes concedeo e o escrivão da Camara da dita Villa e Ilha do Fayal será escrivão da dita imposição e terá um livro numerado e assignado pelo Juiz Ordinario e mais velho d'ella com seu encerramento, conforme a ordenação, no qual escreverá em titulo por si a receita do dinheiro da dita imposição e, em outro titulo apartado, a despesa que d'elle se fizér pelo modo e nas cousas sobreditas e no principio do dito livro se trasladará este Alvará para se saber como assim o houve por bem e este Alvará se cumprirá e guardará inteiramente sem lhe a isso ser posta duvida nem contradicção alguma e quero que valha etc. na forma.—Pero de Seixas o fez em Lisboa a xj (11) de abril de j bc l r ij (1592).

Chancellaria de D. Filippe I. — Doações, Liv. 28, fl. 19 v.»

Parece que a fortificação do Fayal não poude levar-se a effeito com rapidez ou se tal succedeu foi inefficaz, porque em 1597 ou 1599 os corsarios inglezes commandados pelo conde de Essex invadiram a ilha, onde queimáram todas as igrejas e os cartorios dos tabelliães, saqueáram as casas, levando para bordo até os mais insignificantes moveis, profanáram as sepulturas e desenterrando os cadaveres espalháram-lhes os ossos, n'uma furia singular.

Depois d'esta época, os hespanhoes apressáram-se a construir fortalezas em todos os *portos e areaes de bom surgidouro*, como diz Frei Diogo das Chagas, no manuscripto «Espelho Christallino em jardim de varias flores», composto de 1640 a 1643, e accrescenta: «poucos (homens) se haviam de achar n'ellas para lhes impedir (aos inimigos) o passo, e digo isto porque me achei n'ella (Ilha do Fayal) o tempo que elles bateram na Graciosa, pelo que vi e ouvi: hoje já está gente mais pratica e ella mais fortificada . . .»

Tambem Frei Diogo refere-se incidentemente ao forte, guarnecido de boas peças de artilharia, pegado á Ermida de Nossa Senhora da Boa-Viagem, no centro da então Villa da Horta, sobre o areal.

Depois do Conde de Essex, nenhuma outra invasão soffreu esta ilha, devido a ter sido posta em estado de defesa, com se mostra das providencias tomadas.

Por provisão do capitão general, Antonio de Saldanha de 30 de abril de 1642 foi autorizado o lançamento do imposto de 2 % sobre todos os generos que se exportassem para o seu producto ser applicado ás fortificações da Ilha e suas munições, sem que se podesse distrair para outra alguma cousa, por *mais precisa que fosse*, o que foi plenamente confirmado por alvará regio de 12 ou 19 de agosto de 1643.

O alvará regio de 17 de outubro de 1650 mandou «proceder a novas fortificações, (talvez reconstruir algumas que o tempo arruinára) *com toda a brevidade*, empregando-se o producto do sequestro das fazendas dos inglezes e tirando-se o resto do que pertencer á Fazenda Real em qualquer das Ilhas dos Açores e de prover de 4 peças de artilharia de ferro de todo o calibre e 2 de bronze, de alguns artilheiros, da quantidade de munições precisa e de 100 infantes de presidio, recommendando a fortificação do Fayal, *pelo perigo em que estava e em que punha as outras Ilhas, se fosse tomado pelo inimigo*».

Esta companhia paga de infantaria durou até 1831.

Em 16 de junho de 1670 a camara e a nobreza da Ilha do Fayal representáram ao Rei pedindo que a Villa de Horta fosse elevada á categoria de cidade, «visto concorrerem n'ella todas as circumstancias para isso, como ter 3 conventos de religiosos (S. Francisco, Collegio e Carmo), 2 conventos de religiosas (S. João e Gloria) a Egreja Matriz do Salvador com 8 beneficiados, vigario, 2 curas e thesoureiro, tambem sacerdote; as parochias da Conceição tambem com vigario e cura, e das Angustias com vigario; *1 companhia, paga, de guarnição, com capitão, alferes, sargento e 100 soldados*, **20 companhias** *(milicias) em toda a Ilha*, com muita gente da nobreza d'ella e frequencia de navios que aqui vem commerciar».

Esta representação não foi attendida.

As fortalezas de Bom Jesus, Alagoa e Rocha tinham por capitão, João Pereira Cardoso, que era natural da Ilha do Pico, e que exerceu aquelle posto desde 9 de março de 1687 até 7 de fevereiro de 1707, e parece que estavam bem artilhados.

Em 10 de julho de 1762 subiu ao Rei nova representação pedindo «a creação de *mais uma companhia de artilheiros* para defesa da Ilha e para serem pagos pelos rendimentos da Alfandega, que os ha; visto que uma *companhia de 100 infantes*, levantados pelo alvará de 17 de outubro de 1650 e *8 artilheiros com seu capitão e condestavel*, por alvará de 15 de março de 1707 não pódem, em occasião de ataque de inimigos, fazer serviço em **21 fortalezas que ha, com sua artilharia,** e por isso no reinado do senhor D. João 4.º

se havia concedido **200 homens para guarnição d'esta Ilha,** o que não foi levado a effeito».

Tambem esta representação não teve seguimento, e o governo de Lisboa perdeu por completo a antiga orientação de considerar os Açores, especialmente a Ilha do Fayal, sob o ponto de vista militar ou estrategico, chegando-se á miseria do armamento não servir, devido á sua antiguidade, achar-se estragado e de todo inutil, não deixando de ser comico o caso succedido com o capitão-mór Jeronymo Sebastião Brum da Silveira Frias Taveira e Neiva.

Fôra este fidalgo nomeado para aquelle posto por carta patente de 20 de janeiro de 1792, e no dia da posse, para maior solemnidade, mandou convocar as companhias de milicias de toda a Ilha para lhes passar revista e fazel-as evolucionar.

Depois, ordena uma descarga, mas, por mais esforços que os milicianos empregassem, não houve meio de disparar um tiro!

Isto passou-se ha 111 annos e desde então o Fayal não tem melhorado militarmente: parece ainda estar como no tempo do Capitão-Mór Jeronymo Sebastião.

Na *Memoria historica, geographica, estatistica e politica,* sobre as ilhas do Fayal e Pico, offerecida, na sessão de 2 de novembro de 1821 ao *Augusto e Soberano Congresso das Cortes Geraes, Extraordinarias e Constituintes da Nação Portugueza,* pelo deputado das referidas Ilhas, o doutor desembargador Manuel José de Arriaga Brum da Silveira, vê-se o estado desgraçado das cousas militares no Fayal, ao acabar o velho regime. Ali se affirma que são insufficientes as forças existentes para a defesa nos pontos mais expostos e que é necessaria uma promoção nos postos de capitão e alferes, dada a incapacidade dos que então existiam (1821)

«Havia um regimento de milicias (em 1670, como se vio, existiam 20 companhias de milicianos!), disciplinado e exercitado na táctica moderna, e que ha muitos annos, e não sem grave estôrvo da agricultura, tem coadjuvado a Companhia paga, nos serviços das guardas que diariamente se detalham e montam para o quartel do Governador, Alfandega e Fortalezas. A este corpo faltava o armamento que o tornaria util na occorrencia de alguma urgente colisão.

«Ouvi — escreve o deputado Arriaga Brum da Silveira — muitas vezes dizer ao seu coronel que só teria 50 armas capazes de fazer fogo, sem risco de rebentar e era notorio que tendo sido remettido, para Angra, por ordem do Governo Geral, algum armamento e correame para ser ali reparado, tornára em peor estado.»

«Era miseravel o estado em que se encontrava a fortificação por toda a ilha, a cuja situação accrescia não só a falta referida de armamento para a tropa, mas tambem a de todas as munições de guerra, sobre o que a Junta do Governo Provisorio fizera já uma representação ao Soberano Congresso, pedindo providencias.

São ainda do desembargador e deputado Arriaga estas palavras, na citada *Memoria:*

«Nossos maiores, zelósos do bem publico, recorreram á creação e concessão dos impostos que então julgáram sufficientes para prover tanto á fortificação da Ilha, como ás obras e necessidades publicas internas da dependencia da Camara.

«Pelos alvarás..... datados em 27 de setembro de 1612, e 30 de abril de 1613, foi-lhe concedida, por mais 9 annos, a continuacão da imposição sobre vinhos, carnes e azeites, que existia desde 1604 (aliás 1592), dividindo o seu rendimento em duas partes, das quaes uma applicada para a fortificação encarregada á inspecção do Capitão-Mór, e a outra confiada á administração dos officiaes da Camara, para as despezas das cousas do Concelho; e..... foi mais concedido á Camara em 19 (12?) de agosto de 1643 o imposto de 2 % sobre os generos que saissem da Ilha para auxilio da fortificação, reconhecendo-se já, a esse tempo, que esta Ilha por ser muito aberta e pela bondade de seus portos, *carecia mais d'esta providencia do que qualquer outra dos Açores;* e foi confiada esta administração aos officiaes da Camara, com expressa prohibição de divertir o seu rendimento para outra alguma diversa applicação, por mais urgente que fosse.

«Por meio d'estes subsidios edificáram-se as casas da Camara e Alfandega, construiram-se pontes, muitas calçadas, tanto na Villa como nos pontos das estradas do interior que mais as precisavam. Abriram-se poços para o serviço publico interno, um dos quaes, no pateo da Alfandega, fornece muito commoda e promptamente a aguada de que precisam os navios, que por ali passam, com a vantagem de ser agua salutifera e de difficil corrupção. Edificou-se uma fonte de agua nativa na Freguezia dos Flamengos; construiram-se Fórtes em todos os portos da costa, os mais expostos, e formou-se a longa cortina de muralha que, em toda a extensão da bahia principal protege a Villa, tanto na defesa contra alguma ligeira tentativa de inimigos, como contra o impeto das vagas encapelladas do Oceano, no rigor do inverno, e em fim, proveram-se as fortalezas de artilha-

ria e mais munições de guerra, de que julgáram carecer para se ter em guarda contra os mouros, que então unicamente se temiam.

«Todos estes estabelecimentos, porém, se tem deteriorado depois que em 1766 se creáram as autoridades de Governador e Capitão General dos Açores e a da Junta de Fazenda em Angra, sob pretexto de pertencer exclusivamente á estas novas estações a administração dos impostos applicados para as obras das fortificações. Arrogou-se arbitrariamente a dita Junta de Fazenda a cobrança dos referidos impostos, ficando só a Camara com a metade da mencionada primeira imposição para as suas despesas e querendo fazer-se entender que sómente esta lhe ficava pertencendo pela natureza da applicação.

«Debalde se tem feito repetidas representações reclamando que estas administrações fossem restituidas ao seu primitivo estado.

«Julgáram estas novas autoridades dever confundir nos cofres da sua immediata repartição as rendas, por sua origem municipaes, com as que eram da Fazenda Real, hoje Nacional, e, inexoraveis n'este systema, excluiram absolutamente a Camara da administração.

«Em consequencia, dependendo-se de Angra para se obter quaesquer concertos e reparos, de que, em qualquer dos referidos artigos se precisasse, e não se podendo alcançar providencia alguma, sem a precedencia de informes, diligencias e resoluções d'aquelles expedientes, que, além de custarem dinheiro, consumiam longo tempo, o resultado foi que temendo-se a empreza de taes recursos, pelas difficuldades que se offereciam, tudo se foi deteriorando, e algum concerto a que, por urgentissimo se proveja, tem custado cem vezes mais do que importaria, se se acudisse á ruina logo no seu principio.

«Tem-se por muitas vezes dispendido mais de *um conto de réis* em reparos de lanços de muralhas e de quarteis, cujas ruinas, atalhadas logo na sua origem, não custariam mais de *dez mil réis*, mas a economia e reforma porque clamam taes abusos, jámais serão compativeis com a continuação da grande distancia, em que males de tal natureza se acham do remedio e d'aquelles a quem incumbe dal-o; e instam portanto a causa publica e a justiça que aquellas administrações tornem a ser plenamente restituidas á confiança d'aquelles a quem legitimamente pertencem pela origem de sua instituição e de que só foram privados pela força e arbitrariedade.»

Volvidos tantos annos, as demoras e tramites burocraticos continuam a pesar sobre a administração do paiz, arrastando-se preguiçosa e imbecilmente, tornando improficua qualquer tentativa e estragando os melhores intuitos. E por isso não se sáe da rotina, e o *não te rales* continua a ser a divisa e o modo de ser das secretarias do estado.

Um ou outro lá reage contra a somnolemcia dos bonzos da governança, ou por um sentimento de indignação e protesto contra a mandria e o formalismo official, ou por ter estudado e visto, fóra do Terreiro do Paço, alguma coisa mais que papel coberto de lettra manuscripta, em que o *Deus Guarde*, apenas, não soffre erros ortographicos.

N'esta ultima categoria encontrava-se em 1870 um joven official de artilharia, então em serviço nos Açores, o hoje coronel, sr. João Carlos Rodrigues da Costa, que, em artigos publicados na *Revista Militar* d'aquelle anno, precedeu, na maneira de ver de agora, os technicos inglezes e norte-americanos, a respeito do alto valor da posição estrategica dos Açores, valor que augmenta desmedidamente com os cabos telegraphicos que ligam o Archipélago á Europa e á América, amarrando no Fayal.

Publiquei em fevereiro do anno corrente um opusculo intitulado «*A Ilha do Fayal, porto-franco e porto-militar*, onde procurei, com abundancia de argumentos e de factos, demonstrar a suprema importancia d'ella, como elemento essencial na estrategia dos oceanos e na determinação da lei dos fretes para o movimento commercial do nosso hemispherio, e onde escrevi:

«E' a Ilha do Fayal a 5.ª do archipelago açoreano em grandeza, a 2.ª em importancia commercial quanto á navegação, a 4.ª em importancia agricola e exportação, e a 1.ª como estação central dos differentes cabos submarinos, que a põem em communicação immediata com o velho e o novo mundo e como a que possue o melhor, o mais amplo e o mais seguro porto dos Açores.

«Os cuidados do Governo têem de manifestar-se já, decretando-se para ali o porto franco, aonde sejam permittidas liberrimamente todas as manipulações ou transformações dos productos entrados, a titulo de experiencia, para convencer os incredulos ou os mais timoratos, e tambem construir um **porto militar**, que a isso presta-se excellentemente esta Ilha do Fayal.

«E' ampla a sua bahia, a maior e mais segura dos Açores, abrigada pelos montes da Guia, (148 metros), Monte Queimado (81 metros), Monte das Moças (65 metros), Monte da Artilharia (85 metros), Monte Carneiro (270 metros), Monte da Espalamaca [1] (128 metros), e

[1] Corrupção da palavra flamenga «Speldemaker,» que significa — ponta delgada ou ponta d'agulha ou d'alfinete.

Horta — Cáes da doca — Embarcações da carreira entre Fayal e Pico — Ilha do Pico

em frente pelo alteroso Pico, — enorme guarda-vento — da Ilha do mesmo nome.

«Em pleno Atlantico, Portugal teria uma Gibraltar inexpugnavel, — esculca atalaiando os mares — estação naval de inestimavel valía.

«Quasi a meio caminho entre a Europa e

América, ao ser aberto o canal interoceanico, esse porto militar seria uma ameaça ao commercio e á navegação de inimigos que procurassem a travessia do Atlantico que poderiamos interceptar.

«Para Portugal, para os seus alliados, uma tal base de operações assegurava o dominio d'essa grande via maritima e tinhamos na mão um grande elemento de poderio e influencia.

«*Si vis pacem para bellum.*

«Assim recobrariamos muita força perdida e seriamos ainda um factor de ponderação na balança da politica geral.

«A presença de grandes forças militares n'essa Ilha e o porto franco, tambem, seriam de vantagem para as demais Ilhas açoreanas, que assim achariam perto, muito perto, n'esse esplendido bazar, colocado no centro do Atlantico, mercado para os seus productos, por isso que o Fayal, não produziria o bastante, como já não produz, para sustentar população muito mais densa que a que tem actualmente, por consentir-se o estabelecimento livre de fabricas, e, como consequencia, a mais ampla transformação das materias primas, para o que serião precisos muitos braços.

«Diz-se tambem que os norte-americanos aspiram a ter uma estação naval proxima da Europa e que lançam olhos cubiçosos sobre a Ilha do Fayal. Pois perderiam essas esperanças logo que se decretasse o porto franco e o porto militar.

Este meu modo de apreciar a alliança ingleza e o que para essa alliança e para nós vale o Fayal, está justificado plenamente, com a autoridade de um especialista, o sr. general José Estevam de Moraes Sarmento, antigo ministro da guerra e par do reino, nas largas considerações apresentadas no seu livro *A defesa das costas de Portugal e a Alliança luso-ingleza,* publicado em abril ultimo.

Eis alguns excerptos d'esse livro, que tantos louvores mereceu da imprensa portugueza:

«Para a solução dos grandes problemas de politica internacional, que se debatem ou venham a debater nas grandes chancellarias europeias, e a que estejam ligados interesses especiaes dos dois paizes situados na peninsula iberica, será da maior vantagem para a Inglaterra o poder contar, em Portugal, com uma solida base de operações para qualquer eventualidade subsequente. E, nas lutas que aquelle paiz venha a travar, de futuro, com outras nações maritimas, egualmente lhe serão de decidida importancia, para abrigo e abastecimento das suas esquadras, determinados portos de escala dos nossos dominios, entre os quaes tomam preferente lugar Lisboa — Horta — S. Vicente, como vertices do notavel triangulo estrategico-naval do Atlantico. Estas sim que são as verdadeiras vantagens que valorizam a alliança luso-ingleza sob o exclusivo ponto de vista dos interesses britannicos.

«Pelas excepcionaes condições que offerece o porto de Lisboa em qualquer conflagração maritima, a sua occupação torna se absolutamente indispensavel para a Inglaterra, sendo já esse o fim visivel da sua intervenção em todos os acontecimentos militares occorridos na peninsula iberica nos fins do seculo XVIII e começo do seculo XIX.»

... ...

«Os Açôres, e designadamente a bahia da Horta, pela sua situação geographica e pelos melhoramentos hydraulicos n'ella realizados, constituem tambem uma invejavel posição maritima. A approximada equidistancia da Europa, Africa e America, aquella bahia, pelas condições do seu abrigo, offerece á navegação no meio d'aquellas procellosas paragens a maxima vantagem como porto de escala e refugio contra as tempestades. Voltada ao sueste e naturalmente abrigada ao norte pela ponta da Espalamaca (128 metros), a oeste pelo monte Carneiro (270 metros), em cuja vertente a cidade d'aquelle mesmo nome está edificada, e ao sul pela peninsula da montanha da Guia (148 metros) e pelo isthmo do Monte Queimado (81 metros), offerece as melhores condições de segurança contra as tormentas maritimas.

Mas, como se não fossem já bastantes estas vantagens, a situação fronteira das ilhas de S. Jorge e do Pico, ambas montanhosas, mórmente a segunda, cujo ponto culminante se ergue a 2:321 metros de altitude, e que demora apenas a uns 7 kilometros de distancia, completam as condições de abrigo d'aquella excellente bahia, agora mais engrandecidas ainda com a construcção do molhe enraizado e firmado, a oeste da cidade, sobre a serie de restingas submarinas e emergentes em correspondencia com Monte Queimado. Por esta forma, a bahia comprehende uma superficie abrigada de 215.000 metros quadrados, utilizaveis para cerca de 80 navios de todas as tonelagens.» [1]

....

«Para os destinos da nação portugueza o porto de S. Vicente é de inapreciavel valor. Basta ser um ponto forçado da navegação entre Portugal e o Brazil, e entre Lisboa e as colonias de Africa, para dever ser conservado a todo o transe.

«Considerando mais que elle é o principal refugio para a navegação portugueza do Atlantico, e que, assegurando-nos a communicação com as colonias de Africa, fórma com Lisboa e os Açores uma base unica no mundo para a guerra do corso, vê-se que a sua defesa é para Portugal uma necessidade impreterivel. Deixar continuar ao abandono, como até hoje, uma posição d'esta ordem, é desvario sem egual.»

....

«A Inglaterra tem, por tanto, na maior valia alguns dos nossos dominios, e a esse facto devemos essencialmente attribuir a razão de ser

---

[1] A. Luciano de Carvalho. — *Portugal. Contingente da associação dos engenheiros civis portuguezes. Catalogo descriptivo da collecção de albuns, memorias e desenhos expostos. (Exposição de Chicago.)*

da sua alliança. Não é para duvidar que ella folgue de vêr n'elles consolidado o nosso poder militar, não só para que possamos repellir facilmente qualquer aggressão dos nossos adversarios, mas para lhe evitar a ella maior disseminação de forças com a sua defesa. Para isso, porém, é indispensavel que as fortificações a construir o sejam em localidades defensaveis, de verdadeira importancia estrategica, e que o esforço empregado n'essa defeza não seja superior ás nossas proprias forças.»

....

«Para que a alliança com a Inglaterra se mantenha, porém nobre e honrada, e não redonde em protectorado odioso, torna-se indispensavel que procuremos affirmar solidamente a nossa organização defensiva, não sob o ponto de vista do que mais util possa parecer aos interesses da Inglaterra, mas sob a base do que propriamente represente a nossa melhor capacidade de resistencia militar contra qualquer aggressão directa. Frederico II dizia, e dizia bem, que «errava todo o estado que, em vez de confiar nas propias forças, se fiava nas dos seus alliados.»

«Demais, ha sempre perigo em crêr demasiadamente nos tratados descurando a propria preparação militar, porque nem sempre aquelles se conservam vividos em todas as vicissitudes politicas.»

⊛ ⊛ ⊛

A artilharia moderna reduziu, em muito, a importancia militar de Gibraltar e a base de operações deslocou-se para o Atlantico, onde os angulos do tremendo triangulo estrategico já citado, são constituidos por territorios portuguezes.

D'ahi procede o disvélo com que a Gran-Bretanha mantem a alliança comnosco, as suas deferencias de toda a ordem e a famosa declaração ministerial no parlamento de que o seu *unico* e util alliado no continente europeu é Portugal. Importa-lhe pois muitissimo estar bem com elle.

A nós tambem convém a alliança ingleza, porque n'uma conflagração geral não poderiamos conservar a neutralidade com as forças de que dispomos.

Além de que, desde seculos, é a Inglaterra o mercado com que contamos.

A invenção de Marconi desvalorisa sem duvida, a telegraphia por fios, mas a verdade é que esta ainda se usa e usará por largos annos.

A Ilha do Fayal, estação central de tantos cabos submarinos, é a chave do movimento telegraphico do Atlantico e não escapa á penetração de ninguem, o que, n'um momento de guerra, importa a posse d'aquella ilha e d'aquelles cabos.

Mas, quando mesmo a telegraphia sem fios venha a banir esses cabos, ainda o Fayal não verá minguada a sua supremacia.

As famosas antenas de Marconi, erguendo-se a 300 metros de altura, communicarão com os navios e com os diversos pontos do globo com ellas orientados, e então o Fayal terá sempre pela força das circumstancias um lugar proeminente na telegraphia do notavel italiano.

Navios de todas as procedencias demandam hoje, como outr'ora, o seu bello porto e esquadras poderosas vão ali, ou saudar o emblema da nossa soberania ou em estudos, resolver problemas de alta estrategia.

Para receber almirantes, temos, como unica auctoridade militar superior, no Fayal... um capitão!

Ora isto não póde continuar e fatalmente, que não pela nossa propria iniciativa, que é o que se sabe, o porto militar tem de estabelecer-se, como uma necessidade nacional, derivada da alliança luso-ingleza e dos multiplices interesses que ha a attender, porque é preciso, absolutamente indispensavel, tornar effectivo o incalculavel valor estrategico dos Açores.

Armam-se os Estados-Unidos da America do Norte, e não virá longe o dia de uma colisão entre elles e a Europa.

Nos Açores tem de decidir-se a sorte do mundo.

A nossa alliada entrará na contenda e tambem nós.

Precisamos de nos preparar para a auxiliar efficazmente, fortificando as bases das operações navaes, de que dependerá o exito da campanha, porque a alliança impõe mutualidade de serviços e comnosco tambem devemos contar.

Que não esqueça que ha poucos dias a esquadra norte-americana fez exercicios nos mares açoreanos. .

A politica de Portugal não póde ser a do isolamento e abstenção, que seria inercia e com a inercia a morte da nacionalidade. Portugal ainda vale, o que já fez dizer, não ha muito, a um nosso ministro dos negocios estrangeiros, jurisconsulto notavel:

«Só n'este lugar (de ministro dos negocios estrangeiros) é que se póde verificar bem o que Portugal foi e ainda é, de grande: não se dá um acontecimento em parte nenhuma do mundo que não venha repercutir-se n'este gabinete.»

E' porque tem interesses espalhados na Europa, na Africa, na Asia, na Oceania e até nas duas Americas, onde mourejam milhares e milhares de portuguezes e os seus interesses entrelaçam-se tambem aos dos inglezes.

⊛ ⊛ ⊛

Quando a artilharia coroar as alturas que

circumdam e dominam a cidade da Horta, (e a puzér ao abrigo de um golpe de mão) por fórma ou a cruzar os seus fogos sobre a bahia tão ampla e segura como outra os Açores não teem, podendo zombar dos canhões do inimigo, ou impedir que a cidade seja entrada por terra, se aquelle ousar desembarcar; quando n'essa bahia, estabelecido o porto-franco, uma floresta de mastros ostentar as bandeiras das nações europeas e americanas, dando *rendez-vous*, n'esse, como bazar cosmopolita, terá então soado, no relogio dos tempos, a hora de melhores dias para esta nação.

Teremos talvez deixado de ser os indolentes, os devaneadores e os palavrosos de sempre, para adaptar-nos á corrente moderna e ser da nossa época, isto é, práticos.

Mas ha de custar a convencer-nos que valemos muito pelo que possuimos—os pontos de apoio de que a Inglaterra carece—e que podemos por isso pesar na balança da politica geral, e não será empresa fácil levar á consciencia publica a persuasão de que a alliança com a Inglaterra não é, nem deve ser um protectorado, uma tutoria, e que com ella tratamos de egual para egual.

E essa alliança util, como não podia deixar de ser, se houvesse aqui homens de estado, que rareiam ou mal se divisam, tem, na politica interna, concorrido para o aggravamento de males que enraizáram profundamente, porque, partindo do falso principio que a alliança é, ou póde ser, a protecção a todos os destemperos, não ha abuso que não se pratique n'uma audacia quasi inconsciente.

Agosto de 1903.

ANTONIO FERREIRA DE SERPA.

SCENA DE PRAIA

(Praia da Figueira)

Dialogo Mundano

— QUE senhora tão interessante com quem estava! — disse-me Sophia, logo dois minutos depois de eu ter entrado na sala; todavia no sorriso não transparecia a menor censura.

— Quando ?—perguntei.

— Hontem de manhã. Devia ser uma hora, pouco mais ou menos.

— Viu-me ?

— No Campo Grande. N'um carrinho de rodas amarellas. Admirei-a immensamente. E' formosa.

— Ha muita gente da sua opinião.

— Já a conhece ha muito ? — perguntou Sophia, n'um tom de amabilidade forçada, que me pôz de sobre aviso.

— Não ; ha bem pouco.

— E' admiravel a facilidade com que certas pessoas se tornam intimas—notou, e havia na observação o quer que fosse de levemente aggressivo, como a ponta d'um alfinete.

— N'este momento pensava eu como uma mulher leva tanto tempo para comprehender um homem — objectei, tentando desviar o assumpto.

— Não é tanto assim, como diz. Ha homens que para mim são sempre incomprehensiveis ! Aquella senhora é uma actriz conhecida—accrescentou, folheando uma revista illustrada, que me pareceu ser os *Serões*.

— Effectivamente é uma actriz...

— Seja quem fôr — disse Sophia — é muito interessante ; entretanto já não é muito nova.

— Terá vinte e cinco annos.

— Pelo menos trinta —insistiu.—Comtudo tenho ouvido meu tio fazer o elogio da edade dos trinta, que elle diz ser a mais deliciosa.

— Nunca lhe diria isso a si — atalhei logo com cara de madrigal ; mas Sophia encolheu os seus hombros delgados.

— Não supponha que me envaidece — e insistindo no assumpto accrescentou — parecia ter muito que lhe dizer.

— Sim, tinha.

... folheando uma revista ...

— Quem é ? — perguntou Sophia com indifferença affectada, quasi sem pronunciar as palavras.

— E' a atriz Fulana. (Não escrevo o nome para ser discreto).

— Oh!—e havia n'este simples—oh—um poema de intenção perversa.

Um pequenino e infeliz escandalo, sem o minimo fundamento real, ia jural-o, divulgara-se n'aquelle momento, sobre a excellente e formosa actriz, e estas cousas infiltram-se logo na melhor sociedade.

— Ella váe agora representar no D. Amelia, sabe—expliquei.

— Não sei, nem quero saber.

— Imaginava que tivesse uma certa curiosidade em saber...

— Nenhuma, absolutamente nenhuma — disse Sophia com uma impaciencia demonstrada no tremor convulso do pésinho sob a saia.

— Tenho pena de a não ter visto — notei immediatamente.

— Estava muito entretido.

— Por certo estava um tanto interessado na conversa.

— Mas na verdade— exclamou ella —não parece nada bonito .

— O que não parece bonito?

— Vêr duas cabeças tão chegadas n'um carrinho... e tão inteiramente absorvidos por qualquer assumpto... deante de toda a gente...

— Estavamos ..

— Peço-lhe que me poupe á reedição do que estavam fallando — supplicou ella com ironia desdenhosa — Eu nunca desejei saber intimidades de vida artistica, nem d'essa senhora.

— Que possue duas encantadoras creanças —atalhei diplomaticamente, pois Sophia sempre mostrava uma predilecção toda terna por creanças.

—Que lindo quadro de familia!—retorquiu, e não gostei de vêr o tremulo arregaçar do seu labio superior.

— Com que então levava-a no carrinho para casa?--investigou em breve.

— Para almoçar.

— Em grande sociedade?

— Não!

— Quantos?

— Aconteceu ser apenas eu — respondi, preferindo sempre dizer a verdade a inventar qualquer mentira que mais tarde me trouxesse complicações.

— Um *tête à tête* é tão agradavel!—exclamou.

— Nem sempre, minha senhora — e puz n'estas palavras toda a intenção possivel.

— Eu tive uma bella noute hontem—contou-me Sophia depois de um pequeno silencio

— Em casa dos Menezes?

—O Pedro da Costa estava lá—continuou —e sempre me divirto muito com elle.

— E' um facto de que principio a suspeitar.

— Como vê — continuou indifferente — o Pedro é sempre o mesmo...

— N'esse caso um pouco monotono...

— Oh, não acho— confirmou Sophia com proposito mal disfarçado—sempre muito elegante...

— E não lhe parece que é elegante de mais?. .

—Não, para um homem realmente gentil... mesmo bonito... interrompeu ella.

— Ninguem é bonito sempre—suggeri em significativo tom desdenhoso.

— Muito obrigada! — disse Sophia acompanhando a phrase com uma inclinação expressiva da sua cabecita de estatua grega, pelo menos na fórma do penteado.

— De que?

— Com certeza sou muita feia, bem o sei —murmurou. Imaginei que ella principiava a acalmar-se; em geral, quando as mulheres *pescam comprimentos*, na phrase ingleza, estão a sentir já a necessidade de serem dominadas.

— Não disse isso—retorqui.

— Se o tivesse dito nunca mais lhe fallaria—replicou petulante—Estavamos fallando de si...

— De mim ou do Costa?

— O Pedro nem sempre gosta dos seus contos, os do seu ultimo livro principalmente.

— E' muito amavel — conclui na verdade com um certo despeito involuntario — E a opinião do Pedro sobre o meu livro é tão valiosa como se fôra a do Fialho d'Almeida. Sinto devéras não lhe ter agradado ..

— Desconfio — interrompeu Sophia abruptamente — que aquella côr de cabellos não é natural.

— De quem? do Costa?

— Não! da sr. Fulana .

— Em todo o caso— observei eu —é uma bella côr, comquanto seja um pouco mais clara do que a dos seus.

Sophia córou.

— Por amor de Deus não faça comparações — e com a persistencia d'uma curiosidade feminina, muito disfarçada mas inilludivel.— E' singular que tendo-se encontrado por acaso no Campo Grande, a convidasse para o seu carrinho e fossem ambos almoçar.

— Singular porque?

— E almoçar em casa d'ella...

— Encontramo-nos por combinação—expliquei—Fulana teve a phantasia de me marcar *rendez-vous* na alamêda do Campo Grande, entre as palmeiras.

— Sabe—interrompeu Sophia—a festa de hontem em casa dos Menezes foi para mim a mais agradavel d'estes ultimos tempos. Gos-

tei immensamente... Olhe, o Pedro disse-me que o senhor devia experimentar o theatro, escrever uma peça.

— Palavra de honra que desejava que o Pedro tratasse antes dos seus negocios do que dos meus.

— Sómente — continuou Sophia, sem fazer caso do meu visivel agastamento — elle não está bem seguro de que o senhor tenha disposição para o drama.

— Talvez.

— Todavia — disse Sophia, sorrindo — o Pedro diz que se o senhor podesse ao menos fazer representar uma peça com exito, ganharia mais do que com os livros de contos.

— Eis uma nova sentença muito judiciosa.

— Parece que o julga um tolo.

— Pelo contrario; parece-me ser muito pratico; sobretudo n'estes tempos em que o valor dos homens se mede pela quantidade de dinheiro que elles conseguem obter d'este mundo, quando não o obtiveram d'alguem que foi para o outro.

— Não seja cruel — objectou Sophia.

Em verdade eu dissera aquellas palavras intencionalmente. O Pedro da Costa era rico, porque herdára do pae, um antigo bacalhoeiro que chegára a par do reino.

— Não sou eu só — acudi apressado a tomar a *deixa* d'ella.

— Se pretende insinuar que sou inconstante .

— Uma suggestão absurda...

— Não é justo — concluiu Sophia — Pensava no que meu tio me diz e repete todos os dias... N'este mesmo momento, abriu-se a porta da sala e o criado annunciou: — O sr. Pedro da Costa.

Este Costa era um homem que mudava de fato quatro vezes por dia, e de cada vez parecia reproduzir a estampa d'um figurino. Os seus collarinhos faziam lembrar — disse-m'o elle um dia desvanecido com a sua propria pessoa — o collo d'um cisne! Precisava de todo o seu tempo livre só para arranjar o nó das gravatas.

Pelo seu modo de comprimentar Sophia, percebi — o que é ser escriptor psychologo! — que não tinha sido sómente ella que se divertira em casa dos Menezes.

— Olá! Sampaio — disse-me o Pedro estendendo-me a mão molle, d'unhas córadas a carmim, pretenciosamente, n'um gesto protector e familiar.

— Ha muito que não tenho o prazer de o vêr...

— Pois eu vi-o hontem de manhã—accentuou muito o Costa, com um arreganhar de dentes, implicantemente brancos de mais, como se fossem de cal.

— Pelo que ouço, fiz uma exhibição muito regular da minha pessoa hontem de manhã!

— Ella é uma mulher extremamente formosa na verdade — accrescentou o Pedro n'uma bisbilhotice impertinente, mas proposítada.

— Quem? A actriz Fulana? — perguntou Sophia.

Esta generosa intervenção de Sophia desnorteou-o, mas não o desarmou completamente.

— Supponho que já ouviu contar o que toda a gente diz d'ella? — ainda aventou Costa, sem reparar na inconveniencia do dito.

— Alguma calumnia, de que não sou curiosa — sentenciou Sophia com altivez.

Ainda não disse que Sophia, orfã de pae e mãe, vivia em casa do tio, que era viuvo, e tinha por dama de companhia uma velha allemã, muito instruida, que tambem estava na sala a um canto, bordando ou lendo, mas sempre silenciosa. Chegava por vezes a persuadir-me que ella era de cêra.

— A proposito de actrizes — continuou Pedro, emendando a *gaffe* e virando-se para mim — porque não experimenta fazer uma peça, Sampaio?

— Eu?

— Sei que você nunca experimentou o genero, no entanto...

— Talvez o Costa me podesse dar uma ou duas idéas — interrompi um tanto ironicamente. Mas elle era bastante vaidoso para perceber a ironia.

— Prefere sem duvida os conselhos da senhora Fulana — atalhou do lado Sophia, e d'esta vez o bote tocou-me, o que fez arreganhar de novo os dentes ao Pedro, mirando-se de soslaio ao espelho do fogão e aconche-

gando o nó da gravata, na constante preoccupação vaidosa da sua pessoa.

— Hei de pedir-lh'os na primeira vez que nos encontrarmos — accrescentei.

— Que será breve? — inquiriu Sophia delicadamente.

— Combinamos encontrarmo-nos esta noute no theatro.

Felizmente abriu-se de novo a porta da

... Não lhe perdôo, Pedro...

sala e a D. Alda Lopes entrou com a sua costumada desenvoltura.

— Que esplendido dia, minha Sophia! — exclamou. E depois de ter beijado apressadamente Sophia, de ter comprimentado de relance a mademoiselle, e emquanto me estendia com gesto soberano a mão que eu, na minha qualidade de litterato, vivendo dos seculos idos, beijava reverente nos dedos delgados recobertos de anneis, dirigia-se já para o Costa:

— Não lhe perdôo, Pedro, ter-me fugido hontem á noute, sem combinar o passeio de automovel.

— Mil perdões minha senhora; a mademoiselle Albers (a dama de companhia de Sophia) que se retirava, offereceu-me um logar no *landau* — e sorriu-se para Sophia significativamente.

— O senhor Lopes está bem? — perguntei eu á D. Alda, com intencional interesse pelo marido d'ella.

— Oh! deve estar bem, elle foi para a Beira, uma caçada — e logo depois — Tenho tambem uma queixa contra si, sr. Sampaio.

— Que fiz eu?

— Julgou-me morta.

— Como assim? — perguntei intrigado.

— Olhou direito para mim e não me comprimentou. Esqueceu-se totalmente da minha cara.

— Impossivel, minha senhora; foi que a não vi.. titubeava em desculpas.

D. Alda sorria já; o que ella pretendera era produzir effeito com uma phrase tragica.

— Supponho que estava todo absorvido pela sr.ª Fulana — e olhou para Sophia, que conversava com o Costa, fingindo não escutar.

— Parece que toda a gente de Lisboa esteve hontem no Campo Grande e todos invisiveis para mim.

— Quem não esteve fui eu — atalhou D. Alda.

— Então onde viu o sr. Sampaio — perguntou pressurosa Sophia.

— A' esquina de S. Nicolau, á porta do Serra.

— Onde vive então a sr.ª Fulana? — interrogou Sophia virando-se para mim.

— No Lumiar.

— Mas se eu o vi no Campo Grande, e ia para o Lumiar, como podia a D. Alda tel-o encontrado á esquina de S. Nicolau e sempre com a celebre actriz.

— Que o vi e muito entretido é certo — confirmou D. Alda.

— A que horas, minha querida?

— Quatro talvez.

— E a que horas o viu o senhor? — perguntou Sophia a Pedro.

— Creio que seriam seis.

— Oh! o dia inteiro! — murmurou Sophia, e havia lagrimas na voz, que me alegraram a alma, estranha crueldade de namorado feliz.

— N'esse caso, o sr. Sampaio deve saber bem como se passou... o accidente — interrogou D. Alda.

— Póde chamar-lhe outra cousa, o que quizer.

— Ora, toda a gente — continuou D. Alda sabe que a sr.ª Fulana...

Sophia interrompeu-a com uma d'aquellas suas decisões opportunas, de coração bondoso, que a tornam encantadora.

— Fulana é da amisade do sr. Sampaio, sabem—exclamou — devem poupal-o neste momento.

E caso estranho, não havia na sua intonação a minima nota sarcastica.

— Pois sim — concordou D. Alda.

— Elle disse-me muito bem das creanças que ella tem — continuava Sophia.

— Que appetite! Gosta de creanças sr. Sampaio? — perguntou D. Alda.

— Supponho — suggeriu Pedro — que ellas produzem sobre a mãe uma certa gloria de reflexão, que lhe vae a matar.

— Parece-me que para ella será a sua melhor obra de artista — accrescentou D. Alda, parodiando um dito do Bordallo.

— Para mim, entendo que é um motivo de respeito, visto que é uma excellente mãe — concluiu Sophia.

— Onde — perguntou-me D. Alda — está o marido de Fulana?

— Agora não está em Lisboa — respondi.

— Ah! — exclamou D. Alda com intenção.

— Elle é amador infatigavel da caça, minha senhora, talvez tambem esteja na Beira.

D. Alda córou; o afogueado do rosto ficava-lhe mal, mas pensei que fôra bem merecido o remoque.

E subito como se lhe tivesse despertado no espirito estouvado uma idéa adormecida, levantou-se, despediu-se de Sophia e da mademoiselle com modos sacudidos de elegante moderna, estendeu-me as pontas dos seus finos dedos, refulgentes de anneis, para eu beijar curvado, dizendo-me a sorrir:

— Não lhe quero mal, acredite que estou até muito interessada pela sua peça.

Depois voltando-se para o Costa, imperiosa, dominadora:

— Quero vêr o automovel antes do passeio. Disse-me que estava na *garage*. E' a dois passos d'aqui. Venha mostrar-m'o, venha.

— A's suas ordens, D. Alda — respondeu o peralvilho, contrariado talvez, mas obediente.

Sophia acompanhou-os até a porta e quando os despediu, voltou-se para mim:

— Ella disse a *sua peça?*

— Queria fazer-lhe a surpreza, mas...

— Então a longa conversação com Fulana foi...

— Por causa da peça.

— E porque m'o não disse logo?

— Porque me não deu um momento sequer para lh'o contar.

— Quando sóbe ella á scena? — perguntou com grande enthusiasmo.

— Dentro de duas ou tres semanas — respondi.

— Mas os ensaios são no theatro — ainda accrescentou duvidosa e preoccupada — não me parece que se façam na rua ou no Campo Grande.

— Assim é; mas Fulana que é muito intelligente e muito caprichosa, fizera objecções a uma scena, desejava alterações, dizia não entender o papel. Foi preciso uma longa conversação, uma exhibição bem publica commigo para a consolar dos *cancans* calumniosos, condescender a uma consulta de modista, amimar-lhe os filhos ..

— E eu a imaginar...

— Cousas que não devia pensar — conclui todo resentido.

— E terá grande exito? — continuou Sophia, não se importando com o meu ar de amuado, muito ridiculo sem duvida.

— No theatro, todos dizem que sim.

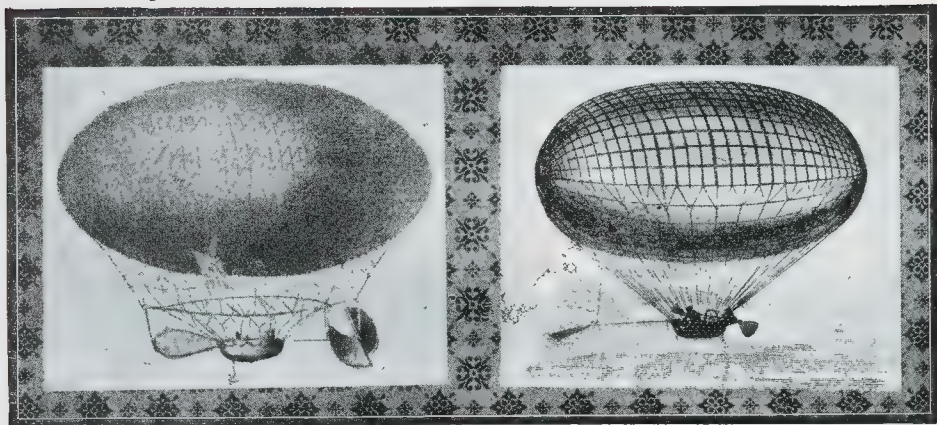
— Como eu me sentiria feliz em poder contrariar o que o tio me diz.

— Mas o que lhe diz o tio Conselheiro — perguntei curioso da insistente referencia de Sophia.

— Ah! elle diz-me sempre com ar grave, aquelle ar serio e concentrado que quasi me faz pavor: — «A intelligencia nada vale quando não é consagrada pelo applauso das multidões. Ora o Sampaio nunca foi applaudido». — Bem vê, portanto, que empenho eu tinha que escrevesse uma peça.

Sorri d'aquella ingenuidade encantadora que traduzia um sentimento tão meigamente affectuoso para commigo e que me envaidecia.

Infelizmente porém passaram-se duas semanas e o tio de Sophia podia continuar a recitar a sua prudhomesca sentença. A minha peça fôra estrondosamente pateada.

Das Memorias de SIMPLICIO SAMPAIO.

Modelo da machina balão de Masen (1843) *Modelo da machina balão de Bell (1850)*

A desforra de Icaro

O BALÃO DIRIGIVEL DE SANTOS DUMONT

A pouco e pouco, n'um constante e persistente trabalho inventivo, a intelligencia humana vae realizando uma a uma as mais prodigiosas creações do sonho; e assim vão nascendo, para a utilização banal e correntia, os milagres da sciencia que se chamam a telegraphia sem fios, a photographia sem luz, a telephonia sem a vibração sonora do ar, a navegação submarina, a visão nitida na profundidade das aguas, a locomoção aerea sem azas.

De todos os apparelhos, mais ou menos ousados, que desde longos annos os inventores, tocados da mythologica e suggestiva aspiração de dominar as regiões, ora serenas ora revoltas, da athmosphera, em que vivemos submersos, têem feito construir, e d'elles têem sido não raro victimas, é sem duvida o mais notavel em resultados praticos e visiveis o balão dirigivel do sr. Santos Dumont que, ainda ha pouco, esteve em Lisboa de passagem para o Brazil, sua patria.

Demos em tempo nas paginas d'esta revista, com o retrato do inventor e uma reproducção do seu aerostato, noticia das suas primeiras tentativas, já coroadas d'um exito relativo, mas ainda carecidas de aperfeiçoamentos que a experiencia estava indicando.

As illustrações que acompanham agora este artigo são reproducções de photographias, apanhando em flagrante uma das mais curiosas evoluções que o sr. Santos Dumont realizou ha pouco em Paris com o seu n.º 9, dando-lhe a feição toda mundana d'um *sport* novo e attrahente.

Effectuava-se no recinto da *Bagatelle*, junto do bosque de Boulogne, uma d'aquellas festas elegantes que reunem o todo Paris mundano, e n'esta por ser infantil predominavam o elemento feminino. e as creanças.

O tempo corria propicio a uma nova ascensão, e Santos Dumont dirigiu-se n'aquella tarde ao seu parque aerostatico de Neuilly, mandou aprestar a sua aeronave n.º 9 e tomou pelos ares o caminho do Bosque.

Depois de ter passado os lagos, sobre o campo de corridas de Longchamp, tornejando a *Cascate*, o sr. Santos Dumont aproou o aerostato para a *Bagatelle* e em seguida para o recinto do jogo do *polo*, onde se realizava a festa.

Tranquillamente, suavemente, sem ruido que pudesse causar receios, o aeronauta baixou no meio do recinto, e foi logo rodeado por uma legião de mamãs e de *babies* maravilhados.

Com a graciosidade de um *sportman* de bom humor e affavel para aquelle redemoinho de cabecitas louras curiosas e avidas da novidade, o sr. Santos Dumont offereceu lugar na sua minuscula barquinha.

—Quem quer subir commigo?—pergunta—daremos um passeio e voltaremos em breve.

Então, um petizito de dez annos, o pequeno Willy, um americano, insistiu tanto com sua mãe na licença de subir no balão que esta afinal consentiu.

— Tenho confiança em si — disse ella ao aeronauta—entrego-lhe o pequeno.

O moço Willy subiu para a barquinha, tomou lugar ao lado de Santos Dumont, e o balão elevou-se a cerca de 30 metros de altitude, com o *guide-rope* pendente para tranquillizar os assistentes, fazendo algumas evoluções por cima das arvores copadas do formoso bosque.

Momentos depois, Santos Dumont tornava a descer no mesmo ponto d'onde partira entre as acclamações enthusiasticas das creanças e do publico, e tantas e tão vivas que o aeronauta condescendeu em fazer ainda duas outras voltas com creanças.

Todos queriam subir com Santos Dumont; porém a tarde descia, e o aeronauta victoriado estrondosamente, retomou através dos ares o caminho do seu *hangar* de Neuilly.

O celebre inventor receiava-se da escuridão da noute e não quiz repetir a tentativa que dias antes fizera d'uma ascensão nocturna, a qual, embora effectuada sem incidente, lhe demonstrara a impossibilidade por emquanto d'estas excursões.

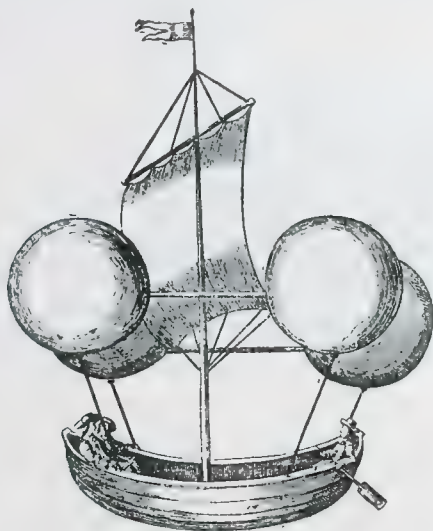
Santos Dumont no recinto da «Bagatelle,» convidando as creanças a um passeio aereo

Fôra o caso que um circulo sportivo realizava uma festa nocturna, e das margens do Sena, o sr. Santos Dumont projectou logo comparecer, levado pelo aeronave. Para prevenir a falta de luz, fez adaptar á barquinha um pharol de acetylene de grande força, e tudo se preparou para ás dez da noute. A's onze o balão sahia do *hangar*, afim do gaz ganhar a temperatura da atmosphera; assim esteve durante alguns minutos e, terminada a condensação do gaz e restabelecido o equilibrio, o balão ascendeu rapido. De terra divisava-se bem o feixe de luz que o pharol golphava no espaço, porém o globo do aerostato era quasi invisivel. Depois d'algumas evoluções, e pairando sobre o Sena uma grande humidade, o sr. Santos Dumont desceu abandonando a tentativa, que ao tempo chamara a attenção do publico, rodeando-o já interessado e curioso, como sempre.

— Não via nada, explicava o aeronauta. E' preciso que o obstaculo esteja irremediavelmente proximo para que o enxergue. Ha pouco ia envolvendo-me n'uma arvore. Era-me impossivel continuar. A teimosia n'estas condições não só degenerava em imprudencia, como tambem podia dar um tragico resultado.

A pratica traz, por vezes, dolorosas decepções aos sonhos da theoria, accrescentava

Na «Bagatelle,» volta de Santos Dumont

elle. As minhas experiencias tem sido coroadas do melhor exito, pelo que tenho obrigação de proseguir e não devo por infantilidade ou audacia desfazer n'uma hora o trabalho que durante longos annos tenho vindo paciente e arriscadamente realizando.

Navio aereo desenhado por Francisco Lana de Barcelona (1670)

Uma visita á Beira

Por ANTONIO ENNES

(Continuação). — Segunda visita á Beira. — Desenvolvimento da povoação. — O tenente Alpoim.

A ESTAS memorias da minha primeira visita á incipiente Beira sobrepuzeram-se logo as impressões do rapido progresso da villa. Dez mezes volvidos — ainda a nova Companhia de Moçambique não havia installado lá a séde do seu governo, já era bem outro o seu aspecto observado do mar e do Pungue. As mesmas fachas rasteiras e verde-negras de mangal contornavam o immenso porto de lodo encrespado, e a facha habitavel de areal amarello tinha sido adelgaçada pela corrosão das marés, ao passo que se dilatára o açoreamento para as partes da ponte Azéa; mas sobre essa facha alastrára-se o matiz vivido d'uma casaria, que lembrava de longe os abarracamentos sarapintados de praia de banhos portugueza. Já havia um panorama de povoação a impor-se á vista. Tinha sido varrido do pontal do Chiveve o montão de lonas pardas e encera dos negros com que se abrigara o Corpo expedicionario, e sobre o seu tapete fulvo prolongavam-se duas fileiras de casas de coberturas vermelhas e paredes verdes, apaineladas por janellas de ombreiras e caixilhos brancos. Mais para o fundo, n'um terreno descoberto á borda do rio, estampava-se na tela espessa do arvoredo o perfil d'uma edificação com soberbias e galanices palacianas, deante de cuja frontaria verdejavam debuxos d'um jardim, d'onde subiam trepadeiras a enroscarem-se nas nervuras d'um caramanchão abobadado e a entretecerem um gradeamento, dentro do qual passeiava uma sentinella de arma no braço. Para o lado da antiga residencia do commando militar do Aramgum, formavam pinha asconstrucções, os tapumes, os armazens, os esqueletos ainda nús de novas vivendas e sobre esse confuso acervo de paredes, de tectos, de janellas, de portas, de toldos, de estacarias, de formas, de linhas, de côres hiantes, ondulavam bandeiras de muitas tintas, algumas com letreiros flammantes. Pelo paiz fóra na direcção da Ponta Gêa a cortina de vegetação estava de quando em quando remendada com quadrados encarnados ou cinzentos de edificios. Os barracões da alfandega tinham tomado uma apparencia mais civilizada, pintado o seu zinco, eleminadas as coberturas de colmo, e saiam d'elles a miude wagonetes Decauville, que iam largar fardos e caixas nos armazens, resvalando nos carris de ferro estendidos a todo o comprimento da povoação. Raro se entraria no porto sem lá encontrar fundeado algum paquete; o *Countess of Carnarvon* sargenteava frequentemente no fundeadouro rebocando barcaças de carga; na entrada do Chiveve estavam quasi sempre varadas lanchas e pangaios; montavam-se embarcações em picadeiros improvisados na praia; e as vistas que penetravam pelos arruamentos descobriam pequeninos vultos, movendo-se em todos os sentidos sobre a arêa. A Beira já tinha vida.

Estes progressos tinham sido devidos em parte a uma acção official, em parte á iniciativa particular, estimulada pela febre do ouro.

Uma determinação governativa tinha transferido para a foz do Pungue a séde do districtoi e do concelho de Sofala, supprimindo o ant go commando militar de Aramgum, e esta transferencia levára á Beira um funccionario prestante, o tenente Alpoim, em cujo cerebro não lampejariam faculdades transcendentaes de administrador, mas era laborioso, provido e *arranjado* como uma bôa dona de casa da velha escola portugueza, e aprendêra na penuria do matto a tirar grandes proveitos de minimos recursos. Esse activo militar, constituido depositario do formidavel espolio do Corpo expedicionario, em cujo inventario avolumavam muitas casas destinadas ao alojamento de officiaes e soldados, que tinham ficado dispersas nas praias, taboa aqui, estaca acolá, chapas de zinco aos montões, tudo baralhado e em parte estragado, aproveitou d'aquella trapalhoada quanto era aproveitavel, descobriu

utilidades no que parecia mais inutil, e não só arranjou installações taes ou quaes para os serviços publicos, se não que acudiu ás necessidades do desenvolvimento da população, sem para isso tirar um real dos cofres districtaes, antes assegurando-lhes um rendimento apreciavel. Realizou até phantasias sumptuosas! Tendo destinado a antiga residencia do commandante militar, já então desmascarada das fortificações caricatas, para hospital e pharmacia, engenhou para séde do governo um edificio relativamente vasto, ligando umas ás outras e unificando diversas casas de officiaes, e prendou-o com regalos e adornos que eu nem em sonhos me atrevera a appetecer na misera palhota em que mezes antes vivêra. Assim dotou-a com uma sala de jantar onde caberiam os convivas de Sardanapalo; e quem se regosijava com a sua vastidão e o seu pé direito, não percebia logo que estava simplesmente dentro d'uma barraca Tollet, antigo hospital que as artes de Alpoim transformára em fabrica de indigestões. O esqueleto de ferro d'outra barraca similhante aguardava que crescessem e bracejassem as plantas que o enleiavam para formar um atrio abobadado de verdura. Posteriormente a fabrica ensoberbeceu-se com um pavimento superior, o primeiro que a Beira viu levantado do chão de cuja larga varanda se alongava a vista pelo mar fóra. Lá dentro havia alcovas para hospedes com bellas camas de colchões de Madagascar, mosquiteiros diaphanos, e uma sala de visitas com estofos e *étajères*; pequenos pateos interiores guardavam a provisão de chuva em tanques de ferro, sobre os quaes esvoaçavam pombos e se empoleiravam aves de orgulhosos diademas; filtros purificavam a agua; candieiros pendentes com vidros lavrados coavam luz baça nas estancias; comia-se a classica canja bem preparada em louça fina da Vista Alegre. Quasi todo este luxo, porém, se não tinha vindo de Sofala, tinha em alguma parte a marca *C E M* que . as lavagens ainda não tinham apagado. E, cá fóra um colossal cevado, algum tanto sympathico, costumava aproveitar a sua liberdade coçando os couros atoucinhados contra as pernas nuas d'um cipal, que fazia sentinella d'honra ao mastro em que aos dias santos se arvorava a bandeira portugueza.

Esta obra d'arte veio contribuir para a morte do infeliz artista. Localizára-a mal. Situada á beira do Chiveve, o rio repassava-a de humidades e enfrascava-a nos aromas da sua vasa, além de lhe offerecer duas vezes por dia, o espectaculo do seu fundo negro sulcado por uma rede de filetes de agua amarella, onde parecia estarem a borbulhar biliosas. Mas se fosse só isso! Desrespeitosas para com a autoridade, as correntes começarm a furtar surrateiramente a arêa em que ella firmára o seu alcaçar, promettendo a si proprias d'ir com elle no atoleiro. Travou-se então uma lucta assanhada entre o Alpoim e o rio. Por mais que elle oppozesse á corrosão perfida, estacarias, entulhos, fachinas, engenhocas, o Chiveve destruia-lhe com uma espriguiçadella todas as obras de defesa, e afinal já se entreviam ondulações d'agua pelas fendas do sobrado d'um dos quartos. Alpoim, porém, não se rendia, e quanto lixo produzia a Beira todo elle vasava no talude esbroado para o ver nadar horas depois nos jorros da vasante. Foi essa a preoccupação afanosa dos seus ultimos dias. O desgraçado tinha febres, como nunca vi em mais ninguem. Nos accessos de frio tiritava com tal violencia que a cama sacudida pelo seu corpo convulso estremecia a casa toda, e urrava, rangia os dentes, ululava como um bando de féras assanhadas; mettia medo. Tomava, porém, um pouco de quinino em *bolos* feitos com mortalhas de cigarros e no dia seguinte quem ia saber d'elle com receio de ouvir dizer que estava morto, encontrava-o á solheira na ladeira do Chiveve, com os pés cravados no lodo, dirigindo o trabalho, talvez planeado nos intervallos dos accessos, de proteger os alicerces da casa com barricas de farinha e latas de petroleo cheias d'arêa!

Depois de ter alojado as repartições officiaes, o incansavel trabalhador armou as casas de madeira e zinco, que lhe restavam disponiveis, para as arrendar a particulares por conta do Estado, e assim remediar a falta de habitações, tão grande que estava difficultando a immigração. Fez com ellas um pequeno bairro armado na ponta do Chiveve, e erigiu outras muitas nos lugares mais procurados pela população. Eram modestas, mesquinhas até, e insalubres. Semelhavam grandes barracas de banhos, medindo geralmente 10 metros por 6, e sendo esta acanhada superficie dividida interiormente em tres ou quatro cubiculos. Aqueciam como fornos, vedavam mal a chuva, os seus sobrados gretados recebiam todas as exhalações do solo; n'algumas a chapa de zinco nem era revestida por dentro de taboado. Assim mesmo alugavam-se á porfia por fabulosas rendas, por 8, por 10, por 12 libras cada mez, para moradias ou para estabelecimentos. Alpoim tirou, pois, só dos casunchos, um rendimento annual de sete ou oito contos de réis, e, animado por este milagre financeiro, emprehendeu explorar o movimento da formação da Beira para dotar a sua administração com

receitas proprias, que a emancipassem do cofre central da provincia, sempre avaro e refilão para com os districtos. Empenhou-se exaggerando até o empenho, em tirar partido de tudo quanto, no espolio do Corpo expedicionario podia ter um valor realizavel, e se na realidade abusou das necessidades da população tambem lhe proporcionou beneficas satisfações. Tendo prolongado a linha Decauville, que a expedição encetara para seu serviço, pela rua principal da villa, alugou aos commerciantes o serviço dos wagonetes para descarga das mercadorias. Atamancou os fornos de panificação deixados pelas tropas, e arrendou-os á industria particular. Extrahiu receita da mais vil barraca, do mais desmanchado telheiro; fez render as embarcações; achou quem lhe comprasse por bons preços viveres avariados e sobejados do Corpo; e d'este modo, tendo feito a mudança e a nova installação das repartições do districto, tendo desenvolvido materialmente a Beira, tendo sido uma especie de providencia, cara mas util, dos seus habitantes e immigrantes ainda juntou nos cofres districtal e no do concelho, quantias de que os pobresinhos nem suspeitavam a existencia! Quando o visitei em fins de maio de 1892 estava elle radiante! Tinha á cabeceira da cama, n'um cofre de ferro usado, tambem herdado da expedição, uma duzia de contos de réis, com cujo auxilio, disse-me elle, poderia occorrer a todas as despezas da sua administração durante mais de um anno sem pedir um real a Moçambique! Que ufania! Nenhum outro districto da provincia podia gabar-se de tal façanha. A Beira era uma mina; Sofala estava independente!

Não faltava, porém, quem murmurasse da sua *sovinice*, e o facto é que para ter casas para arrendar desattendeu necessidades publicas. As dos serviços judiciaes por exemplo. A prisão era tão segura que um criminoso trepou pelas paredes fazendo estribo dos buracos, levantou o telhado e fugiu. Ao juiz e delegado de Inhambane, então em correcção na Beira, fôra dado para habitação, cartorio e tribunal, um casebre onde o vento que se engolphava por baixo da cobertura fazia esvoaçar a papelada, e que ia convencendo os pobres magistrados de que havia lá dentro *cousa má*. De vez em quando desapparecia-lhe um processo. O delegado achou-se uma bella manhã sem a gravata e o collarinho que deixara á noute á cabeceira da cama. Entrariam ladrões? Os pretos opinavam pela intervenção dos feitiços. Depois de muitas inquirições, levantam-se taboas do sobrado, e descobrem-se por baixo um archivo juridico e um guarda roupa colleccionados pelas ratazanas.

Tambem os municipes lastimavam que não tivessem maior impulso os serviços da edilidade; deve dizer-se, porém, que o diligente Alpoim, que presidia á commissão municipal, já andava tratando de construir nas ruas principaes passeios de argamassa, e tinha um plano mirifico para illuminar a povoação com candieiros feitos de latas de bolachas!

Mais seguros e valiosos eram, porém, os progressos da povoação devidos á livre iniciativa particular. Os ultimos mezes do anno anterior foram desastrosos para a Beira e para o seu commercio. Retirou-se o Corpo expedicionario que collectiva e individualmente deixava dinheiro grosso nos armazens e nas baiucas; parou de todo o transito para o interior; a construcção da linha ferrea foi adiada e pareceu problematica; principiou-se a descrêr das riquezas auriferas de Manica. A estação das chuvas, passou-se, pois, triste e desalentadamente nas margens do Pungue, e as inundações de fevereiro e março arrastaram na sua invernia muitas esperanças e confianças. Tão grossas e impetuosas foram que em Neves Ferreira alagaram as casas, obrigando um destacamento que lá esteve a empoleirar-se no vigamento das coberturas e depois a fugir quasi a nado, e na Beira as aguas cortaram e levaram pedaços enormes de areal; d'uma vez pegaram no pateo interior d'um estabelecimento commercial, com as pilhas de madeira que n'ella estavam arrumadas, e foram esphacelar e espalhar aquella ilha fluctuante no mar e no porto.

Mas, tanto que melhorou o tempo e soou voz nas colonias do sul, que a construcção do caminho de ferro estava definitivamente contractada com um tal Van-Lanne, testa de ferro da *South-Africa*, voltou a fóz do Pungue a ser demandada por immigrantes, avidos de explorar, não os jazigos metallurgicos, não a productividade da terra, mas essa construcção, cujos trabalhos deviam começar com a primavera. Reanimou-se então a Beira. Foram occupados novos terrenos estendendo-se a occupação pela praia fóra perto da Ponta Gêa, e os que eram situados nas proximidades dos logares de desembarque tornaram-se objecto d'uma especulação desenfreada. Chegou-se a pagar centenares de libras pelo simples titulo de posse provisoria de meia duzia de metros quadrados de arêa!

Improvisaram-se mais casas, inauguraram-se mais estabelecimentos mercantis, abriram-se cafés e *restaurants*, passaram pelas alfandegas montanhas de latas de conservas e de garrafas de bebidas alcoolicas, estreiaram-se algumas pequenas industrias das mais indispensaveis nos centros de população. Em

volta da chusma dos pequenos commerciantes a retalho appareceram agencias de algumas casas mercantis importantes do Natal, do Cabo, e da provincia de Moçambique. A povoação alargou-se a olhos vistos; o chão que n'uma semana ainda estava vestido de matto, apparecia na semana seguinte limpo, fechado com estacas e fios de arame, e coberto de materiaes de construcção d'entre os quaes surgiam esqueletos de casas, depois revestidos com uma presteza de scena de magica. Quando fui visitar a minha palhota que deixara à mais d'um kilometro de distancia do povoado, percorri interminaveis arruamentos, demarcados por edificações ou vedações, e fui encontral-a humilhada e atabafada por vizinhos, que orgulhosos do seu zinco e do seu taboado, protestavam já contra o contacto de tão inflammavel monumento da Beira. E, effectivamente a pobre choça abrazou-se n'uma bella noute estrellada, ficando d'ella apenas uma photographia e as minhas recordações gratas!

Não estando a terra preparada para receber tantos hospedes, apesar de muitos d'elles levarem comsigo os meios de proverem ás suas necessidades, a vida tornou-se cara e difficil.

Pagavam-se aos carpinteiros para armarem casas salarios de 3:600 e 4:500 réis; as casas construidas valiam rendas de 10 e 12 libras mensaès, e faltavam alojamentos. A base da alimentação eram as conservas tambem encarecidas.

Quando um agenciador emprehendeu, um dia por outro fornecer carne fresca de bois vindos de Sofala ou de Madagascar, vendia pellangas e ossos esburgados a 500 réis o kilogramma. Escanzeladas gallinhas, que mais paraciam frangos chronicos, valiam uma a duas rupias, e de quando em quando appareciam monhés vindos de longes terras para offerecerem ovos a 50 réis cada um. A modesta batata, pão dos pobres europeus, fora promovida a acepipe de millionarios, pois custava 500 réis o kilo, sujeita á quebra da podridão. O mesmo e maior preço se pagava por uma garrafa de zurrapa nacional. Não faltavam artigos de vestuario, mas para os adquirir era preciso deixar a pelle na loja. Parecia que a competição, entre os commerciantes era do qual venderia mais caro. Escasseando pessoal, indigena ou europeu para trabalhos e serviços inferiores, tambem por elles se pagavam quantias exorbitantes.

Estava calculado que a despesa de simples descarga das mercadorias era superior ao encargo dos direitos de importação. Alem de ser tudo caro faltava muita cousa necessaria. Faltava principalmente agua. A que se podia recolher em caves abertas na praia, não era potavel. Iam barcaças buscal-a ao Busi, muitas milhas a montante da fóz, mas levavam na viagem uns poucos de dias, ás vezes só traziam lodo, e traziam-n'o pelo preço do vinho de Champagne. Recorreu-se á chuva guardando-a em depositos, e um estrangeiro previdente montou uma fabrica de tanques de zinco; mas este mesmo recurso era precario, até porque as habitações não tinham capacidade para metterem em si provisões d'agua para um anno inteiro. Portanto a Beira não se lavava, pois que no mar havia tubarões e jamantas e o Pungue era um lameiro, e a Beira padecia sede que mitigava quantidades fabulosas de beberagens engarrafadas.

A terra nada lhe fornecia a não ser alguma caça, que os gastrónomos arrancavam da bocca um dos outros. Nem um fructo, nem uma folha de hortaliça! N'aquella sociedade em organização as necessidades anteciparam muito os meios de se satisfazerem, e todas as satisfações tiveram de ser importadas. Os indigenas ao menos nos primeiros tempos conservaram-se de parte, desconfiados, amedrontados, não pensando em tirar proveito dos hospedes que se lhes impunham, nem lhes dando proveito a elles. A nova povoação teve, pois, de se crear e de viver apenas com o que se podia transportar em navios; tivera um nascimen to e levava uma existencia artificial, de acampamento n'um deserto. Economicamente a situação não se modificára. Apenas havia mais quem vendesse. Tinham crescido os capitaes empregados na grande feira, mas a maior parcella d'esses capitaes permanecia immobilizada nos armazens, senão perdida nas installações, e a menor girava apenas dentro d'essa propria feira, passando das gavetas d'uns para a de outros feirantes, e voltando das gavetas d'estes para as d'aquelles. O consumo do pessoal official era limitado pelos seus vencimentos, taxados ainda em harmonia com um regimen saudoso e lendario em que se comprava um boi por dois fios de missanga, e a pouca gente que passava para o interior quasi toda trazia do Sul farnel para gasto ou pacotilha para revenda. As bebidas alcoolicas continuavam a ser o unico artigo que tinha movimento.

N'estas circumstancias os credores dos commerciantes da Beira—e a grande maioria d'elles, viviam só do credito,—só deviam receber por conta dos dinheiros adiantados e das mercadorias fiadas, remessas pontualissimas de *esperanças*, mas essa mesma moeda ia estando depreciada, porque o caminho de ferro, que lhe determinava o valor, não principiava nunca apesar de se annunciar para

cada paquete a chegada do pessoal technico e material para a construcção. Sempre que uma nuvemsinha de fumo á tona d'agua annunciava um vapor demandando a barra, a praia enchia-se de hospedeiros sem hospedes, de negociantes sem negocio, que perguntavam anciosos: *Será agora?* E não era nunca. Mas não havia demora, nem decepção, nem prejuizo, nem sacrificio, que afugentasse e descoroasse a *Esperança* a bôa fada que, sósinha, presidiu á nascença da Beira e lhe dictou os destinos! Não chegava nunca a linha ferrea; n'uma bella manhã de julho, chegára a bordo d'um vapor inglez a *Companhia de Moçambique*, a nova, que representada pelo seu governador, ia tomar posse dos territorios dos antigos districtos de Sofala e Manica até o Save. Inaugurava-se uma nova era para esses territorios e para a Beira sua capital.

Até ahi e a contar da data dos seus desastres em Mutassa e Macequece, essa companhia, phenix renascida de cinzas inglorias, não dera signal de vida activa no meio dos emprehendimentos e das aventuras que no litoral e no interior promettiam, cumprindo pouco, revolver até as infimas camadas a terra que lhe fôra destinada para dominio; conservara-se primeiro de braços crusados, e por fim nem braços tinha já. No meiado de 1893 ainda vendia generos de mercearia ao balcão em Neves Ferreira e na margem do Chiveve, e quem passava pelo arruamento principal da Beira, entrevia pela porta aberta d'uma modesta casa de mataca situada perto do commando militar, um engenheiro francês pago por ella, com o vermelho nariz pendente sobre o papel-tela em que desenhava planos da linha ferrea, estudados a bussola e pedómetro.

Tambem n'esse tempo constava que ella tinha em Africa um administrador pomposo que de quando em quando se movia através do sertão no meio d'uma caravana pitoresca, sultanesca. Ultimamente, porém, estes mesmos funccionarios, o famigerado Madeira, as tendas, tudo desapparecera ou fechara as portas e a unica cousa da Companhia que ainda bolia era uma grande bandeira com um *C* e um *M* estampados nas côres nacionaes, que aos domingos e dias de festa ondulava, se havia aragem, n'um tope d'um alteroso mastro aprumado na margem direita do Chiveve. Os que na outra margem trabalhavam e lutavam mal sabiam que bandeira era aquella que parecia estar amarrada a uma corda.

D'este retrahimento, d'este abandono de facto das antigas concessões, saiu abruptamente a Companhia para tomar posse das concessões novas, gritando ás iniciativas que realmente haviam creado a Beira, que se arredassem porque tudo aquillo era d'ella. E o proprio Estado se arredou, até da parte do dominio e do campo d'acção que para si reservara expressamente.

Foi uma arrojada aventura este apossamento. A Companhia, que era obrigada pela sua lei constitucional originaria a dotar-se com um capital de 4:500 contos de réis, firmemente subscripto e realizavel, afoutou-se a assumir os encargos e responsabilidades de administração e exploração, da defesa e policia, do grangeio material e da cultura moral d'um territorio em que caberiam á larga alguns Estados da Europa, dispondo unicamente da quantia de 12 mil libras, jogada por um pequeno grupo de accionistas da Companhia antiga, engodados na desforra das perdas já soffridas. Fóra d'essa quantia só contava com a *esperança*, a mesma moeda com que a maioria dos commerciantes da Beira saldavam annualmente as suas contas de ganhos e perdas!

Esses 54 contos de réis chegaram-lhe para pouco mais do que contractar um nucleo de pessoal administrativo e pagar-lhes as passagens, e é de crêr que esse pessoal levasse instrucções para viver do paiz como um exercito invasor, que tivesse queimado atrás de si os navios.

Governador, empregados superiores, chefes e praças d'um futuro corpo policial, nada levavam comsigo para installarem os complexos serviços creados já no papel, e nada encontraram para os receber. Desembarcados na Beira, foram bater á porta do governador, e iam-n'o endoudecendo com pedidos e requisições. Venham casas para as repartições sr. Alpoim! Camas que esta gente não ha de dormir na arêa! São precisas espingardas para os soldados! Papel para os amanuenses, que não têem em que escrever! Faz favor de nos arranjar candieiros para os aquartelamentos? Ha por lá uma corneta, visto que o corneteiro não sabe dar os signaes mettendo as mãos na bocca? Ceda-nos embarcações, arranje-nos loiças, ponha para aqui madeiras e lonas, roupas e medicamentos, agulhas e alfinetes! Pois não, dizia-lhes o Alpoim, mas pagassem o que levavam! não temos dinheiro; respondiam. Obriguem-se ao menos, a embolsarem o Estado do valor dos objectos que d'elle receberem! propunha o pobre homem empenhado na defesa das receitas e do material que tão laboriosamente creára ou reunira, para sustentação e goso da futura intendencia da Beira. Não estamos autorizados a tomar compromissos em nome da Companhia! volviam-lhe. Esteve a pono de se aze-

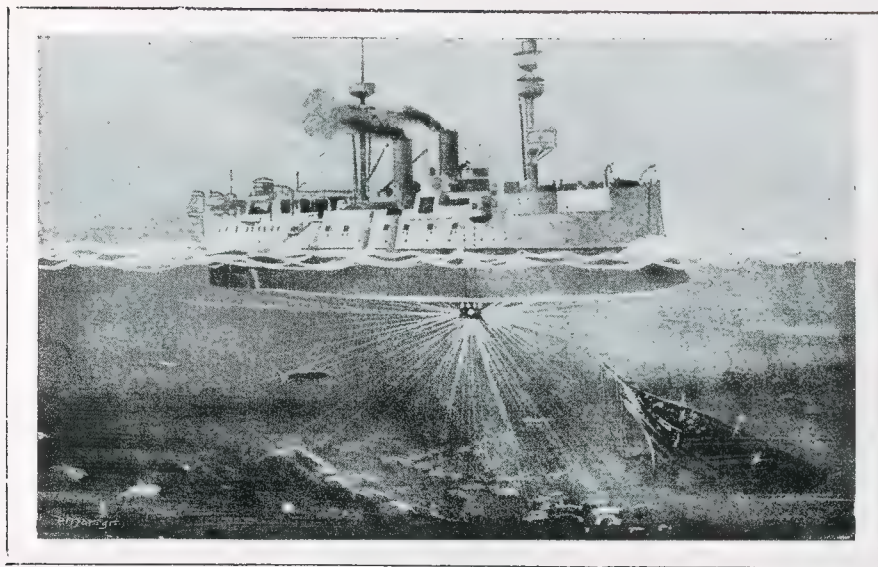
dar a contenda, porque as ordens e instrucções de Lisboa eram pouco claras, mas afinal os novos dominadores obtiveram, sem desembolso, os mais indispensaveis recursos para a installação do seu dominio, tendo tomado posse das alfandegas, e usurpado ao municipio o direito de cobrar taxas de licenças para o exercicio do commercio e industria.

. . . .

(Termina aqui o manuscripto d'esta parte do livro de viagens do primoroso escriptor e illustre homem de estado que foi o fallecido Antonio Ennes.)

SCENA DE VINDIMA

Quadro de J. Frappa

Passava-se o caso no seculo XVII. Chegada a época das vindimas, os bons frades rodeavam o abbade Dom Perignon, que era cego, mas de paladar finissimo, e traziam-lhe os cestos d'uvas que elle provava e distinguia nas diversas applicações; por isso era afamada a garrafeira do convento.

Um navio munido do hydroscopio, apparelho optico que permitte vêr reflectida, sobre um «écran» no convés, a imagem dos objectos a grande profundidade e em todas as direcções, através das aguas do mar.

A nova exploração dos thesouros do mar

AS INVENÇÕES DE GIUSEPPE PINO

O desconfiado preconceito humano appellidaria de magicas interferencias o maravilhoso de certas descobertas, com que o engenho e a arte dos estudiosos deslumbram, dia a dia, a curiosidade insaciavel do mundo, se, á força de repetidas e de renovadas, não fosse hoje tido por banal, simples e possivel, a mais singular, complexa e inacreditavel invenção. Pertencem a este genero os recentes inventos de que o artigo seguinte dá summaria resenha, os quaes abrem á investigação scientifica e á ambição humana os mais amplos campos de cultivo e de estudo.

PINO, engenheiro de Genova, possue hoje o estranho poder de revelar todos os segredos do mar — descobrir todos os thesouros que elle conserva escondidos, e, não só encontral-os, mas apoderar-se d'elles. E porquê? Por que Pino inventou e fez construir dois apparelhos maravilhosos: — um, o *hydroscopio* que lhe dá a possibilidade de vêr através da espessura das aguas e de examinar o fundo do mar, tão facilmente como podemos examinar uma paisagem através d'um telescopio; — o outro, o *levantador*, que lhe fornece os meios de levantar qualquer objecto do fundo do oceano.

Não será exaggero affirmar-se que este moço engenheiro italiano, cujo trabalho já mereceu a admiração, e, parece, a approvação dos governos d'Italia e da Grecia, a attenção curiosa do imperador da Allemanha, a cooperação pratica do almirantado britannico, e de numerosos e importantes constructores de navios, de companhias de salvação e de pescaria, é um dos maiores espiritos inventivos da presente época.

E' bem conhecido o submarino de Pino, que foi cabalmente experimentado no golfo de Genova. N'este momento dedica-se com toda a energia da sua vontade indomavel a introduzir no mundo o *hydroscopio* e o *levantador*. Imagina-se facilmente o valor d'estas invenções, e a largueza das suas consequencias.

Em primeiro lugar, — e sob este ponto de vista excita fortemente a imaginativa de romance— permitte encontrar e recuperar numerosos thesouros que se perderam no mar — obras d'arte, navios carregados de ouro, cargas valiosas de todos os generos. Depois significa que os capitães de navios, em viagem, podem vêr os rochedos ou bancos de arêa quando naveguem em aguas traiçoeiras ou desconhecidas. Com o auxilio do *hydroscopio*, as companhias de salvados podem descobrir os navios submergidos; os exploradores oceanographicos podem desenhar mappas exactos da terra por baixo das ondas; as companhias de telegraphos submarinos podem vêr onde estão deitados os seus cabos e fiscalizar-lhe o estado, as fracturas, o lugar preciso dos estragos; commandantes dos navios de guerra podem aperceber-se da approximação furtiva dos submarinos ou dos torpedeiros; ao mesmo tempo que qualquer póde pesquizar coraes, perolas, esponjas, ou examinar a mineralogia do leito do mar.

Talvez, porém, uma das mais importantes applicações do *hydroscopio* seja á pesca do alto mar. Já muitas companhias piscatorias da Allemanha, Suecia e Hollanda —e das de melhor credito—teem pedido os direitos da invenção de Pino, inteiramente convencidos de que, com o auxilio do novo apparelho, se devem pescar centenas de peixes do alto mar, tão facilmente que se tornará o alimento universal e o mais barato.

GIUSEPPE PINO
Inventor

Com um *hydroscopio* applicado aos barcos de pesca, o patrão nunca arremessará as redes para onde não haja peixes; por outro lado poderá escolher o melhor chão para pesca. O capitão de navio de pesca do futuro hade navegar, com os olhos collados ao pedaço de vidro do hydroscopio, ou conservar o olhar attento sobre a imagem do leito do mar, projectada pelo hydroscopio n'um anteparo ou *écran*. Depois as redes poderão ser deitadas com segurança de forma a circumdar os cardumes, e se aquellas multidões se deslocarem, antes das rêdes estarem promptas, o pescador póde seguir os seus movimentos e apprehendel-os infallivelmente.

A idéa de um instrumento com o qual podesse vêr as maravilhas do fundo dos mares e tudo quanto elle encerra, acompanhou a a imaginação de Pino desde a sua mocidade. Foi sempre apaixonadamente dedicado á vida do mar.

Pino tem trinta annos de idade — baixo, forte, acbellos e bigodes louros, olhos pardos. Nasceu em Chiampo. Tendo-lhe morrido os paes, quando ainda era rapaz muito novo ficou ao cuidado dos irmãos, que sempre consideraram as idéas d'elle como sonhos vagos, senão loucos. Tentaram dissuadil-o dos seus incessantes pensamentos de invenções prodigiosas. Comprehenderam-n'o tão mal que Pino decidiu-se a tomar posse do seu modesto capital e abandonar a casa. Desappareceu, e a familia, desde essa occasião, nada mais soube do activo engenheiro. Ouviram mais tarde os éccos de sua fama e gloria.

O moço Pino dedicou-se ao seu estudo predilecto. Em breve dispendeu com as experiencias a pequena herança, e foi obrigado a tornar-se operario, encontrando emprego na Real Fabrica de pão em Genova. Deve dizer-se que foi sempre um fraco operario; pois passava a maior parte do seu tempo, desenhando em bocados de papel, calculando, sonhando.

O director da fabrica sr. Kunl, chamou Pino um dia, e perguntou-lhe:

— Que desenhos são esses que você está sempre fazendo, Pino?

— São desenhos para um barco submarino que poderá descer trezentos metros. Como sabe, não ha nenhum barco que desça tão fundo, mas este podel-o-ha fazer e navegar por baixo da superficie tão facilmente como á tona da agua — e continuou, continuou n'uma exposição convicta e incessante, que excitou a curiosidade do director.

Homem intelligente depressa se couvenceu do merito de Pino. Tão grande foi a sua confiança que o dispensou das suas obrigações de operario, apresentou os planos d'elle a financeiros, de seu bolso lhe emprestou dinheiro com o qual podesse organizar uma nova companhia de salvamentos, ficando Pino seu director. Obtidos os fundos para a construcção do primeiro submarino, a este trabalho Pino dedicou todas as energias dos seus vinte e quatro annos. Tem realizado desde então centenas de submersões no seu submarino a differentes profundidades, estudando o fundo do Mediterraneo, de que tem dado curiosa descripção.

— São excentricamente bellas as aguas d'este mar—diz elle—ha lugares de formidaveis rochedos, outros de phantastica vegetação e aqui e acolá myriades de flores que parecem peixes, e peixes e moluscos que parecem flores! A fauna varia consoante as camadas d'agua. A vinte metros de profundidade

os peixes são muito differentes dos que estão a cem metros. A certa profundidade os peixes são tão abundantes que formam cardumes muito bastos, e no seu movimento semêlham folhas de uma floresta na época de exuberante vegetação.

Pino tem reunido uma enorme somma de informações com o auxilio do seu submarino. E quanto mais estudava mais se convencia que havia de ser possivel construir-se um instrumento que permittisse a qualquer observador, na superficie, reconhecer a profundidade dos mares. Dentro de dois annos dos seus primeiros e mais arduos trabalhos, o *hydroscopio* estava inventado.

Parece ser bastante simples este admiravel instrumento. Tanto quanto se pode vêr, porque por emquanto permanece em segredo do constructor, consiste n'um comprido tubo, com differentes instrumentos opticos na extremidade. Está dentro o segredo do instrumento — o mechanismo que consegue reflectir os objectos collocados a qualquer profundidade da agua.

Estatua levantada nas costas da Grecia e submersa ha 2:000 annos

Quando o instrumento se adapta a um navio, as imagens das aguas e das cousas, que n'estas se encontram, podem ser reflectidas n'um transparente ou *écran* no convés, de forma que todos podem ver o que que se passa na agua a grande profundidade. Portanto o *hydroscopio*, d'entre os seus menores beneficios, dará um novo divertimento aos viajantes nas longas travessias dos oceanos. Além d'isso, o instrumento póde ser regulado de forma que reflicta não só os objectos collocados abaixo d'elle, mas tambem os que estão em redor e por cima, facilitando ao capitão d'um navio relancear a vista sobre a quilha do seu barco, e de a examinar no caso de accidente, sem interromper a viagem.

O engenheiro Pino confia em que o seu nstrumento tenha bastante alcance para facultar o exame a grandes profundidades. Para estes casos o apparelho dispôe de lampadas electricas, de novo invento que vêm auxiliar a reflexão dos objectos que se examinam.

Pino já tem trazido para a luz do dia objectos que o mar tem guardado por mais de dois mil annos nas costas da Grecia — e isto é uma prova frisante de que os thesouros de todas as épocas se podem colher do leito do mar. Devemo-nos recordar de que os mais valentes mergulhadores não descem além de trinta metros no mar — e portanto é uma colheita virgem e rica a que Pino se propôe realizar com o seu *hydroscopio* e com o seu *levantador*.

Pino entrou agora em negociações com o governo da Grecia para recuperar, a alto preço, todos os outros thesouros que se possam encontrar no mesmo ponto, onde innumeras estatuas e preciosos objectos d'arte se sabe terem sido submergidos, depois de uma batalha. Quem segue os acontecimentos politicos da Grecia, recordar-se-ha da grande e recente discussão, concernente a este contracto, havida no parlamento hellenico e que durou vinte dias de debates.

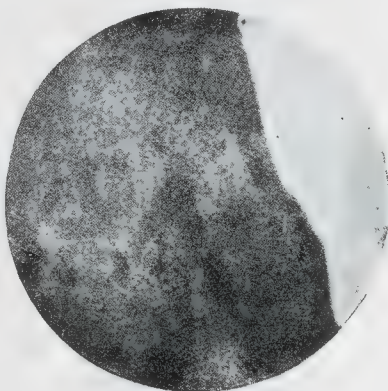
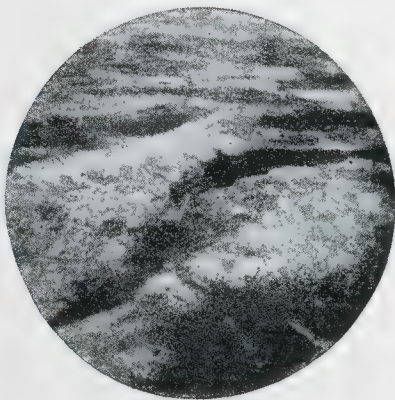
A primeira experiencia publica do primeiro *hydroscopio* de Pino, deu-se a 25 de janeiro ultimo em Portofino. O ministro da marinha italiana, o qual, como o rei d'Italia, tem demonstrado vivo interesse pelos inventos de Pino, pôz á sua disposição o torpedeiro 102 S, e delegou varios officiaes da armada para exame minucioso do caso.

O *hydroscopio* foi fixado ao barco de forma a poder reflectir no convés sobre um *écran* qualquer imagem dos objectos do mar que viessem em seu percurso. A experiencia durou longas horas com excellente exito. Viram o fundo do mar tão claramente como se não houvesse agua de permeio. Viram rochedos, pedras, conchas, peixes nadando em bandos, e toda a excentrica paizagem submarina se desenvolveu perante os olhos maravilhados dos assistentes. D'esta experiencia lavrou-se um auto, devidamente legalizado, onde se testemunha de maneira clara que todos os assistentes no barco torpedeiro viram distinctamente todos os objectos da agua por baixo da quilha, fixos, cahidos ou mechendo-se, nas suas formas naturaes, côres e posições.

Projecta-se a fundação d'uma companhia, com ramos em Nova York, Genova, Berlim, e Londres, para adquirir os direitos de invenção.

O *levantador* de Pino é tão admiravel apparelho como o *hydroscopio*. Numerosas teem sido as tentativas dos inventores para a construcção d'um perfeito elevador de navios submergidos, e tanto que nos ultimos quarenta annos teem sido apresentados tres a quatro mil projectos diversos. Mas nenhum conseguiu verdadeiro exito.

As estatisticas de naufragios demonstram a

grandeza das fortunas submergidas e que esperam a intervenção dos inventos de Pino, se outra applicação não tiverem senão a de elevar barcos que se afundem mez a mez. Em termo medio, 180 navios de mais de 500 toneladas, submergem-se mensalmente. Em fevereiro d'este anno não menos de 663 navios naufragaram e só um se salvou. O valor de cada navio perdido, com mais de 500 toneladas, incluindo a carga, sobe a centenas de milhares de libras, sendo a carga, de certo, de muito mais valor que o proprio casco. Portanto nunca deverá faltar trabalho ao *hydroscopio* na descoberta de navios afundados ou ao elevador para os levantar. O apparelho, que faz parte do barco submarino, foi experimentado no Golpho de Genova, levantando, com grande rapidez, da profundidade de 90 metros um navio afundado. Não são conhecidos do publico ainda os promenores descriptivos do apparelho, que se compõe d'um certo numero de braços metallicos, movendo-se em todos os sentidos, circumdando e envolvendo, como um polvo, o casco submergido. As excellentes condições do submarino de Pino facilitam a execução do trabalho, visto que este barco mede tres metros de diametro, trabalha a grandes profundidades, immobiliza-se debaixo d'agua quando se quer, sobe e desce com velocidade de 3,5 metros por segundo, e comporta a permanencia de dois homens durante doze horas sem necessidade de renovação do ar. Repetem-se actualmente experiencias mais completas em Inglaterra e o almirantado britannico contratou a extracção do thesouro que se perdeu no naufragio do *Black Prince*, cujo valor se calcula em 40 milhões de libras sterlinas. E quantos thesouros a historia das nações conta terem-se sepultado no seio das aguas avaras, que o *hydroscopio* de Pino irá illuminar n'uma area de 1.500 metros nos seus mais intimos recessos, e que o *levantador* submarino irá buscar áquelles cofres mysteriosos!

Photographia obtida pelo hydroscopio d'uma ravina do Portofino, Italia

Photographia obtida pelo hydroscopio do fundo do mar Mediterraneo

As Estradas do Mundo

Constitue o seguinte artigo, subordinado ao mesmo assumpto, o terceiro que se occupa dos vastos problemas geographicos e politicos do Continente negro, preparando com a descripção summaria do solo, da distribuição das raças pelas regiões naturaes e dos movimentos d'aquellas sob influencias estranhas, o estudo da marcha da civilização n'esta parte do globo para onde teem convergido modernamente as ambições e os interesses das grandes potencias.

PROBLEMAS DA AFRICA

Summario. — IMMIGRAÇÕES PRIMITIVAS. — INFLUENCIA DOS POVOS ASIATICOS. — RESULTADOS DIVERSOS NAS REGIÕES NORTE ORIENTAES DO CONTINENTE. — A CIVILIZAÇÃO EGYPCIA

DESCRIPTA a largos traços a morphologia da Africa e muito summariamente a sua distribuição ethnica, torna-se indispensavel indicar as principaes phases por que tem passado a civilização em algumas das regiões do Continente. Os factos da primitiva historia africana esclarecem a these, que vamos sustentando, da interdependencia entre as condições do *meio regional* e o desenvolvimento, consoante a categoria das raças, que experimentam collectivamente os povos em todas as suas manifestações politicas e economicas.

Muito antes do começo das nossas descobertas, quando a invasão dos povos europeus se limitava unicamente, desde os tempos pre e anti-historicos, á facha septentrional banhada pelo Mediterraneo, algumas das regiões da Africa tinham já soffrido a invasão dos povos do Oriente. A nesga oriental do triangulo africano, mais exposta, pela sua proximidade da Asia, a essas invasões, havia recebido, desde o Egypto até a Rhodesia, a immigração dos povos da Asia actual. Pelo Mar Vermelho, por varios pontos hoje cobertos de agua, a passagem fizera-se gradual e vagarosamente. Entre a Africa e o Hindustão,—triangulos que geologicamente se continuam, — e através do maciço montanhoso que constitue todo o occidente asiatico, a communicação, embora dif-

ficil, permittiu, na propria lentidão com que os immigrantes venciam os obstaculos naturaes, uma absoluta segurança e uma progressiva adaptação aos novos meios geographicos que os invasores iam successivamente encontrando. As tradições, até hoje recolhidas, dos povos que marginam o Oceano Indico e o Golfo Arabico não indicam, nos seus mythos, que as migrações soffressem obstaculos diversos dos que a propria natureza ía, segundo as regiões, apresentando aos invasores. Estes espalharam-se lentamente, escolhendo os caminhos de menor resistencia e avançaram mais ou menos, conforme o seu estado social e o grau da sua cultura.

Por esta marcha lenta, e sem grandes resistencias dos agrupamentos ethnicos considerados autochtonos, os representantes das raças asiaticas fizeram recuar para o occidente os negros, que habitavam, desde os primitivos tempos, a zona invadida. Sem grandes invasões theatraes, a influencia dos povos da Asia espalhou-se, firmando-se progressivamente, e de todo o occidente asiatico as raças principaes formaram na facha norte-oriental da Africa uma camada mandante e aristocratica. Sobre um sub-solo de raças negras assentaram aspectos diversos de uma civilização hamito-semita. Assim o Egypto, onde o elemento indigena se foi a pouco e pouco minguando em numero e em importancia; assim no reino do Prestes João, a antiga Ethiopia, onde os immigrantes, por serem talvez em numero menos elevado e não se acharem em contacto com a cultura já a esse tempo manifestada no Mediterraneo oriental, não conseguiram realizar uma civilização analoga á que floriu no Delta. Toda a costa oriental, do Guardafui a Sofala, dominada pelos sultões da Arabia e das margens do Golfo Persico e em relações commerciaes frequentes com os povos da peninsula indiana, revelava esse alastramento dos immigrantes vindos da Asia sobre o oriente africano. E ainda no interior, quer na Região dos Lagos, na actual Rhodesia e em varios pontos da nossa colonia de Moçambique, o sangue hamito-semita não deixou de se firmar ethnicamente puro, ou em cruzamentos com os indigenas. Ainda hoje as ruinas espalhadas pelos antigos dominios do Monomotapa e na Africa oriental allemã traduzem o alcance d'essas primitivas invasões de uma ou mais raças estranhas ao Continente.

D'estas invasões surgiram sociedades polymorphas, não só pela sua origem ethnica, como pelas caracteristicas que distinguiam as regiões onde os immigrantes se fixaram. Ao norte, no Baixo e Medio Egypto, na collectividade que produziu uma civilização, esse polymorphismo foi menos accentuado. O sub-solo humano primitivo não influiu n'ella. Mais para o sul, na Alta Nubia, por circumstancias especiaes ao solo, os agrupamentos não passaram de pequenas tribus errantes. Na Ethiopia, por condições proprias ao seu turbilhão orographico, essas collectividades organizaram-se mais lassamente, de sorte a permittirem unicamente a constituição de pequenos estados não de todo protegidos por uma hierarchia social necessaria. E ainda mais nas regiões meridionaes, onde o elemento indigena muito difficilmente poderia ser repellido,—não só porque seria escasso o numero dos invasores, mas tambem por não serem favoraveis as condições do meio geographico,—a influencia do elemento invasor diluiu-se pela massa indigena, espalhando crenças, linguas e costumes que promoveram o estado actual da Africa oriental.

No Egypto, em contacto com as civilizações vizinhas dos povos affins, com as tradições recentes da civilização mediterraneana que precedeu a cultura grega, os hamito-semitas, collocados em uma região com caracteres definidos e inconfundiveis, repelliram facilmente os habitantes primitivos da zona nilotica. Separados, por desertos, da antiga Lybia e da Alta Nubia, o Nilo, n'esse tempo mais farto em suas cheias, era o unico caminho entre o Delta e os paizes desconhecidos do sul. A proximidade dos povos affins pelo estado social e pela origem ethnica contribuiu efficazmente para a constituição de uma cultura propriamente local, que foi sempre bloqueada pelas estepes e cuja acção não se fez sentir nos restantes fragmentos da Africa que tinham recebido os immigrantes da mesma estirpe ethnica.

O nordeste africano é, tanto pelos seus caracteres sociaes, como pela sua historia, antes uma zona do extremo occidental da Asia do que uma região propriamente africana. A civilização, que adquiriu, isolou-se dentro de estreitos limites e a sua influencia *mundial*, d'esse tempo, pouco se propagou para fóra do Continente. Na estrada do Nilo chegou unicamente ás cataractas. Para alem, no actual Sudan egypcio, onde tribus affins se haviam fixado, vindas do oriente, a supremacia egypcia — e essa muito contestada — só tarde, e já em épocas modernas, poude ser em parte affirmada. Da antiga civilização dos Pharaós, da época grandiosa que construiu os grandes templos que bordam o Nilo até á ilha do Philoe, não se reflectiram os effeitos nem se propagaram os resultados pelas regiões contiguas, apesar da curta distancia a que se encontravam das maravilhas do Baixo e Medio Nilo as populações da Nubia, da Abyssinia e do Sudan.

Os hamitas da Nubia cruzaram-se com os negros, e, ora fortemente mestiçados, ora mais ou menos puros, espalharam-se, mercê das condições regionaes, até os contrafortes septentrionaes do maciço abexim, e ao occidente, atravessando a grande curva do Nilo, pelas vastas planicies que se prolongam até ao Sudan Central. Toda a immensa zona do Continente que vae do Atlantico até o Deserto da Nubia é a continuação africana dos desertos e estepes que da Arabia se seguem até o Altai e o Gobi. O Nilo corta do sul ao norte a facha oriental; mas, para alem das suas duas margens, onde não chegam as cheias periodicas, a terra não offerece condições de vida. A's planicies de arêa succedem-se outras planicies e só de longe em longe um pequeno recanto do immenso deserto, um ou outro oasis, quebra a monotonia das centenas de leguas queimadas por um sol ardentissimo.

Eram assim diversas das do Egypto as condições que cercavam os hamitas da Nubia. Sólo sem promessas, limpo de rios que chamam a vegetação, terra castigada como por um sopro da morte, a vida das multidões não poderia organizar-se em fortes collectividades. Nenhum estado politico seria viavel dentro d'esses limites naturaes; nenhuma civilização com caracteres proprios, distinctos, ganharia raizes ou surgiria sobre um sub-solo humano, esparso e inferior, e não tendo a sustental-o um meio physico apropriado. As planicies sem horisonte convidam á vida errante. Os oasis semeados pelo deserto são centros de attracção dos bandos, que tambem, periodicamente, os procuram e os deixam com o crescer e o minguar dos meios de nutrição que n'esses pequenos paraisos a natureza tenta conservar. Desde o nascer do sol até a hora em que se some no occaso, depois de estar em brasa a atmosphera e o solo, o deserto é sempre o mesmo, monotono e triste. As populações que o percorrem traduzem, no seu aspecto, um estado d'alma similhante. Sombrias, desconfiadas, habituadas tradicionalmente a um desconforto permanente; longe do mundo, estranhas ás ambições que fazem imperios, a sua vida limita-se a pouco, as suas tendencias reduzem-se a percorrer sem embaraços o immenso lençol de arêa e de rochas, sobre o qual não florece a vida das plantas e sobre o qual tambem não permittem que ninguem lhes vá recusar o direito á existencia.

Entre o Alto Nilo,—antes dos affluentes que transportam o humus das montanhas da Abyssinia e do Paiz dos Gallas,—e o Egypto dos tempos historicos, essa zona abrasada não facilita a constituição de centros de povoamento. As populações movem-se ao sabor dos estimulos occasionaes ou por uma tradição que as conserva tambem improductivas, n'um fatalismo enervante, n'um quietismo social que nenhum influxo estranho consegue vencer. Entre as tribus nomadas do deserto da Nubia e Sudan Oriental e as populações que no antigo Egypto fizeram a civilização mais brilhante e original dos tempos remotos, se não ha fundas differenças ethnicas, encontram-se, na sua organização social, em todo o seu dynamismo, tantos e tão pronunciados antagonismos, que as duas zonas proximas do nordeste africano são, no ponto de vista da civilização, absolutamente diversas!

Em toda a Ethiopia os resultados não se assemelham aos que se registam no Egypto e na Nubia. Do Tigre á Região dos Lagos, do Tana aos confins da Somalilandia formam-se pequenos sultanatos. O hamita funde-se com o negro e altera-se ainda mais pelos cruzamentos repetidos com os Arabes do Continente fronteiro. Todo esse vasto triangulo, ladeado ao norte e leste pelo Mar Vermelho e pelo Mar das Indias e limitado ao occidente pelos declives que vão bruscamente morrer no Valle do Nilo, é uma zona orographica revolta e inclassificavel. Como se os movimentos tectonicos vindos do occidente tivessem amontoado em turbilhão uma immensa massa de terra de encontro ao oceano, a velha Ethiopia compõe-se de pequenas regiões fechadas por corôas de montanhas, que permittem a organização de estados rudimentares construidos por populações não homogeneas. E' só mais tarde que esses pequenos regulos se congregam, se juntam, sem que essa união traduza a existencia de um estado solidamente edificado. Sem passagem facil para o mar, como isolados no cume de um immenso bloco, onde o clima é aspero, as communicações difficilimas, rude a natureza, a vida social estagnou-se, e os hamitas primitivos, inquinados do sangue indigena, só conseguiram da civilização um simples arremedo e da cultura dos outros povos, unicamente o que ella mostra de inferior e rudimentar.

Quem analysa detidamente a longa facha norte-oriental do Continente africano não pode deixar de se impressionar com esta variedade de quadros que regiões vizinhas offerecem ao nosso exame. Um estado regularmente organizado e uma civilização notavel no Baixo Nilo; tribus errantes, de organização ethnica analoga, em estado social primitivo, alguns graus mais ao sul; pequenos centros de constituição politica, sem cultura que saia das fronteiras de uma inferioridade manifesta, ainda mais ao sul. E á medida que nos ap-

proximamos do equador e que nos distanciamos do occidente asiatico, as raças negras conservam-se gradualmente mais numerosas e o elemento ethnico oriental só se apresenta como um simples extracto superior, que raras vezes se impõe n'uma organização politica.

O typo intellectual hamito-semita manifesta-se d'este modo pronunciadamente polymorpho. No Egypto consegue porém vencer o sub-solo humano primitivo e as condições regionaes, geographicas, facilitam a sua autonomia. Ganha d'este modo uma individualidade social e não soffre, pela expulsão do elemento indigena, a influencia deprimente de uma raça inferior. Realizam-se, é certo, fartos cruzamentos, mas estes só servem de supporte a uma civilização que é edificada inteiramente pela raça mais graduada.

Nos desertos nubio-sudanezes, nem as condições naturaes são propicias nem a exclusão da massa indigena pode ser obtida. E' uma população mestiça, cujas crenças se confundem, cujos dialectos não se equivalem pela perfeição. E' uma mistura de homens que, aos acasos da sorte, por estimulos que surgem na occasião, se confluem ou se dispersam, sem que da sua união fortuita resulte um progresso moral ou uma melhoria no estado d'essas sociedades. Na zona ethiopica, as condições regionaes, de uma aspereza notavel, preparam o caracter. O typo intellectual é diverso. Audaz e guerreiro, consciente das defesas que o protegem, é indomavel. Esses pequenos estados foram sempre rebeldes ao dominio alheio. Ciosos da sua liberdade, não conhecendo o mundo alem das fronteiras naturaes que os cercam, a sua indole é pouco adaptavel e o seu caracter não se modifica nem melhora porque não tem a alizal-o, a fazêl-o progredir, o contacto frequente com uma cultura superior. Foram sempre assim os habitantes da velha Ethiopia e ainda hoje conservam essa feição peculiar á sua energia, que os torna tão diversos das tribus errantes nubio-sudanezes e do fellah paciente e scismador do Baixo Nilo.

❁ ❁ ❁

Foi, como se vê, pelo oriente que o Continente africano, nos mais antigos periodos da humanidade, recebeu a influencia das civilizações; mas a invasão em Africa pelos povos superiores não se limita á facha norte-oriental. Todo o norte africano, de Marrocos ao Valle do Nilo soffre a immigração de varias raças estranhas ás populações propriamente negras. Ao norte de uma linha que liga o sultanato de Zanzibar ao Sahara occidental e Alta Senegambia observa-se a predominancia de typos sociaes diversos, consoante as regiões naturaes que particularizam a área norte-oriental do Continente. Seria difficil interpretar nos seus promenores a phase primitiva do povoamento de todo o norte africano. Houve com certeza uma ou mais raças negras. A invasão lenta e gradual dos immigrantes vindos da Europa e da Asia dispersou os indigenas, empurrando-os para o sul. Os *berberes*, typo mediterraneano, e os *arabes*, de origem evidentemente asiatica, assenhorearam-se do solo, e a pouco e pouco o elemento primitivo se foi annullando até chegar ao estado de inferioridade manifesta em que hoje se encontra.

Está ainda por fazer a historia dos povos europeus que invadiram a antiga Mauritania. Quanto á arabisação do norte africano, embora em duas ou tres épocas ella se fizesse sob a fórma de grandes exodos, parece-nos que a immigração principal, a que foi dominando pela acção constante da sua presença, se realizou ininterrompidamente desde os mais remotos periodos da humanidade. As investigações archeologicas, em pequeno numero feitas na Argelia e em Tunis, confirmam as suspeitas de que a cultura primitiva das duas modernas colonias francesas faz parte da civilização mediterraneana que precedeu a epopêa grega. A Mauritania septentrional não é, a nosso vêr, uma região propriamente africana. A sua historia, no passado, e os seus destinos, no futuro, estão ligados ao Mediterraneo. Ora em volta d'este, dissemos já, gravitam as questões economicas e politicas mais serias da civilização europêa e da politica mundial.

Como em toda a facha oriental, as condições regionaes influiram poderosamente sobre a organização politica e social dos povos que invadiram o Sahara e a Mauritania. Não se formou nenhum nucleo analogo ao do Egypto. A Carthago dos Phenicios e as capitaes marroquinas não se comparam com Alexandria, Thebas e Memphis. A cultura egypcia revela uma grandeza que em nenhum dos segmentos da Mauritania se consegue observar. A mistura de dois grupos ethnicos, berberes e arabes, com tendencias diversas, com religiões e crenças não poucas vezes antagonicas, habitos tradicionaes e costumes que se não harmonisam, imprimiu ao estado social d'essas agglomerações politicas uma feição peculiar que não se encontra no Baixo Nilo. Povos diversos, da Europa e das margens do Mediterraneo Levantino, trouxeram a sua cooperação n'essa luta formidavel que ainda se não apagou. D'esse conflicto ethnico, d'esse encontro de estados sociaes que se não harmonisam, surgiu na Mauritania e no Sahara do norte um agglomerado de populações que

bem tarde poderão chegar a um equilibrio. No Sahara, — prolongamento occidental da Nubia,— consoante as particularidades regionaes, assim o aspecto das suas collectividades humanas. Estas encontram-se, mais ou menos errantes, ladeando os caminhos commerciaes que communicam o Sudan com a Mauritania. São berberes nomadas em maior numero ; são arabes tambem, guerreiros e ferozes, que no sangue conservam, em tradição que se não extingue, a braveza do animo e a crueldade do caracter. Não teem um estado constituido ; são estranhos á civilisação. Possuem as qualidades e os defeitos dos seus mais remotos antepassados, dos que emigraram, em épocas primitivas, das estepes mortas da Arabia. Os berberes são, pelo contrario, mais adaptaveis, embora cruzados com os arabes, e já hoje em grande numero, adquiriram os seus defeitos. Constituem uma população esparsa, estendendo-se da Lybia aos confins de Marrocos. Não disse ainda a anthropologia o que elles são, e qual a sua verdadeira origem. Encontram-se em grande numero e o seu estado social distingue-os dos semitas emigrados da Arabia.

Como na zona oriental do Continente, os factores geographicos das regiões septentrionaes explicam a conformação social das populações que se estendem de leste a oeste em toda a Mauritania e no alto plató do Sahara. N'este as tribus se juntam principalmente onde o plató é habitavel. Pequenos nucleos no dorso montanhoso do Tibesti, nos oasis de Adrar e do Asben; em agglomerações mais consideraveis no Tuat, no Tafilet e no Fezzan. E pelo restante do Sahara, homens de raça egual e superior á que mandou e fez culto o antigo Egypto, vivem em bandos errantes, commerciantes sem credito, ascetas fanaticos, razziando as caravanas, sem nunca se organizarem, porque os caracteres do meio em que vivem e percorrem são contrarios ao apparecimento de uma collectividade politicamente constituida. Por mais brilhantes que possam ser as qualidades intellectuaes d'essas tribus vagabundas ; por mais rijo que se mostre o seu caracter, o meio, onde o acaso das migrações os conduziu, não consente a coordenação de tantos nucleos dispersos. A civilização é impossivel onde não ha conflicto de interesses ; não se formam centros de cultura e de intensa vida economica quando a natureza se nega a auxiliar o homem. Os oasis, dispersos por milhares de kilometros quadrados, significam os nucleos tambem dispersos de uma grande massa humana. Vivem estranhos uns aos outros; nenhum laço associativo os approxima, nenhum pôde vencer a barreira que a estepe morta offerece á passagem dos povos. Por isso, as tribus do Sahara, livres de percorrer espaços vastissimos que nunca serão o fim politico de um programma e unicamente a fortuita passagem de pequenas caravanas de commercio, não se adaptam ás leis das organizações sociaes bem constituidas. E'-lhes necessario o livre movimento através dos desertos, e por isso tambem não reconhecem como seu monarcha senão o ser impalpavel que adoram e que lhes faz conceber, como necessario e logico, um fatalismo que ninguem pode dominar e que é por isso uma immensa força.

No extremo nordeste da Africa, entre o Atlas e o Atlantico organiza-se um estado; mas durante os seculos passados toda a Mauritania soffre as mais fortes convulsões politicas e a barbaria nunca deixou de dominar em toda essa zona do Continente, feita de degraus successivos que sobem do mar até se perderem no immenso deserto que os margina ao sul. Em contacto com o Mar Latino, parecia natural que a mais bella das civilizações, que até hoje surgiu no mundo, suggerisse a esses povos que habitavam os desfiladeiros do Atlas uma larga comprehensão da vida. Tiveram, é certo, os arabes uma phase de cultura que influiu consideravelmente na Europa durante alguns seculos da Edade Media. A civilização da Mauritania deixou monumentos como Alhambra e fez em philosophia e em sciencias uma revolução salutar no espirito europeu absorvido pelas tendencias medievaes. No entanto, comparando a civilização egypcia com a do extremo occidente da Africa que mais intensamente se fez sentir na peninsula iberica, e tendo em vista o tempo que separa a primeira da segunda, é indubitavel que a cultura egypcia é muito mais completa, embora mais limitada a sua área de expansão.

A civilização arabe tem um aspecto revolto; caracterisa a feição guerreira e a politica de conquistas d'esses dominadores emigrados do oriente. Mas, se as hostes semitas trouxeram do seu paiz a tendencia bellicosa e grosseira que os fez crueis com os vencidos, a região em que dominaram contribuiu para essa feição politica que não poderia aclimar-se no Egypto, onde o Nilo é a unica riqueza e onde não ha montanhas que abriguem facilmente a ferocidade dos guerreiros. Perto do Sahara, onde podiam refugiar-se, protegidos pelas montanhas quasi inaccessiveis, a vizinhança dos povos cultos e progressivos não garantiu aos arabes a sequencia da sua civilização. Esta sumiu-se, e d'esses tempos de fastigio restam só a braveza de animo e o fanatismo sanguinario que os torna combatentes dos mais temidos.

D'este rapido esboço das regiões africanas, que tiveram, antes do periodo das descobertas maritimas, uma grande cultura nunca attingida pelas raças propriamente indigenas, se vê que foi pelas duas faces do Continente, expostas á Europa e á Asia, que a immigração dos homens se fez em larga escala. Ha porém a considerar que foi sempre a immigração de origem asiatica a que predominou nos destinos da Africa antiga. Dos povos da Europa, a excluirmos os *mediterraneanos*, cujo centro de formação se pode hypotheticamente determinar em volta da bacia occidental, no Mar Levantino, são poucos os vestigios que deixaram as raças do Norte. E' ainda hoje um problema anthropologico, difficil de resolver, essa distribuição ethnica no passado e as suas consequencias actuaes. Pelas altas planicies, cortadas aqui e acolá de fortes relevos que prendem as montanhas do noroeste ás do macisso abexim, sulcadas pelos invasores que, atravessando o Nilo, vinham até o Estreito de Gibraltar, se fez a ligação das tendencias e costumes dos povos barbaros da Arabia com as tribus barbaras, representantes da primeira camada humana superior que habitou o noroeste africano. Mas d'essa juncção das raças, que não se distanciavam consideravelmente pelos seus caracteres ethnicos, por condições proprias da zona em que se encontraram, não resultou uma organização politica estavel, que se transmittisse no tempo. O berbere, o cabyla actual, agricultor e sedentario, de habitos pacificos, ethnicamente superior, perdeu com a presença do elemento semita. Eram diversas as indoles, antagonicas as tradições e as crenças. E se d'este contacto alguma cousa se obteve, foi em prejuizo dos antigos habitantes, que á sua vez tinham expulso d'essas terras os negros primitivos.

Seria talvez agora a occasião de precisar a significação d'essas migrações partidas do Oriente. Não confiamos na doutrina que faz depender da Asia toda a primeira civilização européa. Não acceitamos a *miragem oriental*, segundo a expressão feliz de Salmon Reinach. A civilização européa fez-se com as raças da Europa. O aryanismo, doutrina classica, perdeu o valor que lhe consagraram Max Muller e os defensores da mesma hypothese. As chamadas *raças aryanas* são o resultado de uma concepção puramente doutrinaria, que factos anthropologicos, archeologicos e até linguisticos repellem modernamente. Com a autoridade de Penka, Tylor, Schrader, Reinach e tantos outros, a *miragem* sumiu-se, e a pre-historia confirma hoje a doutrina contraria, a que faz nascer das raças da Europa toda a historia d'esta parte do mundo.

Mas estas considerações, que nos abstemos de desenvolver largamente, poderão ser applicaveis á Africa? Os hamitas e os hamito-semitas seriam na verdade de origem asiatica? Os seus movimentos migratorios estarão perfeitamente authenticados?

Ha, n'este assumpto, duas ordens de problemas a indicar, uma de natureza geographica e outra ethnica. O Continente africano é, politicamente, distincto da Asia. Assim o considera a tradição e assim nos habituámos a estudal-o. Mas geologica e geographicamente pode ser diverso o criterio a acceitar. O *Nearer East*, como Hogarth chama á zona occidental da Asia, e na qual inclue o Baixo e o Medio Egypto e a estes se poderiam ainda juntar outras regiões proximas do Mar Vermelho, tem uma conformação especial. O Golfo Arabico é um accidente, um episodio dos movimentos tectonicos da mesma região. Não constitue uma nitida separação entre os dois continentes. A historia geologica da Arabia é contemporanea da da Nubia e de todo o relevo que se prolonga até á Abyssinia. A separação primitiva seria o sulco por onde deslizou o rio que se prolongava pelo Jordão e Mar Morto e cuja herança é hoje o Nilo. As oscillações da crusta teriam promovido a forma actual, e o apparecimento das aguas, galgando o estreito de Babel-Mandeb completaria a apparente separação entre a Asia e a Africa. Se uma noção restricta da geographia pode admittir que a facha norte-oriental, da Abyssinia ao Delta, constitue uma parte integrante do Continente africano, uma comprehensão mais ampla, fundada em documentos geologicos, poderá affirmar que a classificação scientifica vulgarmente seguida não traduz a verdade.

Não pretendemos enunciar este problema em todos os seus promenores. Acceitamos porém a hypothese de Hogarth, embora, em respeito á doutrina classica, nos sujeitemos ás expressões da geographia contemporanea. Eis porque não nos repugna suppôr como *asiaticas* as raças que fizeram a civilização do Egypto, embora nos pareça que geologica e ethnicamente este paiz, como as regiões meridionaes vizinhas, devam fazer parte do extremo occidental do continente proximo.

Analysando detidamente o *Nearer East* de Hogarth, reconhece-se que esta zona do velho continente, áparte alguns fragmentos da Europa que o auctor inclue na mesma designação, tem uma individualidade propria, que se manifesta pelos seus caracteres ethnicos como pelo seu aspecto geographico. Foi, provavelmente, um centro de formação da mas-

sa humana; não se confundindo com nenhum outro, afasta-se tambem geologicamente dos paizes não muito distantes em latitude e em longitude. A sua edade, a julgar pelos phenomenos indicados pelos especialistas e que esclarecem o passado d'essa vasta região, indica, em quasi todo os seus segmentos, uma regular uniformidade de origem e a mesma época de emersão.

© © ©

O Continente africano, dissemos já, é um bloco sem numerosos recortes que se transformassem em estradas de passagem dos invasores. As idéas, os sentimentos e as iniciativas precisam de caminhos naturaes, por onde possam communicar-se as populações, creando entre estas uma osmose que permitta uma troca de serviços e de interesses. Mas, de todas as faces da Africa são justamente as mais agrestes, menos transitaveis, as que foram invadidas pelos primeiros povos estranhos. Imperios gloriosos se haviam formado na vizinhança, civilizações brilhantes se haviam constituido entre as raças irmãs, e no entanto os povos que invadiram a Africa pelo nordeste não conseguiram, excluindo o Egypto, enxertar no solo africano as maravilhas do Golfo Persico, do Irak-Arabi, da Arabia feliz e do restante d'essa vasta zona de altitudes que se perde no Mediterraneo levantino.

O rebordo africano, desde o extremo meridional da Ethiopia até o golfo de Suez, torna difficilmente accessivel o valle do Nilo. Desde os tempos os mais remotos até hoje, toda essa facha foi considerada inabordavel a grandes massas humanas. Pelos seus estreitos valles, pelas suas planicies apertadas em turbilhões de terra queimada por um sol que enlouquece, a passagem é demorada. Em socalcos successivos, de uma aridez que estonteia a vista, o terreno não convida os immigrantes. Estes teem de caminhar, sempre á procura de mais conforto, sempre á espera que se abram os prados, que a dureza morta das montanhas archaicas se faça substituir por collinas cobertas de humus, de sedimentos que criam a vegetação. Das margens do Golfo arabico ao valle do Nilo e ainda mais para além, para o occidente, onde se desdobram os interminaveis lençoes de arêa, seria essa a miragem que perseguiria os primitivos invasores. Atravessando a Arabia deserta, as estepes da Syria meridional, á busca de pastos para o seu gado, de alimento e de melhor fortuna, os immigrantes só encontravam a imagem das terras da Asia d'onde haviam partido. Por isso, espalhanpo-se por esses milhares de kilometros ao norte do valle transversal que constitue o Sudan, procuraram os oasis, as pequenas regiões limitadas, onde a vida seria possivel. Não seguiram, na passagem para o Sahara e pela Nubia, uma estrada lisa de difficuldades, porque a não encontraram. A' resistencia offerecida pela fronteira africana contaram outras e ainda maiores á medida que iam avançando para o poente. O aspecto social das tribus hamitas e hamito-semitas que dominam em toda a larga zona norte-africana, da qual só se excluem o Egypto e a Mauritania, traduz a acção preponderante do meio geographico sobre a vida humana.

A antiga Mauritania não offerece mais faceis caminhos. Bloqueada ao sul pelas montanhas das mais escarpadas da terra e por um deserto sem limites certos, ao norte tem o mar que, em antigos tempos, castigando as altas arribas que vão do Atlantico, do cabo Bojador ao pontal de Tunis, não permittia senão com os maiores perigos a entrada dos homens da Europa. Do mar ás altitudes que fecham ao sul esta região natural, os degraus succedem-se e crescem ainda as resistencias naturaes. São estas que permittem ao imperio actual de Marrocos conservar-se archaico e barbaro á face da Europa, e foram ellas tambem que contribuiram para que a civilização arabe tivesse, como dissemos, uma feição revolta e não sympathica. O Sahara, prolangando-se em curva, do occidente aos contrafortes da Abyssinia; as arribas escarpadas protegendo a Mauritania e o nordeste africano de invasões faceis e frequentes, imprimiram ás populações de toda esta parte do Continente caracteres especiaes que as tornam inconfundiveis.

Abre uma excepção o Egypto, mas este teve a facilitar a sua cultura a linha do Nilo. E' a unica estrada natural, que mal começa agora a ser transitada e que no futuro será a grande arteria que ha de communicar a Europa com os centros mais ricos e mais productores da Africa. Áparte o Delta, onde o Egypto antigo mais se alargou, foi nas margens do rio que se levantaram as grandes maravilhas da sua civilização. De um e outro lado continuou mudo o deserto, e a civilização egypcia cingiu-se, na sua expansão, a limites estreitos, que os homens d'esse tempo não tinham meios de alargar.

As primeiras immigrações promoveram no Continente o afastamento, para o sul e para o occidente, das verdadeiras raças negras. O segmento norte-oriental foi invadido por homens superiores, estranhos provavelmente ao Continente. As regiões por onde se espalharam deram ao seu estado social uma organi-

zação peculiar. Nas suas migrações só o Nilo foi o caminho aberto, a estrada facil onde conseguiram edificar uma civilização. Eram diversas as condições de resistencia que então offereciam á natureza os povos invasores. Era a infancia da humanidade, incapaz de vencer os obstaculos naturaes, de dominar os continentes e os mares. Por isso falliram as energias ethnicas dos invasores onde a natureza não lhes sorriu com sympathia, e por isso tambem foi o Nilo a sublime força que facultou á humanidade a admiração das grandes maravilhas que ainda hoje traduzem os esplendores do tempo dos Pharaós.

SILVA TELLES.

A ALEGRIA DO VIVER

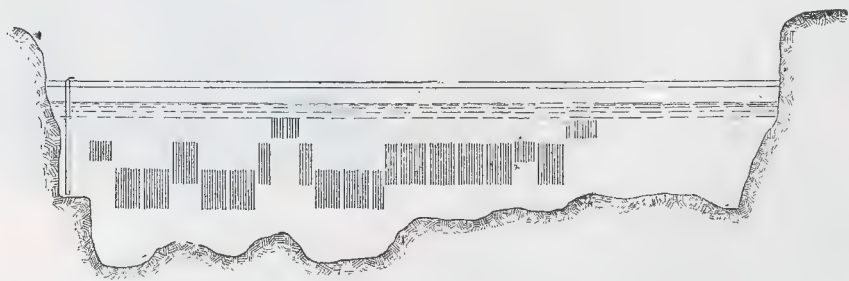
Uma bella [illegible] ! — Quadro de G. [illegible]

Vista da construcção das comportas no extremo occidental do dique

Utilização de forças naturaes

O DIQUE DO NILO EM ASSUAN

Ainda n'um dos ultimos numeros d'esta revista exemplificamos, com o aproveitamento da famosa queda do Niagara, a luta ingente e habil da intelligencia humana contra a bruteza natural, e mostramos como daquella fonte gigantesca, decorando a paisagem, dimana uma outra fonte, tambem prodigiosa, de energia electrica, beneficiando e animando na extensão de centenas de kilometros as regiões circumvizinhas. Agora trazemos para estas paginas uma outra e recente utilização das forças naturaes não menos poderosa e não menos benefica em seus resultados.

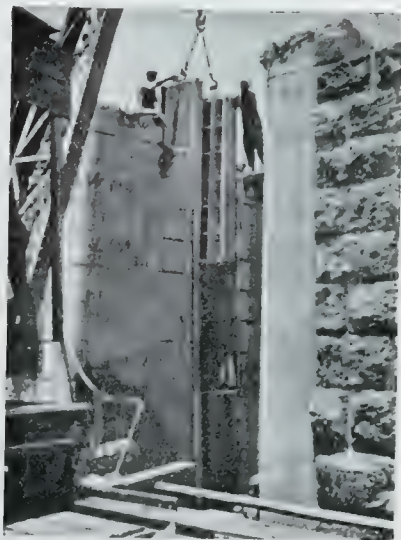
Consideraram-se, ha pouco, officialmente terminadas as obras do gigantesco dique do Nilo sobre a grande catarata, e começadas em 1899. N'este intento se dispendeu cerca de dois milhões de libras sterlinas. O dique destina-se a converter uma dilatação do leito do Nilo, em Assuan, n'um grande reservatorio, onde uma massa enorme das aguas será armazenada para uso, durante os mezes em que o Nilo

Corte longitudinal do Nilo, mostrando o dique e as comportas

baixa, de irrigação, muito particularmente no Medio e Baixo Egypto.

O comprimento do dique é de dois kilometros e meio approximadamente, estendendo-se em linha recta através do rio, unindo os duros bancos de saibro, que formam ali o valle do Nilo. A largura do dique na parte superior é de cerca de 7 metros e no fundo pouco mais ou menos de 24 metros, variando conforme a profundidade. A maxima altura do topo sobre o leito do rio, fixo e determinado, attinge 105 metros.

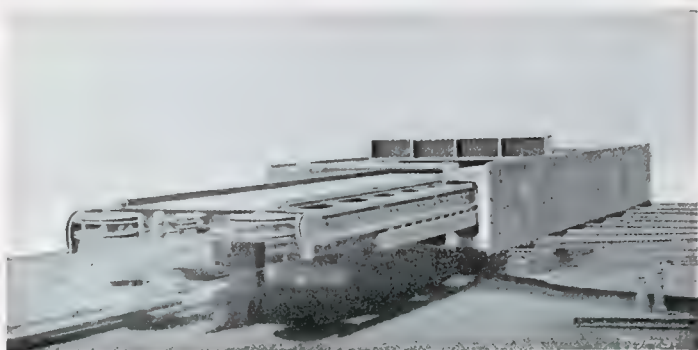
Chantiers de construcção em Assuan

O reservatorio assim formado pela represa das aguas estender-se-ha por uma superficie de 140 milhas acima do dique, e ha de representar uma capacidade armazenada de 1.165 milhões de metros cubicos. O dique é furado por 180 aberturas que são fechadas por comportas, e a área total das aberturas está calculada de maneira que a maxima descarga d'agua das cheias seja de 13.800 metros cubicos por segundo. D'um dos lados do reservatorio foram construidas *écluses* apropriadas para permittir a navegação.

Tal é, em resumo, a grande barreira pela qual será retido o excedente das aguas do Nilo em épocas certas de cada anno. Como é sabido, a fertilidade excepcional do valle do Nilo, desde os tempos mais antigos, era devida ao nateiro que as inundações periodicas vinham depor, como adubo, sobre os terrenos, embora arrazando e destruindo por vezes na sua impetuosa carreira, e por isso o rio sagrado dos Pharaós foi já chamado bemfeitor por Herodoto. Recentemente parecia, que, devido ás formações casuaes dos alluviões trazidos pelas cheias, a acção fertilizadora e irrigante do famoso rio não estendia á mesma área os seus beneficios naturaes e desappareciam, engolphadas no mar pelos mil canaes do Delta, as aguas santas. Foi necessario captal-as no reservatorio. Foi exigido aos originarios planeadores d'esta grande obra a resolução de duas ordens distinctas de problemas:—os que se relacionavam á construcção propriamente dita do dique, e os relativos á captação e regulamento do immenso volume d'agua que teria de passar através das aberturas subterraneas do dique. O caracter dos primeiros era claro; o dos ultimos apresentou difficuldades especiaes na resolução das quaes foi dis-

Construcção das comportas, collocação das corrediças

pendido muito tempo e cuidadosa investigação, tendo sido visitadas e examinadas para comparação as principaes obras do regimen das aguas em França, Allemanha e Italia.

A difficuldade peculiar n'este caso consistia na composição da agua em certas estações do anno. Como é sabido, o Nilo tráz comsigo, em julho, quando a cheia começa, immensa quantidade de materias solidas, organicas e mineraes, que, quando depositadas, constituem o celebre lodo do Nilo. Para os agricultores do Egypto, este lodo não é menos importante do que a propria agua, porque fórma o mais valioso fertilizador do seu paiz.

Era, portanto, um principal requisito que os calculos da captação das aguas fossem feitos de fórma a permittir que, quando as aguas da cheia trouxessem em suspensão este valioso elemento agricola, tivessem uma passagem, através do dique, praticamente livre. Nenhum calculo podia ser admittido no genero dos diques ou das represas ordinarias em que os excedentes d'agua podem trasbordar sobre o topo; visto que uma apreciavel repressão á corrente da cheia havia de evidentemente produzir a formação d'um deposito, mais ou menos rapido, dos sedimentos atrás do dique, com o duplo resultado de que o reservatorio se encheria de lôdo e o agricultor ficaria privado d'essa materia fertilizadora. Consequentemente tornou-se indispensavel abrir na espessura do dique series de portas corrediças que desde o fundo até quasi á superficie permittissem a passagem das aguas mais pesadamente carregadas de materias em suspensão.

Uma comporta em construcção

Um certo numero d'estas portas corrediças tinha de trabalhar a uma grande profundidade; e era tambem condição indispensavel que a maior e mais pesadamente carregada comporta podesse ser aberta e fechada com facilidade por apparelhos manuaes. O problema foi resolvido, depois de cuidadoso exame das applicações mais usadas no continente da Europa, pela adopção da porta corrediça inventada pelo fallecido Stoney, e construida por uma importante officina ingleza de ferro que possue a patente do invento.

As comportas levantadas acima da alvenaria do dique

O schema que acompanha esta breve noticia da grandiosa obra, emprehendida no Egypto pelos inglezes que o occupam e o administram na realidade, mostra que, excluindo a parte destinada á navegação do canal, o dique é provido de 180 aberturas

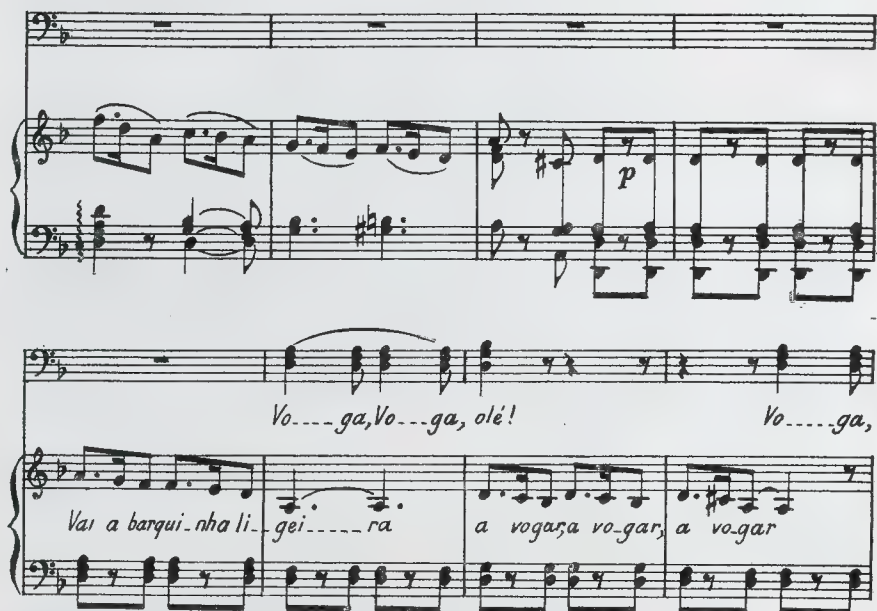
dispostas em quatro niveis differentes. A serie mais baixa é formada por 65 aberturas e a immediatamente superior por 75. D'estas duas séries, 90 aberturas são fechadas por comportas Stoney.

A difficuldade de fazer mover uma larga porta sob consideravel pressão d'agua, quando a porta se move contra uma face rigida ou corrediça, é bem sabida, não tanto para abrir como para fechar. Por exemplo, a pressão contra a qual uma das portas da serie inferior no dique de Assuan terá de trabalhar, excederá 300 toneladas, no momento da porta fechar e abrir sobre a corrente d'agua. As portas systema Stoney podem ser abertas por dois homens com a ajuda de uma simples carangueja no topo do dique; e a força da gravidade basta para as fechar. Tal é o apparelho que constitue as portas do Nilo.

As portas corrediças trabalharão correspondentemente ás variações do nivel do rio, e ao pedido dos districtos para serem irrigados. Deve explicar-se que segundo o projecto total das obras a irrigação não se poderá effectuar directamente do reservatorio de Assuan. Um outro dique será construido em Assiout, cerca de 330 milhas mais abaixo, constituindo assim a porção de rio comprehendida entre os dois diques, um outro reservatorio de serviço, do qual a agua correrá para o canal Ibrahimieh de irrigação e d'ahi para as terras de cultivo. Durante o tempo das aguas altas do Nilo, começando em julho, e emquanto veem pesadamente carregadas com materias solidas em suspensão as portas estão livremente abertas. Como a cheia subsiste, a agua torna-se clara e no mez de dezembro começará o trabalho de represar o excedente das aguas do rio, e fechar-se-hão gradualmente as portas até que o reservatorio esteja cheio. Nos mezes de abril a junho o excedente das aguas é fornecido ao Medio e Baixo Egypto por meio de canaes. Cerca de 11.000 toneladas de ferro trabalhado foi necessario empregar para a feitura das portas e *écluses* de navegação.

Um aspecto da construcção do dique

Não tenhas medo... — Quadro de Fred Morgam

BALLADA PORTUGUEZA
DE JOSÉ D'AGUEDA
Composta para piano e canto por
D. FRANCO.
And.te
CÔRO
PIANO E
CANTO
A SOLO
p
Vo - - - - ga, Vo - - - ga, olé!
Vo - - - - ga,
Vai a barqui_nha li_ gei - - - - - ra
a vogar, a vo_gar, a vo_gar

Vo... ga Vo...ga Vo... ga Vo...ga
tirolé tirolé tirolé tirolé
Vô....a, vô....a ó lé Vô....a,
co..moapomba feiti..cei....ra a voar, a voar a voar
Vô....a Vô....a vô....a vô....a
ti_ralé tirolé ti_ro_lé tiro_lé
f
Re...ma, Re....ma Re....ma
re..ma, poisa_provei_taa maré
f
re_ma poisa_provei_taa maré

Esta formosa «ballada», ha muito cantada no concelho d'Agueda, é attribuida a um distincto escriptor e fervoroso amador de musica popular portugueza, que occulta o seu nome no pseudonimo «José d'Agueda». Depois de muito popularizada e cantada n'aquella encantadora região, o sr. D. Franco poude colhel-a e compol-a tal qual temos o prazer de a publicar.

Synopse dos quatro primeiros capitulos. — *Um financeiro londrino, Dudley Hatton, appellidado o «rei do ouro», por conselho d'um seu amigo Foxall, e após a luta d'uma semana de crise bolsista, que acabou de o prostrar n'uma profunda neurasthenia, de que já enfermava, resolve ir consultar um medico especialista, o qual lhe prophetiza a loucura, se acaso teimar no trabalho violento dos seus multiplices negocios. Hatton é casado com uma filha de lord, e o preconceito aristocratico infelicita-lhe a vida domestica. Dudley volta á noute para sua casa vivamente preoccupado com a sentença do medico, que reconhece, em consciencia, verdadeira pelos symptomas que o teem alarmado. Dudley espera por sua mulher, lady Hermione, e resolve ter com ella uma explicação.*

CAPITULO V

Lady Hermione voltou a Park Lane tarde, pela uma hora menos um quarto. O porteiro deitara-se. Quem lhe abriu a porta foi um criado de libré; Courvoisier, o criado de quarto, esperava-a no patamar da escada, aprumado e reverente á sua passagem. Admirou-se de o vêr ali, mas não fez pergunta alguma. Desde o primeiro dia do seu casamento não se déra ao incommodo de occultar a sua antipathia por este francez. Considerava-o em absoluto instrumento de seu marido. Ella percebera que no seu modo reservado e severo havia resentimento do casamento de Dudley. Talvez a sua fidelidade excessiva se revoltasse contra a subordinação da posição de seu amo, e lady Hermione convencera-se de que elle era seu inimigo; mas recusara-se sempre a dobrar-se a qualquer investigação ou movimento contra elle. A sua arma era o silencio; fingia ignorar Courvoisier; era como se elle não existisse.

O dia tinha sido para ella em extremo fatigante. O exito do grande bazar de caridade fôra-lhe exclusivamente devido. Trabalhára com tanto espirito e animação que desafiára invejas crueis. Certamente era a mais linda mulher da reunião; e, impellida pela vaidade, sujeitou-se a ser amavel, ainda mesmo com as mulheres dos negociantes, e soube sêl-o de fórma a apresentar-se sob um novo aspecto, sempre attrahente. Após o triumpho d'esta festa democrata, seguiu-se a ceia em Carlton, onde se reunia a sua sociedade. Ella era a vida e a alegria d'estas festas. A luz, a côr, a atmosphera de riqueza favoreciam aquella alta e imperiosa *brunette*, de rosto pallido, de abundantes cabellos pretos sedosos. As suas joias eram unicas em Londres. Dudley tivera n'isto um capricho de nababo moderno e n'aquella noute ella levára os seus magnificos rubis, os mais famosos do Imperio, ao mesmo tempo que aninhara nas rendas do decote, as mais bellas estrellas de brilhantes, e ligara n'um dos braços o mais esplendido bracelete da época. Apparecera no bazar como quem era indicada para dominar e dirigir, e fôra prodiga nos presentes que fizera como no valor dos objectos que adquirira.

Dudley raramente tinha ensejo de assistir a estas festas, mas desejava muito que sua mulher comparecesse e comprazia-se depois em lêr o exito de Hermione nas chronicas mundanas. Os amigos contavam-lhe os triumphos de belleza, de distincção, de graça feminina que alcançava nos salões do mundo. Mas tristemente pensava que d'estas qualidades ella nada lhe reservava. Era bem differente desde que transpunha o limiar da porta de Park Lane e ficavam ambos sós. Desapiedadamente, provocantemente, arrancava a mascara durante aquelle tempo e ficava a altiva, desdenhosa, fria, descaroada mulher, cuja confiança sinceramente julgava nunca poder merecer. O proprio empenho que ella affectava, de mostrar por elle uma estima que não

sentia, attingia muitas vezes o aspecto d'uma affronta. Era uma d'estas mulheres que procedem e fallam segundo os impulsos da sua vontade dominadora. E lady Hermione era muito pouco actriz para os saber occultar, ainda nas suas maneiras mais brandas.

❁ ❁ ❁

Hermione subira apressadamente as escadas, desapertando afogueada pelo calor da noute a sua capa de *soirée*. Havia luz no quarto de trabalho de Dudley. Era raro encontral-o a pé, habitualmente, quanto mais a similhante hora; homem de habitos matutinos, deitava-se cedo. Hermione perguntava-se que estranho motivo o teria detido á carteira até tão tarde, e a curiosidade, sendo mais forte do que o cançaço, levou-a a entreabrir a porta do escriptorio.

— Dudley, estás a dormir, Dudley?

Com effeito, adormecêra sobre a mesa, cançado de esperar e dos seus proprios receios; porém, apenas lhe ouvira a voz, levantou-se para a saudar sorridente e amavel.

— Estava cançado, Hermione — está uma noute suffocante. Chegaste muito tarde, não é assim?

A capa de *soirée* escorregara-lhe dos hombros, emquanto se approximara d'elle para o despertar. A luz do candieiro illuminou o deslumbrante matiz das joias do seu formoso collo. A expressão da sua physionomia conservava, porém, uma aspereza indizivel, as linhas do rosto profundamente accentuadas. Dudley pensava se haveria outra mulher mais linda em todo o mundo, ou outra que podesse encontrar-se menos amoravel com o homem que estimasse.

— Vim tarde — disse, mal disfarçando a contrariedade que lhe fizera a pergunta d'elle.

Dudley abriu toda a força da luz para que se podessem vêr distinctamente. Chegara a hora, pouco auspiciosa, mas necessaria para a revelação que tinha de fazer. Estava decidido a dizer-lhe exactamente o que o dr. Chaplain affirmara; nada occultar nem diminuir á verdade.

— Não te censuro, ao contrario desejo bem que te distraias, Hermione, — disse serenamente. — Porque não o havias de fazer? Se posso julgar pelas apparencias, acredito que o consegues e ainda bem. Talvez não te molestasses em me dar agora dez minutos. Bem pouco tempo para o muito que consagras a toda a outra gente.

Sem querer, puzera n'estas ultimas palavras um tom de acrimonia que não fôra de sua intenção. Era sempre assim. Aspirava á conquista da ternura, e do amor; porém face a face com Hermione o seu orgulho indomavel inhibia-o de se amoldar complacente. Ella resentia-se do tom aspero com que elle tantas vezes se lhe dirigia.

— Estou muito fatigada. E' alguma cousa tão importante que tenha de ouvir agora?

— Para me ouvires estás sempre cançada, Hermione.

Ella voltou-se como procurando lugar, e n'um movimento decidido sentou-se n'uma das cadeiras de carvalho de costas direitas que estava perto do fogão. Elle ficára de pé encarando-a, descançando o braço sobre o marmore da chaminé. Nunca pensára que podesse ser tão difficil fallar a uma mulher a quem d'antes amára. O coração batia-lhe apressado; era como se estivesse face a face com um juiz para responder a uma accusação. E ella entretanto dizia comsigo propria que alguma queixa domestica ou alguma insignificante observação, intempestiva e inopportuna, ía ouvir.

— O que queres de mim?—perguntou-lhe petulantemente; — vês que estou escutando. Tua tia fallou-te de mim? ou é caso interessante de Hatton & Hatton? Peço-te apenas que sejas breve.

Dudley levantou os olhos quando lhe ouviu dizer Hatton & Hatton; porem esse foi o seu unico protesto. A insinuação maguou-o; porém estava resolvido a não discutir. Demais, estava convencido de que nenhuma mulher de coração deixaria de ouvir compadecidamente o que elle ía dizer.

— Procurei o dr. Chaplain, Hermione; consultei-o esta tarde. Lembras-te para que eu ia lá. Foxall confia n'elle e insistiu em que ouvisse a sua opinião. Não desejava ir; mas talvez fosse assim melhor.

Ella inclinou-se para trás na cadeira e abriu o leque. Se algum interesse tinha em saber a opinião decisiva do medico, encobriu-o perfeitamente. Talvez por orgulho. Dudley esperou um pouco.

— Provavelmente o sr. Foxall e o teu novo medico são amigos — disse languidamente; — saberão repartir os ganhos das consultas. Este senhor Foxall é sem duvida um personagem na City! São sempre alguma cousa na City—quando bebem muito e pedem emprestado o teu dinheiro. E encostou a cabeça para trás como quem pretendesse examinar os quadros da parede por cima da cadeira.

Dudley, pela sua parte, resolvera conservar a maior serenidade e continuou:

— Foxall nunca me pede dinheiro emprestado e não bebe; esses costumes de que fallas, são seguramente aristocraticos. Pelo menos, é a experiencia que m'o tem ensinado. Deixa-me porém contar-te o que disse o doutor — se n'isso tens algum interesse.

E no gesto transparecia-lhe uma leve impaciencia.

— De certo que tenho interesse, Dudley — e tambem alguma fadiga.

N'aquelle momento pensou em interromper a conversação e nunca mais fallar-lhe da sua doença que tanto o preoccupava; porém, em opposição áquelle pensamento, sobreveio-lhe um impulso irresistivel de contar tudo e continuou:

— Tenho pena que estejas cançada, Hermione, e seja tão tarde; — mas creio, apesar d'isso, que deves saber o que sentenciou o doutor.

— Tu estás deveras doente, Dudley? — Ou a tua imaginação cria phantasmas de doença?

— Deus sabe como estou doente!

Ella endireitou-se na cadeira, surprehendida, de olhar curioso, quasi terno. Apenas um relampago a illuminar fugitivamente a treva profunda d'aquella alma gelada.

— Se estás doente — disse em vóz baixa — se estás tão profundamente doente, porque não abandonas o trabalho?

— É exactamente o que me mandam fazer; deixar tudo, renunciar a tudo — á minha ambição de poder, ao meu trabalho, á gerencia dos meus emprehendimentos, deixar tudo — ou morrer dentro de seis mezes n'um hospital de doidos. Eis a terrivel sentença.

Elle não pretendera expôr tão brutalmente a consulta do medico, porém as palavras escaparam-lhe dos labios. Talvez a curiosidade de vêr se qualquer cousa ainda poderia fazer acordar n'àquella natureza fria uma centelha de affeição ou de attenção por elle, o levasse á confissão.

Interrompeu-se, fitou-a reservadamente. Ruborisara-se-lhe o rosto avelhentado; os olhos tornaram-se-lhe muito brilhantes n'uma expressão de espanto, desordenada, quasi febril.

— Não procures assustar-me! — exclamou ella afinal. — Eu não acredito absolutamente nada do que dizes: Se o trabalho excessivo prejudica a tua saude, porque não o pões de lado? Sabes quanto eu ficaria contente com essa resolução.

— Envergonha-te acaso o meu trabalho, Hermione?

— Oh! não! pelo contrario, orgulho-me muito, immensamente!

E havia na intenção da phrase um cynico cascalhar de desdem e de altivez insoffrida. Mais uma vez a ingratidão instigava Dudley a ser breve, como tantas outras, desde que ella era sua mulher. Todo o amor que sentira por ella se transformava em relampagos de odio subito, profundo, quasi sinistro.

— Poderiamos ser pobres, se não fosse o meu trabalho, Hermione, — ponderou ainda serenamente.

— Pobres! Sempre a preoccupação do dinheiro. Nada mais tem valor! Terei de valer apenas no mundo pelo dinheiro? Oh! eu ouço-o por toda a parte. Meu marido é tão rico, tão celebre entre os seus amigos e não posso recebel-os em minha propria casa! Sempre dinheiro, dinheiro, dinheiro... Nem eu sei porque não trazes para casa os teus livros, para os escripturarmos juntos. Poderia escrever-lhes algarismos. E's tão rico, que não haveria duvida que eu commettesse erros de somma! Que agradaveis noutes passariamos n'este gabinete!

— Se os livros que trouxesse para casa fossem livros de cheques — disse com mal reprimida moderação — estou certo que te haviam de interessar.

Assim acabava sempre a pequena desavença e em mutuas recriminações o ultimo argumento de dinheiro. Consciente de que as suas relações, a sua importancia na sociedade, eram devidas ao generoso auxilio de Dudley, o rei do ouro, a melindrosa susceptibilidade de Hermione erriçava-se quando se tocava n'este assumpto «dinheiro», e então todo o seu ingovernavel genio levava-a até o insulto.

— Oh! Comprehendo — exclamou, levantando-se e collocando-se defronte d'elle. Como este palacio é um vasto escriptorio, deves fixar tambem o meu ordenado de dona de casa. Seria este o caso urgente que tinhas de tratar commigo esta noute? Verei depois se me convem, ou se é bastante! — E dizendo, aprumava defronte de Dudley a magnificencia da sua formosura, realçada pelas joias, pelo fulgor sanguineo dos famosos rubis.

Elle interrompeu-a com um grito de desesperação. Estavam agora face a face, elle sentia que uma vertiginosa colera lhe entontecia o cerebro. Tudo quanto Dudley tencionára dizer; a sympathia que queria implorar, a compaixão que procurava, tudo ficou esquecido perante a irritação do insulto.

— Importa-me pouco que queiras ficar ou não. Ando farto das tuas queixas! Sinto-me profundamente doente para as supportar. E n'este momento só te peço que te retires.

Ameaçador, deu um passo vacillante para ella e apontou-lhe a porta.

Ambos tinham perdido a noção da dignidade propria que mantem a delicadeza externa nos maiores conflictos d'alma. Hermione cerrara os punhos. O desespero fel-a quebrar entre os dedos o leque, cujos fragmentos cahiram um a um no chão. Nunca Dudley lhe respondera assim, nunca a ameaçara d'aquella fórma. Assustada, tremendo, afastara-se d'elle

com medo, julgando lêr-lhe no olhar chammejante uma sinistra expressão de colera. Dudley, inconsciente do que fazia, impelliu-a brutalmente para a porta, e depois fugiu-lhe a luz dos olhos, como se tivesse fitado o sol; sentiu uma seccura extrema na bocca, uma dolorosa constricção na garganta. Percebeu, porém, que ficára só.

...So te peço que te retires...

CAPITULO VI

Passaram-se horas. Dudley levantou a cabeça para vêr se amanhecera ou ainda era noute. Para elle tinham sido horas de escuridão mental e de esquecimento absoluto. O dia anterior, com os seus acontecimentos agitados, obliterara-se-lhe da memoria. Os longos mezes de esforço sem repouso, de trabalho violento, das preoccupações da riqueza acabaram por lhe produzir aquella perda instantanea de faculdades, por lhe causar aquelle entorpecimento de cerebro.

Como um lutador que, temerario e audaz, corre ao assalto a peito descoberto, e visto de todos os lados é o alvo de todos os tiros, dos arremessos da inveja e do odio, elle avançara sobre os seus inimigos, esmagando os que encontrava no caminho, e assim alcançara o seu intento denodado, assim conquistara o mundo dos negocios e vencera. E agora o destino prostrava-o no momento da victoria e cahia n'um collapso supremo.

Perdera todo o sentimento do tempo e do lugar. De nada se recordava; não podia sequer lembrar-se onde estivera na vespera; esquecera Olivier Chaplain e as suas sinistras prophecias; não se recordava do regresso de Hermione a casa, nem da scena violenta que se passára entre ambos. E, suprema ironia physiologica, era justamente quando se lhe quebrára a cadeia mental, que lhe chegou intenso, absorvente, inevitavel o desejo de descançar. Sentia-se agora disposto ao somno. As mil particularidades dos seus grandes negocios não reclamavam já a contribuição forçada da sua energia. Não despertava, como costumava, com a imaginação exaltada e febril, a formular ordens imperiosas: — Preciso isto ou aquillo; jógo esta carta tenho

de empregar est'outro artificio; conto com este inimigo ou tenho de avisar aquelle amigo. — Ao contrario um delicioso sentir de socego e repouso mental acalmava-lhe o espirito, como um banho confortador. Sabia apenas que estava cançado e sentia desejo de dormir.

A noute estivera quente e suffocante; porém o dia amanhecera fresco, como succede por vezes no pino do verão. As grandes arvores do Park começavam a mostrar relevo, sahindo da região das sombras. Dudley chegou á janella, abriu-a de par em par, respirou a plenos haustos aquelle ar vivificador. Havia n'este a frescura que se sente nos campos, apesar de ser ali o coração de Londres, e aquella aragem penetrante suggeriu-lhe a visão d'uma vida de paz, em paiz remoto, na região longiqua do sonho, onde elle receberia afinal a sua recompensa. Dudley demorou-se longo tempo á janella. Park Lane parecia uma linha branca, orlando uma enorme planicie. Silencio absoluto, nenhum movimento, depois principiaram a passar os carros do mercado. Ouviu dar tres horas nos sinos da egreja, e por estranha suggestão do momento pareceu-lhe que tinham a pureza musical d'uns sinos que ouvira uma vez em Veneza, longos annos volvidos. As aves, activos arautos da madrugada, chilreavam incessantemente nas arvores do parque.

Dudley fechou a janella; sentira um estremecimento de frio penetrante. Continuava a mover-se automaticamente, sem uma deliberação decisiva. Lembrou-se de recolher ao seu quarto de cama. As lampadas electricas ainda illuminavam o gabinete de trabalho n'um grande desacordo com a luz da manhã, e elle apagou-as uma a uma, mechanicamente e sem pensar. As cartas particulares continuavam dispersas sobre a sua mesa, porém não lhe avivaram nenhum interesse. Sabia que alguma cousa tinha succedido, que alguma cadeia do pensamento se quebrara, mas encontrava-se impotente para a ligar outra vez. Muito sereno, com o methodo da existencia anterior, ajuntou os papeis e arranjou-os sobre a mesa. N'uma dada occasião pareceu-lhe ouvir o ruido d'alguem que se movesse fóra, perto da entrada da porta; porém os passos, se passos eram, desappareceram e elle não mais lhes deu attenção. Continuava ainda a sentir aquelle novo e intenso desejo de repouso e de dormir; no entanto achava-se sem vontade alguma para o realizar. Comquanto não tivesse dos factos uma nitida consciencia, o seu cerebro ainda procurava inutilmente o fio que perdêra.

O que fizera elle a noute passada para que a madrugada o encontrasse sem memoria e inerte? A resposta desafiou-o por muito tempo, porém appareceu afinal, clara, despertada pelo primeiro raio do sol que entrou pelo quarto. Tinha ido consultar Olivier Chaplain; ouvira uma sentença que ninguem poderia ter ouvido sem terror.—Em seis mezes! — e apertava com as mãos ambas as fontes e assim esteve por largo tempo a lutar contra o pavor do destino annunciado. — E repetiu mentalmente — Em seis mezes! Contorcia-se-lhe o rosto com a visão antecipada da casa de doidos onde iria ser sepultado. O cerebro despertara, mas apoderara-se d'esta unica idéa, recusára entregar-se a qualquer outra. Aquellas fatidicas palavras batiam-lhe como martelladas cyclopicas na cabeça, esmagavam-lhe os pensamentos, suspendiam toda a vibração differente. Continuava ainda inconsciente do que se passára entre elle e a mulher; não se recordava da discussão havida, das replicas desdenhosas d'ella, da sua propria colera subita, da amargura das recriminações de Hermione. Apenas a sentença, que tinha sido pronunciada pelo medico, predominava, exclusiva, unica, fatal; á inspiradora ambição de toda a sua vida impunha-se aquelle limite, contra o qual debalde se revoltava, querendo attribuil-o á soberba profissional d'um homem de sciencia, eivado de pessimismo. Era porém intelligente bastante para reconhecer que a previsão era verdadeira. Annos inteiros conduzira a sua propria machina humana com a mais feroz velocidade como se fôra louca carreira de automovel e preparára a batalha do ámanhã intangivel. O que elle dissera ao doutor não era allucinação. A propria natureza avisara-o, como nenhum medico o poderia ter feito.

Revolvendo na imaginação este pensamento angustioso, deixou o quarto de trabalho e dirigiu-se para o de dormir. Eram tres horas e meia, e como atravessasse o patamar da escada parecera-lhe que alguem se movia n'um dos quartos do andar superior; porém, quando parára para escutar, percebera apenas o ruido longiquo d'um comboio que passava; e com o corpo resfriado e o espirito abatido continuou a caminhar. Atravessando uma galeria, quasi a entrar no seu quarto, reparou com estranheza que a porta do quarto de dormir de Hermione estava aberta e que as lampadas ainda se conservavam accesas. A desusada occorrencia suprehendera-o, da mesma fórma, como as luzes no seu quarto de trabalho feriram a attenção de sua mulher duas horas antes. O que se teria passado entre elles na vespera? perguntava debalde á sua memoria perdida. O que dissera ou fizera? Recordou-se agora subitamente que haviam discutido asperamente. Elle ac-

cusára-a da sua ingratidão e dissera-lhe que abandonasse a casa. E seria só isso? Dudley de nada mais se recordava, mas receiava ter sido brutal, e tremia com a vergonha de similhante accusação; a sua natureza delicada revoltava-se contra similhante idéa. Era falsa, positivamente falsa e comtudo a consciencia obscurecida dizia-lhe:

— Tu perdeste a razão.

Passaram-se minutos e elle conservava-se perplexo, hesitante, defronte da porta entreaberta. Por momentos passou-lhe na mente a idéa de que Hermione n'um desvairamento de colera tivesse abandonado de vez a casa; depois, receioso de que o podesse ter feito, não se atrevia a entrar no quarto e saber a verdade. Sentia o pavor da realidade e a delicia pungente da duvida, caracteristicos d'um espirito esgotado de força moral. Torturava a memoria para accrescentar uma lembrança do que se passara. Afinal com a resolução de automato, empurrou a porta do quarto e entrou.

* * *

Hermione, vestida ainda como estava quando voltára de Carlton, o hotel da moda, meia envolta na sua capa de *soirée*, cahira aos pés da cama; e parecendo querer segurar-se com uma das mãos ao varão de ferro, apertava convulsivamente com a outra o pescoço, onde o famoso collar dos esplendidos rubis punha um fio de manchas sanguineas entre o esplendor dos brilhantes que os engastavam. Tinha no rosto a lividez da morte. Dudley allucinado, gritou por soccorro.

Encontrou-a cahida no chão...

CAPITULO VII

Toda a casa despertou; Courvoisier, o criado particular, meio vestido, foi o primeiro que ouviu os gritos do amo e o primeiro a responder-lhe descendo a escada interior. Outros criados accorreram igualmente e pararam amedrontados no patamar.

— O que aconteceu, senhor? O que é? — perguntava Courvoisier serenamente, emquanto Dudley se dirigia para elle bambaleando, tremulo como uma creança assustada. Apoiou-se sobre a balaustrada da escada, segurando-se ao corrimão.

— A senhora parece morta — disse afflicto.—Vá chamar o dr. Hadley, o seu medico. Vá immediatamente.

O criado partiu sem proferir uma palavra, nem dar signal de emoção. Os criados estabeleceram uma balburdia desconnexa, estremunhados, surprezos. Dudley, procurando ter coragem, n'um esforço supremo, voltou para

o lado de Hermione. Loucamente, cegamente, percorria o quarto d'um lado para outro, pedindo a Deus que sua mulher ainda vivesse, que fosse apenas apparente aquella visão de morta.

Não ha soffrimento mais agudo, nem impaciencia que se approxime mais da agonia como o que se sente n'aquelles momentos de demora, quando os que nos são caros esperam inertes o ultimo auxilio que a intelligencia e sabedoria medica lhes possam dar. A creança, atacada repentinamente, — viverá, morrerá, emquanto não chega o soccorro? O homem que amámos, a mulher sem a qual a vida não tem historia — haverá esperança para elle ou para ella? Dudley soffreu como nunca soffrera em toda a sua vida emquanto esperava a vinda do medico. Hermione não estava morta — não podia ser! Que importava que tivessem tido discussões, que tivessem trocado palavras asperas, ou proferido ameaças injuriosas? Tudo seria esquecido, perante esta dôr suprema! Ah! se ella vivesse, como elle havia de reparar todo o mal feito. Mas pousava-lhe a mão sobre o coração e não o sentia bater.

© © ©

Rupert Hadley chegou finalmente. Veio de *cab* e trazia na mão um estojo com instrumentos, pois tinham-lhe dito que houvera um accidente. Era homem moço e ambicioso, e talvez visse n'este caso tão assignalado pela importancia do cliente uma perspectiva de lucros e d'augmento de fama clinica. Apresentou-se com aquella gravidade profissional bem conhecida e ás perguntas incoherentes de Dudley respondeu com circumspecção — ainda lhe não pósso dizer—Em verdade, elle n'um relancear vira que lady Hermione estava morta. Faltava-lhe só determinar a causa da morte; e n'aquelle intuito começou de interrogar todos que estavam em redor d'elle.

— Estava alguem com lady Hermione quando ella cahiu?

A criada de quarto, uma franceza, que descêra correndo ao primeiro clamor e que incommodava toda a gente com lamentações hystericas respondeu soluçando:

— Madame estava completamente só.

O doutor inclinou-se sobre o vulto inanimado e levantou-lhe as palpebras, para lhe reavivar com a luz a contractibilidade perdida das pupillas. Bem sabia que era uma pretenção, porém continuou todas as experiencias vulgares que lhe attestassem a morte. Não havia pulso, a respiração cessára; não embaciava o espelho, o rosto apresentava já o facies caracteristico. Mas continuava imperturbavelmente todas as tentativas de reanimação. Faltava-lhe a prova ultima que não viria tão cedo — a putrefacção.

— A sua senhora, creio, fôra hontem á noute a Albert Hall? — perguntou emquanto trabalhava. — Vê-se que ella nem sequer se despira e que ainda conservava as suas joias. Não estava aqui quando ella chegou a casa?

— Milady disse-me ao sahir que não esperasse por ella. Viria tarde. Era muito condescendente e boa. Dispensou-me esta noute e eu deitei-me cedo.

O doutor ordenou aos criados que sahissem do quarto. Queria ficar só com Dudley.

— Diga-me, por favor, exactamente o que succedeu, preciso saber tudo.

Dudley, que estivera observando todos os seus movimentos, os seus olhos, as suas mãos, o jogo da sua physionomia, como quem observa um mensageiro de vida ou de morte, não se atrevêra ainda a fazer-lhe a suprema pergunta — Ella vive? — Diligenciára fallar com modo natural, porém a lingua secca, como se tivesse febre, obrigava-o a fallar com excitação, incapaz de expressar nitidas as emoções que acabára de soffrer.

— Minha mulher voltou de Carlton Hotel pela uma hora da noute — disse-lhe elle. Estava no meu gabinete de trabalho e ella foi ter lá commigo. O doutor sabe que tenho andado doente, profundamente doente dos nervos e muito atormentado; creio que fui violento sem razão. Discutimos e ella retirou-se subitamente, bastante excitada, como fóra de si. Só mais tarde vim encontral-a n'este quarto que por estranheza vi com luzes e a porta entreaberta; estava deitada ao lado da cama, como se tivesse desmaiado. Levantei-a, deitei-a na cama e mandei-o chamar. Diga-me, é uma syncope, um ataque de coração?

Rupert Hadley considerou um momento.

— Não é uma syncope; é a morte sr. Hatton — disse serenamente.

Dudley não se moveu. A' luz fusca, que difficilmente illuminava o quarto, não se podia divisar a pallidez mortal da sua physionomia.

Só quem o observasse de perto poderia vêr o tremor das suas mãos e o movimento convulsivo dos labios.

— Morta! — repetiu.

O doutor compassivo approximou-se d'elle e tomando-lhe o braço:

— Sr. Hatton, — disse com bondade, — tenha coragem.

Dudley deixou-se ainda ficar immovel, como pregado ao lugar em que estava. Dentro do seu cerebro atropellavam-se, desconexas, as lembranças do que se passara.

— Morta! — repetiu; — mas porquê, porquê doutor?

—D'um ataque d'angina-pectoris; pelo menos parece-me ser d'isso. A investigação criminal dirá o resto.

Dudley surprezo perguntou:

— Instrucção criminal? Vae requerer uma investigação para minha casa?

Rupert Hadley previra a objecção. Desde o principio tinha dito para comsigo que havia de ser difficil passar uma certidão d'obito. Porém o grito de surpreza de Dudley aturdiu-o pela espontanea singeleza de espanto.

— Uma mera formalidade, meu caro senhor Hatton. Em cinco minutos resolve-se a questão. Estou plenamente convencido que foi um ataque d'angina-pectoris. Era seu medico ha pouco tempo, porém desconfiara já da existencia do mal. Mas ha ali no pescoço uma mancha que para mim é um tanto duvidosa. Quem sabe se sua mulher se molestou quando cahiu.

Hadley conduziu-o para junto da cama. O ferimento de que fallára via-se bem claramente debaixo do collar de rubis. Parecia que uma pressão externa cravara na carne as placas de diamantes que cercávam os rubis. A carne ali estava azulada. A pisadura poderia ter sido feita por dedos de homem. Dudley nunca passára por transe tão cruel. Toda a duvida suprema, com que até então lutara, voltava-lhe agora mil vezes augmentada. O que teria succedido? Que fizera elle na noute passada? Seria uma prova da sua brutalidade infame?

— Ella devia ter cahido! — tartamudeou afflicto; e ter magoado o hombro quando cahiu. Havia de ter sido isso?

Afastou-se da cama, mas parecia andar ás apalpadelas. O doutor pegou-lhe na mão estendida e levou-o para fóra do quarto. Dudley não cessava de perguntar a si proprio porque seria preciso proceder a uma investigação criminal.

— Diga-me doutor.—perguntou com mais tranquillidade—está convencido que minha mulher morreu de lesão no coração?

— E' a minha firme convicção — disse pausadamente; mas, não posso ter a certeza.

— Então, para que me affligir pela fórma como está fallando? objectou Dudley, respondendo á primeira affirmativa do medico.

— Longe de mim tal intenção, sr. Hatton, mas encontro lady Hermione morta, e talvez, se fosse menos escrupuloso podesse fazer o que deseja; mas bem vê que não seria regular.

Dudley ouviu-o com impaciencia. Todavia a situação cruel em que se encontrava aguçara-lhe o espirito de fino negociante, e não lhe passou desapercebida a hesitação que o moço doutor pousou nas suas palavras — se fosse menos escrupuloso . .

— Diga-me, é indispensavel ser tão absolutamente escrupuloso?

Rupert Hadley não respondeu immediatamente. Estava, como tantos outros collegas, ancioso pelo seu melhoramento e pelas remunerações da sua profissão. Para que, afinal, havia d'elle fazer escandalo? Dudley Hatton, o rei do ouro, podia, se quizesse, fazer-lhe a sua fortuna. Para que havia de transformar n'um inimigo o homem que poderia ser seu protector. Para fazer justiça cega? Elle não tinha grave duvida sobre a causa da morte de lady Hermione. Reconstituira a scena da vespera; o encontro dos dois, a disputa subsequente, uma altercação violenta, seguida d'uma brutalidade vergonhosa, e o effeito d'ella sobre a natureza sensivel de lady Hermione, o choque do inesperado, a colera indignada, o ataque rude da angina. Outra qualquer supposição era absurda.

— E' necessario obedecer-se á lei quando se não tem a certeza — disse elle afinal — Porém na verdade vejo que deve ser um grande aborrecimento para si. Tenho tratado lady Hermione de ataques de coração, e creio bem que posso, sem. . .

Hesitava procurando a phrase e n'aquelle momento de hesitação Dudley apressou-se a concluir:

— O doutor procede como meu amigo, disse, com certa emoção; — tudo quanto eu possa fazer não será bastante para recompensar todo o cuidado que teve por minha mulher. Farei o possivel, ao menos, por lhe provar a minha gratidão, doutor.

❀ ❀ ❀

De tarde, ás horas da consulta, Courvoisier, levava a casa do doutor Hadley uma carta de Dudley contendo um cheque pelos serviços que o doutor fizera a lady Hermione Hatton. O moço clinico não dominou um movimento de admiração que se traduziu na fixidez do olhar, lendo a cifra do cheque, e de viva voz, deu ao criado a seguinte resposta:

— Diga ao sr. Hatton que hoje mesmo a autoridade receberá a certidão d'obito.

Courvoisier respondeu — sim, senhor — e retirou-se. Na rua, parou como quem estivesse reflectindo, e murmurou:

— Então elle comprou o medico. E depois de nova pausa, accrescentou: — Que doido! N'um cheque! Devia ter pago em ouro!

CAPITULO VIII

N'um pequeno *restaurant*, distante de

Oxford Street, ás seis horas da tarde, em janeiro, seis mezes depois de Londres ter sabido da morte subita de lady Hermione, Patricio Foxall expunha a um circulo de amigos curiosos os mysterios d'uma corrida de cavallos que não são comprehensiveis para qualquer simples mortal. Um fino observador, logo reconheceria que a roda do elegante irlandez, usualmente tão brilhante, trahia agora aquelles habitos de migração inexplicavel que lhe notavam. Certamente, algumas nobres elegancias que rodeavam Patricio anteriormente, tinham-n'o abandonado; e embora o seu chammejante collete encarnado não fosse agora menos notavel do que o azul de seis mezes antes, e á sua sobrecasaca não faltasse o córte moderno, notava-se um certo desalinho no vestuario descuidado, e um esfiado da seda do forro, que a dobra casual da aba deixára vêr, não contraprovava as historias de felicidade com as quaes elle deliciava os seus diminuidos satellites. Os tempos, em verdade, tinham mudado para Patricio Foxall. Desde muito não era visto no esplendido *restaurant*, perto do Strand, onde tinha o seu lugar de homenagem. Fallava, como sempre, dos seus amigos ricos, da confiança que *lord* Fulano, ou o conde Beltrano depositavam na sua amizade, das recepções em familia que tinha gosado em casas principescas; mas elle é que sabia bem a afflictiva difficuldade que soffria para obter de emprestimo uma misera meia libra. D'esta intenção, porém, não era culpado, affirmava elle, o systema, pelo qual Patricio poderia ter feito a sua fortuna á mesa do jogo. Teria levado á gloria a banca de Monte Carlo se tivesse encontrado capital para lutar com ella. Mas os amigos tinham posto reticencias nas entradas e os conhecidos eram descrentes. E por isso — *Bau bau !* — concluiu Foxall com o seu eterno estribilho.

— Pois é certo, palavra de honra, meus amigos; eu e Jack Farrer, que era um cabula em Cambridge, concluimos ambos á força de muito trabalho o systema e ninguem teve nada que lhe dizer. Parti no dia seguinte para Monte Carlo e com certeza vocês ouviram contar os meus fabulosos ganhos. O ouro que eu ganhei, rapazes! Não havia mala que podesse ter a tampa fechada, se o mettesse dentro! Vinte e quatro vezes apostei o maximo e ganhei-o, como leram nos jornaes. Foi uma cousa sensacional e inolvidavel!

E deteve-se um momento.

— Mas nove dias apenas de espanto, Patricio! — insinuava lord Alfredo.

— Devia ter sido prudente e nada mais. Onde está, porém, o homem prudente, possuindo um systema como aquelle e que dera tal resultado? Depois era necessario justamente capital para vencer de novo.

— Os capitalistas fugiram-te, Patricio, não foi assim? E mandaram-te ao menos para casa com a carruagem paga? — perguntou um dos ouvintes.

— Bau-bau! vim para casa em terceira classe—eu, que viajára com principes! Havia um rapaz em Cannes que tinha o capricho de jogar o *piquet*, e pagou-me a passagem para Paris. E Mauricio, o alfaiate foi egualmente cavalheiro.—Ha-de mencionar o meu nome nos jornaes que honra com a sua collaboração — disse elle.

— Porém tudo isto ha-de passar — disse depois de uma pausa contemplativa;—como a phenix, o antigo Patricio ha-de emergir das cinzas! E ha-de ser glorioso na resurreição, senhores, como magnifico tem sido na decadencia. A sua philosophia é a do poeta Tennyson. Estou até bem certo que seria poeta, se acaso o quizesse ser... *Bau-bau*, meus amigos, concluiu elle no seu implicante bordão de conversa. E passando a outro assumpto perguntou: — algum de vocês viu ou ouviu fallar do meu amigo, Dudley Hatton? E' uma pergunta que vos queria fazer. Ouvi lá por fóra historias tão extraordinarias que desejava saber se eram verdadeiras ou falsas. O que é feito de Dudley? Porque abandonou elle Londres? Que dizem vocês d'este mysterio?

Lord Alfredo Troon que fazia gala de recordar todas as cousas desagradaveis que se dissessem ácerca de amigos e conhecidos, tomou immediatamente a palavra, prompta sempre á eloquencia do escandalo.

— Hatton está na Escossia, creio, ninguem o sabe ao certo, mas parece-me podel-o affirmar. Foi-se embora no dia seguinte ao enterro da mulher, e ninguem mais o viu em Londres. Por certo que o mundo falla de graves difficuldades financeiras, mas nenhum facto conhecido comprova similhante supposição. Ao contrario, o seu escriptorio tem liquidado facilmente todos os grandes negocios pendentes. Sómente falta a iniciativa de novos emprehendimentos. O mundo, a nossa sociedade, julga de preferencia que a morte de lady Hermione se deu em circumstancias muito curiosas. Nada se sabe de positivo, mas segreda-se, murmura-se, contam-se perseguições dos judeus, falla-se de casos sinistros. Tem havido quem affirme que Dudley estava atacado de epylepsia. Tem periodos de vida inconsciente.

E lord Alfredo sacudia a cinza da cigarrilha com ares de quem está dissertando com profunda penetração.

— São velhas historias sabidas e repetidas, — interrompeu bruscamente Patricio — não renoves insinuações maldizentes. Eu estava cá quando se deram os tristes acontecimentos. Perguntei apenas se sabiam alguma cousa dos negocios de Hatton.

— A esse respeito, accrescentou um outro ouvinte, circulam na City os mais disparatados boatos; mas se a casa Hatton tivesse de fallir já tinha tempo de o ter feito. Sabe-se que o grupo de Jan Bechstein prospera com a ausencia do seu temivel adversario. Dudley Hatton teria varrido com elles o chão, se tivesse ficado em Londres; mas logo que desappareceu elles conquistaram terreno.

— Espalha-se nos clubs que Hatton perdeu o juizo — disse ainda um outro, e desculpa-se-lhe por esta fórma a complicação a que levou os seus negocios. Talvez seja verdade. Certamente elle subiu como um foguete, devia descer como cahe a canna carbonisada.

Patricio ouviu as calumnias subentendidas n'estes dizeres com um desdem que não se incommodou a occultar. Como todos da sua raça, era um amigo dedicado e um inimigo inflexivel

— Algum de vocês conheceu Dudley, me parece? — perguntou visivelmente irado,— recebeu d'elle um ou mais favores se me não engano?

Disfarçaram com o silencio a lembrança d'estas verdades.

— Como conhecido, — interrompeu lord Alfredo, era um homem muito agradavel.

Patricio começou a bater com os nós dos dedos na pedra da mesa.

— Ah! — disse ironicamente — não era de costas que vocês iam beber-lhe o champagne nas suas recepções. Ora ouçam-me: — Quero ser bom para vocês, e como vos disse já uma vez, repetir-vos-hei que tudo isso são mentiras despreziveis.

Arremessou para longe o phosphoro com que accendera um novo charuto; e emquanto os amigos com reclamações de protesto se desculpavam, elle approximava a cadeira da mesa, e batendo sobre o marmore com os nós dos dedos entre numerosos *bau-baus*, murmurados surdamente, continuou:

— Não, Dudley não está na Escossia, e a mil leguas da fallencia. Se algum de vocês tivesse o dinheiro necessario para comprar as estampilhas de porte das cartas d'elle, já se podia considerar um homem rico! Digam aos vossos amigos, os Rothschilds, que eu, Patricio Foxall, lhes asseguro isto. Digam que Dudley vae voltar para Londres; que vae voltar commigo. Ambos lhes daremos o desmentido, meus rapazes.

Os ouvintes concluiram que Patricio sabia alguma cousa do mysterio da desapparição de Dudley Hatton, e que, mesmo pelo preço d'aquellas provocantes ironias, o deviam ouvir afim de satisfazer a sua curiosidade morbida e interessada.

— O que sabes tu, Patricio? — perguntou-lhe lord Alfredo;—deves saber muita cousa, aliás não terias tomado tanto calor. Conta-nos ao menos uma parte do que sabes; será sempre em beneficio do teu amigo.

Patricio, em verdade, pouco mais do que nada sabia; porém a antiga prosapia de grandes conhecimentos acompanhava-o mesmo na adversidade; e, não desejando confessar a sua ignorancia, mas muito empenhado em receber applausos, teve uma intelligente evasiva:

— Que interessantes contos phantasticos produziriam as vossas imaginações, se eu abrisse a bocca!—ponderou, alargando o collarinho com um brusco movimento da mão e limpando o rosto com um enorme lenço azul. — O mundo é e foi assim em todos os tempos. Volta um homem as costas por momentos, e aquelles que o conhecem, fazem-lhe logo marcas de giz n'ellas emquanto lhes não mostra outra vez a cara. Que bellos amigos vocês são de Dudley Hatton, palavra! Hei-de dizer-lh'o quando o vir na quinta feira!

— Váes vêl-o na quinta feira, Patricio?

— Bau-bau — era o momento para metter o estribilho salvador.

— Mas tu dizes que elle não está na Escossia?

— Assim disse.

— Então, onde está? Em parte incerta?

— Está no oeste de Inglaterra, e passa uma vida de ermitão. Sube-o por carta particular. Acreditem ou não, como queiram; mas Dudley Hatton fez-se um anachoreta. Vive n'uma cabana e ninguem lhe tem fallado desde que deixou Londres. Isolou-se completamente. Está curando a sua neurasthenia de trabalhador. A minha carta diz que uma estatua de marmore não podia ter os labios mais cerrados para o mundo. Mas hei-de arrancal-o a essa solidão e havemos de dar a Jan Beckstein e á sua gente algumas novidades que não desejariam saber. Sou eu, Patricio, que o digo, — eu, entendam bem.

Abotoou a sobrecasaca com ares de quem tinha resolvido a maior difficuldade diplomatica. A verdade era que Patricio estivera ignorante assim como toda a gente do paradeiro de Dudley até aquella mesma manhã, quando o acaso o levou a encontrar-se em Regent Street, com a antiga criada de lady Hermione e deteve-se a conversar com ella.

Como, e porque meios, ella possuia o segredo da desapparição de Hatton, Patricio não o poude então descobrir; porém depois de lisongeiras referencias á formosura sempre radiante da vaidosa franceza, soube que o seu amigo estava em Cornwall. Patricio n'aquelle mesmo instante resolvera ir tambem a Cornwall ter com elle.

— Tomem nota das minhas palavras — disse elle orgulhosamente, de pé, defronte d'elles, aprumado na sua elegancia decadente — Dudley Hatton ha-de voltar, em breve e áquelles que o esqueceram ensinar-se-lhes-ha o processo de ter bôa memoria. Nada mais vos digo. Os seus inimigos estão vivendo n'um tolo engano. Agora repitam por toda a parte que Foxall fallou! E comprimentando ainda murmurou o seu eterno *bau-bau* que n'este momento tinha um *tic* ironico e sahiu da sala provocantemente.

Os amigos pouco depois, pagando a nota, recordavam-se da porção de charutos que lhes fumara, e dos copos que esvasiara, e ponderavam reflectidamente entre si, se afinal Foxall, lhes fallara exacto, ou teria inventado a historia de Dudley ermitão.

(Continúa)

Adaptado do inglez, segundo Max Pemberton.

Avia-te, tonto! — Quadro de Arthur Elsley.

O mais emocionante de todos os «sports». A scena está deliciosamente composta. O «yacht» deixou, ha pouco ainda, o porto e alcança já o mar largo. Vae entardecendo. A prôa fende as vagas azues, a espuma enfeita de rendas a amura e sobe a prender-se nos cabos das enxarcias. Uma gentil passageira ensaia o caminhar sobre o convés que oscilla; outras treparam lestas a vêr a paisagem longiqua; aquella sentou-se a conversar. Onde será a surpreza do despertar na manhã seguinte? Defronte de Nice, de Alger ou de Napoles?

(Quadro de Stewart)

YACHTING

A PALAVRA *yacht* applica-se exclusivamente ás embarcações que podem fazer-se ao mar, consagradas á navegação de recreio. De todos os *sports* é sem duvida o *yachting* aquelle que mais aberto ou geral se pode considerar, porque todas as classes, e quasi todas as bolsas, d'elle se podem utilizar. Desde o modesto proprietario d'um *duas toneladas* á vela cujos gastos de conservação e de bordo se reduzem ao minimo, ate o millionario americano ou europeu que percorre os mares no seu *steam-yacht*, no seu barco a vapor de velocidades extremas, e de tonelagem cifrada por centenas, ha espaço para uma gradação numerosa que pode satisfazer o amador do mar, todo entregue ao prazer muito especial de navegar.

Pouco a pouco, o vapor tem substituido a vela, e este movimento que partira dos americanos generalizou-se na Europa. Com effeito, aproveitando todos os recursos da moderna arte de construcção naval e dos progressos mechanicos, estas bellas embarcações, cuja tonelagem attinge por vezes a dos melhores paquetes, rivalizam em velocidades os melhores navios da marinha de guerra, e reunem dentro de si tudo quanto o conforto e o luxo podem juntar, quando servidos por uma phantasia educada e por uma bolsa inexgotavel. Viajando em barco de vapor, o *yachting* perde o imprevisto sensacional das singraduras á vela, mas ganha em rapidez de realização dos desejos, o que é elemento essencial para os que buscam no prazer a suppressão instantanea e ephemera do profundo tedio da vida. Não contrariam os designios do viajante, nem a direcção do vento, nem o estado do mar; precisa-se, fixa-se, com differença de minutos, a hora da chegada ao ponto desejado. Faz-se *sport* com maior segurança e commodidade.

Ainda são raros relativamente, nas esquadras de *yachts*, os modelos das velocidades prodigiosas; em geral os marinheiros do

A TODO O VAPOR

Na pequena roda de leme o pintor intencionalmente desenhou a palavra «Hassan», o nome do conhecido heroe de Musset. Que a scena tem a delicadeza sensivel do poeta. De manhã, colhido um braçado de flôres, mettem-se no pequenino escaler e partem anciosos a todo o vapor, em visita, á quinta da outra banda com a mocidade gentil a pilotar attenta, anciosa do futuro.

sport contentam-se com andamentos moderados, de 12 a 17 nós; e por muito reduzidos que nos pareçam estes percursos, em comparação com os dos transportes de guerra, deve notar-se que não é facil conciliar, na construcção, as exigencias de espaço para machinas e para paioes de carvão com as de commodidade e de installações proprias d'um barco de recreio. Ha tambem uma questão de despeza que só poderia não ter significação para as fortunas fabulosas dos americanos, modernos reis da especulação e do commercio. Talvez por isso os seus *yachts* são mais velozes do que os europeus. A época actual caracteriza-se pela competencia excessiva, pela concorrencia disputada; quer-se chegar depressa, na ancia do exito; vive-se n'uma regata permanente, n'uma aspiração suprema de attingir a incoercivel felicidade. E este estado d'alma reflecte-se nos movimentos materiaes; procuram-se as maximas velocidades; nunca o *expresso* é bastante rapido; passa-se do bicyclo de pedal ao automovel vertiginoso. Busca-se na rapidez dos andamentos o fugitivo equilibrio da ventura que esmague o tedio. Comprehende-se, portanto, que a aventura da viagem á vella, trabalhosa, seja substituida pela carreira do vapor, e percebe-se bem que viesse da America, onde a vida attingiu o maximo de intensidade, a iniciativa da transformação.

Contraem-se annualmente numerosos e magnificos *yachts*; existe um largo mercado para este genero de embarcações; passam facilmente de mão; vendem-se e e revendem-se; alugam-se a preços modicos; ha agencias especiaes que se encarregam de os obter da grandeza desejada. Calcula-se, em geral, que um *steam-yacht* 80 a 100 toneladas pode alugar-se por 4 a 6 libras por dia conforme o luxo das installações. O seu preço de construcção varia n'uma grande amplitude, consoante as exigencias do comprador; porem designa-se por termo medio que a tonelada custa 40 libras. E' claro que o destino particular do *yacht* influe poderosamente nas despesas de bordo, comtudo, para dar idéa do custo d'este agradavel *sport*, diremos que para tres mezes de viagem n'um 100 toneladas se calcula um dispendio de 15.000 francos. Esta somma cresce com a tonelagem, mas sem proporção com ella, de sorte que para um 300 toneladas, a despesa nos mesmos mezes se deve orçar por 25.000 a 30.000 francos. A epoca da viagem tem egualmente influencia nos dispendios.

Por generalização, applica-se o termo *yachting* ás pequenas excursões de rio, e quando este tem a grandeza do nosso Tejo, não é menos propria a accepção. Um e outro genero de *sport* tem os mais poderosos attractivos, e para os que procuram realizar na vida os sonhos do prazer, é imprescindivel capitulo a escrever nas memorias intimas um cruzeiro de recreio em elegante *yacht*, de porto em porto, de surpreza em surpreza.

A Architectura da Renascença

POR ALBRECHT HAUPT CONTINUA NO NUM. SEGUINTE

N'ESTA época de repouso, as modas não apresentam uma variação profundamente acentuada; apenas se vão adaptando ás exigencias do tempo. Em geral predominam as blusas no feitio dos corpos para as *toilettes* claras e leves, como os boleros para os vestuarios de fazenda; tão somente as blusas começam de se recobrir de largos cabeções soltos com forma de romeiras abertas, feitas das mesmas cassas e para onde passam as applicações de rendas que ha pouco ainda ornamentavam directamente os corpos. Approximase para o mundo elegante cosmopolita, para aquelle que passeia constantemente o seu tedio, disfarçado no prazer frivolo e logo abandonado, n'uma avida substituição de divertimentos, approxima-se, diziamos, a época das viagens apóz o descanço do verão no campo. N'este outono parece que o vestido curto será definitivamente a forma mais usada para costumes de viagens.

Com effeito, um costume *tailleur*, com uma saia muito comprida, além de ser uma forma incommoda, apresenta quasi sempre um aspecto deselegante, e mesmo no systema de vestuario de casaco e saia haverá n'esta estação a saia tocando apenas no chão, ao que as modistas e alfaiates chamam actualmente saias arrendondadas.

Os costumes *tailleurs* de saias redondas em pannos, flanellas ou sarjas de linho hão-de constituir o trajo mais usual. Pelo menos para isto se prepararam os fornecimentos de fazendas. Nos chapeus continuam a predominar o enfeite de plumas que as formas de largas abas exigem naturalmente.

Nos cintos que formam parte importante nos costumes *tailleurs* com boleros, nota-se uma novidade, que é o aproveitamento das largas bandas de desenhos orientaes. Por força têem de ser montadas em fita forte para as conservar dlreitas, pois o fabrico d'ellas é geralmente muito flexivel e facil de desfiar; portamto devem ser feitos sobre qualquer forro que os obrigue a estar firmes, como é indispensavel para cintos. D'antes o cinto era um adorno menos cuidado, mas hoje contase que tenha um caracter proprio, mais individual e espressivo, por causa do *bolero* curto e solto que pede um complemento mais importante e que ponha uma certa nota de viveza e de interesse na monotonia forçada do costume. O cinto, na verdade, offerece a opportunidade de apresentar aquella interessante nota de côr.

Mostra a nossa primeira illustração uma saia em voile, azul pallido ou verde, com uma veste em forma de *bolero*, de seda salpicada e o corpo enfeitado de botões. A saia é montada sobre forro separado, formando gomos na roda em baixo, e na largura da frente pregas em toda a altura, á semelhança dos saiotes escocezes, prezas em baixo perto da bainha com presilhas e botões. O corpo, que é tambem montado n'um forro ajustado, é feito em fórma de *bolero*, com dragonas, cahindo sobre uma manga arregaçada dividida em pregas, acima do cotovelo, preza por uma presilha de seda e botões e

finalizada com uns longos canhões de seda. A veste mostra por baixo uma sub-veste de cambraia com rendas franzidas, e o corpo é contornado com um cinto de setim preto.

A nossa segunda illustração apresenta tres modelos de blusas, variedades do que se usa, e onde começam a apparecer os largos cabeções em fórma de romeira e pequenas golas, visto que são modelos destinados á ultima época do verão e na previsão de que as tardes humidas do principio do outono ou da beira mar exijam rapido agasalho. O simples exame das figuras mostra como são delineadas, e servirão sem duvida para suggerir ideas ou transformações, consoante o gosto individual. São copias de modelos feitos expressamente para estação de banhos e campo no extrangeiro e para elegantes mundanas, que sempre capricham em modelar as blusas n'uma ininterrupta variedade de fórmas e de adaptações ao local e ao tempo do anno.

Conjunctamente, apre-sentam-se modelos de chapeus.

Mostram as nossas terceira e quarta illustrações modelos de vestuario de interior: um elegante robe-de-chambre, e um bonito casaco de manhã, para primeiro almoço familiar. Faz-se o primeiro, em geral, de cachemira lisa ou de tecido ornamentado, sendo o feitio determinado pelo franzido com cordões na parte superior sobre um escapulario, que assim prende a ampla largura da *robe*. Como enfeite geral, na gola aberta ligeiramente, em toda a altura, e nas mangas largas, um galão largo de estylo oriental, o qual na frente occulta a pestana interna onde estão abertas as casas para [illegible] com pequenos botões de panno a porção de altura necessaria para enfiar o roupão. E' simples, pratica, e severa esta *robe* de manhã, como deve ser, para que se não empreguem *raffinements* de mau gosto.

O pequeno casaco de manhã, ou penteador, que mostra a nossa figura, cuja fórma é simples e elegante com o seu largo cabeção debruado de rendas, fecha na frente por colchete occulto sob um laço de setim, e faz-se de mousselina ou de flanella de cores de phantasia. O cabeção é feito separadamente. As mangas terminam com punhos de renda em elegante apanhado.

TRABALHOS MANUAES

Este, que apresentamos nas duas illustrações seguintes, é destinado a adornar a mesa de lunch ou de merenda e a collocar por cima da toalha branca adamascada, ou de largas barras, em côres, como é moda muito corrente. N'estas longas tardes de verão, no campo, substituindo o chá das cidades, costuma offerecer-se o que os antigos chamavam a merenda, porque o que se chama hoje jantar era então a ceia, e n'estas refeições predominam as fructas e as conservas doces. O adorno de phantasia, como se vê do desenho, consiste n'um centro liso, feito em linho forte, debruado em disposição elegante de largas folhas de vinha. O centro destina-se á collocação do fruteiro, das compoteiras, e das geléas emquanto que as folhas se destinam aos pequenos pratos dos convivas. Substitue, quebrando a monotonia das toalhas brancas, a grande bandeja, onde no inverno se colloca o apparelho do chá e dá um leve tom campesino á mesa.

O processo de fazer é simples e rapido. Começa-se por copiar o desenho da parra n'um cartão, engradecendo-lhe em volta o tamanho conforme se deseje, e este servirá de modelo para recortar na linhagem adoptada as folhas definitivas que, tendo o previo cuidado de lhe traçar nas bordas uma linha de egual distancia, são debruadas em ponto de casa com torçal verde. Desenham-se egualmente em ponto de cadeia as nervuras das parras. Está n'esta feitura cuidadosa das folhas a unica difficuldade, se acaso se pode assim chamar, d'este trabalho;

depois de todas acabadas, são cosidas á parte central, dando-lhes uma disposição semelhante á que mostra o desenho junto, e em harmonia com a dimensão adoptada, consoante a mesa a que se destina.

PERFUMES

Constituem um importante capitulo da hygiene da belleza da mulher. Os aromas suaves contribuem, com effeito, para realce dos

encantos, porque os sentidos completam-se por um processo de imaginação bem conhecido. Assim o alfacto completa a vista. A perfumaria não é sómente, como se pode suppôr, um simples accessorio de moda, mas uma necessidade individual. Por outras palavras toda a mulher tem de escolher o aroma que vae de harmonia com o genero de belleza, como tambem escolhe a côr da *toilette*. Assim o perfume de violeta, suave e discreto, convem ás modestas e juvenis; o feno é mais capitoso, appropria-se á formosura exuberante e saudavel das que realizam o ideal de Rubens.

Em todos os tempos os perfumes constituiram elemento indispensavel de todas as gran-

des festas, como ainda hoje o incenso é um engenhoso meio de sensibilizar a religiosidade dos crentes.

Os antigos povos do oriente levaram a arte do perfumista a um grau de perfeição que a moderna sciencia e a moderna arte não souberam exceder. Os gregos e os romanos herdaram os costumes orientaes e pode dizer-se que levaram ao exaggero o uso dos perfumes. O numero das pomadas, a variedade das composições odoriferas, a abundancia de *sachets*, e riqueza dos cosmeticos, então usados, eram prodigiosos.

Os amantes de Lais foram os engenhosos inventores da pulverização. No meio da sala dos festins, soltavam pombas impregnadas das mais finas essencias, e estas graciosas aves sacudiam sobre os convivas as suas azas perfumadas — graciosa operação que de longe recorda o pulverizador dos nossos dias.

Os antigos tinham observado muito cuidadosamente a psychologia dos perfumes; e mesmo, segundo elles affirmavam, havia uma concordancia notavel entre a aspiração dos aromas e os estados de alma; o musgo seria bom para despertar o sentimento amavel, a rosa seria o incentivo da audacia, a violeta predispunha para as meditações religiosas, a hortelã pimenta era o perfume dos politicos; o cravo incitava á maldade; o benjoim á inconstancia.

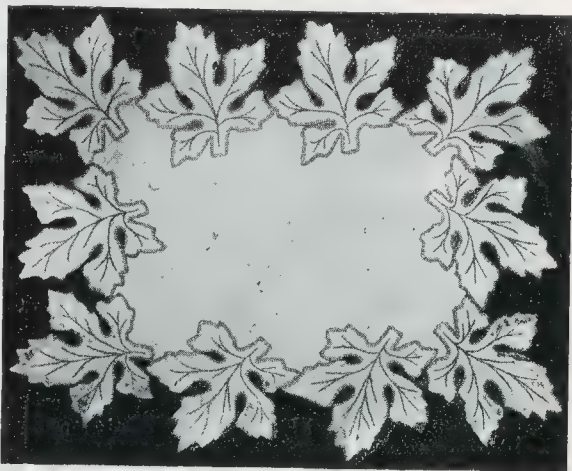
A verbena e o ambar erão excitantes poderosos da arte e do genio.

Actualmente classificam-se os perfumes, em tres ordens principaes: *aromaticos, suaves, e ambrosiacos.* O commercio dos perfumes e a industria da sua producção constituem um grande ramo de especulação intenacional, porque todas as partes do mundo concorrem com os seus productos para o fabrico, e de todas as partes do mundo a procura é intensa e valiosa.

Sendo o olfato principalmente o sentido da imaginação, na phrase de Rousseau, é facil conceber como as vibrações agradavelmente perfumadas penetram no systema nervoso e lhe captivam a sensibilidade, como se fossem ondas sonoras d'uma musica melodiosa. Suscitam as sensações voluptuosas, como tambem fazem cahir em sonambulismo artificial naturezas hystericas.

Os perfumes de base cyanica (amendoas amargas, louro-cerejo, flôr de pecegueiro) teem uma acção calmante e antispasmodica sobre o organismo. Os perfumes de bases fortes (acido acetico, ammoniaco, *saes inglezes)* teem uma acção preventiva, muitas vezes efficaz, contra as syncopes e os desmaios.

O abuso dos perfumes, embora tenha influencia sobre a saude, não offerece perigos que inspirem serios receios. Em contra partida os perfumes teem uma acção autimiasmatica e antiseptica. Nem todos, é claro. Alguns ha que purificam o ar, neutralizam os gazes deleterios, matam bacillos nocivos; porém outros mascaram apenas com a força do seu olor outros cheiros infectos. Por exemplo, o benjoim, o afamado perfume oriental encerra um poder chimico real de desinfecção, devido ao acido beuzoizo. A camphora está bem longe de ter decahido da sua antiga e grande reputação antiepidemica.

Ha fumigações aromaticas (todas de base de nitro, benjoim, tolu, etc.) que refrescam, por comparação de sensações, o ambiente dos aposentos e facilitam a respiração. As essencias artificiaes de laranja e de limão, participam das propriedades innappreciaveis da escencia de terebenthina, que se considera hoje o melhor desinfectante de quartos.

E' bastante importante este assumpto para que a elle voltemos brevemente.

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

Acontecimentos politicos e sociaes

Julho. — **9** *França* — O presidente Loubet regressa a Paris da sua viagem a Inglaterra, sendo muito victoriado na *gare* e em todo o percurso até o Elyseu. — *Hespanha* — Silvela nega terminantemente que alguns dos ministros que formam o actual gabinete estejam desgostosos, facto que poderia motivar qualquer crise.

10 *Marrocos* — Mahomed Torres confirma officialmente a tomada de Tazza por Menebi ministro da guerra.

11 *Italia* — A viagem do rei Victor Mannel a Paris é adiada em razão da doença do Santo Papa.

12 *Hespanha* — Silvela tem com Sampedro uma larga conferencia. No fim d'esta, declara Silvela ter-se resolvido conceder um credito para as obras do Arsenal. — *Servia* — Telegrapham de Vienna ao «Rappel» que a herança do finado rei Alexandre da Serʌia provocará um grande escandalo; o dinheiro de contado que o rei possuia, cerca de 800:000 francos, desappareceu na noute do attentado; não soffre duvida que os regicidas se apoderaram d'elle. — *Portugal* — E' determinado que o transporte *Salvador Correia* que vem em viagem de Angola para Lisboa, se demore no Funchal o tempo necessario para vistoriar na enseada do Machico e na costa do Porto Santo varios locaes, cuja concessão foi requerida para lançamento de armações para a pesca de sardinha e atum.

13 *Bulgaria* — Dá-se um recontro na fronteira entre as tropas turcas e bulgaras. E' convocada a toda a pressa o conselho de ministros sendo chamadas ás fileiras novas tropas. Apesar dos esforços da politica russa, julga-se inevitavel o rompimento de relações entre a Turquia e a Bulgaria. A opinião unanime d'este paiz é a favor da guerra, pois que envia agentes seus ao estrangeiro a comprar 300:000 espingardas. A Turquia julga a guerra inevitavel. Teme-se que se unam á Bulgaria todos os principados danubianos. — *Portugal* — Tem-se realizado no Porto reuniões clandestinas de operarios tecelões resolvendo continuar a greve. — *Grecia* — A Dieta hellenica vota por unanimidade uma moção de confiança no governo e reduz o numero dos deputados a 198. — *Hespanha* — Veja Armijo declara no congresso que o partido liberal não manterá o decreto que o governo resolve publicar sobre as associações religiosas. — *Italia* — O Papa é guardado pelos guardas nobres, e ninguem, nem mesmo as pessoas de familia, podem assistir ao seu ultimo suspiro. A noute foi má para o doente; pela madrugada pede de novo os sacramentos, recebendo-os com um esforço de energia Está muito abatido, e diz ao seu fiel Centra, que o anima e consola: «E' inutil; chega a occasião de dizer-lhe adeus».

14 *Irlanda* — Por motivo da proxima visita do rei Eduardo a este paiz dá-se já em Dublim graves tumultos. A populaça invade a casa da municipalidade, onde se discute o projecto da mensagem ao rei. O «lord maire» vem á porta e ameaça a multidão. Esta exaspera-se e pratica graves disturbios. Intervem a tropa travando-se luta. Dentro a discussão é agitadissima sendo por fim o projecto regeitado. — *Marrocos* — Effectua-se luta renhidissima na tomada de Tazza, ficando o campo juncado de cadaveres. Fazem-se muitos prisioneiros, entre elles alguns chefes dos rebeldes. As tropas imperiaes saqueam a povoação entrando triumphalmente em Fez, com 87 cabeças e 30 prisioneiros. — *Estados Unidos* — Em seguida aos escandalos financeiros foi proclamado o estado de sitio em Port-du-Prince.

15 *Hespanha* — Os operarios das officinas do caminho de ferro em Valladolid estão dispostos a pôrem-se em greve, caso não seja demittido o contramestre das officinas. — *China* — A Inglaterra e os Estados Unidos estão altamente preoccupados com os preparativos da Russia em Porto Arthur, ante a possibilidade de futuros acontecimentos com o Japão Actualmente existem n'aquelle porto 12 couraçados, 45 torpedeiros e 30:000 homens russos.

17 *Argentina* — O ministro dos negocios estrangeiros, sr. dr. Drago, pede a sua demissão. — *Estados Unidos* — A esquadra americana toma officialmente posse das ilhas de Cagayan e Lulan compradas á Hespanha.

18 *Servia* — Descobre se em Belgrado um novo «complot» em que estão compromettidos doze officiaes partidarios do malogrado rei Alexandre, para attentar contra a vida do actual rei da Servia. Effectuam-se muitas prisões. As guardas do palacio são vigiadas por rondas volantes. — *Hespanha* — No conselho de ministros em Madrid em resultado de divergencias ácerca da esquadra resolve-se a demissão total do gabinete. Silvela declina o encargo da reconstituição do gabinete. E' chamado ao paço o sr. Villaverde, este acceita o encargo de formar gabinete. — As greves de Barcelona prejudicam os operarios em quatro milhões de pesetas. A camara vae promover obras para dar occupação aos operarios que ficaram sem trabalho. 108 deputados e senadores propõem-se fazer uma activa campanha nas camaras em favor da agricultura.

20 *Italia* — Pelo meio dia começa a agonia do Santo Papa, manifestando Leão XIII grande soffrimento. Os cardeaes Rampolla e Vanutelli são então chamados a toda a pressa e o grande penitenciario concede ao muribundo as indulgencias «in articulo mortis» O Papa abre n'essa occasião os olhos, fita tristemente os que o rodeiam pronuncia ainda algumas palavras com voz quasi extincta, mal se percebendo que recommendava a egreja ao cardeal Oreglia, e pretende lançar a benção mas não poude levantar a mão. A's 3 horas e 58 m., Leão XIII expira serenamente tendo sido impotentes os esforços dos medicos para lhe prolongar a vida por meio de injecções de cafeina e camphora. *Hespanha* — Fica constituido o novo gabinete em Madrid: presidencia, o sr. Villaverde; estrangeiros, o sr. Osma; justiça, o sr. Bergallal, fazenda, o sr. Bezada; reino, o sr. Garcia Alix; guerra, o sr. general Martitegui; marinha, colonias e agricultura o sr. Gasset, e instrucção publica, o sr. Paradero. — Os liberaes classificam de desconsideração para o parlamento o facto do novo ministerio não se apresentar ás côrtes. Os republicanos consideram a crise um triumpho para elles. — A maioria da imprensa combate o governo, julgando que a crise se produziu em consequencia d'uma combinação entre os proprios ministeriaes.

21 *Haiti* — E' proclamado o estado de sitio no Haiti afim de impedir a revolução imminente; alguns ministros dão as suas demissões, e estão concentrando tropas contra o governo. — *Venezuela* — Um navio de guerra venezuelano bombardeia os edificios occupados pelos revolucionarios em Ciudad Bolivar, perdendo 100 homens. Dos revolucionarios ficam mortos 200. — *Italia* — A congregação cardinalicia elege monsenhor Merry del Val para secretario da Sagrada Congregação Consistorial. A' congregação cardinalicia d'esta manhã assistem 28 cardeaes.

22 *Russia* — O comité encarregado de soccorrer os judeus na Russia manifesta que os damnos causados em Kicheneff por motivo dos acontecimentos antisemitas se elevam a rublos 2.333.000, sendo saqueados 700 armazens e 660 casas e mortos 47 individuos e feridos gravemente 33 e 345 levemente. O governo russo resolve não receber os protestos dos israelitas americanos. — *Allemanha* — E' assignada a escriptura do «trust» do aço. O capital é de quinhentos milhões de marcos, entrando todas as fabricas allemãs, incluindo a de Krupp. — *Estados Unidos* — Causa grande sensação em New York a prisão de Drasser, genro de Vanderbilt, accusado de falsificação e quebra fraudulenta.

22 *Italia* — O corpo do Papa Leão XIII é transportado para a basilica de S. Pedro com solemnidade. O espectaculo é pathetico. A eça está armada na capella do Sacramento. Em duas horas desfilam 15:000 pessoas por deante do corpo de Leão XIII. A multidão mostra se muito commovida — *Russia* — Rebenta em Bakon uma greve que abrange todos os ramos do trabalho. Os grevistas são 40:000.

23 *Bolivia* — Os revolucionarios commandados pelo general Rolando são aprisionados em Ciudad Bolivar, depois de 52 horas de combate, estando assim terminada a revolução.

24 *Russia* — Causa serias preoccupações a questão da Mandchuria. A Russia parece não estar disposta a evacual-a. Em Port-Arthur installa-se a telegraphia sem fios afim de se estabelecer facil communicação com os navios russos. — *França* — Uns 1.500 cocheiros de carruagens de praça, reunidos, decidem pôr-se em greve.

25 *Hespanha* — Villaverde, declara que ouvirá todas as opiniões sobre o seu projecto que regula a questão cambial. Muitos deputados ministeriaes e chefes conservadores, das provincias, manifestam desejo de se retirarem da politica, mas Silvela pede-lhes que continuem a apoiar o governo Villaverde. — Em Jerez e Barcelona realizam-se comicios para pedir a liberdade dos presos por questões sociaes. — *Italia* — O corpo diplomatico assiste, d'uma tribuna especial da capella, á collocação do cadaver de Leão XIII dentro do jazigo.

27 *Portugal* — Uma commissão de negociantes de assucar, protesta, perante o governador civil, contra a representação dos refinadores de assucar, pedindo o limite do numero de refinarias e sollicita que influa junto do governo para que d'uma vez seja regulado o despacho do assucar, verificando-se o respecivo direito.

29 *Turquia* — O conflicto turco-bulgaro continua com a mesma gravidade. Os officiaes allemães instruem os turcos nos exercicios militares. O sultão ordena a concentração de tropas no Vale Stromma. Augmentam as probabilidades de um levantamento geral dos christãos na Macedonia. — *Peru* — Abre-se o congresso peruano. O presidente da republica diz no seu discurso de abertura que são amigaveis as relações do Peru com todas as outras nações.

31 *Russia*—Estão em greve os marinheiros mercantes dependentes das companhias de navegação nos portos do Mar Negro, especialmente em Odessa. Os grevistas são substituidos pelos seus collegas da marinha de guerra. — *Italia*—Os cardeaes assistem á missa do Espirito Santo no Vaticano e entram para o conclave.

Agosto.—2 *Irlanda* — O rei Eduardo dirige ao povo irlandez uma proclamação, em que se felicita pelo acolhimento leal que elle lhe fez, e accrescenta que o apparecimento de dias mais felizes para a Irlanda depende do seu desenvolvimento, cooperação, confiança em si, instrucção mais pratica, espirito de tolerancia e respeito mutuo

4 *Italia* — O cardeal Macchi annuncia da tribuna exterior da basilica á enorme multidão de gente que espera na praça, a eleição do cardeal Sarto para Papa.

5 *Servia* Descobre-se um novo «complot» contra o rei da Servia. A policia prende os conjurados que estão reunidos em Visch. Um coronel e oito officiaes conseguem fugir. São apprehendidos varios documentos em caracteres symbolicos Em Belgrado fazem-se numerosas prisões.

6 *Italia.* — O sr. Zanardelli telegrapha aos governadores civis que, não tendo o novo Papa communicado a noticia da sua eleição ao governo italiano, os funccionarios do Estado não deverão tomar parte nas festas ecclesiasticas que a tal proposito serão celebradas.

7 *Austria*—O barão de Fejewarx entrega a sua demissão ao imperador Francisco José, o qual reserva a sua decisão.—*Italia*—O Papa Pio x recebe varios cardeaes, entre elles o cardeal Netto, patriarcha de Lisboa, e o cardeal Ajuti, pro-nuncio apostolico n'esta cidade. Ao receber os cardeaes francezes diz-lhes «somos amigos de todas as nações, mas sentimos predilecção pela filha primogenita da egreja».

8 *Canarias* — Toma grande intensidade a gréve dos padeiros em Las Palmas. Os patrões conservam se intransigentes e os operarios estão em completa miseria. — *Hespanha* — Um grupo de republicanos invade a typographia do jornal carlista intitulado o *Raio* em Valencia, causando grandes prejuizos.

9 *França* — Na visita do sr. Combes presidente do conselho a Marselha, no momento em que sahe do banquete dos professores primarios, um individuo vestido de pescador dispara dois tiros de rewolver, alvejando a carruagem que conduz aquelle senhor. O auctor do attentado é um italiano de nome Picolo.

❁ ❁ ❁

Acontecimentos mundanos, scientificos e artisticos

Julho — 10 *Hespanha* — O rei Affonso xiii assiste á inauguração do Instituto Agricola em Madrid.

13 *Portugal*— O antigo capitão de cavallaria italiana, Boeri, que se propõe a realizar uma viagem a cavallo através da Europa, faz no Porto no Palacio de Crystal uma conferencia sobre a mesma viagem.—Perante toda a força disponivel da guarda municipal, o respectivo commandante, o coronel Sarmento, colloca no peito do sargento Francisco Antonio Louzada, a medalha de prata com que o governo o agracia, por ter salvo n'um incendio, Theodorico da Silva Malafaia.

14 *Portugal*—Realiza-se em Lisboa no Paço da Ajuda com grande imponencia e luzimento a ceremonia da imposição do barrete cardinalicio ao pro-nuncio, cardeal Ajuti, arcebispo de Damietta, por sua majestade el-rei D. Carlos.—*França*—O presidente Loubet, acompanhado pelo sr. Lombes, presidente do conselho de ministros e pelo general Dubois, chega a Longchamp para assistir á grande revista militar. Minutos depois appareceu por cima do acampamento o balão dirigivel do sr. Santos Dumont.

15 *Hespanha*—Inauguram-se solemnemente em Madrid 10 escolas publicas, assistindo o rei, ministro d'instrucção publica, sub-secretario, autoridades etc.

18 *Portugal*—Toma posse do lugar de governador do campo entrincheirado o sr. infante D. Affonso, recebe os officiaes em serviço no quartel general de Caxias e as devidas honras do seu cargo. — *America do Norte*—Para commemorar o ingresso da Luisiania na vasta Confederação do Norte, inaugura se em S. Luis uma grande exposição internacional.

20 *Portugal* — Effectua-se em Bragança a inauguração solemne dos trabalhos de construcção do caminho de ferro de Mirandella a Bragança.

30 *Portugal* — Realiza-se em Coimbra na sala dos Capellos na Universidade a sessão solemne em honra do dr. João Jacintho da Silva Correia, professor eminente que honrou sempre a Universidade e medico distincto. Assistem a esta festa brilhante grande numero de damas, as autoridades, funccionarios publicos estudantes, etc.

Agosto—1 *Portugal*—Sua majestade el-rei D. Carlos, suas altezas o principe real e o senhor infante D. Manuel visitam o couraçado *Brocklyn* navio chefe da esquadra americana surta no Tejo.—*Allemanha*—Descobre-se que o banqueiro Hann, principal director do Banco Boket, de Dresde, falsificou letras que descontou no mesmo Banco. Essas letras que attingem muitos milhões de marcos, figuram como passadas pelos concelhos de administração de 27 companhias.

2 *Portugal* — Com uma concorrencia de perto de sete mil pessoas faz em Lisboa, sahindo do Jardim Zoologico, a sua ascensão em balão, mr. Carton, levando na sua companhia os srs. Carlos Alves de Carvalho empregado na administração do jornal *O Dia* e Joaquim Marques Freire, chefe da typographia do mesmo jornal.

4 *Portugal*—Acha-se ancorada na bahia de Lagos a esquadra ingleza Effectua-se uma grande regata á chegada e ha indescriptivel enthusiasmo.

7 *Portugal* — A sociedade de Horticultura

do Porto organiza um concurso ou exposição de azeites, afim de com maior exactidão conhecer do verdadeiro valor da oleicultura em varias regiões do norte do paiz, não abrangendo desde já o sul para não levar demasiadamente longe os seus estudos de uma só vez.

9 *Portugal*— Realiza-se em Lisboa no Jardim Zoologico a segunda ascensão de mr. Carton.

◉ ◉ ◉

Accidentes

Julho — **10** *Portugal* — Em Correntenhas, desaba uma barreira e trincheira da construcção dos caminhos de ferro de Vendas Novas, victimando um jornaleiro e ficando outro gravemente ferido.

12 *Portugal* — Dá-se um choque de comboios dentro da estação do Rio Tinto. Estando ali o comboio mixto que vinha de Barca d'Alva á espera que passasse o comboio para a Regoa o agulheiro adormece e não faz a agulha. O comboio que ia perto cáe sobre o outro, arrebentando o material e ficando feridos vinte e tantos passageiros.

13 *Portugal*—Em Villa Flôr cahe uma trovoada medonha acompanhada de graniso, algumas pedras com peso de 14 e 15 grammas, causando enormes estragos e prejuizos.

14 *Chili* — O ministro plenipotenciario em Santiago do Chile telegrapha que a peste vae alastrando por todos os postos chilenos.

15 *França* — N'uma fabrica de productos pyrotechnicos em Rueuil, explode um morteiro, resultando ficarem 20 pessoas feridas, uma creança morta e outra gravemente ferida.

16—*Italia*—O rei Victor Manuel e a rainha Helena ao experimentarem no parque do castello de Racconigi um carro automovel electrico, este foi esbarrar com uma arvore; o rei fica illeso, mas a rainha desmancha um pé, o que lhe exigirá um mez de repouso.—*Liverpool* — Um comboio de passageiros descarrila na *gare* de Waterloo, ficando mortas 8 pessoas e feridas 3o.

19 *Hespanha* — Manifesta-se violentissimo incendio no theatro de verão Eldorado, em Madrid, propagando-se aos predios immediatos e destruindo completamente o theatro.

21 *Hespanha* — O automovel do marquez Tovar, sahindo de Madrid para S. Sebastião, encontra-se na estrada com uma manada de touros que investem com aquelle vehiculo destroçando-o. O *chauffeur* foi cuspido da almofada e muito pisado por um dos touros.

22 *Italia* — Ouvem-se violentas explosões na cratera do Vesuvio.

23 *Estados-Unidos*—Passa um violento furacão sobre Patterson, New-Jersey, causando estragos enormes e deixando mortas 4 pessoas e feridas 15o. — *Allemanha* — Um comboio de passageiros descarrila proximo de Aunaberg, de que resulta 4 feridos e 4 mortos.

26 *Hespanha* — O grande edificio onde estava estabelecido o edificio do asylo dos mendigos em Santander, acaba de ser destruido por um incendio. As perdas são consideraveis. —*França*—Um terrivel incendio destróe uma fabrica de rolhas em S Gelin de Guisol, em Gerona, ficando completamente consumido.

27 *Italia*—Augmenta a erupção do Vesuvio. A corrente da lava avança meio metro em cada minuto em direcção a Pompeia, destruindo as povoações. Reina grande panico — *Inglaterra* — Um comboio de excursionistas esbarra com as balisas na estação de Saint Enoch em Glasgow, morrendo 15 pessoas ficando feridas umas 20 e feitos em estilhaços 2 vagons.

29 *Russia*—Em Bakou, no Caucaso, incendeia-se uma fabrica de petroleo. Cincoenta poços contendo este combustivel ficam completamente destruidos. O fogo ameaça ainda fazer explosões n'outros poços limitrophes. Torna-se impossivel combater o incendio por falta de bombas.—*America do Norte* — N'uma fabrica de polvora em Tewkesburg dá-se uma explosão de que resulta ficarem 25 pessoas mortas e 5o feridas.

Agosto — **6** *Italia* — Desmorona-se a parte superior da fachada da cathedral de Folegno que andava em construcção, ficando mortos 4 pedreiros e ferido gravemente 1 outro.

8 *Hespanha* — Um incendio voraz destróe em Barcelona uma fabrica de tecidos de seda, deixando sem trabalho cerca de 1.5oo operarios.—*França* – O tribunal criminal do Sena começa a julgar em audiencia de jury o processo de Humbert, sendo enorme a affluencia do publico.

9 *Hespanha*—Na Glorieta, S. Bernardo, em Madrid, produz-se um contacto dos cabos telephonicos com o dos carros electricos ficando muitas pessoas feridas e uma mulher morta. —*Portugal*—Dá-se em Lisboa um grande tremor de terra o mais violento que n'estes ultimos tempos se tem sentido e que foi quasi tão demorado e intenso como o de 11 de novembro de 1858. Foi sentido na maior parte do paiz, sobretudo na região central. — *Estados-Unidos*—Em Philadelphia, durante um *match* de *bass ball* desaba uma plataforma apinhada de espectadores, dos quaes ficam 4 mortos e 15o feridos.

◉ ◉ ◉

NECROLOGIA

Julho – **9**—Conde de Tavarede em Portugal, na sua casa de Trancoso. O illustre extincto foi deputado em diversas legislaturas e governador civil da Guarda onde era muito estimado.

17—Duqueza de Veragua em Madrid, dama da rainha de Hespanha.

— Dr. Bento José da Silva Lima em Loulé (Portugal, tendo sido juiz no Porto, mais tarde nos Açores, finalmente tendo vindo para a Relação de Lisboa, retirando-se ha pouco tempo para Loulé onde vivia rodeado de respeitos e sympathias. Foi o dr. Silva Lima

quem pronunciou o dr. Urbino de Freitas.

20 — Santo Papa, Leão XIII, em Roma, 93 annos de edade. Desapparece com a morte de Leão XIII uma das mais bellas e sublimes individualidades dos tempos modernos, não só pela grandeza do cargo em que fôra revestido, como pelos dotes elevados do seu espirito, pela rectidão do seu caracter, pela pureza das suas intenções, pela bondade da sua alma. Leão XIII deixa um vacuo que difficilmente será preenchido. A sua pessoa impunha-se ao respeito e á veneração de todo o mundo.

21 — Dr. Joaquim Coelho de Carvalho, em Lisboa, bacharel em mathematica, antigo governador civil, deputado, par do reino, e outr'ora presidente da camara municipal de Lagos onde prestou relevantissimos serviços.

29 — Conselheiro Barros e Sá, em Lisboa, 83 annos, ministro de estado honorario, par do reino, e juiz do Supremo Tribunal de Justiça.

31 Sebastião Alves no Pará, 32 annos, distincto e intelligente actor portuguez.

Agosto. — **3** — José Germano da Cunha, no Fundão, 64 annos, poeta e escriptor, possuindo elevadas qualidades que o exornavam e meritos que lhe davam saliente lugar, nas bôas lettras nacionaes.

8 — Antonio de Sousa e Vasconcellos, em Oeiras, perto de Lisboa, antigo secretario geral da administração da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes e professor na Academia das Bellas Artes de Lisboa. Descendente de uma familia distincta e nobre, era o illustre finado um excellente funccionario e escriptor.

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarização sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'elle fazem agradavel entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilizaveis.

Viragem dos diapositivos

Da *Photographia News* tiramos as seguintes formulas para a viragem dos diapositivos com differentes tons:

Viragem azul escuro. — A chapa deverá ser immergida no seguinte banho:

Agua distillada, fervida ou filtrada	100 c. c.
Sulfocyaneto de ammonia	12 gr.
Solução de carbonato de soda a 1 %	12 c. c.

A cada 250 c. c. d'esta solução, junta-se 3 c. c. de solução de chloreto de ouro de reserva a 1 % em agua distillada, e levando a temperatura do banho a 30° centigrados. A operação cessa quando se tiver obtido a côr desejada (a mudança de côr em nada modifica a intensidade da imagem).

Viragem verde escuro. — Prepara-se a solução seguinte:

Agua	1000 c. c.
Oxalato de ferro	2 gr.
Ferrocyaneto de potassa	2 gr.

A chapa deverá ser immergida n'este banho e ahi conservada até que tenha tomado um tom azul escuro; devendo então ser lavada e mettida durante um minuto na solução:

Agua	1000 c. c.
Chromato de potassa	1 gr.

Lava-se e secca-se.

Viragem vermelha. — Immerge-se a chapa n'uma mistura em partes eguaes das duas soluções:

A — Agua	1000 c. c.
Ferrocyaneto de potassa	2 gr.
B — Agua	1000 c. c.
Azotato de urano	4 gr.
Sulfocyaneto de ammonia	20 gr.
Acido citrico	4 gr.

Se os brancos se apresentarem coloridos n'este banho, ter-se-ha de passar a chapa, depois de lavada, a uma solução de 1/500 de carbonato de soda, lavando-se e seccando-se em seguida.

Ha a notar que estes dois ultimos processos de viragem exercem ao mesmo tempo uma acção reforçadora bastante accentuada, devendo ter-se o cuidado de suspender a operação antes de se obter o tom definitivo que se deseja dar ao diapositivo.

PACIENCIAS

A galeria de quadros *(2 jogos de 52 cartas — não enaipada)*

Baralham-se os dois jogos e tira-se um *rei* que se collocará á esquerda. Em seguida tiram-se as cartas uma a uma que se collocarão sobre o *rei* até apparecer um *az*, uma *dama* ou outro *rei*. O *az* tomará logar superior ao *rei*, a *dama* ficará superior ao *az* e o outro ou outros *reis* ao lado do que se collocou primitivamente.

Logo que appareça um novo *rei* deixa-se de collocar as cartas sobre o primeiro e passa-se a collocar sobre o segundo e assim successivamente.

Os *azes* são o começo das oito dynastias em linha ascendente e sem distincção de côr até terminar em *valetes*. Quando appareça uma carta immediata á que estiver no monte dos *azes*, deve ella ser logo collocada no seu logar.

Deve-se examinar sempre com attenção se nos montes dos *reis* ha alguma carta que convenha collocar sob as dos montes dos *azes* e passal-a em seguida. A carta tirada do monte dos *reis* deixa livre a que lhe fica a seguir e que poderá ser collocada se houver logar para ella no monte dos *azes*.

Depois de esgotado o baralho vê-se quantos *reis* ficaram a descoberto e então podem-se preencher estas vagas com as cartas que melhor convenha tirar dos montes dos *reis* para as collocar sobre os montes dos *azes*.

A paciencia considera-se feita quando todos os montes de *az* apresentarem *valetes* ficando todos os *reis* a descoberto.

O quadro deve ficar disposto como segue:

A primeira linha superior, de *damas*, a do centro de *valetes* e a inferior de *reis*, formando assim uma galeria de quadros.

PRODUCÇÃO ARTIFICIAL DE PEROLAS

Algumas observações e experiencias feitas pelo dr. H. Lyster Jameson, conducentes a determinar a origem das perolas, teem levado a resultados que fazem suppor possivel o cultivo das perolas, emprehendido com exito. Parece que o mexilhão vulgar está muitas vezes infectado d'um parasita que, quando morre, deixa uma substancia que se torna calcarea e fórma o nucleo da perola. O dr. Jameson conseguiu infectar mexilhões com este parasita n'um aquarium, e concluiu á força de trabalho o seu estudo biologico. Descobriu que as perolas são provenientes de parasitas identicos ou similhantes em differentes outras especies de molluscos, incluindo algumas das de ostras de perolas; e julga que a infecção artificial das ostras de perola podia ser effectuada de fórma similar áquella que elle obteve, e bem succedida, com o mexilhão vulgar. Quando isto for decididamente experimentado, nenhuma difficuldade haverá em produzir perolas por meios artificiaes, e da abundancia provirá sem duvida a sua desvalorização.

OSCILLAÇÕES DAS AGUAS DOS LAGOS

Com quanto não se encontrem marés em lagos, sabe-se ha muitos annos que as aguas do lago de Genova, e d'outros lagos da Suissa, sobem e descem algumas pollegadas de uma fórma mais ou menos regular. Evidenciou-se ultimamente uma oscillação periodica d'este genero no lago Trieg, e mencionada na *Nature*; e é de excepcional interesse porque o phenomeno não tinha sido anteriormente observado em outro qualquer lago britannico. Occupado, n'um exame do lago, o dr. Johnston notou que umas tantas pedras, perto da margem, se cobriam e se descobriam em intervallos regulares, estando ao mesmo tempo perfeitamente calma a superficie do lago. Observações subsequentes mostraram que a amplitude da oscillação chegava a pouco mais de meia pollegada, e que o tempo gasto

em subir do mais baixo ao mais alto nivel, era de pouco menos de dez minutos. Com respeito aos lagos suissos estas variações periodicas são de caracter mais pronunciado, mas aquella amplitude varia muito consideravelmente, e differe tambem o periodo da pulsação. A causa exacta d'estas quasi-marés não se explica, attribuindo-as alguns observadores ás repentinas mudanças na pressão atmospherica, ao mesmo tempo que outros as consideram provenientes dos movimentos da terra que agitam aqui e acolá as aguas no seu leito. Tem sido observado nos grandes lagos da America que as vibrações precedem, muitas vezes, uma tempestade; e assim dão aviso da mudança de tempo antes do barometro. O mesmo genero de effeito pode observar-se á beira-mar onde apparecem borbotões peculiares na agua antes de uma tempestade. As diminutas mudanças do nivel d'um lago podem, portanto, utilizar-se como uma nova fórma de registo meteorologico para prevenção do tempo, desde que, se estabeleçam pontos de observação facil.

SIGNAES DA EDADE DOS PEIXES

A Associação de estudos marinho-biologicos ingleza exibiu recentemente alguns especimens, mostrando que as escamas de peixe podiam ser usadas como indice de edade, da mesma fórma que os anneis annuaes de muitas arvores. Se se examinarem as escamas dos peixes, encontra-se-lhes indicadas series de linhas parallelas que denotam successivas linhas de crescimento. Na estação calmosa do anno a quantidade de crescimento é maior do que na estação fria, portanto a distancia entre as duas linhas successivas é maior do que entre linhas representando o periodo frio. A alternativa das duas series dá origem á verosimilhança do que se lhes póssa chamar anneis annuaes, os quaes indicarão a edade do peixe em annos. O sr. J. Stuart Thomson tem examinado peixes de differentes especies, apanhados em todas as épocas do anno, com especial referencia ao estudo das linhas nas escamas. Os resultados do seu trabalho provam que é possivel determinar a edade de peixes individuaes de muitas especies por este meio e com consideravel precisão. Esta conclusão ha-de facilitar no futuro o estudo de outros pontos interessantes da historia natural dos peixes, e tem importantes applicações praticas.

EFFEITOS DE POR DO SOL

Julga-se geralmente que os notaveis coloridos, ultimamente observados em deliciosos occasos n'estas tardes de verão sejam devidos ao pó vulcanico espalhado no ar pelas erupções das Indias occidentaes. A força das explosões expelliu o pó vulcanico para as regiões superiores da atmosphera onde existem correntes que provavelmente o vão distribuindo, no decurso do tempo, sobre o mundo inteiro. A existencia d'estas correntes superiores foi demonstrada de modo notavel, em coherencia com a erupção do vulcão sulphureira de S. Vicente. Na occasião da erupção uma forte ventania soprava dos Barbados para S. Vicente; porém poucas horas depois, uma chuva de poeira começou de cahir em Barbados, e recobriu o chão na espessura de um quarto de pollegada. A poeira que cahira representava as maiores e mais pesadas particulas expellidas, mas enorme quantidade de materia fina deveria ter ficado em suspensão no ar superior, para ser conduzida em volta da terra e produzir os effeitos brilhantes do pôr do sol. Fôram observados na Madeira notaveis occasos, pouco mais ou menos um mez depois das erupções, e começaram de vêr-se na India e na Inglaterra quasi nos fins de junho. Os effeitos foram naturalmente notados por mais algum tempo ainda, como succedeu com os brilhantes occasos observados nos annos 1883-1884, que tiveram a sua origem na famosa erupção do vulcão Krakatoa, no estreito de Sunda. Este vulcão está perto do equador, onde as correntes d'ar teem tendencia de se elevar acima da superficie da terra, de fórma que as condições eram favoraveis para a distribuição do pó. Quando se reuniram as observações dos occasos coloridos, descobriu-se que as datas formavam sequencia e podiam ser classificadas n'uma ordem continua a partir de Krakatoa. Por ella se reconheceu que a poeira vulcanica completára o circuito da terra em quinze dias e depois se espalhára gradualmente em volta do polo. Antes dos fins de 1883 os pôr de sóes vermelhos foram notados em quasi todas

as partes do mundo, e continuaram a ser visiveis durante uma grande parte do anno seguinte. Portanto é licito attribuir tambem á mesma causa as esplendidas colorações, passando por todas as gradações do arco-iris, que teem illuminado o horizonte em consequencia da poeira fina expellida para grandes alturas pelas erupções da India Occidental.

PROBLEMAS

DAMAS

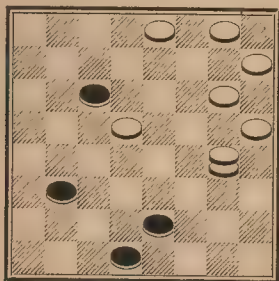
Os dois problemas que abaixo publicamos, devem ser resolvidos pela formula do jogo portuguez; isto é, a dama póde passeiar em diagonal como melhor lhe convier, etc.

A numeração do taboleiro é identica á do diagramma que publicamos no nosso ultimo numero.

PROBLEMA III

Formula Portugueza

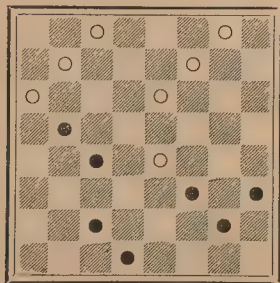
Por Eduardo dos Santos

Brancas em 1, 2, 5, 9, 13, 15, *Dama* em 17.

Pretas em 11, 24, 26, 31.
Jogam as *pretas* e ganham.

PROBLEMA IV

Formula Portugueza

Por E. John

Brancas em 1, 3, 6, 8, 10, 12, 18.

Pretas em 16, 19, 21, 22, 25, 27, 31.
Jogam as *brancas* e ganham.

Resolução do problema II do numero anterior

Brancas em 3, 7, 8, 11, 12, 15, 20. *Damas* em 22, 26.
Pretas em 6, 13, 14, 17, 24, 27, 28, 29, 32.

Jogam *as pretas* e ganham:

13- 9	27-23	32- 7	2- 4
22-13	20-27	3-10	e ganham
14-10	29-25	6- 2	as
7-14	26-19	13- 6	*pretas*

Correspondencia

Resoluções recebidas. — dos Srs. Joaquim Soares da Silva, Porto. — Lidgea, Lisboa. — Monteverde, Braga.

George Kellet. — Obrigado pelo seu diagramma, que vamos analysar e publicaremos n'um proximo numero.

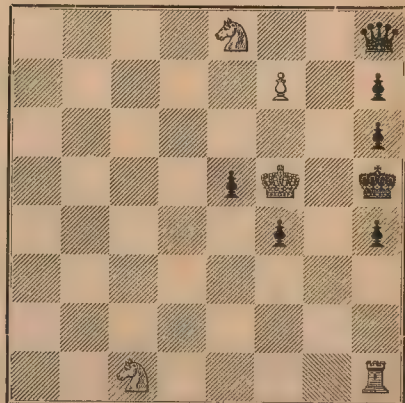
Crux. — Gostosamente publicaremos o jogo a que se refere.

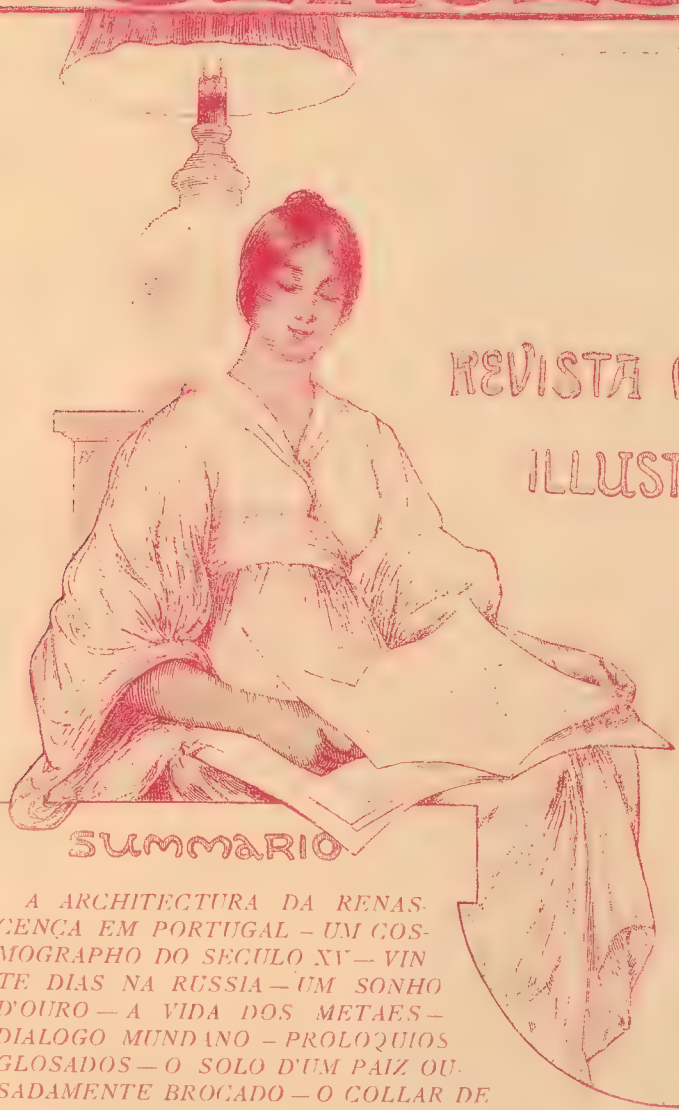
J. S.

Resolução do problema de xadrez do numero anterior

BRANCOS	PRETOS
1. C 2 B Ra	1. R 3 B Ra
2. B 5 B Ra	2. R toma B
3. Ra 7 B Ra xeque e mate	
	1. R 4 R
2. B 8 C Ra xeque	2. R 5 R
3. Ra 5 Ra xeque e mate	

XADREZ

Pretos (7 peças)

Brancos (5 peças)

Os brancos jogam e dão mate em dois lanços

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SUMMARIO

A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL — UM COSMOGRAPHO DO SECULO XV — VINTE DIAS NA RUSSIA — UM SONHO D'OURO — A VIDA DOS METAES — DIALOGO MUNDANO — PROLOQUIOS GLOSADOS — O SOLO D'UM PAIZ OUSADAMENTE BROCADO — O COLLAR DE RUBIS — MODAS — VARIEDADES.

VOL. IV OUTUBRO 1908 NUM. 22

...inistração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa

Preço 200 réis

SUMMARIO

43 GRAVURAS

AVISO. — N'esta administração vendem-se pelo preço de 400 réis, cada uma, capas em percalina, propriedade dos SERÕES, segundo a lei, destinadas ao I, ao II e ao III volumes da Revista. Por cada encadernação, de que tambem se encarrega, acresce mais 100 réis, e nas remessas de volumes pelo correio acresce ainda 100 réis de porte.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar adiantadamente **uma serie de 12 numeros**, tendo n'este caso a reducção do preço a **2$200 réis,** o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra **terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas** poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por:

Series de	**3 numeros**	**600**
	6 numeros	**1$200**
	12 numeros	**2$200**

Para os paizes da **União Postal,** por **serie de 12 numeros** (pagamento adiantado), **3$000 réis**, moeda portugueza. Para o **Brazil** (moeda brazileira), **18$000 réis** por serie de 12 numeros, pagamento adiantado.—Numero avulso *1$500* réis (moeda brazileira).

Assigna-se em todas as livrarias do paiz, e em todas as estações postaes; vende-se avulso em todos os lugares do costume e na

Administração dos SERÕES, em Lisbôa, Calçada do Cabra, 7

Typ e impressão dos *Serões*, C. do Cabra, 7 Editor, Thomaz Rodrigues Mathias

Os SERÕES teem publicado as seguintes

MUSICAS PARA PIANO

Gavota, por Augusto Machado. — **Numero 1.**
A Resurreição de Christo, *Oratoria,* por D. Lorenzo Perosi. — **Num. 2.**
Rachel, *Valsa,* por Laura Escrich. — **Num. 3.**
Folha d'Album, por Oscar da Silva. — **Num. 4.**
Feiticeira, *Valsa,* por Eduardo Boeyé de Pascal. — **Num. 5.**
O que dizem as ondas, *Valsa,* por Izabel de Campos Pidwell. — **Num. 6.**
Meditação, *Mazurka,* por Viscondessa de Faria Pinho. — **Num. 7.**
Romanza, por A. Brinita, (*D. Maria Bravo*). — **Num. 8.**
O Tição Negro, *Serenada do 1.º acto,* por Augusto Machado. — **Mum. 10.**
Dansons! *Pas-de-quatre,* por M. Julia Loureiro de Macedo. — **Num. 11.**
Rapsodia d'Agueda, *(Musica popular).* — **Num. 12.**
Le Ballet du Roy, *Gavota,* por Lully. — **Num. 13.**
Gipsy, *Valsa,* por C. L. — **Num. 14.**
Maria da Gloria, *Valsa,* por Carlos Pinto Coelho. — **Num. 15.**
Minuete, por J. P. Rameau — **Num. 16.**
Luisette, *Valsa,* por F. de Borja Araujo — **Num. 17.**
Minuete, por J. B. Lolly — **Num. 18.**
Descantes, por Augusto Machado. — *Versos de J. de Souza Monteiro.* — **Num. 19**
Absorta, versos por José de Souza Monteiro, musica de M. Grisalde. — **Num. 20.**
Ballada Portugueza por José d'Agueda. — Composta para piano e canto, por *D. Franco*; — **Num. 21.**

Os **SERÕES** teem publicado os seguintes

MYSTERIOS DA HISTORIA

Narrativas dramaticas de casos, incompletamente sabidos, que deixam entrever enigmas crueis do coração humano, motivos de psychologia complexa que desenham caprichosos entrelaçamentos de paixões e de interesses.

Tragedia em Napoles (Joanna, rainha de Jerusalem e da Sicilia). — **Num. 2.**

O collar da Rainha (Maria Antonietta e o cardeal de Rohan). — **Num. 3.**

Tragicos destinos (Maria Stuart e David Rizzio). — **Num. 4.**

Predicção historica (Assassinio de Henrique IV). — **Num. 5.**

O cabaz de pecegos (Morte do papa Alexandre VI). — **Num. 6.**

Vingança de Rival (Filippe II de Hespanha e a morte de Escovedo). — **Num. 7.**

A torre de Londres (Jayme I de Inglaterra, e o conde de Somerset) **Num. 8.**

Tragica historia d'um csar (O aventureiro Demetrio). — **Num. 9.**

Romance d'um principe (Filippe II de Hespanha, e seu filho D. Carlos). — **Num. 10.**

Curiosa confissão d'um rei (Carlos IX e o assassinio de Coiigny). — **Num. 11.**

Fatal entrevista (A morte de Francisco Borgia, duque de Gandia). — **Num. 12.**

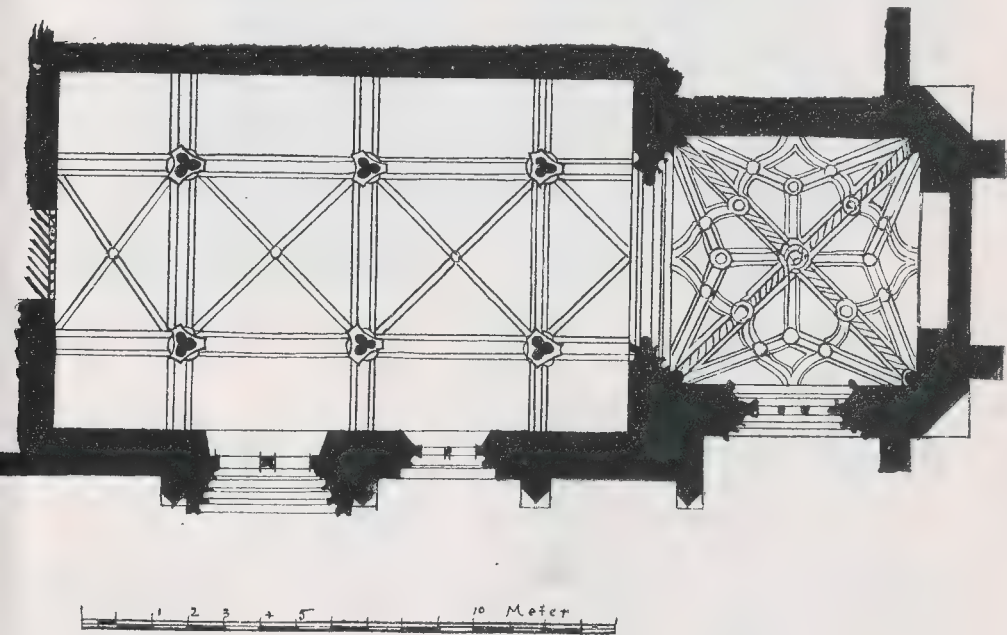
O serralheiro do rei (Luiz XVI e Gamain. — **Num. 14.**

Offerta á estatua do Amor. — Quadro de A. Roslin. *(Conhecido pelo nome de «O Vestido de Setim»*

A Architectura da Renascença em Portugal

POR ALBRECHT HAUPT

MONUMENTOS DE SETUBAL, DE ALEMQUER E DE SANTAREM

Entre as cidades proximas de Lisboa algumas podem ser citadas, como tendo em seus monumentos uma certa dependencia com os da capital. Com razão se póde dizer isto de Setubal, cidade que dista algumas leguas ao sul de Lisboa, e foi, sobretudo no reinado de D. João II, diversas vezes residencia da côrte. O terremoto fez ali ainda maiores estragos que em Lisboa, de maneira que quasi nada ficou dos esplendidos edificios da antiga cidade e porto de mar. Apenas escapou da ruina o mosteiro de Christo, para nós muito importante como affirmação de um trabalho de Boutaca e o mais antigo do novo estylo. Foi fundado em 1490 por Justa Rodrigues, ama d'el-rei D. Manuel. Ajudava D. João II a construcção e d'aqui derivou seu incremento, como tambem o fabrico d'um modelo em madeira. Em 1495 a capella-mór estava acabada, a obra da egreja finalizou no reinado de D. Manuel. A sacristia e a sala do Capitulo foram construidos no tempo de Filippe II.

Planta da Egreja de Christo em Setubal

De todo o edificio poude o autor apenas vêr a egreja, a qual é muito pequena e graciosa, mas de planta muito original e curiosa

na fórma; é uma egreja de tres naves, em abobadas, e capella-mór quadrada, fórma esta que apenas tem egual a de Belem. A nave compõe-se de tres vãos e meio, estando apresenta no todo bôas e felizes proporções, apesar do desageitado feitio da construcção. A capella-mór recebe luz por meio de uma grande janella do topo, cujos entrados são

Exterior da Capella-Mór da Egreja de Christo

este do lado do arco da capella-mór; a nave central é coberta de simples abobada, as lateraes por uma especie de meios toneis a subir para a nave central. A capella-mór, mais alta, pouca ligação tem exteriormente com a nave de maneira que parece uma construcção separada com cupula independente. Os pilares da nave são compostos de columnas em tres quartos, que se torcem até ao capitel simples, fórma muito original mas parecendo pouco firme. A sumptuosa abobada da capella-mór faz grande effeito com as suas nervuras caneladas e reforçadas por uma moldura torça. O espaço interior adornados de molduras, baldaquinos e consolas; porém a nave recebe luz menor e mais modesta. O côro das freiras abre-se do lado occidental e é externo. O mais bello adorno da egreja reside nos doze grandes quadros que recobrem as paredes da capella-mór e das naves; são do habil pincel d'um mestre dos primeiros annos do reinado de D. João III e estão mettidos em molduras do seculo XVII ricamente entalhadas e douradas. O luxuoso altar-mór data tambem d'este seculo.

O exterior do edificio é de effeito pouco harmonioso, por causa do contraste entre as

naves e a capella-mór; esta ultima ainda accresce mais o seu caracter independente

Interior da Egreja de Christo

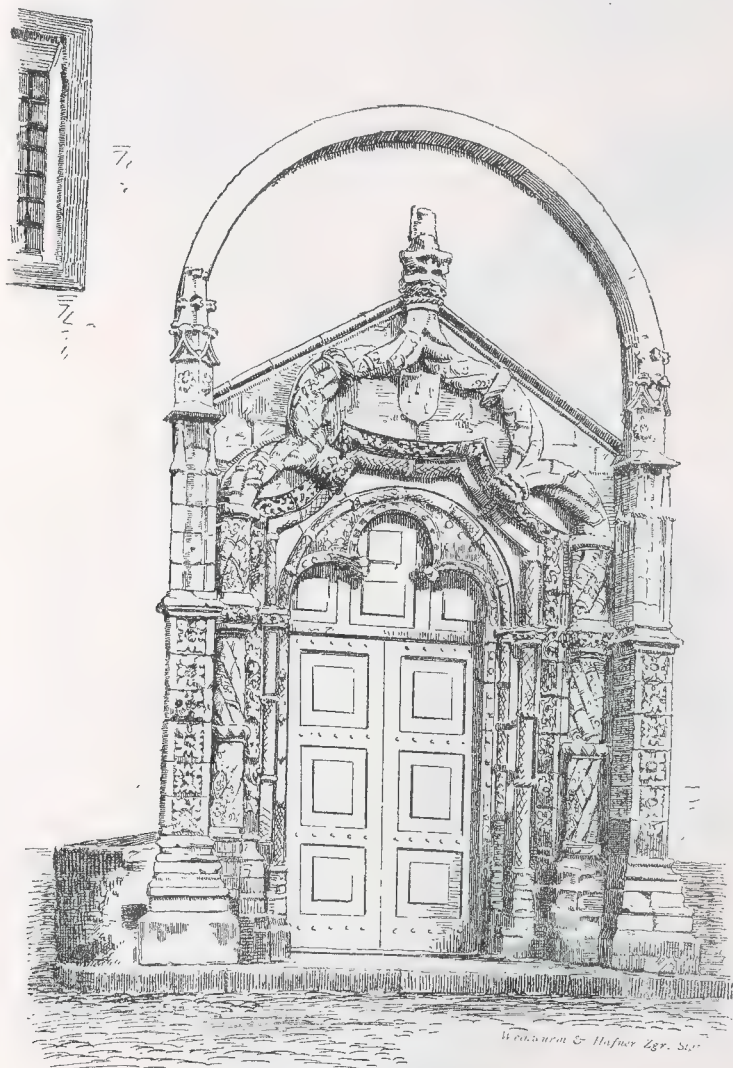
pelos gigantes e pelos angulos cortados. O bello portal, rasgado em frente do segundo vão das naves, entre pilares de reforço mostra ainda fórmas do gothico dos ultimos tempos. Comtudo temos aqui uma obra bem differente do estylo gothico vulgar, uma obra

em que se vê aflôrar uma nova tendencia de effeito muito pitoresco e por vezes de fórmas violentas, á qual pertencem sobretudo as columnas torças das naves e de outras partes, a fórma externa amaneirada da capella-mór e o frequente recurvar dos arcos. Não pósso deixar de observar que, comparando as plantas d'esta egreja e da de Belem, como encontrámos em Setubal, e se pozermos de parte em Belem a nave transversal e em Setubal o ultimo meio vão das naves, as duas plantas são identicas como tambem na posição com o mosteiro. Ao mesmo tempo estas duas egrejas de tres naves abobadadas são as unicas no paiz e talvez na peninsula iberica. Tudo isto indica que Boutaca foi o au-

Portal da Egreja de Christo

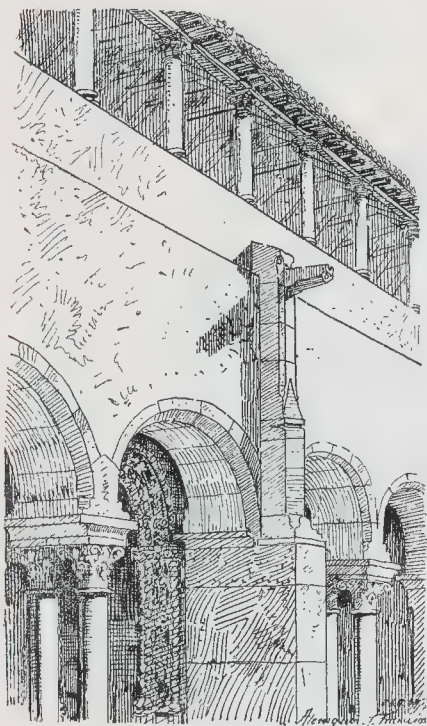
muitos indicios confirmam uma intima analogia entre ambas. Se imaginarmos a nova capella-mór de Belem substituida por um quadrado com grandes pilares de reforço, tor da planta e do primeiro desenho do mosteiro de Belem.

Que a egreja de Setubal póde ser attribuida ao mestre está confirmado por diversas ma-

neiras. Como sabemos das noticias a seu respeito, elle gozou de uma grande consideração e em 1511 foi creado cavalleiro da casa real; em 1498 foi-lhe promettida uma pensão se casasse, d'onde se tem concluido que elle devêra ter sido tão incorrigivel solteirão que só o interesse o moveria; desde 1498 recebeu pensões que foram sempre augmentando. Em 1528 já tinha fallecido. Nos annos de 1498 a 1519 foi empregado nos trabalhos da Batalha, onde os celebres Fernandes dirigiram as obras em 1514, e tinha de inspeccionar todas as fortalezas do norte da Africa, Alcacer, Arzilla, Ceuta, Tanger, de levantar plantas e de traçar projectos etc. Occupado de tantos e tão diversos trabalhos, devemos suppôl-o como uma especie de director geral de construcções em que era ajudado, e em breve substituido, para a realização das obras, por outros homens mais novos.

Portal de S. Julião de Setubal

Outro edificio no estylo do de Belem, talvez vinte annos mais recente do que o mosteiro de Christo, devia ter sido a egreja de S. Julião, da qual infelizmente existe apenas o portal do lado norte. A egreja insipida foi construida de novo depois do tremor de terra

de 1755. Aquelle magnifico portal, cerrado em arcos trevados e de cortina, e supportado por finos botaréos, é no trabalho identico ao arco da capella-mór e da nave transversal de Belem, cujas molduras torças, imbricadas ou ornamentadas apresentam exactamente os mesmos motivos.

Como mestre canteiro das obras da egreja

Claustro de S Francisco de Alemquer

é citado em 1516 João Fanacho; deve indicar esta data o tempo da construcção da egreja. El-rei D. Manuel ordenára em 1513 a nova edificação [1].

Algumas outras egrejas simples no estylo da renascença de tempo mais recente escaparam ao tremor de terra; e d'essas a de Santa Maria tem certa importancia:—Uma pesada basilica cuja nave central, coberta por tecto de madeira em fórma de tonel, repousa sobre oito columnas toscanas com arcos de grande vão. O portico abre sobre uma escadaria, com um motivo de decoração de palladio, pesado tambem mas de muito effeito.

A cidade apresenta aqui e acolá um vão de janella ou de porta cujas vergas em fórma de colchete typographico, arcos de cortina, ou de linhas quebradas e curvas, indicam a época de D. Manuel.

Para defesa do porto e da cidade repousa sobre uma especie de promontorio a magnifica cidadella de S. Filippe que Filippe II fez construir por Terzi. Os severos e formidaveis bastiões da estrella pentagona, com pequenas torres arrematadas por cupulas, o poderoso perfil e a execução imponente da soberba fortificação fazem d'ella uma das mais pitorescas e das mais artisticas do paiz. Os edificios internos da fortaleza, quasi inaccessivel, são do tempo de D. João IV.

Do cimo d'um dos contrafortes da serra que delimita o norte, olha o paiz muito a dentro o terrivel ninho roqueiro de Palmella o mais forte castello dos mouros e depois séde da ordem dos cavalleiros de São Thiago. Parece que as suas immensas fortificações foram reforçadas nos seculos XVII e XVIII. O corpo central d'estas, além da magnifica torre dos mouros, tem ainda uma egreja gothica que deve ser do tempo de D. João II; do lado occidental apresenta uma rosacea gothica; e as suas simples arcadas supportam abobadas ogivaes em fórma de tonel. Sob o reboco actual das paredes, na maior parte revestidas de azulejos, apparecem por vezes vestigios de pintura mural decorativa do tempo de D. Manuel, prova de que esta arte floreceu tambem n'aquella época. Descobrem-se trabalhos magnificamente executados em compartimentos ornados por frisos decorativos e architectura da renascença da primeira época ou em estylo mixto. São assim principalmente o arco do côro e o nicho onde se acha o tumulo de um filho de D. Manuel, prematuramente fallecido. Demais, tudo se encontra aqui quasi ou inteiramente em ruinas, como infelizmente succede á maior parte dos mais gloriosos monumentos do notavel passado d'este paiz.

A partir de Lisboa, Tejo acima, encontramos uma serie de povoações ricas que na época manuelina receberam adorno architectonico. D'estas Alemquer é uma das mais importantes; as suas egrejas estão na verdade n'um estado pouco attrahente. Do tempo de D. Manuel ha o convento de S. Francisco, o qual está situado n'uma altura dominando a villa que se reparte por grande extensão, e o qual ainda hoje conserva os claustros do tempo antigo. Compõem-se estes de um pavimento terreo abobadado com pilares de reforço entre os quaes repousam arcos duplos de volta inteira sobre columnas tambem duplas, tal qual como no estylo romanico, e d'um andar superior que deixa vêr uma serie de columnas supportando o telha-

[1] VILHENA BARBOSA, *Monumentos historicos*, pag. 497,

do aberto. Os capiteis das columnas são da especie mourisca já por diversas vezes men-

Interior e planta da Egreja do Milagre em Santarem

cionada. Um portal de arco de volta inteira, n'uma moldura immensamente rica mas de phantasia inculta dava accesso ao refeitorio abobadado. O estylo d'este enquadramento é em gothico naturalistamente formado, tal como encontramos tambem em Cintra, de

mistura com todas as especies de motivos de ornato, juntos uns aos outros, com idéa bem visivel de imitar os mais ricos trabalhos indianos. Posteriormente reconstruiram o resto do convento que é triste e em parte já em ruinas. Dos paços de caça de Almeirim e de

Capitel de columna da Egreja de S. Pedro em Santarem

Salvaterra, muitas vezes citados, nada resta que valha a pena nomear; foram sacrificados pelo tremor de terra.

A antiga cidade de Santarem teve sempre lugar especial na historia de Portugal, favorecida pela natureza com sua formosa e forte posição elevada sobre o Tejo. Os reis mouros tinham ali a sua residencia e defenderam-n'a com tenacidade; alguns raros, porém magnificos, restos de edificações mouriscas, especialmente capiteis finos de marmore branco no museu da velha egreja dos Templarios, fallam ainda do esplendor d'aquelles tempos. Os primeiros reis de Portugal tambem ali edificaram grandiosos monumentos de architectura: o convento de Santa Clara, a soberba egreja dos Templarios, S. Francisco. As épocas posteriores nada de similhantemente importante deixaram; apenas algumas egrejas do seculo XVI teem um certo interesse e devem ser todas do tempo de D. João III.

Assim S. Pedro, uma basilica em arcadas sobre oito bellas columnas jonicas no estylo D. João, como se encontram em Cintra, cujas tres capellas rectangulares do espaço do côro são cobertas de abobadas. Serve-lhes de adorno especial bellos azulejos de 1617 que em diversos desenhos revestem as paredes nos rins das arcadas; aquelles apresentam symbolos ricamente agrupados. Se as capellas manuelinas do côro e o portal pertencem a uma construcção mais antiga, ou se a architectura manuelina e a da renascença foram aqui simultaneamente praticadas, como parece em verdade tel-o sido, não o posso affirmar.

A pequena egreja do Milagre em estylo delicado da renascença, ainda que pouco definido, é muito interessante. O tecto da egreja de madeira dividida repousa sobre arcadas sustentadas por seis columnas doricas. Uma especie de nave transversal se define com arcos mestres e pilares adornados de candelabros cujas formas de renascença das primeiras épocas indicam a proximidade de Thomar e de Coimbra.

O esboço junto dá sufficiente idéa das delicadas formas d'esta parte da egreja.

A fachada é extremamente simples. A bonita egreja da Graça é no estylo gothico vulgar das ultimas épocas, e não indica reminiscencia alguma manuelina; apenas talvez contenha d'aquella época da renascença alguns tumulos (primeira capella á direita, fina renascença de 1540) e na nave transversal uma magnifica decoração de azulejos amplamente desenvolvida, seculo XVIII.

Nas construcções mais antigas ha vestigios de decoração manuelina, por exemplo a soberba entrada do refeitorio nos claustros de S. Francisco.

(Continúa)

Um cosmographo do seculo XV

MARTIN BEHAIM *(MARTINHO DE BOHEMIA)*

PLATÃO transmittira aos seus compatriotas e ás gerações futuras a narrativa dos sacerdotes egypcios de Sais sobre a Atlantida, cuja existencia modernos estudos tendem a comprovar.

Esse mar, que banhava o occidente da Europa, fôra depois sulcado pelos carthaginezes e pelos romanos e é natural que pertendessem sondar-lhe os segredos, devassar as solidões aquaticas, que pareciam interminaveis. Conheceram as Canarias, sem duvida, e provavelmente chegaram á Madeira e Açores. Descobrimentos foram esses sem importancia, incontestavelmente.

Mas eis que no primeiro seculo da nossa era, Seneca, na tragedia de Medea, escreve uma estróphe assombrosa e verdadeiramente prophética, annunciando que chegará a hora de descobrir terra no fundo do Oceano:

> Venient annis saecula seris
> Quibus Oceanus vincula rerum
> Laxet, et ingens pateat tellus
> Thetisque novos detegat orbes
> Nec sit terris ultima Thule.

Formáram-se lendas, e a fertil imaginativa oriental dos arabes enche de ilhas phantasticas o vasto espaço do Oceano que occupára outr'ora o paiz portentoso d'onde sairam guerreiros que se mediram com as tropas dos afamados Pharaós e da Hellade artistica.

Não havia, de certo, melhor incentivo para dispertar a curiosidade, e excitar a coragem dos que quizessem correr a aventura de ver taes maravilhas, e portuguezes, catalães e genovezes, como que á porfia, desrespeitam a famosa legenda das columnas de Hercules: *nec plus ultra*, e foram-se mar fóra.

Portugal, possuindo uma extensa faixa de costa, voltada para esse Atlantico mysterioso, e uma população affeita ás lides maritimas, estava naturalmente indicado a levar ás ultimas consequencias a resolução do problema, que obsessionava durante tantos seculos os espiritos mais cultos, e a quebrar o encanto, que a ignorancia e as superstições tanto avolumáram.

A' tenacidade do Infante D. Henrique, verdadeira monomania, continuada sem desfallecimento por D. João II e por D. Manuel, deve-se o descobrimento de toda a costa da Africa, do caminho maritimo da India, e do *reconhecimento* dos Archipélagos da Madeira e Açôres, que o Infante *sabia existirem*.

A fama das viagens dos portuguezes e das extranhas mercadorias que elles traziam dos paizes novos, attrahía a Lisboa especuladores, aventureiros e curiosos, e, como tantos outros, apparece na nossa capital, já quasi emporio de todo o commercio das regiões exóticas, o homem que havia de occupar tão larga bibliographia e enlaçar o seu nome ao dos navegadores e descobridores portuguezes — Martin Behaim.

❀ ❀ ❀

Quem era e d'onde veio?

Pelos annos de 1459, pouco mais ou menos, nasceu, em Nuremberg, Martin Behaim, filho de outro de egual nome e de Agnes Schopper, primogenito dos sete filhos d'este matrimonio.

Procedia de prosapia illustre e vetustissima, pois em 916, em seguida á morte do duque de Wratislau, sahira da Bohemia o fundador da casa Behaim.

Estabelecida em Nuremberg e dedicando-se ao commercio, em que enriqueceu, a familia Behaim conseguio ser altamente considerada, ostentar brazão e fazer parte do patriciado da imperial cidade.

Um Konrad Behaim foi guerreiro e morreu em 1252 na Sicilia, aonde acompanhou o imperador Konrad IV; um Mathias Behaim, em 1453, segundo Humboldt, foi quem primeiro traduziu a Biblia em allemão; um Michael Behaim, no seculo XV, foi poeta—*meistersinger*—e um Albrecht Behaim, commerciante de grosso trato, foi eleito burgomestre em 1332, exercendo este cargo por espaço de dez annos.

Instruido, como o que mais podia ser, discipulo de Johannes de Monte-Régio — o celebre astronomo Johannes Müller — e destinado á carreira commercial, vemos Martin Behaim, na idade de dezesete annos, sahir da cidade natal para Mechlen e depois para Anvers e Francfort, empregando-se em casas de mercadores de pannos ou de acabamento e tintura de pannos.

Voltando á patria, deu que fallar de si, dançando n'uma festa nupcial de judeus, em plena quaresma. Grave era o delicto e eil-o condemnado a uma semana de prisão. Vê-se, n'isto já, Behaim, o homem despreoccupado que sempre foi.

Estabelecendo-se em Anvers, — ali se encontrava em 1484 — relacionado com flamengos, que tinham negocios com Portugal, e provavelmente com compatriotas nossos, que não rarcavam na metrópole commercial de Flandres, é n'este mesmo anno que visita Portugal.

Aqui encontra nuremburguezes e outros allemães, é apresentado a D. João II e vai, com Diogo Cão, na segunda viagem d'este, em proseguimento da descoberta da costa occidental da Africa, percorrendo 1200 leguas e gastando na ida e volta dezenove mezes.

Estava achado o rio Congo, e o Rei, que, em 1484, armára cavalleiro a Diogo Cão, confére, em 18 de fevereiro de 1486, egual mercê a Martin Behaim.

A cerimonia teve logar na Egreja de S. Salvador das Alcaçovas, depois da missa matinal «pela mão do muito poderoso Senhor Rei D. João II de Portugal, Rei dos Algarves, de Africa e Guiné. E seu padrinho foi o mesmo Rei, que lhe cingio a espada; o Duque de Beja *(D. Manuel, depois Rei)* foi o segundo e lhe calçou a espora direita; o terceiro foi o pardo Christovam de Mello, primo d'El Rei, que lhe calçou a esquerda; o quarto padrinho foi o conde Fernão Martins de Mascarenhas *(ascendente dos marquezes de Fronteira)*, que lhe pôz o morrião e lh'o armou, e El Rei que lhe accolheu Cavalleiro: e isto se passou em presença de todos os Principes e Cavalleiros e da Rainha.»

E merecia ser cavalleiro da ordem de Christo quem era já patricio e cavalleiro allemão, affrontára os perigos do mar, fôra *deputado* do rei Maximiliano, combatera pela fé os

mouros «Martinus Beheimus, miles auratus, Africanos Mauros fortiter debellavit», e d'elle disséra aquelle soberano:

«Nenhum cidadão do imperio foi tão grande navegador nem, como elle, chegou até ás mais remotas regiões do mundo».

Em 1488, provavelmente, casa com D. Joanna de Macedo, filha de Josse de Hurtere, senhor de Moerkerke e de Haegenbroux, bailio de Wynendael, primeiro capitão donatario das Ilhas do Fayal e Pico, e de D. Brites de Macedo, ex-dama de honor da *Rainha velha*.

Josse de Hurtere—Joz de Utra—como lhe chamavam os portuguezes, que viajava constantemente entre a sua donataría e Lisboa, morava proximo do mosteiro de S. Domingos, n'uma grande casa do rei, sobre um grande largo, como se expressa o doutor Hieronymus Müntzer, e é do mesmo doutor a noticia de ser D. Brites de Macedo «mulher nobre, instruida e prendada» e ter-lhe ella offerecido «amphoras de musgo de urzella, importada do Fayal».

Retrato de Martin Behaim, copia d'um quadro a oleo

De Martin Behaim e de D. Joanna de Macedo nasceu em 6 de abril de 1489 um filho, tambem Martin, como o pae e o avô.

Relacionado com Colombo, *su amigo*, segundo Herrera, confirma-lhe a opinião de chegar á Asia oriental navegando para o occidente, e Fernão de Magalhães, conforme Pigafetta, seu companheiro de viagem, descobre o estreito a que deu o nome e penetra no Oceano Pacifico, graças a uma carta de Behaim: «sapea di dover navigare per uno stretto molto nascosto, avendo ciò veduto in una carta serbata nella tesoreria del Re di Portogallo, e fatta da Martino di Boema, uomo eccellentissimo».

Seria a carta ou mappa que Müntzer viu em casa de Josse de Hurtere?

Ou seria reproducção d'essa carta muito antiga que o duque D. Fernando mostrára a Sousa Tavares, e que tinha mais de cento e trinta annos, em que já estavam mencionados os archipélagos dos Açôres e Madeira, e o estreito de Magalhães apparecia designado por *Cola do Dragão*?

A sua ida a Nuremberg, em 1490, para receber a legitima que lhe ficára da mãe, fallecida em 1487, marca na vida de Behaim uma época notavel.

Foi então ali que construiu o seu célebre *globo* que havia de perpetuar tanto o seu nome e dar logar ás maiores discussões.

Póde mesmo dizer-se que as referencias de Pigafetta, João de Barros e Antonio de Herrera, passariam sem os numerosos commentarios, que se conhecem, se o *globo* não tivesse sido executado. A vida que levava em Nuremberg escandalisava os seus parentes e compatriotas, *verdadeiros philisteus*, como diz o Dr. Günther, observando com rigor os deveres de classe e profissionaes e detestando Behaim pelos seus modos de vêr, pelo vestuario e pelos costumes peninsulares que assimilára e de que parece fazia gala em Nuremberg.

Não podiam supportar que Behaim gostasse de flôres e se entretivesse muito tempo no jardim, o que fez escrever ao irmão Wolf:

«que era preferivel estabelecer-lhe um negocio de hervas» !»

O *globo*, que tem um diametro de 7^{m},505, e que se encontra no solar do barão de Behaim, estava concluido em 1492 e diz a legenda n'elle posta: «e foi legado pelo sobredito Martin Behaim á cidade de Nuremberg, como uma recordação e homenagem antes de voltar para a casa de sua esposa que habita uma ilha *(Fayal)* na distancia de 700 leguas, aonde elle fixou a sua residencia e onde tenciona terminar os seus dias».

Ornado de brilhantes illuminuras, tem para cada paiz desenhadas, a côres, as bandeiras e brazões d'armas respectivos, e vestuario e habitações proprios de cada região.

Nos Açôres, as ilhas do Fayal e Pico estão assignaladas por uma bandeira que ostenta as armas dos Behaim: escudo partido em pala: goles e prata, tendo sobreposta, em diagonal, da esquerda para a direita, uma faixa preta ondeada allusão ao Schwartzbach, (regato perto de Krumau, na Bohemia, proximo ao qual existia o solar dos antepassados d'esta familia), encimado pelo capacete de cavalleiro, e por timbre, uma phenix branca, com collar preto, levantando o vôo.

E' curiosa a legenda:

«As ditas ilhas (Açôres) foram colonizadas em 1466, quando o rei de Portugal as deu, depois de muitas instancias, á duqueza de Borgonha, de nome Isabel. Então havia em Flandres grande guerra e extrema miseria; e a referida duqueza mandou de Flandres muita gente, homens e mulheres, de todas as condições, e bem assim padres, e tudo quanto convem ao culto religioso, e alem d'isso navios carregados de moveis e de utensilios necessarios á cultura das terras e á construcção de casas, e lhes deu, durante dois annos, tudo de que careciam para subsistir e para que no decurso do tempo cada pessoa pensasse n'ella e na occasião das missas rezasse, por sua intenção, uma Ave-Maria; as quaes pessoas eram em numero de 2000, de maneira que com as que para ali foram e as que depois nasceram, formaram alguns milhares. Em 1490 havia alli ainda diversos milhares de pessoas, tanto allemãs como flamengas, que para lá seguiram com o nobre cavalleiro Job (aliás Josse) de Hürtter (aliás Hurtere), senhor de Moerkirchen em Flandres, meu querido sogro, a quem estas ilhas foram dadas para elle e seus descendentes pela dita duqueza de Borgonha».

E mais adiante: «Para o poente está o mar chamado Oceano, aonde tambem se navega para mais longe do que indica Ptolomeu e para além das columnas de Hercules até as ilhas Fayal e Pico, em que reside o nobre e piedoso cavalleiro Job de Hürtter de Moerkirchen, meu querido sogro, com os colonos que trouxe de Flandres e sobre os quaes governa».

Terminado o *globo* veiu para Portugal e D. João II, *«que muito estimava Behaim»*, envia-o em 1494 em missão secreta a Flandres, e tão secreta que até hoje não tem sido possivel averiguar em que consistisse.

Succedeu-lhe grave contratempo, pois foi aprisionado no alto mar, e levado a Inglaterra com todo o dinheiro que destinava ás suas despezas, uns 160 gulden.

Ficou detido cerca de tres mezes, adoeceu com febres e por duas vezes, julgando-se que morria, teve na mão um cirio acceso. Melhorando, foge, transportando-o para França um pirata, durante a noute, e segue para Flandres, contando demorar-se em Anvers e Bruges, aonde liquidaría a importancia do assucar que Josse de Hurtere exportára para a sua patria.

E' este pormenor interessante por dar-nos a saber que os flamengos cultiváram a canna saccharina no Fayal e no Pico.

Em 7 de junho de 1495 já estava em Lisboa, «são e salvo», em companhia do sogro.

Morto D. João II, faz-se o silencio em torno de Behaim.

Talvez fosse ao Fayal visitar a mulher e o filho, regressando pouco depois a Lisboa e não teria vontade de continuar a residir n'aquella ilha, pesando sobre a esposa a suspeita de adulterio, pois consta de um documento.

E a carta de perdão de D. Manuel a Fernão d'Evora, escudeiro, mamposteiro-mór dos captivos e morador na Ilha do Fayal, datada de 16 de novembro de 1501. D'ella é a narrativa dramática que vai vêr-se:

Que Fernão d'Evora «enviou dizer» a El-Rei que o capitão-mór e donatario da referida Ilha (o 2.º Josse de Hurtere) o prendera, sob pretexto que o achára com uma irmã d'elle capitão, casada, mulher de um «Martim de Boeme» (D. Joanna de Macedo), e preso e carregado de ferros o mandára para Lisboa; mas Fernão fugira ao chegar ao cabo de S. Vicente, «tomando a barca aos marinheiros»; obteve que El-Rei lhe perdoasse e o mesmo Rei mandou que tomasse carta de seguro e citasse as partes até o mez de maio próximo, o que tudo cumpriu; que regressando ao Fayal, Josse de Hurtere, que então estava na Terceira com sua mulher, D. Izabel Corte Real, não se demorou em vir, o prendera de novo em 9 de maio, sem importar-se da carta de seguro, e o tivera preso outros nove dias, até que o fez conduzir para a Praia,

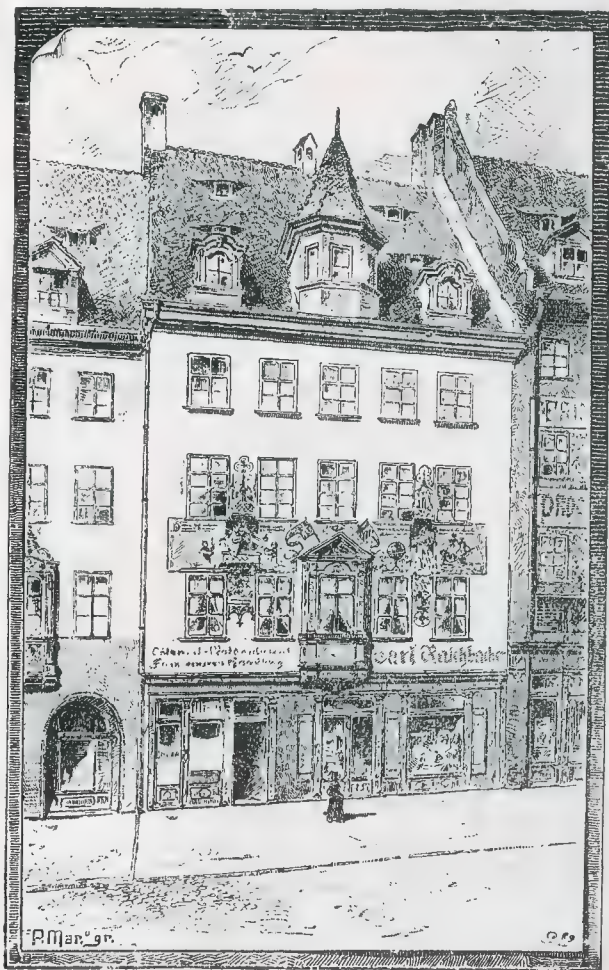
na Terceira, sempre algemado, como seu inimigo; que requerera ao ouvidor, Diogo Alvares, que o embarcasse para Lisboa, mas que este nunca lhe deferia, porque o empenho do ouvidor e do donatario era matal-o com «sobejas prisões»; por isso encarregára um seu filho de vir a Lisboa com seus documentos e requerimentos, mas no cabo de S. Vicente um francez armado, um pirata, tomou a caravella, com o carregamento que era de malagueta e escravos, sem lhe deixar coisa nenhuma, levando tambem os documentos, entre os quaes se continha o perdão régio: que o filho, não obstante a falta de documentos, fizéra sua petição, e por accordão dos desembargadores foi resolvido que elle, Fernão, requeresse ao donatario, que era governador das justiças, que lhe acatasse a sua carta de seguro e lhe désse juizes imparciaes, «sem suspeita»; que chegado o filho ao Fayal, Fernão tinha-se já outra vez evadido da cadeia, só, «sem quebrar ferros, nem porta» sómente houvera as chaves de uma moça de quatorze annos, e refugiará-se n'uma Egreja; receando porém a justiça real e que o recapturassem, supplicára outro perdão e que, da accusação de adulterio, se queria livrar e mostrar sua innocencia; que se as cousas se passáram como elle dizia e a fuga fôra como elle «reconta» o Rei perdoava-lhe, com a condição de pagar 300 reaes para as despesas da relação e de haver outra carta de seguro dentro de quinze dias, e não o fazendo, ficava sem effeito o perdão; mas cumpriu a condição imposta e por isso El-Rei ordenára ao donatario offendido, que não prendesse nem mandasse mais prender o azevieiro mamposteiro-mór dos captivos.

E é n'este estranho documento que pela primeira e unica vez, officialmente, apparece nos archivos portuguezes o nome de Martin Behaim!

Depois d'este episodio, apenas se sabe que falleceu em Lisboa em 29 de julho de 1507, «muito pobre, n'um hospital», sendo sepultado na egreja de S. Domingos.

Isto prova que abandonára a esposa.

Esta não herdaria grande fortuna do pae, porque do testamento de D. Brites de Macedo vê-se que Josse de Hurtere deixára dividas, o que é facilmente explicavel em quem proliferára tanto.

E. G. Ravenstein, no seu estudo sobre Martin Behaim, depois de o considerar impostor e mentiroso, e sempre com o proposito de o apresentar desfavoravelmente, escreve: «Ignoramos os motivos que fizeram cahir Behaim na miseria antes de morrer *(sic)*. Sabe-se todavia que administrava mal os seus haveres e é possivel que tivesse sido absorvida por ineptas especulações a avultada for-

Casa onde nasceu Behaim em Nuremberg

tuna proveniente da legitima paterna, sendo isto causa, talvez, de discordias entre elle e o sogro e d'este lhe retirar todo o auxilio.»

A Ravenstein esqueceu provar que houve taes discordias e quanto ao sogro (Josse de Hurtere) ter retirado todo o auxilio a Behaim natural é que succedesse, pelo menos nos ultimos annos: Josse de Hurtere fallecera em 1498, isto é, nove annos antes do genro!!

Sempre com o proposito de deprimir Behaim, Ravenstein faz affirmações extraordinarias e chega a conclusões que nos parecem pouco compativeis com a seriedade de historiador. E é assim que querendo desmentir Pigafetta, companheiro de Fernão de Magalhães e contemporaneo de Behaim, diz que «é muito possivel que Magalhães visse uma carta tendo representado o tal estreito (o de Magalhães) pois este tambem se encontra no globo preparado por Schöner em 1515. Behaim porem *não podia dispôr de uma tal carta*, pois na data da sua morte, a costa da America meridional só estava delineada até o rio Cananea, a 25º de lat. S. e, até então não se descubrira um estuario, como o do rio de La Plata ou uma bahia comparavel á de S. Mathias, susceptivel de se confundir com a abertura do estreito».

E depois de com isto julgar que destróe a affirmação tão peremptoria de Pigafetta, diz-nos que Magalhães partira em 1504, que Behaim morrera em 1507 e que é admissivel que Behaim tenha traçado uma carta expondo os resultados de expedições em demanda d'um caminho para a India pelo sudoeste, que essa carta tenha sido vista por Magalhães ou até lhe tenha sido mostrada pelo proprio auctor, e dá-nos a novidade que no tempo de Behaim havia cartas, fazendo antever a possibilidade de chegar ás ilhas da India... navegando em torno da *extremidade sul* do novo mundo e que essas cartas, entre outras, eram as de: Juan de la Cosa (1500), Canerio (1502), e Cantino (1502)!

Ao tratar da expedição de Diogo Cão cita, de relance, Luciano Cordeiro, e não extracta o que elle diz em favor de Behaim, isto é, d'elle ter ido com aquelle navegador.

Ora João de Barros, fallando de Colombo, expressa-se assim: «não confiado tanto em o que tinha sabido... d'algumas ilhas occidentaes, como querem dizer alguns escriptores de Castella, quanto na experiencia que tinham em estes negocios serem muito acreditados os estrangeiros...»

Se assim se pensava, por que não acreditar que Behaim fosse com Diogo Cão?

Com leviandade impropria de quem tanto censura o cosmógrapho de Nuremberg, por egual falta, diz Ravenstein que as ilhas do Fayal e Pico, dadas em 1460 por D. Affonso V a D. Fernando, mestre da ordem de Christo, que nomeou donatario Jobst *(sic)* Hürter, já não estavam então completamente desertas por se terem ali estabelecido, conduzidos por Wilhelm van der Hagen, emigrantes vindos da Terceira e S. Jorge, colonias estas concedidas em 1450 a Josse van den Berg e que o filho mais velho de Jobst *(sic)* tendo casado com Isabel, a filha mais nova de João Vaz Corte Real, *adoptou* o nome de Manuel de Utra Corte Real, e que finalmente uma nova carta régia transferio em 1550 a mercê para Jeronymo de Utra Corte Real!!!

Não será possivel baralhar mais nomes, datas e factos, e errar tanto!

Wilhelm van der Hagen ou Haghe, veio para o Fayal *depois* de Josse de Hurtere e não antes, como quer Ravenstein; Josse van den Berg nunca existiu; o filho de Josse de Hurtere, o 1.º donatario, chamou-se tambem Josse de Hurtere (ou Joz de Utra), e nunca adoptou o nome de Manuel de Utra Corte Real; Manuel de Utra Corte Real era filho d'este 2.º Josse de Hurtere e foi encartado na capitania em 1550; não foi em 1550 que Jeronymo de Utra Corte Real, filho segundo de Manuel de Utra Corte Real, obteve carta de confirmação da capitanía, mas sim em 1582, depois de longa demanda com a coroa.

Mas ha mais no *estudo* de Ravenstein.

A pag. 4 assegura que o nome de Behaim não é citado por um unico dos escriptores portuguezes contemporaneos d'elle, e a pag. 24 diz: «Diogo Gomes, almoxarife de Cintra escreveu: *Martino de Bohemio, inclito militi alemano*, na dedicatoria de um exemplar que lhe offereceu do seu tratado *De prima inventione Guineae*.»

A conclusão a tirar é que para Ravenstein, Diogo Gomes ou não é escriptor ou não é portuguez, ou não foi contemporaneo de Behaim.

Mas foi estas tres cousas.

❀ ❀ ❀

O padre Cordeiro, na sua *Historia Insulana*, extracta o que escreveu Gaspar Fructuoso nas *Saudades da Terra*, ácerca das profecias ou advinhações de Behaim.

Demos a palavra a Cordeiro:

«Entre os principaes povoadores da Ilha do Fayal, veio a ella tambem um fidalgo allemão, que casou com uma filha do primeiro donatario do Fayal, Joz de Utra, e o allemão se chamava Martinho de Bohemia; e este era tão grande mathematico e especialmente tão insigne astrólogo, que andando na côrte lusitana, fazia El-Rei grande estimação e conta

d'elle, não só por sua nobreza, mas por sua sabedoria, e noticias que dava por observação de estrellas; a qual era tão notavel, que em que os navios voltavam arribando, sem descobrir as Antilhas. E advinhava tantas outras cousas, por observações de estrellas, e

Estatua de Martin Behaim na praça Theresa de Nuremberg

estando ainda na côrte e por noticia d'elle, mandando El-Rei de Portugal navios que descobrissem as Antilhas, no mesmo Portugal disse o mesmo Bohemia ao Rei o dia e hora, tão certamente se vião ao depois, que o rude povo o tinha por nigromante.....

«Chegado pois o mesmo astrólogo ao Fayal, disse em primeiro logar que ditoso seria aquel-

le homem que em as Ilhas tivesse um cavallo de pau para se poder ir d'ellas. E isto (diz Fructuoso) vimos já no tempo das alterações e guerras de Filippe com seu primo D. Antonio, no tempo dos fogos, dos terramatos, etc. Disse em segundo logar, e antes de se descobrirem as Indias de Castella, que ao sudoeste do Fayal onde elle estava, via um planeta dominante sobre uma provincia aonde se serviam os moradores com vasos de ouro e prata, e de que carregadas embarcações se veriam no Fayal e antes de muito tempo, etc. E dentro de poucos annos se viram em o Fayal navios que vinham do Perú, achado então, e que vinham carregados de ouro, prata e pedraria.

«Disse em terceiro logar, que a sudoeste do Fayal e Pico estavam por descobrir tres ilhas em triangulo e que uma d'ellas era muito grande e propriamente chamada da Madeira, e a outra mais pequena e muito boa tambem e outra ainda mais pequena, e que tinha ouro e era areosa, e que tempo viria em que depois de taes ilhas descobertas os barcos das outras irião a ellas; e dizendo-lhe então o capitão Utra que fossem a descobril-as, o Bohemia lhe respondeu que se não mettesse n'isso, que se não descobririam em sua vida, nem na de seus filhos. E accrescenta Fructuoso que só isto está por vêr, de quanto disse este astrólogo que foram muitas cousas, as quaes todas se viram como se disse. Tambem dizem que disséra indo um Gaspar Gonsalves da Ribeira Secca, da Terceira, a descobrir outra nova ilha ao norte d'estas: «Agora arriba Gaspar Gonsalves da sua ilha e nunca mais a acharão e lhe caío um homem ao mar, etc. E achou-se ter succedido assim porque dando em secco já da ilha e indo um homem tomar a véla, caío ao mar, e sem poderem tomal-o pela torrente das agoas, se tornáram sem mais achar a ilha.»

E' de saber que o Dr. Gaspar Fructuoso escrevia cem annos depois da chegada de Martin Behaim ao Fayal, e colhera estas noticias da tradição oral.

Fac-simile da assignatura de Behaim

⁂

Duas palavras apenas a respeito da viuva e do filho de Behaim.

D. Joanna de Macedo, que talvez contasse á morte do marido, uns 32 annos, casou com D. Henrique de Noronha, e fôra com elle viver para a Ilha da Madeira. A mãe dotára-a prodigamente em prejuizo dos outros filhos e filhas, porque assim o exigira D. Henrique, que era sujeito, ao que parece, de poucos escrupulos.

D'este 4.º neto D. Henrique II de Castella e de D. Joanna de Macedo, nasceu um filho, D. Francisco de Noronha, que morreu, solteiro, em Ceuta, n'uma escaramuça contra os mouros.

O morgado de D. Henrique, accrescido com os bens da mulher, veio a pertencer a D. Francisco de Mascarenhas, que foi donatario do Fayal e Pico e que teve o titulo de *Conde de Villa d'Orta.*

O filho de Behaim residia ora na Madeira com sua mãe, ora em Lisboa em casa de uma tia, D. Isabel, não sabemos se irmã da mãe, se da avó.

Era bom rapaz e bom christão, muito polido, contrastando com a generalidade dos portuguezes da época, *grosseiros e pretensiosos.*

Vai, por conta de Jorge Pock, um nuremburguez que n'aquelle tempo estava em Lisboa, e que accrescenta: «os portuguezes são o povo mais ostentador do mundo: andam todo o dia pela praça do mercado seguidos de quatro servos, e chegados a casa, alimentam-se de um rabanete com sal, em vez de frango e assado. Os mais pobres de entre nós, em Nuremberg, comem e bebem melhor do que elles.»

N'uma viagem da Madeira para Lisboa, e em legitima defeza, o filho de Behaim matou um homem.

A intervenção do legado pontificio livrou-o dos ferros d'El-Rei. Em favor d'elle, o Senado de Nuremberg escreveu a D. Manuel, mas quando a carta chegou, o joven Behaim já estava solto.

Em 1519 vai a Nuremberg visitar os parentes, chegando, em junho, a receber a herança que lhe pertencia por fallecimento do tio Wolf, que foi quem introduziu em Portugal os chamados *ovos de Nuremberg*, como então se designavam os relogios de algibeira.

Voltando a Portugal, traz para o Rei D. Manuel uma carta de recommendação do Senado, para que o empregasse no seu serviço em attenção aos merecimentos do pae e á sua illustre estirpe. Esta carta é datada do *sabbato post crucis inventionis 1520.*

Ignoramos d'esta data em diante a vida que teve e o fim que levou o Behaim portuguez.

⁂

Nuremberg não podia esquecer o filho illustre que compartilhou dos perigos e aventuras do nosso Diogo Cão, — e erigiu-lhe uma estatua. N'esse monumento figuram com bom direito as armas de Portugal.

Foi em 17 de setembro de 1890, de tarde, com um tempo soberbo, que se inaugurou o monumento na praça «Theresa». O cortejo saiu da Camara Municipal para a casa onde nasceu Behaim, junto da referida praça, que se achava ricamente ornamentada com grinaldas e flôres. Aqui foi cantada a poesia de Hans Barth sobre a qual Franz Lachner compoz o hymno de festa. Quando soou a ultima estróphe: «Póde desencadear-se a tempestade que Deus fiel e amigo porá ao abrigo o povo e a terra da Allemanha», o professor Dr. Günther, de Munich, n'um discurso allusivo, descreveu as phases principaes da vida de Behaim, que, nascido em Nuremberg, fallecera em Lisboa e foi um dos maiores filhos de Nuremberg e da Allemanha. «Devido a elle, disse o orador, os marinheiros do seu tempo podéram aventurar-se ao alto mar, mercê dos sabios methodos astronomicos de observação. Foi o primeiro — e o seu nome permanecerá, por isso, em primeiro plano — que nos fez conhecer a existencia do rio Congo. Foi elle, finalmente, que, pela confecção do primeiro Globo terrestre, na época post-classica, deu poderoso impulso á Geographia e com este trabalho, ainda que imperfeito, mostrou-se um dos homens mais sabios do seu tempo. Behaim foi um bom nuremburguez e tambem um bom allemão».

No fim do discurso descerrou-se o panno que encobria o monumento.

Este representa Behaim com vestes patricias e a mão desenhando sobre uma carta que está emcima do Globo terrestre. Duas figuras de bronze, maiores que o natural,—o Commercio e a Sciencia,—destacam-se assentadas, junto do pedestal em estylo gothico.

© © ©

Se os restos mortaes de Behaim não se encontram hoje na egreja de S. Domingos, se os archivos portuguezes são mudos ácerca do homem que conviveu com reis, com sabios e com os primeiros navegadores seus contemporaneos, se o destino o fez morrer miseravelmente n'um hospital, amaldiçoando a esposa, a estatua de Nuremberg lá está, em compensação, para attestar, na rijeza duradoira do bronze, que justiça se fez.

Setembro 1903.

Antonio Ferreira de Serpa.

Nota. — A gravura que encima este artigo é a reproducção do celebre globo, construido por Behaim, primeiro de que ha noticia e vulgarmente chamado, o globo de Nuremberg.

O Brazão d'armas dos Behaim

FIM DO ESTIO — QUADRO DECORATIVO D. R. COL...

Moscou — O Kremlin

Vinte dias na Russia

(IMPRESSÕES DE UMA PRIMEIRA VIAGEM)

POR Z. CONSIGLIERI PEDROZO

Wer den Dichter will versteh'n
Muss nach dem Dichter's Lande geh'n

GOETHE.

A DESCRIPÇÃO que apresentamos ao leitor, como o producto de umas ferias, não tem pretensões descabidas a obra de sciencia. Não intenta estudar, nem historica nem socialmente, o vasto imperio que é já hoje o capital factor da politica internacional contemporanea. Não se occupa de nenhum dos transcendentes problemas, que a proxima hegemonia da raça slava na Europa começa a formular com inquietadora insistencia. Não tomou por modelo, nem os magnificos volumes de Anatole Le Roy-Beaulieu, [1] nem a circumstanciada descripção de Mackenzie Wallace. [2] Toda a erudição, quer de emprestimo, quer directamente colhida nas fontes, foi d'elle cuidadosa e implacavelmente banida.

Narração singela e despretenciosa de uma curta viagem de vinte dias, a propria escassez do tempo lhe traçou os modestos limites dentro dos quaes teve de conter-se.

[1] *L'Empire des Tsars et les Russes.* — [2] *Russia.*

Quem a lêr não fica conhecendo a Russia, nem sequer debaixo de um unico dos seus variadissimos aspectos. E no entretanto esta descripção póde ter a sua utilidade.

Embora tudo o que diga respeito á Russia esteja hoje em moda no occidente, graças ás novas condições politicas que o accordo franco-moscovita impoz ao equilibrio europeu, é certo que o interesse despertado pelo grande imperio do norte, obedecendo naturalmente ao estimulo que o provocou, se limita na maioria dos casos ao estudo das questões, que a complexa diplomacia de S. Petersburgo vae, com uma tenacidade unica na historia, gradualmente pondo em equação perante a Europa.

E assim que a Russia politica e a Russia militar são actualmente o objecto da constante preoccupação de uma pleiade cada dia mais numerosa de escriptores, tanto em França como na Inglaterra e na Allemanha. Mas da outra Russia, da que vive e que palpita ao lado ou por debaixo da Russia official; d'essa Russia mysteriosa e desconhecida, que ignora o que em seu nome as chancellarias discutem ou impõem; da *Mátuchka Rossía*, [3] como lhe chamam carinhosamente os seus filhos, quem, a não ser bem poucos, se importa ou procura saber alguma cousa? E a impressão que n'um occidental, n'um latino, esta segunda e tão interessante Russia deixou, que procurámos fixar na descripção, ora apresentada ao publico. A' falta de erudição archeologica ou historica, a que propositadamente quizemos fugir; á falta de discussões politicas ou horoscopos diplomaticos para que nenhuma especial competencia possuimos, encontrará o leitor nas paginas que seguem a nota sentida e viva da impressão recebida no proprio local.

Póde a apreciação não ser a verdadeira. É comtudo sempre a exacta, a adequada, isto é, a suggerida pela observação directa, sem auxilio de intermediarios fallazes. De modo que, se a physionomia do povo russo não fosse objectivamente a que n'esta narrativa se descreve, ainda assim não deixava de ter valor a photographia, que d'ella aqui se encontra, pois tal photographia corresponde á realidade da sensação que, n'um observador imparcial, o exame do *facto* dentro do proprio *meio* produziu.

Para nós é esta a originalidade das paginas a seguir, podemos mesmo dizer a sua opportunidade.

Boa ou má, quizemos escrever alguma cousa *nova* sobre a Russia. E' um quadro tirado do natural; inferior, sim, pela debilidade do seu auctor, mas quanto a nós preferivel apesar d'isso á mais correcta das copias, reflexo pallido e incaracteristico sempre, mesmo quando lhe serviu de modelo uma obra prima!

[3] *Litteralmente:* a querida mãesinha Russia.

CAPITULO I

A VIAGEM

Como me resolvi a fazer uma viagem á Russia. — O estudo da litteratura e da lingua russa. — A Russia que o occidente conhece. Desejo de verificar «de visu» as minhas supposições.

«Como é que lhe veiu á ideia emprehender, por simples divertimento, uma viagem á Russia?» Perguntava-me admirado na vespera da minha partida, e na occasião de eu ir á legação imperial visar o meu passaporte, o illustre ministro da Russia em Lisboa.

A extranhesa do barão de Mayendorff que ao principio me surprehendeu, vi-a depois formulada em differentes tons não só por muitos dos meus amigos de Portugal, mas ainda por quasi todas as pessoas a quem em Hespanha, na França e na Allemanha, tive ensejo de communicar o fim ultimo e real da minha viagem.

Ir, com effeito, por prazer e passatempo, do extremo occidente da Europa ao extremo oriente d'ella, quasi junto á Asia; passar sem se deter, sem mal lhes dispensar um olhar, pelas seducções de Paris, pelos paraizos da Suissa, e pelos maravilhosos centros da civilização allemã, para depois de uma longa e incommoda jornada através do continente se installar n'uma cidade de provincia (o meu plano primitivo era esse) n'um dos governos centraes da Russia; trocar Vienna por S. Petersburgo, Berlim por Moscou, Zurich ou Genebra por Tver ou Nijni-Novgorod, era objecto em toda a parte de natural espanto, sobretudo para aquelles, que das viagens só apreciam o que todas ellas teem de commum e de mais vulgar, isto é, o que o cosmopolitismo da civilização contemporanea accumulou apenas com differenças de gráu nas principaes capitaes da Europa, e que qualquer, sem saír da propria casa, sem fadigas ou despezas de transporte, mais ou menos a toda a hora póde encontrar á mão.

E o curioso é que na propria Russia os reparos á minha resolução eram identicos.

Na verdade, como é que homens que, todos os annos em villegiaturas que são verdadeiros exodos, enchem aos milhares as principaes cidades, estações de aguas, e praias da Europa occidental, podiam comprehender, que alguem, a não ser a isso forçado,

deixasse os sitios que elles com tanta avidez procuram, para ir buscar distracções nos logares, que elles, sem olhar a distancia ou gasto, todos os annos aos primeiros sorrisos da primavera abandonam? De principio mesmo a admiração era tal, que, para não ser olhado como reo do crime de lesa bom gosto, tive de cohonestar a minha já apontada excentricidade com o pretexto de uma missão junto da Sociedade Imperial de Geographia de S. Petersburgo. Foi uma pia mas indispensavel fraude, necessitada pelos meus brios de homem civilizado, embora d'ella aqui publicamente tenha de penitenciar-me. Os meus creditos de *touriste* ficariam seriamente abalados, talvez mesmo irremediavelmente compromettidos, se persistisse em affirmar, que tinha ido á Russia só para a vêr de perto em viagem de recreio e que era apenas objectivo para mim de todo o ponto secundario a honrosa commissão, que aliás em cousa alguma contrariava o meu plano. [1] D'ahi por diante, pois, inverti os termos da declaração e assim consegui salvar a minha ameaçada reputação de viajante sem compromettter, já se vê, o encargo que trazia de Lisboa.

O auctor em trajo nacional russo

Mas como me decidi, effectivamente, a fazer uma viagem a Russia?

A genese d'esta resolução é preciso procural-a, annos atrás, no seguimento dos meus estudos historicos e litterarios.

Depois de ter lido algumas das principaes obras das litteraturas latinas e germanicas contemporaneas, sobretudo do genero «romance», cahiu-me um dia nas mãos por acaso a traducção franceza de alguns contos de Turguenev, arrancados á collecção *Zapiski Okhótnika* (memorias de um caçador). que por essa época começava a sua carreira triumphal no occidente, depois de na Russia ter preparado a maior revolução d'este seculo em terra slava — a emancipação dos servos. A leitura d'essas paginas foi para mim a inesperada revelação de um mundo novo. Mesmo através do disfarce de uma versão era tão original o sabor das pequenas historias que compõem o celebre livro, de tal maneira se apartava a sua contextura de tudo quanto até ahi em materia de ficção eu conhecera, que soffregamente devorei d'um hausto toda a collecção, onde não sabia o que mais admirar, — se a singeleza encantadora da fórma, que não tem igual em litteratura alguma moderna, se a adoravel simplicidade da narração, tão ingenua, tão casta, que parecia mal poder ser com amor comprehendida por quem não aspirasse o perfume da sua pureza virginal. Depois de Turguenev foi Gogol; depois de Gogol, foi Dostoiewsky;

[1] A commissão de que se trata era o convite da Sociedade de Geographia de Lisboa á Sociedade Imperial de Geographia de S. Petersburgo para se fazer representar nas festas do centenario da India.

é depois foi Puschkin, foi Lermontov, foi Tolstoi, foram todos os autores russos enfim, que por meio de traducções me podiam ser accessiveis. E sempre o mesmo encanto! Sempre a sensação nova de outras fórmas artisticas a darem corpo a outras ideias, a outros sentimentos, a outra vida, differente d'aquella, que, n'um palpitar cada vez mais debil, se vae pouco a pouco amortecendo nas gastas litteraturas do occidente.

E lidas que foram todas as traducções, novo anceio me assaltou com vehemencia — o de conhecer na lingua original essas obras primas, que eu apenas imperfeitamente entrevira por debaixo do véo traiçoeiro de um idioma extranho... *Tradultori, tradittori!* Como, porém, emancipar-me d'esses infieis interpretes, que sómente desfigurado me deixavam accessivel o objecto do meu culto?

Não era facil de acertar com o modo de conseguir semelhante intento. Para aprender uma lingua tão erriçada de difficuldades como o russo, a necessidade de um professor era de primeira intuição. Mas onde encontral-o? Em Lisboa não o havia. Procural-o fóra do paiz? Seria loucura sequer pensal-o! [1]

Foi então que a theoria do grande Vico veiu em meu auxilio, inspirando-me a *heroica* resolução de aprender comigo só aquillo para que me faltava mestre idoneo. E, com effeito, se no mundo transcendental das supremas determinações psychologicas *velle id est posse*, (querer é poder) porque motivo o mesmo principio não teria tambem a sua applicação na esphera mais terra-á-terra da linguistica, sobretudo sendo ajudado o preceito do illustre philosopho italiano por uma grammatica e um diccionario?!

Graças, pois, á collaboração dos dois livros indicados consegui ao cabo de algum tempo familiarizar-me com a lingua russa litteraria, a ponto de poder lêr no proprio idioma os autores, que melhor me haviam impressionado.

Mas está escripto, que nunca um desejo satisfeito poude fazer calar em nós a ambição de mais subir. Tão depressa foi vencida a difficuldade da leitura, veiu a aspiração de fallar a linguagem, que no livro apenas me apparecia como organismo morto, sem movimento e sem vida.

E de fallar a lingua a querer visitar o paiz, seu berço, tão curta é a distancia, . . mentalmente, que a resolução de um simples problema financeiro basta para transpol-a.

[1] Só mais tarde é que um mero acaso me fez encontrar o hoje distincto professor de allemão no lyceu de Lisboa, o sr. Alfredo Apell, que desde então tem sido o meu guia constante, sobretudo para o russo fallado, e a quem devo a relativa facilidade com que actualmente manejo esta lingua

Resolveu-se com exito a equação que devia transpor a distancia, e ficou assente a viagem á Russia.

O sonho, acalentado amoravelmente durante tantos annos de espectactiva, ia emfim mercê de um concurso favoravel de circumstancias realizar-se.

E aqui tem o leitor como e porque, em vez de ir passar umas ferias a Paris ou á Suissa, eu fui parar a uma provincia da Russia central, onde se a paciencia lhe não faltar, eu espero conduzil-o nas paginas que vão seguir-se.

. . . .

Que Russia conhece ou antes julga conhecer o occidente?

Semelhante pergunta affigura-se-nos perfeitamente legitima da parte de quem teve ensejo de comparar o que a tradição, iamos dizer a lenda, da Europa conta d'esta nação com o que verdadeiramente ella é.

Dizia Diderot e com razão, que o preconceito está mais longe da verdade do que a ignorancia.

E não nos parece difficil o proval-o, no caso especial de que tratamos. O preconceito tem effectivamente sido a causa do desconhecimento quasi completo não só entre nós, mas na maioria das nações occidentaes, sem excluir a propria França, da vida do povo russo, das suas aspirações, dos progressos de toda a ordem que na sua existencia meio seculo de esforços persistentes conseguiram realizar.

A Russia consagrada pela falsa tradição historica em que ainda hoje somos educados, podemos dizer que ou nunca existiu senão na phantasia dos seus infieis chronistas, ou que pertence a um passado quasi archeologico, pois sobre elle passou já a rasoira demolidora de um cento de revoluções.

Mais do que inexacto, é supinamente ridiculo, vêr a nossa presumpçosa ignorancia fulminar em nome de uma civilização, nem sempre de bom quilate, a supposta barbarie da Russia de convenção que para nosso uso inventámos, onde, ao que parece, o *Knut* é ainda a suprema razão do estado, e os costumes são pouco mais ou menos os mesmos dos boyardos do tempo do terrivel Ivan III!

Mas que é esta a ideia que a maioria dos escriptores europeus faz ainda hoje da nação russa, isso não soffre a menor duvida. Pois o espirito mais culto, podemos dizer o mais cosmopolita da nossa vizinha Espanha, Emilio Castelar, não escreveu n'uma das suas obras mais justamente afamadas, [1] sobre os perigos da invasão da raça slava na Europa,

[1] *Historia del movimiento republicano en Europa*

paginas, que se apressariam a perfilhar como suas os mais ferozes propagandistas anti-russos da Inglaterra ou da Allemanha? Extranha perversão do sentimento historico, mas infelizmente verdadeira!

E nós fomos tambem assim educados... A leitura, porém, das obras que na litteratura russa mais fielmente reflectiam a alma popular, o conhecimento dos documentos, onde directamente e sem carecer de intermediarios suspeitos nós podiamos seguir as differentes phases da vida da grande nação slava, bem depressa nos pozeram de sobreaviso com respeito ás affirmações da pseudo-historia official, dando-nos os elementos para reagir contra a corrente de ideias, que a todos quasi sem excepção orientava.

Por consequencia uma viagem á Russia, além das razões já apontadas que a impunham, tinha ainda para mim o inapreciavel valor de contra prova, em que *de visu* eu verificaria a realidade das minhas supposições. E até que ponto as duvidas do meu espirito eram fundadas, dil-o-ha a singela narração do que vi n'esse paiz, tão mal apreciado no estrangeiro por ser tão pouco conhecido, e no entretanto tão digno de ser estudado!

CAPITULO II

ATÉ A FRONTEIRA RUSSA

De Lisboa a Paris — A cathedral de Colonia — Até Berlim — A capital do imperio allemão — A Prussia oriental — Approximação de um mundo novo — Eydtkuhnen, ultima estação do occidente — Na Russia finalmente.

Decidida que foi a minha ida á Russia, tornava-se necessaria a escolha de um itinerario. O que naturalmente estava indicado pela maior commodidade e barateza era o maritimo, ou directamente de Lisboa a Hamburgo e d'ahi por caminho de ferro até á fronteira russa, ou talvez melhor ainda do nosso porto a S. Petersburgo, tomando algum dos vapores, que de vez em quando fazem este trajecto.

Conhecendo já a Europa central por uma viagem anterior, o caminho por mar tinha para mim todas as vantagens, sem me privar da visita dos paizes intermediarios. Como, porém, d'esta vez tinha minha filha por companheira, fui obrigado a transigir com o desejo natural de fazer a viagem por terra, tranquilizando ao mesmo tempo o receio muito attendivel dos incommodos inherentes a uma travessia maritima.

E assim, no dia 26 de julho, de 1896, ás 10 horas da noute, partiamos [1] da estação do Rocio em direcção a Salamanca, primeira paragem marcada no programma que eu traçára de antemão. De Salamanca, e após o tempo de indispensavel descanso, seguimos para Bayonna, affrontando impavidos durante um longo dia e uma noute, que parecia não ter fim, a monotona aridez da mais triste região da peninsula, e o desanimador desconforto do peor caminho de ferro do mundo. Só mudou o aspecto da paisagem, quando o comboio que nos levava se internou pelas provincias vascongadas, frescos e umbrosos jardins pendurados nas gigantescas faldas dos Pyreneos, parece que mais encantadoras ainda pelo contraste com a desolação requeimada da Castella, que acabavamos de atravessar. Em quanto a commodidades ferroviarias continuaram as mesmas até á fronteira franceza, sem respeito pela mudança de scenario!

Bayonna, a formosa joia engastada nas margens do Adour, foi a nossa segunda paragem de repouso, e o ponto de partida da excursão deliciosa que fizemos a Biarritz. E' com effeito difficil de imaginar região mais bella, do que este pedaço de zona pyrenaica, nem caminho mais pittoresco do que a linha de tramway a vapor, que da cidade conduz até á estação balnear. Avenidas ou antes magnificas abobadas de incomparavel arvoredo, marchetadas de chalets, cortadas de squares, alternando com parques de floridos relvados, continuam sempre de um lado e outro da estrada, subindo docemente até ao ponto em que se accentua a descida para a praia, propriamente dita, onde pouco a pouco se tem ido levantando a cidade dos banhistas, centro obrigado de reunião dos millionarios dos dois mundos, que são a materia prima que alimenta os luxuosos hoteis e as insaciaveis roletas da elegante favorita de Napoleão III.

A caminho de Paris, uma differença no horario dos comboios obrigou-me a ficar perto de vinte e quatro horas em Bordeos, de onde parti para a capital franceza com o firme proposito de sem demora seguir para a Allemanha, a fim de chegar o mais breve possivel ao termo da viagem, e tambem para fugir a uma incommoda tempestade atlantica, acompanhada por vezes de chuva torrencial, que teimosamente nos perseguia desde Lisboa.

Feita, pois, a imprescindivel visita da praxe a alguns dos principaes monumentos de Paris, reservando para a volta exame mais mi-

[1] Alem da minha filha foi meu companheiro de viagem o illustre philologo o sr. Gonçalves Vianna.

nucioso e detido, tomei o expresso de Colonia, onde desejava uma vez ainda vêr a celebre cathedral, vestigio magestoso da meia-edade germanica.

Porque eu sou fanatico por semelhante monumento, incomparavel mesmo entre os tres ou quatro que a Europa conta no genero. Nem comprehendo a ideia religiosa na sua manifestação architectonica fóra da egreja gothica, de que esta é o typo mais completo. Ou severo e grandioso como em Colonia, ou brincado e florido como na Batalha, só o estylo ogival traduz bem, nas suas linhas melancolicas e ideaes, o sentimento vagamente scismador do christianismo medieval. É em presença d'esses sublimes poemas de pedra, deixados aqui e ali como testemunho da piedade das gerações que passaram, que nós sentimos elevar-se-nos o espirito ao mundo luminoso das crenças, que durante seculos foram conforto para tantas almas doloridas... E ainda hoje tal enlevo faz bem! Tirem por isso á edade-media a cathedral gothica, e a poesia do christianismo será para nós lettra morta. Procurem se são capazes outra fórma artistica, que possa coadunar-se melhor com o dogma christão, e o mais que terão conseguido é realizar o anachronismo sumptuoso da Magdalena, como se dentro da esthetica proporcionada do templo grego coubesse a aspiração infinitamente superior da religião do Christo ou do culto de Maria!

Eis a razão porque para mim a viagem a Colonia assume sempre as proporções de piedosa romaria. Vista de fóra a cathedral assombra pela audacia da construcção. Mas lá dentro a sensação que nos domina, ao contemplar as extensas naves e as altas e esguias ogivas, á claridade indecisa que se côa atravez dos *vitraux* das janellas, é indiscriptivel, unica! O sentimento da realidade perde-se no mar das recordações, que em tropel diante de nós parecem tomar corpo em mil quadros animados. Uma a uma perpassam em frente dos nossos olhos as scenas ora commovedoras, ora terriveis, de que foi theatro o grande templo. A historia extensa do catholicismo militante, condensada em gigante apparição, affigura-se-nos querer resurgir das cryptas onde jazem inertes os heroes das suas luctas seculares. E depois repentinamente tudo volta á marmorea immobilidade. Apenas o orgão, gemendo dolentemente uns threnos repassados de dulcissima saudade, continúa mantendo por algum tempo ainda a illusão, que fizera reviver o passado a que em espirito assistiramos . . .

Biarritz — O rochedo do sanctuario

. . . .

Uma hora mais tarde estava a visita feita e eu seguia a toda a velocidade no expresso de Berlim, não sem ter fulminado com a mais violenta apostrophe da minha indignação o mercantilismo contemporaneo, que, com o mesmo revoltante desrespeito pelas mais puras glorias da arte, collocou a servir de fundo á formosa egreja allemã uma gare de caminho de ferro, exactamente como o monstruoso gazometro que conhecemos se foi construir junto á Torre de Belem!

O caminho, a partir de Colonia e depois de passado o valle do Rheno, começa a ser extremamente monotono e enfadonho. O proprio rio n'este sitio, de margens chatas e vulgares, nada tem que desperte a attenção do viajante. Não póde comparar-se a região que iamos atravessando, nem em riqueza nem em formosura de paisagem, com as zonas que em França o caminho de ferro córta, qualquer que seja a parte do paiz percorrida, quer se trate da linha de Bordeos, quer se trate das linhas de Lyon, de Leste ou da Normandia, com excepção apenas das *Landes*.

Grande parte da França é tambem uma extensa planicie. Mas que variedade de aspectos, que frescos prados, que bem mantidos canaes, que magnifica arborização, e que requintado cuidado na sua esmerada agricul-

tura! Attravessam-se departamentos inteiros francezes, que mais parecem jardins plantados a capricho, do que terras cultivadas para producção. Na Allemanha, pelo menos na parte que a linha de Colonia a Berlim segue, não ha nada que com este espectaculo se possa comparar.

Ao principio ainda o paiz apresenta a ondulação pittoresca que distingue a Prussia Rhenana das outras provincias do imperio, e que dá uma feição especial á cidade de Düsseldorf e sobretudo a Aix-la-Chapelle, a antiga capital de Carlos Magno. Mas depois que começa a interminavel planicie da Westphalia, a monotonia da viagem cada vez se accentua mais, offerecendo apenas interesse industrial as principaes cidades, que se vão pelo caminho encontrando, como Duisburg, Oberhausen, Dortmund, Hamm, Bielefeld e Minden. A orographia da parte do Hannover, que o caminho de ferro atravessa, continua a ser a mesma. A capital do antigo reino está assente em meio de uma planicie escalvada e arêenta. Embora muito vasta e apesar de ser cortada em toda a sua extensão pela linha ferrea, não apresenta relevo algum sensivel, que a faça sobresahir acima do terreno chato e sem perspectiva que a rodeia. A configuração, porém, da sua architectura, onde predominam as torres ponteagudas, e a côr vermelha de todas as suas casas, devida ao emprego quasi exclusivo do tijolo como materia prima de construcção, dão-lhe um aspecto singular e original, que não se esquece facilmente.

Acima do Hannover começa o Brandeburgo, mas a configuração do terreno não varía até junto da capital. De modo que se desde Colonia se passa por quatro zonas, politica e administrativamente differentes, póde dizer-se que toda a região physicamente considerada é uma só, sempre igual a si mesma, sem mundanças de aspecto ou differenças de constituição. E ainda approximando esta parte da Allemanha da França, não é possivel deixar de notar a differença que desde logo e mesmo para o observador mais superficial separa os dois paizes. Na França foi a natureza mais provida e a riqueza do solo em muito se avantaja á terra allemã, mais pobre e de cultivo mais difficil e menos variado. Na Allemanha, pelo contrario, o esforço do homem é maior, mais persistente e mais viziveis os progressos de toda a ordem, sobretudo no dominio industrial. Basta presenceiar o que são as cidades do Rheno, e o aspecto da paisagem entre Düsseldorf e Dortmund. Fica-se indeciso se são campos o que se vê, se são as dependencias de uma monstruosa e interminavel officina. De noute é sobretudo pittoresco distinguir ao longe, na linha do horizonte, destacando-se do meio da escuridão, os pennachos de fogo que saem das innumeras chaminés, que por toda a parte testemunham a actividade das fabricas d'além Rheno.

. . . .

Passavam das onze horas da noite, quando chegámos á gare de Friedrichsstrasse. Fóra do habitual o movimento era ainda grande n'esta rua. D'ahi a pouco sabia eu á minha custa a causa de tão desusada animação, por que dirigindo-me como de costume ao Grande Hotel Central, ahi me foi respondido, que nem um unico quarto estava devoluto, recebendo igual resposta em quatro ou cinco mais dos primeiros hoteis da cidade. O que assim transtornava os habitos da pacata Berlim, era a exposição industrial de Charlottenburgo, que todos os dias chamava á capital enorme concorrencia de forasteiros.

Conforme o meu programma a estada n'esta cidade devia ser de curtissima duração, vinte e quatro horas apenas, ou pouco mais. Não que ella não mereça e não recompense largamente mais demorada visita. Basta uma rapida vista d'olhos pelos seus interessantissimos museus, para bem occupar bastantes

Bordeos — A avenida de Tourny

dias. Mas por um lado essa demorada visita tinha-a eu feito no anno anterior, e por outro lado, como o objectivo da minha viagem era differente, precisava não prejudicar com demasiada attenção aos accessorios o fim principal d'ella.

Por isso me limitei ao classico passeio de trem pela cidade, de que aliás me não arrependi, porque Berlim é uma capital que a toda a hora cresce e se desenvolve, apresentando cada anno sempre alguma novidade. A d'este anno era a tracção electrica para o Jardin Zoologico e Charlottenburgo.

O progresso accelerado, sem interrupção, constitue, com effeito, a divisa caracteristica de Berlim. Não é uma cidade estacionaria ou de transformação lenta e morosa como tantas outras, em que os melhoramentos mais indispensaveis são comprados á custa de fartos annos de espera. O apressado crescimento de Berlim imitou na sua celeridade vertiginosa a rapida carreira, sem igual na historia, do imperio de que é cabeça. Ha vinte e cinco annos ainda nada existia d'essa capital moderna, que, sobreposta á velha cidade do grande Frederico, é hoje uma das maiores e mais bellas da Europa; assim como ha tres seculos apenas, não passava de modestissimo margraviado o minusculo senhorio, que é actualmente uma das mais poderosas nações do mundo.

O que falta a Berlim não são os progressos materiaes de toda a ordem. Esses tem-n'os em abundancia e todos os dias ainda os accrescenta. O que lhe falta é a vida, é a animação, que faça circular o movimento e a alegria por todas as suas vastas arterias. Porque no fim de contas e no meio de tantas grandezas Berlim é triste.

O estrangeiro em Berlim sente-se, não ha duvida, no centro de um grande estado. Mas ha alguma cousa na grave physionomia do berlinez, que sem querer nos faz compartilhar as inquietadoras preoccupações d'esse imperio, que tem de guardar de arma ao hombro a hegemonia, que as suas victorias lhe deram.

Que frisante contraste com a apparencia prazenteira e descuidosa de Paris, sempre alegre e se quizerem sempre leviano, mesmo na vespera das maiores crises!

A cathedral de Colonia

No dia seguinte partia para a Russia no expresso de S. Petersburgo. O meu primitivo plano era parar um dia em Koenigsberg, a capital da Prussia oriental, afim de repartir por metade a longa distancia que separa as duas capitaes. Mas, informado que o trajecto no comboio rapido estava reduzido a trinta e seis horas, decidi-me a fazer de uma vez só todo o caminho, terminando assim um dia antes do calculado o prologo, que já se ía extendendo em demasia, da minha excursão. De Berlim para lá, além d'isso, começava para mim o desconhecido, isto é a parte verdadeiramente interessante da viagem. E eu estava impaciente por entrar n'esse mundo novo de sensações e de aspectos.

Da capital da Prussia a Eydtkuhnen, ultima estação allemã na fronteira, póde seguir-se por duas linhas de caminho de ferro, que partem ambas da Schlesischer Bahnhof. Uma d'estas linhas passa por Thorn e Insterburg. E' um pouco mais extensa. A outra passa por Dirschau e Koenigsberg. Foi esta que escolhemos.

Conforme eu suspeitava, attendendo á artificialidade das fronteiras politicas por este lado da Allemanha, a região denominada Prussia oriental, de que é capital Koenigsberg, a patria do celebre Kant, limitada a oeste pelo curso do baixo Vistula e a leste pelo curso do Memel, distingue-se desde logo sob o ponto de vista orographico do Brandeburgo, que lhe fica contiguo.

A planicie chata e arida na apparencia, que até então atravessáramos, cede o passo a um terreno levemente ondulado, cortado aqui e ali por charcos d'agua á flôr da terra, e onde começam a apparecer as primeiras amostras das florestas do oriente da Europa. Principiam os prados relvados e verdejantes, mosqueados de vez em quando por grandes ranchos de patos gansos, que á guisa de gado percorrem as pastagens como se fossem alados rebanhos. A configuração das cabanas, a extensão das aldeias, os marcos divisorios das terras, a physionomia mesmo da propria cidade de Koenigsberg, assente como derradeira sentinella do occidente no meio da enorme vertente baltica, parecem já pertencer a um mundo novo, e são os indicios da vizinhança d'essa terra russa, que, embora ainda longe, começa no entretanto a fazer sentir a sua poderosa attracção.

A' medida que o caminho se adianta e nos approximamos da fronteira, mais se accentua a nova feição da paisagem.

Passam-se successivamente as estações de Wehlau, Insterburg, Gumbinnen, Trakehnen, Stallupönen, e chega-se por fim a Eydtkuhnen, ultima estação prussiana. O comboio pára alguns minutos para dar tempo á compra de bilhetes supplementares até a primeira gare russa. Depois, põe-se de novo em movimento e lentamente vae sahindo a fronteira allemã.

. . . .

Passava da meia noite, quando parámos na estação de Verjebalóvo, e pudémos vêr pela primeira vez á luz dos archotes, que illuminavam a gare, as côres do imperio pintadas na vedação aduaneira, por detrás da qual appareciam uns uniformes extranhos e umas physionomias singulares...

Estavamos finalmente na Russia, e a verdadeira viagem ía começar agora!

CAPITULO III

A CAMINHO DE S. PETERSBURGO

Verjebalóvo — Prim ira lenda desfeita — O expresso de S. Petersburgo — Kóvno — A paisagem russa—Impressão geral do caminho —Vilna — O lago Peípus — O tempo— Chegada á capital.

Et ego in Arcadia .. Não foi sem verdadeira commoção, que eu me vi em terra russa. Tambem não ha impressão nem mais justificada nem mais legitima. Sair-se das nossas nações do occidente, de fronteiras relativamente tão acanhadas, mesmo as mais vastas, e achar-se de repente quasi d'um salto a confinar, pelo paiz que se pisa, ao norte com as geladas regiões do pólo, ao oriente com o oceano Pacifico em face do Japão e da America, ao sul e sueste com a Coreia, com a China, com a Persia, com o Afganistan, quer dizer, com os ultimos limites do continente asiatico, é contraste que assoberba o espirito mesmo mais affeito a estas bruscas transições.

Uma impressão assim, pensava eu, devia talvez tel-a sentido o estrangeiro na antiguidade, ao tocar pela vez primeira o solo do imperio romano, que então fechava dentro dos seus confins a melhor parte dos tres continentes conhecidos.

Accrescia, porém, a esta indefinivel sensação de immensidade o sentimento vago de estranheza, que o aspecto para mim novo de tudo, quanto eu podia distinguir, involuntariamente me produzia. Depois a propria noute, com o seu véo impenetravel, mais ainda contribuia para avolumar o mysterio do mundo ignoto que me cercava. Naturalmente a impressão de uma entrada de dia, illuminada pelo sol claro, a desenhar com nitidez os contornos do paiz, teria sido outra bem diversa.

Verjebalóvo ou Wirballen, conforme lhe chamam os allemães, está assente sobre a Lepona, affluente da Szeszapa, que serve de limite aos dois imperios. Como todas as estações de fronteira é uma vasta gare, propositadamente construida para as morosas e complicadas operações da visita aduaneira, exame de passaportes, e mudança de comboios, pois é n'este ponto que o expresso russo para S. Petersburgo recebe os passageiros do rapido allemão.

Uma fila de soldados aguarda, á entrada da vasta sala de espera, a nossa saida do wagon para a entrega dos passaportes, emquanto as bagagens são tiradas do fourgon e os carregadores, vestidos da nacional *rubáska* [1] de linho apertada por uma correia na cintura, vão alinhando as malas no balcão, abrindo-as e preparando-as para a visita.

A noção que eu trazia de Lisboa a respeito dos rigores do regimen aduaneiro na Russia, fazia-me sentir, confesso-o, n'este momento solemne sempre para todo o viajante, uma certa inquietação pelo que iria passar-se. A que requintes de inquirição chegaria a meticulosidade fiscalisadora d'estes Argus, contra os quaes eu apenas tinha como defesa a minha consciencia virgem de qualquer peccado de contrabando e a mais completa ignorancia do que nas alfandegas russas fosse artigo prohibido? E a censura contra os livros? De tal maneira me tinham prevenido contra ella,

[1] *Litteral:* camisa.

contando-me horriveis casos acontecidos pelas mais innocentes infracções, que foi com verdadeiro terror que eu apresentei, quasi tremendo, ao chefe do posto aduaneiro o meu modesto guia de viajante, unico volume que ousára trazer de Portugal.

Qual não foi, porém, o meu espanto, quando, em vez dos rigores annunciados, eu encontrei no pessoal da alfandega a mais primorosa delicadeza e uma tão larga comprehensão do seu ingrato mister, que a simples declaração do que constituia a minha bagagem substituiu para todos os effeitos a tal pesquiza, que devia revolver-me os ultimos recantos da mala?! No tocante á censura com os livros estrangeiros, ainda o espanto me cresceu de ponto, chegando a verdadeiro assombro. Pois não recusou o encarregado da policia a quem eu me dirigi, para explicar do modo mais satisfatorio a presença do meu Baedeker, tomar conhecimento sequer do titulo da obra, despedindo-me com um sorriso meio ironico, quando a minha insistencia para que elle verificasse a orthodoxia do volume, parece que se ia tornando importuna em demasia?!

Tão inesperadas facilidades confundiam-me; e eu ficava perplexo, sem saber a que attribuir este inexplicavel procedimento. Mas inexplicavel, porque? Porque eu persistia em acreditar como boas as erradas informações, que sobre o assumpto me haviam fornecido. Ora a verdade é que taes informações, dadas na melhor boa fé, quero crêl-o, não passavam de uma das muitas lendas ridiculas, que no occidente correm a respeito da Russia. Esta primeira acabava de ser desfeita. Quantas outras não teria eu, no seguimento da viagem, occasião de ver desfazer ainda?...

Concluida a revista das bagagens e recebido outra vez o passaporte, o meu primeiro cuidado foi assegurar para minha filha um logar na *spálnia*[1] ou carruagem-leito, pois o caminho a percorrer era demasiado longo, o tempo chuvoso estava excessivamente frio, e, peor do que tudo para uma viagem nocturna, o numero de passageiros reunidos na sala de espera fazia prevêr nos wagons uma enchente *au grand complet.*

Tranquilizado por este lado, e faltando ainda perto de duas horas para a partida, pude principiar a familiarizar-me com o novo meio em que me achava.

Carecia effectivamente não só de passar o tempo, mas de satisfazer a curiosidade bem natural de travar conhecimento com os primeiros russos *authenticos* que encontrava. Precisava tambem — para que escondel-o? —tirar a prova real da sciencia linguistica que eu trazia de remissa, pondo em exercicio, na primeira occasião que se apresentava, as minhas habilidades ainda um pouco problematicas ou pelo menos ainda imperfeitamente experimentadas no campo da philologia russa.

Diga-se desde já, comtudo, sem immodestia, que não deixou de ser satisfatoria para a minha vaidade de polyglotta esta especie de exame preliminar, confirmando os sensiveis progressos realizados nos ultimos tempos, e permittindo-me esperar, que não teria a temer nas futuras relações com os subditos do tsar novos incidentes, semelhantes ao do anno anterior na egreja russa da rua Daru, quando gravemente eu insistia em preguntar ao sacristão pelo jantar, em vez de preguntar-lhe pela missa[1]. . . . .

Se fallar uma lingua, porém, é poder n'ella com maior ou menor trabalho fazer-se entender dos outros e mais ou menos entender o que esses outros nos dizem, não ha duvida que desde este momento eu tinha o direito de affirmar, que fallava russo.

Entende-se que tal affirmação não significa nem sequer a consideração mais trivial, devida a essa disciplina conhecida pelo nome de grammatica, a qual por vezes parece que eu tratava com a semceremonia de um verdadeiro reformador... creoulo.

Pelo menos assim m'o faziam crêr certas correcções, veladamente offerecidas com a maior urbanidade pelos meus irterluctores... ..

Dera já o primeiro signal do embarque e tornava-se necessario proceder com presteza para obter um logar em rasoaveis condições no wagon, precaução conforme depois tive ensejo de aprender á minha custa absolutamente indispensavel nos caminhos de ferro russos. Como os comboios são pouco numerosos mesmo nas linhas principaes, e como parece que ás companhias não lhes sobra o material, o assalto ás carruagens é de regra, e não constitue para o viajante operação de pequena monta a sua installação. Accrescente-se a esta primeira difficuldade a que resulta do regimen das bagagens. Nos caminhos de ferro russos a este respeito a liberdade é completa. Cada passageiro leva comsigo tudo o que a sua phantasia lhe suggere, desde as malas e bahus de mais monstruosas dimensões, até aos apetrechos de cozinha e ao *samovár* nacional. De modo que, quem primeiro consegue tomar logar, enche

[1] Dormitorio.

[1] Em russo as palavras «jantar» e «missa» são respectivamente: *abiéd* e *abiédnia.* D'ahi a minha confusão e o comico incidente que ella occasionou.

á sua conta a maior parte do espaço disponivel.

Os que vêem depois, que se arranjem como poderem. Um pobre tchèque, meu companheiro na viagem que fiz de Moscou a Varsovia, vi eu entalado entre uma especie de mala e um colchão, que a incommoda vizinha, que a má sorte pozera defronte d'elle, teimava em lhe encostar á força, e que o pobre homem teve que aguentar por travesseiro durante toda a noite, até que a vaga de um dos logares proximos lhe permittiu libertarse de tão singular martyrio. É principalmente nas segundas classes e nas terceiras, como póde bem suppôr-se, que esta accumulação attinge o maximo limite. O que não quer dizer, que nas primeiras ella não seja tambem vulgar. Por isso e não obstante a rapidez com que me puz em movimento, apenas a porta da sala de espera se abriu para a *gare*, quando cheguei junto do comboio, já todos os wagons estavam litteralmente apinhados, conseguindo a custo obter um dos peores logares no que estava menos cheio.

Ou fosse por este motivo ou pelo estado do meu espirito, necessariamente pouco propenso a optimismos, depois de mais de vinte horas de viagem e na perspectiva de outras tantas ainda para andar, o certo é que a minha primeira impressão de um comboio russo ainda hoje constitue para mim recordação nada agradavel. Eu vinha acostumado ao conforto, ás commodidades e á elegancia, — a expressão não é de modo nenhum impropria — dos caminhos de ferro allemães, sem duvida alguma os melhores da Europa, sob todos os aspectos. De repente, sem transição, vejo-me encerrado n'uma especie de fortaleza ambulante, de dimensões monstruosas, negra como a noite que nos involvia, e de apparencia tão pesada, que eu perguntava a mim mesmo em que officina teria sido forjada a machina collosal capaz de arrastar tal comboio. Em vez das janellas amplas, rasgadas e numerosas das carruagens allemãs, por onde o ar e a luz podiam livremente circular, o wagon que ia servir-me de prisão durante perto de vinte horas, tinha-as tão pequenas e eram ellas tão poucas—uma por banda em cada divisão — que me pareceram, n'aquelle primeiro momento da entrada, frestas acanhadas a que a minha imaginação desnorteada pelo contraste ainda mais reduzia as dimensões.

Berlim — O Schlossbrüche

Foi junto a uma *janella* d'estas, fechada com duplo caixilho—na Russia todas as por-

tas e janellas assim se fecham — que, depois de não pequeno trabalho para arrumar a minha mala, eu pude sentar-me de lado no *fauteuil*, que pela minha qualidade de passageiro munido de bilhete theoricamente devia pertencer-me, mas que com a maior sem ceremonia tinha sido em grande parte invadido pelos pés pouco cortezes do meu vizinho fronteiro, antipathica creatura, ao qual só ouvia de vez em quando uma especie de grunhido, não classificado por certo em cathegoria alguma de phonemas de lingua conhecida, e que depois soube ser um lithuano, parece que de Vilna, pois n'essa cidade se apeou. Como a noite estava escura e me era impossivel emquanto não amanhecesse, o que sómente devia acontecer lá para o pé de Kóvno, vêr a região que o nosso comboio ia lentamente atravessando — na Russia a velocidade mesmo dos expressos é bastante inferior á dos trens allemães, — principiei a olhar em torno de mim, afim de familiarizarme com o pequeno mundo que me rodeava. A minha primeira inspecção foi para o wagon, que havia pouco tão mal me impressionára. Percorrendo successivamente os differentes compartimentos que communicavam entre si, não por corredor lateral como na Allemanha, mas por meio de simples portas, pude observar que o interior da carruagem era bastante melhor do que poderia fazel-o suppôr o exame summario do exterior. Apparecia-me espaçoso, confortavel, e o que peor impressão em mim fizera — as janellas e o duplo caixilho que as fechava — explicava-se pela qualidade do meio que os comboios tinham de percorrer, e pela rudeza do clima a que tinham de resistir. Janellas como as allemãs seriam mettidas dentro á pressão da menor camada de neve, que sobre ellas se depozesse. O systema de ventilação era tambem o adequado a um paiz, onde de inverno um golpe de ar, entrando livremente, póde ter as mais serias consequencias. Em conclusão, no que diz respeito á installação propriamente dita, eu fôra injusto para com os caminhos de ferro russos, e depois de ter viajado por algumas das linhas principaes, posso com mais conhecimento de causa ratificar esta apreciação. Se no entanto deixei aqui consignada a minha impressão primeira, é porque ella foi tão profunda, que ainda hoje, depois de ter modificado o meu juizo, constitue a peor recordação que da Russia eu conservo. No que a opinião, porém, se me não modificou, foi no tocante á regulamentação dos comboios, onde a liberdade do passageiro mais audaz para incommodar os vizinhos é completa. O *neminem laede* da jurisprudencia classica parece ser principio desconhecido para as companhias ferro-viarias na Russia, e mais de uma vez eu me lembrei com saudade dos preceitos bureaucraticos, quasi tyrannicos, da democracia franceza, ao assistir á desenvoltura e á independencia illimitada de certos viajantes em pleno paiz do tsar! Porque tambem é uma lenda, espalhada no occidente, o suppôr-se que na Russia, pelo facto da autocracia ser a fórma governamental, tudo geme debaixo de uma permanente tyrannia.

Em muitos casos ha na Russia mais liberdade ou menos regulamentação, — o que o mesmo quer dizer, — do que nas nossas nações occidentaes, onde os direitos do individuo são o prologo obrigado de todos os artigos de lei.

Mas voltemos, emquanto não amanhece, aos meus companheiros de viagem.

Do que eu pude apurar logo ao primeiro exame, vi que os havia de diversa origem e procedencia: lithuanos, russos, allemães e até tartaros, conforme se deprehendia do traje — o *khalat*, especie de tunica comprida—, e das feições — typo ruivo, de grande vivacidade e cabello cortado á escovinha — além da impressão que no ouvido me produzia o seu fallar para mim desconhecido, é certo, mas onde era bem preceptivel a chamada harmonia vocalica, phenomeno caracteristico de todas as linguas uralo-altaicas, a cuja familia o idioma tartaro pertence. A maioria, porém, dos habitantes occasionaes do meu wagon era composta de judeus polacos. Não deve esquecer que de Verjebalóvo até Kóvno a região atravessada pela linha ferrea faz parte do governo geral de Varsovia ou mais exactamente do governo de Suwalki, que forma a extremidade septentrional do antigo reino da Polonia.

Ora é sabido, que apenas n'esta provincia do imperio e nos governos do sul teem os judeus a liberdade de se estabelecer livremente, qualquer que seja a condição a que pertençam.

No norte e no centro, em S. Petersburgo e Moscou, por exemplo, para que um israelita possa fixar-se, torna-se preciso que possua a carta de qualquer curso superior. Com effeito, n'estas duas cidades alguns encontrei, exercendo a profissão de medico e de engenheiro. Não sei se a tolerancia se extende ainda a outras classes. Esta informação de resto tenho-a como authentica, pois a devo a um distincto medico israelita de S. Petersburgo, o dr. Abram Veniaminovitch Zakher, que comigo fez a viagem de Varsovia a Vienna, e do qual recebi valiosos esclarecimentos acerca do viver dos seus compatriotas.

A quasi totalidade d'estes judeus polacos

é trilingue, fallando indifferentemente e com igual facilidade o polaco, o allemão e o russo, embora esta ultima lingua com pronunciada accentuação estrangeira.

Foram successivamente ficando uns em Kóvno e outros em Vilna, de modo que quando entrámos ao outro dia no governo de Pskov, o primeiro da Grande-Russia que se encontra por este lado a caminho da capital, nem um só restava no comboio.

E' tempo, no entretanto, de descrever a traços largos o caminho que iamos percorrendo. Os primeiros albores da madrugada começavam, com effeito, a tingir de uma côr levemente esbranquiçada a linha do horizonte; e pouco a pouco o relevo do terreno, que de vago e indeciso passára a mais circumstanciado e nitido, principiava a desenhar aos meus olhos impacientes a physiognomia da paisagem.

Foi nas alturas de Kóvno, que a claridade do dia já então sufficiente, me permittiu examinar o panorama que diante de mim se desenrolava. O nosso expresso acabava de parar pela primeira vez desde que sairamos de Verjebalóvo, durante um quarto de hora, na estação d'este nome, e digo propositadamente «estação» e não «cidade», porque na Russia estas duas expressões nem sempre se equivalem.

O incauto viajante que, fiado na nomenclatura official consagrada, não tiver em conta tal consideração, aliás tão necessaria no imperio dos tsars, arrisca-se a serios contratempos ou pelo menos a contrariedades nada agradaveis, na mais favoravel das hypotheses. Julgando ter comprado bilhete para determinada cidade póde acontecer-lhe ao cabo da viagem encontrar-se no meio de uma floresta ou de uma planicie, a algumas dezenas de *vérstes* [1] do povoado aonde se dirigia, e que só theoricamente tem como symbolo a estação do mesmo nome. Dá-se, por exemplo, este facto em todo o percurso do caminho de ferro de S. Petersburgo a Moscou. As povoações que o guia nos indica como estações d'esta linha são numerosas. Pois apenas uma unica cidade, Tver, póde dizer-se que fica junto á respectiva *gare*, sendo ainda assim preciso, attribuir ao adverbio «junto» uma tão lata significação, que no caso sujeito comporta nada menos do que a distancia de alguns kilometros. A causa de semelhante anomalia está em que na Russia a construcção das linhas ferreas obedece a considerações de ordem puramente militar, ficando o interesse commercial e economico das povoações n'um plano secundario perante a razão do estado que a todas sobreleva.

Kóvno, cidade de perto de cincoenta mil habitantes e capital do governo d'este nome, está situada na confluencia do Niemen e da Viliia em uma região bastante fertil. A metade pelo menos da sua população compõe-se de israelitas, encontrando-se n'ella tambem numerosos lettões, residuo da população primitiva, pois é sabido que Kóvno fazia parte do antigo ducado lithuanico. Tem esta cidade a honra de possuir as maiores egrejas catholicas da Lithuania, entre as quaes a de S. Pedro e a de S. Paulo, que datam do seculo XV. O principal monumento historico de Kóvno é a celebre pyramide de ferro levantada á memoria da retirada dos francezes em 1812, e cuja inscripção diz assim no seu laconismo terrivelmente epico:

«*Em 1812 foi a Russia surprehendida por*
«*um exercito de 700:000 homens; 70:000 ape-*
«*nas tornaram a passar a fronteira.*»

Pelo que respeita á estação de Kóvno, é ella com pequenas variantes a repetição de quasi todas as estações que n'esta parte da Russia se encontram. Vasto edificio de madeira, pintado de claro, a sua apparencia destoa completamente do typo das estações allemãs ou francezas.

A estação russa com os competentes annexos, entre os quaes não falta nunca o *kolódets*, especie de poço cuidadosamente protegido, é rodeada por um ripado construido com todo o esmero, o qual fecha tambem o recinto do jardim ou horta, parte integrante d'estas *gares*.

Em geral póde dizer-se como regra, que as estações de caminho de ferro russas são sempre vastas de mais para o movimento, pelo menos actual, a que teem de fazer face. Na immensa Russia ninguem regateia o espaço. Ha tanta terra que parece não ter ella valor algum, e por isso o caracteristico das construcções, quer se trate das ruraes quer das urbanas, é a «espaciosidade» fóra de todos os nossos habitos, e a «grandiosidade» de proporções a que não estamos acostumados, nós os que vivemos nas apertadas fronteiras das nações do occidente. Nos campos, os horizontes não teem fim, as propriedades extendem-se a perder de vista, a largura das estradas é enorme, a área das simples *izbás* ou cabanas dos camponezes parece-nos pela sua amplitude luxo desnecessario e sem razão.

Nas cidades, as habitações de ordinario baixas occupam um espaço enorme, as ruas medem-se por kilometros, e praças ha tão vastas como o *Marsóvoie póle* (o Campo de Marte) de S. Petersburgo, dentro do qual

[1] A *verste* = 500 *sajenes* = a 1 067 metros.

podem caber á vontade duas ou trez Praças do Commercio!

Outra particularidade da maioria das estações de caminho de ferro russas é o material de que são construidas. Debalde n'ellas se procurará a pedra das estações peninsulares e da França ou o tijolo e o ferro da Allemanha e da Austria. A materia prima de todas estas edificações é a madeira simplesmente apparelhada em bruto, ou trabalhada artisticamente em caprichosos rendilhados.

Berlim — Unter den Linden

Com effeito, a madeira—o producto da floresta—constitue o principal recurso da engenharia na Russia, e é ao mesmo tempo o elemento fundamental, que imprime caracter á architectura moscovita sobretudo nos campos, e até certo ponto nas cidades.

Do mesmo modo que no antigo Egypto e na Assyria, o material n'este paiz serve, póde dizer-se, de commentario explicativo á obra do constructor.

São de madeira as *gares* das linhas ferreas, as vedações dos caminhos, as pontes que passam sobre os rios, as cabanas dos camponezes, as habitações das *imiénie* ou propriedades ruraes, muitas construcções officiaes nas cidades de provincia, como Tver, e até são de madeira tambem, envernisada ou pintada de varias côres, essas encantadoras *dátchas*,[1] que aos centos se encontram pelas avenidas das *ilhas* de S. Petersburgo, constituindo o bairro mais pittoresco da capital.

Depois, ainda a madeira tem outras applicações não menos importantes nem menos numerosas. D'ella se fazem variados artefactos de uso domestico e diversos instrumentos para a agricultura. Com ella se alimentam as machinas de vapor da grande industria, e dos barcos que constituem a importante esquadra da navegação fluvial, assim como as locomotivas de todas as linhas ferreas do norte e centro do imperio.

Serve ainda a madeira, sob a fórma de combustivel, para aquecer durante os seis longos mezes de inverno a população inteira do paiz, que sem tal auxilio não resistiria decerto ás geladas temperaturas que tão implacavelmente a açoutam. E por ultimo ainda, tem prestimo, como a casca da *berióza*,[2] para com ella se fabricar o calçado dos *mujiks* e differentes artigos de vestuario.

Que admira, pois, que em presença de tão collossal procura as florestas, apesar da sua enormidade e da sua riqueza assombrosa, to-

[1] *Casa de campo* —[2] Especie de faia.

dos os dias vão recuando perante o machado da civilização, e principiem a apparecer cortadas aqui e além cada vez mais por numerosas clareiras? O peor são as consequencias, que para a meteorologia e consequentemente para a hydrographia do paiz semelhante desbaste possa ter.

Existe, não ha duvida na Russia uma lei protectora das florestas, a qual estabelece e regulamenta as condições em que o córte póde realizar-se. Mas n'um territorio tão vasto e de população especifica tão escassa, qual é a sancção que uma lei d'estas póde ter? De facto, nenhuma.

U sebiá iá tsarióm! [3] dizia-me, a proposito das penalidades impostas pela legislação florestal, um proprietario do governo de Tver, cujo nome eu callarei para o não denunciar á policia administrativa russa.

Em minha casa, sou eu rei! Que venham pois prohibir-me de desbastar as florestas, que eu quizer... E esta affirmação de independencia, não deve ser tomada á conta de simples assomo de vaidade infatuada, n'um paiz tão vasto como o resto da Europa inteira e onde por consequencia de *facto*, senão de *direito*, a acção do poder central é quasi nulla por falta de fiscalização effectiva.

Mas é tempo de subir para o wagon, por que já deu o signal regulamentar e o nosso comboio, um pouco atrazado, vae partir directamente para Vilna, primeira estação onde deve parar agora. Entretanto acabou de amanhecer e podem por conseguinte notar-se bem todos os accidentes do caminho.

Depois de atravessar um grande tunnel — obra d'arte, seja dito de passagem, bastante rara na Russia europeia — a linha ferrea segue por algum tempo o curso do Niemen, entrando em seguida na região do governo de Kóvno, onde as florestas são mais densas. Tambem aqui, do mesmo modo que n'outros sitios da Polonia por onde mais tarde tive occasião de passar, as arvores foram desbastadas até uma certa distancia dos dois lados da linha. A causa, porém, d'este desbaste, é differente da que em determinados districtos da Russia occidental e central vae successivamente fazendo recuar o arvoredo. Na Polonia foram não razões economicas—a procura sempre crescente de madeiras—mas motivos politicos os que promoveram o córte n'estas condições. Durante a insurreição polaca de 1863, o governo russo viu-se obrigado a abater as florestas dos dois lados das linhas ferreas, para impedir que os revolucionarios, emboscados por detrás das arvores, fizessem fogo sobre os comboios. E desde então assim ficáram essas clareiras, cuja origem um meu companheiro de viagem, polaco segundo todas as apparencias, me explicou não sem uns certos laivos de amargura.

A paisagem através da qual o nosso comboio ia rapidamente correndo tinha o aspecto pittoresco de uma planicie suavemente ondulada, a perder-se de vista até a linha extrema do horizonte. As collinas coroadas de bosques mal se elevavam acima dos valles, que por seu turno não passavam de simples depressões do terreno, por onde ás vezes serpenteava um ribeiro ou onde se viam empoçadas em grandes charcos as aguas da chuva, que caira em grossas bategas durante toda a noite.

As florestas, ora se approximavam da linha ferrea sem ultrapassar, entende-se, o limite que o governo em 1863 lhes traçou, ora se affastavam até para além das collinas mais proximas, dando-lhes por fundo o verde carregado da sua espessa folhagem. Aqui e além transformava-se um charco em pequeno lago; appareciam grupos de *izbás* rodeados de campos de cultura; descobria-se por entre a ramaria a *rubáska* escarlate de um *mujik* cortando a machado troncos de *berióza* ou pastoreando indolentemente rebanhos de gansos. Depois era uma *gare* de madeira envernizada, rodeada do seu ripado, com o seu jardim cultivado cuidadosamente pela qual o comboio passava silvando sem se deter. Depois novamente a planicie, a floresta, as *izbás*, os *mujiks* com as suas *rubáskas* vermelhas; de quando em quando um lagosinho, um riacho, tudo isto constantemente a repetir-se durante muitas horas, mas sempre com novas vistas, com perspectivas differentes, — quadro a todo o momento diverso, apesar de constituido sempre com os mesmos elementos.

A mais raros intervallos apparecia lá ao longe a cupula de uma egreja. Era o *seló* a aldeia, distincta do simples logar ou *derévnia*, pela maior população e importancia.

Ou então era a alegre habitação de uma *imiénie*, pintada de branco e amarello, de tectos verdes, difficeis de distinguir da folhagem que sobre elles em deliciosas curvas se balouçava.

Assim fômos caminhando até Vilna. A noite chuvosa e fria cedera o logar á manhã, docemente illuminada pelo sol. As ultimas brizas do Baltico, impregnadas do acre sabor do mar de mistura com o perfume resinoso das florestas, vinham beijar o nosso wagon; e o panorama da planicie russa sempre a desenrolar-se em novos aspectos não cessava de nos ter debaixo da fascinação do seu irresistivel encanto.

---

[3] *Em minha caza sou eu rei.*

Não comprehendo como ha quem ache monotono viajar na Russia e mal empregado o tempo, que n'uma excursão pelo paiz se dispenda. Eu ouvira fallar muitas vezes das interminaveis distancias entre as povoações russas, e do escasso interesse das regiões percorridas pelo caminho de ferro. Dizia-se e vira-o escripto em mais de uma occasião, que nem a terra nem os homens mereciam o sacrificio de tão enfadonha viagem, pois a Russia inteira com excepção de duas ou tres cidades não passava de uma immensa superficie plana, sem accidentes de especie alguma, que lhe interrompessem a desesperadora uniformidade, sempre igual a si mesma como illimitada estepa, e onde a custo se poderiam encontrar, perdidas na vastidão d'aquelle enorme deserto, umas pobres aldeias de *mujiks*, ultimos restos da barbarie de raças que nunca lograram sentar-se ao banquete da civilização.

O viajante inglez Mackenzie Wallace, apesar da sympathia relativa que mostra pelas cousas russas, ainda não ha muito pronunciava identico juizo sobre o paiz, e muito embora tivesse achado sempre interessante nas suas viagens pelo imperio — esteve seis annos na Russia — o estudo da população, pareceu-lhe o scenario extremamente pobre ou pelo menos mediocremente variado.

Quanto a mim entendo que não ha impressão mais falsa, e a não ser por opinião antecipada mal posso admittir semelhante perversão das faculdades observadoras nos viajantes que assim fallam.

A planicie russa é extensa, não ha duvida, mas não é monotona. [1] Pelo contrario. Em cousa alguma se parece com as *planuras* aridas e resequidas da Castella e da Mancha, ou com as incaracteristicas terras chatas, e essas verdadeiramente enfadonhas, da Westphalia ou do Brandeburgo. E depois a planicie russa é absolutamente original. Debalde se procurará outra que se lhe assemelhe em todo o resto da Europa. Quem a vê nunca mais a esquece. Ha alguma cousa n'ella que em nós produz uma sensação sem igual, unica. É o céo? É a suave ondulação do terreno? É o caracter particular da vegetação? É o aspecto geral da paisagem? É a apparencia das populações? É tudo isto provavelmente. Mas tudo isto deixa, como conjuncto, no espirito de quem uma vez a atravessou impressão inolvidavel.

[1] Fallamos, intende-se, d'esta parte da Russia. N'um paiz de tão vastas dimensões é impossivel generalizar. Por isso n'este logar e em todos os demais em que emittimos uma opinião qualquer a respeito da Russia, deve ficar assente que só queremos referir-nos á Russia, que visitámos. Esta indispensavel declaração fica em vigor para toda a narração da viagem.

Pelo menos foi o que a mim me aconteceu. Ainda hoje conservo viva na memoria, como se d'ella não estivesse já separado ha alguns annos de tempo e a alguns milhares de kilometros de espaço, essa scena que durante poucos dias apenas tive diante dos olhos, mas que como persistente evocação me apparece a todo o momento, recortada nos seus mais pequenos promenores, e animada com os seus mais imperceptiveis movimentos.

Depois de Kóvno é Vilna a primeira estação onde o expresso de S. Petersburgo pára alguns minutos, os sufficientes para se travar conhecimento com os *buffets* russos que, diga-se na verdade, são bastante superiores nas *gares* principaes aos seus similares da Europa occidental, não só em qualidade — os russos são delicados apreciadores de bons manjares — mas ainda em quantidade, em barateza relativa, e até no bom gosto geral das installações. Mas d'este assumpto e da cozinha russa especialmente, segundo tive occasião de verificar de *visu*, — factor de não pequena importancia na vida nacional do grande imperio—fallaremos a seu tempo com a devida individuação, não obstante as nossas fracas aptidões gastronomicas e a pouca propensão que Deus nos deu para gosar dos prazeres, que a arte culinaria proporciona aos seus mais dilectos cultores.

Vilna actualmente capital do governo do mesmo nome e em tempo capital da Lithuania, é uma importante cidade de mais de 100.000 habitantes, incluindo os bairros de Antakole e Ruduichka. Está edificada na confluencia da Viliia e da Vileika, e não só tem a importancia de consideravel centro industrial e commercial, póde mesmo dizer-se scientifico, apesar da relativa decadencia dos seus estabelecimentos de instrucção, mas é ainda como estação de caminho de ferro, ponto estrategico de primeira ordem — na Russia todos os caminhos de ferro são estrategicos — pois n'ella se reunem, para depois se separarem cada uma em sua direcção, as linhas de Varsovia, S. Petersburgo, Libau, Romny e Kóvno.

A quasi totalidade da população de Vilna compõe-se de polacos e israelitas, e a antiga nobreza do paiz—a slachta—conserva n'ella mesmo hoje numerosa representação.

Por isso a cidade não tem physionomia russa. Com as suas ruas estreitas, e nem sempre de escrupulosa limpeza; com as suas casas velhas, a que servem de contraste meia duzia de sumptuosos palacios, antigos solares de algumas grandes familias da Polonia; com as suas trinta e cinco egrejas catholicas, as suas synagogas, os seus conventos e os seus mosteiros; Vilna, apesar do pretencioso sobrenome de

«pequeno Paris», que por vezes lhe dão os que naturalmente nunca viram o «grande», pouco ou nada tem que attraia o viajante e o compense da fadiga de uma installação. Os restos da curiosa antiguidade, de que Vilna podia ufanar-se, mal se podem distinguir já através das differentes camadas ethnicas que os sepultaram. Assim, apenas por allusão se falla ainda hoje do velho templo pagão consagrado a Perkunas, o deus lettico da luz e d'esse antigo fogo sagrado, sempre acceso na collina sobre a qual Guedimeri, grão-duque da Lithuania, levantou uma fortaleza. Tambem não passa de montão de ruinas o que nos resta do celebre *castello dos Jaguellões*, construido pelo mesmo grão-duque nos principios do seculo XIV.

De Vilna a Dinaburg, — a seguinte estação de paragem, — o caminho não apresenta variante sensivel. Continúa a região atravessada pelo comboio na mesma ondulação suave, não só até esta cidade mas ainda d'ahi até Pskov. A planicie conserva sempre o aspecto geral que já notámos, embora renovando-se a todo o momento pelos accidentes do terreno, que vão imprimindo á paisagem esse caracter especial, que lhe dá uma feição áparte.

As povoações não são por ora russas. A população até este momento é polaca, israelista, allemã e lithuana.

Sómente ao chegar ao governo de Pskov entramos na Grande-Russia, propriamente dita. As florestas tornam-se mais densas, e as aldeias mais raras.

A tres kilometros pouco mais ou menos da *gare* de Pskov apparece em meio da planicie a antiga cidade do mesmo nome e ao longe em direcção opposta distinguem-se os ultimos pantanos, que formam as avançadas do lago Peipus pelo sueste.

E' proximo a este lago, que existe a legendaria *collina d'Alatskivi*, originada, conforme conta o mytho esthonico, pela areia que caiu de uma das dobras do fato do gigante Kalevi, quando elle acarretava das margens do lago o material para construir um leito, onde descansasse. *Alatskivi* e quatro collinas mais nas vizinhanças constituem os *Kalevi Poja Sängid* ou os *leitos do Filho de Kalevi*, que ainda hoje andam na tradição popular d'esta região, onde melhor do que em outra qualquer parte se conservam com persistente tenacidade as velhas lendas da Esthonia.

O tempo, que até esse momento se conservára regular, tornando-se mesmo por vezes agradavel, sobretudo quando o sol podia brilhar através da teimosa massa de nuvens que persistia em encobril-o, passou repentinamente a chuvoso, despejando sobre o tapete verde do arvoredo grossas bategas de agua.

Barín, jal! dojd idiot prolivnói, [1] dizia-me, compadecido do meu desapontamento, o conductor do nosso wagon. Isto queria dizer pouco mais ou menos: *tenha paciencia, não póde vêr nada por causa da chuva!*

E, com effeito, assim me ia parecendo já, porque a tal tempestade oceanica que nos perseguia desde a nossa partida de Portugal, tinha ares de querer reeditar-se mais correcta e augmentada, á medida que nos iamos approximando do golpho da Finlandia.

Assim se foram passando as estações de Torochino, Novoselic, Bielaia, Plussa, Serebranka, Luga, Preobrajensk, Divensk e por fim Gatchina, logar celebre pelo opulento palacio imperial, residencia favorita do fallecido tsar Alexandre III.

Entramos finalmente no governo de S. Petersburgo. A linha descreve uma grande curva e ao longe, á direita na linha do horizonte, vê-se uma extensa cadeia de montes, que pouco a pouco vão baixando em declive dôce até a planicie que vae morrer junto ao golpho. E' no cimo de um d'estes montes, que se levanta o afamado observatorio de Pulkova.

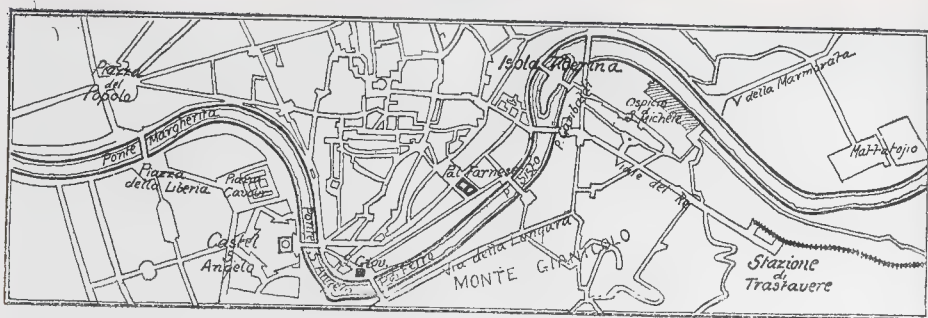
Começa então a paisagem a animar-se com os traços caracteristicos, que denunciam sempre a approximação dos grandes centros.

Os caminhos tornam-se mais numerosos e melhor cuidados. As aldeias, as simples cabanas dos camponezes, mostram-se mais risonhas. Apparece a primeira *dátcha*. E' a habitação de verão do habitante da cidade. Vislumbram-se a distancia as chaminés da primeira fabrica. E' a sentinella avançada da industria da capital. Alguns minutos ainda, e distingue-se sobre a massa por ora confusa e indecisa da casaria, meia escondida pelo relevo do terreno, a primeira cupula dourada. E' a torre do Almirantado.

Estavamos em S. Petersburgo.

D'ahi a poucos minutos apeiava-me na espaçosa *gare* de Varsovia. Eram sete horas da tarde e a chuva cessára felizmente.

(Continúa.)

[1] Litteralmente: *é pena, senhor! a chuva cae a cantaros.*

Mappa de Roma, do Tibre e das pontés

UM SONHO D'OURO

EXPLORAÇÃO DO LEITO DO RIO TIBRE

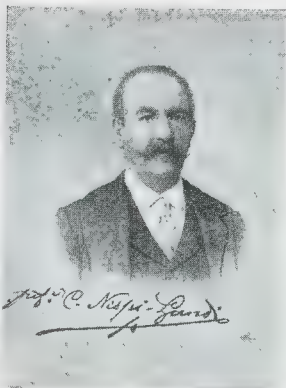
N'um dos ultimos numeros d'esta revista demos noticia das invenções de Guisseppe Pino, applicadas á exploração do fundo das aguas, levantando os navios perdidos ou as cargas preciosas afundadas. No artigo seguinte noticiamos os planos de exploração proveitosa no rio de Roma, de que a historia faz o mais vasto deposito de riquezas submersas. Exemplos curiosos da sedenta ambição que move os homens, aguça a intelligencia, estimula o engenho e illumina a phantasia creadora e febril.

Um sabio e erudito professor italiano Ciro Nispi-Landi concebeu o projecto de explorar o leito do Tibre, cujas aguas prateadas, alvas,—*Albula* se chamava primeiro o rio—atravessam as mais celebres regiões da Europa, e serpêam por entre Roma, arrancando os vastos e inestimaveis thesouros que permanecem enterrados ali, sob o pesado lodo dos tempos.

No fundo do Tibre espera elle encontrar riquezas que envergonhem os milhões de Monte Christo ou junto das quaes pareçam miseros os recursos das minas do rei Salomão; — riquezas em forma de dinheiro e de joias, mas acima de tudo em fórma de obras d'arte que durante seculos foram deitadas ao Tibre como offertas votivas ao deus, ao genio tutelar, o qual, como os romanos acreditavam, habitava na historica corrente.

Prof. Ciro Nispi-Landi

Conta descobrir as centenas de estatuas em ouro, prata e bronze— as obras dos mestres antigos que desappareceram, submersos nas aguas do Tibre no decorrer das lutas religiosas, as quaes tão funda e continuamente abalaram a cidade Eterna.

Vae em busca d'armas e d'armaduras de centenas de soldados que encontraram sepultura no antigo rio, nas muitas batalhas que ensanguentaram as suas margens e as suas famosas pontes.

Mas, mais espantoso do que todo o outro thesouro, espera trazer á luz o sagrado candelabro, que, como conta a Biblia, Deus, no Monte Sinai, ordenou a Moysés que preparasse para o tabernaculo. «Farás tambem um candelabro de ouro finissimo, batido ao martello, com seu tronco, suas hastes e seus ornatos em fórma de copos, pomos e açucenas que sahirão d'elle.» *Exodo.* Cap. XXV. Vers. 31. Durante longos annos, este famoso candelabro israelita esteve exposto em Roma, e a historia diz que foi mais tarde submergido no Tibre.

O professor Nispi-Landi, auctor do sensacional projecto, não é um simples sonhador. Homem de profundo estudo, exerce agora o cargo, bem responsavel, de inspector dos

monumentos nacionaes do governo italiano e é auctor de diversas memorias fundamente pensadas sobre a Roma antiga. Foram mesmo as investigações historicas do professor que o inspiraram n'esta grande idéa; foram ellas que encaminharam a sua attenção para o costume dos romanos, tanto ricos como pobres, de arremessarem á mansa corrente do rio os seus mais caros e preciosos objectos, e tambem para a vasta extensão de tempo em que o Tibre foi o centro de acontecimentos memoraveis, de lutas espantosas, de glorias e triumphos sem rival que tanto influiram no mundo inteiro. Este admiravel periodo da proeminencia de Roma não durou menos de trinta e quatro seculos.

O convencimento historico, que o professor Nispi-Landi tem, de como poderá ser abundante e rica a colheita obtida por uma escavação methodica do leito do Tibre fortificou-se-lhe pelo que elle viu, emquanto esteve encarregado, annos atrás, da construcção de um dique no Tibre. Notou que de todas as vezes e em qualquer lugar que o Tibre fosse sondado, no decurso da construcção de qualquer ponte, caes ou dique, vinham sempre á luz cousas antigas e de valor. Geralmente eram tão valiosas que pagavam o custo inteiro dos trabalhos.

Por exemplo, uma sociedade italiana de construcções de pontes, ao assentar os dois pilares da ponte Palatina, descobriu antiguidades no valor de muitos milhões de liras. Ao assentar-se o pilar de fundação da ponte Garibaldi vieram á luz algumas lindas estatuas antigas de bronze, uma de Bacchus e outra de Venus; e no alargamento da ponte Cestina foram trazidas da profundidade onde estiveram durante seculos submersas, joias antigas — uma das quaes era um admiravel collar de ouro e turquezas e ainda outras valiosas reliquias.

No decurso dos trabalhos do dique descobriram-se muitas obras antigas d'arte — pinturas, bronzes, metaes da Corinthia, e estatuas de marmore, moedas, joias e armas, collecção que por si só guarnece um dos mais ricos museus de Roma — o das *Thermas de Diocleciano.*

Naturalmente o professor, receioso de divulgar com exactidão o modo como elle tencionava levar a cabo a sua exploração, apenas consentiu em dar uma idéa geral dos seus planos. Dividiu o Tibre em onze «zonas» ou districtos, cobrindo um d'estes a maior parte do Tibre que atravessa Roma, e os outros no curso do rio, fóra da cidade Eterna, cavando vallas ás margens e tomando todas as precauções, como utilizando todos os apparelhos hydraulicos e pneumaticos, adoptados em geral para estas especiaes explorações de rio. A empresa é commanditada, segundo se diz, por um grande financeiro anglo-italiano, o sr. William Miller.

Um dos pontos em que se funda a theoria do professor Nispi-Landi é a demonstração do facto de que todas as explorações anteriores do Tibre teem sido ricamente remuneradoras. Retrocede ao seculo XIII, citando um dos historiadores do tempo, Falminio Vacca, o qual descreve como, tendo-se afundado um pequeno barco perto da ponte Sublicia, o qual foi visitado por mergulhadores, foram descobertas e trazidas á superficie settas, espadas, armaduras, armas de todas as qualidades e outros muitos objectos, reconhecidos como puros etruscos. «Mettei a mão dentro do Tibre, fechae-a e tirae-a depois — diz o velho Vacca — e tereis achado qualquer objecto da antiguidade.»

Mas afinal, basta só rever uma historia romana para se ficar absolutamente convencido de que devem existir no Tibre immensas riquezas. Que muitas teem sido tiradas, tambem é certo; mas Nispi-Landi diz que de todas as suas investigações lhe foi impossivel formular um registo de grandes quantidades que se tenham tirado em comparação com as que lá devem existir. Os sacrificios ao *Pater Tiberinus*, ao deus, ao genio do rio, veem registados nos principios da historia romana. Virgilio, notando o costume de atirar ao rio cousas valiosas, relata como Eneas promettia ao *Pater Tiberinus* que se elle o protegesse do perigo — seria sempre adorado com homenagens e presentes. — É um facto reconhecido e averiguado que desde os primeiros tempos o rio-deus era adorado e se lhe davam presentes.

Havia por certo os grandes sacrificios publicos, mas tambem os particulares ricos offereciam pessoalmente nos seus desgostos eguaes sacrificios, e sempre as cousas mais preciosas que possuiam. Mais atrás, no tempo dos arcadianos, os homens costumavam arremessar-se ao Tibre, mas breve foram substituidos estes sacrificios por imagens esculpidas, dinheiro e joias.

E não só os romanos sacrificaram ao genio Tibre; superstições semelhantes havia em todas as raças do sul, d'esta época, e qualquer desejo as levava á margem dos rios onde iam fazer votivas offertas para o obter. Os hunos, os godos e os vandalos, todos, arremessavam grande parte do producto das pilhagens de Roma para dentro do antigo rio. Estas offertas contribuiram principalmente, e durante longos periodos, para enriquecer com preciosidades o leito do Tibre. Uma outra causa accrescia ainda; era o costume dos

romanos preferirem arremessar ao Tibre os seus valores a deixal-os tomar pelos inimigos.

Por exemplo, depois da derrota de Maxentius Saxa por Constantino, dizem os annaes — «Não só numerosos mortos e feridos e armas e objectos de valor, mas tambem os thesouros de Maxencio e o cofre militar do seu exercito foram arremessados ao rio para evitar que cahissem nas mãos do inimigo victorioso.»

O professor italiano, para os seus projectos, não se contentou com a simples convicção de que existem thesouros no fundo do Tibre. Formulou para si uma lista das varias reliquias de que reza a historia e tentou collocar cada qual em cada uma das suas zonas de exploração, segundo as descripções antigas. Por exemplo, suppõe que o sagrado candelabro de Moysés, o objecto que mais empenho tem de encontrar, se achará na sua primeira zona ou na parte do Tibre junto do celebre castello Angelo, perto do Vaticano e de S. Pedro.

Ilha Tiberina, e suas pontes

O professor diz: — «É certo que os objectos religiosos foram respeitados pelos supersticiosos Alarico e Genserico; com effeito, em 509 e 529, estava o candelabro exposto ainda em Roma. Considero como certo que o emblema, ordenado miudamente no Monte Sinai, segundo a Biblia, que esteve no tabernaculo do rei David, que foi conduzido em volta das muralhas de Jericho e venerado por Cesar e Pompeu; que foi salvo por Tito da destruição de Jerusalem, e levado em triumpho para Roma, onde milhares de pessoas se reuniram em multidão para o ver, foi propositadamente deitado pelos judeus da prôa do navio *Esculapio* ou da ilha Tiberina ao Tibre. Os proprios judeus assim o teem sempre sustentado.» E accrescenta depois: — «Considere-se que desde então se teem passado mais de 1900 annos, e que o candelabro tinha então 1550 annos, prefazendo a totalidade de 3450 annos, pergunto qual seria a importancia da sua descoberta? Quem teria o mais incontestavel direito á sua posse? Quanto se pagaria ao descobridor?» — Não é facil responder a estas perguntas, porque tudo seria maravilhoso como o proprio candelabro, o qual, como se sabe, de valor sem preço e de inestimavel importancia, era de ouro puro, e media approximadamente 90 centimetros de altura. Vê-se grosseiramente esculpido no arco de Tito, com a mesa e as duas trombetas de ouro. A mesa — que era tambem coberta de ouro batido — arruinou-se, e d'ella se conserva apenas na cathedral de Tours um fragmento.

Só o candelabro e as trombetas de ouro puderam ser salvas quando os romanos, atemorisados, fugiram aos godos. Se o candelabro tivesse sido roubado, este facto devia ser conhecido dos judeus, que nunca o perderam de vista, que depois o deitaram ao Tibre e que sustentam ainda hoje que *está lá*. E ali espera o professor italiano encontral-o, se o *Pater Tiberinus* propicio e generoso, o quizer auxiliar.

Deve haver tambem no Tibre, que corre através de Roma, armas, moedas, armamentos, joias — taes como brincos, collares e anneis — a mais rara e valiosa collecção de objectos romanos e etruscos d'aquelles tempos.

Entre outras, Nispi-Landi espera encontrar tambem a celebre estatua de Minerva, de Phydias, assim como as estatuas de Hercules, de Marte e de Venus com a famosa perola de Cleopatra. Suppõe que trará á luz a solida estatua de ouro de Claudio, o Segundo, que outr'ora estivera no Capitolio e que foi arremessada ao Tibre para a salvar dos godos.

Acode naturalmente ao espirito a pergunta: — Se o Tibre é tão rico de thesouros, porque não tentou alguem descobril-os ainda? Pois bem, durante seculos, homens de engenhoso discorrer e de fertil imaginação teem reflectido sobre o caso; nem o inspector dos monumentos nacionaes pretende

ter originalidade na idéa de explorar o leito do Tibre; só pretende ser o primeiro homem que até hoje tivesse resolvido emprehender esse trabalho com recursos mechanicos especiaes.

Na longa lista dos que, sómente nos tempos modernos, intentaram a acquisição das riquezas do Tibre, figura em primeiro lugar o nome do erudito cardeal De Polignac, que planeou desviar o Tibre do seu curso no espaço de duas milhas, approximadamente, para depois escavar o proprio leito em busca das antiguidades. O papa Benedicto XIV sorriu-se do projecto do cardeal, mas não o contrariou. Emquanto se reuniam os capitaes necessarios para a empresa, morreu o papa, e o seu successor recusou-se a auxiliar Polignac com o fundamento de que o desvio da corrente do rio podia prejudicar o clima de Roma.

Em 1773, Alfonso Bruzzi emprehendeu a exploração do Tibre por meio de uma machina de sua invenção. O plano não correspondeu á espectativa porque a agua subia, trasbordava constantemente e interrompia o trabalho. Todavia, no pouco tempo que trabalhou, ainda encontrou bastante para pagar as despezas e sobrar algum provento. O projecto de José Naro, em 1815, não teve exito. Este egualmente julgava que o Tibre continha incalculaveis thesouros, porém diligenciou obtel-os com uma especie de raspadeira de lodo. Foram, comtudo, içados apenas alguns fragmentos de estatuas, blocos de marmore e columnas de monumentos funebres.

Outro homem celebre que se lembrou de explorar o Tibre foi o ultimo principe Alexandre Torlonia. Este, em demasia ambicioso, queria guardar para si tão grande quinhão do que encontrasse que o governo italiano recusou dar-lhe licença para encetar trabalhos. Todavia, o principe estava tão seguro do bom exito que offereceu depositar, como garantia, a somma de um milhão e meio de liras.

Seria interminavel a enumeração dos sonhos d'ouro que a historia do velho *Pater Tiberinus* tem feito levantar, subtis e estonteadores, na imaginação dos que os teem lido e traduzido em valor de ambição, no pasmo das riquezas incalculaveis submersas no lodo, se a força da corrente não carreou já grande parte para o vasto mar azul.

A vida dos metaes

CURIOSAS EXPERIENCIAS DO PROFESSOR INDIANO CHUNDER BOSE

Desde os tempos mais remotos os homens de sciencia debalde teem posto sem resposta, a terrivel interrogação: — o que é a vida? Qual a differença fundamental entre o ser vivente e o que não vive? Por que experiencia decisiva se pode determinar que certo objecto é animado e um outro inanimado?

Pode mesmo dizer-se que a solução exacta d'estas perguntas é o fim supremo da sciencia humana. Podem fazer-se no dominio da sciencia descobertas sobre descobertas que sejam com effeito interessantes e fascinadoras; porém o maior problema que o espirito humano procura resolver, é o mysterio da vida — este milagre evidente que parece dotar um grupo particular de objectos, a que chamamos *viventes*, com faculdades que todos os outros não possuem.

Tem sido vagamente affirmada a existencia d'uma qualquer força *vital*, cuja exacta natureza não se tem intentado definir; e á presença d'esta mysteriosa força n'um objecto, tem sido attribuida a causa do viver; e á ausencia d'ella o não viver; sem que tenha sido possivel determinar a manifestação externa definitiva que desse a conhecer onde aquella força vital residia, ou de que objectos estava ausente. Em tempo apresentou-se para differencial o poder de locomoção espontanea; porém descobriu-se mais tarde que animaes existiam sem se deslocarem, e assim ficou destruido o valor d'esta particular distincção. Com effeito nenhuma lei absoluta e infallivel se tem conseguido até agora descobrir para classificar um grupo de objectos como *viventes* ou outro como *não viventes*. Consoante a hypothese da mysteriosa força vital, os sabios teem classificado animaes e plantas como objectos viventes e os mineraes como não viventes.

N'um livro recentemente publicado um distincto homem de sciencia, hindu, Jagadis Chunder Bose, professor na Universidade de

Calcutta, sustenta que a verdadeira differencial de vida n'um objecto é a sua capacidade em corresponder a estimulo externo: por outras palavras, a sua excitabilidade, a sua sensibilidade. E conforme esta proposição, elle prova concludentemente que não ha differença essencial entre animaes e metaes; que uma *barra de ferro é tão irritavel e sensivel como o corpo humano!* Mais do que isto; prova que a barra de metal póde morrer, quer dizer, ser privada para sempre da sua sensibilidade, tão exactamente como o corpo humano. E d'aqui conclue que erradamente temos até agora chamado objectos *não viventes* aos que estão *mortos*, isto é, que foram sensiveis e deixaram de o ser para sempre.

O MECANISMO DA SENSIBILIDADE. — O GALVANOMETRO.

Antes de mencionar os methodos exactos de investigação pelos quaes o professor Bose chegou a esta estranha concepção e resultado experimental, convem definir a natureza da sensibilidade no corpo humano.

Se alguem bellisca fortemente um dedo, sente n'elle uma dôr. Como é que se passa este phenomeno? D'esta fórma: um determinado nervo, seguido ou ramificado, liga essa parte do dedo ao cerebro, percorrendo o braço, o hombro, o pescoço, a cabeça. No mesmo instante em que o dedo é belliscado, aquelle nervo começa de vibrar n'uma dada orientação, e transmitte uma communicação similhante a uma corrente electrica do dedo ao cerebro; é este que verdadeiramente sente a dôr, mas pela experiencia refere a *origem* d'ella ao *dedo*. A contra prova do facto está em que, se o cerebro fôr previamente insensibilizado, por exemplo, pelo chloroformio, nenhuma dôr é sentida.

Ainda mais, o leitor terá sem duvida ouvido contar o caso do soldado que, ferido na mão por uma bala e depois de muito soffrimento obrigado a amputar o braço pelo cotovêlo, passados muitos annos se queixava de que a sua mão ferida lhe doia — a mão que já lá não estava! — Isto era devido ao facto de que, emquanto a mão ferida não fôra amputada, o cerebro do infeliz soldado se accostumára a receber as mensagens de dôr, transmittidas pelos nervos que o ligavam á mão; e, como depois de amputado o braço aquelles mesmos nervos corriam ainda do cotovêlo para o cerebro, qualquer choque ou irritação fazia-os vibrar na antiga orientação, o cerebro recebia a mensagem já conhecida, e immediatamente referia, por força de habito, a dôr ao antigo lugar da origem — a mão que fôra cortada.

Por um engenhoso expediente póde dar-se a demonstração visivel e ocular do facto que o nervo *tem* o poder de transmittir a mensagem de sensibilidade. Se em qualquer parte intermediaria do trajecto nervoso ligar um galvanometro [1] e se a extremidade do nervo fôr belliscada ou por outra qualquer fórma irritada, immediatamente haverá desvio na agulha do galvanometro, mostrando que a excitação do nervo causa uma corrente, similhante, pelo menos no effeito do desvio da agulha, á determinada por meio da electricidade. E' sobre este facto que o professor Bose baseia as suas investigações.

A sensação actual de dôr, sentida pelo paciente submettido á experiencia, quando um nervo fôr irritado, não póde por certo ser conhecida por outros seres; só elle *sente* a sua dôr; e se por acto reflexo de estoico soffrimento, disfarçar toda a manifestação externa de dôr, não ha meio de saber se elle *realmente* a sente. Porém a declinação da agulha no galvanometro, que corresponde á sensação de dôr no paciente, póde por certo ser observada externamente.

Postas estas noções preliminares, indispensaveis para os menos familiarizados com a sciencia, podemos passar á narrativa summaria das curiosas descobertas do professor Bose.

OS METAES SÃO SENSIVEIS

Partindo d'este conhecido facto, que um galvanometro póde revelar a sensibilidade da materia animal para a irritação externa, o professor faz uma serie de experiencias em barras de differentes metaes, para observar se estes tambem corresponderiam a egual excitação, e se este phenomeno poderia tornar-se visivelmente manifesto, por egual maneira, por meio do galvanometro. Os resultados obtidos são com effeito assombrosos.

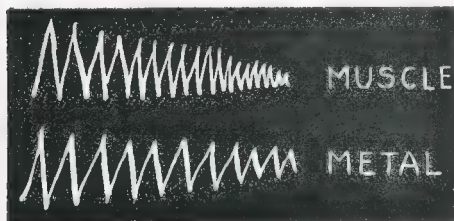
Ainda, antes de continuar, uma explicação sobre a illustração graphica que acompanha este artigo: — a ponta da agulha do galvanometro é photographada sobre papel, emquanto que este desliza, desenrolando-se n'um movimento gradual, por defronte d'ella; de sorte que, se a agulha oscillar por uma corrente electrica, a ponta traçará uma serie de ziguezagues no papel — correspondendo a *largura* d'estes á *amplitude* de desvio da agulha, e por conseguinte á *força* da corrente electrica; mas, se não houver nenhuma corrente e consequentemente nenhuma declinação na agu-

[1] O galvanometro é um instrumento muito delicado, destinado a averiguar a presença de correntes electricas. O instrumento contem uma agulha ou systema d'agulhas n'um eixo, e a mais fraca corrente electrica causa um desvio d'ellas, o qual lhe mede a intensidade ou revela a sua existencia.

lha, a ponta d'ella ficará estacionaria e traçará uma simples linha recta sobre o papel em movimento.

O primeiro resultado que o professor Bose obteve das suas experiencias foi que todos os metaes mostram signaes de sensibilidade sob uma irritação externa, como a contorsão, a furação, exactamente como os musculos e nervos animaes, e quanto maior fôr a irritação, tanto mais visiveis são os signaes de sensibilidade. Ainda mais: *qualquer minima particularidade* na irritabilidade da materia animal, é *exactamente reproduzida no caso d'um metal.*

A FADIGA NA MATERIA ANIMAL E NOS METAES

Verificou-se que a sensibilidade da materia animal, por exemplo, um musculo ou nervo, excitada repetidas vezes, embota-se e gasta-se depois de certo tempo; e o desvio da agulha galvanometrica torna-se cada vez mais fraco, á medida que o musculo ou o nervo começa a dar signaes de *fadiga*. No corpo humano, por facil experiencia, este cançaço é

Este diagramma mostra em evidente parallelo o decrescimento progressivo da sensibilidade no musculo e no metal, tradusido pelo galvanometro-registador, em virtude do cançaço que produzem as repetidas excitações.

reconhecido a cada passo quando usamos, sem repouso conveniente, d'um musculo ou d'um nervo.

O professor Bose reconheceu que os metaes accusam exactamente os mesmos signaes de cançaço sob irritações repetidas. Além d'isso, descobriu-se que, depois de um curto descanço, os signaes de fadiga desapparecem no musculo, como no metal, e recuperam ambos plenamente a sua sensibilidade anterior.

O constante uso ou irritação produz provavelmente um desarranjo molecular no metal, tendendo a acção vibratoria, estabelecida pelo uso repetido, a mudar as moleculas da sua relativa posição normal. Mas, se fôr permittido sufficiente descanço ao metal, as moleculas retomam a sua primitiva posição.

O SOMNO DOS METAES; O SEU ESTADO DE PREGUIÇA OU DE TORPOR

Ha um estado particular que é directamente opposto ao cançaço. Um musculo, que não é usado durante muito tempo, dá signaes de preguiça. Parece estar immerso n'uma espe-

Diagramma que mostra a volta d'um musculo e d'um metal (a platina) á sensibilidade normal, depois d'um prolongado descanço.

cie de torpor, e, quando excitado, a sua sensibilidade ao principio é muito hesitante. Depois, gradualmente, parece ir despertando e torna á plena actividade. O professor Bose prova experimentalmente que os metaes se conduzem pela mesma forma.

A ACÇÃO DO FRIO E DO CALOR SOBRE OS METAES E SOBRE A MATERIA ANIMAL

O effeito d'um frio intenso sobre os animaes é diminuir-lhes a sensibilidade, e mesmo reduzil-os a um estado de torpor. São em grande numero os animaes das regiões arcticas que durante o inverno cahem n'um estado lethargico; e sabe-se de ursos que mesmo em zonas temperadas entorpecem com o inverno, e só com a volta da primavera acordam d'aquelle estado, recuperando em pleno estio o seu completo vigor. E' bem conhecido o doloroso e sinistro effeito que o frio intenso da Russia produziu nas desgraçadas tropas de Napoleão na celebre retirada, e o somno invencivel que dominava o instincto da conservação, levando á morte ingloria nos gêlos os valentes que não recuaram perante o fogo dos canhões.

Por outro lado, o extremo calor dos tropicos, nos dias caniculares suffocantes, reduz o homem e o animal a um estado de somnolencia bem caracteristica. Experiencias recentes verificaram estes factos em materia animal. Sob uma temperatura moderada

manifesta-se o maximo de sensibilidade, e menos com o augmento do calor ou do frio, de sorte que, em qualquer dos extremos, são identicos os effeitos.

Os resultados, que o professor Bose obteve em experiencias similares com varios metaes, são notavelmente parallelos. A's temperaturas correspondentes ao termo medio do calor do verão da zona temperada diversos metaes accusam o maximo de sensibilidade, justamente como no caso de animaes, emquanto que tanto no gêlo, como no calor de um banho turco, a sua sensibilidade enfraquece consideravelmente.

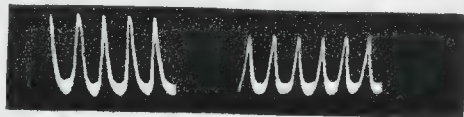
EFFEITOS CURIOSOS DE ESTIMULANTES E DE NARCOTICOS SOBRE OS METAES

Uma das mais admiraveis descobertas feitas pelo professor Bose é a espantosa paridade de acção dos estimulantes e dos narcoticos no corpo humano e nos metaes. O effeito de um estimulante, por exemplo, o alcool,

Maravilhoso effeito d'um estimulante sobre a platina. — A sensibilidade d'esta augmenta ao triplo.

no corpo humano é sobejamente conhecido para carecer de particular esclarecimento; sob a sua influencia augmenta a irritabilidade, e sabe-se por experiencias concludentes que mesmo um troço isolado de musculo ou de nervo se torna mais irritavel sob a acção de estimulantes apropriados.

O professor Bose prova que nos metaes ha um crescimento similar na irritabilidade. E, assim como animaes differentes são affectados diversamente pela mesma dóse de um estimulante, assim tambem o são differentes metaes; sob a influencia de um estimulante apropriado, o carbonato de sodio, o professor Bose descobriu que a irritabilidade da platina é augmentada tres vezes, quasi tanto como o estanho.

A acção dos anesthesicos ou de narcoticos é ainda mais significativa. Sabe-se que sob a influencia do chloroformio ou do opio é consideravelmente reduzida a sensibilidade do corpo humano; quanto maior é a dóse, tanto maior é a perda da sensibilidade. Em verdade o chloroformio ou o opio actúa no *cerebro*, séde da sensação positiva; porém ha anesthesicos que actúam directamente sobre o *nervo* que transmitte ao cerebro a mensagem da dôr, e se acaso está morta ou annullada a sensibilidade d'este nervo, não se transmitte nenhuma mensagem ao cerebro, por

A acção d'um narcotico brando, tanto sobe á materia animal, como sobre o metal causa uma perda moderada de sensibilidade.

consequencia nenhuma sensação de dôr é sentida. O uso da cocaina na cirurgia moderna é um exemplo typico d'este principio; para certas simples operações cirurgicas não é necessario chloroformizar o doente e julga-se sufficiente a applicação da cocaina sobre a parte que váe ser operada.

O effeito do anesthestico ou do narcotico é identico nos metaes; descobriu-se que sob a sua acção a sensibilidade dos metaes póde ser reduzida a qualquer gráu desejado.

Com respeito ao corpo humano certas substancias teem effeito menos poderoso do que outras; por exemplo sabe-se que a acção do brometo de potassio é tida como muito moderada na diminuição da sensibilidade.

Occorreu ao professor Bose a idéa de experimentar os seus effeitos nos metaes; os resultados foram notavelmente similares: a applicação do brometo de potassio n'um pedaço de estanho causou-lhe uma fraca perda da sua sensibilidade.

Mas o sabio professor estabeleceu ainda um outro mais notavel parallelo entre a materia animal e os metaes. A acção dos narcoticos no corpo humano affecta a forma *paradoxal*, em certas condições. Emquanto uma grande dóse d'um narcotico, por exem-

Curioso effeito d'um narcotico sobre uma barra de estanho: 1) sensibilidade normal manifestada pela excitação — 2) augmentada por dose minima de narcotico — 3) abolida completamente pelo emprego d'uma forte dose de narcotico.

plo o opio, diminue a sensibilidade do corpo humano, uma pequena dóse do mesmo nar-

cotico póde fazer exactamente o effeito *contrario*, e actuar como um estimulante.

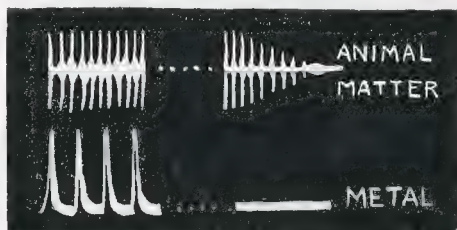
O professor Bose, curioso de verificar se mesmo esta anomalia encontraria parallelo nos metaes, procedeu a experiencias que lhe deram resultado concludente, donde elle deduz que a sua descoberta é de applicação universal.

D'entre varios metaes, Bose experimentou o estanho, como sendo provavelmente o mais *phleugmatico* de todos os metaes para justificar o proloquio popular, que o torna, no mundo moral, symbolo de susceptibilidade pouco melindrosa. Em condições normaes, mostrou uma certa sensibilidade para uma dada quantidade de excitação; depois, tratado o estanho pela potassa em dose minima (tres partes por mil) a sua sensibilidade exaggerou-se; e por ultimo, augmentando gradualmente a dóse de potassa, a sensibilidade começou de *diminuir* até se desvanecer totalmente.

DE COMO OS METAES PODEM SER ENVENENADOS.

Restava uma ultima experiencia para estabelecer completo parallelo entre o reino animal e os metaes. Como temos reconhecido, os trabalhos do professor Bose no seu conjuncto baseam-se sobre a supposição de que o que até agora se chamára materia *não vivente* é simplesmente materia que está *morta*, isto é, que viveu, mas que está privada da sua sensibilidade.

Se, como elle sustenta, os metaes, em condições normaes, dão visiveis signaes de sensibilidade, tambem devia ser possivel destruir para sempre essa sensibilidade. E assim como a vida animal pode ser destruida por diversas formas e entre estas pela acção dos venenos, a qual suspensa a tempo por antidotos convenientes permitte a renovação da vida animal, assim tambem, segundo a hypothese do professor Bose, os metaes deviam accusar o mesmo phenomeno. Tomou uma barra de metal em condição sã; mostrava pleno vigor de sensibilidade. Depois tratou-o por acido oxalico em dóse pouco elevada, como quem praticasse a acção malvada d'um envenenamento. Deu-se immediatamente uma vibração espasmodica; a sensibilidade começou de enfraquecer progressivamente até que de todo pareceu morrer. Applicou-lhe um poderoso antidoto, então vagarosa e gradualmente a sensibilidade começou de reviver. Deu-lhe um descanço, em consequencia da fadiga; depois d'algum tempo o metal que fôra envenenado voltou á plena actividade!

Em seguida, o professor Bose tomou outra barra de metal sã e ministrou-lhe outra dóse *forte* do mesmo veneno. Depois do espasmo inicial, a sensibilidade começou de tornar-se fraca *rapidamente* até que desappareceu. Depois de uma pausa conveniente para se assegurar bem de que todos os signaes de vida tinham realmente desapparecido, o professor Bose experimentou o antidoto. Debalde; o bocado de metal estava morto para sempre! Variou a experiencia com differentes metaes e differentes venenos. O resultado foi sempre o mesmo: um antidoto, ministrado a tempo, salvava a vida do metal; mas logo que se tivessem desvanecido todos os signaes de vida, era inutil o antidoto, o metal estava morto!

Antes *Depois*

Effeito de veneno sobre a materia animal e sobre o metal. Com o mesmo veneno (acido oxalico) a sensibilidade de ambos pode ser destruida.

Notavel coincidencia; algumas vezes o *mesmo* veneno mata egualmente homem e metal, e para que em tudo se reproduza o drama da vida humana, aquelle interventor de morte pode ser um metal irritavel e sensivel, dotado de vida por si proprio.

Este admiravel parallelo entre a acção do veneno em animal e em metal póde ser ainda levado mais longe. Como é sabido, nem todos os venenos são eguaes na sua acção. Alguns ha que matam absoluta e indubitavelmente um pedaço de metal, e toda a tentativa para o fazer reviver é baldada. Comtudo em alguns casos, depois de se remover todos os signaes de envenenamento e empregando acidos *estimulantes*, o metal reanima-se eventualmente, o que permitte sustentar que o metal não estava realmente morto; mas n'um estado lethargico ou de vitalidade suspensa.

Ha uma outra analogia entre o animal e o metal que é significativa e curiosa. A acção do veneno sobre o animal é em geral dupla: primeiro, o processo de morte, durando de alguns minutos até muitas horas; segundo, o

effeito puramente nervoso. Este ultimo manifesta-se em forma de espasmo, paralysia, etc. e desenvolve-se muito mais depressa, algumas vezes instantaneamente. Assim este choque nervoso tende a apressar o processo de morte, enfraquecendo a acção do coração. Em todos os casos, porém, affecta o corpo inteiro do animal muito tempo antes que se realize a acção chimica do veneno.

Com respeito aos metaes, o professor Bose descobriu um phenomeno similar.

Casos houve em que, empregando venenos poderosos, se manifestou um espasmo instantaneo, atravessando o metal, muito tempo antes que a acção corrosiva do acido podesse penetrar através da superficie. D'isto se infere que o normal arranjo molecular d'um metal corresponde, na sua constituição interna, ao systema nervoso n'um animal.

Seria utilmente pratico investigar qual o effeito, nas applicações industriaes, produzido pelo emprego dos metaes com vida ou mortos, sendo provavel que a maioria d'elles em uso estejam n'este ultimo estado ou pelo menos no comatoso. Todavia, n'este sentido, as investigações estão em seu inicio.

UNIDADE DE FORÇAS E DE MATERIA.

Até o presente todas as investigações relativas ao phenomeno da vida animal: — o augmento e o decrescimento na vitalidade ou sensibilidade; os effeitos do calor ou do frio e de outras condições mesologicas, favoraveis ou desfavoraveis; a acção dos estimulantes e dos narcoticos; finalmente, o processo actual da morte — têem até certo ponto falhado pela falsa supposição de que todos estes problemas pertencem a um reino superphisico, mysterioso, desconhecido, e impenetravel.

O professor Bose pretende ter provado, por um methodo experimental irrefutavel, que estes phenomenos são na verdade determinados, não pelo jogo de uma qualquer força vital indefinida e arbitraria, mas pelo trabalho das leis immutaveis que actuam egual e uniformemente, tanto no reino animal como no mineral.

Resta-nos ainda mencionar que o professor Bose prova no seu livro que todos estes phenomenos, com pequenas e simples alterações, se revelam egualmente no reino vegetal. Portanto segue-se a inevitavel conclusão de que os tres reinos da materia, o animal, o vegetal, o mineral são apenas um na essencia; que a distincção physiologica entre a chamada materia *organica* e a *inorganica*, da qual os homens e os metaes são typos, é baseada sobre uma supposição não scientifica; e que, afinal, se encontra uma differencial absoluta, infallivel e universal, para a distincção entre o *vivente* e o *não vivente*.

E' sem duvida um grande passo para a unificação de todas as sciencias humanas, e para a descoberta d'aquella grande lei fundamental que deve abranger todas as leis da Natureza. No seculo ha pouco findo, o grande phisico inglez Maxwell descobriu que a luz era uma forma da vibração electrica, da qual uma estreita porção era perceptivel á vista humana, ao mesmo tempo que outras parcellas podiam deixar o seu registo em instrumentos apropriados. Desde então muitas descobertas, taes como a dos raios de Röntgen, a telegraphia sem fio, vieram amplamente provar a existencia d'estas vibrações não suspeitadas. E agora o professor Bose descobre que uma fórma de vibração electrica, perceptivel ao galvanometro, póde actuar em *toda* a materia, tanto no reino animal, como no vegetal, e mineral; e prova ainda que, quando estas vibrações se produzem, a materia vive; no caso contrario, a materia está morta.

O professor Bose dedica o seu trabalho aos seus compatriotas; porque elle considera, sob um ponto de vista especial, a sua descoberta como o trabalho do seu povo, desenvolvimento progressivo das idéas no decurso dos tempos. Ha trinta seculos os antigos sabios hindus proclamaram a unidade do universo e de todas as leis que o regiam. Este novo sabio hindu vem evidenciar aquella deducção ousada dos antigos.

(*Segundo* KUMAR GHOSH)

Dialogo Mundano

— VAE PENSAR — dizia eu, na tarde seguinte áquella em que Sophia se installára, com o tio Conselheiro e a silenciosa mademoiselle, no *chalet* do Mont'Estoril — que nem sequer lhe deixo tempo para respirar livremente a brisa do mar? Aposto?

E entretanto entregava a Fraulein Albers — capciosa offerta! — duas estampilhas, com contramarca especial e raras, d'uma ephemera republica americana. Ella era colleccionadora maniaca.

— Admiro-me que tivesse possibilidade de deitar até cá — respondeu-me Sophia e o seu modo não era certamente effusivo, nem mesmo amavel.

— Possibilidade? — insisti. — Agora, minha senhora, os *rapidos* roubaram toda a poesia das grandes caminhadas, ou dos galopes a arrebentar cavallos, em noutes negras, *lindas noutes sem luar*.

Citava Garrett para não perder o tic de litterato, sem comtudo dizel-o para não affectar erudição que é prova de mau gosto.

— Palavra, não suppozera que tivesse possibilidade de vir — affirmava Sophia.

— Porque não? — perguntei puxando cadeira, sem ter sido convidado a fazel-o e sentando-me *inglezmente*, á vontade, n'uma impertinencia de bom tom.

— Contaram-me que se tinha magoado muito quando cahiu do automovel, e que nem mesmo podia andar — disse Sophia inflexivel.

— Magoado — retorqui — só desde que aqui cheguei.

— Merece acaso outra cousa? — perguntou ella.

— Oh! bom seria, se obtivesse tão sómente o que mereço.

— Estou na verdade muito sentida comsigo, e tinha motivo para estar muito zangada — exclamou Sophia, e, levantando-se da cadeira, andou ao acaso no salão, e pôz-se a bater com o bico da botina de camurça no guardafogo corrido d'um fogão arrumado, para vista, á parede.

— E' natural — admitti — comprehendo

...batia com o bico da botina no guardafogo corrido...

que esteja deveras zangada; mas tem o seu lado compensador.

— Qual é? — perguntou Sophia, visivelmente irritada com a minha serenidade.

— Pelo menos prova que tem algum interesse...

— Oh! por força que me habituei a tomar algum interesse por uma pessoa que conheci toda a minha vida — respondeu — Senti muito pezar quando ouvi fallar a seu respeito...

— Supponho — suggeri — que ainda não teve occasião de vêr D. Alda?

Sophia sentára-se outra vez na cadeira, mais proximo de mim.

— Não, nem desejos — exclamou n'uma explosão de sinceridade, que era bem proprio do seu caracter, todo infantil.

— Ah, mas não deve acreditar em tudo quanto ouvir dizer.

— Tenho percebido — disse Sophia — não o póde negar.

— O quê?

— O que toda a gente anda murmurando.

— Sem razão — atalhei apressado.

— Sempre me pareceu que o senhor tinha por Alda uma grande admiração.

— A distancia.

— Não póde haver muita — retorquiu ella — entre duas pessoas que vão correndo no mesmo automovel.

— Era objecto que eu desejava encarecidamente nunca se tivesse inventado!

— Eu nem sequer sabia que tinha comprado um auto — accrescentou Sophia.

— E' tambem novidade para mim — protestei sorrindo, encostando-me para trás na cadeira.

Sophia fitou-me com olhar severo; porém eu resolvera sustentar o meu papel de indifferente, que talvez se podesse tomar por descaramento.

— O desastre devia ter succedido pela seis da tarde?

— Um quarto depois das seis.

— Na estrada de Mafra?

— Perto de Mafra, onde eu não ia ha muitos mezes — respondi.

— Não podia ter levado menos de tres horas para chegar a Cintra — notou Sophia com crescente severidade.

— Approximadamente — concordei; porque, em verdade, parecia-me já um tanto arriscado discordar.

— E jantaram lá? — continuou ella, como um juiz.

— Um homem sensivel nunca esquece o seu jantar — respondi.

— Emfim, como quer que fosse, sempre é certo que chegaram a Cintra quasi ás onze da noute. Deve convir que é escandaloso! — accrescentou com immenso sentimento na voz abafada.

— Foi um passeio descuidosamente deliberado.

— E nem sequer levou um homem comsigo, um criado, um *chauffeur*?

— Era impossivel; a machina fôra feita só para duas pessoas.

— E certamente não, para ser virada n'um fosso — exclamou Sophia, castigando com um sorriso de ironia a minha supposta impericia na arte, cujo supremo ideal é sómente esmagar os outros.

— Espantoso foi que a D. Alda não tivesse ficado ali morta — notei.

— Parece — disse Sophia — que está levando tudo de brincadeira.

— Brincadeira? Olhe que a D. Alda quebrou quasi um braço! Mas principio a perceber que o caso é immensamente serio.

— Devo imaginar — ajuntou ella — que o senhor teria até vergonha de si proprio quando appareceu em scena o seu amigo Lopes.

— Fui obrigado a telegraphar-lhe — expliquei — E ainda fui a tempo. Estava a fechar a estação. Ninguem podia dizer qual seria o fim de tudo aquillo.

— Que marido tão condescendente, tão magnanimo deve ser o Lopes! — exclamou Sophia.

— Creio simplesmente que é tolo e bom.

— E Alda? — perguntou Sophia, com um delicioso gesto de indignação.

— Essa é uma interessante mulher, mas mais imprudente do que leviana.

Esta minha apreciação sincera irritou ainda mais Sophia.

— Sempre queria saber o que é que o senhor pensa do seu papel n'este caso — exclamou Sophia.

— Nunca tenho o habito de pensar e muito menos de fallar de mim.

— Todavia — persistiu ella — deve certamente ter ainda restos de consciencia avariada, como diz meu tio.

— Deixal-a-hei ter o trabalho de me avaliar.

Seguiu-se um silencio penoso para ambos. A conversação tomára um caminho que não tinha sahida. Melindres de homem do mundo obrigavam-me a não dar explicações. Sophia evidentemente tinha quasi direito a recebel-as. A minha situação aggravava-se, tornava-se violenta e insustentavel.

— Os Menezes já estão em Cascaes. Recebem amanhã?

— Como do costume.

— Tenciona ir lá?

— Ficarei em casa — disse Sophia.

— Ainda que eu vá?

— N'esse caso, certamente.

— Não lhe parece que é demasiado severa? Que julga sem saber? — e puz n'estas palavras toda a suavidade convincente de que era capaz.

— Tenho muita razão de o ser.

— Ao menos podia dar-me a consolação da duvida!

— Nunca na minha vida fiquei mais surprehendida.

— Pois, na verdade, o caso não era para tanto — objectei involuntariamente.

— Ora, se lhe parece! O Lopes a pensar que a mulher passára a tarde e a noute em casa da mãe, e o senhor a telegraphar-lhe de Mafra: «Um accidente de automovel obriga-nos, a mim e a tua mulher, a demorarmo-nos. Não tenhas cuidado. Teu amigo, Sampaio.»

— Foi quasi assim! E não pude suster o riso, aquelle riso mau, que nos assalta quando se vê alguem dar uma queda.

— Ao menos — exclamou ella — podia affectar um certo pezar. Toda a gente em Cintra e aqui falla do caso com justa censura.

— Pelo contrario, creia-me! havia de fazer o que fiz ainda outra vez, se a occasião se repetisse.

— Não devo detel-o por mais tempo — disse Sophia, levantando-se com indignação quasi theatral, mas verdadeira. Converse um pouco com a mademoiselle em estampilhas. Eu vou á varanda do lado do mar, já volto.

— Antes de se ir embora — insisti — peço-lhe que mude a sua tenção sobre ámanhã.

— Ámanhã?

— Promette-me a segunda valsa em casa dos Menezes, sim? — solicitei.

Sophia encarou-me com terrivel olhar de desdem. Todavia eu estava representando a

...Surdiu de bicyclette...

capricho um Priola. Sentia-me Le Bargy, com todo o ar e descaro d'um D. Juan moderno. Leituras aturadas de Bourget e de Lorrain que eu punha em pratica; resultado immediato de quanta comedia *rosse* vira representar no D. Amelia.

— Oh! é intoleravel! — murmurou Sophia, muito baixo, mas não tanto que eu não ouvisse muito bem.

No mesmo instante, abriu-se a porta e o

criado perfilou-se a um lado para deixar entrar na sala uma visita.

— A senhora D. Alda Lopes — annunciou o criado.

D. Alda entrou com o braço esquerdo suspenso n'um involucro de couro, mas sempre elegante e desenvolta. O criado ia retirar-se quando Sophia o chamou.

— Não feche, Joaquim — e Sophia tinha o rosto ruborisado até o carmim. — O sr. Sampaio vae sahir.

— Parece-me que posso ainda dispôr de mais alguns minutos — respondi, consultando o relogio naturalmente.

Sophia mordeu o labio inferior emquanto o criado cerrava a porta. Ella sentiu desejos, supponho, de me bater e de não fallar á Lopes, mas esta risonha, esturdia:

— Ah! minha Sophia! — exclamou no seu habitual modo effusivo, ao mesmo tempo que me fazia um signal com a cabeça. — Ainda bem que vieste do campo. Teu tio acabou cedo a vindima. Felizmente. E divertiste-te? É impossivel.

— Desejava bem lá estar agora! — Foi a resposta secca, quasi por entre os dentes.

D. Alda não attendia a estas pequenas cousas, e já mirava indifferente, mas remechendo, o pequeno bastidor de collo da mademoiselle.

— Em todo o caso foste mais feliz do que eu.

— E' verdade o braço já vae entrando no seu logar? — perguntou Sophia com frieza.

— Sim, mas tenho de soffrer isto um mez — e apontou para a suspensão de couro artisticamente afivelado.

— E' singular — interrompi — que estivessemos fallando no seu accidente quando v. ex.ª chegou!

— Ah! — exclamou D. Alda risonha. — Sem duvida forneci assumpto a muita gente.

— E' para admirar que não tivessem morrido — disse Sophia.

— Julgas que o merecia, minha querida? — interrogou D. Alda sorrindo-se — E se o fosso estivesse cheio d'agua havia de ser muito peor. O sr. Sampaio foi um excellente amigo na adversidade!

Sophia parecia olhar para ambos nós com o mais profundo desprezo. Resolutamente interrompi.

— D. Alda, v. ex.ª conhece Sophia desde muito?

— Meu caro sr. Sampaio, não fomos innocentes *babies* ao mesmo tempo; porém vestimos ainda juntas muita boneca, e não sei se Sophia completou ultimamente os seus lindos vinte annos.

— N'esse caso, é tempo bastante para conhecer que ella é discreta, muito além dos seus annos, não é verdade?

— Sim. Mas no que estava dizendo a meu respeito não havia indiscripção? — perguntou-me com pressa, franzindo levemente os seus magnificos sobreolhos arqueados e asymetricos.

— Pelo contrario — apressei-me a responder — fiz sacrificio completo da minha pessoa.

— Difficilmente os homens se sacrificam — ainda objectou D. Alda.

— Em todo o caso aproveitei o ensejo para apresentar um admiravel exemplo.

— O que? O que quer dizer?

Sophia parecia um tanto espantada não comprehendendo a conversação. Quedei-me propositadamente silencioso por instantes na espectativa.

— Seja generosa e franca — suggeri.

D. Alda olhou para o rosto ruborisado de Sophia e depois voltou-se para me examinar.

— Como parecem ambos solemnes!

— Pertence-lhe fazer-nos sorrir outra vez.

— E' preciso que me vá embora! — gracejou D. Alda.

— Pelo contrario, deve ficar para explicar tudo a Sophia.

— Ora, certamente não deve ser necessario.

— Pela minha parte — atalhou Sophia — não desejo ouvir uma só palavra.

— Então adeus, minha querida! Vou deixal-os.

— Não, não! — exclamei rindo — e colloquei-me com as costas para a porta, a impedir-lhe a passagem.

— Quantos homens — disse D. Alda subitamente reflexiva — teriam orgulho da aventura!

— Sem duvida, ha porém uma mulher — insisti — que não está nada contente.

— Pelo menos muito surprehendida — concluiu Sophia.

— Comprehendes com certeza — disse D. Alda, voltando-se para Sophia, um tanto nervosa — que o sr. Sampaio, muito amigo de conservar a sua vida, não se metteria a conduzir um automovel. Não se lhe conhece ainda esta sua nova aptidão de *chauffeur*. Elle não aquece sequer as platéas.

— Não seja cruel — e eu sentia a ironia d'aquella phrase, que me recordava o desastre da minha peça. — Em todo o caso não teve muito de que se gabar o sr. Villar de Murteda.

O amor proprio, o despeito, fez-me ser incorrecto. Denunciei o nome.

— O Murteda — exclamou Sophia.

— Sim, a historia é bem simples — completou D. Alda, contrariada, mas sincera.— Como sabes, o Murteda é eximio *chauffeur*. Ora, desde o meu primeiro passeio com o Pedro da Costa, adoro as corridas em automovel. Uma delicia! Tinha ficado de dormir em casa da minha mãe, para não forçar o Lopes a ir buscar-me. Era o que tencionava fazer. Mas o Murteda esteve lá, instou commigo para dar um passeio, tentou-me e fui tão estupida que me esqueci de mandar um bilhete ao Lopes. Eu devia lembrar-me de que o senhor meu marido não se regosija com que eu veja muito o Murteda. Os homens são deveras ridiculos! Como quer que seja o Carlos conduziu-me até Mafra e na volta para cá, logo no principio, elle soube ter a arte de deitar o carro para dentro de uma valla. Fomos ambos arremessados ao chão e eu parti o braço.

— Quasi, minha senhora —rectifiquei sorrindo — quasi. Partido é exaggero.

D. Alda precisava d'esta pausa, embora ironica. Para ella era um sacrificio enorme contar uma historia a seguir. Fallava velozmente. Em regra, n'um estylo telegraphico que lhe era peculiar.

— Então, então de onde appareceu o sr. Sampaio? — perguntou Sophia dirigindo-se para mim.

— Foi como o *tam tam* das magicas. Surdiu de bicyclette — exclamou D. Alda com o seu sorriso que lhe cava nas faces duas covinhas muito mimosas e tentadoras — moderna parabola do bom samaritano — como diria o sr. Sampaio.

—Talvez, minha senhora—confirmei, apesar do meu forte não ser citações biblicas.— De facto tinha trabalhado bastante, appeteceu-me espairecer, fazer exercicio e *pedalar;* resolvi por acaso ir a Mafra, dormir lá e voltar no dia seguinte. Corria pela estrada quando vi um automovel virado na valla. Em breve reconheci com espanto D. Alda sentada sobre a relva ou sobre as urzes, e o Murteda, ainda a olhar para o inutil carro virado, de bojudas rodas para o ar, o feio monstro.

— Ora ahi tens a historia minha querida; e agora não posso realmente demorar-me mais tempo. Quiz vêr-te apenas, minha Sophia. O sr. Sampaio assegurou-me que eras discreta. Adeus, querida.

Eu fui adiante para lhe abrir a porta, e aproveitar o ensejo de lhe agradecer a confissão. Quando voltei, o rosto de Sophia já estava sorridente.

— Mais uma vez fui horrivelmente injusta! —murmurou.

— Isso não vale nada!

— Oh! peor emenda!— exclamou—então não se importa com o que eu penso a seu respeito? Mas conte-me cá; nem por sombras lhe passava na mente a Alda no vallado, o braço partido, o Murteda ao lado, e o automovel escangalhado! Devia ter ficado immensamente surprehendido de os vêr ambos?

Quando voltei, o rosto de Sophia já estava sorridente

— Sim, e póde acreditar que não ha uma migalha de maldade real n'esta aventura da pobre D. Alda.

— Porém não gostaria que sua mulher...

— Nem pensar n'isso — atalhei apressado. — D. Alda foi simplesmente imprudente.

— Mas — perguntou Sophia — o que foi feito do Murteda? Conte-me o final.

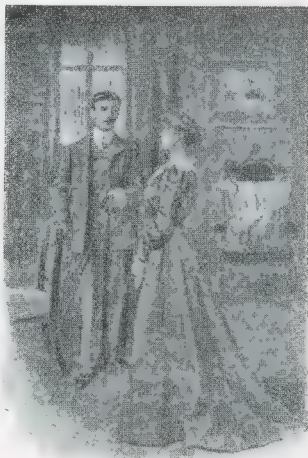
— Estava claro — expliquei— que D. Alda devia ser transportada logo para qualquer parte; o Murteda seguiu para Mafra na minha bicyclette, mandou-nos buscar n'uma carruagem e por lá o deixei depois a procura de quem lhe transportasse e guardasse a maldicta machina. D. Alda foi pensada no seu braço. Eu quiz jantar e ella acompanhou-me, e jantou tambem com appetite, quasi alegre. A minha pessoa resolvêra-lhe uma grande difficuldade e tanto bastava para a consolar do desastre.

— E depois o Lopes? Na volta?

— Se elle tivesse sabido que a mulher tinha sido conduzida pelo Murteda — respondi — não se póde saber qual teria sido o fim de tudo isto .

— Mas trazida para casa pelo seu bom amigo Sampaio . .

— Só tive de ouvir a censura, apparentemente bem merecida, de me ter mettido a *chauffeur*, e ainda em cima experimentar a minha pericia á custa do braço da mulher. Com que paciencia evangelica o aturei, não imagina.

— A amisade exige esses sacrificios—sentenciou Sophia, reflexo d'alguma phrase conceituosa do tio Conselheiro.

— Porém todo o sacrificio deve ter uma justa compensação, não lhe parece?—e puz n'estas palavras toda a intenção de amuada ternura.

Sophia approximou-se da minha cadeira, e nunca me parêcera tão fascinadora.

— Qual? perguntou docemente.

— Que me dê a segunda valsa amanhã na *soirée* dos Menezes.

— Concedida. Com effeito merece-a; que eu fui muito injusta. Mas creia que n'esta semana se fallou mais do senhor, do que se tivesse publicado um novo livro.

Impressionou-me esta minha inesperada celebridade, e ainda por uma falsa aventura mundana.

— Como é triste a comedia da vida!— commentei alto para Sophia, emquanto pensava com os meus botões, quanto trabalho dispendido inutilmente para me tornar notavel e quanto tempo perdido em esperar — convicto sebastianista litterario! — pela manhã nebulosa em que acordasse celebre, ao menos, na pagina artistica do supplemento do *Seculo*, ao lado dos classicos portuguezes!

(Das Memorias de Simplicio Sampaio.*)*

PROLOQUIOS GLOSADOS

Ouvindo aquella praga quisilenta,
que inda havias de ser minha mulher,
dizias: «Presumpção e agua benta,
menino, cada qual toma a que quer!»

Mas os tempos mudaram muito. Agora,
posto que de nós dois nenhum se queixe,
eu sempre digo á — presumpção — d'outr'ora:
«Menina, pela boca perde o peixe! — »

Cosme.

As Estradas do Mundo

POR SILVA TELLES CONTINUA NO NUM. SEGUINTE

Os grandes tunneis da Suissa

O solo d'um paiz ousadamente brocado

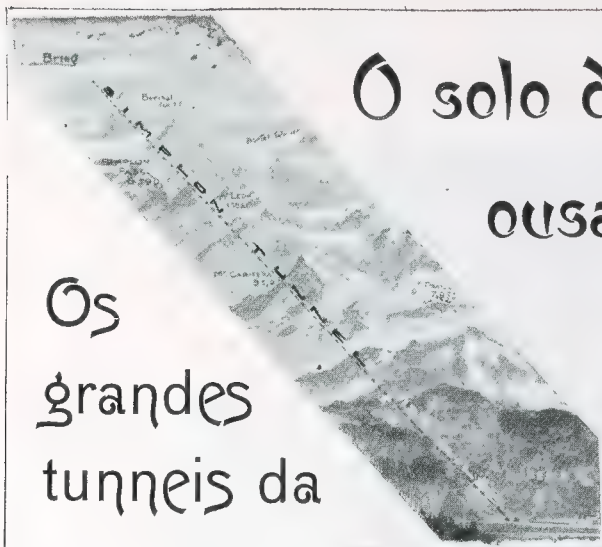



Diagramma do traçado do tunnel do Simplon desde Isella na Italia até Brieg na Suissa

O PODEROSO arco dos Alpes, percorrendo uma volta de Nice a Trieste, separa o reino da Italia do continente da Europa. Cadeias sobre cadeias de montanhas —o Maritime, o Cottian, o Graian, o Pennine, o Lepontine, o Rhaetian, e os Alpes Carnic defendem a entrada norte da Italia. Até o meado do seculo XIX nunca chegou a realizar-se a idéa de brocar o massiço das montanhas, permittindo a livre communicação por caminho de ferro entre a França, Suissa, Austria e Italia.

Os perigos das viagens a pé ou a cavallo pelos apertados desfiladeiros e a lentidão das incommodas diligencias tornáram-se intoleraveis e tanto que se utilizou a viação accelerada n'um esforço supremo e dispendioso. Hoje ha sete vias ferreas para a Italia. Ha o caminho de ferro da Riviera, o de Paris-Turim pelo tunnel do Mont Cenis, o de Brieg a Domo d'Ossola sobre a passagem do Simplon, o de Lucerne a Lugano pelo tunnel do St. Gothard, o de Coire a Colico, o de Innsbruck a Verona pelo caminho de ferro de Brenner, e finalmente, o de Vienna a Veneza pelo caminho de Pontebba.

Entradas, suissa e italiana, do tunnel do Simplon

O primeiro dos grandes tunneis alpinos, foi o do Mont Cenis. E' verdade que o primeiro caminho de ferro, atravessando os Alpes, corria por baixo da passagem Semmeriey, n'um tunnel medindo approximadamente uma milha, mas esta via foi inteiramente inutilizada pelo trabalho de furar aquelle outro, de sete milhas e meia de comprido, continuas, através dos mais duros rochedos.

Pelos fins de 1857 começou-se o trabalho da abertura do tunnel, atacando a montanha por ambas as extremidades. Ao principio os furos que depois eram carregados de polvora para explodir alluindo as rochas, eram brocados á mão! Portanto não admira que o progresso annual do trabalho não excedesse 500 metros. Por esse andar seriam necessarios trinta annos para se completar a obra. Porém, immediatamente, a engenharia introduziu bro-

cas de rochedos, trabalhadas pelo ar comprimido e pela força hydraulica, e assim tão activo e consecutivo foi o trabalho que em 1870, treze annos e um mez depois de sé ter feito o primeiro furo, a espessa muralha, que separava a approximação do tunnel do norte ao do sul, ficou perfurada, de fórma que se podia percorrer em toda a extensão, de uma extremidade á outra.

Um aspecto actual dos trabalhos do tunnel (12 1/2 milhas)

Em 1871, o tunnel estava aberto ao trafico internacional. Hoje os comboios percorrem-n'o de meia em meia hora.

O tunnel do Mont Cenis custou 240 libras por metro corrente — ao todo 3 milhões de libras approximadamente. E' para dupla via, tendo uma largura de 8 metros e uma altura de 6 metros ao nivel dos rails. Na extremidade do lado da França, um forte blindado defende-lhe a sahida, e do lado italiano está sempre guarnecido por um destacamento de artilharia.

Este grande emprehendimento suscitou as ambições da Allemanha e da Suissa, e ambas principiaram de desejar um caminho directo para a Italia, que não atravessasse o solo francez ou austriaco. Esta ambição levou-os á construcção do grande tunnel do St. Gothard, presentemente o mais comprido do mundo, medindo mais de 9 milhas. O trabalho de cada extremidade do tunnel começou em 1872, e 8 annos depois os furos de ataque encontravam-se com admiravel exactidão. A celebridade do Mont Cenis eclipsou-se então completamente; o custo do St. Gothard attingiu apenas 160 libras por metro, ao mesmo tempo que estava feito em cinco annos, muito menos do que levou o Mont Cenis, apesar da sua maior extensão.

O trafico internacional da Europa soffreu uma nova orientação, attrahindo em grande parte para a Allemanha, o qual primitivamente passava através da França pelo caminho do Mont Cenis.

Só cinco mezes depois da bem succedida juncção dos perfuramentos do St. Gothard, é que se deu começo ao trabalho do terceiro dos grandes tunneis alpinos, o Arlberg, correndo agora em linha perfeitamente recta, através da mantanha Arl e n'uma extensão de mais de seis milhas. N'esta occasião, foi a França e a Austria que desejaram ter communicação directa por um caminho de ferro só através da Suissa; e o governo austriaco construiu a linha. Por sua vez os fastos gloriosos da construcção do St. Gothard foram excedidos, attendendo ao custo e ao tempo; pois o tunnel de Arlberg custou 110 libras por metro approximadamente, e foi construido em tres annos.

Antes da abertura d'este tunnel, o viajante que quizesse atravessar a fronteira entre as provincias austriacas do Tyrol e Voralberg, tinha de trepar um desfiladeiro de mais de 1500 metros de altitude, um dos mais difficeis em todos os Alpes tyrolezes e o unico que praticamente podia servir.

O viajante, que quizer hoje ir de Brieg a Domo d'Ossola, tem diante de si um cami-

nho ainda mais difficil, pois terá de atravessar o desfiladeiro do Simplon, 2.010 metros de altura, pela grande estrada de Napoleão. A diligencia que a percorre duas vezes diariamente cobre a distancia em oito horas; mas, se tudo succeder com exito, em menos de tres annos estará terminado o longo tunnel que passa por baixo d'aquelle desfiladeiro.

O tunnel do Simplon fura a base do gigante alpino, o Monte Leone. Abrem-se, de facto, dois tunneis correndo lado a lado, e a uma distancia de uns 16 metros. Presentemente tem sido furado um com sufficiente largura para o trafico normal; o outro tunnel é utilizado por uma via estreita pela qual se conduz o material para os trabalhos, e tambem serve para a ventilação.

Os trabalhos no Simplon teem agora proseguido ha cerca de tres annos, devendo os empreiteiros completar o tunnel em cinco annos e meio pelo custo de 2.800:000 libras sterlinas.

Entradas do tunnel em Isella; são tres á esquerda e duas á direita

A broca de Brandt foi aproveitada com maravilhosos resultados — um instrumento com tres pontas cortantes de aço, trabalhado por pressão hydraulica, o qual fornece um avanço de $1,^{m}20$ approximadamente em quatro ou cinco horas.

Quando as brocas teem atacado a frente da rocha durante duas horas, tendo aberto talvez uma duzia de furos, suspende-se o trabalho e emprega-se a dynamite, que estilhaça grandes blocos de rochedo, e em seguida poderosos jactos d'agua illiminam os destroços.

No decorrer d'um dia de trabalho cerca de quinhentas d'aquellas agudas pontas cortantes, ficam estragadas e teem de ser refeitas e novamente afiadas n'uma officina especial.

Na construcção d'um grande tunnel alpino, a temperatura elevada é talvez o maior perigo para o operario.

Quando se construiu o St. Gothard occorreram entre os operarios não menos de seiscentos fallecimentos, sendo principalmente devida esta pavorosa mortalidade ás mudanças de temperatura, soffridas pelos homens nas sahidas e entradas no tunnel. Tanto o engenheiro como o empreiteiro ali perderam a vida; porém no Simplon attende-se agora cuidadosamente á saude dos operarios. Sahem dos seus trabalhos do tunnel para uma grande construcção aquecida, onde mudam os fatos da mina por outros seccos, e onde lhes são fornecidos banhos de douche, assim como por preço muito reduzido teem excellente comida e assistencia medica gratuita.

Desde outubro de 1901 o trabalho da extremidade italiana do Simplon atrazou-se consideravelmente pela inundação do tunnel por grandes volumes de agua d'uma nascente que ficára por descobrir. A agua brotou através d'um calcareo molle e a prefuração do tunnel teve de suspender-se emquanto os engenheiros procuravam o desvio da corrente importuna.

Antes de se completar o tunnel do Simplon, é provavel que se tenha já começado a perfuração do quinto dos grandes caminhos subterraneos dos Alpes — o já estudado tunnel do Splugen.

No decorrer do tempo de certo se construirão ainda outras linhas e tunneis. A linha de S. Gothard representou um pesado encargo para o commercio da França, causando-lhe uma diminuição annual que se avaliou em dois milhões de libras; e julga-se que a perfuração do Simplon dará egualmente para a França desastrosos resultados.

Synopse dos capitulos publicados. — *Um financeiro londrino, Dudley Hatton, appellidado «o rei do ouro», por conselho d'um seu amigo Foxall, e após a luta d'uma semana de crise bolsista, que acabou de o prostrar n'uma profunda neurasthenia, de que já enfermava, resolve ir consultar um medico especialista, o qual lhe prophetiza a loucura, se acaso teimar no trabalho violento dos seus multiplices negocios. Hatton é casado com uma filha de lord, e o preconceito aristocratico infelicita-lhe a vida domestica. Dudley volta á noute para sua casa vivamente preoccupado com a sentença do medico, que reconhece, em consciencia, verdadeira pelos symptomas que o teem alarmado. Dudley espera por sua mulher, lady Hermione, e resolve ter com ella uma explicação. Lady Hermione recolhe tarde, depois de ter presidido a um bazar de caridade e de ter ido cear a Carlton, o hotel da moda. Encontra a pé o criado particular do marido que a espera, contra todo o costume. Dirige se ao gabinete de Dudley, onde tem uma viva discussão. Dudley perde quasi o conhecimento dos seus actos. Somente de madrugada recupera a consciencia. Vae deitar-se, passa defronte do quarto de sua mulher, vê luz e a porta entreaberta. Entra. Lady Hermione jaz no chão morta. Chama-se o medico que faz objecção a passar certidão d'obito. Descobre no cadaver vestigios de violencia. Dudley envia-lhe um cheque avultado. Tudo se aplana. Dudley abandona Londres e os seus negocios. Foxall discute o caso com os seus amigos.*

CAPITULO IX

Os escabrosos penhascos de Cornish eram alcantilados, quasi inaccessiveis; porém Beryl Garth trepou as veredas sinuosas com pés ageis de creança; e mal se achou no alto, procurou com a vista, em redor, o seu novo amigo, que a esperava, e correu para elle offegante ainda do esforço de subir as ingremes ladeiras.

Era na tarde d'um dia de fevereiro, e o crepusculo illuminava o horizonte, com enfraquecido esplendor, n'um largo arco dourado, ultima despedida do dia. No despovoado promontorio, recortava-se apenas, em negro, com as irregularidades da construcção, o velho e solitario castello, erguido sobre o mar, e onde habitava Beryl. Algumas barcas de pesca fluctuavam ociosamente, mais ao largo, mas sem que se lhes enxergasse tripulantes, nem denunciasse a existencia de pescadores. Ouvia-se apenas, n'aquella hora silenciosa, a musica balanceada da costa, aquelle eterno murmurio do mar que bate as arribas ou rola sobre a arêa.

Beryl encontrou Dudley Hatton justamente onde esperava que elle estivesse, sentado sobre um tosco banco de pedra donde se podia vêr, por entre a dentadura das rochas, a casa d'ella, e para leste as aldêas distantes, além de Black Head. Vestia como habitualmente, o seu casaco preto, e calções de montar a cavallo, e um d'esses chapéos macios de feltro que a guerra do sul d'Africa legou á moda do mundo. Beryl não sabia quem era Dudley; encontrara-o por acaso, fizera conhecimento com elle, fallara-lhe com a confiança dos seus poucos annos, e ás vezes pensava que elle talvez fosse um militar de Plymouth em goso de licença e reconforto de saude; ora um militar para ella tomava sempre o aspecto d'um heroe.

A pequena atravessou rapida o declive recoberto de plantas maritimas, que os separava, approximou-se do seu novo conhecido e suppondo que, se elle tinha uma attitude triste, era porque ella chegava tarde, explicou-lhe solicita o motivo da demora.

— Estou certa que cheguei tarde. Quando vinha descendo á pressa a encosta, disse commigo, — elle ha-de julgar que me esqueci e vae-se embora. — Porém não julgou isso, e

não se foi embora, pelo que estou muito contente.

Beryl tinha quinze annos; mas passara toda a sua vida n'esta costa deserta de Cornish, e educara-se como pudera; era o mixto mais extraordinario de mulher e de creança que se podesse encontrar. Se por momentos fallava nos cuidados do governo da casa, como se tudo dependesse d'aquella pequenina cabeça intelligente, em outros, entretinha-se a contar, olhando vagamente, as historias das fadas que povoavam o circuito apertado e cheio de hervas más, da silenciosa bahia. A sua simplicidade não era menos attrahente do que a sua infantil curiosidade. Descobrira Dudley quando este estava, apenas ha uma semana, n'esta solidão propositadamente procurada; e elle, que desejava isolarse dos homens, tornou-se, sem saber como, o companheiro da sua linda confidente.

— Conte-me, Beryl, conte-me o que succedeu? — perguntava elle, observando-lhe os olhos brilhantes e o rubor da carreira, que lhe dava novo colorido ao seu rosto saudavel.

— Meu pae está doente, disse fallando, como sempre arrebatadamente: — não muito doente, sabe, mas muito zangado com a ausencia do seu amigo que partiu para Bodmin e disse que não estaria de volta senão na quinta feira. Mas eu sei que não é verdade, porque Dave Evans estava em casa agora, e quando Dave Evans vem, o pae sempre fica melhor. Hão de estar a pé toda a noute e acordarem-me—como fazem muitas vezes. Eu mal posso vêr os botes debaixo da minha janella, e cismo, e cismo, porque estão ali aquelles barcos? Mas o senhor. nunca poderia gostar de Dave Evans—continuava no mesmo folêgo; — tem as mãos grandes e vermelhas como caranguejos. E quando elle me diz—Parece-me muito bem esta manhã, menina!—Eu quereria puxar-lhe as orelhas por ter feito tanto barulho durante a noute. E elle não gosta do sr. Hatton; diz que é um mysterioso. Como se alguem não podesse viver onde lhe agrada, sem pedir licença a toda a gente.

E porventura ser velho com trinta ou quarenta annos, Beryl?

A Dudley interessava esta apreciação pouco lisongeira de Dave Evans. Elle previra que a vida que levava entre aquella gente desconhecida n'uma aldêa de pescadores, havia de lhes preoccupar os espiritos. Cortez e amavel para todos, vivia comtudo absolutamente só. A casita que o abrigava era a mais humilde do seu genero. O fiel Courvoisier, installado n'uma hospedaria de St. Vestall, não se subornava com a cerveja e a ci-

dra, e sabia evitar a tagarellice da aldêa. Não se lhe podia arrancar uma palavra. Os pescadores tinham de se limitar ás suas proprias supposições e phantasias; e emquanto uns diziam que Dudley era um advogado de Londres, desejando comprar terras, outros meneavam as cabeças profundamente sybillinos. Ah! o que poderiam dizer, se tivessem vontade de fallar! Mas como não queriam, mantinham-se em discreto silencio. E todavia St. Vestall não carecia de um mysterio. O castello do promontorio, onde vivia o pae de Beryl, era já bastante alimento para appetite curioso. Nas conversas de todos os dias faziam-se perguntas sobre o castello e seus moradores. Nunca havia resposta clara para taes perguntas.

— Tenho pena de dar tão pouco prazer ao sr. Evans, — disse Dudley quando Beryl acabou; — talvez elle tenha alguma casa para alugar e quizesse que eu a tomasse. Preciso eu proprio ver o velho. Esta pobre gente não tem mais nada que fazer senão fallar d'alguem. Emfim, como isso não me molesta, nem a si, Beryl, deixemol-os fallar como lhes agradar.

Beryl apressou-se a corrigir:

— Não, lá que elles trabalham, é certo, — disse ella. — Algumas vezes é durante o dia, outras não. Ouço-os toda a noute, debaixo da minha janella; e andam para um lado e para o outro como sombras. Depois os barcos vão-se embora e fica tudo em socego, e se estou com medo não o digo a ninguem. Na realidade é tolice, mas não posso evitar. Mas se o pae está afflicto...

— Nunca a Beryl me disse cousa alguma a este respeito.

— Eu não posso dizer-lhe tudo e demais não se havia de importar. Nada tem com isso. O pae está atormentado por muitas cousas, mas não diz nada, excepto quando o almoço não está prompto. Eu sei que elle está apoquentado, justamente porque nada me diz. E ali, apontava para o castello, tudo é solitario. Sabe, desejava que o sr. Hatton fosse meu pae! — concluiu Beryl com uma vehemencia infantil onde transparecia a historia completa de uma vida erma de affectos e de luz.

Não houvera na sua vida nenhum acontecimento tão memoravel como esta vinda d'um estranho a Black Head. O seu casual encontro com elle nos solitarios rochedos, a suavidade das suas maneiras distinctas, a sua amizade excediam em surpreza as fabulas dos contos de fadas. O sonho não podia durar, dizia Beryl.

— Sim, — continuou ella, dirigindo o olhar para o mar chammejante. — Eu quizera que fosse meu pae. Nunca iria então para Londres; e assim irá com certeza. Toda a gente que vem aqui é só para se ir embora. E' para uma mudança, e faz-lhes bem. Só eu não consigo ter uma mudança. Quando se fôr embora hei de pensar todo o dia e olharei para a bahia a ver se volta outra vez; e a bahia me dirá no marulhar das aguas, — Nunca mais, nunca mais! — Quando fôr velha, trinta ou quarenta annos, parece-me que ainda estarei olhando para esta mesma bahia escura.

— E' ser porventura velho com trinta ou quarenta annos, Beryl?

— Oh! são muitos annos! Por certo que não tem trinta nem quarenta. Eu diria, — deixe-me vêr, — sim, diria que tem vinte e cinco.

Dudley sorriu-se.

— Tenho trinta e sete, Beryl, — pense bem — trinta e sete! E com effeito sinto-me velho. Estou justamente como se tivesse toda a vida para trás de mim e nenhuma para diante. E a Beryl tem toda a sua vida para diante. Um dia irá para Londres, e pensará depois n'estes dias, e talvez com saudades, com muitas saudades d'elles.

— Eu gostava de ir a Londres, porque o senhor estaria lá, e poderiamos ver muita cousa — atalhou promptamente Beryl. — Quando vierem os livros que me prometteu ha de ler-m'os, sim? Londres deve ser melhor do que Wyemark, não é verdade? Meu pae nunca lê, e não me deixa ler. Por isso muitas vezes sonho durante o dia inteiro, se o governo da casa me não prende todo o tempo. Outras vezes deito-me sobre os rochedos e olho para o mar. Não podia fazer isto em Londres, porque lá não ha nem rochedos, nem mar A minha criada, que se foi embora, costumava dizer que em Londres havia sómente policias.

A tagarellice infantil da pequena, no seu desejo de ver Londres, acordava na memoria de Dudley as impressões da grande cidade, que elle viera para ali apagar, a rude e violenta luta da vida, o esplendor e a luz, o seu bom e mau aspecto.

— Em Londres, — disse elle, como expressando alto os seus pensamentos, — em Londres, pequena Beryl, estão todas as riquezas do mundo. Em Londres os homens lutam, caminham, afadigam-se todo o dia em busca do ouro, e teem as mãos magoadas e os olhos vendados. Não veem o sol, a grande luz que tudo purifica e tudo reverdece.

Beryl abria os olhos abysmada sem comprehender.

— Oh! mas então são tolos — disse ella, depois de ter pensado um momento.

Aquella era a sua ingenua philosophia de simples.

— E os livros? Quando chegam?

— Em breve, Beryl, em breve — disse vivamente, e o velho correio ha-de fazer-lhe a surpreza uma manhã d'estas. E vem outra cousa. Que me diz, Beryl, a um bicycle?

— Não! — disse ella com os olhos brilhantes de contentamento infantil — o senhor nunca pensou n'isso, nunca?

— Deve cá estar talvez ámanhã; pelo menos assim o espero. Hei-de ensinar-lhe a andar n'elle, e poderemos então ir juntos a Falmouth vêr as lojas. Deve divertil-a, Beryl. Seu pae não se importará. E' preciso fallar-lhe a este respeito.

A pequena ficou séria subitamente, e depois accrescentou com voz magoada:

— Oh! o pae não se importará de certo. Ninguem se importa commigo .. ninguem absolutamente!

Dudley pegou-lhe nas mãos commovido. Aquella creança era para elle um encanto supremo. Levantaram-se e começaram a descer o sinuoso caminho entre penhascos. Tinha-se posto o sol. Apparecia uma leve neblina sobre as terras. Resfriava fortemente o ar ambiente.

— Diga-me Beryl, — perguntou como se um impulso interior d'um grande amor extincto o impellisse a fallar,—realmente desejaria que eu fosse seu pae?

— Oh, sim, sim! — respondeu a pequena alegremente.

Dudley, com fervor, inclinou-se, e beijou-lhe a testa.

Separaram-se na encruzilhada mais abaixo, depois de lhe prometter que no dia seguinte viria tambem ao alto das ribas. O velho e arruinado castello recortava-se no seu contorno sombrio, negro, contra o céo poente; parecia talhado nos rochedos do promontorio, pesado, aspero, inhospito, como as proprias fragas da costa cortada a prumo sobre o mar, fechando quasi a pequena angra.

❀ ❀ ❀

Dudley recolheu-se á sua humilde casa solitaria. Se alguem lhe tivesse dito seis mezes antes que estes dias de fevereiro o haviam de encontrar só e esquecido, exilado por sua propria vontade, longe do tumulto da vida, no silencio mysterioso de uma aldêa de Cornish, elle teria duvidado do são juizo de quem lh'o affirmasse. E todavia o estranho caso succedera. Fugiu dos homens, viajou ao acaso e para afastar dos olhos a visão dolorosa que o perseguia, mas enganára-se, sempre; a noute trazia-lhe de novo a visão sinistra.

A noute começára a fechar-se, emquanto andava; levantara-se vento, frio, irritante dos nervos, a neblina ía-se cerrando cada vez mais. Comtudo Dudley não se julgava só. Ninguem o podia vêr ali, nem accusal-o, nem tão pouco consolal-o; a voz do accusador seria apenas a sua propria. Apesar de tudo, ia andando com a figura de sua mulher morta ao lado, e todavia não sabia como ella tinha morrido. Cruciante duvida!

Um candieiro ardia na saleta da casita, e quando Dudley se approximou descobriu pela baixa gelosia branca a sombra de Courvoisier. Nada podia mudar a fidelidade d'aquelle criado. Cidade ou solidão, palacio ou cabana, nada importava a Courvoisier. Seguia seu amo como um cão; nada pedia, de nada se queixava. Contrariava-o ter de se alojar na hospedaria pela falta de quarto em casa para ficar, porém, nunca fallara em tal. De noute e de dia estava sempre prompto ao serviço. Se não fosse elle, talvez seu amo não tivesse vivido com melhor comida do que o pão e o leite que os lavradores lhe mandavam. Dudley surprehendeu Courvoisier n'aquella noute, arranjando as cartas e os papeis sobre a mesa que estava defronte de uma janella aberta. De tempos a tempos o criado pegava n'um sobrescripto, collocava-o muito perto do candieiro contra a luz e examinava-o com um minucioso interesse. Outro qualquer que não fosse Dudley suspeitaria logo d'uma acção tão estranha, porém Dudley pensava ao contrario: «Elle não me deseja vêr incommodado com importunos correspondentes», dizia. Para Dudley, Courvoisier era indubitavelmente um thesouro.

N'aquella propria casa haviam sobejas provas da previdencia e das attenções do insubstituivel criado. Habitação pobre d'um pobre lugarejo como aquelle era, Courvoisier soubera fazer maravilhas para a tornar quasi principesca. Fôra elle quem mandara vir de Londres os linhos brancos e os raros vidros lapidados; quem dera ordens aos estofadores de Plymouth para a mobilia e para o conforto luxuoso, quem determinara os quadros que deviam decorar as paredes velhas do velho pardieiro. Seu amo poderia ser errante, solitario, vagabundo, porém, Courvoisier pretendia pôr-lhe debaixo dos pés tapetes macios que lhe aveludassem a caminhada.

Seriam cinco horas approximadamente, quando se despediu de Beryl, e um quarto de hora depois, talvez, quando abria a porta da casa esperou um momento, no limiar, investigando attento, se brilhava alguma luz no escuro castello do promontorio. Comquanto não tivesse motivo real, conhecido, uma an-

ciedade desúsada pela pequena Beryl o affligia.

A acreditar-se nos dizeres da aldêa a situação de Rhoderick Garth era em extremo precaria. Dudley perguntava a si proprio o que succederia se a miseria irrompesse pelo portão do velho castello. Que seria da pequena Beryl? Viria ter com elle, com certeza — não havia ninguem mais a quem ella podesse pedir protecção, e n'estas possibilides phantasticas ia entretendo o pensamento triste.

* * *

Entrou em casa e encontrou Courvoisier muito occupado com as chicaras de chá. Um fogo vivo ardia debaixo da grelha onde uma chaleira assobiava alegremente no principio da fervura. Havia luzes por toda a parte; comprehendendo o horror inteiro de seu amo á escuridão, Courvoisier intelligentemente prevenira-se contra ella. Sobre a mesa defronte da janella pousava uma camada bem ordenada de jornaes e de cartas, até mesmo de telegrammas de Londres. James Macalister, o seu braço direito na direcção da grande casa de Hatton & Hatton, tinha sido o unico a ter noticias d'elle desde a morte de sua mulher. Esse sabia bem da sua resolução de se isolar e raramente o incommodava. Homem intelligente e activo fizera tudo quanto pudera n'aquellas circumstancias adversas para sustentar o nome da casa. Conseguiu-o, defendendo a enorme fortuna accumulada, porém comprehendia que o cerebro dirigente cessara de pensar; que o genio creador já não impulsionava o seu trabalho, e o honrado gerente afizera-se já a idea de que melhor era ir liquidando tudo, conservando apenas o fructo dos annos volvidos. Pelo seu lado, Dudley tomara aquella resolução suprema. O que lhe podia agora dar o dinheiro? Poderia acaso illuminar-lhe as sombras do seu espirito e mostrar-lhe a verdade occulta? Poderia livral-o do tormento e da duvida? Elle trocaria toda a sua fortuna pelo dia da propria absolvição a qual só lhe podia vir do conhecimento verdadeiro da morte de Hermione.

— Um telegramma de Cambridge, do sr. Romer, notou-lhe o criado quando entrou. Como vinha com resposta paga, mandei dizer «Escrevo». Pensei que quereria isto, senhor.

Deitando para um canto o seu chapéo de feltro, Dudley puxou uma cadeira para perto do fogo e encheu elle proprio uma chicara de chá.

— O rapaz quer dinheiro, supponho — commentou. Difficilmente se incommodaria a escrever-me, se não fosse isso.

Courvoisier deu corda a um candieiro e, como homem recto, que affectava ser, tentou fazer justiça ao procedimento do sobrinho de Dudley.

— Ha muitas mais cartas d'elle lá em cima — disse serenamente — mandadas de Park Lane para onde eram dirigidas.

A physionomia de Dudley perdeu a expressão de dureza. Esquecera-se, durante estes mezes de exilio, d'aquelle bello e risonho rapaz; porém recordava-se agora d'elle, da sua attrahente jovialidade, do seu bom senso, do seu pensar varonil, da sua bella presença de estudante de Cambridge.

— Hei de escrever amanhã — disse com voz bondosa; — lembra-me Courvoisier. Ha mais alguma cousa de interesse?

Miss Mary avisa que lhe manda algum dôce feito em casa. Está em Chrislehurst com as suas amigas, senhor.

— Póde ficar por lá! — disse Dudley, atiçando o lume impacientemente, e em seguida perguntou:

— O sr. Macalister escreveu hoje?

— Aqui está um telegramma, senhor.

Dudley pegou no papel amarello e leu duas vezes o conteudo antes que o podesse decifrar. Dizia respeito ao Great Southern Railway, cujos destinos o haviam interessado tão largamente. O que succederia agora ao Great Southern? Macalister dizia que as acções tinham descido dois pontos n'aquelle dia. Dudley arremessou desesperadamente para dentro do fogão o telegramma.

— Ainda hão-de descer muitas vezes dois — pensou elle. — E' só isso? Courvoisier. E na aldêa, nada de novo?

Estendendo uma toalha branca sobre a mesa de jantar, Courvoisier mostrou com um gesto de desdem a aldêa de S. Vestall.

— Aqui não tem havido nada de novo desde o principio do mundo. Tenho pobres companheiros na hospedaria, asseguro-lhe senhor; simples tagarellices e ordinarias até mais não ser!

Dudley aconchegava uma almofada atrás das costas, ao mesmo tempo que se sorria da noção de vulgaridade do seu criado.

— Estava pensando em Rhoderick Garth — suggestionou, interrogando-o; cada vez mais mysterioso, não é assim?

— Oh, sim, é d'elle que se falla, senhor. O sr. Garth com certeza é aqui uma pessoa muito celebre. Havia de ouvir quanto se falla d'elle lá em baixo, no *Blue Dragon*; e não admira tambem, visto a maneira como elle lhes desenferruja as linguas.

— O que queres significar com isso, Courvoisier?

O criado arrumava sobre o aparador

improvisado os talheres de prata, e reflectia no que deveria responder.

— Bem, senhor, é ultra-delicado fallar n'este assumpto. Uns obteem o seu *brandy* barato demais e outros poderiam tel-o mais caro. Eu por mim apenas sei que é bom *brandy*, um regular *fine champagne* — e não demasiado caro, quando se sabe onde obtel-o!

— E tu és conhecedor, hein, Courvoisier?

— Sim, senhor, realmente conheço um copo de bom *brandy*, quando o provo, e desculpe-me a liberdade, mas comprei uma garrafa para seu uso particular.

Dudley ha muito tempo não ouvira cousa tão divertida.

— O que! — exclamou — queres fazer de mim um contrabandista?

— De forma alguma, senhor: está comprado e pago, pósso assegurar-lhe. E ainda ha mais algum para se obter de onde este veiu. O fisco é muito severo com esta pobre gente pescadora, senhor.

— Mas o sr. Garth não é um pobre pescador; é um magistrado, sabes.

— E' verdade, senhor; e o irmão d'elle, que morreu no mez passado, era official do fisco aqui. Eu nada affirmo, nem suspeito. O povo é que faz os seus commentarios.

— Então na aldêa, acaso, realmente suggerem que Garth é contrabandista?

— Oh, não! Não é isso, senhor. A aldêa recebe o que póde e agradece. Mas o senhor vê, o velho castello é um lugar escuro. Os rochedos estão cheios de adegas, segundo contam, e o finado sr. Garth era muito amante de vinho do Porto, como a predilecção do irmão vivo parece ser a de *brandy* velho. Se um pobre pescador chegava aqui da França, com uma garrafa ou duas, ou talvez um pequeno barril, é natural que fosse procurar o fiscal do districto? Tenho ouvido dizer que o sr. Garth tem feito excellente negocio em *brandy* n'estes ultimos cinco annos.

— Sendo o irmão d'elle official do fisco, e elle magistrado! E' uma felicidade vivermos n'um paiz livre, Courvoisier!

Courvoisier abanou a cabeça.

— Não tão livre, peço perdão senhor, como se lhe afigura. O novo official é da sociedade de Temperança, dizem-me, e nada delicado. Todos nós temos as nossas afflicções e supponho que o sr. Garth tem as suas. Dizem lá em baixo, na aldêa, que ha mandado de captura contra elle. Espero que não seja verdade, senhor, realmente desejo que não seja. Não ha *brandy* assim em parte alguma n'estas immediações, segundo dizem os melhores entendidos.

...seu amo podia ser observado.

— E o vendedor em caminho para a prisão? E' isso que queres significar Courvoisier?

— Em verdade, senhor, espero que não. O

sr. Garth é um cavalheiro e teria muita pena que a infelicidade o surprehendesse. E a menina, Beryl — por cousa alguma desejaria que tal succedesse!

Dudley ficou silencioso com a lembrança da pequena Beryl. — Sim disse comsigo — são sempre as creanças que pagam, n'estes casos. De resto deu pequena importancia á historia. Era bem possivel que, pensou elle, muitos pequenos barris de *brandy* viessem para terra sem pagar direitos n'aquella costa solitaria; mas que um magistrado e lord de feudo se utilizasse da sua casa para uma fraude systematica, parecia-lhe invenção digna de S. Vestall. Rhoderich Garth devia ser bastante intelligente para saber esquivar-se á lei. A pequena Beryl continuaria a viver no sombrio castello aprumado sobre o mar, e elle, Dudley — quem sabe onde?

© © ©

Dudley fez rigorosa *toilette* para jantar e ás nove Courvoisier retirou-se para a hospedaria. Mesmo ali, na deserta Cornish, os velhos habitos de civilização eram ainda respeitados.

A sua riqueza fornecia-lhe diariamente os confortos da existencia. Ali, n'aquella noute, sobre a mesa estavam castiçaes de prata, vidros de Veneza raros, vinho de historicas vindimas e charutos que nem todos logram fumar. Elle acceitava estas cousas como materia corrente, sem reflectir no zelo previdente de Courvoisier, que lh'as proporcionava.

Todavia Courvoisier tinha ainda outras occupações de que Dudley não suspeitava. Tão depressa sahiu de casa n'aquella noute, bateu com violencia propositada a porta do jardim e cauteloso voltou para trás para espreitar através da dobra que fizera expressamente na cortina da janella. Por muito tempo se conservou ali, em pé na profunda escuridão da noute. Todo o acto, todo o movimento feito por seu amo podia ser observado. Quanto daria elle para saber em que estava pensando o homem silencioso! No entanto Dudley permanecia impenetravel. Nunca tinha a minima expansão com elle. Uma hora, pelo menos, nem sequer se moveu da cadeira, nem olhou uma unica vez para a janella. Quando, finalmente, se levantou e começou de apagar as luzes uma a uma, lia-se-lhe no rosto uma amargura intima e, Courvoisier retirou-se, murmurando:

— Está ainda sonhando. Bem, deixemol-o sonhar! Vale uma fortuna para mim!

Dudley, em verdade, estava sonhando, e o seu criado, talvez fosse o unico homem no mundo que lesse aquelles sonhos acertadamente. Ali, no silencio da noute, cortado apênas pelas rajadas dolorosas do vento, homens e cidades bem distantes, pensava que ninguem o observava, e vivia outra vez na mente a grande tragedia da sua vida. Nada podia apagar aquella visão, nenhuma força a podia destruir. Lutava pela verdade que perdera; mas a verdade fugia-lhe sempre, intangivel, na fluidez da duvida. E as visões andavam em volta d'elle sempre. Ellas reproduziam-lhe o passado, obrigavam-n'o a revivel-o, abafavam os seus gritos d'alma, punham-lhe mão de ferro sobre o coração, transportavam-n'o outra vez para a noute do dia em que Oliver Chaplain o avisara de que estava imminente o fim da sua ambição — tudo tentado, tudo perdido na cubiça do ouro. Todas as minudencias da noute terrivel comprimiam o seu cerebro allucinado. Recordava-se como jantára no *club*, como voltara a casa e quizera fallar com Hermione—o amor que o animava, a sympathia que implorava. Os momentos d'aquella scena occorriam-lhe um a um; mas o fim?! O final impenetravel? Via apenas Hermione estendida morta no chão, defronte d'elle. Uma vez mais se ajoelhava e beijava aquelles labios que nunca mais lhe haviam de responder. Uma vez mais gritou apaixonadamente — Hermione porque não me fallas? — Recordava-se como os criados tinham vindo ao quarto, e ouvira vozes a segredar... Porque teria ella morrido assim, inesperadamente? A suffocação da angina do coração? Mas a pisadura do hombro? Teria elle contribuido para a morte? Quem sabe, teria sido um assassino?

Dudley tremia convulso; inclinou-se sobre o fogo, que crepitava, unico ponto luminoso do quarto. A figura de sua mulher morta estava de pé ao lado d'elle bem distincta; diligenciou fallar-lhe, mas os labios não puderam articular palavra. Tocou-lhe na mão, fria como o marmore. Porém os olhos, que em vida nada lhe diziam, não o arguiam agora que estava morta. Parecia-lhe que olhavam para elle com amor, como elle a conhecera em annos esquecidos. Quanto desejaria attrahir a si aquella figura, incoercivel e apertal-a bem junto, contra o peito, que Hermione lhe podesse dizer: «Tu não és culpado;» mas continuava immovel sob a fascinação, sem poder sacudir o torpor invencivel.

Quando afinal, n'um supremo esforço chamou a si a razão e se ergueu de repente, a visão desvanecera-se suavemente, na sombra do quarto como viera. E o fogo tinha ardido a ficar em cinzas; a noute era longa ainda, e o vento do mar, em rajadas intermittentes, roçava com azas de ave sinistra, os vidros da janella.

(Continua)

Adaptado do inglez, segundo MAX PEMBERTON

MODAS

Com a mudança de estação voltam a occupar as *vitrines*, as prateleiras e os armarios das grandes casas de modas e novidades as fazendas de inverno, pannos de acabamento *acheviotado* e casimiras, as sedas fortes, os velludos e as pelles. Apesar da extrema variedade das modas, é sempre limitado o campo dos seus caprichos; de longos annos que se attingiu nos tecidos, restrictos á lã, á seda, ao algodão e ao linho, a mais variada e inexcedivel complexidade de desenhos e de combinações, de sorte que a moda é propriamente o predominio temporario e ephemero d'um d'aquelles desenhos ou d'uma d'aquellas combinações que vão sendo percorridas em estações successivas e voltam por seu turno a ser novamente adoptadas. Tudo no mundo obedece a esta lei geral de oscillação rythmica, de repetição synchronica, como o fluxo e o refluxo do mar.

Para as fazendas de inverno, a tecelagem produziu este anno os mesmos tecidos conhecidos, em liso, em mescla, e em riscado. A moda opta por estes ultimos e procura n'elles as variedades mais simples, o xadrez branco e preto ou branco e azul, o riscado phantasioso de cruzetas multicores, miudas e pouco salientes á vista, para confeccionar os vestuarios genero *tailleur*, que é aquelle que mais predomina n'esta estação, em *toilettes* de rua, logicamente escolhido, o que nem sempre succede em modas, tanto mais que parece affirmar-se, ainda que não muito generalizado, o uso das saias curtas, moderadamente é claro, redondas em baixo, mantidas em elegante rodado pelo emprego de saias de baixo fortes com largos folhos de seda. Era para louvar a generalização dos vestidos de comprimento moderado, sem cauda e sem tocar no chão; seria uma conquista da hygiene, ainda que conseguida por motivo bem diverso, pois a razão principal que tem determinado o córte curto dos mais recentes modelos é a adopção de *toilettes* apropriadas ao automovel, meio de conducção bem differente do commodo e luxuoso recosto das commodas victorias e dos coupés agasalhados.

Assim pois, se os tecidos fabricados em riscas parecem obter agora a preferencia em contraposição aos tecidos lisos ou mesclados com pintas, que ultimamente se usaram, as côres claras tambem foram substituidas pelos tons escuros, caracterizando a moda o tom *castor*, embora os cinzentos de numerosas cambiantes tenham obtido nos grandes centros uma intensa procura. Porém, como a variedade de coloração de tecidos é bastante ampla nos mostruarios modernos, o gosto de cada elegante póde ser satisfeito com facilidade, e tanto mais que na escolha do tom do vestuario vae uma grande

demonstração do saber ser bella, o supremo artificio feminino.

Passando dos *draps* ás sedas, convém notar que as fortes sedas lavradas recebem um acolhimento muito favoravel, prestando-se á confecção dos corpos e dos casacos que substituem os *boleros* e as *blouses*, podendo melhor ajustar-se ao córte e á simplicidade dos enfeites, visto que os galões estão abandonados, as ornamentações de passamaneria menos utilizadas, e todo o requinte de ornato luxuoso se resume actualmente no emprego de botões, como na composição de *toilettes* com velludos e guarnições de pelles. Os modelos que acompanham este artigo dão uma indicação geral dos córtes mais usados.

Mostra a nossa primeira illustração um vestido com saia lisa, forrada, e um casaco com abas. O casaco é ajustado nas costas, apertado na cintura, levemente apanhado na frente, o reverso da frente aberto sufficientemente, para mostrar a guarnição de seda branca lavrada e matizada. Se o tempo estiver todavia frio, estas frentes podem ser acolchetadas ou abotoadas com alamares de seda. O enfeite consiste em tiras lizas de velludo preto, cortadas em angulo nas extremidades e acabadas com ornatos ou borlas de seda e botões. As abas que fecham completamente na frente, ajuntam-se tambem nas costas n'uma prega em reverso, forrada de seda.

Esta segunda illustração apresenta um elegante modelo que pode ser confeccionado em velludo com enfeites de seda e medalhões de renda italiana, ou em fazenda de inverno com as tiras de enfeite em velludo e os mesmos medalhões. Empregando-se flanellas, é melhor conservar os enfeites da mesma fazenda, sobretudo se o desenho fôr em riscas.

Uma blusa-camiza que apresenta um aspecto muito distincto com os seus enfeites de renda irlandeza, botões e tiras debruadas da propria fazenda, ou de seda, se a blusa é de velludo; as costas com costura e as frentes ajustadas, sendo abotoada debaixo da prega larga no centro da frente. Dispõem-se pregas nas costas, onde os apanhados na cintura as fazem rematar para o centro como na frente. Uma banda estreita e uma gola direita fecham no pescoço e o peitilho em Pompadour é ornamental, mas não é essencial. As mangas largas completam-se com punhos largos. O cinto é de couro.

Esta forma de blusa-camisa confecciona-se tambem em *peau de soie*, setim Liberty, *voile*, algumas fazendas d'algodão. As novas flanellas de riscados e de cruzetas de que fallamos são extremamente proprias para este desenho. A saia que tem sete gommos completa o modelo com o mesmo enfeite de longas tiras, arrematadas pelos medalhões de renda e pelas borlas, e tapando as costuras das nesgas da saia. As pregas que terminam a saia produzem bonito effeito.

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

Acontecimentos politicos e sociaes

JULHO. **10** — *Estados Unidos* — Uma nota official communica aos jornaes a noticia que a esquadra americana estacionará na Europa e a que sahiu de Lisboa vae cruzar provavelmente no Mediterraneo até dezembro e depois irá ás Antilhas. — *França* — N'um banquete em Marselha, o sr. Combes, presidente do actual gabinete, declara que o governo triumphára de todas as contrariedades, justificando a maneira porque fez cumprir e applicar a lei relativa ás congregações religiosas e especialmente a forma por que sabe repellir os pedidos de auctorização para clausura nos estabelecimentos de ensino. Accrescenta mais, que acceitára o poder com a condição expressa de que subsistirá a união do governo com a maioria. — *Inglaterra.* — O sr. Arthur Balfour, primeiro ministro, fallando em Londres dos disturbios na Macedonia, declara que o dever da Europa é secundar a Russia e a Austria no intuito de restabelecer o socego, e que a Inglaterra já representou á Turquia para que reprima os excessos revolucionarios.

12 *Hespanha* — Continuam em Barcelona as desordens entre a força publica e grevistas. Um grupo d'estes tenta libertar um operario preso, a policia vê-se obrigada a dar-lhe uma valente carga. — *Turquia* — Rebenta uma insurreição no *Vilayet*, de Andrinopla.

13 *Austria* — Chega a Marienbad o rei Eduardo da Gran-Bretanha. — *Russia* — E' publicado em S. Petersburgo um «ukase« ordenando a formação do novo governo do Amour no districto de Ku-An-Tun, e nomeando governador do extremo-oriente o almirante Alexeieff.

14 *America do Sul* — Descobre-se em Santo Domingos um trama contra o presidente da republica, effectuando-se numerosas prisões. — *Hespanha* — Tem-se aggravado em Barcelona a greve dos pedreiros, receando-se que a elles se aggreguem operarios de outras industrias.

15 *Portugal* — Sua Magestade a rainha D. Maria Pia parte para Lagos acompanhada pelas pessoas de sua comitiva, afim de assistir ás manobras das esquadras inglezas. — *Bulgaria* — Aggrava-se cada vez mais a insurreição na Macedonia. Em Boris e Saratof, proclama-se já a independencia, nomeando-se um governo provisorio. Os turcos agitam-se e fazem reuniões nas mesquitas. Affirma-se que os turcos estão resolvidos a assassinar o consul da Austria em Salonica. — *Servia* — Continuam as prisões em Belgrado dos implicados na conspiração contra o rei Pedro da Servia, que recebe diariamente cartas anonymas ameaçadoras. O sr. Avakoumovitch reconstitue o gabinete. — *Russia* — O *Mensageiro Official* annuncia que irá ás aguas turcas uma divisão da esquadra do Mar Negro.

17 *Portugal* — Em Lagos larga a esquadra ingleza para a costa, sendo previamente dividida em duas, uma que se dirige para leste e outra para oeste a ganhar a mesma distancia. O thema do exercicio é a defesa da bahia de Lagos e por isso logo que alcancem as distancias marcadas começa o exercicio, dando-se o combate nas alturas da Piedade. Os torpedeiros entram n'este exercicio, regressando depois as esquadras ao seu ancoradouro. — *Hespanha* — A ordem dada pelo governador da Corunha prohibindo os reclusos de Parrida de tomarem parte nos comicios está de accordo com o procedimento francez prohibindo o «meeting» organizado em Lerroux. — *França* — Realiza-se em Paris a abertura dos conselhos geraes. Na maior parte d'elles são reeleitas as antigas mesas. O sr. Combes é reeleito presidente por unanimidade. Os srs. Jonnart e Méline e os ministros Vallé, Maruéjols e Trouillet são tambem reeleitos presidentes. O sr. Cavaignac não é reeleito. — *Columbia* — O senado columbiano regeita o tratado relativo ao canal inter-oceanico de Panamá.

17 *Turquia* — Tendo 3 batalhões turcos atacado uns 1000 insurrectos perto de Monastir, são repellidos depois de 6 horas de combate em que perdem 200 homens.

19 *Hespanha* — A viagem do rei Affonso

xiii estender-se-ha a Estella, Logroño, Huesca, Jaca, Zaragoza, Soria, e Valladolid regressando a Madrid em 17 de setembro.

20 *China* — Dá-se um levantamento geral das provincias chinezas. — *Turquia.* — O embaixador da Russia na Turquia, apresenta á Sublime Porta, um *ultimatum*, pedindo que a gendarmeria turca fique subordinada aos officiaes europeus; que os consules estrangeiros tenham attribuições na administração turca da Macedonia; e que se dê a liberdade a muitos prisioneiros bulgaros. — *Grecia* — Os consules communicam de Rouchew, que a egreja e a escola gregas são violadas lançando-se fogo a 322 casas de subditos gregos havendo muitos mortos. O governo pede a intervenção das potencias.

21 *Turquia* — Affirma-se que a Russia, Austria e Italia chegam a um accordo relativamente á occupação da Macedonia. Que esse accordo cifra-se no seguinte: que a Russia occupará os Dardanellos e a região contigua. A Italia a Albania, e a Austria a Salonica até á fronteira. Que esta occupação será provisoria emquanto a Turquia não implantar as reformas que promette. — *Japão* — De Tokio dizem que se aggrava o conflicto russo-japonez, procedendo a primeira d'estas potencias de accordo com as potencias europeas

22 *Hespanha* — O conselho de ministros approva as modificações do tratado commercial entre a Hespanha e Noruega.

23 *Turquia* — Em consequencia da satisfação dada pela Sublime Porta á Russia, a esquadra russa retira-se das aguas turcas.

24 *Hespanha* — Em Elche a greve dos alpercateiros degenera em luta entre os socialistas e não socialistas. A autoridade intervem afim de evitar a alteração da ordem publica. Os socialistas asturianos colligam-se com os republicanos afim de lutar nas futuras eleições. O conselho de guerra em Carthagena condemna á morte o condestavel que matou um commandante de artilharia. — *Portugal* — Levantam ferro de Lagos os restantes navios da esquadra ingleza do Mediterraneo, seguindo para Gibraltar.

25 *Hespanha* — O rei Affonso assigna decretos relativos a 40 obras publicas. *Turquia.* — Eumer Rustedipacha é exonerado de commandante em chefe das tropas turcas na Macedonia e substituido pelo marechal Ibrahim pacha.

27 *Portugal* — A esquadra ingleza do almirante Wilson entra no Tejo, fundeando no habitual ancoradouro dos navios inglezes, em duas extensas linhas, desde a Rocha do Conde de Obidos até quasi defronte do Bom Successo. Vem agradecer em nome do governo inglez a recepção que o rei de Portugal e o seu governo fez ás esquadras e as facilidades que concedeu aproveitando os portos portuguezes para realização das manobras. — *França* — São expulsos do seu convento em Sables d'Olonne os frades redemptoristas.

28 *Marrocos* — Os rebeldes batem as tropas marroquinas proximo de Tazza, inflingindo-lhe grandes perdas — *Turquia* — A situação do «vilayet» de Andrinopla continua a preoccupar vivamente a Sublime Porta. O numero de insurrectos é calculado em seis mil.

29 — *Portugal* — Levantam ferro em direcção á barra do Tejo em Lisboa os navios da esquadra ingleza. Nas duas margens muitos milhares de pessoas assistem á partida dos vinte e dois colossos maritimos — *Hespanha* — Telegrammas recebidos das estações de transito dizem que a viagem do rei Affonso tem sido enthusiastica de vivas acclamações *Turquia* — Um destacamento de tropas turcas ao passar por diante do consulado austriaco em Uskub dá uma descarga de fusilaria sobre o edificio não ferindo ninguem — *Italia* — O Papa Pio x recebe com o ceremonial solemne do estylo o embaixador de Portugal junto do Vaticano, que lhe entrega as suas credenciaes.

30 — *Russia* — Um «ukase» imperial nomeia Witte presidente do conselho de ministros; Pleske, director do Banco do Imperio, succede a Witte na pasta da fazenda.

31 — *Hespanha* — O governo concerta com o Banco Hypothecario uma operação de cinco milhões de pesetas para as despezas a fazer com o pagamento aos repatriados — Estão em grève os praticantes de pharmacia — *Austria* — No jantar de gala dado hoje no Hofburg ao rei Eduardo da Gran Bretanha o imperador Francisco José celebra as relações intimas que existem entre os dois soberanos e os dois povos; diz ter a firme esperança de que taes relações continuem sempre; e termina exclamando: «Viva o rei Eduardo!» O rei Eduardo nomeia o imperador Francisco José «field-marechal» dos exercitos inglezes.

Setembro. — **1** — *Turquia* — A situação continua sendo critica. Proseguem a mobilização das tropas, e as requisições de cavallos para transportes militares. — Dizem informações officiaes turcas que nos recentes combates de Smolovo, Neveska e Kliseuva são mortos mil e quinhentos bulgaros.

2 — *Estados-Unidos* — É preso em casa do presidente Roosevelt um individuo armado de revolver, parecendo um doido furioso que exige ter uma entrevista com o presidente da republica.

4 — *Austria* — De Vienna annuncia-se que as juntas revolucionarias macedonicas escreveram ao principe Fernando intimando-o a regressar a Sofia para se pôr á testa do movimento revolucionario ou a abdicar, e que o governo austriaco parece pensar n'uma mobilização militar. — *Italia* — Os carregadores do porto de Nice que se acham em grève, decidem n'uma reunião telegraphar a todos os portos do litoral de Genova, incluindo Marselha, para annunciar a greve e pedir a «boycottage» para os carregamentos destinados a Nice. — *Servia* — São presos em Nisch varios officiaes militares que n'uma proclamação redigida em tom sedicioso reclamam o castigo dos officiaes do exercito servio que tomaram parte na conspiração contra o rei Alexandre — *Inglaterra* — Regressa a Londres, da sua viagem á Austria, o rei Eduardo vii.

5 *Hollanda* — Lebaudy vae a Haya para so-

licitar uma decisão do tribunal de arbitragem com respeito á legitimidade da fundação do seu imperio do Sahara.

6 *França* — São supprimidos os honorarios ao bispo de Marselha, em consequencia da sua recente circular, atacando os poderes publicos. — *Turquia* — Os soldados bulgaros atacam a fronteira do «vilayet» de Andrinopla, mas são repellidos pelas tropas turcas. A situação permanece ameaçadora, continuando os grandes preparativos militares.

7 *Hespanha* — Os operarios do caminho de ferro do Meio Dia declaram-se em gréve, pelo facto da companhia não querer readmittir um operario. Os grevistas em numero de 6.000 reunem-se no theatro Barbieri. A junta directora da Sociedade Operaria é detida. — *Austria* — Realiza-se a abertura da conferencia da União inter-parlamentar na sala das sessões do «Reichsrat». O sr Plener, presidente, dá as boas vindas aos delegados estrangeiros e consigna o progresso da idéa da arbitragem internacional nos differentes paizes

9 *Inglaterra* — O rei Eduardo VII nomeia o rei de Portugal almirante da marinha ingleza.

10 *Turquia* — As autoridades militares aprisionam nas proximidades de Kircheva 119 revoltosos que são mandados para Monastir afim de serem julgados.

11 *França* — Quatro navios de guerra francezes sob o commando do almirante Jauréguibérry recebem ordem de estar promptos a partir para o Levante afim de proteger os seus nacionaes que residem na Macedonia.

13 *França* — O sr. Combes, presidente do conselho de ministros, assiste em Treguier á inauguração da estatua de Renan, visita a casa d'aquelle publicista e preside a um banquete de 2000 talheres. Durante o banquete os catholicos percorrem as ruas em columna compacta, armados com bengallas, gritando e assobiando. Chegados defronte da sala do banquete os manifestantes lançam-se sobre os republicanos, empurrando-os violentamente, sendo dispersados pelos gendarmes. — *Allemanha* — Abre se em Dresde o congresso socialista, sendo grande a affluencia de delegados. E' eleito presidente do congresso o sr. Singer.

15 *Turquia* — São assignados em Constantinopla os actos relativos á unificação da divida ottomana, e trocadas as competentes notas entre a Sublime Porta e o presidente da administração da divida. — *Grecia* — Reina viva agitação em Athenas a proposito das eleições municipaes, havendo ruidosas manifestações seguidas de rixas sangrentas.

❀ ❀ ❀

Acontecimentos mundanos, scientificos e artisticos

Agosto **10** — *Portugal* — Inaugura-se a exposição hippica na Real Tapada d'Ajuda em Lisboa. A installação é magnifica, sendo esplendidos alguns exemplares apresentados pelos creadores. Suas Magestades, el-rei D. Carlos e a rainha D. Amelia, assistem ao desfile do gado.—Faz-se a primeira experiencia de velocidade á nova canhoneira «Patria», navegando desde a sua amarração em frente do Arsenal, até Cascaes e cabo Espichel. O novo barco mostra possuir boas condições de estabilidade. Com as machinas a $^3/_4$ de potencia deita em media 15 milhas.

12 *Hespanha* — O conselho de ministros em Madrid delibera contribuir para o levantamento de uma estatua ao grande poeta Verdagner. — *Africa-Oriental* — Descobre-se um novo jazigo de carvão desde o rio Crocodillo até á fronteira da Swazilandia e encostado á nossa fronteira. A exploração d'esta mina e das minas de carvão da Swazilandia logo que esteja construido o novo caminho de ferro, agora em estudo, transformará o porto de Lourenço Marques n'um porto de abastecimento de carvão, o que muito concorrerá para o seu progredimento. *Africa-Occidental* — Está em construcção uma linha telegraphica, de S. Thomé aos Angolares. Mede 27 kilometros approximadamente.

15 *Portugal* — Realiza-se em Lisboa, no Jardim Zoologico a terceira ascensão no seu globo de mil metros cubicos mr. Carton, acompanhado do sr. Manuel José dos Santos, alferes de infanteria 16.—Realiza se em Leixões no Porto a «Regata-Leixões», perante numeroso concurso de povo e reinando a maior animação e enthusiasmo.

17 *Portugal* —Abre em Guimarães a escola movel agricola Maria Christina fundada pelo «Commercio do Porto».

22 *França* — Os réus Thereza e Frederico Humbert são condemnados a 5 annos de reclusão e 100 francos de multa, Emilia Daurignac a 2 annos de prisão e Romain a 3 annos.

23 *França* — Parte do Havre o vapor «Le Français» que leva a expedição Charcot ao pólo sul.

24 *Portugal* — Inauguram se os trabalhos do caminho de ferro da Regoa a Chaves. Juntam-se para cima de 20.000 pessoas. E' um espectaculo magestoso a passagem da ponte metallica que conduz ao local dos trabalhos.

25 *Hespanha* — Procedente de Lourdes chega a San Sebastian uma peregrinação de cerca de trezentos portuguezes, entre elles, alguns sacerdotes.—A rainha-mãe e a infanta Maria Thereza partem em direcção á Austria. — *Estados Unidos* — Na corrida da «America cup» o Reliance, americano, bateu o «Shamrock, inglez por 84 segundos. — *Italia* — Realizam-se em Roma os funeraes de Menotti Garibaldi com grande imponencia. No prestito encorporam-se Zanardelli e muitos ministros, officiaes militares, senadores, deputados, diversas associações com os seus estandartes e musicas. Os commerciantes fecham os estabelecimentos em signal de luto.

28 *Hespanha* — Inaugura se o concurso agricola em Placencia.

30 *Russia* — O hiate imperial «Alexandra» couraçado da esquadra Siava, é lançado ao mar na presença do tzar e da familia impe-

rial. — *Portugal* — Realiza-se a inauguração festiva da Escola de cegos do Porto, da qual é fundador o sr. Branco Rodrigues, distincto e incansavel professor d'esta especialidade.

Setembro **2** — *Bruxellas* — Abre seu congresso universal de hygiene e demographia, sob a presidencia do principe Alberto, estando presentes 500 delegados. São pronunciados varios discursos, entre os quaes se nota o do dr. Silva Carvalho, delegado de Portugal.

6 *Portugal* — Abre em Lisboa a exposição de horticultura, pomologia e alfaias agricolas. — *Allemanha* — Realizam-se as festas do Jubileu em Heidelberg pela numerosa população dos estudantes, professores, representantes de fóra e militares.

7 *Portugal* — Realizam-se em Lisboa, no Jardim Zoologico as corridas de bycicletes, tandens e motocycletes promovidas pelo «Touring Club de Portugal» sob o regulamento da «União Velocipedica Portugueza».

14 *Portugal* — Effectuam-se em Lisboa na bateria Rainha Maria Pia e forte Duque de Bragança experiencias com os poderosos holophotos para serviço d'aquellas obras de fortificação para defesa do Porto. — *Africa Oriental* — São creadas na Beira cinco estações de incendios, para no caso de fogo na povoação ou em navios surtos no porto, os soccorros serem prestados rapidamente. — *Portugal* — Chega a Lisboa o dr. Vasile Georgesco, o celebre «globe trotter», que anda percorrendo a Europa a pé, afim de ganhar uma aposta feita em Bucharest.

15 *Portugal* — Sua Magestade el-rei D. Carlos e o sr. infante D. Affonso chegam a Vianna para assistirem ás manobras militares — *Brazil* — E' inaugurado no Rio de Janeiro um sumptuoso edificio, que occupa uma superficie de 546 metros, tendo 18 de frente destinado á séde do Centro do commercio de café do Rio de Janeiro

Accidentes

Agosto **10** — *Portugal* — Dá-se em Lisboa n'uma estancia de madeiras um pavoroso incendio indo communicar-se a uma fila de casas abarracadas pertencentes ao hospital do Desterro, correndo este grande risco de ser destruido pelo fogo. Houve dois desmoronamentos de que resultou ficarem feridos alguns bombeiros, e os prejuizos foram importantissimos. — *Italia* — Sente-se em Napoles, Catania e em quasi toda a Sicilia oriental, abalos de terra. Ha grande panico e alguns estragos. — *França* — Rebenta em Paris um horroroso incendio na linha do Metropolitano, ao bairro de Menilmontant. Ha numerosas victimas, que na sua maior parte são operarios. No necroterio são depositados 84 cadaveres. Dão-se scenas deveras lancinantes de varias pessoas ao reconhecer entre aquelles despojos mortaes, paes, maridos, parentes, etc.

12 *Estados-Unidos* — Um cyclone devasta a cidade de Port Antonio, destruindo predios de casas e egrejas, e fazendo numerosas victimas. Um cyclone devasta tambem as pequenas Antilhas, cahindo sobre a ilha de Cuba, destruindo os telhados de muitas casas. Em Santiago estão sem abrigo 4.000 pessoas.

13 *America do Sul* — Dão-se em Buenos Ayres violentos tremores de terra. Em Mendosa cahe a torre de S. Francisco e ficam numerosas casas destruidas.

16 *Turquia* — Entre Selenikovo e Kopril, na linha ferrea de Nekub a Salonica rebenta uma bomba explosiva á passagem d'um comboio militar, matando um soldado e ferindo muitos outros. *Allemanha* — No decurso das manobras em Helgoland um barco torpedeiro abalroou com o couraçado «Kaiser Frederik III», matando um marinheiro. O torpedeiro soffreu taes avarias que foi logo retirado do serviço.

18 *Hespanha* — E' descoberto um roubo de 50.000 pesetas nas officinas do caminho de ferro central, em Aragão O director está detido para averiguações. — *Russia* — O tombadilho superior d'um navio que levava peregrinos de Helsnigfors, desaba com o peso d'elles, sendo os passageiros precipitados ao mar, ou sobre os passageiros do convés inferior, ficando mortos 30 e feridos muitos outros.

20 *Hespanha* — N'uma fabrica de electricidade em Valladolid, dá-se uma explosão, devida á alta pressão das caldeiras. Ha apenas um ferido ficando a cidade ás escuras.

24 *Hungria* — Dá-se em Buda-Pest um grande incendio nos armazens Goldberg, e o fogo atea se nos predios vizinhos, reinando grande angustia, não tendo os empregados do estabelecimento tempo de fugir, perecendo muitos. — *Allemanha* — Manifesta-se em Gorze 19 casos de typho, mas até agora não ha nenhum obito.

26 *Italia* — O Vesuvio reabre a cratera situada a 1100 metros de altura que desde 1895 estava fechada. Uma enorme torrente de lava percorre primeiramente uma extensão de 400 metros e continuando depois a sua marcha na razão de 200 metros por hora.

28 *Turquia* — E' arremessada uma bomba de dynamite sobre um comboio em Constantinopla, momentos depois de parar na estação; attinge o wagon onde estão installados o restaurante e cozinha, que faz em estilhaços bem como os tres wagons contiguos. Ficam cinco pessoas gravemente feridas entre ellas duas mulheres turcas. No numero dos mortos conta-se o cozinheiro e um rapazito seu ajudante. São presos como suppostos autores do attentado tres empregados do caminho de ferro e um individuo estranho. — *Hespanha* — A fabrica de rendas de Olol é destruida por um terrivel incendio. O edificio é totalmente arruinado, e ficam sem trabalho 200 operarios — *Italia* — Dá-se em Udine uma violenta colisão entre um comboio de tropas e outro de mercadorias, entre as estações de Passian Schiavonesco e Codroipo, havendo muitos homens mortos.

Setembro **1** — *Hespanha* — Dá-se um incendio na fabrica a vapor Tarrasense em Madrid

O edificio fica destruido, e muitos operarios estão sem trabalho.

5 *Argelia* — Para as bandas de Elmougar é atacado um comboio por uma quadrilha de salteadores, que roubam 1.026 camelos. No decurso do ataque ficam mortos das forças francezas 1 capitão, 1 tenente e varios officiaes inferiores e soldados e feridos muitos outros.

6 *França* — Dizem de Chamberg que a aldêa de Cabise foi completamente incendiada, sendo apenas salvas tres mulheres gravemente feridas.

7 *Hespanha* — Suicida se em Madrid a filha do celebre politico hespanhol Rio de las Rosas.

8 *Hespanha* — Desencadeia-se sobre a cidade de Jaen uma terrivel tempestade, cahindo muitos raios, destruindo um d'elles o altar-mór da egreja de Santa Maria.

9 *Servia* — Mais de 1.000 pessoas atacam em Belgrado os redactores do jornal «*Vesgerni Novosti*» que tem defendido a causa dos officiaes conspiradores em Nisch, quebrando á pedrada todos os vidros das janellas. Os redactores do jornal fazem fogo sobre os assaltantes, ferindo muitos d'elles.

11 *França* — Uma violentissima tempestade causa estragos em Dieppe, Cherbourg e Fécamp, faz naufragar algumas embarcações e põe outras em grande risco. — *Port Arthur* — Dão se 18 obitos de peste em Muchuang e 1 caso em Yokohama.

12 *Inglaterra* — Uma enorme tempestade n'este paiz causa perdas consideraveis. Alguns barcos de véla estão encalhados, achando-se o mar coberto de destroços. — *Allemanha* — Uma violentissima tempestade causa estragos consideraveis. Munich, Nurenberg e outras cidades estão devastadas — *França* — Dão-se casos de peste bubonica em Marselha.

13 *Hollanda* — O expresso de Amsterdam a Berlim descarrila na «gare» de Bameved, resultando ficarem feridas gravemente 3 pessoas e umas 15 ligeiramente.

14 *Portugal* — Sente-se em Lisboa e em muitos pontos do paiz um violento tremor de terra, mas de curtissima duração, causando grande susto.

NECROLOGIA

Agosto 10 — Julio da Silva Carvalho, no Funchal, 82 annos, o decano dos professores de instrucção primaria, ensinando desde os 24 annos, tendo portanto leccionado 58.

14 — General Joaquim Theotonio Cornelio da Silva, general de divisão reformado, em Lisboa, 76 annos. Exerceu importantes commissões de serviço publico.

14 — Condessa de Geraz de Lima, em Calhariz de Bemfica, Lisboa, dotada de excellentes dotes de coração.

19 — General de divisão Julio Carlos de Abreu e Sousa, em Belem, Lisboa, 64 annos de edade. O illustre finado era par do reino e foi por vezes deputado por Amares e por outros circulos. Foi militar distincto, cidadão honesto e chefe de familia exemplar.

22 — Rorert Arthur Talbot Gascoigne Cecil, 3.º marquez de Salisbury, em Londres, 73 annos. Par d'Inglaterra, chanceller da Universidade de Oxford, presidente do conselho, tendo então uma situação preponderante nos destinos do seu paiz; salientando-se pelo seu talento oratorio nas discussões mais importantes, conquistando uma influencia immensa e geral, affirmou os seus dotes de grande homem de Estado, tanto no governo do seu paiz, como na interferencia de politica internacional. Foi jornalista vigoroso, e chimico distincto.

29 — Conego Alves Matheus, em Santa Comba Dão, Portugal, formado em theologia, foi deputado ás côrtes em diversas legislaturas e finalmente elevado ao pariato. O dr. Alves Matheus foi tambem um orador sagrado de grande e merecida reputação.

29 - Conde de Taboeira, Dr. João Valente, em Dresde, abastado proprietario no Douro e no districto de Aveiro, tendo sido em tempo deputado ás côrtes, e antigo vice-presidente da direcção da Real Associação de Agricultura.

Setembro 1 — Marquez das Minas, D. Alexandre Maria da Silveira Lorena, em Loanda, pertencente a uma das mais antigas familias da nobreza do reino, digno par do reino, que ha annos dirigia a administração do caminho de ferro de Loanda a Ambaca.

1 — General Carlos Augusto Fontes Pereira de Mello, em Lisboa, sobrinho do illustre estadista Antonio Fontes Pereira de Mello.

5 — General de divisão João Eduardo Augusto Vieira, em Parede, arredores de Lisboa, 62 annos. um dos officiciaes mais illustrados e prestimosos do nosso exercito.

9 — João Baptista Borges, em Lisboa, 53 annos, jornalista, tendo sido socio fundador e redactor effectivo do *Diario de Noticias* onde prestou cooperação valiosissima e dedicação sem limites.

9 — Conde de Magalhães, em Cascaes, 83 annos, um dos vultos mais salientes da sociedade portugueza, par do reino, e antigo ministro da fazenda

14 — Reverte, o celebre toureiro, em Madrid, 30 annos.

THEATROS

Agosto 14 — Devagarinho, revista em 3 actos e 10 quadros, producção do sr. Penha Coutinho, com musica do maestro sr. Luiz Filgueiras (Theatro D. Amelia).

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarização sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'elle fazem agradavel entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilizaveis.

Revelador concentrado hydrogminone-métol-iconogène

Agua fervida	200 c. c.
Métol	4 »
Sulfito de soda cristallizado	50 gr.
Hydrogminone	5 »
Iconogène	3 »
Carbonato de soda	50 »
» de potassa	25 »

Emprega-se: tomando uma parte da solução de reserva por 4 partes de agua.

Revelador com hydrogminone em duas soluções

A — Agua fervida	500 c. c.
Sulfito de soda cristallizado	100 gr.
Hydrogminone	10 »
B — Agua	500 c. c.
Carbonato de soda	100 gr.

Preparam-se os banhos definitivos, deitando 10 c. c. da solução B em A e inversamente 10 c. c. de A em B.

Revelador de kinocyamine em solução unica

Dissolve-se em primeiro logar em um litro de agua fria fervida:

Sulfito de soda cristallizado	50 gr.
Carbonato de potassa	140 »
Soda caustica	1 »

Junte-se depois de completa dissolução:

Kinocyamine	10 gr.

Este banho é accentuadamente vermelho e conserva-se muito bem em frascos cheios hermeticamente fechados.

Revelador de acido pyrogallico

A — Agua fervida	500 c. c.
Sulfito de soda cristallizado	140 gr.
Brometo d'ammonia	2 »
Acido citrico	2 »

Dissolver a quente e filtrar sobre:

Acido pyrogallico	50 gr.
B — Agua fervida	500 c. c.
Carbonato de potassa	250 gr.
Sulfito de soda cristallizado	100 »

Estas duas soluções conservam-se durante bastantes mezes sem alteração sensivel.

Emprega-se: Deitando n'um copo 100 c. c. de agua e juntando-lhe 5 c. c. da solução A, em seguida 2 a 10 c. c. da solução B, segundo o que fôr necessario augmentar de actividade do banho para dar os detalhes nas partes menos impressionadas. O accelerador B junta-se á proporção que fôr necessario e em pequenas doses, havendo cuidado em activar o cliché da tina ou deitar o banho no copo para o addicionamento do alcali.

Para tirar as nodoas de acido pyrogallico dos tecidos

Empregue-se a seguinte solução:

Agua	100 c. c.
Bichromato de potassa	5 gr.
Acido sulfurico	10 »

Lavando em seguida o tecido com agua acidulada (vinagre, summo de limão) com sabão e em seguida em agua pura.

Verniz de benjoim

Uma solução de benjoim a 1/10 no alcool póde servir de verniz negativo; mas na maior parte das vezes junta-se-lhe outras rezinas que tornam a camada mais solida e menos pegajosa sob a influencia do calor.

O verniz seguinte, sobre o qual se póde retocar a lapis é um exemplo de quanto são uteis estes preparados:

Benjoim concentrado	5 gr.
Sandaraque	10 »
Alcool a 90°	100 »
Oleo de ricino	2 gotas

Dissolve-se em banho-maria por sua ordem; filtra-se e deixa-se descançar durante bastantes dias afim de decantar a parte clara para frasco definitivo.

PACIENCIAS

Esperança *(Jogo de 32 cartas)*

Escolhe-se em primeiro logar um naipe qualquer, *ouros*, por exemplo. Forma-se em seguida uma linha horizontal de 3 cartas e se n'ellas se encontrar uma ou mais de ouros põem se de parte. Forma se depois uma segunda linha de outras 3 cartas retirando sempre as de ouros, havendo-as, e juntam-se ás primeiras e assim successivamente formando até cinco linhas de 3 cartas ou quinze no total.

As vagas não se preenchem. Feita a operação para as primeiras 15 cartas, levantam-se e juntam se ás que ficaram em mão, baralham-se e repete se a mesma operação duas vezes mais.

Se depois de se terem passado as cartas tres vezes não ficar alguma de ouros na mão, considera-se a paciencia feita, isto é, ficando de fóra todas as oito cartas de ouros do jogo.

CONHECIMENTOS UTEIS

Papel odorifero—Para perfumar as casas ha o conhecido e vulgarizado *papel d'Armenia;* este e outro qualquer papel semelhante fabrica-se facilmente e por preço extremamente modico. Compra-se papel branco sem colla e molha-se n'uma solução saturada de nitrato de potassa. Deixa-se em seguida seccar e depois molha-se de novo na tintura odorifera cuja composição é a seguinte: — Benjoim, 100 gr.; essencia de rosas, 4 gr.; myrrha, 12 gr.; iris de Florença, 250 gr. e alcool, 300 gr. Esta tintura deve estar em maceração cerca d'um mez para depois ser empregada em molhar o papel.

* * *

Para tirar a ferrugem.— Nos objectos de ferro ou de aço, usa-se do seguinte processo que dá bons resultados. Começa-se por lhes tirar todo o vestigio de gordura com um panno bem secco, e depois esfrega-se o ponto atacado com uma escova embebida na solução que se prepara como segue: Dissolvem-se 100 gr. de chloreto de estanho n'um litro d'agua; deita-se em seguida esta solução n'uma outra, contendo 2,5 gr. de acido tartrico dissolvido em 1 litro d'agua e finalmente juntam-se-lhe 20 c.c. d'uma solução de anil, diluida em dois litros d'agua. Depois de deixar actuar o liquido durante alguns segundos, esfregue-se com panno e enxugue-se bem,

* * *

Conservação de cachos d'uvas— Limpar primeiramente os cachos de toda a uva que esteja maculada ou avariada, depois collocal-os sobre uma camada de serradura de cortiça e recobril-os da mesma para formar outra camada, e assim successivamente até encher o caixote que se fecha e se guarda em logar que não seja humido.

* * *

Para limpar marmores.— Empreguem-se 60 gr. de chloreto de cal n'um litro d'agua; lavem-se os marmores com esponja molhada n'esta solução e depois com agua pura. Para polir completamente passem-se os marmores com cera e agua-raz, esfregando-se com um pedaço de tapete.

PROBLEMAS

DAMAS

Está-se realizando em Londres um torneio n'este jogo, para decidir, quem ha de ficar o campeão no anno proximo. N'este certamen tomam parte os melhores jogadores da Inglaterra e da America que encarniçadamente disputam as honras do vencedor.

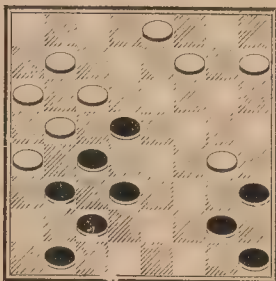
A seguir damos um jogo, segundo a formula portugueza, que deve interessar os amadores.

10–15	19–15	12–16	23–16	6–10	25–22	5–14	31–24	3–12
24–19	11–18	19–12	8–11	29–25	20–24	30–25	20–27	19–15
15–24	22–15	10–19	25–22	4– 8	22–18	16–20	23–19	10–19
28–19	7–10	27–23	11–20	26–23	11–16	25–22	27–31	17– 3
9–14	23–19	2– 7	22–17	8–11	18– 9	24–27	12– 8	Emp.

PROBLEMA V

Formula Portugueza

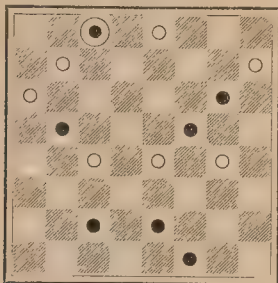
Por Ligia

Brancas em 2, 5, 6, 8, 11, 12, 16, 17, 20.

Pretas em 15, 19, 21, 23, 24, 25, 27, 29, 32.
Jogam as *pretas* e ganham.

PROBLEMA VI

Formula Portugueza

Por George Kellet — *Parada de Gonta*

Brancas em 2, 5, 8, 12, 17, 18, 19

Pretas em 9, 14, 16, 26, 27, 30. *Dama* em 3.
Jogam as *pretas* e ganham.

Resolução do problema III (No num. anterior)

Por Eduardo dos Santos

Brancas em 1, 2, 5, 9, 13, 15. *Dama* em 17.
Pretas em 11, 24, 26, 31.

Jogam *as pretas* e empatam:

31–27	31– 7	3–21	13–17	15– 1
17–31	19– 3	9–14	1–15	17–22
24–19	1– 6	21– 1	2– 6	Emp.

Resolução do problema IV

Por E. John

Brancas em 1, 3, 6, 8, 10, 12, 18.
Pretas em 16, 19, 21, 22, 25, 27, 31.

Jogam as *brancas* e ganham.

10–15	12–19	19–23	8–11	6–29
19–10	22–15	27–18	15– 8	ganh. *brancas*

Correspondencia

Resoluções recebidas. — Dos srs. Pinto Bastos, Luiz d'Araujo, Monteverde (Braga), Jardim (Coimbra), Lidgea (Lisboa), dr. Cortez (Vizeu), V. J. Harding, Cruz (Lisboa), Lopes (Braga), Correia (Parada), John (Lisboa).

Crux. — Devido á falta de espaço não publicamos o jogo que nos mandou: irá no nosso proximo numero.

T. M. P. — Acceitamos o repto. Com uma condição que quem perder dará 2:500 réis para os pobres. Como não podemos lá ir, jogaremos pelo correio: sendo nossa a sahida, por este correio segue o nosso primeiro lanço, ao qual deve responder pela volta do mesmo. Logo que o jogo se termine será publicado.

Advertencias. — Não esquecer que o taboleiro é numerado de 1 a 32, que a diagonal de pedras ao centro fica á mão direita do jogador, que a numeração principia da direita para a esquerda, que as *brancas* estão na parte superior e as *pretas* na inferior. *(Veja-se o n.º 20.)*

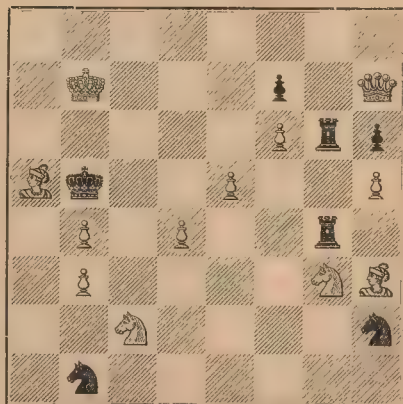
Os jogos, problemas, resoluções, etc., devem ser dirigidos ao nosso collaborador J S., de fórma que nos cheguem até 15 de cada mez para poder dar-lhe publicidade ou resposta.

J S.

Resolução do problema de xadrez do numero anterior

BRANCOS	PRETOS
1. C 2 R	1. Ra 2 C R ou Ra 3 B R
2. C toma Ra. xeque e mate	1. Ra 1 C R ou Ra 1 B R
2. C 6 B R xeque e mate	1. Ra toma C
2. P toma Ra faz B e mate	1. P 6 T R
2. T toma P e mate	1. P 6 B R
2. C 3 C R xeque e mate	1. P 5 R
2. C toma P 4 B R e mate	

XADREZ

Pretos (7 peças)

Brancos (12 peças)

Os brancos jogam e dão mate em dois lanços

REVISTA MENSAL
ILLUSTRADA

SUMMARIO

VOL. IV FEVEREIRO — 1904 NUM. 28

dministração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa Preço 200 réis

SUMMARIO

38 GRAVURAS

AVISO. — N'esta administração vendem-se pelo preço de 400 réis, cada uma, capas em percalina, propriedade dos Serões, segundo a lei, destinadas ao I, ao II e ao III volumes da Revista. Por cada encadernação, de que tambem se encarrega, acresce mais 100 réis, e nas remessas de volumes pelo correio acresce ainda 100 réis de porte.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar adiantadamente **uma serie de 12 numeros**, tendo n'este caso a reducção do preço a **2$200 réis,** o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra **terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas** poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por:

Series de	**3 numeros**	**600**
	6 numeros	**1$200**
	12 numeros	**2$200**

Para os paizes da **União Postal,** por **serie de 12 numeros** (pagamento adiantado), **3$000 réis**, moeda portugueza. Para o **Brazil** (moeda brazileira), **18$000 réis** por serie de 12 numeros, pagamento adiantado.—Numero avulso *1$500* réis (moeda brazileira).

Assigna-se em todas as livrarias do paiz, e em todas as estações postaes; vende-se avulso em todos os lugares do costume e na

Administração dos SERÕES, em Lisbôa, Calçada do Cabra, 7

Typ e impressão dos *Serões*, C. do Cabra, 7 Editor. Thomaz Rodrigues Mathias

Os **SERÕES** teem publicado os seguintes

MYSTERIOS DA HISTORIA

Narrativas dramaticas de casos, incompletamente sabidos, que deixam entrever enigmas crueis do coração humano, motivos de psychologia complexa que desenham caprichosos entrelaçamentos de paixões e de interesses.

Tragedia em Napoles (Joanna, rainha de Jerusalem e da Sicilia). — **Num. 2.**

O collar da Rainha (Maria Antonietta e o cardeal de Rohan). — **Num. 3.**

Tragicos destinos (Maria Stuart e David Rizzio). — **Num. 4.**

Predicção historica (Assassinio de Henrique IV). — **Num. 5.**

O cabaz de pecegos (Morte do papa Alexandre VI). — **Num. 6.**

Vingança de Rival (Filippe II de Hespanha e a morte de Escovedo). — **Num. 7.**

A torre de Londres (Jayme I de Inglaterra, e o conde de Somerset) **Num. 8.**

Tragica historia d'um csar (O aventureiro Demetrio). — **Num. 9.**

Romance d'um principe (Filippe II de Hespanha, e seu filho D. Carlos). — **Num. 10.**

Curiosa confissão d'um rei (Carlos IX e o assassinio de Coiigny). — **Num. 11.**

Fatal entrevista (A morte de Francisco Borgia, duque de Gandia). — **Num. 12.**

O serralheiro do rei (Luiz XVI e Gamain. — **Num. 14.**

Carlos Corrêa da Silva

RUA SERPA PINTO, 24 = LISBOA

DEPOSITO DE MACHINAS INDUSTRIAES

MOTORES A GAZ

CROSSLEY

TINTAS DE IMPRENSA

DE

CH. LORILLEUX & C.ª

Materiaes para typographia e lithographia

Le Tricot Russe

ELASTICO

Hygienico

E

Elegante

—Quem falla?...

—...............

—Se estou satisfeita com o **TRICOT RUSSE?**
Estou maravilhada e não usarei d'outro, fique certo.

REMY, BAULEY & C.ie, Troyes

Representante em Lisbôa, *Alfredo Ramos*, Rua da Conceição (vulgo dos Retrozeiros), 70, 2.º

A' venda em todas as casas de novidades.

PASTILHAS PERFUMADAS

MARCA «**SANO**»

FABRICO APERFEIÇOADO

Réis 180, cada caixa de seis pastilhas

Á VENDA SÓ NA

ANTIGA DROGARIA BARREIRA

105, RUA DE S. ROQUE, 107

LISBOA

MOBILIAS Vendem-se de salas, quartos e casas de jantar.

PREÇO BARATO

82, Rua Nova da Trindade, 82

TYPOGRAPHIA

EDUARDO ROZA

29, Rua da Magdalena, 31 (Em frente da Rua dos Bacalhoeiros)

Impressos para o commercio, bancos, companhias e associações. Preçcs os mais resumidos de Lisboa. Execução rapida é nitida.

Belle ferronnière — Quadro de Leonardo de Vinci (1483)
Suppõe-se ser o retrato de Lucrezia Crivelli, amante de Ludovic Sforza

SCHUT! SILENCIO! A MAMÃ DORME — Quadro de Goodman

Sua Excellencia

SE um dia eu tiver um neto, quem manda é elle. Tão certo...

Parece-me que já o estou vendo: uma deliciosa esculpturasinha toda feita de folhas de rosa, por mãos de fadas. Rosas na bocca, rosas nos pésinhos. E joias espalhadas: as unhitas, como opalas, o primeiro dente uma perola!

E nós todos, os paes, os avós, as tias, de volta d'elle, a admirar-lhe perfeições, sem illusões, conscienciosamente embasbacados, com exclamações de orgulho! Refêgos, covinhas, signaes, parecenças, havemos de cantar o repertorio todo e de espantar com o nosso canto os tentilhões e os melros.

S. Ex.ª logo de pequenino, ha de começar a ter historia, muito apontada, muito commentada. Quando, pela primeira vez, elle entreabrir os labiositos n'um sorriso, mostrando as gengives desdentadas, vai ser um dia de festa.

E a do primeiro dente? Essa então ha de ser falada! Parabens á mãe, parabens ao pae, e festas na barba ao pequeno, e «deixa ver» que até S. Ex.ª ha de fazer beicinho!

Então, com grande surpreza, uma vez, no rolar das syllabas hão de algumas apparecer formando sentido. É certo, e parece que toda a casa se illumina com aquelle primeiro raiosinho de intelligencia! E todos a rirem!... Vêm depois as grandes e solemnes coleras, as lagrimas nos olhos, os punhositos cerrados. E todos de cabeça vergada, á espera que passe o temporal!

Será um neto?... Será uma neta?

Uma pequenina...! Que ternura tamanha a primeira vez que ella descerrar os labios n'um beijo mal dado, bulhento, desgeitoso! O primeiro beijo d'uma neta!...

Como, enternecidos, lhe havemos de ir, a pouco e pouco, adivinhando instinctos a florescerem, pequeninos como miosotis, mas já perfumados como violetas! O amor á boneca, primeira luz n'um coração que ha de ser de mãe, e de avó, se Deus quizer! Que lindas coisas lhe diz em tatibitati, emquanto não a esfarrapa! Depois, que importa? Se não tiver boneca, para que lhe serve a mãe? Chama-lhe sua filha, velará por ella, e, vendo-a a dormir, sentar-se-ha muito devagarinho, com o dedito na bocca:

—Schut! Não façam bulha; a minha filhinha dorme!

*

Mas, ai de nós, que a mulher com seus defeitos não tardará a apparecer, defeitos muito grandes para que é preciso franzir auctoritariamente o sobr'olho e fazer uma cara muito feia. E, entretanto, como a pequenita será bonita com suas vaidadesinhas fingindo de mulher grande! Como se abaixará para que o vestido toque nos degráos quando descer a

Primeiro minuete — Quadro de S. Muschamp

escada, como saberá imitar os ademanes das visitas, abrir e fechar o leque e dizer disparates! Hão de os avós esconder-se para rirem e a propri a mãe criará remorsos, ensinando-lhe o minuete.

*

Decididamente, prefiro um neto. Dá outro orgulho á gente.

— Rapaz ou menina?

— Um rapaz.

Responde-se com a bocca cheia, e passa-se a mão pelo bigode, a disfarçar um sorriso de contentamento.

Um rapaz!

Deante d'elle, todos param na rua. Os cocheiros susteem os cavallos. E' um murmurio de admiração. Elle, todo embrulhado em rendas, segue tranquillo. Ha de ser um homem!

*

E toda a graça d'elle afinal é isto: ha de ser um homem! Faz pena que, um dia, n'aquellas faces macias e córadas, perfumadas como um fructo, uma ligeira sombra appareça, que ha de ser barba, talvez umas grandes barbas. Um dia, numero um para major, aquelle que ali vai encantando os olhares, ha de falar cheio de importancia, limpando a garganta do pigarro, atirando o monoculo ás damas que passam.

Deixal-o. Defeitos, que hão de ser, agora são qualidades. Gostamos de vel-o orgulhoso do seu desembaraço, firme nas pernitas, sonhando cavallarias.

Neto ou neta, que me importa? Quero a criancinha em casa, desde manhã alvoraçando agente, desafiando os passaros com seus gorgeios. Ainda a luz do dia não entrou no quarto e já ella palra a adivinhar o dia. A musica traz á vida dos velhos um ar de festa. Mais quente o coração aquece a velhice. De quando em quando, uma traquinade, um susto... E a criancinha impavida no meio dos cacos! Como a seiva trepa nas crianças!

Vão crescendo, vão-se-lhe os gostos revelando. Ha as de todos os generos, impulsivas e concentradas, poetas e philosophos, umas pacientes e acauteladas, outras de cabeça no ar, estoirando ao primeiro embate.

Aquella deu-lhe para ser artista; com um lapis na mão, agarrado como um punhal, poz-se, d'olho attento, lingua de fóra, riscando no papel traços que se enmaranham e em que ella vé, maravilhada, senhoras na sala de visitas, regimentos levando a banda á frente, com os clarins sonoros, os tambores, os pratos, quanto faça bulha. Se um dia apanha a palheta d'um pintor, temos coloridas e estragadas as gravuras d'um bom livro.

Sua Magestade, o Baby — Quadro de Arthur Drummond

Aquelle, mais crescidote, é artista n'outro genero: cultiva a arte Marialva. Desde que um dia foi aos toiros, sonha ovações na grande praça. E elle, a meio galope, todo ufano, erguendo alto o chapéo emplumado, saudando o publico!

O peor é que tudo lhe falta; mas a fantasie tudo supre. O ultimo meio tostão que lhe resta do passeio... Medita... Se ha de gastal-o no aluger d'um burro? Dito e feito. E, montando no gerico, dá largas á imaginação. O burro encosta-se ás paredes, rasga-lhe os calções nas silvas dos vallados, e elle julga que ladeia. São as cortesias; até já lhe parece ouvir o ecco dos applausos. Depois o sonho sobe, sobe mais alto: o burro ruço é um cavallo branco! Eil o general; a mandar uma batalha; commanda a carga os inimigos fogem derrotados! Como elle volta glorioso, n'um choutosinho prudente!

E, á noite, em casa, conta façanhas. O burro era levado do diabo, dava coices nas estrellas! As criadas velhas teem calafrios.

Que lindos sonhos á noite! E' um cavallo a galope pela alameda das olaias.

Se Deus me conceder uma neta, ha de a casa offerecer maior socego. Até o sol, no quarto de côres muito claras, entrará mais discreto. Ha de o berço ter cortinas muito espessas, para que a pequenina possa mais tempo sonhar com o céo d'onde veio, do qual o olhar mansinho ha de conservar, ainda por uns annos, um reflexo muito suave. E na voz tambem ha de haver eccos do que ella ouviu para além do azul, trechos de melodia que ainda traga no coração, como n'um buzio se encontram, applicando-lhe o ouvido, canções do mar onde nasceu. Quando ella dormir, o respirar sereno ha de ser como o adejo fresco das azas angelicas que a trouxeram á terra. Tão bonita, tão bonita, que até nos fará devoção!

Uma neta!...

UMA ARTISTA — QUADRO DE S. MUSCHAMP

O ULTIMO TOSTÃO. — QUADRO DE WEEKES

Mas se fôr um neto, a alegria será a mesma; talvez o sonho seja maior, de maior esplendor.

Um neto!... É que um olhar mais firme, um gesto de mais definido vigor, abre caminhos mais vastos, rasga futuros mais gloriosos. A aurora é mais viva, mais ardente em côres; tem mais oiro, mais esmeraldas, saphiras mais intensas, carbunculos de maior fogo. Cresceu, susteve-se mais cedo nas pernas; ao primeiro acto de energia que lhe revelou o musculo, ergueu altivo a cabecita. Ha de ser um homem!... Aquillo é que ha de ser rir, a primeira

vez que elle vestir calções e metter as mãos nas algibeiras, e o que todos disserem d'elle, e elle a pensar: — «Hei de ser um homem!»

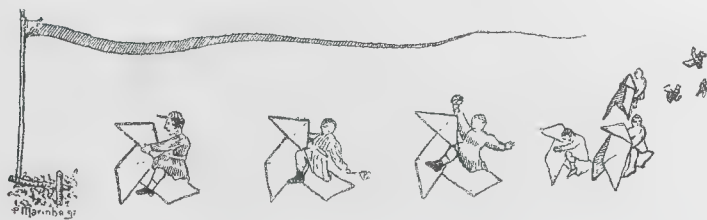
Nem sabe a gente o que mais deve desejar, forte d'homem que ha de ser energico Duvida a gente, que para um e outro se lhe vai o coração inteiro.

Em sonhos os vêmos, em sonhos que nos enchem de luz os primeiros cabellos brancos,

As primeiras calçotas — Quadro de Fred Morgan

se a pequenina toda meiguice, toda ella ainda a rescender perfumes, que das azas dos anjos lhe ficaram n'um pollen doirado, se o garoto d'olho vivo, a brilhar por entre os canudos cahidos sobre a testa, como uma estrella em céo negro, boquita entre seria e ironica, pulso em sonhos cujas imagens se movem, ora ao som d'umas harpas como não as ha na terra, ora aos hymnos festivos d'uma fanfarra doidamente alegre.

Não sabe a gente; mas decide: Quero um neto e quero uma neta!

D. João da Camara.

S. Petersburgo — A cathedral de Santo Isaac

Vinte dias na Russia

(impressões de uma primeira viagem)

Por Z. CONSIGLIERI PEDROZO

CAPITULO IV

A CAPITAL

Primeiras impressões da cidade. — Os «Izvochtchiks». — As ruas. —As praças e os jardins.— A architectura. — A perspectiva Nevsky.

Para o portuguez, especialmente para o lisboeta, que chega á capital da Russia, tendo feito a viagem por terra, é motivo de verdadeira alegria o encontrar depois de tão longa separação dois antigos conhecidos, de que nunca mais tornou a ter noticias emquanto andou pela Europa central.

Esses dois conhecidos que eu saudei com o alvoroço de quem já começa a soffrer da nostalgia de alguma cousa, que desde a infancia lhe era familiar, foram: o rio e a côr.

Pela primeira vez, com effeito, depois da minha saida de Portugal via eu um rio a valer, que me fazia lembrar o meu Tejo. Não que a Nevá possa precisamente comparar-se em largura, em volume d'agua e em magestade com o nosso bello estuario em frente de Lisboa. Mas com a sua vasta superficie, com a sua profundidade, com as suas aguas azues, limpidas, e com a linha de construcções grandiosas, que pela duas margens a fecham, é certo que a Nevá deixa uma impressão tanto mais duradoira quanto é unica para quem só conhece os pseudo-rios

da Europa. A' noite sobretudo, olhar de cima da ponte Troitsky ou da Dvortsovy para a illuminação da cidade, extendendo-se a perder de vista junto á flôr d'agua pelos differentes caes, de um e outro lado, é espectaculo que não se esquece facilmente. Póde mesmo dizer-se que, entre o Palacio d'Inverno e a fortaleza de S. Pedro e S. Paulo na margem opposta, a Nevá assume as proporções de um grande e bello rio.

Foi a primeira nota, que em S. Petersburgo me impressionou e me predispoz favoravelmente. Já podia matar saudades á vontade, sem necessitar recorrer a artificios de imaginação para converter em rios *por hypothese* essas ridiculas convenções de gabinete, verdadeiras ironias geographicas, que pomposamente se denominam nos mappas e nos compendios — Manzanares, Sena, Spree e *tutti e quanti.*

A segunda nota que me feriu, mal tinha percorrido pequena parte da cidade, foi a abundancia de côr, talvez mesmo abundancia de mais, o que dá por vezes nos differentes edificios, n'algumas ruas sobretudo, a apparencia de construcções de bazar. Não importa! Talvez effectivamente em S. Petersburgo se abuse um pouco d'este recurso decorativo, prejudicando em certos casos o caracter monumental das edificações. Mas para mim nascido na cidade da Europa onde a côr, realçada pelo brilho de um sol incomparavel, é o principal attractivo e a feição mais original, essa variedade de tons — em que predomina o verde, o branco e não raro o encarnado, — produzia-me gratas impressões.

Ao menos já não tinha constantemente diante da vista, a pesar-me sobre o espirito, o aspecto sombrio, escuro e soturno das casas de Paris, e de Berlim, as quaes não obstante toda a grandeza architectonica que as enriquece, infundem no meridional, filho dos paizes da côr, inexprimivel sensação de tristeza.

S. Petersburgo é, além d'isso, a terra por excellencia das taboletas vistosas e das decorações berrantes. Em capital alguma das que conheço, o luxo do reclame graphico assume taes proporções. As taboletas das lojas, dos armazens, dos escriptorios, dos hoteis, das redacções, enchem litteralmente as frontarias dos predios. Ha-as de todos os tamanhos e feitios. Ricas, pobres e simplesmente modestas. Laconicas como telegrammas, e longas como inscripções de pharaós. Os caracteres russos contribuem de mais a mais para as adornar com fórmas calligraphicas de extraordinarios recursos, e como se isto não bastasse vem o desenho illustral-as com suggestivas vinhetas: pães, ramos d'espigas de trigo, de cevada nas dos padeiros; uvas, pecegos, ameixas, nas dos fructeiros; bois, carneiros, vitellas, nas dos açougues; arbustos, flores, ramalhetes nas das floristas; livros, mappas, jornaes e folhetos, nas dos livreiros, etc.,etc. De modo que esta pittoresca promiscuidade de phonetismo e idiographismo na escripta dá a sensação optica, e como reflexo, a impressão artistica mais singular que imaginar se póde.

Ainda S. Petersburgo apresenta á primeira inspecção outros pontos de contacto com Lisboa, não obstante as differenças de physionomia que separam as duas capitaes.

Por exemplo: o ruido — não o confuso, o anonymo, seja-nos relevada a expressão, resultante do arfar gigante de uma grande agglomeração humana, como em Paris; mas o produzido pelo vozear distincto de pessoas gritando, como acontece em Lisboa com as peixeiras, lavadeiras, cocheiros, etc., encontra-se exactamente nas margens da Nevá como nas do Tejo. Foi mesmo o episodio mais caracteristico da minha chegada a S. Petersburgo, o que logo á sahida da gare de Varsovia se passou com o gruppo de *izvóchtchiks* (cocheiros) que aguardavam os passageiros do comboyo.

Apenas, com effeito, eu e os meus companheiros de viagem nos dirigimos á pequena praça em frente da estação, vimo-nos immediatamente cercados por um bando de cocheiros, gritando, gesticulando, atropelando-se, agarrando-se a nós para que os attendessemos, embargando-nos o passo se pretendiamos libertar-nos d'esta inesperada recepção, e tudo isto acompanhado pelo mais rico e movimentado vocabulario de pragas e juras, que creio lingua alguma do mundo como o russo possue em tão vasta proporção.

Por isso, esquecendo-me da fadiga de uma viagem de quarenta horas; não prestando sequer attenção ás admoestações mais do que repetidas do meu estomago, que imperiosamente, depois de um dos mais prolongados jejuns a que fôra submettido, exigia e com razão, seja dito de passagem, entrar na plena posse dos seus direitos e vêr satisfeitas as suas reclamações, fiquei-me por momentos a contemplar aquelle espectaculo tão caracterisadamente russo, mas tão essencialmente humano, póde bem affirmar-se; porque o cocheiro silencioso, ordeiro, macambusio, temente da policia, e angariando tranquillamente os freguezes dentro do *canon* dos regulamentos municipaes, é um producto hybrido da civilização occidental, sem individualidade propria, sem

animação, sem vida, um verdadeiro eunucho da classe, ao qual o estupido formalismo bureaucratico privou dos prazeres masculos e sadios... de nos ensurdecer os ouvidos!

Muito embora! é o caso de repetir com o tribuno, que mais vale a liberdade com todas as suas tempestades...

E vale. Que nota pittoresca não imprime o *izvóchtchik*, com effeito, á vida de S. Petersburgo e de Moscou! E tudo n'elle concorre para o constituir um dos typos mais originaes d'estas duas cidades. Primeiramente a desenvoltura, a loquacidade, a viveza; depois o trajo, — longa bata de panno azul escuro ou preto, apertada por uma correia ou por uma facha de côr ordinariamente vermelha na cintura, e chegando como uma saia de mulher até aos pés, e na cabeça o bonné nacional cossaco; a physionomia, uniformemente emmoldurada por bastas e compridas barbas patriarchaes, e longos cabellos pendentes sobre os hombros, conjuncto que em verdade destoa pela apparente gravidade do tom faceto, sem-ceremonioso e folgazão dos seus possuidores; a conformação obtida como mais tarde soube por um enchumaçado proprio, tão singular, tão extraordinaria mesmo que para o que ignorasse esta circumstancia pareceria ter sido obtida de proposito, por algum desconhecido processo de orthopedia especial, pois nunca mais em parte alguma tornei a vêr homens de semelhante feitio, absolutamente sem cinturas todos elles, e com tal desenvolvimento de tecido adiposo nos quadris, que a parte inferior do corpo parece, quando sentados sobre a almofada, uma especie de base ou pedestal, de onde se levanta o resto do tronco; finalmente o modo de guiar, com os braços abertos e uma redea em cada mão, tornando por tal motivo impossivel o uso do chicote, o que de resto não impede que a velocidade dos trens em S. Petersburgo seja superior á das demais capitaes da Europa.

Um cocheiro russo

Tudo, tudo contribue para fazer do *izvóchtchik* o typo popular mais original das cidades russas, e ao mesmo tempo a sua nota mais animada.

Visite-se, por exemplo, Varsovia onde o *izvóchtchik* é já o cocheiro allemão, com o uniforme da civilização occidental, e ver-se-ha que não obstante a vida e o movimento das ruas da rainha do Vistula, falta-lhes a nota alegre e desenvolta, que imprime feição unica ás cidades moscovitas.

Em S. Petersburgo o numero de trens de aluguer (tambem denominados *izvóchtchik* por causa dos cocheiros que os guiam) é de vinte e cinco mil, conforme a estatistica official, quer dizer, muito superior sobretudo relativamente á população ao de qualquer das capitaes europeias, sem excluir Londres ou Paris. Por isso, e como em S. Petersburgo as distancias são muito grandes tornando-se portanto impossivel percorrel-as a pé, toda a gente póde dizer-se anda de trem, apesar da desenvolvida rede dos *tramways* da capital. elegante avenida de S. Petersburgo, é vulgaris- Assim, na propria Perspectiva Nevsky a principal arteria e a mais simo encontrar ao lado do *izvóchtchik*, onde se recosta um general de vistoso uniforme ou uma *bárinia* vestida de elegante *toilette*, um trem conduzindo *nassylchtchiks* (moços de recados, de fretes) descalços, no desempenho de alguma commissão do seu modesto mister.

Tambem, diga-se desde já, em parte alguma as tarifas são tão convidativas como na Russia; não as tarifas de direito estabelecidas pelo municipio, porque essas não existem, mas as tarifas de facto que se obtem sem grande difficuldade, graças á exuberancia da offerta, sendo necessario apenas dispender alguns minutos no ajuste, o qual quasi constantemente se fecha com o *bólchie ne dam* da praxe, phrase que litteralmente significa *não dou mais*. É assim que uma corrida na cidade (e ás vezes a distancia percorrida é de tres e quatro kilometros) custa de ordinario entre 20 e 30 *kopéikas*, pouco mais ou menos 120 ou 180 réis da nossa moeda! Não admira, pois, que com preços assim até os moços de recados andem de carruagem.

A tarifa de 20 *kopéikas* é no entanto apenas para os trens de um cavallo só, *drójk* e *izvóchtchik*, que conduzem duas pessoas, qua-

si sempre mesmo uma, podendo apenas por excepção admittir tres. N'este caso a terceira vae no collo das outras duas. Chama-se a este modo de andar, não lá muito commodo como por experiencia propria pude reconhecer, sobretudo se a pessoa a que temos de fornecer assento é de razoaveis proporções: *iéchat v troióm* (ir a tres).

Verdade seja, que por vezes o andar d'esta maneira tem as suas compensações agradaveis. Quando vae uma senhora, e esta eventualidade não é rara, porque assim vimos algumas pertencentes ás melhores familias, é ella quem se senta no collo dos companheiros.

Além do *izvóchtchik* e do *drójk* ha a *karéta*, tirada por dois cavallos, e a *tróika* puchada por tres. Claro está que para estas a tarifa é mais elevada. Existe ainda a *likhátch*, trem elegante tirado por dois cavallos tambem, mas que já se considera como carruagem de luxo, pagando-se o aluguer em conformidade.

A *tróika* nacional, porém, guiada por um *iámchtchik*, assim se denomina o cocheiro d'esse vehiculo, é de todos os trens o mais original e curioso. Pucham-n'a tres cavallos mas atrelados differentemente. O cavallo do meio, mais vigoroso do que os outros de ordinario, vae a trote largo. É elle além d'isso o unico collocado de baixo da *dugá* (arco), em cuja parte superior tilinta a campainha, caracteristica das equipagens russas.

O cavallo da mão e o da sella teem os movimentos mais livres, galopando á direita e á esquerda, fóra do caminho seguido pelo que chamaremos tronco. É verdadeiramente pittoresca semelhante carruagem, e quer em S. Petersburgo e Moscow, quer no campo onde tive tambem occasião de a encontrar, embora com algumas variantes, sempre o seu sabor indigena me produziu a mesma impressão de encantadora originalidade.

Mas é tempo, depois de pago o merecido tributo ao mais bello typo popular de S. Petersburgo, de nos encaminharmos para o hotel a reparar os estragos que a viagem fizera nas nossas *toilettes* e a refazer as forças um tanto mingoadas pela abstinencia forçada, que o regimen ferro-viario a que estiveramos submettidos durante quarenta horas nos impozera.

Arrumada que foi a bagagem e installado que me achei no carro, afinal alugado por um terço do preço primitivamente exigido, graças á influencia do peremptorio *bólchie ne dam*, especie de magico talisman de propriedades infalliveis para os *izvóchtchiks* da capital da Russia, pozemo-nos a caminho.

E como, apesar de serem mais de oito horas da *noite*, ainda era *dia* perfeitamente claro, preparei-me para não perder nem uma unica das impressões da minha primeira entrada.

Estas impressões, confesso-o, não foram as que eu esperava sentir. Verdade seja que quasi sempre assim acontece, quando chega o momento de vêr convertido em realidade tangivel o ideal, que durante muito tempo a nossa imaginação foi engrandecendo a capricho.

Ora eu, em verdade, no paiz encantado dos meus sonhos tinha desde muito construido uma capital da Russia tão cheia de riquezas e maravilhas, de grandezas e deslumbramentos, que foi com o sentimento mal disfarçado de uma penosa desillusão, que comecei a ver desfilar diante de mim as ruas, as praças e os edificios da rainha da Nevá, rainha que logo á primeira visita despiu na minha presença o manto que a fantasia de um meridional lhe constellára de mil esplendores, para me apparecer nos trajes vulgares e caseiros das outras cidades que eu visitára.

Não podia conformar-me com a ruina do meu sonho! A capital da Santa Russia devia ser alguma cousa mais, persistia eu em pensar, não obstante a sua vastidão, que é enorme, como depois tive occasião de verificar, e a sua riqueza, que é grande, como pude observar tambem.

Não ha duvida que nos dias subsequentes, e depois de uma visita circumstanciada, esta primeira impressão se modificou bastante. Não se desfez, porém, completamente. Apesar do muito que S. Petersburgo tem que admirar, e que a torna uma das mais bellas capitaes da Europa, senão a mais bella de todas, eu continuava a achal-a abaixo do papel, que o destino lhe confiára ao sagral-a cabeça do maior imperio do mundo. Esta minha impressão era um presentimento, como comprehendi mais tarde ao entrar em Moscou, essa sim, a verdadeira capital da Russia, sob todos os aspectos. Mas não antecipemos, continuando por agora o nosso caminho para o hotel.

As ruas de S. Petersburgo são das mais largas que conheço, largas de mais me pareceram mesmo para o movimento de muitas d'ellas. Extensissimas, não raro medindo kilometros de comprimento, são todas sem excepção tiradas a cordel, chegando a fatigar a constante regularidade que em todas se observa. E isto, quer se trate das *prospékt* (ruas de primeira ordem), quer das *úlitsy* (ruas de segunda ordem), quer das simples *pereúlki* (travessas). Se fossem melhor calçadas, e se nellas os passeios correspondessem á largueza das dimensões do pavimen-

to, não haveria em parte alguma ruas superiores. Infelizmente não existe medalha sem reverso, e o d'esta é quasi sempre o piso infernal que martyrisa os pés dos caminhantes e revolve n'um permanente sobresalto o estomago dos que teem de as atravessar de trem. Em Moscou, sobretudo, e nas cidades de segunda ordem, como Tver, torna-se tal martyrio por vezes incomportavel. Apesar, porém, de mais attenuado, em S. Petersburgo

Depois das ruas, o que mais impressiona o estrangeiro que visita S. Petersburgo, são os jardins e sobretudo as praças. Não ha cidade que possua tantas e tão vastas. O *Marsóvoepóle* (Campo de Marte) antigamente denominado *Tsaritsyn Lug* (Prado da Imperatriz) que se estende do palacio de Marmore até á Moïka, é tão espaçoso que nelle poderiam caber á vontade, conforme atraz dissemos, tres ou quatro praças como o Terreiro do Paço.

S. Petersburgo — O Senado e o caes dos Inglezes

não deixa elle em todo o caso de representar uma das feições caracteristicas das ruas da capital.

De resto, e pondo de parte este senão, o aspecto das ruas de S. Petersburgo é deveras majestoso. Espaçosas, alegres, cheias de luz, cortadas de numerosas praças e jardins, atravessadas por pontes as que vão dar ao rio ou a algum dos seus numerosos braços, formam um vasto systema de communicações, completado pelos magnificos caes de granito que orlam a Nevá e que são verdadeiramente grandiosos alguns d'elles, como a *Anglyskaïa Naberéjnaïa* (Caes dos Inglezes).

Mas não é simplesmente o Campo de Marte, que ostenta semelhantes proporções. Embora mais modestas (para S. Petersburgo, entende-se), existem muitas outras praças, as quaes pela sua grandeza, se nem sempre pela sua elegancia, são notabilissimas. Entram n'este numero por exemplo: a magnifica praça do Almirantado, uma das mais bellas da capital, que com a praça do Senado e a praça Rasvodny forma, seja-nos relevada a metaphora, uma admiravel trilogia de sumptuosos edificios; a praça Alexandra ou antes square, onde se eleva o monumento de Catharina II, mandado construir em 1873

por Alexandre II; a praça Soloviev, onde está o obelisco Rumiantsov; a praça Semenov, immenso campo de manobras, etc. etc., porque seria bem difficil o pretender dar a enumeração mesmo das principaes. Bastará dizer, e com esta noticia deve ficar edificado a tal respeito o leitor, que S. Petersburgo tem 64 praças publicas em muitas das quaes pódem caber de 60:000 a 100:000 pessoas, e isto sem contar os jardins que são tambem numerosos e vastissimos, como o Jardim Zoologico, o Jardim Botanico, o parque Alexandre, o Jardim de Verão, onde se admiram ainda as bellas tilias e os magnificos carvalhos mandados plantar por Pedro o Grande, o Jardim Demidov, o Yusupov, etc.

Não é pois o espaço que falta a S. Petersburgo, como bem póde comprehender-se. Pelo contrario. O que ainda lhe falta é, apesar do seu milhão e meio de habitantes, a população correspondente a semelhante area. Por isso muitas das ruas da cidade parecem-nos desertas, e a não ser nas principaes, ao menos na estação em que a visitei, isto é, primeiros dias de agosto, o movimento affigurou-se-me relativamente insignificante. E no entretanto S. Petersburgo é a capital de um imperio já hoje de 120 milhões de almas. Tres ou quatro milhões por consequencia que contasse a sua população não eram de mais para tão grande riqueza em gente. Espaço para a conter, já vimos tambem que não faltava. Qual será então o motivo d'esta singular e á primeira vista inexplicavel desproporção? O motivo deve procurar-se exclusivamente na constituição social e economica do paiz. Na Russia, nação agricola por excellencia, a regra geral é o «campo». A «cidade» constitue apenas uma excepção. O phenomeno essencialmente occidental da despovoação dos campos em proveito das cidades, ainda não começou na Russia a fazer sentir muito os seus perniciosos effeitos. Seria incomprehensivel n'esta metade da Europa, o que se passa na outra metade do Occidente, em que por exemplo uma capital, como Paris, vê em todos os recenseamentos augmentar por centenas de milhares o numero dos seus habitantes, emquanto que a população da França decresce ou fica estacionaria!

Na Russia o centro de attracção até agora não está em S. Petersburgo, em Moscou, em Odessa ou em Kiev. Está nas vastas planicies e nas immensas florestas, onde vive, trabalha e se multiplica com espantosa prolificidade um povo inteiro, preso á terra pelos unicos interesses que lhe são caros e pelas unicas tradições que venera, como culto piedoso prestado ás gerações, que n'aquelle solo dormem o eterno somno. Não ha pois ainda o «absenteismo,» que torna o campo um tributario da cidade, fazendo-o definhar pelo depauperamento da sua melhor população, que na maior parte dos paizes da Europa vae transformar em plethora, prenhe dos mais tremendos problemas sociaes, a vida urbana das cidades.

Por isso tambem a capital do vasto imperio russo não exerce sobre as provincias a poderosa acção absorvente que, por exemplo, Paris exerce sobre a França, sendo a percentagem da sua população insignificantissima, quando comparada com a população rural do resto do paiz, pouco mais de um por cento, emquanto que a percentagem da capital franceza é de perto de oito por cento!

E aqui está a explicação, porque S. Petersburgo tem hoje um numero de habitantes inferior ao de Paris, Londres, Berlin, Vienna ou Constantinopla, apezar de ser cabeça de uma nação que em aréa é do tamanho da Europa inteira e em gente é superior a tres ou quatro das mais populosas nações occidentaes.

Um dia virá, sem duvida, em que a Russia passará tambem pela evolução, que tem transformado a economia das demais nações, e em que as suas cidades, invadidas pela onda de uma população rural que os campos já não poderão alimentar, hão-de vir engrossar em grandiosas proporções o vasto exercito do proletariado universal.

Esse dia, porém, está ainda tão afastado que mal se lhe podem por ora delinear os contornos vagos no longinquo horizonte do futuro da raça slava.

. . . .

Continuemos a notar as impressões que o primeiro aspecto de S. Petersburgo em nós deixou. Já vimos a extensão das suas ruas e a vastidão das suas praças. Olhemos agora para a architectura dos seus edificios.

Tambem com relação a este ponto a sensação que de principio tive, foi a de uma decepção. Não que S. Petersburgo não tenha edificios grandiosos, soberbos, superiores mesmo aos que se encontram em qualquer outra capital da Europa. Pelo contrario. As construcções monumentaes abundam, e a apparencia das decorações é por vezes magnifica. Mas na maior parte das ruas o tom da architectura é apesar d'isso monotono. Chamar-lhe-ia mesmo incaracteristico, se aqui e acolá o estylo genuinamente russo não viesse introduzir uma nota original e curiosa na insipidez do conjuncto. Isto, bem entendido, soffre numerosas excepções nas principaes arterias da cidade. Mas nas ruas secundarias, nas *úlitsy* e nas *pereúlki*, o aspecto das casas

nada tem de artistico. São estas casas em geral baixas, sobretudo para a largura das ruas, quasi sempre de dois andares apenas, e á primeira vista assemelham-se a quarteis, tão simples são as suas linhas e tão geometricas as suas proporções. Architectura de quartel é ao que, com effeito, esta architectura se assemelha, uma especie da architectura pombalina da nossa *baixa*, mas com menor majestade, porque os predios não teem tão grande altura como os dos arruamentos centraes de Lisboa. E depois o material de que são construidos contribue tambem para a má impressão, que em nós causam muitos dos edificios da capital. Dá-se isto principalmente com os edificios monumentaes, como palacios, theatros, templos, bazares, etc.

Do mesmo modo que Berlim, e a maior parte das cidades allemãs, S. Petersburgo quasi que não emprega a cantaria e a pedra na decoração exterior dos edificios. O material que constitue a riqueza das construcções portuguezas, sobretudo de Lisboa, riqueza que ás vezes pela abundancia desmesurada chega a ser de máu gosto e a produzir verdadeiras monstruosidades architectonicas, é totalmente desconhecido na maioria das cidades do norte, ou porque a materia prima ali falta, ou porque o custo da extracção e depois da mão d'obra seja muito elevado. Deve ser mesmo esta ultima a razão, porque em S. Petersburgo a pedra na decoração é quasi sempre substituida pelo gesso ou pelo barro caiado. Carencia de material não nos parece que seja, visto que bem proximo está a Finlandia com os seus bellos marmores e os seus opulentos granitos.

Não se póde por isso fazer ideia da desagradavel sensação que em nós produz a vista d'esses *rifaccimenti* de altos relevos, de estatuas, de balaustradas, adornos postiços de uma falsa sumptuosidade a imprimirem nos monumentos, de proporções embora as mais grandiosas, uma nota de pretenciosa pobreza e de magnificencia barata, em completa discordancia de resto com a riqueza e a grandiosidade, que por toda a parte se ostentam.

E', não ha duvida, espectaculo bem proprio para desapontar a espectativa do mais complacente visitante assistir á caiadella a branco ou a côr de oca (côr muito em voga em S. Petersburgo) das sumptuosas columnas, das arcarias e dos palacios, que abundam por toda a parte. Presenciei mais de uma vez tão prosaica quanto ridicula operação, que substitue na ornamentação da cidade pela brocha do caiador o escopro do artista, e nunca pude perceber a causa de semelhante preversão do sentimento esthetico n'um povo aliás tão brilhantemente dotado para todas as manifestações do bello. Não sabem acaso os russos trabalhar o marmore, o granito e o calcareo? A cathedral de Santo Isaac o Dalmata em S. Petersburgo mesmo, e a egreja do Salvador em Moscou, respondem eloquentemente a esta pergunta. Rasão de mais para que não possamos comprehender a inexplicavel hegemonia do brochante. E' uma questão de economia, que obriga a empregar o barro e o gesso como material de decoração?

Não nos parece. O russo não é avaro das suas riquezas e em S. Petersburgo estão reunidas fortunas collossaes. Para mim e depois de mais tarde meditar no caso, julgo ter encontrado a explicação da singular anomalia na propria origem da cidade. S. Petersburgo é uma capital moderna, sem tradições historicas ou nacionaes, fundada unicamente por um acto de vontade individual, de autocracia. Um dia Pedro o Grande quiz abrir no seu imperio, conforme a pittoresca expressão do chronista, uma janella para a Europa, e fundou S. Petersburgo. Mas fundou-a, como? Pelos modelos do Occidente, que foi para elle a medida de todas as reformas, que executou. De cá trouxe pois essa architectura postiça, feita á fôrma e assente aos metros que ficou dominando na capital, que não obstante ser o principal centro politico é ainda hoje a menos russa de todas as cidades do imperio. E a prova de que esta explicação parece ser a verdadeira, é que em Moscou o barro e o gesso são muito menos empregados, tendo baixado ao mesmo tempo muito em importancia e.. naturalmente em proventos o brochante e o caiador. Já se veem edificios como os magnificos *Nóvy riády* (Novo bazar), com as frontarias todas de pedra lavrada. Em S. Petersburgo o edificio correspondente—o *Gostinnoi dvor*—é caiado apenas, apesar de ser uma das mais importantes e monumentaes construcções da *Perspectiva Nevsky*. E já que fallámos d'esta celebre avenida, verdadeiro coração de S. Petersburgo, aproveitemos a occasião para fazer travar com ella conhecimento o leitor.

A *Névsky prospékt* (perspectiva Nevsky) é a mais extensa, a mais larga e a mais animada de todas as grandes artérias da capital. Vae da praça do Almirantado na *Bolcháia Nevá* (Grande Nevá) á praça Znamiensky, em linha recta. N'este sitio volta um pouco para o sul, na direcção do convento de Santo Alexandre Nevsky, indo terminar n'outro ponto da Nevá, junto da *Kalachnikovskaïa Pristan* (caes Kalachnikov). Este enorme percurso mede perto de 5 kilometros. A largura regula por trinta e cinco metros.

A Perspectiva Nevsky atravessa os bairros mais aristocraticos e n'ella ou nas suas proximidades se vêem os edificios mais grandiosos de S. Petersburgo. Palacios, templos, bazares, museos, lojas de modas, hoteis, livrarias, tudo n'ella se encontra, produzindo este conjuncto, sobretudo á noite quando a luz electrica a illumina, um effeito surprehendente, que deve chegar a ser phantastico, quando de inverno a neve atapetando o solo viér juntar as suas mil reverberações á luz directamente projectada das lampadas Jablokov.

Uma das particularidades mais curiosas da Perspectiva Nevsky é constituida pelas *marquises* ou alpendres, que se levantam ás portas das casas e á entrada das lojas. São em geral estas *marquises* de ferro fundido e cristal, ou só de ferro, de fórmas elegantes, leves. Servem cumulativamente para abrigo e para *réclame* dos respectivos estabelecimentos, e por isso quasi sempre estão litteralmente cobertas de taboletas, lettreiros, disticos, etc., de tudo emfim que possa attrahir a attenção dos transeuntes ou os possa informar do genero de negocio das lojas a que ellas pertencem. Isto pelo que respeita ao aspecto material da celebre avenida. O seu aspecto, como diremos? moral, social, releve-se-nos a expressão, é porém o mais interessante e o que mais impressiona o extrangeiro.

Com effeito, por muito bella, muito extensa e muito rica, que seja a Perspectiva Nevsky, tem ella rivaes em outras cidades da Europa, que sob mais de um ponto de vista lhe pódem disputar a palma. A *Avenida dos Campos Elysios*, a *Unter den Linden*, a *Ringstrasse*, e a nossa *Avenida da Liberdade* não são, como passeios, inferiores á Perspectiva Nevsky.

Haverá até quem a esta ultima prefira alguma das primeiras.

No que, porém, a Perspectiva Nevsky a todas as demais se avantaja, não permittindo mesmo com ellas o mais ligeiro confronto, é na originalidade do seu aspecto, e no caracter especial da sua animação, que em cousa alguma se parece com o movimento, por exemplo, dos *boulevards* de Paris, maior não ha duvida, por vezes até demasiado, mas no fim de contas monotono, sem a variedade de tons e a diversidade de cambiantes que caracterisa a vida das ruas na capital russa.

Imagine-se uma população composta de elementos sociaes os mais variados e conservando ainda hoje o cunho d'essa differença d'origem desde as physionomias, onde cada cada typo ethnico tem a sua representação, até aos trajes, em que o pittoresco da ornamentação e das côres percorre toda a gamma das mais phantasiosas combinações; população expansiva, alegre, communicativa como se a illuminasse e a aquecesse o bello sol do Meio dia.

Esta população apinha-se, acotovela-se, caminha e crusa-se em todos os sentidos, a pé, a cavallo, de trem, de trenó, nos *omnibus*, nos *drójks* rapidos como flechas e nas *troïkas* vistosas como carroagens de gala.

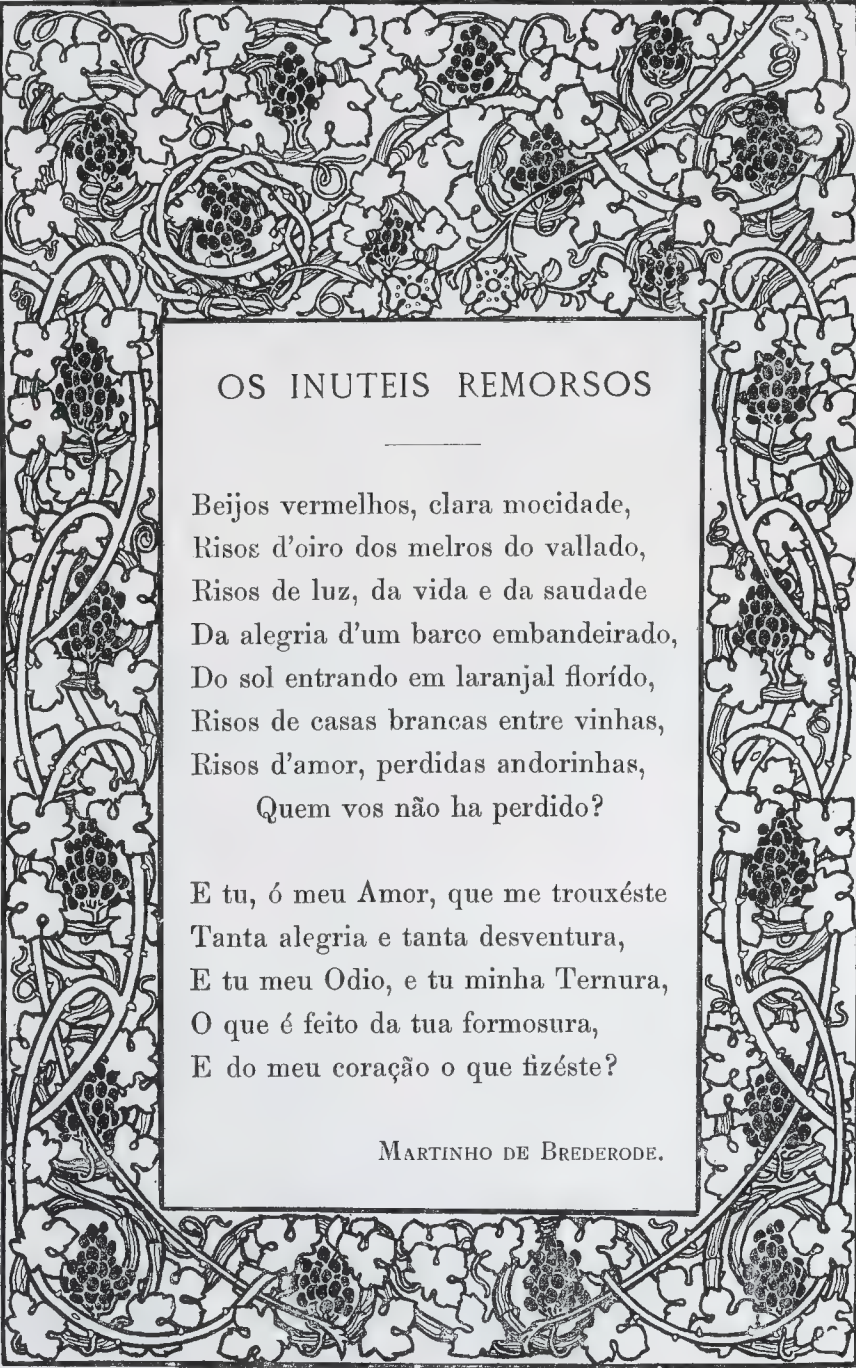
Demoremo-nos um pouco, que vale a pena, a contemplar este espectaculo unico.

Pelo centro da rua, especialmente destinado aos vehiculos e cavalleiros, desfilam as equipagens da aristocracia e da alta finança, bem conhecidas pelo fardamento dos lacaios, pelo aprumo dos cocheiros, e pela qualidade *hors ligne* dos cavallos; passam a trote largo os simples trens de aluguer, conduzindo desde o quasi andrajoso *possylnyi* [1] até á desdenhosa *bárinia* envolvida em opulenta *chúba* [2], cujo custo sustentaria durante um anno inteiro umas poucas de familias; deslisam sobre os *rails* os *Konki* (carros americanos) apinhados de gente de de todas as condições e onde as imperiaes pela variedade de physionomias, que as povoam, se assemelham a pequenos museus ethnographicos ambulantes; passam finalmente em vagarosa andadura as *telégas*, [3] que dos arredores vêm trazer combustivel e artigos de alimentação á cidade, e que parecem na sua humildade modesta envergonhar-se da luzida camaradagem dos companheiros de occasião.

Depois, são os cavalleiros, sobretudo os militares, que, a galope desfechado quaes figuras de quadros dissolventes, deixam como impressão no espectador o rasto deslumbrante dos seus luxuosos uniformes,—as couraças reluzentes dos dragões e as fardas orientaes, pittorescamente matisadas dos cossacos.

Se nos voltamos para os passeios, não é menos caracteristica a scena que ali se nos depara, e que mal póde ser imaginada por quem só tenha vivido em paizes de população homogenea, como os do Occidente. Por toda a parte apparições novas e distinctas; trajes differentes e variados; figuras que se destacam da multidão, trazendo-nos á lembrança outros climas, outras regiões. Finezes do norte, tartaros do meio dia, armenios da Asia Menor, georgianos do Caucaso, mussulmanos de Kazan, kalmucos das esteppas, kirguizes da Asia Central, persas da fronteira sul-oriental do imperio, tudo ali se vê misturado, confundido em cosmopolita promiscui-

[1] Moço de recados — [2] Pelissa. — [3] Carretas

dade, com o russo de Moscou ou de Kiev e com o polaco de Varsovia ou de Vilna. Em seguida são os typos propriamente nacionaes moscovitas, não menos originaes e caracteristicos do que estes: o *raznochtchik* (moço de recados) estacionado nas proximidades do *Gostinny Dvor* á espera de que o chame algum dos numerosos visitantes que áquelle local vão fazer as compras; os vendedores ambulantes de chá e de *sbiten*, bebida quente em que entra o hydromel, e que elles apregoam *Kipiát! Kipiát! (está a ferver! está a ferver!)* os distribuidores de *Kvass*, agradavel refresco fermentado, feito de mel ou de fructas, e por isso apparecendo amarello como ambar ou côr de rosa como a framboeza nos jarros de vidro que elles levam á cabeça, a gritar *Kvass miedovói! Kvass malinovói!*; os cosinheiros de pasteis offerecendo as suas *bliny*, com o pregão consagrado: *goriátchia! goriátchia! (a escaldar! a escaldar!)* exactamente como o das nossas assadeiras de castanhas; as vendedeiras de pão, de phosphoros, de *icónes*,[1] de hortaliças, de leite, de flôres; mais adiante um *pópe* de compridos cabellos a cahirem-lhe sobre os hombros, de longa tunica cinzenta traçada sobre o peito, grave, silencioso, indifferente em meio de todo este bulicio; depois uma *kormilitsa* (ama) de fatos vistosos e enfeitados, vermelhos ou azues, levando na cabeça o seu *kokóchnik*, especie de diadema adornado de perolas e bordado a prata; depois... mas seria nunca acabar o querer enumerar todos os incidentes d'esta multidão variegada, que parece na sua mobilidade constante reproduzir a cada momento a projecção de algum collossal kaleidoscopio, onde simultaneamente fossem passando diante do espectador estonteado todas as côres, todas as fórmas, não logrando fixar-se nitidamente nenhuma d'ellas, mas conservando-se do conjuncto uma impressão intraduzivel e uma recordação, que não esquece facilmente...

(Continúa.)

[1] Imagens de santos.

S. Petersburgo — A perspectiva Nevsky

OS INUTEIS REMORSOS

Beijos vermelhos, clara mocidade,
Risos d'oiro dos melros do vallado,
Risos de luz, da vida e da saudade
Da alegria d'um barco embandeirado,
Do sol entrando em laranjal florído,
Risos de casas brancas entre vinhas,
Risos d'amor, perdidas andorinhas,
Quem vos não ha perdido?

E tu, ó meu Amor, que me trouxéste
Tanta alegria e tanta desventura,
E tu meu Odio, e tu minha Ternura,
O que é feito da tua formosura,
E do meu coração o que fizéste?

MARTINHO DE BREDERODE.

Raparigas hawaianas

LENDA KANAKA

Lanai, Lanai, terra sagrada, venerada dos antigos, das ilhas a primeira nascida, filha de Pahulu, a deusa do mar!

Chegou o Rei das oito ilhas. Conquistou esta terra, como fez ás outras.

Veio com as suas pirogas de guerra, com os seus chefes e com os seus sacerdotes.

É o vencedor, o valente filho de Umi, aquelle que governa em Kohala.

E quando appareceu, os habitantes da ilha desceram até á praia. Diante da palhota real, construida de *pili*, depozeram os *taros* e os inhames, os *ohelos* e as batatas. Tambem traziam cães selvagens, cachorros de carne tenra, engordados com *poi*.

As mulheres conduziam grinaldas de *nauu*, o fresco jasmim de Lanai e as lançáram ao pescoço dos guerreiros agrupados em torno do chefe. E na cabeça do Rei collocáram uma corôa, uma odorifera corôa de *maile*.

E de todas as mulheres, a mais bella era Kaala, a flôr perfumada da manhã.

Quinze sóes tinham illuminado o seu rosto.

Tudo o que o *lai*, cheio de folhas, deixava vêr do seu jovem corpo, brilhava com clarão egual ao da lua, quando nasce.

E a sua mocidade tinha aromas como os das flôres.

E o vento, afastando as folhas, que pendiam em volta do seu corpo, como settas verdes — as raparigas kanakas enfeitam-se profusamente de flôres e folhas — a sua belleza fascina os olhos e captiva o coração de um dos mais bravos, o coração de Kaaialu, um guerreiro novo como ella, aquelle cujo braço descarregára formidandos golpes nos homens de Lanai, no dia da conquista.

Brandindo a lança, terrivel nas suas mãos, impellira-os até á beira de um *pali* profundo. E elles, transidos de medo, gritavam e supplicavam. Mas despresava esses gritos e supplicas. Ameaçador, impellia-os cada vez mais, e cairam no abysmo, como rebanho espavorido. Lá em baixo os corpos despedaçados juncáram as pedras, e houve ali uma massa sanguinolenta de carne e ossos.

E aqui está o que fez Kaaialu. E elle é bello. Encára a donzella e dirigindo-se ao grande chefe, diz: «Ó Rei de todas as ilhas, consentes que esta meiga flôr seja minha, no valle que me destes, como dominio?»

E respondendo, o Rei disse: «Plantarás o jasmim de Lanai no valle que te dei em Kohala. Mas outro tambem reclama essa donzella, e esse é *Quebra-ossos*, Mailu, o do gilvaz. Vai, meu rapaz, luctar com elle, e Kaala

pertencerá ao que ficar vencedor. Que então a leve para a sua cabana, aonde uma mesma *tappa* a ambos cubra.»

Mas Kaala treme e assusta-se. Ouvio fallar de *Quebra-ossos*, de Mailu, o do gilvaz, cujas caricias dão a morte.

Tem suffocado com seus beijos mais de uma virgem como ella. Aspirou o seu ultimo alento e, mortas, atirou-as aos vorazes tubarões.

E a joven filha de Lanai amou o guerreiro da Grande Terra, Hawaii, aquelle que vencera o seu povo, e cujos olhos brilhantes a offuscáram. Voltando-se para elle, diz-lhe: «Ó chefe, possa o teu braço ser o mais forte, e victoriosa a tua coragem. Salva-me do que bebe o sangue das virgens, e tanto quanto viver, Kaala fará coser o *poi* e tecerá o *tappa* para ti.»

A lucta vai começar. Os guerreiros dirigem-se um para o outro. O Rei das oito ilhas assenta-se sobre uma manta de *hala*. No areal, semeado de conchas, os dois bravos estão de pé, nús, os rins cingidos de *malo*. Pinta-se-lhes nos olhos o odio e estendem os braços prestes á aggressão.

De pé, observam-se: avançam um contra o outro, approximam os rostos, ameaçam-se e desafiam-se.

E *Quebra-ossos*, Mailu, o do gilvaz, diz: «Kaaialu, ousado diante das mulheres, bravo diante dos covardes! A tua lança perfurou as costas de um inimigo que fugia. Mas eu partirei as tuas sob o meu joelho: o teu corpo ainda quente e palpitante de vida, lançal-o-hei a um porco esfomeado. E em quanto elle dilatar as tuas feridas e refocilar no teu ventre, acariciarei aquella que tu amas, deante de ti, antes que teus olhos sejam mortos.»

Mas o jovem chefe sorrio e respondeo: «Tu, assassino de virgens, vás sentir na garganta a mão de um homem. Expulsarei o sopro da vida do teu vil peito: os proprios porcos não quererão a tua carne. O tubarão da bahia tem fome e espera-te.»

E agora que arremettem um contra o outro, braço levantado, procurando sitio onde deem o golpe mortal. De subito, a mão de Mailu cái sobre o rival. Mas este, mais rápido ainda, agarra-lhe o braço, torce-o como um cipó brando, e desloca-lhe o hombro e o braço. Furioso e ferido, Mailu lucta ainda. Mas duas mãos crispadas pela raiva, apoderam-se do outro braço e ouve-se o ruido de um ramo secco que se parte. E a féra vencida, os braços pendentes e despedaçados, volta-se de costas para fugir. Mas já o porta-lança de Hawaii segura-a, prostra-a e a tem sob o joelho deitada no areal.

E Kaaialu, carrega, cada vez mais, sobre o espinhaço, até que os ossos estalam e partem-se. O terrivel estrangulador de virgens está estendido na areia, e da sua bocca o ultimo alento escapa-se com golfadas de sangue.

Então o Rei das ilhas diz: «Bem! Nosso filho tem a força do deus Kanchoa. Que a donzella se approxime e o friccione de hervas odoriferas. Haverá grande festim e *hula-hula* e canções. Depois uma mesma *tappa* abrigará a ambos.

Assentadas, formando circulo, as raparigas cantam, agitando cabaças cheias de pedrinhas. Depois erguem-se, dando as mãos, dançam e cantam.

O vento afasta as suas vestes constituidas por folhas: brilham os olhos dos guerreiros e o heróe do dia dá um passo á frente. Toma Kaala pela mão, leva-a comsigo dizendo: «Agora dançarás na minha cabana de Kohala, comigo, unicamente».

Ouve-se, porém, um grito. É um homem que corre, que chega junto dos chefes e que se lamenta: «Kaala, minha filha, desappareceu. Quem cuidará de minha velhice? Que poderei responder ao joven chefe d'Olowahu, quando me perguntar onde está ella?

É necessario que eu fuja d'elle ou então mato-me,» E aquelle que d'esta sorte se queixa é Opanui, o pae de Kaala.

Tambem combatera nos penhascos de Maunalei; vira os seus precipitados no *pali* profundo e conservára a vida, entregando-se ao vencedor. Mas comsigo pensára: «Vingar-me-hei; arrebatarei minha filha ao assassino do meu povo. Para longe, para muito longe, hei de conduzil-a, e occulta no mar, ninguem saberá do seu esconderijo, ninguem, a não ser os deuses-peixes e eu.

⁂

É de manhã. Kaala está assentada á porta da casa do seu senhor.

O seu rosto brilha, como o deus do dia, quando sai da morada de Maui. E eis que de repente, Opanui, seu pae, apparece e lhe diz: «Minha filha, tua mãe está moribunda em Mahana. Pede a teu senhor que te permitta ir vêl-a ainda uma vez, antes que a sua piroga te conduza á Grande Terra.»

«Ah!... Ha quanto tempo minha mãe Kalani está doente?... Irei vel-a e depressa, beijarei os seus membros doloridos. Passará melhor depois que a sua filha a beijar. Kaaialu meu senhor é bom: deixar-me-ha partir, e regressarei antes que a lua se tenha espelhado duas vezes nas aguas da bahia».

E o mancebo disse: «Vai.» Elle ficou triste. Tambem tem uma mãe, no valle de Kohala, e disse: «Vai. Kaaialu é um chefe: não deve fallar como uma mulher.»

E ella partiu. De vez em quando olha para traz e vê o seu senhor, de pé, sobre o rochedo, que domina o mar. Immovel ella o vê, quando pára e se volta. E chegada ao alto da collina, como vai descer para o outro lado do valle, uma ultima vez ainda o distingue, immovel, seguindo-a com a vista.

O pae e a filha caminháram bastante. Passáram o valle verde de Palawai, os bosques de Kalulu, atravessáram a ribeira, subiram a montanha.

O velho agora abandona o caminho que o conduziria a Mahana. Dirige-se de novo para a costa. E Kaala lhe diz: «O' pae, extraviámo-nos. Não é por aqui que iremos encontrar minha mãe.»

«Tua mãe está na bahia de Kaumala. Disse que estava moribunda para melhor enganar o teu senhor. Não está doente e espera-nos. Preparou para ti o *taro* de Palawai e d'elle encheu as cabaças. Juntou para ti, para os teus collares, pequenas conchas brilhantes. Esta noite dormirás junto d'ella.»

E silencioso continua a descer para a bahia. E na bahia não ha nada, apenas rochas, apenas o mar. E Kaala pergunta: «O' pae para onde vamos? E' aqui o esconderijo do tubarão e da serpente Puli. Queres então entregar-me a elles! Não verei mais o meu senhor?!»

Escuta, diz Opanui. Ouve a verdade. O Oceano será a tua morada, o tubarão o teu companheiro e o teu carcereiro. Não te ha de fazer mal. Levo-te para onde vivem os deuses do mar e o teu execravel chefe não lhes roubará mais uma filha de Lanai. Quando Kaaialu regressar na piroga a Kohala, então o chefe de Olowahu virá e tu voltarás para terra.»

Pescador d'Hawai

E' assim que elle fallou.

Toma da mão de Kaala, e condul-a ao longo da praia, do lado da bahia fronteira ao nascente. Ali o mar remoinha, e no recife de coral ha uma caverna alta e grande cuja entrada está abaixo das aguas.

Pega pela cintura na fraca rapariga, com

um dos seus possantes braços, e, d'um salto, lança-se no turbilhão d'espuma. Náda como um golfinho. Abre caminho por entre as aguas, com o outro braço livre, attinge o leito do Oceano, chega a uma brecha estreita entre as rochas, náda ainda, e eil-o em uma praia aonde não se vê nunca a luz do claro sol. Põe-se em pé e respira, respira o ar frio da cavidade, cuja entrada está abaixo das aguas.

Ali estende-se espaço respeitado pelas vagas, aonde a luz pallida do dia penetra atravês do mar transparente. Os caranguejos fugiram para debaixo das pedras humidas e Puhi, a medonha serpente com lentidão saio do seu buraco. E o terrivel deus olha para quem veio perturbar o seu somno.

Kaala abraça o pae pelos joelhos: «O' pae, ó meu pae, despedaça-me a cabeça contra estas rochas, antes que a serpente se se enrosque no meu pescoço.»

«Ouve, diz Opanui. Comigo voltarás a gosar a quente luz do sol. Trilharás de novo os atalhos de Palawai, o valle florido e perfumado, ainda has de tecer *leis* de jasmim, se consentires a acompanhar-me á casa do chefe de Olowahu, e a esquecer junto d'elle o teu senhor, o vencedor coberto do sangue da nossa gente.»

Mas baixinho a mulher de Kaaialu murmura, de joelhos sobre o rochedo: «não quero outras caricias que não sejam as do meu senhor: se não devo mais reclinar a minha cabeça sobre o seu peito, sobre estas pedras frias me deitarei até que venha a morte. Se não deve mais estreitar-me nos seus braços, que então Puhi venha e me estrangule. Que rasteje á roda de mim e me arranque o coração, e acabe com a minha existencia, para que outrem que não seja o meu senhor me oscule.»

«Que elle te proteja», diz Opanui. E rudemente empurra-a.

«Que te proteja até que o chefe de Olowahu tome conta de ti e te leve para a sua casa nas collinas de Maui. Não tentes fugir. E' inutil. A vaga é forte, são fracos os teus braços e ficarias desfeita de encontro ás rochas, levada pela corrente veloz. Espera pois aquelle que enviarei para junto de ti e vive.»

Atira-se á agua, desapparece no turbilhão, e, nadador vigoroso, torna a ver, ao ar livre, a luz diurna.

⁂

Kaaialu ficou de pé, sobre o penhasco a olhar para o flanco da collina aonde está o caminho que seguiu Kaala.

Muito tempo ali esteve, depois d'ella desapparecer do valle. Deitou-se na sua esteira mas o somno abandonou-o. Então poz-se a percorrer a praia, andou toda a noite e ao despontar da aurora tornou a subir para o penhasco, alto, esguio, dominador, prescrutador.

E emquanto espreitava, appareceu-lhe uma rapariga junto d'elle, a saltar como uma cabrita sobre as pedras e as moitas. E elle correu para ella. Mas pára. Não é quem espera. E' a pequena Ua, a sua amiga e no seu rosto pintam-se más noticias. E o chefe pergunta-lhe: «Porque se demora tanto Kaala? Acontecer-lhe-ia algum percalço?»

Talvez o melancolico cantico de *Anaana* tenha despedaçado o seu coração. Talvez esteja estendida fria no prado de Mahana.

«Chefe! responde a rapariga de olhos tristes. Quem tu amas não se encontra no valle. Não chegou á cabana da mãe Kalani. Mas do alto das collinas de Kalulu viram-n'a seu pae leval-a para a floresta. E depois não houve mais noticias d'ella.»

E o chefe não quiz ouvir mais. Corre, desce a encosta, penetra no valle, e depois no bosque, atravessa a ribeira, sóbe a montanha, e no pó do atalho vê pégadas e segue-as. Reconhece os seus pequenos pés.

Ao chegar á planicie, a uma chã, apercebe Opanui, o pai de Kaala. Opanui está só. O homem de cabellos grisalhos é ainda vigoroso.

Mas reconhece o jovem chefe e vio o clarão sinistro dos seus olhos. Fuzilavam vingança. Hesita um instante; em seguida foge para a planicie. Foge, mas Kaaialu salta em sua perseguição, Kaaialu a quem ninguem excede na carreira como no combate. Vão pelo caminho de Kealia. O velho procura o asylo da cidade santa, a cidade de refugio. Mas fica extenuado. O seu inimigo vai alcançal-o e estende os braços. Ah! velho, que elle agarra-te pelo pescoço. Não. A mão escorregou sobre a pelle coberta de abundantes suores. O fugitivo toca o muro sagrado, entra no recinto. Está sob a protecção dos deuses.

O chefe então cái no sólo. Amaldiçoa os deuses e o inviolavel *Tábu.* Vieram os seus amigos e o conduzem para a cabana, e ali fica sem movimento, com os olhos fechados. Quando volta a abril-os, vê a pequena Ua de cabellos annelados. Junto de si collocou uma cabaça de *poi* e peixe secco. E quando acabou de comer, eil-o forte e robusto como d'antes.

E erguendo-se, surdo á voz dos seus, sem um olhar para Ua, que o ama, diz: «Partirei, hei-de procural-a por toda a parte. E se não a encontro, quero morrer.»

E vai por collinas e valles, pelo bosque de Kalulu, pelos balseiros de Kaa, pelos barrancos

de Maunalei, chamando sempre por Kaala. E vai ás terras de Paomai, nos vallesinhos de Kaiholene, aonde canta a fonte sagrada. E está ali um sacerdote de Kaunolu bebendo agua d'uma cabaça.

E o velho offerece-lh'a e diz-lhe: «Homem fatigado, bebe a agua santa, a agua que reanima os mortos.»

Mas elle exclama: «Padre, não tenho sede nem fome. Dize-me apenas aonde poderei encontrar aquella que perdi e trazer-te-hei numerosas victimas, cães e homens para os teus deuses».

E risonho o padre respondeu-lhe: «Filho, sei que procuras a bella flôr de Palawai, mas só o pai póde dizer onde se encontra. Mas sei tambem que a procurarás em vão nos bosques, nas barrocas e n'esta montanha. Opanui é nadador ousado: tem no mar esconderijos que só elle conhece. Quando ninguem ousa seguil-o, quando o vento sopra furioso, quando a noite sobrevem, desapparece e anda com os deuses-peixes, sob a agua verde. Acharás aquella que amas em uma caverna da costa.»

Rapariga hawaiana

O chefe retomou a sua marcha para o mar. Nas planicies de Palawai, as aldeias estão desertas, o fumo não se eleva acima das cabanas. O povo todo está com o Rei nas pescarias, sobre a praia. Mas Kaaialu não está só. A pequena Ua desce depois d'elle para o atalho. Nos bosques, entre os silvedos, offegante, acompanha-o de longe, e approxima-se quando elle chega ao areal.

Mas não ouve senão o murmurio da onda, não vê senão o banco alvo da espuma. «Kaala! Kaala! Onde estás?» E julga ouvir. Ella responde. Está ali. É ella que grita no vento, que solta queixumes sob a vaga. Atira-se á agua, dizendo: «Eis-me aqui.» E a pequena Ua lamenta-se e chama-o: «Ó chefe! volta para trás, vem para terra, vem para mim. Cuidado com os deuses do abysmo que guardam a caverna de coral. Volta pois. Para ti tecerei coroas, fallarei de Kaala, tua e minha amiga, enxugarei tuas lagrimas com meus beijos. Volta. Os guerreiros vão partir; a tua piroga espera-te e o Rei em Kohala reune os mancebos.

E como elle não regressa, ella vai depressa, depressa a Kealia a procurar o Rei de todas as ilhas, e o Rei affligio-se, ouvindo-a. E mandou armar as pirogas e dirigio-se com os chefes para a praia de Kaumalapau.

E sobre a areia, Kaaialu tem entre seus braços a filha de Lanai, a meiga flôr da manhã, que vai morrer. Moribunda, achou-a na caverna cuja entrada está abaixo das aguas. E ella lhedisse: «Ó meu chefe, meu senhor; quiz ir ter contigo, e os deuses do mar deixaram-me ferida de encontro ás rochas, ás pedras aguçadas; a onda levou-me e pensava nunca mais vêr-te. Mas viestes; o meu coração está em contacto com o teu e agora posso morrer.»

E o chefe responde: «Viverás. Não temas mais cousa nenhuma. Estouaqui. Amo-te. Voltarás a ver o valle fresco, a tua cabana á borda do regato, e tecerás *leis* para o teu senhor.»

— «Não, ó chefe! Kaala não fará mais grinaldas, mas sómente e pela ultima vez, apertará entre os seus braços o teu pescoço. *Aloha*!»

E quando chegáram o Rei e os guerreiros, Kaaialu, exclamou: Ó Rei de todos os mares, perdi a flôr que me destes está desfeita, está morta, e a vida para nada me serve.»

Mas o chefe dos chefes disse: «Pois que! não és um guerreiro e morres por causa de uma rapariga? Aqui está Ua que te ama. É nova e bella como Kaala. Dou-t'a e mais o que tu queiras. Terás alem da terra de Kohala, todas as que pedires em Lanai. O grande valle de Palawai será teu. Terás

tambem as minhas pescarias de Kaunolu e serás o senhor d'esta ilha.»

— «Ouve, chefe dos chefes, diz Kaaialu. Ella era para mim mais que a minha vida, mais que os deuses, mais que tu proprio, ó Rei! Desde o primeiro dia que a vi, os meus olhos não podéram mais separar-se d'ella. Mais bella ainda a vejo quando os fecho. Deixa-me então fechal-os para sempre. E de repente, rapidamente, trepa de rocha em rocha, até o cimo do penhasco. Ainda se volta de frente: precipita-se e cáe despedaçado entre os rochedos.

Onde estás, ó bravo chefe! Onde estás, ó formosa rapariga! Pae, que fizeste de tua filha? Mãe, que foi d'essa filha? As terras de Kohala ficarão silenciosas e lamentar-se-hão os valles de Lanai. A lança do chefe caío de suas mãos, a rapariga deixou a esteira apenas começada. Amavam-se como o sol ama a flôr, como o peixe ama a vaga. E agora dormem um ao lado do outro e o marulho do mar não os accorda.

Estão deitados na praia. O Rei fel-os cobrir de finas *tappas* e de bambús entrelaçados. E assim estão bem. E d'elles se fallará muito e a seu respeito haverá queixumes e canticos, tanto quanto se ouvir, no oceano, o ruido das vagas e, na terra, a voz dos homens.

Antonio Ferreira de Serpa

Bons amigos. — Quadro de Swain

As Estradas do Mundo

DO MAR EGEU AO GOLFO PERSICO

Summario.—MIGRAÇÕES DOS POVOS DA EURASIA.—ANTIGAS RELAÇÕES DA EUROPA COM A ASIA PELA MESOPOTAMIA E O CHATEL-ARAB. — IMPERIALISMO PORTUGUEZ NO ORIENTE. — IMPERIALISMO INGLEZ. — ESTUDO SUMMARIO DAS CONDIÇÕES GEOGRAPHICAS E ETHNICAS DA REGIÃO ENTRE O GOLFO PERSICO E O MAR LEVANTINO. — DECADENCIA DA TURQUIA E AS AMBIÇÕES ECONOMICAS E POLITICAS DAS GRANDES POTENCIAS. — INTERVENÇÃO DO IMPERIALISMO GERMANICO.

DESDE os tempos os mais remotos e até onde alcançam as investigações da prehistoria e da archeologia, as communicações entre a Europa e a Asia fizeram-se sempre através de tres zonas principaes. Como a actual separação politica dos dois continentes não traduz uma conformação geographica indicando limites naturaes, comprehende-se que essas tres zonas significam apenas estradas mais faceis de passagem. São caminhos de menor resistencia ás migrações lentas dos povos, e onde estes, desde as primeiras edades, se encontraram e se cruzaram.

A faixa septentrional, — *a planicie uralo-caspia*, — a mais antigamente percorrida, — representa, em todas as ondulações do seu solo, o centro principal da osmose primitiva dos povos euro-asiaticos. Sulcaram-na, em correntes successivas, todas as hordas da immensa planicie estavel do norte da Asia e as populações nomadas da Slavia septentrional europêa, e foi por ella, tambem, que a prehistoria verifica ter-se realizado a mais remota invasão dos autochtones superiores da Europa na bacia hydrographica fechada do Aral. Ainda hoje, nas margens do Jaxartes, nas planuras da Turania, nos desfiladeiros occidentaes do Pamir, até o Indus, vestigios não muito esparsos se observam d'essas emigrações europêas para além do Ural. A Slavia moderna, tão confusa nos seus caracteres ethnicos, tão emmaranhada de typos e collectividades apparentemente estranhos entre si, é o exemplo que confirma as hypotheses da archeologia e da prehistoria sobre este ponto das primitivas emigrações euro-asiaticas.

A faixa meridional, — o *golfo Arabico*, — cuja importancia, na explicação ethnica das invasões soffridas pela região nilotica do continente africano, é incontestavel, traduz, na osmose commercial e anthropo-social entre as duas partes da Eurasia, uma época relativamente moderna. Os povos que habitaram, nos tempos remotos, a Arabia e a Syria, separados do Chatel-Arab por extensissimos desertos, e da Europa por um mar então inabordavel, espalharam-se pelas regiões proximas do continente fronteiro, onde encontraram condições de vida analogas ás do seu paiz d'origem. Foi só mais tarde, quando a civilização se revelou florescente em varias regiões da Asia e da Africa, que o Mar Vermelho se offereceu como um caminho seguro de passagem entre o oriente europeu e os estados mais avançados da Asia.

A zona central das migrações — *o valle do Chatel-Arab*, — é, sem duvida, na ordem chronologica das mutuas relações entre as populações euro-asiaticas, a que liga as épocas quasi mythicas das primeiras trocas de populações entre as duas partes principaes do velho continente e o periodo mais recente em que as communicações começaram a fazer-se por mar. Do norte ao sul, são, portanto, a *planicie uralo-caspia*, o *golfo Arabico* e o *valle do Chatel-Arab* as tres grandes estradas de passagem entre os povos da Eurasia, revelando cada uma d'ellas caracteres espe-

ciaes e significando phases diversas da civilização dos povos euro-asiaticos.

O Chatel-Arab teve em todos os tempos, desde a mais remota civilização indiana, uma notavel importancia, que as transformações politicas, a hegemonia conquistada por differentes nações e o desenvolvimento gradualmente progressivo da riqueza universal teem tornado ainda mais consideravel. Testemunha das mais brilhantes civilizações da antiguidade, foi por elle que as ligações entre a Europa e a Asia se fizeram com mais vigor economico e por elle tambem passaram, atravez dos seus maravilhosos canaes e dos seus jardins sempre em flôr, as maiores ambições humanas.

❀ ❀ ❀

As relações entre o Oriente e a Europa estavam já tradicionalmente estabelecidas e o commercio entre o golfo Persico e os portos syriacos do Mediterraneo eram immensamente lucrativos, quando os portuguezes descobriram o caminho maritimo para a India. O genio aventureiro e audaz dos nossos antepassados reconheceu immediatamente que a estrada maritima, nas nossas mãos, não bastava para podermos monopolizar todo o commercio oriental. Tornava-se indispensavel que o golfo Persico, por onde sulcavam os navios que transportavam as mercadorias da India e recebiam na foz do Chatel-Arab os productos trazidos da Europa, estivesse tambem sob o dominio portuguez. Nos portos da Syria, os venezianos, os florentinos e os genovezes eram os intermediarios entre os centros commerciaes do sul europeu e os negociantes da Mesopotamia, da Chaldea e da India. Toda a planicie do Irak-Arab, toda Anatolia, a Armenia e a Persia enviavam para esses portos as suas maiores riquezas, tudo quanto de mais valor possuiam. E foi d'esta maneira que os antigos estados italianos e a Catalunha conseguiram enriquecer-se, destribuindo pelos differentes paizes as mercadorias que os seus agentes compravam em Damas, em Aleppo, em Jaffa, e nas outras cidades da Syria e da Anatolia. O monopolio commercial pertencia quasi inteiramente aos italianos, e Veneza era então na Europa o mercado das riquezas de Bagdad, da Bassora, de Teheran, e de outros centros mais productores do occidente asiatico.

Foi justamente durante esse periodo aureo do commercio italiano no Levante, quando os aventureiros e traficantes de Florença, Pisa, Genova e Veneza percorriam o imperio asiatico da Turquia, de Smyrna, do Tigre, de Aleppo e Jaffa até o Eufrates, que appareceu no Oriente a figura gloriosa de Affonso d'Albuquerque.

Dizem os commentadores da historia do mais heroico e mais habil dos nossos antigos politicos, que a elle se deve o plano do imperialismo que a Gran-Bretanha seguiu mais tarde na Asia e em todo o oriente. Tinhamos descoberto, havia pouco, o caminho maritimo para a India, e já em 1510 Affonso d'Albuquerque, comprehendendo a importancia dos estreitos de Ormuz, de Babel-Mandeb e de Malaca, apressa-se em se apoderar d'essas estradas do commercio, para, em proveito de Portugal, estabelecer um monopolio de tal ordem, que transformasse, como conseguiu, Lisboa em primeiro mercado do mundo.

Foi rude a empresa no golfo Persico. Os reis de Oman eram senhores da navegação havia muitos seculos. O commercio do oriente com a Europa fazia-se quasi todo pelo mar de Oman até á foz do Chatel-Arab. Mas Albuquerque não hesitou. Em 1515 Mascate e Sohar na costa oriental da Arabia e a ilha de Ormuz, no fundo do estreito, cáem em nosso poder. Pouco depois, quasi todas as ilhas do golfo Persico, que mais tarde haviam de soffrer a dominação britannica, passaram successivameute para o dominio portuguez. Em quasi todo o litoral levantámos fortalezas, e durante um certo periodo, apesar dos frequentes combates que tinhamos de dar aos turcos, o golfo Persico foi um mar lusitano. Tinhamos fortificações no El-Katif, na costa do Hassa, nas ilhas do Bahrein, e a costa da Persia era policiada pelas esquadras portuguezas.

Narrar esse capitulo sublime da nossa historia no Oriente, comprehender o vasto plano imperialista que ditou a Affonso d'Albuquerque a sua politica no mar das Indias, seria relembrar o periodo da grandeza de Portugal, durante o qual ninguem no mundo dominou com tanta energia, com tanto valor e com tão poucos recursos!

Mas uma vista retrospectiva da politica imperialista de Affonso de Albuquerque ensina-nos tambem que seria indispensavel, n'esse tempo, uma intellectualidade genial para abranger n'um plano de dominação uma tão larga superficie do globo. E se o grande portuguez traçou, com uma clareza de vistas que faz a admiração dos historiadores modernos, um projecto tão gigantesco, é porque reconheceu que a dominação nos caminhos que ligam a Asia á Europa representava a hegemonia commercial e maritima no velho continente.

Era nossa, então, a estrada do Cabo da Boa Esperança; nossos tinha feito Albuquer-

que os estreitos que ligam o oceano Indico aos mares da China, ao golfo Persico e ao mar Vermelho! Foi um grande sonho, de que mal pudemos ver a realidade, quando surgiu o periodo da decadencia, que os politicos portuguezes, na Europa, tinham preparado criminosamente!

Mas a Inglaterra que, logo em seguida aos

hollandezes, nos succedeu na India, aproveitou-se dos caminhos já percorridos e a sua conducta, desde a creação da Companhia das Indias, foi exactamente a que tinha sido traçada pela politica de Affonso d'Albuquerque. E quem consultar a historia colonial britannica no occidente asiatico, não pode deixar de reconhecer que o vice-rei portuguez foi, no Oriente, o mestre da politica previdente e habil da Gran-Bretanha.

Nenhum heroe portuguez do Oriente é, para os escriptores inglezes, de mais forte envergadura; nenhum revelou, no seu conceito, vistas mais geniaes; nenhum concebeu um plano politico mais gigantesco e melhor o procurou executar, como Affonso d'Albuquerque! Não se pode escrever a historia da Asia occidental sem que o seu nome appareça muitas vezes! Não se estuda a politica contemporanea, n'essa estrada actualmente cheia de perigos para as grandes nações, — a do Mediterraneo ao Chatel-Arab, — que o nome do glorioso portuguez não surja como o primeiro, entre os europeus, que viu, na sua maior grandeza, o problema politico e economico do golfo Persico!

Ao imperialismo de Albuquerque substituiu-se o da Inglaterra. A politica colonial d'esta nação, cheia de ensinamentos, sempre prudente, sempre precavida, foi marcando os pontos da Arabia, da Ethiopia e da India onde convinha fixar-se. E assim, desde 1599, quando Isabel de Inglaterra autorizou a creação da Companhia das Indias, os inglezes foram a pouco e pouco tomando posse de todos os portos, de todas as ilhas que lhes garantia uma absoluta segurança e um completo dominio nas estradas commerciaes que ligam as duas partes do antigo continente. E d'este modo, todo o Oman, desde o Katar até ás ilhas Kouryan-Mouryan, o Hadramaut, a ilha de Perim no estreito de Bab-el-Mandeb, os territorios ao sul de Moka, a ilha de Socotora, Berbera no golfo de Aden, a ilha de Ormuz, as ilhas de Bahrein,—unico jardim do golfo Persico, — todos os pontos estrategios mais importantes dos dois principaes caminhos da Europa passaram para o dominio da Gran-Bretanha.

Hoje, com o protectorado de Koweit e a quasi absoluta hegemomia economica e politica da Inglaterra no golfo Persico, ella realiza o seu programma imperialista, que difficilmente poderá ser abalado.

Mas não foram livres de difficuldades todas as empresas que a Gran-Bretanha se viu forçada a supportar. Houve um momento, no começo do seculo XIX, quando Napoleão desembarcou no Egypto e projectou apossar-se do golfo Persico para derrubar o poder britannico na India, em que a Gran-Bretanha comprehendeu o perigo eminente a que se expunha, se não completasse com rapidez a sua rede estrategica. E fêl-o desde então com tão rara sagacidade, que seculos hão de correr, antes que a supremacia britannica no occidente asiatico possa oscillar nos seus fundamentos.

O exame da politica seguida pelos portuguezes em relação ao golfo Persico e ao Chatel-Arab e a continuação da mesma politica pela Gran Bretanha revelam manifestamente que a posse do golfo Persico e o predominio politico e economico n'este mar darão á nação que conservar as chaves de Ormuz a supremacia no Irak-Arab.

Toda a Mesopotamia e a Anatolia superior, os valles do Eufrates e do Tigre, o Chatel-Arab, as planicies outr'ora fertilissimas do valle que se prolonga do Golfo ás primeiras cumiadas das montanhas da Syria, do Anti-Taurus e da Armenia, toda essa zona do occidente asiatico, onde floresceram Babylonia, Ninive, Seleucia e Ctesiphon e onde se deram as lutas epicas dos reis da Assyria, é, commercialmente, subsidiaria do golfo Persico.

Dominar na foz do Chatel-Arab é dirigir o commercio de todo o valle irrigado pelos dois grandes rios historicos; guardar com força o estreito de Ormuz, as ilhas de Bahrein, Koweit, Ratar e Oman é assegurar a hegemonia economica nos paizes que drenam para o golfo Persico muitos dos seus productos mais ricos.

Emquanto a Gran-Bretanha se conservou a unica nação dominadora na Asia, não poucas vezes o seu governo ouviu, seguindo-as, as doutrinas da escola de Manchester. Porém, quando a França mostrou ambições no Oriente, e, principalmente, quando a Russia se foi expandindo até a Mandchuria e a Allemanha fez soar o clarim do *Drang nach Osten*, phrase que traduz o novo imperialismo allemão, a Gran-Bretanha tratou de se mostrar mais forte, mais persistente e, principalmente, mais vigilante no Chatel-Arab. Comprehendeu, e bem, que a sua hegemonia no Occidente asiatico e o seu imperio das Indias estão intimamente relacionados com os problemas politicos do Chatel-Arab e do mar Vermelho. O segundo resolveu-o já a Gran-Bretanha, pela posse do Egypto e pela guarda intangivel que sustenta á entrada do Estreito de Bab-el-Mandeb. O caminho do Mediterraneo está hoje á mercê da Gran-Bretanha; o canal de Suez pertence-lhe exclusivamente, no caso de um conflicto internacional, e Aden guarda com toda a segurança as portas do mar Vermelho.

◎ ◎ ◎

Enunciado, de um modo summario, o que desde os tempos antigos representa, politica e economicamente, o valle do Irak e da Mesopotamia, por onde correm o Eufrates e o Tigre, para melhor comprehendermos as modernas ambições das grandes potencias sobre toda essa região, torna-se indispensavel uma rapida descripção do que são, geographica e ethnicamente, os territorios irrigados por essas arterias, cuja historia é ainda hoje o assombro dos investigadores e dos homens da sciencia.

E, no dizer de Suess, uma zona absolutamente instavel a que é drenada pelo Chatel-Arab. A tradição do diluvio universal, desbastada das suas maravilhas mythicas, encontrou talvez um serio fundamento em uma grande convulsão geologica, que, em uma edade primitiva, o extremo septentrional do golfo Persico tivesse experimentado. O mar entraria mais fundamente pelo Irak, e talvez em edades geologicas, antes da vida humana se ter manifestado, a communicação entre o mar Levantino e o golfo Persico se faria pelo valle que hoje é lavado pelo Eufrates.

Em quasi toda a sua metade meridional, tanto o Eufrates como o Tigre, são pobrissimos de affluentes. Ao norte e a leste levantam-se formidaveis barreiras orographicas, de uma aspereza sem egual e que, em turbilhão revolto, impedem a descida facil das aguas até o Irak. São montanhas primitivas, sem vegetação chamando a humidade, flanquedas por pequenos desertos, que se juntam, que se confluem, até constituirem o Grande Deserto Salgado no topo do plató do Iran. Ao sul estende-se o vasto deserto arabico de Nedjd e do Nefond, solo completamente morto, eternamente improductivo.

Entre desertos e montanhas quasi núas se formou, por successivos sedimentos trazidos pelo oceano Indico e impellidos pelas suas ondas até o fundo do primitivo golfo Persico, um terreno alluvial, capaz de sustentar e fazer progredir collectividades humanas. Do extremo norte occidental do grande valle, as montanhas deixaram escapar para o oriente as aguas accumuladas no Anti-Taurus, nas cordilheiras do Kurdistan e da Armenia. A passagem d'essas aguas sobre uma zona de estratificação sedimentar produziu, entre um immenso deserto inteiramente crestado pelo sol e uma faixa orographica vulcanica que vae do Iran ao mar Archipelago, uma estreita planicie gradualmente ascendente do extremo açoriado do Golfo Persico até os contrafortes meridionaes dos planaltos do Kurdistan.

Toda a descripção phisica da Mesopotamia e do Irak-Arab se reduz ao que dissemos: immensas e asperas montanhas ao norte e leste, um vastissimo deserto ao sul, e entre estes limites, uma zona de estractos accumulados por sedimentações successivas e irrigada pelas aguas que descem do Kurdistan e do Erzerum.

O valle do Chatel-Arab e a sua bifurcação no Eufrates e no Tigre, prolongando-se para o noroeste, chega de um lado ás visinhanças do Libano e do outro vae, em curvas caprichosas, perder-se no amontoado orographico que caracterisa o extremo oriental da Asia Menor. E' um caminho de facil passagem, é um valle de fertilidade incontestavel, é a estrada natural entre o oriente, servido pelo golfo Persico, e o occidente, banhado pelo Archipelago e pelo mar Levantino.

As raças que habitam todo o *Nearer Hast*, segundo a opinião de Eogarth, pertencem, com poucas excepções, a grupos ethnicos superiores. Semitas, hamitas, hamito-semitas, populações pelasgio-hellenicas, thibetanos e outros typos mongoloides emaranham-se com designações politicas as mais diversas. A historia da Mesopotamia, da Assyria, da Chaldea é, provavelmente, o resultado das successivas invasões e estractificações ethnicas que, em periodos diversos, tiveram a hegemonia em todo o valle do Irak-Arab e da Mesopotamia.

A historia aponta as causas da decadencia das civilizações que floriram em Babylonia, em Ninive, em Ctesiphon, em Seleucia e mais tarde em Bagdad. Os documentos recolhidos pelos orientalistas e pelos anthropologistas revelam a existencia d'essas sobreposições successivas das raças no extremo occidental da Asia. Hoje, nas planicies quasi desertas que bordam o Eufrates e o Tigre, os mesmos typos se vêem, as mesmas collectividades se encontram, denunciando essas migrações primitivas, cuja historia, perfeitamente documentada, está por ser feita pelos competentes. E no emtanto pode-se dizer que essa grande região natural, que fórma o bloco orographico avançando pelo Mediterraneo e pelos seus dois ramos, o Archipelago e o Mar Negro, possue uma individualidade ethnica que muitos seculos de fanatismo, auxiliado pelas condições do solo, teem tornado mais persistente. Não ha certamente uma homogeneidade anthropologica nas differentes populações que se estendem da foz do Chatel-Arab ao extremo occidental da Asia Menor e da Syria, mas constituem, na historia, agrupamentos que representaram um ou mais estadios na evolução da humanidade e são hoje susceptiveis de um largo desenvolvimento. São raças progressivas, evidente-

mente, que um dia poderão, pela valorização e aproveitamento do solo que habitam, tornar a ganhar um logar distincto entre os povos superiores.

⁂

Julgamos desnecessario fazer a resenha das vicissitudes politicas por que tem passado a região que se estende do mar Egeu ao golfo Persico. Depois das velhas civilisações, da dominação grega, da absorção romana, do anniquilamento do imperio de Roma e a invasão turca, todo o valle de Mesopotamia continuou, sem interrupção, na decadencia, que vinha já de muitas dezenas de annos, até que toda a vida politica d'essas regiões como que de concentrou em Bagdad e no seu entreposto commercial, em Bassora.

Eram fracos os laços que ligavam todo este paiz ao imperador da Turquia. E, por isso, a pouco e pouco, como na Arabia,—graças ao sultão de Oman,—como em quasi todas as restantes zonas onde o Islam se estabeleceu, a centralisação politica e administrativa foi-se tornando gradualmente mais fraca, accentuando pelo mesmo motivo a decadencia economica do paiz inteiro.

Com a ruina do imperio da Turquia, com a independencia dos Estados Balkans e a provavel expulsão de Constantinopla do sultão turco, as provincias do imperio começaram a desligar-se, sem que o poder central conseguisse oppôr quaesquer resistencias a esse desmoronamento. Saíram-lhe das mãos a Tunisia e o Egypto. Quasi todo o litoral da Arabia oriental e meridional encontra-se sob o protectorado da Gran-Bretanha. O Hassa, no golfo Persico, tem tribus independentes. Koweit pertence economica e politicamente aos inglezes. Raras são hoje as regiões ao sul da Mesopotamia e do Irak-Arab onde a auctoridade do Sultão da Turquia seja respeitada ou temida.

O antigo imperio romano do oriente, invadido pelos turcos, está na phase da liquidação final. Nos Balkans organizam-se nacionalidades e, apesar de se encontrarem ainda no periodo da instabilidade politica, ainda sem architectura social bem definida, a sua organização far-se-ha provavelmente no decorrer do seculo em que estamos.

Na Africa, a Inglaterra, por uma politica habilissima, guarda para si o Egypto e todo o *hinterland* ao sul; a França conquista Tunis; a Italia lança vistas ambiciosas sobre a Tripolitana, que considera como o seu natural prolongamento para o sul. Emquanto o imperio turco se aniquila em Africa e na Europa, na Asia a Russia pretende apossar-se da Armenia e, atravessando todo o Kurdistan, intenta chegar á bahia de Alexandre e no mar Levantino. A Inglaterra, com direitos já historicos, lança mão de todas as ilhas do golfo Persico, e de todos os portos principaes da Arabia, e vae collocar-se mesmo á entrada de Chatel-Arab.

E' n'este esphacelar do imperio turco que as grandes nações da Europa procuram, á porfia, obter predominio e larga participação na herança. Crescem as ambições, e quanto mais estas se enredam, difficultando a sua realização, maior parece ser a protecção que o sultão da Turquia recebe d'essas mesmas potencias.

⁂

Ainda não ha muitos annos, Bismarck ligava tão pouca attenção aos negocios e ás questões da Turquia que não poucas vezes julgou desnecessario abrir a correspondencia do oriente. A Allemanha desinteressava-se dos problemas politicos que se iam desenrolando nos Balkans e na Asia Menor. Deixára livre campo á Russia e á Austria, creando d'este modo, entre estes dois paizes, uma rivalidade permanente.

Durante muito tempo a politica prussiana resumia-se a transformar a Prussia *em primeiro estado germanico*. Depois da guerra da Austria e da França, Bismarck trabalhou por fazer da Allemanha *a primeira nação da Europa*. O grande chanceller despresava os assumptos coloniaes, não procurando estender o raio da acção germanica senão dentro dos limites do continente europeu. A sua educação politica tinha sido inteiramente feita na estreita comprehensão de que o mundo se resume aos estados da Enropa. Mas o desapparecimento de Bismarck coincidiu com o inicio da larga expansão industrial e maritima do imperio. As ambições allemãs, personificadas no imperador Guilherme, tentam hoje fazer, da *Maior Germania*, *a primeira potencia do mundo*. Da politica exclusivamente *allemã*, passou-se gradualmente para a politica *européa*, e hoje o *Drang nack Osten* indica quaes as tendencias de todo o imperio e a direcção principal do seu movimento economico. Essas ambições pretendem o predominio *mundial*, inscripto no programma *pan-germanico!*

Emquanto a Allemanha foi unicamente um paiz de sabios e de sonhadores e não de financeiros e homens praticos e de negocio, a nação conservou-se tranquilla e os seus projectos de expansão eram cantados em romances e estudados em livros pelos seus homens de sciencia. Havia n'essas ambições, vagamente escutadas pelo povo, qualquer coisa de mystico, de nebuloso. Pareciam dormen-

tes as energias de uma grande nação e como á espera que novos estimulos despertassem novas tendencias e vontades.

A formação do imperio e o seu rapido desenvolvimento industrial transformaram completamente as condições em que se encon-

tràva a Germania sabia e sonhadora. Não deixou o paiz de ser o primeiro entre os mais instruidos, não perdeu nenhuma das suas altas qualidades de pensamento, mas, a par da sua grande cultura, o industrialismo creou uma immensa riqueza e o *élan* com que a Allemanha se lançou nas lutas economicas do mundo indica bem quaes e quantas eram as energias que esse forte paiz trazia desde seculos quasi inteiramente desconhecidas.

A politica colonial iniciada em 1885 foi o primeiro resultado d'essa plethora em que o imperio se ía sentindo. O grande desenvolvimento da sua marinha mercante, a larga distribuição da emigração allemã constituindo em todas as partes da terra centros importantes e ricos, o crescimento progressivo da sua marinha de guerra e especialmente o extraordinario impulso que tiveram todas as suas industrias crearam no imperio um estado d'espirito collectivo que se revela na politica pan-germanica, mundial, que é hoje o sonho de Guilherme II, sustentado pelos sabios, pelos litteratos, pelos artistas e pelo povo inteiro.

O desenvolvimento da sua marinha mercante, hoje a segunda do mundo; os progressos da sua marinha de guerra, que em 1917 deve tambem occupar o segundo logar, obrigando a França a recuar do seu posto, fazem hoje da Allemanha a nação rival da Gran-Bretanha e com quem esta terá de se medir no futuro. Sábia, rica, com uma população dando excedentes de natalidade como nenhuma outra nação na Europa, possuidora do primeiro exercito do mundo, senhora de uma rede commercial interna que lhe dá, graças á sua posição no centro da Europa, uma importancia economica extraordinaria, a Allemanha, para tornar-se a primeira potencia do mundo, quer dominar na Europa, quer, caminhando para o Oriente, combater o imperialismo inglez, bem solidamente estabelecido e em seu logar fazer brilhar um dia a bandeira imperial germanica.

Ha, n'este plano de Guilherme II, que se suppõe um predestinado, uma ambição ainda mais vasta que a de Carlos Magno. É a sciencia allemã creando a audacia do imperio; é o pan-germanismo, ditado por sabios, a pretender, na politica mundial, o primeiro logar! Guilherme II revê-se n'esse carro triumphal, ditando a lei ao mundo e passando-lhe aos pés o cortejo das nações, saudando os seus sabios, o seu exercito, a sua marinha, as suas industrias e toda a sua opulencia scientifica e economica e toda a sua grandeza politica!

Mas se n'estas ambições megalomaniacas ha signaes de um mysticismo nebuloso que embalou sempre o espirito germanico, ha tambem n'ellas outros signaes evidentes de que o imperialismo allemão não pode já concentrar-se dentro dos limites da Europa.

A Allemanha entrou tarde na politica da expansão colonial, quando o que havia de melhor pela terra tinha já sido adquirido pelos outros estados da Europa. Mas, os acontecimentos politicos são sujeitos a tantas contingencias, cuja logica nem sempre pode ser prevista, que ella espera ainda, no caminho que percorre, fazer-se grande, immensa, e dominar ainda um dia sem rival nos paizes longe da Europa!

São estas ambições que levam os seus capitaes para todas as regiões da terra. A sua emigração já se não funde com o elemento anglo-saxon nos Estados-Unidos. Na America do Sul formam-se cidades quasi exclusivamente allemãs. Os seus financeiros criam portos, arsenaes, caminhos de ferro, em todos os estados e em todos as regiões. E' a verdadeira febre do triumpho, mas é tambem a verdadeira consciencia da força que a impelle em todas as direcções.

❦ ❦ ❦

Comprehende-se agora como o imperialismo germanico procurou na questão da China occupar um logar proeminente e esclareceu-se a sua intervenção, actualmente só economica e, no futuro, de largo alcance politico, em todo o imperio da Turquia ainda hoje sob o dominio do sultão.

Pouco tempo depois de Guilherme II subir ao throno, é ao despota de Constantinopla que elle dirige as mais affectuosas palavras. A sua viagem a Jerusalem é o inicio da propaganda contra o protectorado catholico da França no Levante. A creação do *Deutsch Bank* em Constantinopla é a invasão das finanças allemãs em quasi todas as empresas, caminhos de ferro e em tudo onde a sua supremacia economica possa firmar-se. Depois de transformar a Rumania em mercado dos productos germanicos; depois de simular uma protecção ao sultão e, á sombra d'ella, colher facilidades ás empresas dos allemães e do seu commercio; depois de estabelecer a intriga contra a França a proposito das questões do protectorado catholico na Syria, a Allemanha obteve, mesmo defronte de Constantinopla, o porto de Haidar-Pacha para testa de uma pequena linha ferrea que ligaria este ponto a Konia, na Anatolia.

Estava d'este modo lançado o fundamento das suas futuras ambições. O sultão seria o protegido da Allemanha. Esta defendel-o-ia contra a Russia e a França; oppôr-se-ia ao desmembramento completo da Turquia eu-

ropêa, e d'este modo ser-lhe-ia facil obter concessões no *caminho da India*, o caminho mais curto, que vae do Mediterraneo ao golfo Persico.

O problema do Irak-Arab e da Mesopo-tamia só interessava, ha poucos annos, ás duas grandes potencias europêas dominando na Asia: a Russia e a Inglaterra. Embora contrarios os seus interesses commerciaes, eram só remotamente antagonicos os seus fins propriamente politicos. Os destinos da Gran Bretanha e da Russia poderiam um dia, talvez, correr parallelamente; as ambições da Allemanha é que não deixarão no futuro de se pôrem em conflicto com as da Gran-Bretanha. Por isso, a entrada do imperialismo germanico nas questões politicas do golfo Persico torna o problema do Irak-Arab e da Mesopotamia muito mais grave e perigoso.

No historico valle que viu as mais bellas civilizações da antiguidade, nas planiceis onde floriram jardins maravilhosos, ao lado das ruinas das cidades, dentro das quaes lutas heroicas se deram e a sciencia surgiu primeiro do que em nenhum outro ponto da Eurasia, confluem hoje as vistas ambiciosas e os planos de dominação das grandes potencias da Europa.

⊚ ⊚ ⊚

A Gran-Bretanha, a Russia, a Allemanha, a França, a Italia e a Austria teem no actual imperio turco da Asia fortes interesses a proteger e cada uma d'estas nações procura conservar o prestigio adquirido até hoje.

São limitadas as pretensões da Austria. Estado sem homogeneidade politica, cujo raio de acção diplomatica é naturalmente encurtado pelas ambições da Allemanha e da Russia, a sua influencia accentua-se principalmente nos Balkans. Pertence-lhe, por encargo que lhe foi reservado pela Allemanha, a policia dos acontecimentos que se desenrolam na peninsula. D'este modo, como satellite do imperio germanico, favorece as suas tentativas de predominio economico na Anatolia e na Turquia europêa, deixando-a alastrar-se no caminho do golfo Persico. Evita ao mesmo tempo as ambições pan-germanicas que teem como um dos seus fins politicos a futura posse de Trieste, animando a sua alliada a caminhar para o Oriente, e auxiliando-a nas suas pretensões a *estado mediterraneano*, para a sonhada posse de uma larga zona da Turquia asiatica banhada pelo Archipelago e pelo mar Levantino.

A Austria não tem interesses economicos e politicos para além dos portos da Asia Menor. A Mesopotamia, o Irak-Arab, a Persia e o Oriente inteiro são-lhe desnecessarios para a politica que segue. Não é uma potencia naval de 1.ª ordem, não possue colonias, a sua marinha mercante é secundaria, as suas industrias não pretendem uma expansão mundial, de sorte que os problemas do Oriente e a luta pela supremacia nos mares da India e da China nem a encontram preparada politicamente, nem lhe pertence seguil-os no seu ponto de vista commercial.

A Italia, que o programma de governo de Crispi lançou em aventuras coloniaes na Erithrea sob a sympathia cautelosamente graduada da Gran-Bretanha, vê na Africa as suas ambições sustadas de exito. O condominio que combinara, com os inglezes na Abyssinia e na Somalilandia, para combater a expansão franceza e os planos politicos da Russia, caiu á nascença, quando á Gran-Bretanha não foi já necessario o seu auxilio para a posse do Sudan e do Alto Nilo.

Na Syria a sua influencia religiosa é incomparavelmente menor que a da França, sob cujo protectorado estão ainda, apesar dos protestos do governo e da opinião publica italiana, todas as suas escolas e associações religiosas catholicas, n'aquellas paragens. Apesar da intervenção dos seus consules e dos da Allemanha, promovendo dissensões entre os catholicos do Levante; apesar dos esforços diplomaticos da Allemanha, junto á Santa Sé, para que o protectorado catholico da França no Levante não se estenda aos subditos da Allemanha e da Italia, é certo que as congregações e as escolas religiosas italianas nos portos do Mar Levantino estão ainda hoje dependentes do protectorado francez.

E' provavel que este *Protektorat-Paroxymus*, como é qualificado pelo professor allemão Hartmann, se não sustente e que tanto a Italia como a Allemanha obtenham algumas regalias de indepedenncia religiosa. Affigura-se-nos porém, que Pio X seguirá n'este assumpto a politica de Leão XIII e que o protectorado francez no Levante cairá gradualmente em desuso, mas não por determinação do Papa.

A influencia economica da Italia é insignificante na Anatolia e quasi nulla na interior da Asia Menor e no Irak-Arab. Foi em outros tempos a nação predominante em toda essa vastissima região. Os seus mercadores e homens de negocio percorriam-na frequentemente, e durante muito tempo foi dos italianos o monopolio commercial em quasi toda a Turquia asiatica. Hoje, e embora as ambições politicas da Italia a obriguem a firmar com mais energia a sua acção no Mediterraneo, é certo que no Levante os seus interesses economicos são muito limitados e não

tem que ser chamada nas graves questões que se hão de dirimir um dia nas terras banhadas pelo mar das Indias.

Não acontece o mesmo á França. Este paiz é ainda hoje o que maiores interesses economicos possue na Turquia. Pertence-lhe 60 % da divida do imperio, isto é, 1764 milhões de francos; o Banco Ottomano é francez perto d'um terço das linhas ferreas turcas está em poder das companhias francezas. Mais de 23 milhões estão empregados em Smyrna e o commercio quasi inteiro d'este porto é feito pelas casas francezas. Dos 3000 religiosos que se encontram no Oriente do imperio turco, 2500 são subditos da França. Esta tem n'essas regiões 5000 escolas, frequentadas por 90:000 discipulos. São muitos os hospitaes francezes, e que soccorrem perto de 100:000 doentes e pobres. A cidade de Beyruth é quasi uma cidade franceza.

O caminho de ferro da Syria, que liga Damas Aleppo e outros pontos principaes, está nas mãos dos capitalistas da republica. E' por isso que a exclamação *Alla Francia*, que exprime, na boca dos indigenas, a suprema admiração, por um povo que, desde longos annos, plantou a sua influencia moral no Levante, é tambem o estimulo que obriga a França a sustentar a sua politica economica e a sua autoridade moral em todo o Oriente Levantino, onde uma e outra se fixaram de ha muito tempo e constituem hoje a grande razão da politica franceza.

Mas não são unicamente os interesses que a França possue na Turquia Asiatica e principalmente no litoral da Asia Menor, na Syria e na Anatolia que a trazem vigilante. Como nação colonial é já possuidora de um imperio na Indo-China, de vastos territorios em todas as zonas do velho continente, senhora de pontos estrategicos muito importantes em todos os mares; consciente da influencia do seu desenvolvimento colonial e economico, para o qual trabalha com energia, os interesses francezes no *Nearer East* prendem-se com os que a França tem no Extremo Oriente, na Africa e na Oceania.

E' certo que a sua expansão industrial encontra no Extremo-Asiatico fortes competidores, que ella não póde vencer. As industrias inglezas, allemãs e americanas ganham a pouco e pouco quasi todos os mercados do Pacifico; mas a França com perto de 30 milhões de subditos na Indo-China e as suas ambições na China meridional, que ella procura transformar em um protectorado economico, ganha estimulos que justificam a sua intervenção na politica internacional sobre assumptos relativos ao golfo Persico e ao valle de Eufrates e o do Tigre.

Não póde a França esperar, como a Allemanha pretende, uma supremacia naval e economica nos mares do Oriente; porém, a sua alliança com a Russia, os seus interesses politicos contrarios aos da Allemanha e da Gran-Bretanha e principalmente a sua supremacia moral no Levante e a importancia dos seus capitaes na Turquia asiatica obrigam-na a occupar um dos primeiros logares na concorrencia que a diplomacia está creando na Mesopotamia e no Irak-Arab, entre as grandes potencias europêas.

Comprehendem-se e são muito legitimos os planos da Gran-Bretanha. Preparando-se desde longa data, póde hoje ousadamente ficar onde está, não permittindo que nenhuma outra nação a desloque nem a exceda em força e predominio, desde o golfo Persico até o Mediterraneo. Guarda com segurança as chaves do caminho do mar Vermelho, mas precisa tambem conservar uma egual hegemonia no golfo Persico. Só d'este modo ficará intacta a sua supremacia naval nos mares da Asia, será seu o mar das Indias e o commercio que descer pelo Chatel-Arab encontral-a-ha sempre vigilante e sempre forte em toda a estrada que vae ter á India.

Dissemos já quaes são as ambições allemãs, qual é o seu sonho imperialista de dominar o mundo inteiro com a sua sciencia e com a sua força economica e naval. Pretende deslocar a Gran-Bretanha e ha de um dia tental-o, quando se julgar sufficientemente forte e quando completamente organizada no mar. Ambiciona o predominio em toda a Anatolia, na Syria, na Mesopotamia até á foz do Chatel-Arab; quer uma sahida para o golfo Persico, e espera, para a realização do seu plano gigantesco, que a versatilidade da sua politica, pelos jogos malabares por que se caracterisa, possa um dia, por combinações diplomaticas opportunas, vencer a sua grande e poderosa rival. Para que esse ideal venha no futuro a ser exactamente cumprido, para que o *Drang nach Osten* não seja uma eterna miragem, emquanto a sua marinha mercante abre em todos os mares uma terrivel concorrencia á expansão industrial e á marinha commercial britannicas, o imperio, sem descuidar do seu formidavel exercito, prepara systematicamente a sua marinha de guerra. *Who rules the waves rules the world*, dizem os inglezes. Conhece a moderna Allemanha este grande axioma da politica internacional, e o seu imperador inspira-se tambem nas palavras do publicista americano Mahan, para poder affirmar que «*Unsere Zukunft ist auf dem Wasser!*»

Para realisar com segurança tão vasta rêde politica, é indispensavel á Russia uma con-

ducta sombria, reservada, sempre persistente. E' esta effectivamente a feição da sua diplomacia. No Extremo-Oriente tem, d'este modo, obtido triumphos successivos. No sul, conseguiu dilatar os seus limites, fazendo entrar nos seus dominios a Bokhara e varios fragmentos do territorio persa. Na Caucasia conserva um numeroso exercito sempre vigilante, e nos desfiladeiros d'esta região as suas sentinellas espreitam a Armenia e o Kurdistan.

Na Persia, a Russia e a Gran-Bretanha partilham, sob a forma de um condominio economico, todas as forças vivas do paiz. Rêdes telegraphicas, circulação fiduciaria, estradas, bancos e navegação pertencem aos inglezes. A Russia possue as melhores concessões dos caminhos de ferro, as melhores tarifas e vantagens commerciaes. Não lhe convem por isso que a influencia britannica se propague pelo reino inteiro e muito menos deve querer que um novo concorrente, tão temivel como a Inglaterra e mais ambicioso ainda, venha modificar em seu prejuizo a rêde de estrategia commercial que a pouco e pouco a Russia vae estabelecendo em toda a Persia e na Alta Mesopotamia.

❀ ❀ ❀

Esclarece-se d'este modo, pela rapida exposição dos interesses das differentes potencias no *Nearer East*, que acabámos de fazer, a larga importancia que na politica mundial tem a região do Irak-Arab e a Mesopotamia. E' n'esta zona que se encontra o centro geographico do velho continente. A sua situação, entre a Europa e a Asia, significa o caminho o mais curto entre o Extremo-Oriente e o Extremo Occidente. Foram estas as condições que, nos tempos antigos, permittiram a varios povos fazer nascer e brilhar civilizações das mais notaveis no Universo. E' pelo valle do Irak-Arab a passagem natural, o transito futuro, da expansão da civilização europêa até os ultimos limites do Extremo-Asiatico. A nação que dominar n'esse valle, aquella que mais fortes raizes economicas e politicas crear em toda essa estrada será tambem a potencia que de um ao outro extremo do velho continente, do Atlantico ao Pacifico, poderá com mais firmeza dictar leis no mundo. A actual hegemonia da Gran-Bretanha em todo o mar das Indias e no golfo Persico, os protectorados que ella estabeleceu na Arabia, a supremacia economica e politica que a Russia tem actualmente na Persia, os interesses religiosos e financeiros que a França sustenta na Asia Menor e na Syria, circumstancias que mais e mais se hão de tornar complexas de modo a preparar um *internacionalismo* na formula politica que deve reger os destinos do Chatel-Arab, tornam o problema do golfo Persico progressivamente mais perigoso, se uma só das grandes potencias que entram na luta quizer estabelecer um predominio absoluto entre o mar Egeu e o extremo oriental do Eufrates e do Tigre.

Está ainda longe de poder realizar o seu programma; mas prepara os seus elementos, estabelece a Allemanha em toda a parte, faz respeitado o seu nome em todo o mundo e sonha, vagamente ainda, como um illuminado, com esse dia glorioso em que algum dos seus descendentes possa, n'um supremo orgulho que traduza o orgulho de uma raça inteira, repetir a um imperador da Russia, com justiça, com verdade, a celebre saudação dirigida a Nicolau II, do bordo do *Hohenzollern: O Almirante do Oceano* sauda o Almirante do Pacifico!

O plano politico da Russia, pela propria vastidão d'este imperio, é bastante complexo e exigiria um demorado exame. Na zona que faz o objecto do nosso estudo, a Russia conflue tres *ramificações* da sua conducta diplomatica: Constantinopla e a sahida para o Mediterraneo, a hegemonia na Persia e a acquisição economica do litoral do golfo Persico, e a expansão para o mar das Indias através da Persia e do Beluchistan. Estendendo-se ao oriente até o Pacifico, banhada ao occidente pelos mares que se prolongam até o Atlantico, as suas ambições pretendem alcançar, ao sul, o Mediterraneo e o mar das Indias. A realizar o seu immenso plano politico, o imperio seria como um polvo que prendesse todo o velho continente.

A heterogeneidade das raças e os seus differentes graus de cultura, a extrema variedade das zonas dominadas pela Russia, a immensidade da área pretendida pela politica do Tzar tornam improvavel, durante muito tempo, uma forte ligação entre estas diversas partes do pretendido imperio. No entanto, a Russia, pelo *transiberiano* trata de se precaver no Extremo Oriente, pondo as mãos na Mandchuria e reservando-se para uma occasião opportuna alcançar a Corêa. Pelo *transcaspiano* ameaça o Beluchistan e o estado Afghan, que servem de zona *tampão* entre a Slavia politica e o imperio inglez da India. Pelos caminhos de ferro projectados na Persia, passando por Teheran e terminando em Bandar-Abbas, no fundo do estreito de Ormuz, e na foz de Karoun, no fundo do golfo e junto de Chatel-Arab, pretende chamar á sua influencia economica toda a costa persa e o respectivo *hinterland* do mar de Oman, até á extremidade septentrional do golfo. A linha projectada através

do Erzerum, a politica sempre agitada que inspira no Caucaso, as suggestões de revolta que promove na Armenia e as suas pretensões de chegar até á bahia de Alexandrete no mar Levantino, traduzem um meio politico de resolver o problema da passagem para o Mediterraneo contornando a Anatolia e isolando o sultão em Constantinopla.

É esse justamente o plano do imperialismo allemão, que a sua imprensa denuncia e que os seus politicos e homens de sciencia e de negocio revelam nos congressos, nas discussões, nes centros commerciaes. E até o proprio Guilherme II, no seu *Drang nach Osten*, traduz essa ambição quasi illimitada para um dominio mundial, ultima expressão da sabedoria e da politica allemãs.

Foi esse o pensamento que ditou ao imperador da Allemanha a sua conducta com o sultão da Turquia. Depois dos capitaes germanicos terem construído o caminho de ferro da Anatolia, do Haider-Pacha a Konia, era necessario, para a realização do plano imperialista, que essa linha ferrea se prolongasse até Bagdad e depois até Bassora. Era uma empresa gigantesca, para a qual tornavam-se indispensaveis sommas consideraveis, de que os bancos allemães não poderiam dispôr. Alem d'isso, a Allemanha tinha que simular que essa obra formidavel visava um objectivo de caracter internacional, e como os capitalistas francezes não querem perder as vantagens alcançadas na Turquia, os financeiros germanicos offereceram 40 °/₀ dos encargos e garantias d'essa linha á França, reservando para a Allemanha uma percentagem egual e cederam 20 °/₀ ás outras nações e em especial á Belgica.

Não querendo que a má vontade da Russia difficultasse a empresa, procurou a Allemanha a sua cooperação, chegando a offerecer-lhe os 40 °/₀ que lhe pertenciam!

A Russia regeitou o offerecimento, a pretexto de que esse caminho de ferro era contrario aos seus interesses economicos. A Gran-Bretanha, depois de algumas hesitações do sr. Balfour, acabou por se esquivar a entrar na empresa, por entender que não devia prestar-se a espalhar os seus capitaes n'uma região que os allemães já denunciaram seria no futuro um seu dominio directo, o campo da sua expansão industrial e politica!

D'esta dupla recusa, da Russia e da Inglaterra, resulta que a Allemanha, cujos financeiros e grandes capitalistas, depois das ultimas crises, se teem resguardado de aventuras perigosas, só encontram capitaes francezes a quererem acompanhal-a. A sociedade allemã da Anatolia e a companhia franceza da Syria combinaram um traçado principal e differentes ramaes secundarios, de sorte que a rêde Anatolia-Syria-Mesopotamia-Irak-Arab virá a pertencer, em partes eguaes, ás duas nações.

Em França, é o partido colonial quem defende a cooperação franceza, porém uma grande parte da opinião publica é contraria ao projecto dos capitaes francezes quererem auxiliar as ambições imperialistas da Allemanha.

A Russia vê com desagrado a intervenção franceza, e na propria França, onde ha quem sustente que a alliança politica não importa uma sujeição economica absoluta, muitos publicistas são de opinião que os capitaes francezes devem retrair-se, procurando assim deter o imperialismo germanico nas suas grandes pretensões de dominio mundial. No dia em que a Allemanha se sentir forte na Mesopotamia e na Anatolia, ella descerá até Trieste e o problema austro-hungaro será aberto á politica internacional.

Em opposição com o projecto da linha Konia-Bagdad-Foa, apresenta a Gran-Bretanha o da linha Alexandria-Koweit. A primeira está concedida á Allemanha, a segunda foi pelo sultão negada á Inglaterra, mas ambas estão em projecto e ambas traduzem uma necessidade da civilização na sua marcha para o Oriente.

Não está ainda definitivamente resolvida a questão da linha ferrea Konia-Bagdad-Foa. A Gran-Bretanha deixou-se ficar em Koweit e d'este porto vigiará a foz do Chatel-Arab. A Russia, sempre sombria, espera, com reserva e n'uma tranquillidade apparente, o passar dos acontecimentos. A França hesita ainda: não sabe se deve acompanhar a sua inimiga de modo a não lhe permittir que ella combata a sua actual supremacia economica e religiosa no Levante, ou se deve andar na cauda do imperio moscovita, como no Extremo-Oriente, fazendo sua a politica da Russia.

A Allemanha sabe o que quer, mas os seus bancos não se atrevem a tão gigantesca obra. O seu orgulho, porém, que não sabe occultar-se, obriga-a a não abandonar a empresa, visando com persistencia o caminho do oriente. *Drang nach Osten* é a phrase que synthetisa, na sua maxima singeleza, o programma imperialista da *Maior Germania*. É no centro geographico do Velho Continente, entre os tres oceanos, na melhor das estradas que ligam a Europa á Asia, que o imperador Guilherme pretende firmar, pela posse economica, uma futura supremacia politica!

❀ ❀ ❀

E' absolutamente impossivel prevêr os acontecimentos politicos que ainda n'este

seculo se hão de desenrolar n'essa zona asiatica onde surgiram maravilhas da civilização. E' durante dezenas de annos que os acontecimentos se preparam, que umas forças se substituem ás outras. O sul da Europa, centro politico do mundo, foi em todos os tempos a região onde refluiram as ambições de todos os grandes povos, e é d'elle tambem que surgiram todos os perigos e todas as glorias para a humanidade culta. O problema da Mesopotamia d'elle depende em primeiro logar. Não ha ainda estabilidade politica na Peninsula Balkan; a crise austro-hungara só revela n'este momento os seus primeiros signaes; o irredentismo italiano não encontrou ainda a verdadeira formula que deseja dar á sua politica; a questão do Adriatico e a proxima luta entre os interesses allemães e italianos só vagamente se notam em Fiume e em Trieste, onde os primeiros estão preparando-se economicamente; está ainda de pé o problema de Marrocos, e o sultão da Turquia, animado pela Allemanha, não se resolve por emquanto a passar o Bosphoro. Todos estes problemas se engrenam e todos elles fazem gravitar dentro do raio da sua acção os acontecimentos que se vão dando entre o golfo Persico e o mar Egeu. As ambições das grandes potencias traduzem, é certo, interesses não satisfeitos da civilização; procuram, desfazendo os limites politicos da Europa, contrapôr a uma *vasta America* uma *immensa Eurasia.* Porém, emquanto não se estabelece esse equilibrio anthropo-social; emquanto a humanidade mais civilizada não edifica uma moral que approxime os povos em vez de os afastar, os conflictos internacionaes, sob motivos os mais extranhos e os mais imprevistos, se hão de abrir durante seculos, mostrando assim que não nos é facil, por mais sabios que sejam os conductores dos homens, por maior que seja a superioridade moral e intellectual dos dirigentes dos povos, vencer a animalidade inferior das multidões, que só se governam por instinctos.

Silva Telles.

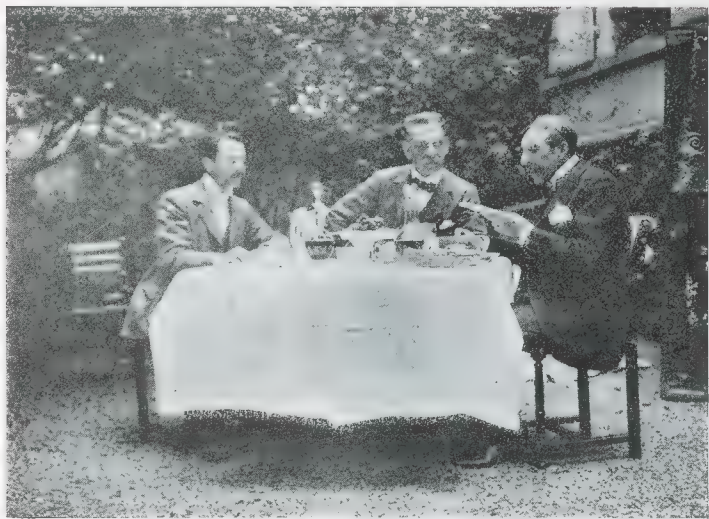
PROLOQUIOS GLOSADOS

Eu tinha dito: Em nome do meu brio
não te darei, panthéra, mais um pio
e a sós engulirei despeito e mágua!
Mas qual! se o disse bem, melhor faltei!
—Ninguem me diga: D'esta agua
não beberei!—

Cosme.

Cliché do sr. José P. Cardoso Junior

MONUMENTO A EÇA DE QUEIROZ

Esculptura do sr. Teixeira Lopes

EÇA DE QUEIROZ

A 17 de agosto de 1900, quando em Lisbôa houve conhecimento da morte de Eça de Queiroz, no dia anterior, em Paris, o jornal *O Dia*, — n'uma commovente iniciativa, — ao registar a luctuosa confirmação d'essa tristissima verdade, rematava a condoída expressão do dolorosissimo sentir, exprimindo o voto de que a manifestação da dôr nacional se não limitasse ao precipitado alinhavo de quatro phrases, mais ou menos banaes, na imprensa; mas que devia ao depois pensar-se em fixar a memoria querida e inolvidavel do extraordinario humorista «por qualquer outra forma além do monumento immorredouro dos seus livros.»

Felizmente, a mais alguem occorreu esta idea, aliás d'uma elementarissima justiça, tratando-se d'essa individualidade superrima cuja acção foi para o nosso *meio*, intellectualmente um relampago, socialmente um novo corpo de doutrina; que nos deu, pelo riso, carta de alforria á consciencia, e, pela arte, azas de aguia ao espirito. Um outro talento aristocratico e subtil, como o de Eça, uma outra grande alma indissoluvelmente ligada á do glorioso extincto por uma dôce e inalteravel irmanação, intellectual e moral, logo pensou na grandiosa perpetuação, pelo marmore, da memoria d'esse extravagante emancipador e seu inalteravel amigo.

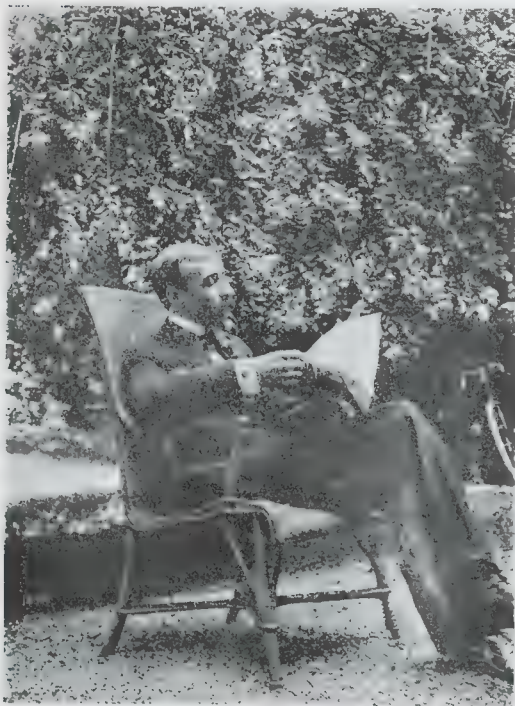
E, uma vez lançada a campo, a beneficente idea vingou, a termos que, levada no propulsor impulso dos extraordinarios meios de realização de que o seu feliz iniciador dispunha, ella ahi está, magistral e superiormente traduzida, no bello monumento que recentemente se inaugurou no largo do Quintella. Um grande homem, piedosamente amado por um grande coração, transcendentemente fixado por um grande artista,—é a synthese, é a lição moral de tão formosa obra. Raro a inspiração d'um estatuario terá sido tão ampla e vigorosamente illuminada pela comprehensão do seu assumpto; raro terá sabido desentranhar-se em tão alto e sublimado sentimento o coração d'um amigo. Mas raro egualmente haverá tido a grata admiração dos homens mais suggestivo estimulo, do que o

Os clichés que illustram o presente artigo foram-nos amavelmente cedidos pelo Ex.mo Sr. Visconde do Alcaide, distincto artista amador, que teve ensejo de convivio em Paris com o eminente escriptor, e no jardim da casa d'elle em Neuilly colheu aquelles suggestivos quadrinhos de familia e de viver intimo. A gravura de en-tête *surprehende um almoço intimo em que são comensaes de Eça, o sr. Thomaz Roza, nosso ministro em Paris, e o sr. Visconde do Alcaide.*

foi a acção deslumbradora d'este porta-estandarte inédito do Ideal, que veio alargar o campo da nossa visão esthetica e as responsabilidades da nossa missão moral.

* * *

A acção, enormemente revolucionaria, exercida pela obra de Eça de Queiroz na intellectualidade, nos costumes e na ethologia geral da sociedade portugueza, é uma coisa tão intensa e tão complexa, que só n'um largo transcurso de annos nos será dado medil-a em todo o seu inapreciavel valor. E todavia,—como é potente a radiação do genio! — nada de mais simples, de mais sóbrio, de mais delicado do que os meios empregados por Eça de Queiroz para conseguir o seu fim. Meia duzia de livros apenas; e estes traçados e escriptos sôb uma intransigente preoccupação de impersonalidade, nunca, — e ainda bem! — attingida, e que foi, durante toda a sua vida, o exaspero e a tortura do escriptor.

Ligado a Ramalho Ortigão na confecção

Eça de Queiroz lendo o «Figaro»

d'*As Farpas*, emquanto a sadía organização d'este se desentranhava em rutilancias paradoxaes, em athleticas arremettidas contrá as manhas, os vicios e os grotescos nacionaes, vinha o Eça e apenas traçava subtilmente, de ironia, entre dois pequenos travessões, com o realismo flagrante d'um friso etrusco, algumas linhas de annotação caricatural á sociedade beata e mesquinha que de roda d'elle sentia formigando. Despedia um agudo silvo de troça, emquanto o outro brandia o marmeleiro. Mas era o bastante para que a impressão do seu *humour* ficasse. E, em numeros successivos d'*As Farpas*, através todo aquelle apparatoso, e por vezes dogmatico, por vezes oppressivo, arcaboiço de preceitos, larachas, erudição e conselhos, o que mais, a espaços, scintillava—como alguma aresta de diamante perdida nas dobras de tapeçarias caras—era a *verve* do Eça, viva, instantanea, prompta como o brilho sarcasta do seu monoculo implacavel.

Deslumbrou-nos, educou-nos pelo riso, esse raro dom que foi sempre a pedra de toque da aristocracia do cerebro; o privilegio do homem, entre toda a creação, na Terra, e, entre os homens, o timbre do genio. Para se poder rir com superioridade e discernimento, é mistér pertencer-se a uma raça forte e autonoma, que tenha a faculdade de julgar em globo as modalidades ephemeras da vida. E assim como as grandes paysagens só se abarcam da corôa altiva dos cabeços, tambem só os raros cerebros generalizadores conseguem alar-se a essas alturas transcendentaes, longe da terra, perdidas nas nuvens, do alto das quaes o mesquinho formigueiro humano dá então a sua nota integral — nota expressa pelo riso, por isso que todo este nosso conjuncto de miserias, áquella enorme distancia attenuado, attenua tambem n'um philosophico rir a piedade.

Melhor ou peior, todos os homens são capazes de raciocinar, mas muito poucos sabem rir. Porque o supremo requinte da psychologia humana reside em descobrir o reverso ás tragedias sociaes... e n'este lá está sempre por força a comedia. A' qual se não chega senão por um illuminado trabalho de synthese, como o chimico no laboratorio, e dando, como summo resultado de inducção mental, a synthese espiritual das coisas.

Vejam como nos maiores acontecimentos sociaes teve parte determinante o riso, e como a perpetuação das grandes manifestações do espirito humano deriva, por via de regra, do sarcasmo. Que papel culminante não desempenharam no seu tempo homens como Democri-

to, Aristophanes, Petronio, Esopo, Voltaire, Byron, Rabelais, e, no dominio das artes plasticas, os ceramistas da Etruria, e os grandes caricaturistas nos porticos, misulas e gargulas das cathedraes, pela edade-média! A figura mais eloquente dos *Miseraveis* é *Gavroche*; a personagem que mais empolga em todo o *Fausto* é *Mephistopheles*. Voltaire, o contemporaneo de Aretino, transformou a Europa a escarnicar, a rir. E esta summa faculdade do riso attinge então proporções sobrehumanas, estonteia pelo remontado vôo a que ascende e dilaceranos pelas agonias infernaes em que se recurva, quando, como em Henri Heine e em Camillo, ella realiza a harmonia paradoxal da risada com o gemido.

Certo é que o riso tem, como nenhuma outra alavanca moral, aluido preconceitos, desfeito religiões e desmoronado imperios. E para alcançar esse dom supremo é mistér, segundo o mesmo Camillo, «ir subindo e tirando ás coisas a sua essencia lacrimavel, ir subindo e desdando os nós que atam a dôr alheia á nossa ...»

Em Eça de Queiroz, a função do riso manteve-se de alto, n'uma serenidade olympica, tão cheia de altivêz como de caracter. Foi como que a formula superior do desdem, a derivação philosophica da bondade. E d'este modo superior e altivo de demolir, a impressão ficou. Depois, a fórma perturbada, desarticulada e nova dos seus romances, os grandes principios moralisadores que presidiam á sua ideação, pozéram dominadoramente a individualidade de Eça de Queiroz em fóco. Simultaneamente alvo do culto fanatico de uns, da sanha feroz dos outros, a sua obra impoz-se e accordou para o Sentimento e para a Verdade um povo narcotisado, tres seculos havia, pelo artificioso ramerrão das arcadias, congregações e academias.

Acepilhou-se o estylo, despiu-se a frandulagem rhetorica, cujos ultimos farrapos ainda os romanticos agitavam com a mais comica solemnidade, arejou-se a prosa, viram-se, olharam-se, descreveram-se as pessôas e as coisas conforme ellas são; e assim o Eça conseguiu — não obstante as hypocritas indignações que accendeu o *Primo Bazilio*, apesar da tempestade de tonsuradas invectivas que lhe valeu *A Reliquia* — conseguiu desempoeirar uma litteratura do ranço de mosteiros e archivos, laval-a dos dulcerosos euphemismos da desmoralisação galante dos seculos anteriores, e, como um clarim soando o alarme no seu estylo firme e estridente, chamar a novos arraiaes todos os que escre-

Os filhos de Eça de Queiroz

vem, deletrear-lhes o novo ideal em Arte, mostrar, em summa, a espiritos que por tradição não se atreviam a mais do que vestir e despir manequins, como é que se anatomisa uma alma.

Eça de Queiroz foi verdadeiramente, no afinamento do estylo, no cosmopolitismo da linguagem, o continuador de Garrett. Não aprofundou e estudou como este os veios da tradição nacional; mas tendo uma phantasia muito superior e mais solidamente disciplinado o espirito, creou typos que são syntheses, desfiou caracteres e definiu paixões da mais larga envergadura humana. A sua acuidade de visão assombra, o seu poder de descripção é completo. E, dado por aquelle traço rigoroso e incisivo, não ha assumpto que tenha lacunas, não ha alma que refolhe em sombras. Tudo espiritualmente se define, se recorta e resplandece, quando reflectido no aço d'aquelle requinte e imaginoso estylo, o qual, mórmente o da sua ultima *maneira*, ficará para nós, em relação ao seculo XIX,

tão classico, como das edades anteriores o ficaram sendo Rodrigues Lobo, Bernardes, Frei Luiz.

A consagração d'este grande portuguez, perante a posteridade e perante o mundo, não se fez felizmente esperar. Abriu-se agora, com respeito a elle, um parenthesis de emthusiastica admiração e de grato affecto, n'essa imperturbavel linha de desdem, n'esse lençol de olvido em que Portugal costuma amortalhar os homens que o engrandecem. Os exemplos ahi abundam...

Eça de Queiroz não constituia, para a maioria do publico, uma figura popular. E comtudo ninguem, por mais indifferente, cruzava com elle na rua, que não fôsse tocado, a um tempo, de extranheza e adoração, por aquella atormentada e subtilissima figura. — A sua têz macerada e austera, o seu nariz de cêra, a doentia projecção dos malares desguarnecidos, o perfil apprehensor e adunco, os olhos de cinza; a palpebra morosa, os longos dedos irrequietos, casavam-se n'uma perfeita harmonia com a ansa de fadiga em que se lhe dobrava o dôrso, com o feitio pausado e incerto do seu andar. Era um homem, — via-se, — analysta e philisopho acima de tudo, debruçado sobre os factos para chegar ás origens, ávido do sentimento intimo das coisas, e cujo mais absorvente prazer, cuja missão funccional era, de continuo, apprehender e palpar, em flagrante, de roda de si a Vida...

Mas não era, repetimos, uma figura popular, accessivel á multidão. Por isso tornava-se mistér indispensavelmente, para a vulgarização do seu nome, o carinhoso e heroico esforço do seu grande amigo. Esta admiravel obra piedosa do conde de Arnoso começou pelo theatro.

D'aquella sua paraphrase tocante do *Suave Milagre* a determinante não foi uma preoccupação trivial de evidencia, mas sim o magnanimo proposito de apresentar sob esse aspecto adoravelmente candido e mystico, e quasi desconhecido, o escriptor de quem, na sociedade sua contemporanea, não havia mais do que a tradição, convencionalmente irritante, das suas liberdades, e a beliscadura humilhante dos seus sarcasmos.

Agora, essa tentativa de rehabilitação pela scena completou-se pela consagração na praça publica. Era o seu complemento logico e era um dever civico, a todos nós imposto pela memoria d'aquelle que foi intellectualmente o patrono d'uma geração.

O monumento dos seus livros ergueu-o elle si proprio, pelo seu talento colossal; mas devia-lhe est'outro a nossa gratidão e a nossa saudade.

O glorioso caminho para a reivindicação apotheotica dos nossos grandes homens extinctos ahi fica aberto. Pois aproveitemos com o exemplo. Continuemos, perseveremos n'elle. Que d'esse vergonhoso trilho de injustiça e ingratidão não é pequena a jornada!

Abel Botelho

Eça, sua mulher, sua filha, o sr. conde de Caparica e o sr. Domicio da Gama, escriptor brasileiro

A Architectura da Renascença em Portugal

por ALBRECHT HAUPT

MONUMENTOS DE CINTRA E DE COLLARES

Do lado norte do curso inferior do Tejo, na direcção leste-oeste, para a costa occidental, corre-lhe parallelo um espigão alcantilado de serra; é a serra de Cintra. Em redor d'ella são formosos os campos, *um delicioso paraiso*, como lhe chamou Byron, e é natural que os mouros, os antigos dominadores do paiz, se tivessem demorado ali com predilecção especial e talvez estabelecido a sua residencia em meio d'aquella magnifica natureza. Para proteger as povoações situadas nos valles, fecharam a serra com castellos ligados por compridas muralhas corôadas de ameias, encerrando pelo fecho do circuito lugares seguros á maneira de campos entrincheirados. Á sua sombra e a meia encosta está n'um dos mais lindos sitios da Europa a villa de Cintra, com o seu palacio real, residencia de verão dos reis. Ainda hoje os portuguezes consideram esse palacio como a Alhambra portugueza; e com effeito elle tem no seu perfil, na sua construcção e na sua divisão interna o caracter mourisco. Mas com isto não se quer dizer que elle na sua actual apparencia possa per-

tencer, mesmo em parte, ao tempo dos dominadores mouros, os quaes deviam ter evacuado o paiz por metade do seculo XII. Não obstante póde-se talvez suppôr que n'uma parte do percinto cercado e o desenho em geral sejam d'esse tempo antigo, posto que a parte principal do edificio pertença ao tempo moderno, desde D. João I, especialmente das épocas de D. Affonso V e de D. João II, havendo demais a certeza que os trabalhos de construcção até o reinado de D. Manuel foram executados por artifices mouros, provavelmente os mesmos que por ordem regia trabalharam em Evora. Todo o palacio real de Cintra mostra uma maravilhosa e estranha similhança com os edificios

Vista geral das construcções que compoem o Paço de Cintra

d'aquella velha cidade distante, mas nenhuma com os de Lisboa e os seus arredores.

A architectura da maior parte das construcções d'elle é, como já dissemos, de caracter mourisco na accepção que aqui chamam *mozarabe* e em Hespanha *mudejar*. Estas são as denominações dos trabalhos dos mouros sob o dominio dos christãos, d'uma assignalada importancia, especialmente em Hespanha, como da sua individualidade e do seu estylo não deixaram os mouros até ao tempo da sua expulsão; mas ao contrario desenvolveram-n'os, sob a influencia da arte christã contemporanea, n'uma segunda e maravilhosa florecencia.

A ultima arte mourisca em Portugal, dependente da christã, é menos gloriosa mas comtudo bastante rica e interessante, principalmente pelo facto de que nos seculos XV e XVI ella se apossa dos motivos gothicos da mesma época, para os fundir nas proprias formas, sem perder o seu peculiar caracter.

A architectura externa do palacio de Cintra apresenta superficies lisas com cornijas de ameias e arcos em forma de ferradura com dentilhões. Os numerosos columnellos das janellas são corôados d'um singular capitel em fórma de calix á maneira mourisca tal como em Hespanha, por exemplo, em Sevilha.

El-rei D. Manuel, que nasceu no palacio, gostava de ali residir e accrescentou o edificio com uma bonita ala, a de leste. Esta construcção de dois andares tem o rico guarnecimento das suas janellas duplas em composição gothica das ultimas épocas, na qual as molduras, os frontões rendilhados *(Wimperge)* foram substituidos por uma ramagem naturalista. Os portaes que, tanto no andar terreo como no primeiro, se abrem n'esta parte do edificio são analogamente feitos em formas recurvas do gothico das ultimas épocas; todos estes trabalhos, porém, são executados em seus detalhes por maneira rude. O naturalismo d'elles faz recordar em parte Thomar, mas sem ter d'este a força nem a originalidade.

Pertencendo á mesma época póde citar-se o gracioso desenho da gruta do banho. É uma pequena galeria que abre com tres arcos, firmados sobre duas finissimas columnas, para um pitoresco pateo de fonte cujo interior é fechado por tres nichos e inteiramente recoberto de magnificos azulejos. A gruta encerra os mais curiosos repuchos e fontes illusionistas. Os arcos graciosamente entrelaçados da galeria são no seu fino trabalho em marmore um caracteristico e elegante exemplo do gothico do tempo de D. Manuel.

Frente do Palacio Real de Cintra

Quanto ao modo de executar as obras, foi aqui o mesmo que para todo o paiz; escolheram-se mestres permanentes para as dirigir. N'esta, e para os periodos importantes da construcção, podem nomear-se João Cordeiro 1486, architecto e mestre geral dos trabalhos do palacio, Martim Rodrigues até 1490, depois seu filho João Rodrigues, aquelle que em Santarem substituiu em 1480 Matheus Fernandes, que passava para a Batalha; por conseguinte um mestre notavel. A elle talvez se possam attribuir as construcções realizadas em tempo de D. Manuel. Em 1533, Marcos Fernandes era mestre das obras do palacio e do aqueducto sob a direcção de Sebastião Balthazar Fernandes. Esta successão de nomes pode denunciar talvez a morosidade dos trabalhos do palacio, porque indicam quasi hereditariedade no emprego de architecto do palacio; plausivel deducção do

estado das obras visto que não se encontram d'ellas, depois do tempo de D. Manuel, vestigios dignos de menção ou sequer perceptiveis á vista. Portanto a actividade d'aquelle mestre ter-se-hia reduzido mais tarde á simples conservação do palacio. Compõe-se o conjuncto d'este, d'uma quantidade enorme de construcções diversas de alturas bem differentes em degraus de tres a quatro pavimentos sobrepostos em fórma de escada.

Janella da ala D. Manuel do Palacio de Cintra

Internamente quasi todas as divisões são revestidas de azulejo no estylo mourisco com desenhos da renascença e do gothico das ultimas épocas. Os tectos de madeira são divididos em caixotões e teem aquella fórma particular, usada pelos mouros, a fórma de maceira invertida, a qual sobe das quatro paredes para um centro horizontal. A capella do palacio, um simples oblongo com capella-mór mais estreita, tem abobada em fórma de tunnel. ornamentada com filetes em desenhos de polygonos e de estrellas e ricamente pintada. Tambem este modo de decoração não é raro em Portugal no principio do seculo XVI; em Coimbra, na Sé Velha, o esplendido tecto de esteira da galeria occidental mostra um desenho similhante, prova irrefragavel de que os mouros tinham collaborado com os christãos.

O pavilhão do lado occidental em fórma de torre, que encerra a sala dos brazões, é uma construcção especialmente notavel entre aquella grande massa pitoresca. Já no exterior esta parte é digna de nota, tendo de cada lado duas janellas duplas gothicas dos ultimos tempos, repousando no centro sobre o fino columnello de marmore bem caracteristico. Depois vem a cornija feita de tijolo com muitas e pequenas aberturas, producto

evidente da arte mourisca. A construcção é do tempo de D. Manuel. No interior en-

Pilastra do claustro da ala de D. Manuel

cerra uma enorme sala abobadada em fórma de cupula com talha dourada, contendo nos quadrados em que se divide a cupula pintados os setenta e dois brazões d'armas da nobreza portugueza d'esse tempo. Infelizmente a maior parte da cupula foi restaurada no seculo XVII, embora conservada a sua fórma originaria. E' uma immensa cupula octogona, que tem tres vezes a altura da parede sobre a qual repousa

e que está revestida de azulejos. Os cantos formados pelo córte do octogono são abobadados de meias cupulas, as quaes pertencem talvez á primitiva construcção. Na parede ha um friso de paineis com brazões, os quaes sobem em precedencias de familias, de maneira que no vertice da cupula está o do rei rodeado dos infantes.

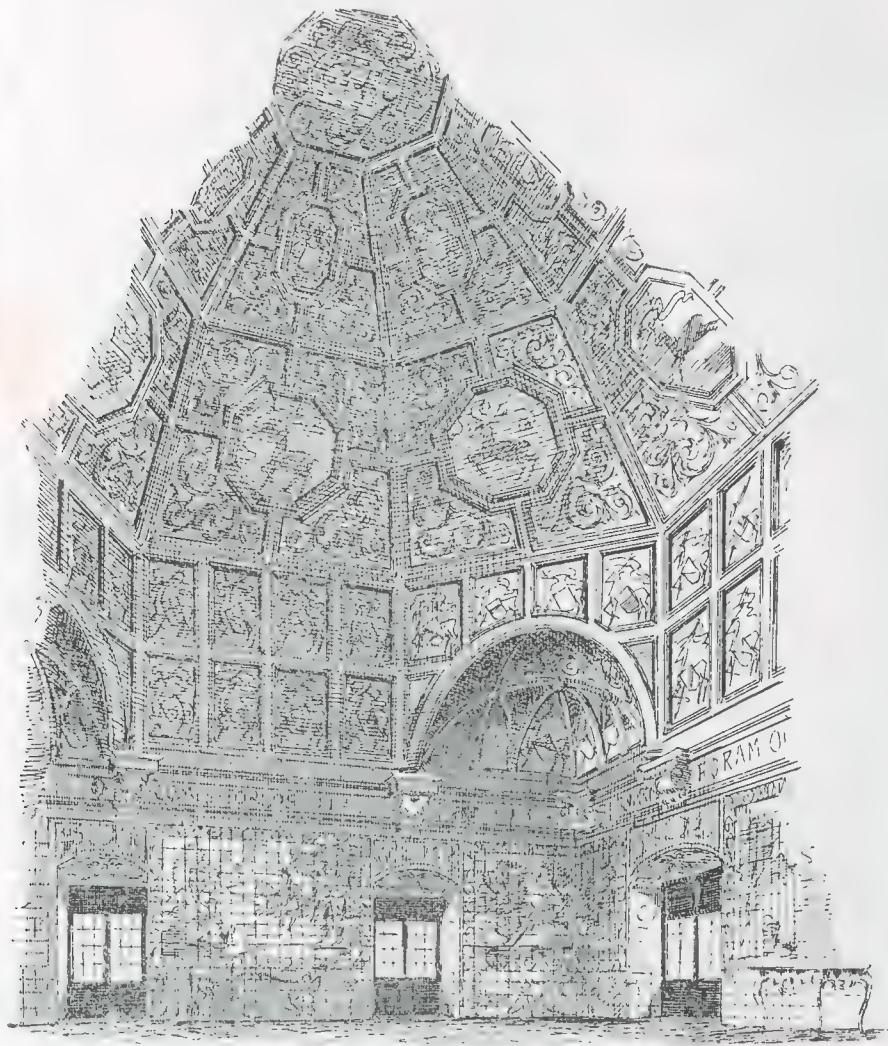
Além d'esta sala o palacio contem ainda outras das quaes a maior é a sala dos cisnes. Esta encontra-se sobre o vestibulo gothico da fachada principal e tem uma longa fila de janellas que abrem para o terraço contiguo adornado de uma fonte. O tecto em forma de maceira tem nos seus caixotões octogonaes pintado cisnes com corôas no pescoço, e mandado fazer por D. João I em carinhosa intenção por sua mulher. As molduras dos pequenos paineis, trabalhadas em excellente talha, pertencem ao seculo XVII.

São do tempo de D. Manuel, além dos dois duplos portaes em forma de ferradura dos lados menores da sala e além da chaminé, os alisares em azulejos das janellas e das portas bem como o revestimento de azulejos nas paredes. Este ultimo é um simples desenho de xadrez em diagonal, verde escuro e branco como se vê tambem nas cons-

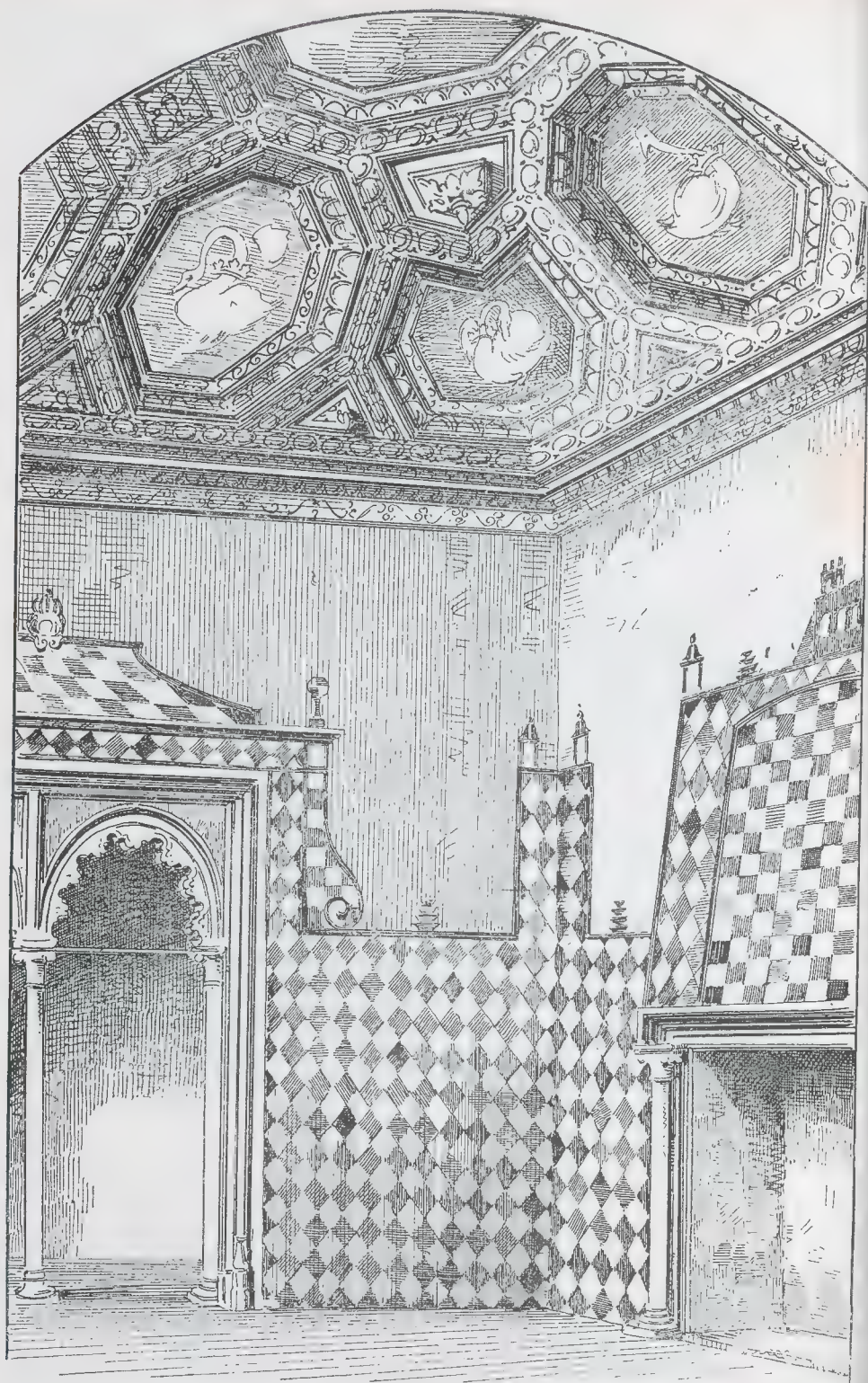
Sala dos Brazões (vista exterior)

trucções da mesma época em Evora (a Sempre Noiva). As outras salas principaes teem egualmente azulejos nas paredes;—assim a sala das pêgas, que tem em cada compar-

de lyrios isolados e de flores cruciformes rendilhadas.

A fonte que se encontra a meio do quarto com a sua bacia de marmore branco em fór-

Sala dos Braζões (vista interior)

timento do tecto de madeira em fórma de maceira a pintura de outras tantas pêgas, uma allusão ainda á vida da côrte. N'uma sala da parte trazeira do segundo andar vem-se, dignos de menção, ricos azulejos n'um gracioso gothico dos ultimos tempos. As suas portas ogivaes são emmolduradas de desenhos em rosetas finamente modeladas e o revestimento das paredes termina n'um friso

ma de estrella é considerada como o ultimo vestigio da decoração mourisca, o que é muito difficil de precisar. É especialmente interessante o botão de chumbo dourado que se acha a meio da fonte e por onde sahe a agua; é um composto ennovelado de ornamentos e solidos geometricos, o qual lembra tanto a arte indiana que devemos julgar ter diante de nós um trabalho originario da India. Isto

Salla dos Cysnes

é tanto mais curioso e importante quanto a fonte do primeiro pateo do palacio, em verdade muito feia, assim como tambem o pelourinho fronteiro do qual voltaremos ainda a fallar, teem um côroamento de remate imitado de modelo estrangeiro. Aqui reconhecemos tambem as fórmas asiaticas. Quantos objectos artisticos das Indias Orientaes viéram para o poder dos portuguezes, e quantos n'este caso serviriam de modelo! A restante ornamentação é muito modesta e pobre; a figura junta dá exemplo da simplicidade do gothico das ultimas épocas, nos espelhos das fechaduras e ornatos das portas.

Espelhos de fechaduras e de aldrabas

Portal de marmore italiano sobre o terraço do Paço Real

O palacio possue, além d'isto, dois importantes trabalhos da renascença italiana em marmore branco. No grande terraço em frente da ala principal á esquerda, encontramos o pequeno portal acima mencionado, cuja ornamentação consiste apenas n'uma cornija e n'um alizar ornado em volta do vão. Esta moldura tem a fórma da renascença das primeiras épocas italiana e d'uma maneira tão evidente que póde ser attribuida ao labor de Sansovino, unico no paiz do qual se póssa dizer isto com uma certa probabilidade, Com effeito, as fórmas mostram uma execução briosa e muito pouco cuidada, mas de valor como documento.

N'um dos salões principaes do primeiro

andar vê-se um dos mais finos trabalhos de relevo em Portugal, uma chaminé de marmore branco.

Segundo a tradição foi um presente do papa Leão x ao cardeal D. Henrique, e foi transportado para aqui do palacio de Almeirim quando este foi arruinado pelo tremor de terra de 1755. O intabellamento dorico da parte inferior é sustentado por dois hermas barbudos com os braços cortados, cuja execução é bellissima, sobretudo na representação da musculatura e do cabello. Por cima do intabellamento está o corpo principal: um friso em baixo relevo com grinaldas de fructas e tropheus pendentes, pela frente dos quaes dois cavalleiros arremetem um para o outro como se fôra n'um torneio.

Chaminé de marmore italiano

Este friso é d'uma rara perfeição na execução, d'uma extrema delicadeza e d'um finissimo tratamento de cinzel.

Ainda por cima do friso, o côroamento em fórma de espigão recurvado, tendo ao centro uma graciosa cabeça de anjo, arremata esta excellente obra. Provavelmente é um trabalho magnifico de um artista italiano do segundo quartel do secu-

lo XVI[1]. A affirmação geral de que a chaminé é de Miguel Angelo destróe-se á primeira vista.

Pela sua fórma caracteristica não se deve esquecer de mencionar aqui uma parte, pertencente talvez ao tempo de D. Manuel, a cozinha, cujos dois canos de chaminés, elevando-se como duas torres do lado oriental do palacio, dão a este uma physionomia especialmente curiosa. Diz-se que provem dos

Pelourinho de Cintra

[1] Haupt mudou de opinião quanto a este trabalho affirmando agora que é da renascença flamenga.

mouros esta maneira de construir cozinhas, as quaes, em lugar de tecto, teem estas immensas chaminés acabando n'um delgado pescoço, e muitas ha do genero no paiz, principalmente as vastissimas cozinhas dos conventos (Alcobaça).

Em frente da entrada do palacio, na praça

O sócco é formado pelo entrelaçamento geometrico dos perfis e membros da base polygonal, com ramos tambem entrelaçados. O adorno superior fórma, como já dissemos, uma imitação da parte central da bacia de marmore da fonte do palacio. Em resumo, o effeito d'este exemplo caracteris-

Casa do capitão-mór na estrada de Collares

da villa, ha ainda hoje o pelourinho de Cintra, actualmente usado como fonte. Este é um dos mais ricos entre os innumeraveis que existem em Portugal. Compõe-se de tres meias columnas entrelaçadas contendo entre ellas fitas de ornamentação. O fuste, os capiteis e o arremate, como em geral cada pequena parte, são adornados com ornamentos selvagens de baixo relevo em gothico das ultimas épocas.

tico da época do estylo manuelino é original e pitoresco.

Algumas casas e quintas do seculo XVI, que existem na villa e arredores, provam que não só a casa real, mas tambem os particulares apreciavam a encantadora natureza do lugar. Um edificio, especie de casa de campo, situado n'uma volta da estrada de Collares, é em toda a sua simplicidade uma das mais graciosas construcções de fina renascesça no

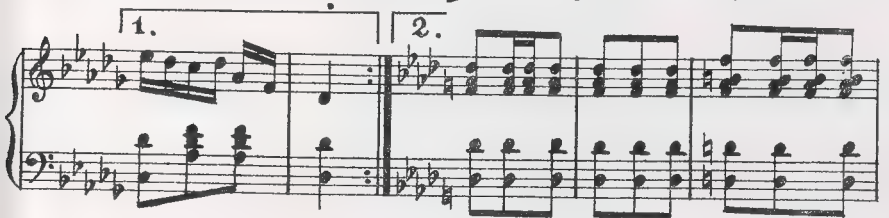
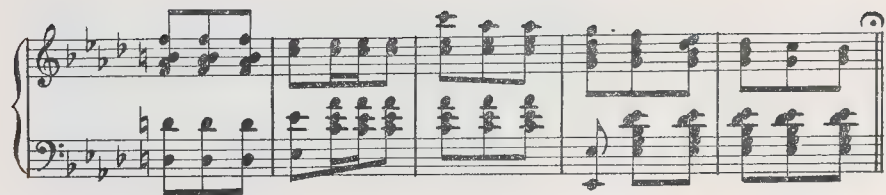
reinado de D. João III [2]. Abre sobre um pequeno jardim fronteiro, por uma escadaria que termina n'um vestibulo, sustentado por duas columnas compositas. A pequena escada redonda interior da casa que conduz ao terraço superior fórma um corpo saliente sobre a estrada. As janellas são coroadas de abas que fazem telhado. Ao longo da estrada vê-se uma fileira de sacadas de marmore. Por modesto que tudo isto pareça e por simples que seja o desenho são perfeitamente bellas as fórmas nos detalhes, como encantador é o effeito total d'esta pequena creação da florescente renascença portugueza.

Fortificações mouriscas da serra de Cintra

[2] Pertence agora a Mr. Galloway.

(Continúa.)

RECUERDO
VALSA por G.S.
PIANO
1.
2

1.
2.

MODAS

Com a prolongação intensa do inverno atrasaram-se naturalmente os preparativos da nova estação que n'esta época do anno começa em geral a definir-se pela entrega do fabrico novo. Ainda continuam no mercado as fazendas do inverno, os veludos e as pelles, e os vestuarios obedecem na sua confecção á necessidade de conforto e de resguardo. Por isso o corte geral dos vestidos de passeio regula-se por modelos que nas romeiras, nas abas e na fórma semelham casacos sobrepostos ás saias na sua maioria lisas ou quando muito enfeitadas de simples viezes. Sobresahe, como sempre, o genero *tailleur* que se presta a ser recoberto com as longas *pelissas* ou os fortes casacos acolchoados ou *capitonnés*, usados nas *courses* em automoveis, visto que a moda por aquelle genero de transporte chegou já a empregal-os não somente em passeios de excursão, mas tambem em simples carreiras de compras e até de visitas. Os enfeites mais empregados são as applicações de passamantaria de seda e os botões de phantasia. Em visitas, a moda prefere as *toilettes* simples, de bôas fazendas de lã á moda ingleza, com acabamento de *cheviot* ou de panno liso e assetinado, onde a riqueza e o bom gosto se esmeram mais nos forros de preço e no corte aprimorado.

As saias são em geral curtas; e, se ainda a hygiene e o asseio não venceram a repugnancia a encurtar o comprimento d'ellas, libertando os movimentos, dispensando o forçado apanhar, é certo que durante esta estação se generalisou mais o uso das *toilettes* de comprimento mediano. Para os bailes da estação, as sedas flexiveis e brilhantes, bem como as rendas de preço, teem sido os materiaes empregados de preferencia, embora se tenham confeccionado nas grandes modistas *robes* elegantissimas de veludo, que mais accentuam a ousadia dos decotes, apenas moderados pelo uso das gargantilhas de perolas em applicações, como tradicionalmente usa a rainha de Inglaterra. E' n'estes *toilettes* de recepção e de baile que mais curiosa e extranha tem sido a phantasia das modistas, resuscitando os modelos de estylo, predominando o que se chama gosto grego ou modificação do imperio, e para os quaes a abundancia de rendas nunca é exaggerada.

Nos vestidos de passeio, como nos de casa, ainda é predominante para os corpos o feitio de *blusa* e apenas o corte da manga, menos larga e mais aconchegada ao braço, determina a novidade. Comtudo usam-se simultaneamente de muitas fórmas. Como de costume, damos nas illustrações que acompanham estas paginas os typos mais geraes do vestuario, susceptiveis das modificações onde a phantasia de cada qual pode introduzir a nota de originalidade ou de individualidade que tanto distingue a verdadeira elegancia.

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

Acontecimentos politicos e sociaes

Setembro 16 — *Turquia* — As embaixadas da Russia e da Austria-Hungria em Constantinopla fazem serias representações á Sublime Porta a respeito dos excessos turcos em Monastir e Andrinopla. — *Inglaterra* — O sr. Arthur Balfour, primeiro ministro, dirige aos outros membros do gabinete britannico em Londres uma nota, expondo que permanece livre-cambista, mas em consequencia do proteccionismo universal julga necessario modificar o regimen fiscal inglez, de maneira que possa responder ás pautas hostis e á concessão de premios das outras nações.

17 *Inglaterra* — Os srs. Chamberlain, secretario de Estado das Colonias, Ritchie, chanceller da fazenda e lord George Hamilton, secretario de estado da India, dão as suas demissões, sendo acceites pelo sr. Balfour e pelo rei Eduardo VII. — *Russia* — Dão-se violentas rixas entre camponezes e mercadores judeus em Gomel, governo de Mohilef. A tropa restabelece a ordem. — *Bulgaria* — Annunciam de Sofia que a Russia, a Austria e a Allemanha respondem á nota bulgara aconselhando a Bulgaria a abster-se de qualquer acto e deixar proceder as grandes potencias; porque, se a Bulgaria se abalançar a lucta com a Turquia nenhuma potencia intervirá a seu favor. — *Austria* — O imperador Francisco José chega a Vienna vindo das manobras militares na Galicia.

18 *Austria* — O imperador Guilherme chega a Vienna acompanhado do chanceller do imperio conde de Bulow, e é recebido na *gare* pelo imperador Francisco José, archiduques e autoridades civis e militares. Os imperadores abraçam-se e apertam as mãos muito demoradamente, seguem para Hofburg por entre ovações enthusiasticas. — No jantar de gala o imperador Francisco José brindando, diz que a visita do imperador Guilherme estreitará mais vigorosamente as relações entre os dois soberanos e as duas nações. O imperador Guilherme, respondendo, diz: — Vi com prazer os altivos regimentos austriacos, porque os nossos dois exercitos sustentam e consolidam a alliança dos nossos Estados para conservação da paz na Europa. — *Africa Oriental Portugueza* — A columna em operações na região de Matadane para correctivo do Corropamuto, bate no dia 14 as terras do regulo hostil nampuimuno da região de Moma e coio dos salteadores. E' morto entre outros o regulo que oppoz resistencia. Ficam alguns prisioneiros e são incendiadas as povoações. A columna prepara-se para seguir para Matadane. O tenente da armada Lemos salva em Moma tres soldados em risco de se afogar. — *America do Sul* — O Brazil e a Bolivia proseguem amigavelmente as negociações a respeito do territorio do Acre. E' certo que o litigio será regulado amigavelmente por troca de territorios, construcção d'um caminho de ferro que dê accesso á Bolivia para o Atlantico, e pagamento de uma indemnisação á Bolivia.

19 *Inglaterra* — Uma carta do sr. Chamberlain explica as suas reformas aduaneiras que devem comportar: 1.º, uma união mais estreita com as colonias, por meio de pautas preferenciaes; 2.º, o emprego de pautas de combate com as outras nações. — *Allemanha* — O congresso socialista approva por 288 votos contra 11 uma resolução, condemnando o revisionismo e a acceitação da obrigação para o socialista vice-presidente do *reichstag* de ir á côrte. Os srs. Singer e Bebel são eleitos presidentes. A junta directora apresenta uma resolução recommendando a abstenção de trabalho no 1.º de maio e as manifestações a favor do dia de 8 horas. O congresso de 1904 deve reunir-se em Bremen. — *Hespanha* — Em Barcelona continúa a gréve parcial dos empregados da viação americana. A companhia pede mais pessoal para Bilbao. — *França* — No conselho de ministros o sr. Delcassé, ministro dos negocios estrangeiros, expõe a situação da Macedonia, dizendo que a Russia e a Austria manifestam firme resolução de não intervir senão para apressar a realização

das reformas reclamadas por ellas; as outras potencias apoiarão os esforços feitos para este fim pelos gabinetes de S. Petersburgo e Vienna.

20 *Hespanha* — Fundeia em Pollenza (ilhas Baleares, a esquadra ingleza procedente de Rosas para fazer exercicios. — *Turquia* — Assegura-se que as conferencias em Vienna entre o chanceller allemão conde de Bulow e o conde de Golochonoski, ministro dos negocios estrangeiros austro-hungaro versam unicamente sobre as questões dos Balkans, e que reina entre ambos perfeito accordo a este respeito.

22 *Turquia* — Depois do conselho de ministros em Constantinopla, a Porta dirige ao governo de Sofia uma nota recusando se a acceitar a proposta bulgara, relativa á nomeação de uma commissão internacional encarregada de resolver a questão da Macedonia. — *França* — Abre-se em Rouen o congresso internacional da paz, assistindo cerca de cem delegados francezes e estrangeiros. São pronunciados muitos discursos, fallando além d'outras pessoas o principe de Monaco, o sr. Richter e a baroneza Suttner. O congresso elege presidente francez o sr. Emilio Arnou.

23 *Hespanha* — Villaverde expõe ao rei Affonso XIII as difficuldades parlamentares que lhe serão creadas pelos conservadores, com a retirada de Silvela da vida politica e a possibilidade de, terminadas as eleições, necessitar talvez d'uma autorização para dissolver as camaras.—*Marrocos*—Segundo telegrammas recebidos de Alger, as forças do pretendente acabam de soffrer uma grande derrota. As tropas do sultão compunham se de 800 soldados de infantaria e 2000 de cavallaria.— *Turquia* — Os insurrectos fazem ir pelos ares, por meio de dynamite a mesquita da aldêa de Botemon. — *Bulgaria* — Dizem de Sofia que o governo bulgaro continua os seus preparativos militares, tendo actualmente 500:000 homens promptos a serem concentrados e munições abundantes.— *França* — O dr. Camillo Pelletan, ministro da marinha, submette á assignatura do presidente Loubet uma decisão que colloca o almirante Marechal, ex-commandante em chefe da esquadra do Extremo Oriente, na inactividade.— *Russia* – Continúa em Moscow a grève dos typographos.

24 *Hespanha* — Nos *meetings* republicanos que se celebram em Barcelona proferem-se violentos discursos, havendo muitos vivas á republica. O governador manda processar os oradores — *Inglaterra* — O sr. Tuff, conservador, é eleito representante de Rochester na Camara dos Communs, em substituição do visconde Cramborne por 2:594 votos, contra 1.983 do seu competidor liberal.

25 — *Austria* — Chegou a Darmstadt o tzar da Russia, tzarina e seus filhos. São recebidos pelo gran-duque Ernesto Luis e sua familia. O povo faz grande ovação aos soberanos russos. — *França* — Em Toulon, á sahida das officinas do Arsenal, milhares de operarios fazem uma manifestação hostil a tres contra-mestres, que acompanham até casa no meio de assobios e cantos subversivos Reina grande effervescencia nos animos do pessoal das officinas e em toda a cidade.— *Turquia* — O general Petroff insiste junto de Feroubey commissario imperial ottomano em Sofia, em obter do governo turco uma ordem para suspender a mobilização e deslocar as tropas imperiaes da fronteira.

26 *França* — Camillo Pelletan preside em Albi a um banquete de 1200 talheres dado em honra do ensino laico. O ministro profere um eloquente discurso allusivo á festa em que faz sentir que o governo não quer attentar contra a liberdade individual, mas sim impedir que a egreja a tente supprimir e para isso escudar-se-ha na lei, fazendo cumprir a vontade do povo republicano.— Em Rouen o congresso de paz termina os seus trabalhos. O proximo congresso reunir-se-ha nos Estados Unidos em 1904 — *Allemanha* — É decidida a transformação da artilharia allemã. A fabrica Krupp começa já a fabricar novos canhões.—*Hespanha* — O deputado republicano Nougués é preso em Tarragona por ordem da autoridade militar accusado d'um delicto de imprensa—*Servia*—Segundo annuncia uma communicação do sr. Gronitch, ministro plenipotenciario da Servia em Constantinopla, o sultão Abdul-Hamid assigna um *iradé* concernente ao reconhecimento da nacionalidade Servia na Macedonia.

27 *Turquia* — O governo bulgaro declara á Sublime Porta que não póde iniciar quaesquer negociações antes que o governo turco formule proposições precisas e completas, faça cessar as atrocidades commettidas pelos soldados, retire as tropas das fronteiras e proclame a amnistia. —*Inglaterra* — O agente diplomatico da Gran Bretanha declara ao governo bulgaro que a Gran-Bretanha permanecerá neutral em caso de guerra turco-grega.— *Hespanha* — O accordo dos republicanos com os socialistas para as proximas eleições é regeitado por cincoenta votos contra vinte e seis.

29 *Inglaterra* — O sr. James Ritchie irmão do ex-chanceller da fazenda é eleito lord mayor — *Turquia* — recebem ordem de mobilizaçãoc inco divisões de reserva de Anatolia. — *Austria* — O tzar Nicolau chega a Vienna. É esperado na gare pelo imperador Francisco José e pelos archiduques. Os soberanos seguem para o paço de Schoenbrun por entre vivas enthusiasticos da numerosa multidão do povo.— *Hungria* — Em Pesth estão em grève 2.000 carroceiros. Dão se varios conflictos sangrentos com a policia, sendo disparados tiros de rewolver, sendo alguns ferimentos mortaes. Effectuam-se cincoenta e oito prisões.— O conde Khuen-Hedervary annuncia á camara dos deputados a demissão do gabinete.—*França* — Realiza-se em Reims um congresso de socialistas anti-governamentaes.

Outubro **2** — *Hespanha* — O ministro do reino resolve que os operarios possam ser eleitos conselheiros municipaes.

3 *Portugal* — O «Diario do Governo» em

Lisboa, publica um decreto regulando a producção da canna saccharina, da aguardente, do alcool e do assucar no archipelago da Madeira, em satisfação ás reclamações da agricultura, da industria, do commercio e das corporações administrativas locaes.— *Hespanha* —Villaverde declara que apresentará ás camaras um projecto de lei estabelecendo os portos francos.— *Italia* — O «Osservatore Romano» publica uma encyclica do papa Pio x, em commemoração de Leão XIII. A encyclica diz que é preciso restaurar o reino de Christo nas almas, e termina por uma declaração sobre a independencia do papa.

4 *França* — Realiza-se em Paris a grande manifestação promovida pelos grupos socialistas e livres pensadores no cemiterio de Montmartre, para commemorar o anniversario da morte de Zola. Dezenas de milhares de pessoas desfilam respeitosamente diante do tumulo do grande escriptor.

4 *Inglaterra* — O duque de Devonshire dá a sua demissão de lord presidente do conselho. O rei Eduardo acceita-lhe a demissão, ficando assim constituido o novo gabinete britannico: ministro da fazenda o sr. Austen Chamberlain, Alfred Littleton, secretario de Estado das Colonias; Arnold Forster, guerra; Broderick, secretario de Estado da India; Eraham Murray, secretario para a Escossia; lord Staneley ministro dos correios.—*Hespanha*—Os governos francez e hespanhol firmam um convenio afim de se construir um novo caminho de ferro de Aix a Ripoll. — *Africa do Sul* — Realiza-se em Johannesberg uma importante conferencia de mineiros, adoptando-se por unanimidade o alvitre de combater a todo o transe a introducção de asiaticos no trabalho das minas e que se convide o governo a tomar sobre si a direcção do recrutamento dos indigenas.

6 *Inglaterra* — Os jornaes londrinos crêem que a demissão do duque de Devonshire é um golpe nefasto para o gabinete, pois que na sua carta de demissão o duque de Devonshire argúe o sr. Balfour de não ter em Sheffield repudiado o proteccionismo e de pensar em destruir os principios commerciaes, aos quaes duas gerações de inglezes devem a sua prosperidade. —*França*—Os grevistas d'Armentières penetram em Lille, onde fazem parar successivamente 5 fabricas de tecelagem e uma de fiação, que empregam 2900 operarios.

7 *Servia*—O rei Pedro abre a «sckupchtina». No seu discurso consigna as boas relações com todos os Estados e exprime a esperança de que o sultão consiga em breve restabelecer a ordem na Macedonia.

8 *Santiago do Chile*—Todo o gabinete dá a sua demissão. — *Inglaterra* — A federação dos mineiros com uma representação de 347:000 associados, pronuncia se por 89 votos contra 5 desfavoravel á politica fiscal de Chamberlain.

9 *Belgica*—A greve torna se geral. Em Halluim as desordens dão-se a cada passo. Grupos de operarios dirigem-se ás herdades e casas isoladas afim de obter dinheiro e viveres para si e para os seus companheiros de Tourcoing. A policia vê-se obrigada a dar repetidas cargas, para proteger as diversas fabricas de fiação.—*Hespanha* — Regressa a Madrid a familia real, sendo recebida pelas autoridades e por numerosa multidão que a acclama. — *Inglaterra*—O sr. Victor Cavendith, sobrinho do duque de Devonshire, é nomeado secretario financeiro da Thesouraria. O conde Percy nomeado sub-secretario parlamentar do ministerio dos negocios estrangeiros — *Hungria* — Em Buda Pest uns 900 grevistas sitiam os escriptorios do jornal o «Pesti-Hirlapi». A policia dá uma carga de sabre sobre elles, sendo presos 350 dos arruaceiros.

10 *França* — O sr. Delcassé ministro dos negocios estrangeiros abre em Paris no ministerio do interior a conferencia internacional sanitaria dando as boas vindas aos delegados estrangeiros e expondo que o fim da actual conferencia é melhorar o regulamento sanitario.

12 *Inglaterra* — O novo marquez de Salisbury é nomeado lord do sello privado, ficando assim membro do gabinete. — *Turquia* — Em Stelzi dá-se um encarniçado combate.—*Argentina*—Uma convenção composta de 280 notabilidades publicas em Buenos Ayres proclama o sr. Manuel Quintana candidato á presidencia da republica por 256 votos.

13 *França*—Realiza se em Paris o banquete franco-italiano a que assistem mais de 300 pessoas.—*Italia*—O rei Victor Emmanuel e a Rainha Helena acompanhados do almirante Morin, ministro da marinha, partem para Paris.

14 *França*—Paris acolhe o rei Victor Emmanuel e a rainha Helena com um enthusiasmo que ultrapassa todas as previsões.

15 *Portugal*—Realiza-se em Lisboa na sala do risco do Arsenal da Marinha um banquete de correligionarios politicos em honra do sr. conselheiro Hintze Ribeiro, presidente do conselho.—*Inglaterra*—O marquez de Lansdowne, secretario d'Estado dos negocios estrangeiros, e o sr. Combes, embaixador de França assignam a convenção da arbitragem estatuindo que as contendas de ordem juridica ou relativas á interpretação dos tratados existentes que vierem a surgir entre a França e a Inglaterra, serão submettidas ao tribunal arbitral da Haya. A convenção vigorará durante 5 annos.

17 *Austria*—Chega a Vienna o rei dos belgas, que é esperado na «gare» pelo imperador, archiduques e autoridades civis e militares. — *Hespanha*—Effectua se em Bilbao um comicio carlista a que assistem 6000 pessoas Discursa o carlista Mello, reinando sempre ordem.

19 *Hespanha*—Declaram-se em greve geral os mineiros em Bilbao.

20 *Inglaterra*—O sr. Chamberlain, no seu novo discurso declara que só a politica das pautas differenciaes, proposta pelas proprias colonias, salvará o paiz de grandes desastres. A metropole não deve renunciar a uns ligeiros sacrificios que podem levar a creação de um imperio como nunca o mundo viu similhante.

21 *Ialia*—O sr. Zanardelli escreve ao rei

Victor Emmanuel uma carta invocando o seu estado de saude, o qual lhe não permitte consagrar ás suas funcções ministeriaes a mesma quantidade de trabalho e offerece a sua demissão. Os outros ministros decidem por unanimidade pedir todos a sua demissão.—*Noruega*—Constitue-se o novo gabinete norueguez sob a presidencia do sr. Hagerux, que fica com a pasta da justiça. O gabinete compõe-se de 5 membros da direita e de 5 da esquerda. —*Chili*—Está resolvida a crise ministerial, ficando o sr. Arturo Besa presidente do conselho e ministro do interior.

22 *China*—O representante da Russia significa ao principe Tchyng que a intervenção do Japão na questão da Mandchuria, constrangirá a Russia a tomar medidas decisivas, e ameaça a China com represalias se tomar o partido do Japão.

23 *Estados Unidos* — Annunciam de Butte City que todas as minas e fabricas da «Amalgamated Copper» fecharam em Montana, deixando sem trabalho 15:000 homens — *Irlanda* — Sir Arnold Forster, novo ministro da guerra é reeleito membro do parlamento por 3912 votos contra 3671.

24 *Allemanha* — O imperador Guilherme discursando em Hunstein, na inauguração do monumento eregido a Frederico o Grande, insiste sobre a necessidade da disciplina em todas as classes da sociedade para firmar a segurança e prosperidade da patria.

26 *Portugal* — Fundeia em Lagos a nova divisão naval ingleza pertencente á esquadra do canal composta de nove navios sob o commando do almirante Wilson — *Austria* — O imperador Francisco José encarrega o sr. Estevam Tisza de formar gabinete — *Japão* — O primeiro ministro declara que as negociações com a Russia tendem á manutenção da paz e do «statu quo». — *Italia* — O embaixador da Gran-Bretanha e o encarregado de negocios de Portugal entregam ao sr. Morin, ministro dos negocios estrangeiros uma declaração submettendo á alta arbitragem do rei Victor Manuel a solução do seu litigio relativo á fronteira reciproca na região do Barotze, na Africa meridional. — *Hespanha* — O ministro da guerra lê na camara dos deputados o projecto de lei fixando os contingentes militares em 83:000 homens. Nos debates ácerca das perseguições contra os republicanos levanta-se grande barulho. O sr. Salmeron diz que não existem no paiz nem partidos nem parlamento.

27 *Hespanha* — Aggrava-se a situação em Bilbao; 40:000 grèvistas percorrem as ruas, tendo-se unido a elles os mineiros. Todas as officinas, incluindo as dos altos fornos, de fabricas estrangeiras, arvoram as suas bandeiras nacionaes, e os grèvistas impedem o carregamento dos navios e a circulação dos comboios entre Portugalete e Arenas, procurando levantar os rails do caminho de ferro, o que as tropas impedem, bem como a paralyzação do trabalho na fabrica do gaz. — *Macedonia* — Diz uma nota officiosa de Londres que as potencias estão perfeitamente de accordo para apoiar a Russia e a Austria em todas as providencias que tendam a melhorar a situação da Macedonia.

28 *França* — Chegam a Paris 200 delegados do commercio inglez, que vão pagar aos commerciantes parisienses a visita feita por estes a Londres. A junta republicana do commercio dá um banquete aos delegados do commercio inglez, ao qual assiste o sr. Combes, presidente do conselho e varios ministros. Discursando no banquete, o sr. Combes agradece aos commerciantes o apoio que dão ao governo da republica.

29 *França* — Os empregados da alimentação celebram uma numerosa reunião na Bolsa do Trabalho para pedir a suppressão das agencias de collocação. Querendo a policia dispersal-os, travam grave desordem, ficando feridos 17 agentes de policia tendo-se effectuado 50 prisões. — *Italia* — Um decreto real encarrega o sr. Giolitti de formar o novo gabinete.

30 *Budapest* — O sr. Apponyi dá a sua demissão de presidente da camara dos deputados. — *França* — O ministro da justiça escreve ao sr. Pelletan, ministro da marinha, dizendo-lhe que manda instaurar processo judicial contra o sr. Lebaudy, pertenso imperador do Sahara, como réo de crimes e delictos previstos pela lei. — *Hespanha* — Declaram-se em gréve os cortadores de Barcelona.

31 *Hespanha* — É approvado na camara dos deputados o projecto de lei reformando o corpo consular.

Novembro **1** — *Portugal* — Realiza-se em Lisboa a eleição para vereadores effectivos e substitutos da camara municipal, que começará a vigorar em janeiro do proximo anno. — *Santiago do Chili.* — Todo o gabinete dá a sua demissão.

3 *Italia* — Está constituido o novo ministerio, que fica assim composto. Presidente e ministro do reino, o sr. Giolitti; ministro dos negocios estrangeiros, o sr. Tittoni; ministro da justiça, o sr. Ronchetti; ministro do thesouro, o sr. Luzzatti; ministro da fazenda, o sr. Rosano; ministro da guerra, o general Pedotti; e ministro da marinha o almirante Mirabello. — *França* — Os capuchinhos da rua da Santé em Paris, são expulsos do seu convento. Um dos padres lê o protesto e os agentes tiveram de intervir sahindo então sem resistencia. — *Brazil* — Ficam reguladas as questões essenciaes relativas ao territorio do Acre no Rio de Janeiro, e será publicado depois da sua approvação pelo Congresso.

4 *Allemanha* — O tzar chega a Wiesbaden, sendo recebido na estação pelo imperador Guilherme, e saudados por acclamações populares. — *Estados Unidos* — Começam as eleições em 11 estados para a municipalidade em New-York. Por causa das eleições ha em differentes localidades rixas sangrentas. — O governador e todas as autoridades do Panamá são presas e todos os cruzadores columbianos da costa do Pacifico são apprehendidos.

5 *Estados Unidos* — O general Barroso, chefe da insurreição, será nomeado primeiro consul do governo provisorio de Panamá. O

governo americano reconhece o novo governo estabelecido no Panamá.

6 *Santiago do Chili* — Os ministros do interior, dos negocios estrangeiros, fazenda e guerra, retiram as suas demissões. Termina a crise ministerial.

7 *Hespanha* — O conselho de ministros occupa-se especialmente das noticias recebidas de Melilla, onde estão refugiados 3:000 mouros sob a protecção da bandeira hespanhola. — O congresso dos livres pensadores accorda em enviar uma mensagem ao parlamento pedindo a separação da egreja do Estado.

7 *Africa Portugueza* — O capitão Madeira, chefe do Humbe, derrota o salteador Moleca, que á testa dos quanhamas e macuanas levára a audacia das incursões do sul ao norte do districto de Benguella. Moleca é morto entre outros muitos que o acompanhavam. O tenente Almeida, chefe de Caconda, afugenta com as forças de seu commando as quadrilhas dos quanhamas, batendo valentemente o soba Nigola, que os chamára e protegera.

9 *Hespanha* — Em Santander, no momento da proclamação dos conselheiros municipaes republicanos triumphantes, os inimigos da sociedade levantam grande tumulto e tentam queimar a residencia dos jesuitas. Em Torreon del Campo, provincia de Cuenca, é morto um homem e feridos dois outros. — *São Domingos* — Confirma se a noticia do rompimento das relações diplomaticas com os Estados Unidos

10 *Hespanha* — Os grèvistas mineiros de Rio Tinto, (minas de cobre), que sobem a 7:000, intentam apoderar-se do deposito de acido sulphurico e fazer parar a circulação dos vehiculos. — *Allemanha* — Em vista da prisão de cinco socialistas, accusados de filiação em sociedades secretas, e de uma busca a que se procedeu no domicilio do chefe dos socialistas em Mamel, a policia descobre numerosos escriptos revolucionarios e nihilistas, apprehendendo tambem uma consideravel correspondencia com subditos russos tambem filiados nas referidas sociedades. — *Estados Unidos* — O Congresso em Washington elege por 194 votos contra 166 o sr. Cannon, para seu presidente. Entre os projectos de lei submettidos ao Congresso figuram a reducção dos direitos aduaneiros sobre as mercadorias transportadas a bordo de navios americanos e o da regulamentação dos *trusts*. — *Columbia*. — Chegam a Panamá os navios de guerra americanos *Marblehead* e *Concord*, sendo esperado o *Woming*. O Senador Henna declara ao presidente Roosevelt que defenderá o caminho do Panamá para o canal interoceanico. O grupo republicano do Senado decide retirar a presidencia da commissão do canal ao senador Morgan, em razão da sua hostilidade ao caminho de Panamá.

12 *Estados Unidos* — Os differentes agrupamentos que compõem o *trust* do aço, decidem ratificar a resolução que tende a reduzir a producção. — *Port-Arthur* — Trezentos operarios empregados nos trabalhos do porto Tchemulpo atacam os marinheiros russos quando estes desembarcaram, invadindo as concessões europêas. — *Italia* — O papa celebra na sala regia um consistorio publico para dar o chapéu aos cardeaes Ajuti, Taliani, Katschthaler, Merry del Val e Callegari, sendo numerosa a assistencia. O papa é acclamado com gritos de: Viva o papa democrata! — *Allemanha* — Os resultados conhecidos, das eleições para a camara dos deputados prussiana consignam eleitos 46 conservadores, 40 do centro, 35 nacionaes-liberaes e 15 liberaes-democratas.

15 *Allemanha* — O boletim de saude do imperador Guilherme diz que a ferida proveniente da operação cirurgica está quasi cicratizada e que já póde fallar em voz baixa. — *Hespanha* — Alguns deputados inquirem se Silvela se havia declarado outr'ora partidario da alliança com a França. O sr. Villaverde responde negativamente e assegura que o governo actual estuda cuidadosamente a questão das allianças. O sr. Canallejas defende a alliança com a França e pede a opinião de Moret. Este declara ser necessaria a alliança com a França e Inglaterra. — *Italia* — O rei Victor Manuel e a rainha Helena, com o sr. Tittoni, ministro, e a sua comitiva, partem de Pisa em direcção a Inglaterra. — *Estados Unidos* — O presidente Marroquin dirige um appello energico ás republicas latinas americanas, exhortando-as á lucta para reconquistarem o Panamá, cuja causa deve ser commum para estas republicas.

17 *Hespanha* — Na camara dos deputados o republicano Blasco interpella o governo relativamente aos tormentos que se diz teem sido inflingidos aos presos que se acham no presidio de Alcalá del Valle, provincia de Cadiz, por suppostos instigadores de gréves. O governo responde que o inquerito que se abriu a tal respeito estabelece a falsidade de terem sido applicados taes tormentos.

18 *Estados Unidos* — É tratado um accôrdo entre o sr Hay, secretario de Estado, e o sr. Bunau-Varilla, ministro plenipotenciario do Panamá, para a construcção do canal interoceanico. — Os Estados Unidos darão a Panamá dez milhões de dollars.

19 *Hespanha* — No senado Romero Robledo pede a creação d'um corpo consular especial em Marrocos, composto de pessoas conhecedoras do paiz. — *Estados Unidos* — O tratado Hay-Varilla concede aos Estados Unidos a soberania absoluta na facha de terreno que ladeia o canal interoceanico. — É assignado o tratado relativo á construcção do canal isthmico de Panamá. — *França* — O sr. Deschanel, na camara dos deputados lembra e celebra o restabelecimento das relações amigaveis com a Inglaterra e a Italia, e diz: «A alliança russa continua sendo a base da nossa politica; a França deve ter parte na resolução da questão do Oriente; não devemos iniciar o desarmamento; com relação a Marrocos não queremos nem guerra nem partilha; queremos a segurança da fronteira».

20 *Inglaterra* — Na conferencia realizada em Londres entre os srs. Tittoni, ministro do rei de Italia, e marquez de Lansdowne, minis-

tro inglez, os dois governos chegam a perfeito accôrdo em todas as questões de politica estrangeira. — *Brazil* — É assignado no Rio de Janeiro o tractado do Acre. O Brazil conserva o territorio do Acre até ao 11.º grau de latitude, mediante a indemnização de 2 milhões esterlinos á Bolivia em pagamentos espaçados, a construcção do caminho de ferro boliviano e a cessão de 3 kilometros quadrados de terreno.

21 *Hespanha* — Estão em gréve os operarios das fabricas de tabacos, como protesto pela má qualidade de tabaco que lhe é fornecida para a laboração dos cigarros.

22 *Hespanha* — Realiza-se em Barcelona um *meeting* para protestar contra o projecto de concessão de dois milhões de pesetas ao municipio. Proferem se violentos ataques ao poder central. — *Republica Argentina* — O directorio do partido republicano designa o sr. José Uriburu como candidato á presidencia da republica, e o sr. Guilherme Udaonde como candidato a vice-presidente.

24 *Hespanha* — No senado Montero Rios declara-se partidario da alliança com Portugal. — Os senadores e deputados democratas reunem-se sob a presidencia de Montero Rios, tendo assistido a esta reunião todos os amigos de Vega d'Armijo, Canalejas e marechal Domingues. O presidente diz que passa o dia mais feliz da sua vida, consagrando-o á memoria de Sagasta, o apostolo da liberdade. Annuncia que em breve fará a declaração official do novo partido. Termina, declarando que tem esperança que o partido democrata traga á Hespanha os maiores beneficios. Canalejas e outros oradores proclamam em enthusiasticos discursos chefe do novo partido o sr. Montero. — *Haiti* — É assignada em São Domingos a capitulação d'esta cidade.

25 *Hespanha* — Os carlistas teem apresentado muitos protestos contra os deputados da maioria por terem estabelecido turnos afim de assistirem ás sessões duplas, de fórma que haja sempre numero legal para abrir a sessão. — *Turquia* — A Sublime Porta acceita em principio o projecto de reformas austro-russo com a condição de que tudo que possa, na pratica, melindrar a Turquia, será eliminado. — *França* — O conselho geral do Sena approva o pedido do sr. d'Estournelles de Constant, republicano, no qual requer que se ponha em vigor a convenção de Haya e a constituição de arbitragem entre as potencias, com uma addição, dizendo que não póde haver modificações territoriaes para os povos sem consentimento dos interessados — *Italia* — Tendo as autoridades prohibido o ensino da lingua italiana em Witen, perto de Insbruck, dão se manifestações anti-austriacas em Roma, Napoles, Bolonha, Turim e Padua, aos gritos de: «Abaixo a Austria!» Em Roma, como consequencia das manifestações dos estudantes a proposito do incidente de Insbruck, é fechada a Universidade.

26 *Hespanha* — O rei Affonso assigna o decreto da nomeação do almirante Mata para chefe da esquadrilha que virá ao Tejo por occasião da sua visita a Lisboa. — *Marrocos.* — O pretendente reconcentra forças para marchar sobre Udja.

27 *Algeria* — O coronel Aurousswan, commandante das tropas tunisianas, é preso por incriminação de fraudes por elle commettidas, tentando suicidar-se no acto da prisão.

28 *Hespanha* — Na votação do orçamento do ministerio da justiça levanta-se na camara dos deputados em Madrid grande tumulto entre os conservadores e as opposições, trocando-se violentas ameaças. O presidente põe á votação novamente o projecto que é approvado por 126 votos contra 28. — *Antilhas* — O encarregado de negocios dos Estados Unidos, em São Domingos, recusa reconhecer o governo provisorio. — *Columbia* — O tratado de Hay-Bunau Varilla é ratificado pelo governo de Panamá. — *França* — Os jornaes dizem que o inquerito feito ao *dossier* da questão Dreyfus foi feito pelo general André, ao qual assistiu o proprio capitão, tendo-se então descoberto duas falsificações, commettidas pelo archivista Gribelin, de combinação com o coronel Henry. Além d'isso foram examinadas muitas peças favoraveis a Dreyfus. A base apresentada para o pedido de revisão é o facto de se terem descoberto os falsos testemunhos de Czernuski e Gribelin e por se terem alterado peças do processo.

29 *França* — Depois do exame aos autos que lhe é communicado pelo ministerio da guerra, o sr. Vallé, ministro da justiça, instigado por um pedido de revisão pelo ex-capitão Dreyfus, transmitte estes documentos á commissão instituida pelo ministerio da justiça encarregada de se pronunciar sobre a possibilidade de se admittir o pedido de revisão.

30 *Brazil* — A commissão do orçamento repelle o imposto supplementar de 50 % sobre as mercadorias francezas — *França* — Em seguida á reunião da Bolsa do Trabalho em Lyon, uns mil operarios manifestam-se contra os commerciantes, ficando ferido um cabo e morto um negociante de carvão. — *Estados Unidos* — A Allemanha reconhece a nova republica do Panamá. — *Haiti* — Chega á capital d'esta republica o governo provisorio. — *França* — Alguns parlamentares inglezes seguem para Londres. Outros visitam as provincias de França — *Hespanha* — No decorrer do debate politico na camara dos deputados os ex-ministros liberaes, srs. Moret e Canalejas, em discursos apaixonados tratam de se negar mutuamente o caracter de continuadores da politica de Sagasta, cavando a mais profunda separação entre elles. O sr. Moret affirma que o novo partido não poderá resolver questões sociaes nem religiosas.

Dezembro **2** — *Hespanha* — O governo está resolvido a apresentar ao parlamento um projecto autorizando-o a pôr em vigor no 1.º de janeiro em diante os orçamentos dos diversos ministros, caso não haja tempo para os discutir e bem assim para ficar autorizado a cobrar os impostos. Todas as minorias fazem grande opposição a esta proposta por consideral-a violenta e illegal. Diz-se que Maura

tão pouco se conforma com ella. — Chegam a Madrid o principe e a princeza das Asturias. — *França* — O sr. Rouvier, respondendo a algumas interpellações na camara dos deputados, declara que a situação financeira é boa e que a baixa dos titulos é devida, não á falta de dinheiro, mas a causas politicas e que a crise parece ter terminado.

3 *Hespanha* — Depois do conselho de ministros o sr. Villaverde volta ao paço e entrega ao rei a demissão do governo.

4 *Hespanha* — O rei Affonso XIII encarrega o sr. Maura de formar o novo gabinete. O sr. Maura acceita o encargo. — *Allemanha* — O Reichstag reelege por 250 votos, seu presidente o conde de Ballestrem. O socialista Singer obtem 68 votos para vice-presidente.

5 *Hespanha* — Constitue-se o novo gabinete, que fica assim composto: presidente do conselho, o sr. Maura; ministro dos negocios estrangeiros, o sr. San Pedro; ministro da justiça, o sr. Toca; ministro da guerra, o general Linhares; ministro da marinha, o sr. Ferrandiz; ministro da fazenda, o sr. Osma; ministro da instrucção publica, o sr. Dominguez Pascual; e ministro da agricultura o sr. Allende Salazar.

6 *França* — A' sahida d'uma reunião publica em Brest, uns 1:000 operarios percorrem a cidade, travando conflictos com a policia, nos quaes ficam feridos dois commissarios e alguns agentes. — Em Bordéos, como protesto contra as agencias de collocação muitos manifestantes percorrem varias ruas da cidade.

7 *America do Norte* — O presidente Roosevelt lê ao Congresso a sua mensagem annual, na qual menciona os progressos da paz, e a creação d'um ministerio do commercio, não para embaraçar o commercio, mas para obstar a açambarcamentos prejudiciaes á população, melhorar a marinha mercante, prohibir a entrada no paiz aos indigentes, crear a harmonia entre o capital e o trabalho, e manter o equilibrio entre os syndicatos dos patrões e os dos operarios. A mensagem preconiza sobre tudo a creação d'uma poderosa marinha. O presidente felicita-se por que a questão de Venezuela fosse submettida ao tribunal arbitral de Haya; folgando de que n'esse tribunal estejam representadas muitas nações e que esteja triumphante o principio da arbitragem.

10 *Portugal* — Chega a Lisboa sua magestade el-rei D. Affonso XIII, sendo aguardado na gare por sua magestade el-rei D. Carlos, o principe real, todos os dignitarios da corte, grande numero de convidados, e enorme multidão que o saúda respeitosa e enthusiasticamente. — *Russia* — O tzar e o conde Lansdorf teem uma conferencia e n'ella assentam as modificações que se hão de fazer nas propostas japonezas, de modo que se obste a guerra e se estabeleça o completo accôrdo entre as duas potencias. — *Portugal* — Declaram-se em gréve os operarios metallurgicos da Empreza Industrial, em Lisboa. — *Allemanha* — O sr. Bebel pronuncia em Berlim um violento discurso contra o militarismo e augmento de marinha, como causas do *deficit;* condemna o despotismo nas classes dirigentes e a guerra feita aos grèvistas, e critica as relações externas. — *Tanger* — Kaid Gueblas, representante provisorio do sultão Muley Abd-el-Aziz em Argel, é nomeado ministro da guerra.

11 *Japão* — É dissolvida a Dieta japoneza.

12 *Hespanha* — Em Valencia estão em grève os operarios metallurgicos. — *Allemanha* — O parlamento federal approva a convenção commercial provisoria com a Inglaterra. — *America do Norte* — O sr. Buchanan é nomeado ministro plenipotenciario dos Estados-Unidos junto da Republica do Panamá.

14 *Portugal* — Depois de quatro dias de permanencia em Lisboa, el-rei D. Affonso XIII parte para Villa Viçosa, acompanhado de suas magestades el-rei D. Carlos I, a rainha sr.ª D. Amelia, sua alteza o principe real e comitivas, devendo d'alli seguir directamente para Hespanha. — *Allemanha* — O imperador Guilherme recebe a mesa do *Reichstag* e pronuncia um discurso, não se notando alteração alguma na voz.

❁ ❁ ❁

Acontecimentos mundanos, scientificos e artisticos

Setembro **17** — *Portugal* — Realiza-se no Porto a abertura solemne da exposição agricola e productos mineraes no Palacio de Crystal.

18 *Portugal* — Chega a Lisboa o principe allemão Frederico Carlos de Hohenloe Waldenburgo Schillingsfurts, e segue para o Funchal, onde, conforme uma concessão recente, pretende construir dois grandes sanatorios para tuberculosos e um grande hotel com todos os confortos que estabelecimentos d'esta ordem requerem.

23 *Brazil* — Depois de demorada estada e enthusiasticas acclamações no Rio de Janeiro, o sr. Santos Dumont, o celebre aereonauta, embarca com destino a Bordéos.

27 *Portugal* — Realiza-se em Lisboa, na exposição de alfaias horticolas, promovida pela Real Sociedade de Horticultura, com grande concorrencia de visitantes, o concurso de charruas, sujeitas a apreciação de um jury especial. — *Hespanha* — Chegam a Madrid excursionistas portuguezes em viagem de recreio. — Mr. Carton realiza uma ascensão acompanhado de dois jornalistas hespanhoes. O globo eleva-se a grande altura, indo cahir na povoação de Barajas. — *Segovia* — Inaugura-se com grande enthusiasmo a camara do commercio.

30 *Africa Oriental Portugueza* — É inaugurado em Lourenço Marques o novo mercado, assistindo ao acto a commissão municipal, autoridades, funccionalismo, consules das diversas nações, associação commercial, grande numero de commerciantes portuguezes e estrangeiros — Passa o primeiro anniversario da morte do grande escriptor Zola. Cerca de 500 pessoas vão em piedosa peregrinação á casa de Medan, onde o poderoso escriptor viveu, para ali inaugurar o seu busto.

Outubro **1** — *Allemanha* — Effectua-se em

Berlim a inauguração do monumento a Wagner, assistindo ao acto o principe Eitel e numerosa concorrencia. Muitas deputações de diversas cidades da Allemanha e de outros pontos da Europa, depõem magnificas corôas sobre o monumento. — *Brazil* — A camara dos deputados no Rio de Janeiro approva um projecto para a creação d'um concurso internacional de balões dirigiveis, que deverá ter lugar no Rio de Janeiro em 1904. O premio conferido será de 200 contos.

6 *França* — Realiza-se a corrida pedestre de Bordéos a Paris. Os corredores são noventa, entre os quaes figuram alguns estrangeiros. — *Hespanha* — Nos jardins do palacio real em San Sebastian realiza-se um assalto de armas entre o atirador francez Compte e os duques de Orion e Gox. — *França* — O corpo de bombeiros de Paris adopta novos apparelhos afim de poder alcançar os lugares mais perigosos, em caso de incendio. Entre as novas acquisições destacam-se as mascaras respiradoras, com as quaes se póde atravessar através do fumo.

7 *Allemanha* — Realiza-se em Darmstadt o casamento religioso do principe André da Grecia com a princeza Alice de Battenberg, celebrado pelo pastor protestante Petersen e depois pelo primeiro presbytero grego Chanitchef, assistindo á ceremonia todos os principes e princezas das familias dos noivos. — *Brazil* — O sr. João Viard, chefe das linhas de illuminação electrica de Petropolis inventa um apparelho regularizador de lampadas electricas, conseguindo graduar a luz das referidas lampadas, desde a sua maxima intensidade até a de uma lampada de quarto.

9 *França* — O Aereo-Club offerece em Paris um opiparo almoço ao archiduque Leopoldo Salvador de Austria, a que assiste, com sua esposa e cunhado, D. Jayme de Bourbon. Depois do almoço visitam a magnifica *hangar* do Aereo-Club, em Saint-Cloud. D. Jayme toma lugar no balão «Oriente» que tem a capacidade de 1:650 metros cubicos, e o archiduque n'um outro aerostato, intitulado «Centauro». No momento das ascensões dos illustres personagens a multidão applaude enthusiasticamente.

10 *Belgica* — A princeza Isabel, mulher do principe Alberto, dá á luz um filho.

11 *França* — Os srs. Combes, presidente do conselho, André, ministro da guerra, e Mougeot, ministro da agricultura, inauguram em Clermont Ferrand a estatua de Vercingetorix. — *Portugal* — Com a solemnidade costumada, realiza-se no Porto a abertura do seminario episcopal, a que preside o bispo D. Antonio, assistindo autoridades civis, militares, e varias corporações. — *Hespanha* — O circulo militar em Cartagena offerece um banquete em honra do celebre escriptor Galdós.

21 *Portugal* — Em Lagos é montada na praia da Solaria, a zorra destinada a servir para o embarque e desembarque do pessoal da esquadra ingleza ali esperada.

24 *França* — A Academia das Bellas Artes elege para seu secretario perpetuo o director d'aquelle estabelecimento o sr. Ronjou, em substituição do sr. Larroumet, ha pouco fallecido.

25 *Portugal* — El-rei D. Carlos agracia com a gran-cruz da Torre Espada, o principe Guilherme, herdeiro de Hohenzolern, filho da sr.ª D. Antonia, infanta de Portugal e primo de sua magestade el-rei.

31 *Portugal* — Realizam-se enthusiasticas manifestações de regosijo em Portalegre, pela definitiva adjudicação da construcção da linha ferrea de Extremoz a Castello de Vide.

Novembro **1** — *Portugal* — Effectua-se no Porto a primeira ascensão do sr. Belchior da Fonseca, no balão «Lusitano», promovendo-lhe o publico uma ruidosa manifestação.

3 *Portugal* — Realiza-se a ceremonia da entrega ao campo entrincheirado de Lisboa, da bateria D. Maria Pia, pertencente ao sector exterior, com a assistencia de sua magestade El-rei, e grande numero de officiaes generaes. — *Inglaterra* — O rei Eduardo offerece ao club nautico de Nice a taça que será disputada por *yachts* de todas as nacionalidades no percurso de Gibraltar a Nice.

6 *Hespanha* — A commissão geral do orçamento approva o credito de 40:000 duros, para se proceder ás experiencias d'um balão dirigivel, segundo os planos do engenheiro hespanhol Torres Quevedo.

8 *Portugal* — Effectua-se com magnificencia a festa celebrada na egreja do seminario patriarchal de Santarem para a sagração do novo arcebispo de Mytilene, monsenhor Alves de Mattos. — Realiza-se em Cascaes, com a assistencia de suas magestades e altezas, a inauguração da Escola monumento D. Luiz I, destinada ao ensino primario das creanças do sexo feminino d'aquella villa.

9 *Portugal* — Effectua-se a ceremonia da inauguração do monumento a Eça de Queiroz, justo preito de homenagem ao immortal escriptor, vulto glorioso das nossas lettras. — *Coimbra* — Realiza-se a festa da inauguração dos trabalhos da construcção da Adega Regional.

12 *França* — O dirigivel Lebaudy parte de manhã ás 9 horas e 30 minutos, de Moisson em direcção a Paris, onde desce ás 11 horas e 40, proximo da Torre Eiffel, no sitio exactamente fixado para a descida.

17 *França* — O dr. Marmorek lê á Academia de Medicina em Paris, uma communicação sobre o soro anti-tuberculoso.

20 *Inglaterra* — A *Zoological Society*, de que é presidente o duque de Bedford, nomeia socio honorario sua magestade o rei de Portugal.

20 *Hespanha* — O sr. Brieva, professor de historia do rei D. Affonso XIII, é victima de um attentado ao passar pela rua de la Montera, pelo sr. Cosma Mancebo, antigo negociante, que lhe dispara tres tiros, ficando ligeiramente ferido.

21 *Portugal* — Realiza-se em Lisboa a trasladação dos restos mortaes de Oliveira Martins, insigne escriptor, para o mausoleu que uma commissão de amigos e admiradores seus

se incumbiu de lhe fazer erigir. — Effectua-se no Porto a terceira ascensão do aeronauta Belchior da Fonseca, acompanhado dos seus amigos Cesar Marques dos Santos e José Antonio de Almeida, no seu balão aerostato «Lusitano», sahindo dos jardins do Palacio de Crystal, tendo seguido o rumo sul. de fórma que, decorridos 20 minutos, já se não avistam, parecendo ter corrido para o mar, e desapparecendo para sempre.

23 *Portugal* — Realiza se em Lisboa a solemne inauguração do Lactario, fundado pela Associação Protectora da Primeira Infancia, com a assistencia de suas magestades el-rei D. Carlos, a rainha sr.ª D. Amelia, a rainha sr.ª D. Maria Pia e o sr. infante D. Affonso — *America do Sul* — O ministro da marinha em Buenos Ayres, recebe um despacho official de Rio Gallegos, annunciando ter ali chegado o navio argentino «Uruguay», depois de ter salvo a expedição antarctica do professor Nordenskiold, que foi encontrado com os seus officiaes na Terra de Luis Filippe, e o resto da expedição na ilha de Seymour; todos os membros da expedição estão a bordo do «Uruguay». — A expedição Charcot continua a sua viagem de estudos scientificos.

24 *França* — Effectuam-se no Havre experiencias com a nova bateria de obuzes de 15 cm.—T. R. com tractor automovel, encommendada pelo governo portuguez á firma Schneider & C.ª, do Creusot, dando os melhores resultados.

25 *Russia* — O engenheiro russo Nicolau Savine, recentemente preso em Lisboa, sob o nome de Toulouse-Lantrec, é condemnado em 15 mezes de reclusão, por furtos industriosos.

27 *Portugal* — Chegam a Lisboa os srs. condes d'Eu: princeza D. Isabel, filha primogenita de D. Pedro II, que foi imperador do Brazil, e seu marido Gastão de Orleans, filho primogenito do duque de Nemours.

29 *Portugal* — É inaugurado na serra da Estrella o novo posto meteorologico, mandado construir pelo fallecido estadista Elvino de Brito.

30 *Portugal* — Os tres «globe troters» portuguezes, que se propõe dar a volta do mundo a pé, chegam a Merida, d'onde devem partir para Trujillo, Toledo e Merida. — E' inaugurado o pharol da Nazareth, installado no angulo SO. do antigo forte do morro da Nazareth, hoje adaptado para servir de habitação do pharoleiro.

Dezembro **2** — *Portugal* — Realiza-se em Lisboa, na Sociedade de Geographia, a inauguração da exposição de cartographia, com a assistencia de suas magestades el rei D. Carlos e a rainha sr.ª D. Amelia.

10 *Portugal* — Effectua-se no theatro de D. Maria II, em Lisboa, uma recita em commemoração do 49.º anniversario da morte do grande poeta e escriptor Almeida Garrett, fundador d'aquelle theatro.

Accidentes

Setembro **21** — *Hespanha* — Cahe grande quantidade de neve nas montanhas da Catalunha.— *Africa* — Dá-se em Moçambique uma explosão no paiol da fortaleza de S. Sebastião, parecendo ficar inteiramente arruinada. Em consequencia da explosão ficam feridos 5 europeus e 84 pretos, e mortos 2 europeus e 4 pretos.

22 *Hespanha*—Dá se em Vigo um temporal medonho, causando muitos prejuizos nos campos.—Em Santa Cruz de Tenerife sentem-se dois tremores de terra muito demorados.—Na bahia de Huelva, naufraga uma barca perecendo afogadas 7 pessoas.—*França* — Desenrola-se em Aix-les bains, um grande crime. E' encontrada morta uma atriz nova e galante chamada Eugenia Fougère. O roubo parece ter sido o movel do assassinio.

25 *Servia*— O sr. Marian Velkroitch deputado radical recentemente eleito, é morto em Stralatz com um tiro de revolver.—*Hespanha* — A diligencia que ia de Olot para Gerona volta-se, morrendo um passageiro francez e ficando quatro feridos com gravidade.

27 *China* — A peste fáz estragos em Pei-Tango. N'estes ultimos dois mezes tem havido 2.000 obitos. A media diaria é de 15 obitos.

28 *Estados-Unidos* — O comboio rapido da linha do «Southern Railway» cahe d'uma ponte, perto de Dauville, no Estado de Virginia. Ficam mortas 9 pessoas e feridas muitas outras.— *Silesia prussiana*—Rebenta um grande incendio na mina de Ficinus.

30 *Hespanha*—N'uma fabrica de cartuchos em Jetafe dá-se uma explosão de que resultou a morte d'uma mulher.

Outubro **2**— Dão-se dois lamentaveis accinentes nos caminhos de ferro de Philadelphia e Chicago. No primeiro ficam feridas dezenove pessoas. No segundo morrem cinco pessoas e ficam feridas vinte e duas.

5 *Noruega*—O vapor norueguez «Urgevig» sossobra perto de Aalesund durante uma tempestade, afogando-se toda a tripulação composta de doze homens.— *Hollanda*— Vae a pique o lugre francez «Président Carnot» perecendo afogados treze homens.

8 *Montevideo*—Dá-se uma explosão no paiol da polvora da canhoneira «Rivera» ficando o commandante carbonisado. São numerosos os mortos, indo o navio a pique.

9 *Allemanha*—A infanta Mercedes, irmã do rei de Hespanha, dá uma queda em consequencia de collisão de automoveis, ficando ligeiramente ferida.

10 *Portugal* — Passa violentissimo cyclone na ilha da Horta. São enormes os prejuizos, tectos de casas destruidos, arvoredos arrancados, culturas anniquiladas e embarcações arrebatadas pelo mar, ficando muito arruinadas a estacada que defende a parte norte da cidade.

12 *França*—O sr. Avellar Lengruler, acompanhado de sua esposa, filha e cunhada mademoiselle Carvalho, com o seu secretario

Faria, brazileiro, e um *chauffeur*, tendo partido de Paris a Compiegne em automovel, quando chegam a Villers-Cotterets o automovel váe de encontro a um talude, quebrando se e morrendo no desastre o sr. Faria e o *chauffeur*, ficando gravemente feridas madame e mademoiselle Avellar.

18 *Hespanha* — Dá-se um choque de comboios em Monzon ficando mortas 8 pessoas, muitas rezes e quatorze wagones escangalhados.

21 *França*—Cesar Landermann, o supposto assassino de Eugenia Fougère, em Aix-les-bains, dispara um tiro de revolver na cabeça quando os agentes da segurança o prendem, morrendo sem ter feito a menor revelação

22 *Hespanha*—Incendeiam-se os estaleiros dos irmãos Dassi, em Valencia. Os prejuizos são consideraveis

25 *Estados Unidos*—Dez operarios quasi todos italianos morrem em Nova York, victimas d'um desabamento.

27 *Russia* — Em Kiew, na estação de Sch merinka dá-se uma explosão no caminho de ferro ficando feridas 57 pessoas.

31 *Russia*—Um abalo de terra destroe quasi completamente a cidade de Tiertchies, havendo numerosas victimas.

Novembro **1** — *Estados Unidos* — Dá-se um pavoroso incendio em Nova York, n'uma casa de muitos andares, morrendo 25 pessoas.— *Italia* — Manifesta se em Roma incendio nos aposentos do bibliothecario do Vaticano. Salvam-se todos os livros e manuscriptos.

5 *Hespanha* — Abate na povoação de Mula o edificio onde estava estabelecido o Atheneu. No desmoronamento é arrastado tambem um grande estabelecimento que lhe ficava contiguo, havendo a lamentar tres mortes e ficando feridas gravemente desesete pessoas.

6 *Hespanha*—Arde a fabrica de tecidos da firma Larios. Os prejuizos são avaliados n'um milhão de pesetas.

7 *Hespanha*—Dá se em Malaga um temporal medonho, inundando a cidade e fazendo desabar muitas casas.

12 *Estados Unidos*—Está grassando no Estado de Taxas a febre amarella, havendo noticia de 733 casos e 70 obitos.

15 *França* — O conde Kornis, rapaz de 25 annos, de origem hungara, que se achava estudando engenharia em Paris, é accommettido de um ataque de loucura, ferindo a tiros de rewolver um condiscipulo, uma sua criada e o porteiro, suicidando-se em seguida.

21 *Portugal* — Dá-se um grave desastre na linha ferrea de Cascaes, descarrilando um dos comboios rapidos, ficando feridas e contusas muitas pessoas, e entre ellas a sr.ª duqueza de Palmella, felizmente sem gravidade.—*Pensylvania* — Manifesta-se em Lilly um incendio, perecendo 35 operarios italianos.

22 *Hespanha*—Abate em Gijon uma egreja em construcção, resultando ficarem duas pessoas mortas e algumas feridas.

24 *California* — Em S. Francisco a barca franceza «François Coppeé» naufraga proximo das ilhas de Salomon desapparecendo deseseis homens da tripulação e o capitão.

26 *Austria* — Telegrapham de Vienna que uma caixa cheia de dynamite explodiu dentro da casa de um fabricante chamado Ganardelli em Ardning, Styria Superior, e se julga ter sido vingança de operarios despedidos.

29 *Hespanha*—Ha um horrivel temporal em San Sebastian. Alguns navios soffrem muitas avarias; a escuna *Echairen* sossobra, perecendo toda a tripulação; o mar apresenta um aspecto terrivel; as estradas ficam interrompidas; os rios Loyola e Uriola sahem fóra dos seus leitos; as brigadas de bombeiros salvam muita gente e muito gado.

30 *França* — E' violentissima a tempestade que açoita a costa do norte da França A maior parte dos vapores sahidos dos portos francezes tiveram de arribar por não poderem seguir viagem.

Dezembro **2** — *Hespanha* — Abate parte da abobada da cathedral de Toledo, na parte correspondente ao côro.

6 *Italia* — No porto de Gruaro, perto de Veneza, na costa do Adriatico, o mar galga a praia e ameaça submergir a aldêa de Beavrei. Em Lucques, o rio Procia inunda os campos n'uma extensão de sete kilometros. Mais de mil habitantes teem as casas inundadas.

12 *França* — Na ponte de Alma é derrubada por uma pesada carroça uma carruagem que conduzia mademoiselle Diana Ogier d'Ivry, filha do conde d'Ivry, antigo official e conhecido poeta, sendo levada com o craneo fendido para o hospital onde falleceu pouco depois.

13 *Hespanha* — Dá-se um grande desastre no caminho de ferro de Andaluzia, cahindo um comboio d'um terraplano em consequencia de esbroamento de terras entre Cordova e Baena, havendo quatorze pessoas mortas e muitas feridas.

NECROLOGIA

Setembro **16** — O General de divisão Antonio Severino Alves Galvão, em Lisboa, 71 annos. Era um official muito distincto.

17 — Marqueza de Sampaio, em Lisboa, uma das senhoras mais distinctas da nossa antiga aristocracia. A sr.ª marqueza de Sampaio, exercia, ha muitos annos, o cargo de commendadeira do convento de Santos-o-Novo.

18 — Dr. Carlos Eduardo de Sande Sacadura Botto, em Louzã, 69 annos, bacharel formado em theologia, chantre da Sé Patriarchal e reitor do Seminario de Leiria.

19—Dr. Pereira Caldas, em Braga, de avançada edade, decano do professorado portuguez, archeologo e escriptor. O finado era um enthusiasta bibliographo Por toda a parte, em sua casa se encontravam edições *princeps*, velhos manuscriptos, exemplares raros, que pacientemente colhia nos alfarrabistas.

20—Conselheiro Manuel Thomaz Ferreira

NOBRE DE CARVALHO, em Lisboa, distinguindo-se sempre tanto pela sua intelligencia e caracter primoroso como pelas faculdades de trabalho, tendo conquistado uma posição brilhante pelo seu proprio esforço.

27 — DUQUE DE RICHMOND, em Londres, 85 annos, chefe de uma das casas mais antigas da aristocracia britannica. Possuia tambem os titulos de duque de Lennox, duque de Gordon e duque de Aubigny em França. Fez parte de diversos gabinetes no reinado da rainha Victoria, tendo sido, durante alguns annos, secretario de Estado para a Escocia. Foi tambem chanceller da Universidade de Aberdeen.

OUTUBRO **2** — CONTRA-ALMIRANTE LE DOC em Saigon, Industão, que commandava uma esquadra do Extremo Oriente.

— GENERAL DE BRIGADA REFORMADO JOSÉ GONÇALVES DA FONSECA, em Povoa de Varzim, 70 annos, condecorado com as commendas de Aviz, de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e de Christo.

7 — CONSELHEIRO JESUINO MARCONDES D'OLIVEIRA E SÁ, em Genebra, 74 annos, tendo occupado, em tempo do imperio brazileiro, os mais altos cargos publicos, tendo sido mais de 30 annos chefe do partido liberal da provincia do Paraná, e ministro das pastas das obras publicas, agricultura, commercio e industria.

10 — VISCONDE CASTELLO, em Braga, tendo sido delegado de saude e professor do lyceu.

12 — DR. VELLADO DA FONSECA, em Lamego, 27 annos, lente cathedratico da faculdade de philosophia, lugar que poucos conquistaram tão novos como elle, pois doutorou-se aos 23 annos incompletos, tendo sido despachado lente substituto no mesmo anno em que tomou capello. Pouco tempo regeu por ter sido eleito deputado e nomeado inspector das escolas normaes de Lisboa.

17 — CONSELHEIRO COSTA E ALMEIDA, no Porto, um dos membros mais em evidencia do partido progressista. Era membro da commissão executiva, de que já fôra presidente. Foi reitor interino do Lyceu Central, procurador á junta geral do districto, presidente da camara municipal e governador civil.

19 — BENTO MARIA FREIRE D'ANDRADE, vice-almirante reformado, em Lisboa, tendo feito uma carreira militar muito distincta, desempenhando varios cargos de alta cathegoria, em cujo exercicio se houve sempre com muita proficiencia e distincção.

20 — BARÃO DO JARDIM DO MAR, sr. Tristão Vaz Teixeira de Bettencourt Camara, 55 annos, no Funchal. Era proprietario e director do *Diario de Noticias* do Funchal e influente politico na Madeira.

21 — D. JOSÉ ANTONIO LOCIO, em Cascaes 78 annos. Era major reformado, tendo acompanhado como alferes porta-bandeira o regimento de infantaria 16 na revolução chamada da Maria da Fonte, entrando na batalha do Alto do Viso; em Setubal em 1 de maio de 1846, foi ferido na perna esquerda e reconhecendo-se a gravidade do ferimento, no campo lhe foi feita a amputação d'ella. Foi-lhe concedida a pensão de sangue em 23 de abril de 1884.

27 — MAURICE ROLLINAT, em Ivry, arredores de Paris, autor dos livros *Paysages et Paysans*, *Apparitions*, e as *Nevroses*, além d'um grande numero de poesias soltas publicadas em varias revistas litterarias.

NOVEMBRO **1** — THEODORO MOMMSEN, em Charlotenbourg, Allemanha, 86 annos, eminente professor e historiador, dos primeiros sabios que na Europa se dedicou ao estudo das antiguidades.

3 — CONSELHEIRO ANTONIO ALBERTO DA ROCHA PARIS, em Vianna do Castello, chefe do partido progressista d'aquelle districto, tendo alli exercido repetidas vezes o cargo de governador civil, como tambem em Braga.

3 — DR. JOSÉ FILIPPE D'ANDRADE REBELLO, nas Caldas da Rainha, director do Real Hospital das Caldas.

4 — VERISSIMO GOMES, na ilha Brava, tendo morrido com 120 annos.

4 — JOÃO JOSÉ DE SOUSA TELLES, em Lisboa, 80 annos. Foi um cultor primoroso dos estudos scientificos e das bellas lettras, deixando numerosos documentos d'essa cultura, já escrevendo com admiravel correcção, já ensinando com a maior sollicitude e discursando com erudita e brilhante linguagem.

8 — VICE-ALMIRANTE AUGUSTO IVO DE CAMPOS FERREIRA, em Lisboa, 61 annos, que durante largos annos exerceu com muita proficiencia o cargo de chefe do estado maior da majoria general da armada.

15 — DUQUE D'URSEL, em Bruxellas, presidente do senado.

16 — CONSELHEIRO ANTONIO PEREIRA CARRILHO, em Paris, 68 annos. Exerceu differentes cargos publicos e era director geral da contabilidade publica, presidente do conselho de administração e da commissão executiva da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, tendo sido em successivas legislaturas deputado ás côrtes, e vigoroso jornalista, distinguindo-se na discussão de assumptos economicos e financeiros.

17 — DR. ANTONIO XAVIER CORDEIRO, em Ponta Delgada, 59 annos, distincto poeta e digno juiz da Relação dos Açores.

22 — CONSELHEIRO JOÃO CESARIO DE LACERDA, em Lisboa, 62 annos, antigo governador da provincia de Cabo Verde, tendo exercido no continente e nas colonias muitas outras commissões e cargos importantes.

26 — DR. ACHILLES ADRIANO PROUST, em Paris, 69 annos, medico francez, membro da Academia de Medicina. Deixa diversas obras sobre medicina, sendo das mais notaveis um bello volume intitulado *Ensaio sobre a hygiene internacional e suas applicações contra a peste, o cholera e febre amarella.*

26 — DR. ANTONIO AUGUSTO DA COSTA SIMÕES, em Mealhada, Portugal, 84 annos, lente jubilado da faculdade de medicina e ex-reitor da Universidade. Era uma figura proeminente na sciencia medica portugueza.

30 — GENERAL ANTONIO CESAR BARROSO, em Lisboa, 71 annos.

Dezembro 1 — Condessa de Sabugal, em Lisboa, dama honoraria de sua magestade a rainha e uma das senhoras da velha aristocracia portugueza.

8 — Herbert Spencer, em Londres, 83 annos, philosopho inglez, tendo exercido as funcções de engenheiro civil e publicado grande numero de obras philosophicas que o collocaram na primeira fila dos pensadores do seu tempo. Herbert Spencer, impoz-se, pois, á admiração do mundo intellectual.

9 — Viscondessa de Soveral, em Lisboa, 90 annos, veneranda titular. Era descendente de uma illustre familia ingleza, e destacava-se na sociedade elegante pelas suas altas virtudes e excepcionaes dotes de espirito.

9 — General João Maria Rodarte, em Lisboa, 71 annos, tendo sido por bastantes annos governador da praça d'Elvas.

10 — Viscondessa de Rio Sado, em Lisboa.

11 — Vice almirante Pereira Sampaio, em Lisboa, 63 annos de edade.

14 — Condessa de Mesquitella, em Lisboa. Pertencia á familia Motta e Silva, de velha nobreza minhota.

THEATROS

Outubro 20 — O rei maldito, drama em 4 actos e 6 quadros, do sr. Marcelino de Mesquita. (Theatro do Principe Real).

Novembro 7 — Magda, peça de Sudermann, em 4 actos, traducção portugueza do sr. Pedro Vidoeira. (Theatro D. Amelia).

7 — Casados solteiros, comedia em 3 actos, traducção livre do allemão do sr. Xavier Marques. (Theatro do Gymnasio).

14 — Dolores, drama de Feliu e Codina, em 3 actos, variante em verso portuguez do sr. Coelho de Carvalho. (Theatro de D. Maria).

19 — A encruzilhada, comedia em 1 acto, original do sr. Silva Gayo. — Tragedia antiga, comedia em 1 acto, original do sr. Cesar Porto. — Auto pastoril, em 1 acto e em verso, original do sr. Pedroso Rodrigues. (Theatro D. Amelia, recita especial do concurso dramatico do jornal *O Dia)*.

Dezembro 4 — O bode expiatorio, comedia em 5 actos, traducção livre do allemão, pelo sr. Freitas Branco. — Maldita pulseira, comedia original n'um acto, do sr. Alvaro Caminha. (Theatro do Gymnasio).

5 — O homem das meias, opereta em 3 actos, revista-parodia do sr. Baptista Diniz, com musica do maestro sr. Symaria, á peça O homem das mangas. (Theatro Rua dos Condes).

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarização sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'elle fazem agradavel entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilizaveis.

Instantaneos das ceremonias publicas

A' maior parte dos amadores photographicos que se dedicam á reproducção de scenas da actualidade, de preferencia aos trabalhos de atelier, julgamos prestar um grande auxilio, transcrevendo de um interessante livro ultimamente publicado por mr. A. Reyner, com o titulo *Manuel pratique du Reporter photographe et de l'Amateur d'instantanés*, os seguintes conselhos sobre a maneira de operar afim de obter instantaneos das ceremonias publicas e outros.

Este genero de trabalho pertence não só ao amador de instantaneos como ao reporter photographo, e exige qualidades especiaes de estudo e de saber escolher os melhores pontos para se obter um resultado satisfatorio.

E' entre a multidão muitas vezes compacta que o photographo tem de trabalhar, vendo-se obrigado a romper em todos os sentidos afim de procurar, senão a melhor posição, pelo menos um logar de onde possa obter uma vista de conjuncto rasoavel ou aproveitar uma nesga que lhe permitta recolher um fragmento importante da scena principal, circulando constantemente para tomar outras vistas differentes, sendo indispensavel o saber evitar os encontrões e caminhar a favor das ondas do povo afim de proteger a sua machina e evitar uma quéda da mesma, sempre deploravel.

As inaugurações dos monumentos, os cortejos, as revistas, as ceremonias publicas são occasiões em que o photographo tem de fazer trabalho de reportagem. Ha ainda algumas operações particulares, como, as *interviews* em domicilio, onde os jornalistas teem occasião de utilizar o apparelho photographico, mas na maior parte das vezes, devido á má distribuição da luz, teem de luctar, não podendo sempre contar com o resultado de um instantaneo. A photographia demorada ou de *pose* é obrigatoria, não podendo na maior parte dos casos o operador contar com a paciencia do intervistado, muito satisfeito, em geral, de occupar a attenção publica durante alguns instantes. Deixaremos de lado esta parte especial das occupações do reporter photographo.

Em todas as occasiões o operador deve

fazer o possivel para se collocar n'um sitio descoberto afim de poder abrir o obturador no momento propicio. Logo que se tenha de photographar uma scena cujos actores e espectador se encontram n'uma immobilidade relativa, e estando a attenção de todos concentrada n'um ponto, a operação é relativamente facil.

Não succede o mesmo logo que se trate de photographar um cortejo. Se o operador conseguiu encontrar um logar livre só deverá abrir o obturador quando os personagens principaes estiverem bem á vista e que a guarda avançada tenha passado e que ninguem venha collocar-se no campo da objectiva. Logo que a chapa esteja impressionada convem correr a procurar um outro ponto determinado anteriormente com o maior cuidado, afim de colher outra phase da ceremonia a não ser que o cortejo seja tão longo que se possa no mesmo logar tirar os grupos principaes. Estas operações serão repetidas tantas vezes quantas mereça a importancia da ceremonia.

Se o photographo se encontrar perdido no meio da multidão, o que succede frequentemente ao amador que não obteve um passe de livre transito, deve no emtanto procurar qualquer meio de impressionar algumas chapas. O meio mais simples é procurar um logar de onde possa dominar a multidão sem ter de se afastar demasiadamente. Um parapeito de uma janella, o limiar de uma porta, um banco, um monte de cascalho ou de areia offerecerão uma elevação necessaria para se obter uma vista interessante; á falta d'este expediente, fica o recurso de levantar a machina e de operar ao acaso, apontando a objectiva na direcção da scena interessante. Alguns apparelhos teem os *viseurs* dispostos de maneira que permittem examinar a imagem mesmo quando a machina fique elevada acima da cabeça; estes apparelhos são preciosos n'estas occasiões.

Para se obter provas interessantes d'estas ceremonias é conveniente fazer dois clichés: o 1.º da vista em globo reproduzindo o cortejo, os espectadores e o local, tudo, bem entendido n'uma escala reduzida; e 2.º a vista especial que mostre, n'uma escala maior, as scenas capitaes.

Para a vista do conjuncto, é de toda a vantagem occupar um logar elevado afim de ter um plano bastante livre e obter uma imagem que dê bem a impressão de uma multidão compacta.

Como n'estas operações é difficil saber-se as condições de luz em que se estará collocado, é conveniente carregar a machina com chapas anti-halo afim de assegurar quanto possivel a pureza da imagem.

A paysagem, ou o fundo que se dá ao assumpto principal, não é indifferente. A maior parte das vezes elle depende das proprias circumstancias, e é difficil senão impossivel escolhel-o de maneira a que elle contribua a dar á imagem um aspecto artistico e sobretudo fazendo o possivel para attenuar o cunho de banalidade que é attribuido, com alguma razão, á photographia.

Para escolher um ponto de vista com um fundo agradavel, é necessario conhecer o local onde tem de se trabalhar. Por consequencia é muito util, logo que as circumstancias o permittam, fazer previamente uma excursão de reconhecimento no trajecto que deve seguir o cortejo afim de determinar, segundo o programma da festa, os logares mais favoraveis para obter ao mesmo tempo uma imagem artistica e documental.

(Continúa).

PACIENCIAS

A Bella das Bellas

(Dois jogos completos)

Distribuem-se as cartas em 35 montes de 3 cartas cada um, excepto o ultimo que só terá 2 cartas. As tres cartas de cada monte devem ser collocadas em fórma de leque, e da maneira mais commoda, mas espaçadas de fórma a não se misturarem.

O fim d'esta paciencia é obter 8 gerarchias ascendentes compostas de cartas da mesma familia, começando em az e terminando em rei.

Tiram-se dos leques todos os *azes* caso elles estejam superiores ás duas cartas restantes e em seguida as que se possam juntar aos *azes* para formar as familias; mas como póde succeder que as de maior valor se encontrem sobre as de menor, é permittido desembaraçal-as, collocando-as sobre as cartas superiores todas as do mesmo naipe que em ordem descendente se unam immediatamente; portanto, sobre um *nove de ouros* collocar-se-ha um *oito*, sobre este um *sete*, depois um *seis* e assim a seguir. Como não é possivel collocar os *reis* sobre qualquer outra carta para desembaraçar as que lhe ficam inferiores, deve fazer-se a diligencia para completar as series a que ellas pertencem.

Se se chegar a occasião em que não seja possivel dispôr de cartas do monte, a paciencia não se considera feita.

DAMAS

Publicamos a seguir, o jogo realizado entre o sr. M. L. da Cruz, insigne jogador portuguez e o sr. J. L. P. um dos melhores jogadores da actualidade.

O primeiro jogou com as pedras pretas, e ficou vencedor.

Sahida á Brazileira

11–15	22–15	6–10	12– 8	15–18
24–20	10–28	31–27	18–25	30–21
8–11	25–22	5– 9	17–14	18–27
28–24	11–15	22–17	3–12	32–23
4– 8	26–23	9–13	27–23	28–32
23–19	8–11	25–22	10–17	
12–16	29–25	1– 5	19– 3	Ganham
19–12	9–14	23–19	11–15	as
15–18	27–24	14–18	21–14	pretas

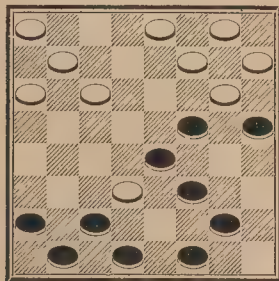
Sahida á Portugueza

O seguinte jogo é o que se realizou, entre o nosso illustre contendor e nós, o qual ficou empatado. Como os nossos pobres ficassem logrados com este resultado, proposemos novo desafio, sustentando a nossa aposta, o que foi acceite.

11–15	23–14	6–10	19–16	12–16
22–18	10–17	25–22	12–19	24–20
15–22	21–14	10–17	27–24	5– 9
25–18	6–10	22–13	20–27	13– 6
12–16	25–21	8–11	31– 8	2– 9
29–25	10–17	24–19	3–12	20–11
16–20	21–14	4 8	28–24	
18–14	1– 6	26–22	7–10	Empatado
9–18	30–25	8–12	22–18	

PROBLEMA VII

Por Julio Pereira da Silva

Brancas em 1, 2, 4, 5, 6, 8, 9, 11, 12, 23.

Pretas em 13, 14, 18, 22, 25, 27, 28, 30, 31, 32.

Jogam as *brancas* e ganham.

Resolução do problema V

Brancas em 2, 5, 6, 8, 11, 12, 16, 17, 20.
Pretas em 15, 19, 21, 23, 24, 25, 27, 29, 32.

Jogam as *pretas* e ganham:

21–14	6–15	27– 4	12–16
11–18	23–14	20–27	4–15
14–10	16–23	32- 23	Ganh. *pretas.*

Resolução do problema VI

Brancas em 2, 5, 8, 12, 17, 18, 19.
Pretas em 9, 14, 16. 26, 27, 30. *Dama* em 3.

Jogam *as pretas* e ganham.

14–10	26–22	16–11	3–10
5–14	17–26	8–15	
27–23	30–23	10– 7	Ganham
18–27	19–26	2–11	as *pretas.*

Correspondencia

Resoluções recebidas. — Dos srs. Luiz Prestrello, Batalha Reis, Liggia, dr. Cortez (Vizeu), F. Correia (Parada de Gonta), Padre José Vasconcellos, Soveral, Affonso Gama, Padre Moura (Vizeu), Navarro (Luzo), E. John (Monte Estoril), Lima, Carlos Syder.

Silveira.—Ohrigado pelo problema está já marcado para publicação.

Julio Pereira da Silva. — Publicamos o seu problema e esperamos que continue.

E. John.—Obrigado. São regras geraes que ha que respeitar. Seu problema é muito engenhoso; está marcado para publicação.

Publicações.—Acha-se á venda a *Guia* do *Jogo de Damas* livro que recommendamos aos nossos leitores.

Advertencia. — Não esquecer a numeração do taboleiro da *direita* para a *esquerda,* e que os problemas, jogos e soluções, devem ser enviadas á nossa redacção até o dia 15 de cada mez.

J. S.

Resolução do problema de xadrez do numero anterior

BRANCOS	PRETOS
1. C 1 T R	1. C Ra joga.
2. C 3 T Ra. xeque e mate	
	1. C R joga
2. B 1 B R xeque e mate	
	1. T toma P Ra
2. C toma T xeque e mate	
	1. mesma T joga
2 B 7 Ra xeque e mate	
	1. T toma P B R ou joga
2. Ra 3 Ra xeque e mate	

XADREZ

Pretos (5 peças)

Brancos (5 peças)

Os brancos jogam e dão mate em tres lanços

SUMMARIO

43 ILLUSTRAÇÕES

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar adiantadamente **uma serie de 12 numeros**, tendo n'este caso a reducção do preço a **2$200 réis,** o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra **terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas** poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por:

Series de	**3 numeros**	**600**
	6 numeros	**1$200**
	12 numeros	**2$200**

Para os paizes da **União Postal,** por **serie de 12 numeros** (pagamento adiantado), **3$000 réis**, moeda portugueza. Para o **Brazil** (moeda brazileira), **18$000 réis** por serie de 12 numeros, pagamento adiantado.—Numero avulso *1$500* réis (moeda brazileira).

Assigna-se em todas as livrarias do paiz, e em todas as estações postaes; vende-se avulso em todos os lugares do costume e na

Administração dos SERÕES, em Lisbôa, Calçada do Cabra, 7

Typ. e impressão dos *Serões*, C. do Cabra, 7 — Editor, Thomaz Rodrigues Mathias.

Aos leitores

Com a publicação d'este numero 24 completa-se o IV volume dos SERÕES, e ultimo da série que a actual empreza iniciou. A publicação da segunda série terá por editor a *Livraria Ferreira*. A impossibilidade de manter, a sahida dos numeros da Revista, aquella periodicidade, que foi promettida e a nosso pesar quasi nunca cumprida, obriga-nos a entregar o encargo.

Não faltou a animar-nos no emprehendimento — justo e necessario é dizel-o — o favor e o carinhoso acolhimento do publico. Lançada no mercado, sem recommendação de nomes que abonassem a direcção, posta á venda com a simples indicação do domicilio, a revista SERÕES foi recebida com largueza desusada, do que dão incontestavel attestado os nossos registos de compradores que se elevaram a alguns milhares dentro do paiz.

A experiencia foi concludente. Feita com o mais escrupuloso cuidado que nos foi possivel realisar, cumprindo o seu simples programma de fornecer leitura variada e amena, conservando sempre o mais stricto recato na prosa e na illustração para que podesse ser recebida na familia com confiança, a revista SERÕES iniciou o genero *magazzine* que o publico de todos os paizes tão calorosamente prefere na épocha presente, e approximam-se, quanto soube, d'essas publicações extrangeiras, não só no texto, como na feitura material. Quem percorrer os indices dos quatro volumes publicados poderá confirmar este asserto.

A todos leitores e collaboradores que generosamente animaram, honraram e illustraram a revista, agradece reconhecida

A EMPREZA

Os **SERÔES** teem publicado as seguintes

MUSICAS PARA PIANO

Gavota, por Augusto Machado. — **Numero 1.**

A Resurreição de Christo, *Oratoria,* por D. Lorenzo Perosi. — **Num. 2.**

Rachel, *Valsa,* por Laura Escrich. — **Num. 3.**

Folha d'Album, por Oscar da Silva. — **Num. 4.**

Feiticeira, *Valsa,* por Eduardo Boeyé de Pasca. — **Num. 5.**

O que dizem as ondas, *Valsa,* por Izabel de Campos Pidwell .—**Num. 6.**

Meditação, *Mazurka,* por Viscondessa de Faria Pinho. — **Num. 7.**

Romanza, por A. Brinita, (*D. Maria Bravo*). — **Num. 8.**

O Tição Negro, *Serenada do 1.º acto,* por Augusto Machado. — **Mum. 10.**

Dansons! *Pas-de-quatre,* por M. Julia Loureiro de Macedo. — **Num. 11.**

Rapsodia d'Agueda, *(Musica popular).* — **Num. 12.**

Le Ballet du Roy, *Gavota,* por Lully. —**Num. 13.**

Gipsy, *Valsa,* por C. L. — **Num. 14.**

Maria da Gloria, *Valsa,* por Carlos Pinto Coelho· — **Num. 15.**

Minuete, por J. P. Rameau — **Num. 16.**

Luisette, *Valsa,* por F. de Borja Araujo. — **Num. 17.**

Minuete, por J. B. Lolly — **Num. 18.**

Descantes, por Augusto Machado. — *Versos de J. de Souza Monteiro.* — **Num. 19**

Absorta, versos por José de Souza Monteiro, musica de M. Grisalde. — **Num. 20.**

Ballada Portugueza por José d'Agueda.— Composta para piano e canto, por *D. Franco;*— **Num. 21.**

Recuerdo, *Valsa* por G. S. — **Núm. 23.**

A Oriental, *Introducção para piano* por Furtado Coelho. — **Num. 24**

A actriz Virginia *no papel da* Marqueza *nos* Peraltas e Secias

A ACTRIZ VIRGINIA

(A Maria Emma para ella mais tarde lêr aos filhitos e elles saberem como era grande e boa, Santa Virginia, sua avó).

Não é bem um estudo critico, e menos ainda um retrato biographico, esta cercadura banal de parola com que a desmedida e amavel confiança de um camarada me incumbe de emoldurar, no pinho tosco e bisonho da minha prosa, as gravuras que os *Serões* consagram a Virginia Dias da Silva— o mais delicado e radioso, mais sereno e dominador, mais completo e espontaneo, mais pessoal e emotivo temperamento artistico de Mulher que, em suaves polychromias de talento, tem esmaltado, de ha trint'annos, os pannos esborratados e as tabuas desconjunctadas dos palcos portuguezes.

Na minha cultual admiração pela Arte affavel e clara, toda sentimento e simplicidade, toda doçura e intuição de Virginia, eu que a adoro como comediante e que, como Senhora, a venero, eu que, no Palco, fascinado pela magia feiticeira da sua voz, captivo das caricias brandas e irresistiveis do seu olhar, com o coração a amo, como mulher, no amor santo que aos cabellos brancos de minha mãe consagro e que, no convivio generoso do seu lar, ao vel-a, no enlevo terno da alacria chalrante da filha e no hallo de conforto e d'affecto em que o marido a envolve, me curvo, com o espirito subjugado pela bondade infinita da artista que mais alto e mais fundo, na nossa terra sentimental e amorosa, tem riscado na alma das platéas a emoção divina do sentimento e do amor, dos choros que alliviam e das dores que purificam, eu, como biographo, sinto tel-a conhecido demasiado tarde, e, como critico, reconheço tel-a visto demasiado cedo para poder, com animo frio e copia de factos, traçar-lhe um retrato que se lhe assemelhe ou esboçar-lhe um estudo que a defina.

Mas, não sendo nem estudo nem retrato, não é — Deus me defenda! — o artigo corrente, louvaminheiro e bombastico, com adjectivos em folha e agua no bico, que, em dias de beneficio ou vesperas de peça, a rhetorica lusitana, sempre fertil e videira, pespega á cola dos cometas apagados do nosso firmamento artistico e que no papel ficam pyrilampando como soes chisparreantes de talento e creadores uberrimos de prodigios — maravilhas do mundo com porta p'r'á escada e trez repenicadas... glorias nacionaes com a immortalidade a prazo fixo e jazigo de familia no esquecimento do A'manhã.

*

Virginia, no Palco e na Vida, como comediante impulsiva e mulher affectuosa, como artista que sente e vive a sua Arte em radiações prodigiosas de sensibilidade e theatralismo e como donna que cultiva e enflora o seu Eu em canduras de bondosa dignidade e senhoril delicadeza, é uma grande actriz e uma grande dama, um grandissimo talento e um desmesurado coração.

No Palco, nunca teve uma rival, um inimigo; nunca a abocanhou a baba reptilica da calumnia, nunca a aferroou a peçonha envenenada da intriga—na Vida, semeando encantos, colhendo affectos, na linha inflexivel d'uma Alma Eleita, despilfarrando thesouros de abnegação e enxugando lagrimas de desespero, eu sei de affeições que a deificam,

de peitos que a estremecem como o seu Anjo Bom e a sua Sombra tutelar — Santa Virginia, Senhora Nossa, Rainha dos Palcos e dos Corações.

Virginia, que, no theatro portuguez, sem diplomas e sem preparatorios conservatoriaes, é, com o velho Taborda, o mais extranho e colossal especimen da improvisação e da espontaneidade latinas, Virginia, que dentro do repertorio cosmopolita dos seus 38 annos de proscenio, dês do chinesismo enrabichado da *Flor de Chá* té aos zelos tigrinos da slava *Fedora*, sem falsear as rubricas, sem deturpar os caracteres, nacionalizou todos os seus personagens em rasgos assombrosos de ensimesmação e de personalismo, Virginia, que foi sempre grande nas heroinas romanticas e affectivas da dramaturgia extrangeira, dês da *Fernanda* do Sardou á *Desdemona* do Shakspeare, mas que foi colossal e estupenda nas duas unicas almas femininas do theatro portuguez, Virginia, a *Maria* ideal do *Frei Luis de Sousa* e a divina *Magdalena* da obra prima de Garrett, é mais do que uma artista de infinitos recursos e de suprema intuição, Virginia é a encarnação artistica da mulher da nossa raça, synthese theatral da feminilidade lusitana, symbolo, a que se rende culto como imagem scenica das nossas mães e das nossas eleitas, de tudo o que ha de casto e eterno na nossa historia, de santo e indestructivel no sangue das nossas veias.

Mas não é simplesmente a maior organização artistica de Portugal: neste dessoramento ethnico de internacionalismos e bastardias de temperamentos, que nos veem de França, como os bibelots e os meninos e começam, pelo visto, a vir-nos da Russia, como o caviar e os coiros das carteiras, Virginia é a unica organização artistica genuinamente portugueza que tem nascido em Portugal e n'estes tempos de aviltações e lamaçaes em que tudo se pollue e se subverte, em que o Presente é, na sua infamia, uma encruzilhada e o Futuro, na sua incerteza, se promette um monturo, Virginia é, dês do seu physico peninsular de morena, de grandes olhos rasgados, luminosos e expressivos como as noites estrelladas do nosso ceu, cabellos fortes e ondeados como as aguas revoltas da nossa costa, té ao som crystalino da sua voz feita do calor vivificante do nosso sol e do murmurio cadencioso das nossas fontes, do gorgeio estridulo das nossas aves e das toadas plangentes das nossas rapsodias, um pedaço vivo da Alma-mater do nosso Passado, uma scentelha fulgurante d'aquelle fogo indomito, que através dos mares e das pelejas, nas aventuras do Oriente e nos combates da Fé, cantavam a saudade da mulher portugueza, os seus amores e as suas lagrimas, os seus anceios e as suas angustias, nas paginas das Epopeas e nos marmores dos monumentos, nos roteiros dos navegantes e nas espadas dos heroes.

Virginia nasceu a 19 de março de 1850 em Torres Novas, no coração da Extremadura, n'esse recanto typico e genuinamente nacional da nossa linda paysagem lusitana, e, filha de gente pobre, humilde e laboriosa, de lá veiu pequenina, com 6 mezes, para Lisboa — a verdadeira patria dos seus triumphos e dos seus encantos, torrão amado do seu berço e do seu lar, onde a infancia lhe sorriu, onde lhe sonhou a mocidade, onde mulher as primeiras dores a feriram, onde artista a Gloria a beijou.

Nasceu em Torres, mas é de Lisboa; muito alfacinha, muito nossa, porque entregue a uns tios que, modestos, viviam na lucta obscura pelo pão quotidiano, Virginia foi crescendo, inquieta e precoce, entre as quatro paredes d'um soturno predio lisboeta, n'uma d'essas viellas esconças e tristes que hoje mal se advinham nos estuques catitas e pintalgados da Avenida. Vizinha do velho pardieiro da Rua dos Condes, lazardento e glorioso ninho do nosso theatro contemporaneo e dos nossos grandes artistas do Renascimento Garrettino, como seu tio, accionista ou amigo da Empreza, houvesse entrada franca nos ensaios e, de quando em vez, o seu camarote de favor, Virginia começou, novita, a frequentar o theatro, a conhecer os artistas, a fremir de enthusiasmo pelos grandes lances do reportorio, a decorar-lhe as tiradas sonoras, a mimal-os n'uma obsecção nevrotica, e, n'uma hypnose estiolante, a dizel-os de fio a pavio, com inflexões e tremulos, gestos e visagens, de estarrecer em extasis devotos a familia que se benzia e se babava com a *queda* da pequerrucha p'r'ás exteriorisações passionaes do sentimento e da dôr, lagrimas pungentes que lhe deslizavam pelas faces, gritos angustiados que se lhe afogavam na garganta.

Em noites de theatro, estarrecida, extatica, n'uma tensão galvanica do seu organismosito apenas nubil, toda ella era nervos, toda olhos, toda ouvidos: n'uma intensidade febril de comprehensão, n'um espasmo offegante de assimilagem, chorava os infortunios da dama, sentia a paixão do galã, soffria os tormentos da ingenua, odiava, em arripios de pavor, as coleras vindicativas do tyranno. E, assim, os primeiros problemas da vida, as primeiras illusões, os primeiros sonhos, mordiam-lhe o cerebello na farraparia luciolan-

te dos dramas de capa e espada, pagens e castelãs, guerreiros e trovadores que a iniciavam na Existencia, no convencionalismo sentimentalico e fruste da dramaturgia da epocha; e, na sua candura immaculada de virgem, nos seus planos de pobresinha que precisaria vir a ganhar o pão, o theatro apparecia-lhe, dominador e avassalante, em radiações de Paraiso e de Fortuna, de Felicidade e de Gloria.

Na sua religiosidade infantil, arraigada e profunda, o Ceu era para ella uma grande salla de espectaculo, apinhada de gente a applaudir frenetica os Bemaventurados e as Santas: — uma caixa de theatro descomunal e brilhante em que a Anjaria cantava, no urdimento celeste das nuvens, as modinhas em voga nos finaes d'acto da Rua dos Condes e em que Deus Padre, Todo Poderoso, de longas barbas auriluzentes, tinha a mascara pouco olympica do Theodorico e o mesmo vozeirão, cavernoso e profundo, como o ribombar dos trovões em noite de tempestade.

Na edade em que as outras pequerruchitas sonham com a monaria e a bonecagem, Virginia sonhava já com as ovações d'uma salla de espectaculos e, antes de se lhe esboçar pelo raciocinio a vida, já por instincto vivia, febril e passional, da febre, da paixão e da vida do theatro.

Era a attracção do abysmo, o iman ciclopeo, mysterioso e indefinido, que arrasta ao crime o criminoso, que impelle ao martyrio o asceta, que ergue ao heroismo o apostolo, que grilheta cada atomo da humanidade ao seu destino irrefragavel e fatal: o pintor á téla, o navegador ás ondas, o artista á sua arte, o desgraçado ao seu infortunio e o comediante ao palco, como o lychen aos rochedos, o musgo ás ruinas, os ramiculos parasitarios das orchydeas aos troncos adustos que lhe dão a seiva e o perfume, a floração bizarra das corolas e as polychromias sanguinolentas das petalas.

◎

A *queda*, a *bossa* da pequerrucha, ia dando que fallar: da admiração da familia passou ao enlevo dos amigos, do cochichar pasmado dos vizinhos, ao espanto incredulo dos indifferentes. Encheu a casa, alastrou o predio, dominou a rua, interessou o bairro e, quando, um dia, os parentes se resolveram a fazer-lhe a vontade, a deixal-a tentar as taboas e a levaram ao Principe Real a vêr se o Cezar Lima, — actor e societario com o velho Ruas da empreza do theatro — a aceitava e lhe confirmava a vocação, — a não ser a propria Virginia, com mêdo de tanta felicidade junta, temerosa de vêr ruir na realidade d'uma recusa tantos sonhos e tanta esperança, — ninguem duvidava que o Principe Real ia escripturar uma bella e verdadeira actriz n'aquella rapariguelha franzina e timida, morenuda e quasi feia, com 16 annos de edade e quasi outros tantos d'amor entranhado, irresistivel e ingenito, á arte de representar.

Na Flor de Chá
(aos 16 annos)

Feitas as apresentações, cortadas as arestas da frieza com o gume acerado da consabida carta de empenho — que, dês que o mundo é mundo, é a potente alavanca da Vida e dês que a Egreja sanctificou os sufragios é a commoda gazua da quietação da Morte — Cezar de Lima, a braços com a falta d'uma ingenua, por haver renunciado no casamento a irmã de Anna Pereira que se dizia continuar a tradição da Manoela Rey, pontapeada para o cemiterio em plena exuberancia de talento e frescura, mandou-a lêr um papel. E, ou porque, de facto, Virginia o lêsse bem — o que é talvez presumir demasiado da tensão expectante dos seus nervos — ou porque, por habito, elle estivesse affeito a ouvir lêr muito mal — o que ainda hoje é acontecedeiro entre as nossas actrizes — a entrevista fechou dando-lhe o Cezar o papel de ingenua da comedia-drama *Mocidade e Honra* e dizendo-lhe que, quando o tivesse decorado, apparecesse outra vez p'ra começar a valer...

— Nunca tive alegria tamanha... N'aquella mesma tarde já eu sabia o papel na ponta da lingua... mas não me deixaram lá voltar logo. Fui d'ahi a dias... Disse-o todo. O Cezar, coitado! já meu amigo como ainda hoje é, gostou. Começaram os ensaios. Foi a peça... O que eu chorei!... Tive um ataque de nervos. Estava um valle de lagrimas... Como era assim negrusca, o pobre Cezar, no camarim, assodado, esfalfou-se, p'ra me fazer palida, a caiar-me a cara com o *gesso-mate*... Mas... isso sim!?... Negra sempre... E depois as lagrimas,

abrindo sulcos no gesso, riscavam-me, a negro, as faces e o queixo... Devia estar linda, vista da platea... Tocou a campainha... N'uma convulsão, abracei-me aos que me rodeiavam... Chorei... chorei... não queria ir para a scena... Tinha mêdo, parecia-me que ia morrer. Toda eu tremia... Mas empurraram-me e lá fui... Na mão levava um ramo. Com o braço hirto, muito esticado andei todo o acto de ramo em punho... D'os bastidores a Anna Pereira, — sempre boa! — dizia-me que mexesse os braços, que largasse o ramo, que gesticulasse... Mas nada! Sabia lá fazer gestos... com o ramo espetado... papagueei o meu papelsinho... como Deus foi servido... mas o publico começou a amimar-me logo... Té me deram palmas...

A Anna Pereira, no intervallo, tirou-lhe o ramo, esboçou-lhe dois ou tres accionados: — deu-lhe a primeira lição...

D'ahi a dois dias o *Diario de Noticias*, de 17 de abril de 1866, dizia assim:

«*Estreou-se ante-hontem no theatro do Principe Real, e na comedia-drama em 2 actos* Mocidade e Honra, *a actriz Virginia, uma ingenua que revelou bastos dotes para a scena e a quem o publico applaudiu freneticamente, animando-a a proseguir em tão bella quanto difficil carreira.*»

Começou assim. Ganhava 12$000 réis por mez e ora fazia, no repertorio da casa, os papeis de ingenua, que deixara vagos o casamento de Margarida Pereira, e a que a morte viera a roubar, n'aquelle mesmo anno, a interpretação luminosa da Manoela Rey, ora fazia *travestis* e pastorinhas nas operetas que intermeiavam, em manchas facetas de musiquias, os cartazes pesados e lugubres dos melodramas e matas-gente.

Na opereta, no Principe Cornelio Gil da *Gran-Duqueza*, com Faria no General Boum e Antonio Pedro no Barão Grog, como no final d'acto, todas as noites, os dois actores, — que intervallavam nos camarins em orgias baratas de carrascão, iscas e peixe frito e vinham p'r' á scena com as mandibulas engorduradas, — tivessem de lhe agarrar, um, pela bota alta, amarella e afiambrada, outro, pela mãosinha enluvada em pellica branca, mal cahia o panno, sem uma queixa, sem uma reclamação, mordendo os labios de desespero, reprimindo lagrimas de infortunio, Virginia, que com os seus doze mil réis fazia equilibrios imprevistos de economia e privações, com o gesso-mate da maquilhagem caiava a luva que a mãozada do Antonio Pedro transformava em esfregão e com a oca das paredes do camarim, amarelecia a vitella da bota em que o Faria deixava, em dedadas negras o fartum e os residuos das ceias mastigadas, á pressa, na lufa-lufa dos entre-actos, com decilitragens e empansinadelas de chegarem ao fim da peça abarrotados de comezaina e de gloria, bebedos de vinhaça e de applausos, com arrotos pantagruelicos de indigestão e rasgos geniaes d'Arte — por que artistas ambos o eram, o Antonio Pedro mail-o Faria, ainda mais que beberrões.

E embora trouxesse a todos os personagens de comedia ou de opereta, á chinezinha da *Flor do chá* ou ao garotelho da *Ponte dos suspiros*, um cunho pessoal de graciosidade e leveza, um esforço intelligente de acertar e fazer verdade, era, nas ingenuas dramaticas, que Virginia ia marcando, em graduações de progresso e de talento, a sua individualidade e o seu feitio, todo o fogo intensivo da sua paixão, toda a sensibeleria delicada da sua alma. Já antes de ir ás mãos do grande mestre Santos Pitorra — que por si só valia a dirigir um ensaio os longos annos de aprendizagem dos Conservatorios e Academias — Virginia destacava ao lado da Luiza Fialho, da Emilia Letroublond, da Anna Pereira, as maiores esperanças da epocha. A esse tempo, ao vel-a, cheia de naturalidade e sentimento, de intuição e de verdade, a arrumar uma mala, n'uma scena muda do *Abysmo*, Pae Rosa, o outro mestre, sublinhou a sua admiração da platéa, n'uma salva de palmas e como os *schius!* rompessem de todas as bandas: *Applaudam tambem, caramba! que esta rapariga tem futuro e não se faz aquillo sem ter muita coisa dentro da cabeça!*

Depois, nas mãos de José Carlos dos Santos, dês do *João Carteiro*, que deu brado, té ao seu inicio no theatro de Sardou, com a Antonia dos *Solteirões*, dando a replica e deixando na penumbra o proprio Santos, o Antonio Pedro, o Maggiolly — substituido algumas noites pelo Brazão — a Emilia Adelaide e a Amelia Vieira, cada novo papel era um triumpho, cada personagem uma creação. Ia ganhando terreno, vencendo obstaculos, creando recursos, adquirindo aptidões, pulindo qualidades, conquistando o seu publico e, quando Santos — em 1870, tomou o leme do Theatro de D. Maria e o levou, em maré de rosas, a aguas nunca depois navegadas de brilhantismo scenico e probidade artistica, — pilotando através dos originaes de Garrett, Cascaes, Mendes Leal, Pinheiro Chagas e das traducções de Castilho, Rebello da Silva, Latino Coelho e Ramalho Ortigão, uma companha de que eram matelotes Emilia Adelaide, Theodorico, Gertrudes, Antonio Pedro, Emilia Candida, Cezar de Lima, Pinto de Campos, Amelia Vieira, Maggiolly, Alvaro, Barbara, Brazão, Falco, Cezar de Lacerda, João Gil e Moniz, — Virginia to-

mou posse do logar e dos papeis da Manoela Rey, extremando-a o Santos Pitorra, entre todos e acima de todas, como a actriz mais correcta e primorosa do theatro portuguez.

Foi n'essa phase da sua carreira, que a modelar ingenua dos *Solteirões*, da *Fernanda*, dos *Nobres e Plebeus*, da *Caridade*, da *Oração da tarde*, da *Magdalena* e dos *Mysterios de Paris*, se aureolou, depois das victoriosas noites do *Drama do povo*, *Cura d'almas* e *Pedra de escandalo*, com a corôa fulgentissima da mais colossal e divina, da mais maravilhosa e estupenda *Maria* que tem vinculado de gloria a obra mestra de Garrett...

E comprehende-se... Virginia que fez por impulsos irresistiveis da sua vocação, por intuições faiscantes de talento a sua marcha ascencional p'r' ó zenith astralico da grande Arte, da Arte immaculavel das grandes eleitas e das raras triumphadoras, ella que nunca passou por uma escola e que pisou o palco sem ter aprendido uma regra, sendo uma artista de sentimento, uma amorosa e uma candida, ao topar com a *Maria* do *Frei Luis*, sentiu o personagem, amou-o e viveu-o com a candura e a sentimentalidade da sua alma lilial de ingenua e boa rapariga, sem se prender aos rebotalhos convencionaes das Escolas, sem se enredar nos torvelinhos didaticos dos figurinos, sem se amoldar aos destemperos theoricos dos mestrados, com toda a lisura do seu caracter recto, com toda a limpidez da sua alma crystallina, com toda a serenidade da sua consciencia tranquilla e com todos os arrebatos do seu talento portentoso e fascinador.

Na Fedora *de Sardou*

Por instincto, advinhando o naturalismo, do seu primeiro papel na *Mocidade* e *honra* á sua ultima rabula no *Casamento* e *Mortalha*, o processo artistico de Virginia, o seu segredo e a sua technica, consistiam em lêr um papel, metter-se-lhe dentro e, começando por acreditar que tudo aquillo era verdade e era real, que tudo lhe tinha acontecido ou estava p'ra acontecer, mal lhe distribuiam um personagem a Virginia deixava de ser a Virginia e era, em casa e no palco, de dia e de noite, no camarim e na rua, o personagem vivo, material, que o dramaturgo idealizara na espiritualização scenica da sua Arte.

A *Maria* do *Frei Luis de Sousa*, com todos os seus anceios e todas as suas precocidades, toda a candura angelical da sua alma e todas as presciencias morbidas da sua innocencia, sentimental e pura, intelligente e triste, com o espirito mergulhado no contemplar heroico do passado e o coraçãosito a arfar na affectividade carinhosa da sua sensibeleria, alma de passarito em cerebro de vidente, encarnação espirita, auroral e ethnica, de toda uma epoca e de toda uma raça, com os crepes de Alcacer Kibir a enlutarem-lhe as grinaldas lyriaes de virgem e os sonhos de nubil a irisarem-lhe as tristuras de prematura viuvita da Chimera, a *Maria* do Garrett, synthese em espuma d'uma nacionalidade em cinza, comoveu té ás lagrimas, esfarrapou té ao sangue, na prosa ductil e emotiva, na reconstituição dramatica do Poeta amoroso da Joanninha e da Dona Auzenda, o temperamento artistico de Virginia, creatura similar na Vida á estatueta romantica da obra garrettiana e tão fundo a picou, na sua alma e nos seus nervos, tão rijo a mordeu, na sua sensibilidade e na sua medulla, que as lagrimas brotavam-lhe irriprimiveis e sinceras, espontaneas e amarissimas na exteriorisação scenica da orphãosita a que não morreram os paes e os vê mortos no sepulchro eterno, pesado e frio, dos habitos religiosos que os faz cadaveres.

Virginia chorava, hemoptisava-se, morria: o sangue geleva-se-lhe nas veias, paresiavam-se-lhe os musculos, a rigidez algida da tumba

beijava-lhe as carnes e cadaverisava-lhe os membros. Mais d'uma vez, ao cahir o panno, no calido redemoinho das ovações vibrantes, freneticas, das platéas peninsulares, Santos Pitorra — o Manuel Coutinho — levava-a em braços ao camarim hirta, cataleptica, esvahida e exausta de angustia e commoção.

Porque a Virginia no palco, na hypnose da sua Arte, sente e vive em emotividades cruas de realidade os seus personagens e os seus papeis.

Artista de sentimento e de emoção, sem escola nem aprendizado, tendo-se feito a si mesma e tendo-se completado no palco, ainda, outro dia, ao vêr a Bartet, toda Arte, toda convencionalismo, toda Conservatorio e sabedorias, eu redobrei na minha adoração pela Virginia que por intuição, em espontaneidades e advinhações, presentindo regras, prevendo theorias, em autosuprimentos de naturalidade, em achados maravilhosos de ignorancia, feria as mesmas notas, tapetava os mesmos caminhos com as petalas frescas, viçosas e perfumadas da mesma Arte—methodica, reflexiva, postiça na Bartet — a Divina! — impulsiva, espontanea, natural na Virginia — a nossa Bartet, a nossa Divindade!

Ambas Eleitas, ambas Divinas, a Bartet, nascida em França, educada no Conservatorio, cultivada na Comedie, discutida e annotada pelos principes da Critica, paga a peso d'ouro, cercada de conforto, de civilização e de gloria, tuteando os grandes nomes da Arte, privando com os grandes cerebros do Pensamento, dictando leis, impondo vontades, realizando caprichos, com a erudição vasta d'uma bibliotheca e a educação classica dos maiores museus, e a Virginia, nascida em Torres, creada ali ao pé do Passeio Publico, estreada no Principe Real, adestrada em gestos pela Anna Pereira, caracterisada a gesso pelo Cesar de Lima, com os seus doze milreisinhos de ordenado, fazendo por suas mãos os vestidos de cassa dos seus personagens, caiando as botinas dos seus *travestis*, soffrendo as baforadas vinhosas do Antonio Pedro e as mandibulas enfarruscadas da comparsaria, içada por cordas nas apotheoses das magicas e pagando a prestações as contas da loja de modas e da mercearia, com o lêr e escrever da educação modesta do seu tempo e do seu meio e a cultura intellectual dos romances d'Arlincourt e das peças de Ennery, — ambas Eleitas, ambas Divinas — a Arte da Bartet tem o perfume enebriante das florações bizarras das estufas, requintados productos das culturas artificiaes e hypercivilizadas que envenenam o cerebro e dão hallucinações e o talento da Virginia tem o aroma delicado das violetas modestas das campinas, florzitas agrestes que irrompem espontaneas da terra e doiram de suavidade as almas e matisam de poesia os corações.

Bartet é o espirito, a travessura, a futilidade, a leveza do solo alacre da França—civilizada e risonha, com uma revolução no bolso e um masso de figurinos no cerebro.

Virginia é a bondade, a ternura, o sentimentalismo e a tristeza da terra bemdita do Portugal,—bisonho e inculto, com uma guitarra na mão e uma matilha de credores á perna..

Uma é a Arte nos seus refinamentos, outra a Natureza nas suas maravilhas .. Bartet, admira-se; Virginia ama-se. Bartet como mulher é a artista; Virginia como artista é sempre a mulher.

Mulher, em pleno desarrolo do seu organismo e do seu caracter, em plena maturação do seu talento e das suas faculdades, um horizonte novo se rasga, largo como o Infinito, vasto como o Soffrimento na carreira sempre brilhante e progressora, sempre triumphalica e ascensiva de Virginia, com a sua transição das *ingenuas* — a infancia que ri nos treze annos saltitantes do *O que fazem as rosas*,—a peça da estreia do Alvaro, em versos piegas do Eduardo Vidal—e a puberdade que se estiola nas neblinas de Flandres, da *Patria* de Sardou—ás *primeiras actrizes dramaticas* do *Acobrata* e da *Sphynge*, iniciaes estalões p'r'o reportorio em que, de 1880 até á *D. Magdalena* do *Frei Luis*, ella feriu, como nenhuma, a corda do sentimento e da emoção, almas que soffrem, consciencias que se revoltam, dignidades que se offendem, abnegações que se entregam, victimas que se resignam, amorosas que se sacrificam, mães que choram, esposas que são trahidas, amantes que são abandonadas: *Dionisia*, *Fedora*, *Princeza de Bagdad*, *Duqueza de Septmonts*, *Ernani*, *Desdemona*, *Martyr*, *Principe Zilah*, *Casamento Civil*, *Córa*, *Grande Industrial*, *João Baudry*, *Grande Homem*, *Duque de Vizeu*, *Velhos*, *Um drama novo*, *Irmã*, *Santa Umbelina*, *Morta*, *Estatua*, *Marido*, *Henrique III e a sua côrte*, *Alcacer Kibir*, *Marquez de Villemer*, *Musotte*, *Catharina*, todo o theatro do Marcellino de Mesquita, dês da Rainha da *Leonor Telles* á Julia da *Dôr Suprema*, todos os grandes cartazes do reportorio Rosas & Brazão e todos os espectaculos viaveis das gerencias Posser, Ferreira da Silva e da aventura ephemera do theatro da Trindade.

Até 1880 ella fôra a herdeira avantajada, a successora directa e perfeita do infortunado

temperamento artistico, arrebatado e fogoso, romancsco e brusco de Manoela Rey e ao enveredar no drama, no embate forte das paixões, nas grandes monographias femininas que o Dumas paradoxava p'r'á Croizette e p'r'á Bartet e o Sardou carpinteirava p'r'á Sarah, Virginia recebeu nas suas mãos patricias o sceptro que a Morte arrancára á maior impulsiva da Arte portugueza, Emilia das Neves, a extranha e descompassada tragica, que a Ristori uma noite coroou em scena e que perpassou pelos nossos palcos n'um turbilhão vertiginoso de Genio e de Imprevisto, de sublimidades extasiadoras de talento e desconchavos tremebundos de vulgaridade.

Ao invez, porém, do que soe acontecer na successão dynastica dos reis, em que, por via de regra, tráz de mim virá quem bom me fará e está sempre uma pessoa a rogar ao Altissimo os haja em sua santa guarda, não os leve o diabo e venham outros peores, na successão scenica da Emilia das Neves — como na herança de Pezani em Italia recolhida pela Duse — depurados os traços grosseiros, acarvoados e rigidos da tragica, nas linhas delicadas e affaveis da subtil nervosidade da Virginia, amaciadas as arestas do passionalismo cru da Escola ultra-romantica nos contornos pulidos das meias tintas humanas do theatro moderno, a pechosa sensibeleria dos nossos espiritos de derrancadinhos e impotentes, não se coadunaria hoje com as violencias descabelladas da grande Emilia e é de louvar o Destino, em mysticas genuflexões de agradecimento, que em demasia nos favoreceu com os thesouros inexhauriveis e despilfarrantes do talento comedido e seguro, da arte pacificadora e inexcedivel da mais equilibrada e sensivel, da mais comovente e fascinante actriz moderna do theatro contemporaneo.

Na VARINA *de Fernando Caldeira*

Herdeira de Emilia das Neves, que na tragedia dava o assombro e o arripio da *Lucrecia Borgia* e da *Maria Stuart*, e na comedia deu a gracilidade rendilhada das *Aventuras de Richelieu*, Virginia sublimando-se na morte pavida da *Fedora*, ou estylizando humorismos de Fernando Caldeira na *Mantilha de renda*, na *Varina* e na *Sarah* — se não tinha os vôos condoricos, arrebatados e violentos, destrambelhados e epicos da creadora da *Joanna a doida* e o esfusiar brincão e petulante, hilare e coceguento do *Retrato vivo*, no drama e na comedia, nunca ninguem como Virginia chorou no Palco, nunca ninguem como ella riu em scena; — ninguem como Virginia, na immensidade da Angustia, dominou, magestosa e soffredora, as lagrimas d' uma platéa, ninguem como ella, sacudiu, na communicabilidade contagiosa do riso, as gargalhadas do publico.

Nos jardins de sua casa em Bemfica:
a actriz VIRGINIA, *sua* FILHA, *seu* MARIDO *o actor* FERREIRA DA SILVA

A mulher quando chora seduz, quando ri enlouquece; as lagrimas são a logica dos caprichos, os sorrisos os acicates da paixão.

O seu pranto e o gargalhar bussulam os dois polos magneticos em que o bicho-homem se debate, a vida inteira, nos tentaculos veludineos e tenalhantes da escravidão mysogina, da fatalidade atavica que o prende, dês Adão, ás maçãs e aos fructos prohibidos das Evas despidas pelas tesoiras de Redfern e vestidas pelos mantos luxuriosos do Desejo e do Amor.

Isto é da natureza humana e da Sabedoria dos Povos, e, em palavras mais bonitas, já vem nos livros santos de todas as seitas e de todas as religiões, mas eu só o comprehendi,

n'uma iniciação e n'um aviso do ceu — de me fazer pôr as barbas de molho no refugio temporão do matrimonio — ao ver a Virginia chorar, na *Dôr Suprema* e ao vel-a rir na *Sociedade onde a gente se aborrece...*

A mocidade ingenua e casta, sentimental e triste da nossa terra, a cantar os seus sonhos, já altivos e efemeros, e a carpir as suas desillusões, ainda immaculadas e infantis, encarnara-a Virginia, quando moça, na *Maria* do *Frei Luis*, fechando, na sua festa artistica de 1880, a serie vastissima, gloriosa e triunfal da sua primeira feição artistica, alva como a candura, crystallica como a innocencia, perfumada e simples como a alma que lhe ria no peito — alma singela de criança n'um corpo anguloso e ossudo a que o talento punha scintilancias perturbantes de Magia e de Belleza.

O camarim em D. Maria *na noite de festa em que* Virginia *recebeu o officialato de S. Thiago*

Mulher, mordida já pelos embates da vida, ferida nas batalhas do mundo, a cupular o edificio polyformico de corações que sangram nos queimadeiros da Angustia e da Dôr, de espiritos que se evolam nas luctas da Paixão e da Ternura, ella que sublimara, n'uma estatueta delicada de Sévres, a figura espiritualizada das filhas por tuguezas, que no symbolo magnificente de Garrett sagram, em traços maravilhosos de prodigio, as primaveras virginaes da nossa gente moça, divinizou no marmore impeccavel e austero, rigido e forte da *D. Magdalena* do *Frei Luis*, as mães e as esposas d'uma raça antiga e nobre, que tendo sido atavicamente a nossa, parece hoje perdida na gafaria podre e desvergonhada, surrelfa e suja dos pantomimeiros e serigaitas do nosso tempo.

D. Magdalena de Vilhena é a personificação theatral da nossa grande dama, da nobre senhora dos nossos salões solarengos d'onde sahiam os heroes, os navegadores e os santos. Honesta e intelligente, resoluta e compassiva,

extremosa e delicada, crente e soffrida, infeliz e resignada, supersticiosa e santa, D. Magdalena, toda candura e bondade, toda infortunio e nobreza, teve em Virginia, naturalmente intellectiva e digna, audaciosa e terna, dedicada e gentil, piedosa e concentrada, triste e generosa, credula e boa, toda alma e sentimento, toda arte e pundonor, a mais fiel e perfeita, a mais verdadeira e scintillante interpretação que em fulgurancias de talento e benedictismos de detalhe, pode arco-irisar em scena os marmores serenos e eternos da grande estatua feminina em que Garrett moldou, com o sangue quente das nossas arterias e com o sentimentalismo romantico dos nossos espiritos, a synthese radiosa e immortal da Mulher portugueza.

A *D. Magdalena* da Virginia não foi a creação de um personagem: foi a corporisação de uma alma. Não foi a reconstituição scenica de um typo: foi a exteriorização theatral de uma patria.

Na ampliação generalizadora do personagem, que tem em si a symbologia da feminilidade lusitana, Virginia deu á *D. Magdalena* a grandeza e a vastidão d'uma synthese de psycologia collectiva, tão luminosa e larga, tão caracteristica e ethnica, que ao vel-a em scena, ululante e desgrenhada, pundonorosa e vencida, dir-se-ia a encarnação miraculosa da Patria portugueza, infortunada e augusta, cavalheirosa e opprimida, a despedir-se do mundo de felicidades e victorias das navegações e conquistas da sua renascença manuelina, p'ra entrar, como a esposa casta de Manuel de Souza e a viuva saudosa de D. João de Portugal, no sepulchro esmagador e soturno da dynastia bringantina, na fatalidade irreparavel do jesuitismo, com o seu inicio de sangue nos areaes de Alcacer e a sua cupula de lama nas provações do presente.

❁

Artista insigne, mulher impeccavel, que no palco se diviniza e no lar se santifica, que pela sua arte arranca admirações e pela sua dignidade concita respeitos, agora. que a doença a affastou da scena, onde raro ella vem fulgir, na candura dos seus cabellos brancos e na maviosidade da sua dicção, os versos sonoros da *Historia antiga* ou a prosa enluvada do *Casamento e mortalha*, a sua carreira artistica pode dizer-se terminada com a festa enthusiastica, inolvidavel e captivante com que, a 14 de junho de 1902, se commemorou em D. Maria II, n'uma florida apotheose de affectos e carinhos, a mais bem cabida graça regia que das alturas do Moderador — conferindo-lhe o unico officialato de S. Thiago que decora uma actriz portugueza — tem cahido sobre o merito e o talento, a dignidade e a candura d'uma organização excepcional de Mulher e de Artista, de esposa e de mãe...

O palco juncou-se-lhe de flores; o camarim, colgado de sedas e tropheus, de luzes e verduras, assemelhava-se a um templo festivo e sagrado, em que as preces dos crentes, subiam, em nuvens de felicitações e parabens, ao altar engalanado d'uma Madona milagrenta e bondosa, com um sorriso para cada devoto, uma lagrima de agradecimento para cada officiante.

Cá fóra na sala, dês da rainha D. Maria Pia té aos cachos de anonymos que se dependuravam nas torrinhas, Lisboa em peso vibrava na mesma galvanisação de sympathia e de enthusiasmo e olhos resplendentes de ternura marejaram-se de commoção, quando, ao fim dos *Peraltas e Secias*, artistas de todos os theatros, Taborda o bom velhote, Emilia Candida a santa velhinha, Cesar de Lima o faceto velhôrro—fizeram roda e versos dos maiores poetas da nossa Terra, começaram de desfiar, em rimas sonoras, rosarios de louvores á Rainha do Palco e dos Corações — Santa Virginia Senhora Nossa—que o decreto de 24 de maio de 1902 agraciara com o habito de S. Thiago e a quem as mulheres portuguezas,—n'uma pasta pinturilada pelo dedicado affecto de Antonio Ramalho—offertavam as insignias da Ordem e a homenagem do seu respeito, do seu amor e da sua admiração...

...Foi a ultima vez que a vi chorar em scena.

Nunca ninguem chorou no theatro como a Virginia, mas nunca Virginia havia chorado como n'aquella noite lagrimas bemditas e dulcissimas de felicidade, de alegria e de triumpho...

Lagrimas victoriosas, lagrimas triumphaes que nunca n'um palco foram choradas com maior dignidade e maior talento, com mais espontanea Arte e Alma mais sublime... Lagrimas santissimas, lagrimas abençoadas que diziam na sua eloquencia toda a grandeza de um talento, toda a bondade de um coração que eu quizera ter-lhes ensinado a amar n'estas lythanias barbaras, oração fervorosa e rude a Santa Virginia, Senhora Nossa, Rainha dos Palcos e dos Corações...

Bussaco — maio de 1904.

BRAZ BURITY.

S. Petersburgo — A cathedral de Santo Isaac

Vinte dias na Russia

(impressões de uma primeira viagem)

Por Z. CONSIGLIERI PEDROZO

CAPITULO V

A capital (continuação)

As ilhas. — A cathedral de Santo Isaac. — As egrejas. — A minha visita á Sociedade de Geographia. — O theatro na Russia. — Os allemães em S. Petersburgo.

É uma impressão difficil de traduzir descriptivamente, a que em mim produziram as «ilhas» *(ostrová)*, onde se acham alguns dos bairros mais pitorescos da cidade.

Conforme se sabe, a parte principal de S. Petersburgo está situada na margem esquerda da Nevá. Foi ali que primitivamente começou a construil-a Pedro o Grande, quando modificou o seu plano primitivo, no qual a *Vassily Ostrov* (ilha de Vassili) havia sido escolhida para centro da nova capital.

Á medida, porém, que a população foi crescendo, e que consequentemente se foi necessitando cada vez de mais largo espaço para a sua accomodação, principiaram as outras ilhas a povoar-se e a cobrir-se de edificações tambem. Actualmente quasi todas ellas são habitadas. Sómente o não são as chamadas *ilhas livres* na embocadura da *Malaia Nevá* e algumas das situadas ao sul da embocadura da *Nevá*, propriamente dita, ou *Bolchaia Nevá*, como a de *Krugli*, a de *Trukhtanas* etc.

Das povoadas são as mais dignas de menção: a já citada *Vassily ostróv;* a *Peterburgsky ostróv*, onde se levanta o bairro de S. Peters-

burgo; a *Petróvsky ostróv*, a ilha favorita de Pedro o Grande, que ali construiu o parque *Petróvsky* e o *Castello de Pedro I*, casa que ainda hoje lá se vê; a *Aplersky ostróv*, notavel pelo jardim botanico, que n'ella existe; a *Kamenny ostróv*, onde se encontram os mais ricos chalets dos habitantes de S. Petersburgo, e que conta entre os seus edificios o *palacio de Paulo I*, a *egreja de S. João Baptista* — antigo cemiterio dos cavalleiros da ordem de S. João—, o *palacio dos invalidos da marinha*, e o *theatro de verão*, onde no mez de julho ha representações em francez, em allemão e em russo; a *Krestovsky ostróv* celebre pelo seu *Castello*, pelo soberbo *parque Biélozersky*, que em grande parte a occupa, e pela magnifica avenida *Alexandrovsky*, que a atravessa em todo o seu comprimento e de cuja extremidade oeste se descobre o vasto panorama do golpho da Finlandia; finalmente a *Ielaghin ostróv*, a mais septentrional de todas ellas, onde o tsar Alexandre I construiu para a imperatriz o palacio *Ielaghinsky*, notavel sobretudo pelo formoso parque que o rodeia.

Estas ilhas, quarenta ao todo, apenas se funde o gelo, que de inverno as cobre com o seu alvo lençol, transformam-se como por encanto, aos primeiros afagos da primavera, em risonhos jardins, atravessados em todas as direcções por alamedas encantadoras e pitorescos canaes. É ao longo d'essas alamedas cheias de perfumadas sombras, que ninguem diria compativeis com tão alta latitude, e espelhando-se garridamente n'esses canaes parece que arrancados a alguma paisagem italiana e transportados para as frias regiões do norte pelo mysterioso poder de desconhecida fada, que se vêem as afamadas *dátchas*, pequenos mas originalissimos *chalets*, onde o habitante de S. Petersburgo, que não possue uma *imiénie* no campo, vae passar apenas a temperatura se suaviza, e se torna tepido o curto mas delicioso verão septentrional, entre as suas flores favoritas, a respirar o ar puro, saudavel do mar e das arvores... *Dátcha*, nome por que são conhecidas estas pequenas casas, significa propriamente *dadiva*, do verbo *dati* «dar», por isso que Catharina II fez doação das ilhas, onde estas *villas* estavam construidas, a diversos personagens da sua côrte. Hoje em dia, muitas d'ellas pertencem a particulares. Outras, porém, são para rendimento e alugam-se mobiladas a quem deseja arrendal-as.

Descrever o que sejam estas *dátchas*, que se contam por muitos centenares nas ilhas principaes, é tarefa que mais tem que auxiliar-se da imaginação do escriptor do que recorrer aos apontamentos colligidos na carteira do viajante.

Eu tambem as vi, essas formosas vivendas, unicas no seu genero, a um tempo opulentas de decoração e adoraveis de singeleza, e não posso descrevel-as, sobretudo se tento reproduzir o singular espectaculo do conjuncto de todas ellas. A evocação de semelhante scenario, sem par entre quantas maravilhas a Europa mostra desvanecida, ao *touriste* que a percorre, desafia o poder descriptivo do mais consummado artista. Imagine-se ao longo de parques verdejantes, verdadeiros jardins em que a contar de abril as *ilhas* se convertem, um sem numero de *chalets* de madeira, rendilhados a capricho, das mais variadas côres, e esgotando todos os estylos architectonicos possiveis, desde a severa casa norueguesa, com o seu telhado do feitio de um chapeo de sol para a proteger contra a neve até ao gracioso pagode oriental, enfeitado de allegoricos arabescos, recamado de ouro, e de fórmas tão esbeltas, que se pergunta com espanto como teem podido ellas resistir intemeratas aos rigores d'esses longos invernos, que durante seis mezes consecutivos annualmente as açoutam.

Cada um d'estes *chalets*, ou d'estas *dátchas*, para lhes darmos o nome appropriado, consta invariavelmente de um rez-do-chão e de um primeiro andar, de janellas rasgadas e envidraçadas com elegancia, por detraz das quaes entre cortinados de seda branca ou de linho alvo debruado a cores vistosas, se vêem artisticamente dispostos os vasos de flôres, que constituem o indispensavel adorno de toda a casa de campo n'esta parte da Russia por onde viajei.

O rez-do-chão, quasi sempre em forma de atrio rodeado de taboleiros de relva e de maciços de arbustos, em plena floração tambem no momento em que ali estão, dá por via de regra para um pequeno *square*, cultivado com esmero, junto do qual ora passa o caminho assombreado por arvores frondosas, ora se espreguiça com indolencia um canalsinho perturbado apenas no seu remansoso socego pelo grasnar melancolico das bandadas de patos gansos ou pelo deslisar imperceptivel de alguma barquinha tripulada por alegres remadoras...

Esta é em geral a feição commum das *dátchas*, que povoam as *ilhas* de S. Petersburgo. Não se imagine porém, que o espectaculo parece monotono pela repetição continuada da mesma nota. Ao contrario, podemos dizer, que em todo elle domina a mais accentuada polychromia. Dentro do tom uniforme do conjuncto cabem innumeros matizes, que são o bastante para caracterisar a individualidade artistica de cada unidade. E' a fórma, é o estylo, são as dimensões, é a

côr, são os accidentes do terreno, é a exposição mais ou menos pittoresca, são emfim as mil particularidades que fazem cada uma d'estas construcções differente das demais, e a totalidade de todas ellas alguma cousa completamente distincta de tudo quanto eu até ahi tinha visto.

A perspectiva, que ás vezes ante mim se patenteava ao defrontar subitamente ao fundo d'alguma alameda com uma nova *dátcha* meia coberta de verdura, como ninho amoravelmente escondido a occultar os seus amores, fazia-me sem eu querer pensar n'outras terras, n'outros céos... E' que, com effeito, as *ilhas* da Nevá, são, permitta-se-nos a ousadia da phrase, um anachronismo geographico. Tudo se póde esperar em S. Petersburgo menos esta tão imprevista surpreza. Pena foi que o tempo, como que a accentuar bem o contraste, persistisse em se mostrar de tão feia catadura.

Por vezes o frio e a chuva, verdadeiramente invernaes, faziam-me pensar se nas regiões onde nos achavamos, não se teria dado algum lastimavel equivoco de calendario, pois mal podia acreditar que o verão official da Russia se apresentasse com tão desprimoroso aspecto para nos fazer as honras da casa, n'um paiz onde é tradicional o uso da mais fidalga hospitalidade.

Mais tarde soube que ás vezes, não sempre, o mez de agosto nas proximidades do golpho da Finlandia é assim. Como se vê não tinha tido sorte...

Foi ao voltar da ultima das minhas excursões ás *ilhas*, que no hotel encontrei um telegramma, que me obrigou a abreviar a estada na capital. Era da familia Slaviansky, velho conhecimento de Lisboa. O telegramma vinha datado de Koltsóvo, pequena aldeia do governo de Tver, e n'elle era convidado a ir passar alguns dias na propriedade, que n'aquelle governo e proximo ao Volga possue o afamado maestro.

Inutil será dizer que respondi immediatamente acceitando presuroso este amavel convite, que me ia proporcionar ensejo para eu realisar uma das minhas melhores aspira-

S. Petersburgo — A Nevá

ções, acalentada com persistencia havia muito tempo, é certo, mas singularmente alvoraçada depois que passára a fronteira russa — viver algum tempo n'esse campo, que eu apenas tivera occasião de vislumbrar de relance pelas janellas do meu wagon, e vêr de perto esses *mujiks*, a que durante tantos annos tinha dado proporções quasi phantasticas a minha imaginação meridional, excitada pela leitura das *skázkas* de Afanasiev e das commoventes descripções de Turguénev....

E a aldeia, onde eu ia passar alguns dias era pouco mais ou menos na região onde o grande romancista russo collocou o scenario da maior parte dos seus contos. Por ali perto se haviam composto as *Memorias de um caçador*. Do governo de Túla ao governo de Tver a distancia não é grande, com effeito, visto como estes dois governos são limitrophes.

Por minha vontade, — tão grande era a impaciencia de chegar a Koltsóvo — teria partido sem perder um momento.

Não podia, porém, deixar assim S. Petersburgo. Embora a minha estada n'esta capital tivesse de ser, pela estreiteza do tempo de que dispunha, muito curta, uma vista d'olhos pelo menos á cathedral de Santo Isaac-o-Dalmata era de rigor, além de diversas visitas que não podia deixar de fazer, entre outras á Sociedade de Geographia, para onde tinha um encargo da commissão central do centenario da India, e ao nosso ministro em S. Petersburgo, o ex.mo sr. conselheiro Agostinho de Ornellas, que n'essa occasião se achava veraneando em Peterhof, e ao qual tinha que ir agradecer o delicado convite que recebera para um jantar na sua residencia.

No dia seguinte, domingo, havia festa na Cathedral. Era preciso, pois, aproveitar a opportunidade.

A's dez horas da manhã saí do hotel e preferindo fazer o caminho a pé, dirigi-me para o sitio onde me tinham dito que ficava a egreja, contando lá chegar sem maior incidente, apesar de apenas me poder ir orientando com o auxilio das repetidas informações, que a torto e a direito pedia a todos que encontrava. Ao cabo de algumas voltas e contravoltas lá fui dar, com effeito.

A cathedral de Santo Isaac, ou como ella se appellida com o seu nome russo completo: *Sobór Sviátavo Tchúdotvórnavo Isaakiia Dalmatinskavo*, o que quer dizer: *Cathedral do Santo e Milagreiro Isaac o Dalmata* é a mais vasta, a mais rica e a mais grandiosa egreja de S. Petersburgo.

A sua construcção apparece-nos quasi como uma lenda, tão prolongada no tempo e tão cortada de incidentes nol-a pintam. No local onde hoje a cathedral se levanta, começou Pedro-o Grande em 1710 a edificar uma egreja de madeira, que só foi acabada ainda assim em 1727. Em 1735, porém, foi ella incendiada por um raio. Catharina II quiz levantar outra em seu logar, mas deixou-a incompleta. Paulo I acabou-a em 1801. Em 1819 collocou Alexandre I a primeira pedra da cathedral actual. Continuou-a Nicolau I. Quem a concluiu, no entretanto, só foi Alexandre II em 1858.

E' inacreditavel o que n'esta construcção se dispendeu. As sommas ali gastas ascendem á fabulosa quantia de vinte e três milhões de rublos, ou pouco mais ou menos dezoito mil contos da nossa moeda! [1]

Tambem não é de admirar semelhante despeza, se se attender ás difficuldades da construcção e á riqueza da decoração interior.

Os alicerces, principalmente, foram um sorvedouro. Como o chão de S. Petersburgo, ganho ha pouco tempo ainda relativamente ás aguas da Nevá e do golpho da Finlandia, não apresentava a sufficiente consistencia para aguentar uma tal móle, foi necessario enterrar florestas inteiras, sob fórma de estacaria, para se alcançar uma tal ou qual estabilidade, e dizemos «tal ou qual» porque annos mais tarde, já depois de construida a egreja tornou-se preciso reforçar os antigos alicerces por meio de trabalhos dispendiosissimos, sobretudo para segurar o terreno do lado do rio.

O edificio é todo construido de marmore e granito. Tem a fórma de uma immensa Cruz grega e remata-o soberbo e alteroso zimborio. Em cada uma das quatro faces abre-se uma entrada, ao cimo da soberba escadaria feita de degráos de pedra inteiriços, que circumda a magestosa construcção. As duas entradas principaes formam riquissimos porticos, imitando o Pantheon de Roma, cada um d'elles com dezeseis enormes columnas monolithas de granito vermelho da Finlandia, de dezesete metros de altura e a espessura correspondente, com os pedestaes e os capiteis de bronze cinzelado. Estas columnas sustentam uns frontões, que nas duas faces principaes chegam a attingir trinta e seis metros de comprimento e cujos tympanos são decorados de baixos relevos tambem de bronze, representando diversas scenas da historia do Christianismo por Vitali, Klodt e Lemaire.

Accrescente-se ainda a esta magnificencia,

---

[1] Este calculo foi feito pelo cambio existente á epocha d'esta viagem.

para se ter uma idéa do extraordinario ocujuncto e calcular embora muito imperfeitamente a impressão de grandeza esmagadora, que em nós produz quando d'elle nos approximamos, o zimborio principal, que corôa o edificio inteiro, de perto de trinta metros de diametro, rodeado de vinte e quatro columnas de granito de nove metros de altura cada uma, encimado tudo isto por um lanternim, igualmente circumdado de outras vinte e quatro columnas e terminado por uma gigantesca cruz dourada, assim como dourado todo é o zimborio, que de longe quando em cheio lhe batem os ultimos raios avermelhados do sol poente se assemelha a uma pyra collossal, accendida lá em cima em homenagem ao deus, que habita o templo...

O interior é em tudo digno da grandiosidade do exterior. Descrevel-o mesmo em todos os seus pormenores, e sobretudo dar vida por uma descripção a todos os seus deslumbramentos, ser-me-hia absolutamente impossivel, não obstante a minuciosidade das notas da minha carteira e sem embargo da concentrada observação, com que durante a hora que ali estive procurei fixar na memoria o quadro, que diante de mim se patenteava.

Estava a começar o officio, quando entrei na Cathedral. Apesar, porém, d'esta circumstancia, de serem apenas dez horas da manhã e de estar caindo uma chuva miudinha, mas tão gelada, que parecia querer dar-nos em pleno verão um ante-gosto do inverno russo, já a egreja se achava apinhada de gente, e foi só a muito custo e distribuindo com profusão os mais implorativos *pajáluista* (expressão de cortezia empregada constantemente, e que equivale pouco mais ou menos ao *bitte* allemão e ao nosso *perdão* em portuguez,) que consegui obter um logar rasoavel donde podesse dominar toda a vasta amplidão, que diante de mim se estendia. Fiquei mesmo em frente do *iconostasio*, divisão que, como se sabe, separa nas egrejas gréco-russas o sanctuario, propriamente dito, da nave e onde estão collocadas as imagens ou *icónes*, provindo-lhe d'ahi o nome porque é conhecida.

S. Petersburgo — O monumento de Nicolau I e o palacio Maria

Pude então vêr pela primeira vez na sua indescriptivel pompa uma egreja orthodoxa, e a impressão recebida por este espectaculo para mim tão novo é d'aquellas, que jámais se me apagará da memoria por muito que viva. Primeiramente, a riqueza material das decorações e das alfayas é assombrosa. Por toda a parte ouro, marmore, velludo, pedras preciosas a scintillarem na meia penumbra em mil phantasticas reverberações. Logo á entrada deparam-se-nos as quatro portas colossaes de bronze, artisticamente ornadas de esculpturas por Vitali.

Dentro todas as paredes são forradas de esplendidos marmores, offerta do principe Demidov ao imperador Nicolau, além da quantidade de notabilissimos quadros da escola nacional, que as guarnecem. O *iconostasio* é de marmore dourado, e são de preciosos mosaicos algumas das grandes *icónes* n'elle engastadas. A porta principal do sanctuario considera-se uma das melhores obras de Vitali. Tambem de bronze, tem aos lados dez meias columnas, duas de lapis-lazuli e oito de malachite, com os pedestaes e os capiteis dourados. No sanctuario, onde como no recinto consagrado ao velho Zeus de Olympia é vedada a entrada ás mulheres, eleva-se um riquissimo altar de marmore branco e o tabernaculo ou sacrario, todo feito de prata maciça, representa em ponto pequeno a fabrica da cathedral inteira. Finalmente dominando todo este conjuncto de magnificencia e riqueza levanta-se a cupula principal, coberta de pinturas de Brullov e em cuja parte inferior uns anjos gigantescos de bronze dourado adejam, como divindades protectoras, sobre a multidão ajoelhada em baixo. Depois são os candelabros de prata, e de bronze cinzelado, os evangeliarios de ouro, os relicarios esmaltados, um Santo Sepulchro de prata dourada, e todos os demais objectos do culto, feitos de ouro artisticamente lavrado, reluzentes de pedrarias, a dar-nos a visão de uma opulencia desconhecida no nosso Occidente...

Se a sensação, porém, produzida pelo aspecto de toda esta sumptuosidade material, é grande, não póde ella ainda assim comparar-se á profunda e solemne impressão, que a magestade do acto religioso produz no nosso espirito. Essa é intraduzivel, não ha meio de dar uma idéa d'ella. Sente-se, mas não se reproduz; e pareceria verdadeiro sacrilegio querer mesquinhamente apoucal-a, isto é pretender descrevel-a com os limitados recursos da nossa pobre linguagem humana. Seria preciso a uncção mystica de um Haendel, de um Bach ou de um Palestrina, auxiliada na sua inspiração genial pela mais sublime de todas as artes, para fixar n'uma d'essas obras primas immoredouras, que são como que a revelação de outros mundos, as phases grandiosas e o tom extranhamente commovedor d'esta lithurgia sem igual...

Eu por mim posso dizel-o, ao recordar o que n'esse instante senti.

Quando o côro principiou a entoar a litania cadenciosa e rythmada de uma especie de *Tedeum laudamos*, a que pareciam responder repassadas de tristeza as notas dolentemente arrastadas dos tenores e dos baixos; quando de repente como uma explosão de dôr dilacerante echoou por todo o recinto da cathedral, proferido por mil vozes, o grito a um tempo formidavel e compungido: *hóspod! pomilui!... hóspod! pomilui! pomilui!... (Senhor! tende misericordia de nós!... Senhor! tende misericordia de nós!)*, confesso que, tomado de indizivel commoção, senti desejos de ajoelhar tambem, e que por momentos, sem dar conta de mim proprio, me quedei identificado com o espectaculo sublime, que no meu espirito, não sei bem se por idiosyncrasia ou atavismo, acordava extranhas sensações e suavissimas harmonias. .

E depois, ali tudo insensivelmente nos prepara para o effeito produzido.

A' decoração grandiosa do templo e á opulencia semi-asiatica do ritual vem juntar-se o grave recolhimento da massa dos fieis, onde todas as classes sociaes e todas as gerarchias se confundem na mesma homenagem de entranhada devoção á gloriosa egreja orthodoxa, sob cuja egide a Santa Russia conseguiu atravez dos seculos ganhar para si o primado do mundo.

Na nossa Europa do occidente, septica nas classes illustradas e eivada de fanatismo nas camadas populares, não se comprehenderia um espectaculo d'estes, dado o caso mesmo que entre nós elle se podesse produzir.

O serviço divino, com effeito, nas egrejas russas impressiona mais que as ceremonias do catholicismo romano.

E as razões d'este facto embora complexas, não são difficeis de explicar.

Umas dependem da propria natureza da celebração. Outras relacionam-se com o meio social e religioso, que na Russia é muito differente do meio occidental contemporaneo. As primeiras, que chamaremos intrinsecas, reduzem-se á maior «plasticidade», seja-nos relevada a expressão, do culto, byzantino por excellencia ainda hoje, quer dizer oriental, e por tanto fallando mais aos sentidos, á imaginação.

O papel preponderante, que o canto tem actualmente na egreja slava, é a melhor prova d'esta feição caracteristica.

As segundas, as razões extrinsecas, são as que derivam do meio.

⊛ ⊛ ⊛

Houve tempo, nos seculos piedosos da Edade-Media, quando o christianismo representava a suprema aspiração de todas as almas crentes e o maior esforço intellectual dos espiritos superiores; quando o papado era a primeira das instituições sociaes, e a cathedral symbolisava o refugio mais certo e mais consoladôr para todas as grandes dôres humanas, — em que tambem os templos catholicos elevavam as multidões, nos anceios e no extasis da fé, até essas regiões supremas onde os homens se transfiguram pela contemplação do que elles julgam ser a verdade divina.

Esse tempo, porém, passou para não mais voltar. Batida por mil revoluções, enfraquecida por mil discordias intestinas, dividida por scismas, desacreditada por heresias, arruinada em grande parte pelo ariete persistente e poderoso do racionalismo philosophico, a Egreja catholica deixou de ser a tutora dos povos occidentaes, e perdeu entre nós essa unanimidade de adhesão que lhe valeu a missão superior e unica, que durante alguns seculos desempenhou com brilho tão singular. E' um mal? E' um bem? Não o sabemos, ou antes não o queremos n'este momento inquirir. Basta accentuar que é um facto consummado, contra o qual nem as mais legitimas saudades do passado podem prevalecer. A alma russa, porém, na singeleza virginal da sua infancia, cheia de audaciosos sonhos e presentimentos, é certo, mas perfumada ainda por todas as crenças, que de ha muito o resto da Europa perdeu na prosaica aridez do labutar hodierno, não chegou por ora a este estado de mentalidade, em que as poeticas illusões da primeira quadra da vida se trocam pela duvida e pelas demonstrações tão desconsoladoras por vezes do scepticismo da edade provecta.

S. Petersburgo — O monumento de Pedro o Grande

Na Russia, entre as massas populares, a fé

continua a existir vivida e fervorosa. Tive d'isso bastantes provas nas cidades e nas aldeias, que visitei. E caso singular, que mais de uma vez me surprehendeu, tive ensejo de certificar-me que ao contrario de certas lendas que no Occidente correm, ha ali talvez entre o povo, mais religiosidade (¹) propriamente dita que fanatismo. O sentimento que predomina, é o de vago reconhecimento do poder incontestavel de um Deus, a que resignadamente, sem queixas, sem lamentações, sem revoltas inuteis, o homem tem que submetter-se. E' um reflexo esbatido do fatalismo oriental, attenuado, porém, pelo poder redemptor da oração e da prece. Por isso nada mais solemne entre os slavos orthodoxos do que esses cantos religiosos, que simultaneamente nos commovem e nos arrebatam.

....

Quando retomei novamente posse de mim, arrancando-me á irresistivel fascinação de quanto me rodeava, era tempo de partir porque a hora estava muito adiantada. O côro continuava a soluçar a sua sentida melopeia, cortada apenas de vez em quando pela invoção: *hóspod! pomílui! hóspod! pomílui, pomílui!...* que, a amortecer-se pouco a pouco, por ultimo apenas um fraco gemido a perder-se na distancia, eu fui ouvindo até aos ultimos lanços da escadaria exterior da Egreja.

Cá fóra, a chuva miudinha e fria continuava teimosamente a cair, obrigando-me a procurar um *izvóchtchik* para voltar ao hotel.

....

Ainda visitei mais duas egrejas em S. Petersburgo, — a de S. Vladimiro *(Tserkov Vladimirskoi Bójièi Máteri)* e a cathedral de S. Pedro e S. Paulo *(Petropavlóvskii sobor)*, que não deve confundir-se com a egreja lutherana de S. Pedro e S. Paulo *(Tserkov Liuteranskaia Petra i Pavla)* situada junto á *Bolchaia Koniuchennaia (rua grande das cavallariças)*.

A egreja de S. Vladimiro nada tem de notavel, a não ser os seus cinco zimborios dourados. A cathedral de S. Pedro e S. Paulo, porém, sem lograr excitar a minha admiração, depois do que eu vira na cathedral de S. Isaac, é ainda assim importante, sobretudo pelas tradições que lhe andam ligadas, e pelo fim principal a que se destina. Construida na cidadella, *(Petropavloskaia kriepost)*, que fica do outro lado da Nevá, exactamente em frente do Palacio d'Inverno, no sitio onde o rio é mais largo, serve hoje em dia de Pantheon da familia real, e ali se encontra a crypta dos Imperadores da Russia da casa dos Romanov.

Pódem, com effeito, vêr-se dos dois lados da nave, alinhados e mudos os sarcophagos de marmore branco, — tendo por unico distinctivo uma simples cruz — de todos os tsares, desde Pedro-o-Grande e Catharina II até ao ultimo monarcha fallecido.

Apesar no entanto da riqueza d'esta cathedral, e da de muitas outras que ainda se encontram na capital, como a de Kazan, a da Trindade, a do Salvador, a de Ismailov, a de Spasso-Preobajensky, póde dizer-se que S. Petersburgo não se torna notavel nem pelo numero nem pela qualidade das suas egrejas. Nem tem mais do que qualquer outra das grandes capitaes da Europa, relativamente, nem as tem mais ricas, a não ser a de Santo Isaac. Para n'este genero encontrar a nota original é preciso visitar Moscou. Só indo lá se póde saber o que as egrejas são no imperio moscovita, o seu numero, a sua apparencia, e a riqueza que as caracterisa. Mas a visita que eu projectava á capital sagrada da Russia, ainda devia tardar algum tempo, e por isso tenha paciencia o leitor de esperar um pouco, se por ventura o cansaço d'esta descripção não o fizer desistir de ir na minha companhia.

Como compensação, porém, no caso de me acceitar por guia, affianço-lhe desde já que não perderá com a demora, sobretudo se me quizer acompanhar, em espirito, já se vê, na minha excursão ás aldeias do interior do governo de Tver, excursão que eu considero como o *clou* de toda a minha viagem.

As ultimas vinte e quatro horas da nossa estada em S. Petersburgo reservei-as para a Sociedade Imperial de Geographia, — e á noite para o theatro.

A Sociedade de Geographia está installada no edificio do Ministerio da Instrucção Publica, proximo da praça Tchernichev e da Fontanka, onde tambem se encontra o ministerio do Interior. As suas collecções e a bibliotheca, que com toda a minucia visitei, estão provisoriamente arrumadas n'umas salas de emprestimo, diga-se a verdade, mais do que modestas para hospedar a illustre e afamada associação, que n'este mesmo momento acaba de publicar em tres formosos volumes o balanço dos seus trabalhos de meio seculo (1845-1895). Na ausencia do presidente, que se encontrava veraneando em Nijni-Novgorod, e do secretario perpetuo o sr. Semenov, n'essa occasião occupado na Nova Zembla em interessantes observações astronomicas, fui recebido pelo sr. Eugenio Osipovitch Romanovsky, o qual com uma captivante amabilidade tomou conta do con-

(¹) E' preciso notar que a parte da Russia que visitei é a mais civilisada, e que seria absurdo querer generalisar a toda ella o que póde apenas ser verdadeiro n'uma região de mais a mais tratando-se de paiz tão vasto e heterogeneo.

vite que officialmente lhe transmitti em nome da commissão executiva do centenario da India, para que a Sociedade Imperial Russa de Geographia, se fizesse representar na nossa celebração promettendo-me elle desde logo toda a sua influencia e a dos seus collegas, para que a participação da Sociedade fosse a mais adequada á commemoração da grande data, de que se tratava.

A impressão d'esta visita foi duplamente grata ao meu coração de portuguez. Em primeiro logar pude observar como as nossas velhas glorias maritimas e tudo quanto com ellas se relaciona teem o condão de interessar, mesmo os paizes que pela sua historia e pela esphera da sua acção menos influenciados foram pelos descobrimentos, reflectindo-se esse interesse ainda hoje na Instituição, que lá para fóra symbolisa, a tradição do Portugal navegador e aventureiro — a nossa Sociedade de Geographia. Em segundo logar pude convencer-me, ao percorrer as salas da Sociedade russa,—a qual é aliás uma das primeiras do mundo,—e ao comparal-as com as da nossa Sociedade de Geographia, de que o confronto nada tinha que nos fosse desfavoravel. Pelo contrario. E foi talvez por notar o imperceptivel signal de desapontamento, a que máo grado meu não pude eximir-me, que o sr. Romanovsky se apressou a declarar-me que era muito provisoria a installação da sua sociedade, apesar de que, accrescentou sorrindo o meu interlocutor, não é sempre facil prevêr quando termina o provisorio na Russia. N'este ponto tal e qual como cá.

Conforme destinára, a ultima noite em S. Petersburgo queria passal-a no theatro. Embora as principaes casas de espectaculo estivessem fechadas n'esta epocha, funccionavam ainda assim duas ou tres. Foi a uma d'estas que resolvi ir. Percorrendo os differentes jornaes do dia para me orientar sobre o genero que devia escolher, decidi-me pelo theatro Alexandrova «Akvarium» onde n'essa noite subia á scena, precedida por enorme reclame, a peça de grande apparato intitulada *Printsessa Greza* (La princesse lointaine)...

Infelizmente não era um original, como eu haveria preferido. Traducção do conhecido drama francez de Rostand, apenas lhe encontrava o merito de ter sido posta em verso russo por Fedorof. Sob esse ponto de vista a traducção possuia a sua originalidade. De resto o valor intriseco da producção podia considerar-se bastante mediocre. As situações dramaticas não faltam, é certo. Talvez abundem mesmo. Mas francamente ir a S. Petersburgo ouvir requebros de dengosas Melissandas, e amorosas endechas de piegas Bertrans; vêr a sr.ª Nekrasova-Koltchinskaia transformada em condessa de Tripoli e o actor Antcharov-Elston disfarçado em trovador provençal, não constituia o meu ideal do theatro moscovita e sobretudo não era compensação bastante para o incommodo certo de arrostar com a noite chuvosa a que tivera de expôr-me com a perspectiva mais do que provavel de apanhar uma bronchite ou pelo menos uma rasoavel constipação. Verdade seja que, o que principalmente me decidira a assistir á representação, fôra o ter visto no cartaz o nome de Davydov, justamente afamado como um dos mais gloriosos da scena russa. Devia entrar este artista na pequena composição «*Otoidi*» (vai-te); mas infelizmente, por passar já da uma hora da madrugada e por eu ter de retirar-me, forçado pelos preparativos da viagem do dia seguinte, não o pude ouvir.

De resto a impressão, que me deixou o theatro russo, pelo que d'elle já um pouco conhecia e pelo que pude apreciar em S. Petersburgo e depois em Moscou, foi bem mais favoravel aos actores do que aos auctores. Os primeiros pareceram-me cheios de talento, inteiramente meridionaes pelo colorido da phrase e pelo calor da dicção, magnificos no genero comico, d'uma aptidão singular para o genero lyrico, e elevando-se no genero dramatico, propriamente dito, a um alto gráo de tensão pathetica.

O mesmo não posso dizer dos auctores. O theatro nacional na Russia atravessa actualmente um periodo de accentuada decadencia. Nada ali existe que possa, nem de longe, comparar-se á pujança d'um Ibsen e d'um Björnson, de um Suderman ou d'um Gerhard Hauptmann. A scena, que produziu creações de primeira grandeza, como a *Desgraça de ter espirito* de Griboiedov, o *Revisor* de Gogol, a *Tempestade* de Ostrowsky, e *A morte de Jvan o terrivel* do conde Alexis Tolstoï, arrasta hoje vida ingloria e obscura, alimentando-se quasi exclusivamente de traducções.

A menos que sobrevenha um renascimento, que por ora symptoma algum faz prever, [1] a arte dramatica na Russia está condemnada a viver dos emprestimos que lhe faz o theatro do Occidente, principalmente o francez. N'este ponto os slavos estão evidentemente inferiores aos latinos e sobretudo aos germanos, representados na transformação do theatro contemporaneo pela Noruega e pela Allemanha ou antes, para sermos mais exactos, pela ala esquerda da moderna litteratura allemã — pelos novos berlinezes.

Será este definhamento da arte dramatica

[1] Foi isto escripto antes das ultimas producções de Gorki e Tchekhov.

na Russia apenas temporario, ou pelo contrario terá definitivamente abdicado entre os russos o genero scenico na novella, que parece ser a fórma litteraria predilecta dos moscovitas? Não é facil no momento actual prevel-o. Elementos para o theatro existem de sobejo na sociedade russa, quer do passado quer contemporanea.

Surgirá, porém, e em breve, n'essa sociedade o espirito superior, que os ha-de reunir n'uma grande synthese dramatica, e não serão elles aproveitados de preferencia para a feitura de novas obras primas no romance, como as espera e já hoje as annuncia a litteratura, depois que a morte quebrou a penna aos grandes mestres fallecidos — Gógol, Dostoiévsky, Turguénev? É este um ponto de interrogação, a que só o futuro poderá cabalmente responder.

Mas não é só no theatro que a Russia pede ás nações do Occidente um auxilio, que por vezes lhe desnacionalisa a physionomia slava. O mesmo acontece ainda infelizmente em outras manifestações da actividade d'esta immensa nação.

Uma das cousas, que mais me surprehendeu em S. Petersburgo, foi o predominio dos allemães. Encontram-se por toda a parte, no commercio, na industria, nas ruas, nas officinas, nas redacções. Misturam-se com a população indigena, envolvendo-a n'uma rede de mil malhas, embora elles constituam uma colonia á parte, com a sua individualidade ethnica distincta e até com um dialecto especial — o chamado allemão da capital. E esta preponderancia dos germanos percebe-se logo á primeira vista. Nas classes mais elevadas assim como nas camadas mais baixas manifesta-se por variadas fórmas. Nos circulos officiaes só muito modernamente começou o elemento allemão a decair e a perder o prestigio, sendo substituido pelo elemento puramente russo. Deve-se esta transformação á politica slavophila do fallecido tsar Alexandre III, que pouco a pouco foi russificando a sua côrte e o estado.

Mas na burguesia, no pequeno commercio e na industria, ainda os allemães dominam pela actividade que os caracterisa, e que quasi chegou a converter a Russia n'uma verdadeira colonia de exploração para elles. Assim, recordo-me do meu desapontamento, quando ao percorrer as differentes installações do *Gostínny Dvor*, o grande bazar de S. Petersburgo, eu procurava, para trazer como *petits cadeaux*, alguns objectos caracteristicos da industria nacional. Noventa por cento das bijuterias e das producções de luxo, que nas *vitrines* via em exposição, eram artigos de Berlin, dispostos como se estivesesm nas montras da Unter den Linden ou da Frederiechsstrasse.

Fazendo mais tarde notar esta circumstancia a alguns russos, e não podendo conter o meu espanto diante de semelhante invasão da industria exotica n'um paiz, que tão accentuadas aptidões industriaes possue, respondia-me tristemente um grande negociante de Moscou, que entre elles se achava: *Russki lenivy*. Os russos são preguiçosos. Possuindo a terra mais rica do mundo deixam-se explorar pelos extrangeiros. *My lenivy... otchen lenivy! gospodin!* Somos preguiçosos, muito preguiçosos, senhor!

O que vale é que o governo moscovita, inspirando-se nos grandes interesses do Imperio, procura por todos os modos obviar ás consequencias d'este imperdoavel desleixo, já favorecendo com medidas especiaes o elemento nacional e procurando robustecel-o na luta de competencia com o extrangeiro, já impedindo por meio de prohibições legaes, que este mesmo extrangeiro se assenhoreie do solo, comprando-o por qualquer contracto.

CAPITULO VI

A CAPITAL (continuação)

A arte russa. — Os museus de S. Petersburgo. — O museu imperial do Ermitage. — A litteratura e a vida nacional. — A litteratura russa e a evolução da sociedade moscovita. — A Guerra da Crimêa e a sua influencia na formação da nova escola litteraria. — O romance russo. — A litteratura scientifica.

Deixar S. Petersburgo sem nada dizer dos seus museus e da vida artistica de que a capital da Russia é o centro, seria falta imperdoavel mesmo para o mais superficial viajante. Não tem decerto esta cidade os thesouros artisticos de Florença, de Londres ou de Munich. Um dos seus museus no entretanto, o do «Ermitage» *Imperatorskü Ermitaje* goza de fama universal e merecida pelas preciosidades de toda a ordem, que encerra. Foi Catharina II quem mandou construir não longe da sua residencia o primitivo edificio, que devia ser o ponto de partida do sumptuoso palacio, que é hoje orgulho de S. Petersburgo. Chamou-se ao principio «pequeno palacio de Inverno» e depois «Ermitage» ou melhor «pequeno Ermitage» logo que com o decorrer do tempo e por motivo da acquisição de novas collecções se reconheceu ser insufficiente a primeira installação e se edificou o «Grande Ermitage». Foi sómente, porém, nos meiados, do seculo passado que o tzar Nicolau I ordenou a reconstrucção completa do Ermitage. Este novo e soberbo palacio, que é o actual museu, distingue-se exteriormente pelo puro estylo grego da sua architectura, e interiormente pela riqueza e sobretudo pelo bom gosto, que presidiu á installação das suas collecções.

Dentro do vastissimo edificio, que centralisa o que melhor em arte na Russia se encontra, existe um verdadeiro mundo. Ha ali representação de todas as manifestações estheticas tanto nacionaes, como extrangeiras, tanto antigas como modernas, e não apenas de uma determinada arte em particular, mas da arte em geral no conjuncto das suas variadas manifestações.

Assim, ao lado das antiguidades egypcias e assyricas, constituidas principalmente pelas magnificas collecções do conde Castiglione e de Khalil-Bey, ha as antiguidades scyticas e sibiriannas, desenterradas dos tumulos dos velhos reis scythas, encontrados no governo de Iekaterinoslav. Entre as esculpturas gregas e romanas, que só por si occupam sete salas, e cuja collecção iniciada por Pedro o Grande com a compra da *Venus Taurica* se tem successivamente enriquecido com as collecções Chuvalov, Lyde Brown, Demidov e Galitzin, figuram os thesouros da celebre «sala de Kertch» constituidos pelas obras d'arte e pelas antiguidades do Bosphoro Cimmério. No dizer unanime de todos os entendidos não sómente esta secção pelo seu valor artistico é das primeiras do Ermitage, senão que não tem rival em museu algum do mundo.

Conforme é sabido Kertch, que deu o nome á collecção inteira, fica situada na Crimêa, e os objectos que as excavações puzeram a descoberto, pertencem todos ao melhor periodo da arte grega, especialmente attica. Além do producto das excavações de Kertch ha ainda n'esta sala numerosos objectos provenientes das antigas cidades do

HELENA FOURMENT—*Quadro de Rubens*

Chersoneso e de Tanaïs: diademas, collares, braceletes, corôas, sinetes, anneis, espelhos, jarras, estatuetas, placas, brincos, taças, amphoras, capacetes, moedas e mil outras preciosidades archeologicas de ouro, prata, bronze, marfim, agatha, onyx e mais substancias de valor. E com esta simples e secca enumeração de catalogo, que outra cousa não consente a riqueza exuberante da parte do museu que estamos agora visitando, temos que passar desde já a outra secção menos importante de certo do que a que deixamos, se bem que bastante interessante e curiosa pela epocha a que se refere.

Queremos fallar da «collecção Basilevsky» composta inteiramente de objectos relativos á Edade-Media e á Renascença [1]. No vestibulo e nas diversas salas de que se compõe esta divisão, e sem excluir mesmo os corredores, porque apesar da vastidão o espaço não sobra no Ermitage, amontoam-se armaduras allemãs e velhos canhões polacos; faianças italianas de Gubbio, Fabriano, Urbino, Castel-Durante e triptycos byzantinos, *ikones* russas, diptycos do IV seculo da nossa era; estofos do Levante e tapeçarias do occidente; um punhal de Benevenuto Cellini e o sabre de Mazeppa; macios tapetes do Oriente e opulentos paramentos religiosos.

Ao lado de uma rica armadura dourada do duque d'Alba vê-se a corôa e o cinturão de um emir de Bukhara. Taças de ouro e prata dos antigos reis da Russia e da Polonia, fazem *pendant* a uma collecção de velhas espingardas pertencentes a Catharina II e Alexandre I. Os esmaltes, as miniaturas, os mosaicos, os relicarios, as imagens de santos, não teem conto e em tal profusão nos perpassam pelos olhos, que acabamos por não poder já distinguil-as no interior das *vitrines*.

Ao interesse verdadeiramente europeu d'esta collecção, que de tudo contem, e onde estão representadas por numerosos exemplares todos os periodos da arte medieval, sagrada e profana do nosso occidente, vem juntar-se ainda um interesse em especial russo, pela serie de objectos encontrados em Smolensk, Kajan, Perm, Saratov, Tchernigov, Terekhov e que se compõem de adornos e joias de ouro e de prata, de collares de perolas e pedrarias, de espadas de copos cinzelados, de taças de inestimavel valor archeologico e até de um tropheu d'armas do historico campo de batalha de Kulikovo.

Estará n'esta enumeração, apesar de rapida e incompleta, ainda assim sufficiente para se advinharem as riquezas do Ermitage, esgotada a lista do que n'este museu se encontra digno de menção? De modo nenhum.

Cumpre-nos prevenir o leitor de que até agora não passámos das salas do rez-do-chão, que constituem a collecção archeologica propriamente dita. E' no primeiro andar, onde se encontra installada a famosa galeria de pintura, uma das mais bellas do mundo inteiro, que se accumulam os thesouros artisticos, os quaes dão ao Ermitage a alta cotação que mantem nos grandes centros civilizados. E' sabido que esta galeria foi fundada por Pedro o Grande, cuja assombrosa iniciativa se nos depara por toda a parte na Russia, quer se trate de politica e de administração, quer de sciencias, lettras e até da arte a cuja fascinação parece devia ter sido inaccessivel o severo espirito do terrivel reformador.

Pois não obstante as graves preoccupações da sua herculea tarefa teve Pedro o Grande meio de encontrar o tempo necessario, não só para delinear o plano geral da collecção, mas ainda de a enriquecer elle proprio com as acquisições, que durante as suas viagens fez pessoalmente nos diversos paizes, que visitou. Simplesmente assombroso!

Quem, porém, mais contribuiu para enriquecer o Ermitage foi Catharina II, n'este ponto como em tantos outros, digna continuadora da obra do seu grande predecessor. Comprou a celebre collecção Gotzkowski que além de outros auctores continha alguns Rembrandts, van Ostade, van Dyck e Rubens. A este primeiro nucleo vieram d'ahi a pouco juntar-se as galerias do conde Brühl, do marquez de Crozat, de Robert Walpole, justamente afamada pela serie de van Dycks, que a compõem, e muitas outras ainda. Viu-se então, — suggestivo espectaculo para aquella epocha! — os embaixadores da Russia acreditados nas differentes côrtes occupados em escolherem, comprarem e catalogarem por ordem da sua soberana o melhor que encontravam nas galerias particulares e nos simples *ateliers* dos pintores de mais nomeada em toda a Europa. Com mais gosto, mais sentimento esthetico e sobretudo mais profunda intuição civilizadora estava Catharina II em pleno seculo XVIII precedendo os actuaes bilionarios americanos, os Vanderbilt, os Pierpont Morgan e *tutti quanti*, no saque que estão actualmente fazendo ás preciosidades artisticas do velho mundo para satisfação das suas vaidades de *parvenus*. O certo é que o impulso dado por Pedro o Grande e Catharina continuou a animar o zelo dos seus successores, que pouco a pouco foram completando as collecções começadas. Assim, Paulo I comprou o *Tigre*, um dos mais bellos quadros

[1] *Galeria srednikh viekov i vremion vozrojdeniia* (Galleria da Edade Media e dos tempos do renascimento) é o titulo official d'esta secção.

de Rubens, alem de diversos Vernets. Alexandre I comprou á imperatriz Josephina algumas das melhores telas da Malmaison, italianas, flamengas e hollandezas sobretudo. Nicolao I adquiriu as collecções do conde Miloradovitch, da rainha Hortense, de Manoel Godoï, e ainda outras entre cujos quadros se encontra a celebre Madona *d'Alba* de Raphael. Depois fez-se acquisição da galeria Barbarigo, de parte da galeria do rei dos Paizes Baixos, e da opulenta galeria Galitzin que deu ao Ermitage, alem de outros quadros mais ou menos valiosos, uma *Annunciação* de Cima da Conegliano e um triptyco de Raphael. Pouco tempo antes e com outras preciosidades tinha o museu comprado a *Madonna Litta* de Leonardo de Vinci e a *Madonna Conestabile* de Raphael.

E tudo isto a peso de ouro, sem olhar a preço nem a despesas . .

Deve convir-se que para um paiz, que tantos no Occidente ainda alcunham de «barbaro», tão pesado tributo pago á arte adquire um especial relevo.

Por isso não admira que, engrandecido successivamente por estas contribuições, o museu de pintura do Ermitage seja hoje em dia um dos mais notaveis da Europa. E' uma collecção de collecções escolhidas com talento e gosto para não fallar da liberalidade com que foram pagas. Todas as escolas estão ali representadas — italiana, espanhola, allemã, hollandeza, flamenga, franceza e russa — e representadas pelos melhores mestres. Seria de todo o ponto impossivel dar aos leitores portuguezes, que vivem n'um meio artistico tão pobre como o nosso, uma idéa sequer approximada de todas as maravilhas que nas vinte e tantas salas e innumeros gabinetes attraem a attenção do visitante.

A «escola italiana», uma das melhor representadas, mostra a *Adoração dos magos* de Botticelli; a *Madonna d'Alba*, a *Madonna Conestabile*, a *Santa Familia* de Raphael; a *Madonna Litta* de Leonardo de Vinci; a *Santa familia* de Andrea del Sarto; a *Santa Magdalena* do Tiziano; a *Descida da Cruz* de Paulo Veronese; a *Natividade de Jesus Christo* do Tintoreto; a *Descida da Cruz* de Sebastião del Piombo; a *Magdalena* de Dominiquino; o *Apollo e Marsyas* de Correggio; a *Santa Familia* de Ghirlandajo; a *Annunciação* de Cima da Conegliano; e dezenas mais de quadros de primeira grandeza, que são outros tantos capitulos da historia da arte na Italia, não fallando já das innumeras telas de pintores de segunda ordem que formam como que o fundo á obra dos grandes mestres.

Tolstoj

Depois da escola italiana, a mais rica e de mais numerosa representação é a «escola hollandeza», incluindo sob esta denominação não só a hollandeza propriamente dita, mas tambem a flamenga. Esta secção é indubitavelmente pela qualidade a primeira do Ermitage, e nenhum outro museu póde apresentar no genero collecção, que rivalise com a russa. Os grandes mestres estão todos representados por algumas das suas telas mais afamadas; e nenhum historiador da arte ou critico, que queira estudar a evolução da pintura nos Paizes-Baixos póde deixar de ir ao Ermitage surprehender em flagrante delicto da sua exuberante producção esta escola tão original. Rembrandt sobretudo e Rubens teem, como é natural, a parte do leão. Pertencem ao primeiro entre outros: *Abrahão á mesa com os anjos*, a *Santa familia*, a *Descida da Cruz*, *Pedro renegando o Christo*, *Danaë;* do segundo pódem admirar-se, alem dos esquissos, que teem uma sala especial, o *Rapto das Sabinas*, *Perseu libertando Andromeda*, *S. Pedro*, *Adoração dos Pastores*, *Jesus em caza de Simão*.

Mas alem dos dois grandes mestres tem a escola hollandeza outros representantes no Ermitage.

Assim Lucas de Leyde figura com a grande téla *Jesus e o Cego de Jerichó;* van Eyck com a *Annunciação;* Mostaert com o *Casamento*

de Santa Catharina; van Orley com a *Descida da Cruz;* Quinten Massys com a *Virgem Triumphante;* etc., etc., porque seria impossivel continuar n'esta enumeração, embora tenhamos de passar em silencio obras como as dos dois Holbeins, van Valkenborch, Goltzius e outros pintores não menos afamados.

A escola espanhola está representada por alguns quadros magnificos entre os quaes destacaremos os seguintes: de Murillo a *Assumpção*, a *Immaculada Conceição*, a *Adoração dos Pastores*, a *Familia Sagrada;* de Velazquez *Innocencio X*, *Philippe IV* e o *Duque d'Olivares*, esplendidos retratos, dos melhores que o celebre pintor nos deixou; de Ribera o *Martyrio de S. Sebastião;* de Zurbaran *S. Lourenço.*

A escola allemã, que é uma das peor representadas, mostra assim mesmo algumas telas de valor de Dietrich, Roos, Kaufmann, Lingelbach e outros.

Segue-se a esta secção uma galeria especialmente destinada ainda aos pintores hollandezes de segunda ordem e que completa a grande secção hollandeza-flamenga a que já nos referimos. N'esta galeria encontram-se quadros de van Ostade, Mirevelt, van der Helst, van Ruisdal, van de Velde, Ochtenvelt, Deik van Delen, van Loo, e muitos mais, que adornam as paredes de nada menos do que cinco gabinetes.

A escóla franceza, se não é das que tem mais numerosa representação, ostenta algumas télas de grande valor, como por exemplo: a *Morte do Paralytico* de Greuze, a *Lavadeira* de Chardin, o *Concerto* de Lancret, o *Satyro e a Nympha*, e o *Triumpho de Amphitrite* de Poussin, as *Quatro Horas do Dia* e *Apollo e Marsyas* de Claudio Lorrain.

Para nós, porém, a mais interessante secção do museu de pintura é a constituida pela escóla russa, onde se vêem algumas das melhores creações da moderna arte moscovita. Apesar de relativamente recente, pois não vae alem do seculo XIX, esta escóla tem sabido conquistar um logar de honra entre todas as congeneres, pela perfeição impeccavel das suas composições e sobretudo, e é esta a maior originalidade d'ella, pelo caracter absolutamente nacional das suas obras. Entre os milhares de quadros que tem produzido, desde os de Brulov — o fundador da escóla até aos de Repin, de Siemiradz e Verechaguine — os mais illustres representantes da pintura contemporanea na Russia — raros são aquelles que não tenham por assumpto um facto ou um aspecto da vida nacional. Os artistas russos não vão como os artistas das outras nações buscar inspiração extranha para as suas télas. O sólo da patria e a historia da Santa Russia foram para elles a suggestão unica, que lhes fecundou o poder creador. Torna-se por isso muito mais raro encontrar n'esta escóla motivos que não sejam genuinamente russos. Mesmo quando parece ser cosmopolita é no fundo nacional, como nas composições sobre a guerra de Verechaguin, as quaes muito embora tenham uma significação universal, são no entretanto inspiradas por episodios da guerra turco-russa de 1877 e como taes conservam um cunho completamente moscovita.

E não só os modernos pintores russos são sempre artistas nacionaes senão que tambem quasi sempre põem a sua arte ao serviço de uma idéa. Do mesmo modo que na litteratura, o slavo não acceita na pintura o lemma do decadentismo — a arte pela arte.

Os seus quadros são livros escriptos ás vezes com uma eloquencia bem pungente, assim como os seus romances são télas onde a vida palpita e a realidade se nos patenteia não raro nas côres mais sombrias...

Os *Burlaki da Volgá* de Repin valem bem pela intenção suggestiva os mais amargos capitulos da obra de Gorki. O *Abandonado* ou a *Guerra* de Verechaguin reproduzem tão exacta a visão dos horrores d'essas batalhas impias, em que os homens se assassinam quaes feras, como a mais indignada das paginas de Tolstoï.

Esta superioridade da pintura moscovita deve-a ella á circumstancia de ser a mais moderna das suas rivaes. Assim como em litteratura os russos, ultimos chegados ao banquete da civilização, debutaram desde logo por onde os outros povos sómente chegaram ao cabo de longuissimos esforços, evitando por consequencia a falsa orientação de uma aprendizagem de seculos, assim tambem na pintura elles poderam começar pelo realismo, sem se perderem nas estereis e incaracteristicas divagações do convencionalismo academico, que tão implacavelmente afogam a espontaneidade das outras escólas. Na litteratura, só verdadeiramente digna d'este nome no seculo XIX, quasi nada soffreram da influencia do classicismo, entrando quasi de um salto com Gogol e com Puskin no romance naturalista, e produzindo obras primas da mais rigorosa observação, muito antes que com Zola a Europa occidental se tivesse podido libertar das tradições litterarias do passado.

O mesmo lhes aconteceu na arte, com excepção da architectura. Até ao seculo XIX quasi que não houve uma escóla russa de pintura. Os boyardos de Moscou e Novgorod se queriam quadros vinham compral-os á Europa ou encommendavam-n'os a pintores italianos e flamengos.

O proprio Pedro o Grande viu-se obrigado a assim proceder para fundar o museu do Ermitage.

Algum pintor nacional que por esta epocha existia limitava-se a copiar ou a imitar servilmente os grandes mestres estrangeiros.

A verdadeira escóla russa, embora inspirada na escóla franceza, em Delaroche sobretudo, sómente começa com Brulov na primeira metade do seculo passado.

Por este motivo escapou á influencia avassaladora da Renascença, e á imposição do classicismo antigo a que na Europa occidental nenhum artista poude fugir. É a razão porque a escóla russa nos apresenta tão poucos quadros de motivos mythologicos ou de assumptos academicos. Perdeu talvez em correcção e em limpidez de estylo não ha duvida. Sob este ponto de vista a arte classica é modelo insubstituivel. Mas ganhou em calor, em vida, em realismo. Estes tres predicados são, com effeito, os que distinguem a obra já hoje importantissima da brilhante pleiade dos modernos pintores russos. Na vasta complexidade d'elles não ha um unico quadro que não seja sentido, que não palpite com vida intensa.

DOSTOIEWSKY.

Nem vestigios d'esse convencionalismo frio e pautado que na Italia tantos primores, infelizmente pallidos, de fina execução produziu. Não são da Russia os Leonardo de Vinci, mas sim os Caravaggio . .

Mencionaremos apenas de memoria e sem pretenção a enumeração completa alguns dos principaes quadros d'esta secção, existentes na galeria do Ermitage.

De Brulov a sua obra capital: *O ultimo dia de Pompéi;* de Alexéiev, a *Vista de Moscou;* de Venezianov, *Um camponez russo;* de Ivanov, *Marfa Possadnitsa* [1]; de Sazonov, *Dmitry-Donskoi em Kulikovo* [1]; de Stchedrin, *Uma paisagem;* de Aivazovsky, *O Mar Negro;* de Lossenko, *A Pesca Milagrosa;* de Ugriumov, *A tomada de Kazan;* etc. etc.

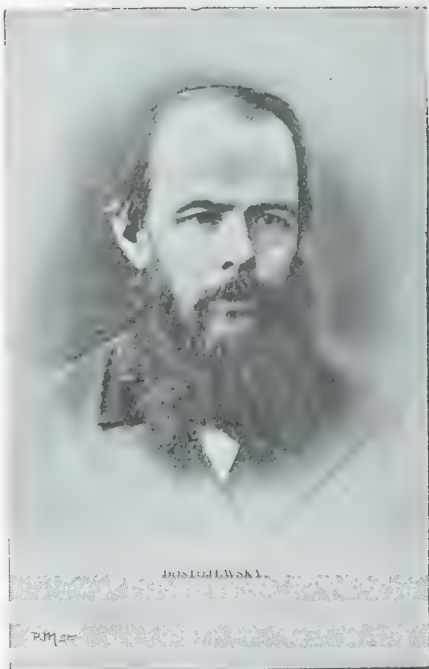
Alem d'este Ermitage, a que pertencem as obras de arte a que nos temos estado referindo, ha ainda dois outros Ermitage, — o «pequeno» ou o velho, e o «grande» ou o novo Ermitage de Catharina II. Qualquer d'elles encerra numerosas preciosidades artisticas, tanto em pintura como em antiguidades, sobretudo o primeiro.

Não nos referiremos a elles mais circumstanciadamente para não fatigar o leitor, sendo nosso proposito além d'isso, não dar uma descripção completa dos thesouros artisticos de S. Petersburgo, para o que nos faltaria competencia e auctoridade, mas apenas reproduzir a nossa impressão pessoal, fragmentaria e incompleta pela rapidez da visita, mesmo que não enfermasse de outras debilidades.

❀ ❀ ❀

É a litteratura, conforme repetidas vezes se tem affirmado, o producto que melhor caracterisa a civilização de um povo. Podemos ter, com effeito, de uma nação a maior somma de dados necessarios para lhe reconstituir a intensidade da vida historica ou avaliar-lhe as tendencias, que em germen n'ella se manifestam.

Se entre esses dados faltar o que se refere ao movimento litterario, espelho onde fielmente se reflectem as diversas phases e os differentes cambiantes do progresso intellectual, o verdadeiro espirito d'esse povo escapar-nos-ha sempre como incomprehensivel mysterio.

Pelo contrario, o conhecimento da evolução litteraria realisada no seio de uma nacio-

[1] Marfa Possadnitsa ou antes Martha Boretska é a heroina da republica de Novgorod, que lutou contra o tsar Ivan III, sendo afinal vencida e morrendo na prisão.

[1] Kulikovo é o celebre campo de batalha onde o Grão-duque Dmitrio Ivanovitch Donskoi desbaratou no anno de 1380 os mongóes capitaneados por Mamai.

nalidade qualquer, ainda mesmo quando desacompanhado da analyse dos demais elementos, que com essa evolução coexistem, é uma preciosa acquisição, que por si só nos permitte suspeitar bastantes factos, advinhar bastantes enigmas, desvendar bastantes segredos, apenas denunciados pelo rasto ás vezes imperceptivel, mas sempre de capital importancia mesmo attenuado, que deixam no campo das idéas. Homero diz-nos mais, até da propria civilisação material da Grecia primitiva, do que todos os vestigios reaes e effectivos, que essa civilisação nos legou.

A LEITORA — *Quadro de Rembrandt*

A condemnação de Socrates seria para nós absolutamente incomprehensivel sem as paginas de Aristophanes, que lhe servem de commentario. O estudo critico da litteratura hebraica tem-nos permittido pôr a claro um certo numero de factos na vida nacional de Israel (por exemplo a influencia das doutrinas religiosas e philosophicas extrangeiras sobre a elaboração do mosaismo) cuidadosamente omittidos pelos ultimos redactores do Velho Testamento.

O movimento revolucionario, que em 1848 afogou a segunda republica franceza n'um mar de sangue, ficaria sempre para a historia um acontecimento sem explicação cabal, se não fosse approximado do movimento das idéas socialistas e communistas, que o precedeu e acompanhou. Da mesma fórma a fundação do novo imperio allemão, sobre os escombros produzidos pela guerra franco-prussiana, parecerá prodigio quasi miraculoso, devido exclusivamente ao genio politico de um grande ministro, se a não estudarmos nos seus antecedentes, nas suas causas, i. e. nas obras d'essa litteratura que desde Iena e Leipzig, a partir do memoravel dia da «batalha das nações», não cessou um momento só de acalentar como um sonho iriado de mil esperanças de futura grandeza, como um anhelo de patriotismo, ancioso de desforra, o ideal querido da «patria allemã» de toda essa terra, onde, na vigorosa reivindicação do poeta, *die deutsche Zunge klingt*,—resoa a lingua allemã. O mesmo deve affirmar-se da unidade da Italia preparada e póde dizer-se levada a cabo mais do que pela espada de Carlos Alberto e de Garibaldi, pela penna de Manzoni, de Silvio Pellico, e de toda a legião sagrada de escriptores, que pozeram o seu talento ao serviço da patria *irredenta*, esmagada pelo oppressor jugo extrangeiro.

Ora se semelhantes asserções são em geral verdadeiras applicadas a qualquer povo e a qualquer periodo historico, em nenhum caso o são tanto, como quando se trata do povo russo, sobretudo na epoca moderna.

Não fallando da litteratura moscovita (a palavra «moscovita» para nós é synonima de «grande-russo»— *velikorusski)* anterior ao seculo actual, e deixando de parte portanto o movimento litterario, creado pela conversão dos slavos ao christianismo, movimento a que andam ligados os dois grandes nomes de Cyrillo e Methodio, assim como a revolução litteraria promovida pela influencia das reformas de Pedro o Grande e Catharina II, é no presente seculo onde com mais facilidade nós podemos estudar os diversos conflictos da opinião no imperio dos tsars, taes como foram ficando stenographados nas paginas dos

principaes escriptores, desde Griboïedov,— o fundador da comedia satyrica,— e Puchkin — o maior poeta que a Russia tem produzido — até aos modernos representantes da escóla naturalista e realista, como Turguénev, Gontchárov, Uspénski, Pomialovski, Rechetnikov, Tchekov, Gorki, etc., etc.

Verdade é que em poucos povos a elaboração litteraria foi mais sincera, seja-nos permittida a expressão, do que no povo russo. Ao contrario do que se deu entre as nações de origem latina, nas quaes a renascença do seculo XVI foi o signal da perda da originalidade creadora d'ellas durante mais de tres seculos, na Russia o classicismo, já de si planta exotica e quasi sem raizes n'aquelle sólo tão differente, começou a ser atacado em fórma e combatido sem quartel logo desde o tempo de Karamzin; e não obstante o talento dos seus principaes corypheos — Derjávin e Chichkóv — teve de ceder diante das arremetidas da escóla contraria, capitaneada por Jukóvski, Dachkov e acima de todas pelo immortal Puchkin. Póde mesmo dizer-se que depois de Lermontov e de Gogol o classicismo desappareceu da arena, deixando de ter uma representação seria ao lado das diversas tendencias, que já começavam a agitar a escóla vencedora.

Desde este momento a litteratura russa emancipando-se completamente do convencionalismo classico, que até ás longinquas regiões da Nevá chegára com as suas anachronicas formulas e preceitos, não cessou um unico instante de inspirarse no genio nacional e de reproduzir, mais ou menos fielmente, nas suas paginas as grandes palpitações da alma popular, agitada por vagos mas ardentissimos anceios de um destino, que principiava a presentir, mas que tão difficil lhe seria realisar.

Quem seguir os diversos movimentos da sociedade russa desde o começo d'este seculo; quem escutar a voz d'esse povo, triste e resignado, como um longo threno dolorido, mas ao mesmo tempo animada por infinitas esperanças de um mystico futuro de felicidade e predominio, não póde deixar de sympathisar profundamenre com a nação [1], que em meio das instantes preoccupações da vida pratica tem ensejo de encontrar um instante de recolhimento intimo, que lhe permitte lançar-se, avida de ideal, pelos espaços sem limites dos sublimes devaneios, dos quaes tantas vezes acordou para tomar melancolicamente o caminho do exilio, como esse pobre Dostoievski, um dos mais geniaes dos seus filhos!

N'esta evolução transformadora a nação é representada pelas classes illustradas no seio das quaes se teem elaborado todas as idéas que, na ordem politica, na ordem social, na ordem religiosa, e na ordem scientifica não cessaram ainda de agitar a Russia ha um seculo. Mas n'estas classes ou n'esta classe quantas revoluções intellectuaes se não teem passado, desde o tempo em que Puchkin escreveu o seu primeiro poema e em que Gogol colligiu as lendas nacionaes da Ukrania? E no entretanto Puchkin e Gogol são apenas de hontem, apesar de já sobre elles haverem passado umas poucas de gerações litterarias! Tão certo é que n'este paiz sulcado por tantas e tão poderosas correntes intellectuaes, não obstante a pressão do elemento official,

RETRATO D'UM VELHO — *Quadro de Danner*

[1] Nação e não estado entenda-se bem.

a vida se gasta rapida e se evapora como o ephemero perfume da flôr nas suas estep-pas...

Até á guerra da Criméa, em que uma crise profunda commove o mundo russo, a litteratura depois de abandonar o *byronismo* de Lermontov e até certo ponto o romantismo de Puchkin, e de ter-se lançado na nova direcção, que lhe indicava o grande cr tico Polevoi, começou a esboçar o novo genero em que tantos triumphos havia de alcançar no periodo seguinte. A «escóla natural» apresenta as suas primeiras producções e mostra os seus extraordinarios recursos nas afamadas *Memorias de um caçador* de Turguénev, e nos romances de Grigorovitch, de Dostoieoski e de Pisemski.

Ao mesmo tempo o theatro começa com Ostrovski a transportar para a scena os typos da sociedade real, embora com uma certa inferioridade, deve confessar-se.

Com a guerra da Criméa a Russia, ferida por um grande desastre militar e humilhada pelo espectaculo da monstruosa desorganisação interna, que a corroia, entra n'um periodo de regeneração fecunda, que em parte inspira e em parte é inspirado por uma forte elaboração litteraria. Mas este periodo brilhante, que chegou até ao derradeiro quartel do seculo XIX, ainda atravessa por seu turno um novo momento de crise — a emancipação dos servos, que o divide em duas epocas distinctas pelo caracter e mais ainda pelas tendencias, se bem que haja entre ellas numerosos pontos de contacto. Para provar esta ultima asserção bastará notar-se, que grande numero de representantes da primeira epoca, alguns dos quaes já o eram mesmo da phase anterior á guerra da Criméa, são ainda os vultos mais eminentes do periodo, que decorre desde a promulgação do *ukáze* de Alexandre II.

O meio social anterior á grande reforma levada a cabo pelo filho de Nicolau I não era evidentemente propicio para o florescimento de uma litteratura, que tivesse por base qualquer movimento da opinião. Opinião publica mesmo, — sentimento de intima solidariedade entre as differentes classes do povo russo — era cousa que não existia. O romantismo estava morto, e a inspiração, onde Puchkin e Gogol haviam ido buscar motivo para as suas creações, achava-se exhausta depois das obras primas que produzira. O estimulo da revolução litteraria occasionada pela lei emancipadora, e que em parte tambem fôra causa d'ella, tornando-a inevitavel, devia pois procurar-se n'outra direcção, e em vez de se pedir ás tradições do passado o assumpto para as composições dos poetas e dos prosadores iria de ahi em diante esse assumpto buscar-se á sociedade contemporanea, agitada ao principio por simples presentimentos de renovação, mas convulsionada a pouco trecho por revoluções successivas, não só no dominio theorico, mas tambem no campo pratico dos factos.

E' esta, com effeito, a tendencia da litteratura russa da segunda metade do seculo XIX. O romance historico embora nos ultimos annos d'esse periodo se ache brilhantemente representado no *Principe Serebrianny* do conde Alexis Tolstoï, na *Guerra e Paz* do conde Leão Tolstoï, e nos *Partidarios de Pugatchev* do conde Salhias, constitue uma excepção, como mais ou menos ainda hoje a constituem o genero dramatico e o lyrico.

Emquanto a este ultimo genero, e mesmo emquanto a poesia em geral, a moderna litteratura russa, ao contrario das outras litteraturas europeas, suas irmas, é relativamente muito pobre. Produziu, não ha duvida a Russia na primeira phase do seu romantismo um poeta tão grande como Byron, como Goethe ou como Oehlenshlaerger — Puchkin —; mas se abstrairmos d'este nome e ainda de alguns poucos mais — Lermontov, Koltsov, Nekrasov Iazykóv — nada mais encontramos digno de verdadeira menção n'este dominio. Semelhante escassez contrasta de um modo frisante com o florescimento exhuberante da poesia nas outras nações slavas, sobretudo entre os polacos, onde este genero litterario é representado com grande brilho por uma phalange numerosa de escriptores tão grandes como elle.

No que respeita ao genero dramatico tão pouco a Russia tem nomes para oppôr, por exemplo, ao de Fredro apesar de possuir as celebres tragedias historicas: *O falso Dimitri* de Ostrowski, e a *Morte de Ivan, o terrivel* do conde Alexis Tolstoï.

O genero predilecto da litteratura russa é o romance. Sob este ponto de vista nem a propria litteratura ingleza lhe póde disputar primazias. E a tal ponto o publico na Russia é exigente para com o romancista, em tudo quanto se refere ao assumpto propriamente dito da obra, que nem as mais emoventes qualidades de artista bastam para pôr o escriptor no abrigo da critica, se porventura elle não soube apresentar e discutir alguma das questões mais palpitantes da actualidade, ou se pela sua parte não concorreu para adiantar a solução de algum dos complicados problemas, que agitam a consciencia publica. O velho lemma da *arte pela arte* é divisa que todas as escólas litterarias russas repudiam com egual desdem.

O caso succedido com Turguénev, algum

tempo antes da sua morte, mostra bem o nenhum valor relativo da «fórma» para o publico em geral, uma vez que a essa fórma não corresponda «fundo» adequado. Depois de se ter occupado nos seus livros com um talento superior de observador e de propagandista das mais momentosas questões que interessavam o seu paiz — entre outras a da emancipação dos servos — o celebre romancista, querendo repousar o espirito, afastando-o por um momento dos assumptos que eram objecto da sua constante preoccupação, publicou na revista de S. Petersburgo, — o *Viestnik Evropy* — um adoravel conto, que no dizer de juizes competentes é primorosa joia litteraria, adornada com todas as galas do mais admiravel dos estylos. Pois não valeram ao auctor nem a justa fama de uma longa e gloriosa carreira, nem as excellencias reaes da sua nova producção. Foi severamente increpado, foi censurado acremente por ter ousado, em meio das tristes preoccupações dos seus compatriotas, deixar de parte, embora por um momento, os graves problemas da actualidade, para ir buscar o assumpto do livro a outra ordem de suggestões. A critica tornou-se mesmo de tal maneira acerba, que chegou a accusar o velho escriptor de mau cidadão, por assim se mostrar indifferente ás questões, que então concitavam a attenção de todo o russo, que pensava no futuro do seu paiz e se interessava pelas prosperidades da patria.

Semelhante facto é caracteristico, e define bem a orientação da litteratura moscovita da ultima metade do seculo XIX. E' em virtude de tal tendencia que esta litteratura chegou antes das suas irmãs mais velhas ao realismo. A observação cuidadosa da sociedade, a attenção sollicita para todas as mudanças que n'ella se manifestam, e a convicção de que o escriptor tem por principal missão trabalhar pela realisação das aspirações nacionaes, dão um caracter especial, quasi unico, á litteratura contemporanea da Russia, a qual se por um lado perde talvez em perfeição artistica, ganha porém pelo outro, como documento de estudo e como precioso instrumento de investigação da evolução historica d'aquelle grande povo. O cultivo da arte pela arte, a preoccupação exclusiva e futil da fórma, qualquer que seja o assumpto a tratar, não existe, repetimol-o, na Russia. N'um paiz, onde a discussão livre não póde ainda á vontade exercer o direito de critica, a litteratura converte-se n'um verdadeiro sacerdocio e é o unico expediente para trazer á tela do debate as questões, que sómente sob este disfarce pódem ser apresentadas ao publico.

A MÃE DO PINTOR — *Quadro de Rembrandt*

Por isso, no momento actual e emquanto a sociedade russa não conquista com a liberdade politica todos os direitos, que a esta liberdade andam inherentes, o romancista é e continuará a ser alli um elemento indispensavel de progresso, a que prestarão homenagem até os proprios tsares. E por isso tambem o estudo da litteratura russa, no periodo de transição, que a nação está atravessando, tem para nós um interesse muito superior ao estudo das outras litteraturas europeas, (sem excluir a escandinava tão rica e tão original) onde por via de regra se reflecte apenas parte

da vida das respectivas sociedades. O povo russo, pelo contrario, foi deixando nas paginas dos seus escriptores um echo fiel de todas as dores que o teem torturado, um vestigio de todas as lutas em que se tem envolvido, uma vibração, emfim, de todas as grandes esperanças, que ha um seculo o teem allucinado.

Duas grandes escólas, conforme o fizemos notar, dividem a litteratura russa contemporanea: a chamada «escóla natural» e a «escola nova», conforme os seus proprios adeptos a appellidam. A differença entre estas duas escólas, ou antes entre estes dois matizes do realismo, consiste mais na escolha do assumpto do que na diversidade de processos, que em ambas são sensivelmente os mesmos, apenas mais exaggerados na escóla nova.

Com effeito, emquanto a «escóla natural» estuda hoje de preferencia as classes civilisadas, a classe média sobretudo, a «escola nova» dirije a sua attenção para as ultimas camadas sociaes, inspirando-se principalmente nos horrores e nas monstruosidades, que n'essas miseraveis classes são quasi o viver normal. O que as *Memorias de um caçador* representaram com relação á triste existencia do camponez russo ainda curvado sob o jugo da servidão, pretendem represental-o com relação ao mais infimo proletariado actual as obras de Uspenski e dos demais chefes da extrema esquerda do «realismo» até Gorki, o «amargo» dos *bossiaki* (descalços).[1]

RETRATO D'UM ALMIRANTE — *Quadro de Franz Hals*

E' uma litteratura da escória, que á força de querer photographar a realidade em toda a sua nudez, acaba por se transformar n'um idealismo *sui generis*, falso e artificial, porque systematicamente deixa na sombra uma parte d'essa mesma realidade. Felizmente a «escóla nova», apesar de Gorki e de Tchekhov não conseguiu ainda apresentar um nome sequer, que possa pôr-se a par dos grandes nomes da escóla natural, — Turguénev, Gontchárov, Dostoievski, Pisemski, a qual até ao ultimo quartel do seculo XIX continuou produzindo obras importantes, não tendo deixado um momento só, desde a guerra da Criméa, de accompanhar todos os grandes movimentos da opinião publica, discutindo e interessando-se pelas questões mais importantes.

Assim, primeiramente teve a gloria de protestar contra a servidão. Depois, quando o *ukáze* da emancipação veiu acabar com essa grande chaga do mundo russo, começou a apreciar o valor das duas gerações que se achavam em presença — a que continuava a mostrar as suas sympathias pelo antigo estado de cousas, e a que enthusiasmada pela conquista importante, que acabava de se realisar, não dissimulava as esperanças que nutria em futuras victorias. Mais tarde finalmente, quando o nihilismo fez a sua apparição, e entreveiu no combate das escólas com o seu programma negativo, hasteando ao mesmo tempo a bandeira das novas reivindicações, a escóla natural discutiu-o vigorosamente, empenhando-se em pôr-lhe a nu as utopias e as perigosas illusões.

E' esta luta que dá o assumpto ás obras de Turguénev: *Paes e filhos*, *Punin e Barbu-*

[1] *Gorki* em russo significa *amargo*.

rin, Fumo; ás de Pisemski: *Os homens de 1840, O mar agitado, No turbilhão;* á de Dostoieoski: *Crime e punição*, etc.

Esta escóla, pois, dadas as tendencias da litteratura russa, é a que mais fielmente traduz as aspirações e a que melhor corresponde ao ideal do povo moscovita. Ao lado, porém, d'este movimento litterario, propriamente dito, que apenas muito imperfeitamente aqui fica esboçado nos seus traços principaes, existe na Russia contemporanea um movimento scientifico importantissimo, que todos os dias vae adquirindo maior intensidade, e que ao mesmo tempo começa a exercer já acção muito notavel na orientação das classes cultas.

Apesar da Russia ser a recemchegada ao banquete da civilisação, nem por isso a importancia do seu labor scientifico é menor. Pelo contrario, o trabalho intellectual e o movimento das idéas avantajam-se ali ao que n'este sentido se realisa em algumas nações occidentaes, tendo-o em certos casos não só igualado mas até excedido.

Para este facto contribue em grande parte a tendencia innata ao espirito russo, que o tem libertado da preponderancia metaphysica, a qual por tanto tempo no nosso Occidente tornou impossivel com os seus absurdos systemas *à priori* o advento da sciencia positiva. O moscovita, não obstante a feição ás vezes mystica do seu devanear, é essencialmente claro e pratico em philosophia. Nas theorias scientificas assim como nas hypotheses philosophicas sempre se mostrou avesso ás grandes construcções syntheticas tão predilectas dos allemães. Inimigo declarado da metaphysica, pelo menos tal como a comprehenderam Fichte, Schelling, Hegel e tantos outros na patria de Goethe (o qual foi igualmente um metaphysico como o demonstrou no seu segundo Fausto) é o russo inclinado, pelo contrario, e naturalmente propenso a certo positivismo, que constitue a nota dominante de todos os seus trabalhos de especulação.

Eis aqui a razão, que explica os progressos scientificos, realisados pela Russia em menos de meio seculo.[1] Não tem este paiz tido a necessidade de gastar o vigor intellectual em combater o exclusivismo das escolas e a intolerancia dos systemas, que na Allemanha, por exemplo, tantos esforços desperdiçaram sem a menor utilidade para o adiantamento da nação.

Lord Philippe II Warton — *Quadro de Van Dyck*

Póde até dizer-se, que na Russia não existe uma philosophia propriamente dita, no sentido restricto em que semelhante expressão é tomada no occidente.

A Russia inaugurou o seu moderno movimento scientifico, sob a influencia da Europa, e portanto esta iniciação que representava um ponto de partida para o mundo slavo era realmente já para a maior parte dos iniciadores termo e bastante adiantado de chegada. Por isso de posse logo na primeira hora dos novos methodos de investigação e de critica, a sciencia russa, poupando para si as consequencias das indispensaveis tentativas e das

[1] E' quasi inutil fazer notar que, o que acima se lê foi escripto muito antes de estalar a actual guerra russo-japoneza

experiencias infructuosas, caminhou n'alguns dos seus ramos com passo seguro, evitando a aprendizagem, que ás outras tanto custou e tanto tempo precioso absorveu.

E senão vejamos. Quasi que sem escóla historica levanta desde logo com as obras de Karamzin e de Soloviev dois monumentos, que nada teem a invejar aos trabalhos identicos produzidos pela erudição do Occidente. Sem uma tradição de estudos orientaes, como a França, a Inglaterra e a Allemanha que de Burnouf, Colebrooke e Schlegel haviam recebido o poderoso impulso e o valioso estimulo das grandes investigações n'este dominio, a Russia com a publicação do grande «diccionario de S. Petersburgo» dá á philologia sanskrita a verdadeira base scientifica por que ella esperava levando a cabo ao mesmo tempo uma das mais collossaes emprezas concebidas pela largueza de vistas da erudição philologica contemporanea. E assim em muitos outros ramos da historiographia, da linguistica, da ethnographia e da archeologia. São, com effeito, estas sciencias, d'entre as chamadas sciencias moraes, as mais cultivadas na Russia, as que melhores e mais sazonados fructos teem produzido. A historia nas suas principaes divisões de — historia propriamente dita, historia da litteratura, historia do direito etc. — conta numerosas publicações, algumas d'ellas de um valor real. Da historia propriamente dita foi fundador o celebre Karamzin. O seu livro apesar de estar hoje antiquado e de na propria Russia ter sido excedido, distingue-se ainda pela pureza do estylo e sobretudo pela erudição de que dá prova e que mesmo actualmente o tornam fonte indispensavel de consulta.

A publicação d'esta obra constituiu no seu tempo um verdadeiro acontecimento, e póde d'ella datar-se o vigoroso impulso, que os estudos historicos receberam na Russia, impulso que se tornou effectivo e permanente pela creação das sociedades historicas de Vilna, de Odessa, de Kiev, e pela fundação das revistas especiaes como o *Russkii Arkliv* (Archivo russo), e a *Russkaia starina* (Antiguidade russa). Não menos contribuiram para este movimento a importante publicação emprehendida pela Academia das Sciencias de S. Petersburgo, conhecida pelo nome de *Russkaia istoritcheskaia bibliographia* (Bibliographia historica russa) assim como a famosa descripção dos manuscriptos da opulenta bibliotheca synodal de Moscou.

Depois de Karamzin a historia é representada na Russia por: Pogodin, que escreveu entre outras obras os *Esboços critico-historicos* e a *Historia da Russia até á invasão mongolica;* Kostomarov auctor de diversos trabalhos, entre os quaes uns *Estudos sobre as nacionalidades do norte da Russia;* Soloviev, a quem se deve a mais completa e a mais auctorisada historia da Russia, infelizmente interrompida pela morte d'este illustre escriptor; Ustrialov, que deixa a *Historia do falso Dimitri* e a *Historia de Pedro o Grande;* Pekarski redactor da *Historia da Academia Imperial das Sciencias de S. Petersburgo* e da *A sciencia e a litteratura na Russia sob o reinado de Pedro I;* Brückner, morto recentemente, auctor das historias de Pedro o Grande e Catharina II que gozam de notariedade europea; e muitos outros que seria fastidioso enumerar, mas cujas paginas consideradas no seu conjuncto são um vasto monumento de erudição e paciencia.

A historica juridica é representada pelas *Historias do direito russo* de Leontovitch e de Mikhailov, e pela *Historia do direito* de Kapustin. Á historia religiosa pertencem, entre outros, os celebres trabalhos do professor Kazanski e as obras dos arcebispos Philarete, Macario e Muraviev. A historia da civilisação conta numerosos trabalhos dos quaes se destaca a afamada obra de Zabielin intitulada: *Vida intima dos tzares russos nos seculos XVI e XVII.* A historia militar apresenta nomes como os de Fadeiev, Obrutchev e principe Galitzin, auctor da importante *Historia universal militar,* traduzida não só em allemão, mas nas linguas escandinavas. Finalmente a historia litteraria, de todos os generos historicos o que mais cultivado tem sido na Russia, continua a produzir sobre a litteratura nacional, tal quantidade de livros que constituem já hoje uma verdadeira bibliotheca. Assim, sem fallar nas monographias especiaes sobre as diversas epocas e os differentes escriptores, de nada menos de nove historias da litteratura russa (e não são todas) me recordo n'este momento; as de Galakhov, Porfiriev, Petrov, Sosnetski, Pypin, Orlov, Vodovozov, Polevoi, Skabitchevski, e Evstafiev; alem da grande *Historia das litteraturas slavas* de Pypin e Ipasovitch, e da *Historia universal das litteraturas* publicada em S. Petersburgo sob a direcção do professor Korch.

Se da historia passamos á philologia encontramos os mesmos progressos. A lingua russa, o velho slavão ecclesiastico e as demais linguas esclavonicas teem sido na Russia objecto de constantes estudos, e servido de pretexto a trabalhos de subido valor scientifico. Sem contar com os jornaes e revistas que actualmente, nas principaes cidades, se dedicam ao exame das questões concernentes á philologia slava, como por exemplo as *Filologitcheskiia zapiski* (Memorias philologi-

cas), as *Zapiski imperatorskoï academii naúk* (Memorias da Academia imperial das sciencias); sem contar com as grandes revistas de um caracter mais geral — especie de *Revistas dos dois mundos* do norte — mas que ainda assim consagram de vez em quando algum artigo a esta especialidade, como o *Viestnik Evropy* (O mensageiro da Europa), o *Mir Bojii* (O mundo de Deus), o *Russkii Viestnik* (O mensageiro russo), o *Russkoe Bogatstvo* (o Thesouro russo) a *Russkaia Mysl* (o Pensamento russo) e o *Jurnal ministerstva narodnago prosviechtcheniia* (O Jornal do ministerio da Instrucção publica); sem contar com o *Archiv für Slavische Philologie*, por ser escripto em allemão e publicado em Berlim, apesar de editado por um slavo, o doutor Iagic, e collaborado quasi que inteiramente por eruditos slavos tambem, grande numero de obras especiaes e independentes conta a sciencia russa sobre este ramo de estudos.

Magdalena arrependida — *Quadro de Ticiano*

E' claro que n'esta brevissima noticia do movimento intellectual da Russia contemporanea, não temos a pretensão nem o espaço nol-o permittiria, de fazer uma enumeração, não dizemos já completa, mas sequer satisfactoria das obras especialmente escriptas em S. Petersburgo, em Moscou e em Kugan a proposito de philologia e de linguistica. O nosso intento é apenas citar algumas das principaes. Por isso nos limitamos a apontar as seguintes, que a ninguem, que se occupe d'estes assumptos, é licito ignorar: Tchudinov — *Otcherk istorii iazykoznanie* (Esboço de uma historia da linguistica); Perevlieskii — *Slavidenskaia grammatika* (Grammatica slava); Buslaev — *Istoritcheskaia grammatika russkago iazyka* (Grammatica historica da lingua russa); Kolosov — *Otcherk istorii zvu kov i form russkago iazyka s XI do XVI stolietie*; Chertal — *Sravnitelnaia grammatika slavianskikh i drugikh rodstvennykh iazykov* (Grammatica comparada das lingoas slavas e outras afins). As collecções de documentos originaes da velha litteratura russa acham-se representadas nas publicações de Jakovlev e de Buslaev, respectivamente intituladas: *Pamiatniki russkoi literatury XII i XIII viekov* (Monumentos da litteratura russa dos seculos XII e XIII) e *Khristomatiia po drevnerusskoi literaturie i narodni slovesnosti* (Chrestomathia da antiga litteratura russa e da litteratura popular).

Resta-nos por ultimo fallar da litteratura ethnographica, propriamente dita, o ramo scientifico talvez mais largamente e com melhor exito cultivado na Russia.

Conforme é bem sabido foi a Allemanha, que no começo do presente seculo revelou ao mundo erudito a importancia da litteratura oral conservada tradicionalmente fóra de todos os moldes convencionaes, mas com um sabor proprio e originalissimo, na bocca do povo. A publicação das *Kinder und Hausmärchen* dos irmãos Grimm, foi o ponto de partida d'esta importante revolução, prenhe das mais extraordinarias e imprevistas consequencias. De então para cá o movimento propagou-se a todos os povos da Europa e da America, e não ha nenhum, póde dizer-se, actualmente que mais ou menos

não tenha colligido esses thesouros inapreciaveis para o estudo da ethnographia e da demopsychologia, ao mesmo tempo que constituem interessantissimos documentos da vida historica da nação em cuja tradição viva elles foram surprehendidos.

Pela sua organisação scientifica especial e por ter sido ella o ponto de onde o movimento irradiou para os demais povos, é a Allemanha ainda hoje, sem contestação alguma, o paiz que n'esta ordem de estudos a todos os outros leva a primazia. Os trabalhos dos Grimm, de Liebknecht, de Kuhn, de Köhler, de Mannhardt, de Laistner, de Hertz, de Wolf, de Wutke, de Grohmann, etc., serão sempre outros tantos marcos milliarios na evolução da sciencia da novellistica popular e da mythographia.

A Russia, porém, apesar de só mais tarde se ter entregado a estas indagações, de nada tem de que se envergonhar não só relativamente ao resto da Europa, á qual n'este ponto está muito superior, mas mesmo em comparação com a propria Allemanha, a quem quasi que eguala. E senão vejamos: a mythologia popular póde mostrar com ufania a obra collosal de Afanasiev — *Poetitchéskiia vozzriéniia slavian na priródu* (Idéas poeticas dos slavos sobre a natureza), alem das de Kotliarevski — *O pogrebálnykh obytchaiakh iazytcheskikh slavian* (Sobre os usos funerarios dos slavos pagãos), de Vladimiro Dal — *O povieriiakh, suevieriiakh i predrazsudkakh russkago naroda* (Sobre as crenças, superstições e prejuizos do povo russo), de Zabylin — *Russkii narod, ego obytchai, obriady, predaniia, suevieria i poeziia* (O povo russo, seus usos, ceremonias, tradições, superstições e poesia) e de outros como Maikov, que escreveu sobre esconjuros; Chepping que se occupou dos mythos do paganismo slavo; Chepkin que publicou um importante livro sobre as fontes e as formas da mythologia russa; Snegirev, que colleccionou tudo quanto se referia ás festas e ceremonias supersticiosas do povo; Terechenko, que investigou os antigos usos populares etc. Os contos tradiccionaes foram colligidos por Afanasiev, Khudiakov, Chudinski, Erlenvein, Hildebrandt, Rudtchenko e Dragomanov. Finalmente os cantos populares, as bellas e doces melodias russas de uma tonalidade tão original e encantadora, foram conservadas nas esplendidas collecções de Kirievski, Maikov, Miller, Rybnikov, Sakharov, Chein, Sobolsvskim e Olga Agrenev.

E para não alongar demasiado esta enumeração deixamos de mencionar os numerosos e importantissimos trabalhos da secção ethnographica da Sociedade Imperial de Geographia de S. Petersburgo, a qual n'uma publicação monumental acaba mesmo agora de apresentar o balanço da sua actividade n'este ultimo meio seculo.

(Continúa.)

O IMPERADOR FAUSTINO

A obsessão de Colombo déra á Hespanha um mundo que recusáram Genova, França e Portugal.

Ali, ao sol dos tropicos, contempláram os descendentes do Cid uma flora opulenta e gigantea; uma fauna estranha e rara; rios, tão grandes que similham mares; montanhas portentosas, erguendo-se acima da região das nuvens, de tão altos vértices que o raio os deixa immunes, parecendo sondar e prescrutar os arcanos do espaço infinito em que se vislumbra e espelha a magestade augusta, incommensuravel e mysteriosa do Omnipotente, d'esse ceu, que, na expressão biblica, por si só certifica a gloria de Deus — *Cœli enarrant gloriam dei;* imperios e civilisações singulares, como nunca previram: — Mayas, Aztecas, Scyris, Incas; — cidades, como o Mexico, Quito e Cuzco; ouro, prata e pedrarias, em tal copia que os olhos avidos dos aventureiros recusavam admittir como realidade, porque em Cuzco — o *umbigo do mundo* — traducção litteral do nome d'esta cidade—, o jardim do Imperador, do Inca, do *Filho do Sol*, ostentava arbustos, flôres e fructos de ouro, como de ouro maciço eram as estatuas do Templo do Sol e o enorme disco d'este astro, a que os quichua-aymarás prestavam culto divino, e do mesmo metal era o andor-throno, a cadeira gestatoria em que o Inca se fazia conduzir; o soberano azteca, coroado de pennas, envolto em riquezas que valiam provincias europeas, tendo o seu povo attingido o maximo grau de cultura; o *Filho do Sol* que realisára o *desideratum* de reunir sob o seu sceptro, as nações rivaes: Cuzco e Quito, ostentando no gorro de seda a borla purpurea do Inca e a grande esmeralda dos Scyris, emblemas das duas monarchias.

Faustino I

Imperador do Haiti

O autor das *Mil e uma noites* entrevira a America e os companheiros e successores de Colombo deveriam ter deslumbramentos estonteadores ao pisar essas novas terras.

Talvez se julgassem delirando.

Mas cousa estranha!

As virtudes cavalheirescas dos filhos da nobre Hespanha, ao passar a linha equinoxial, transformavam-se em ruindades, em latrocinios, em chacinas.

Anniquilláram os imperios, arrasáram as cidades, immoláram reis e sacerdotes, e o fogo por elles atiçado consumiu os livros e os monumentos escriptos das civilisações que encontravam. O indigena foi reduzido á condição de cousa, a escravatura imperava desaforadamente, apesar dos protestos de Las Casas e das ordens do rei, e até os cães foram amestrados na caça ao pobre autoctono, porque de carne de indio se alimentavam os lebreus!

Em uma das grandes Antilhas, Santo Domingo, Hispaniola ou Haiti, estabeleceu-se a primeira séde do governo hespanhol, para os paizes que Colombo acabára de patentear á Europa absorta e estupefacta, e em Santo Domingo devia o grande almirante, victima de inveja e de calumnias, ser preso e carregado de ferros, como criminoso da ultima especie!

Na *primada* antilhana fôra tambem extermi-

nada a raça aborigene, em que as mulheres eram formosissimas.

Quem sabe se ella descendia dos povoadores da lendaria Atlantida, crusados com os caraibas?

Então importáram-se negros para os trabalhos agricolas, pilhados nas costas da Africa. Proliferáram, a ponto de só elles constituirem a grande massa da população de quasi metade da ilha, sendo actualmente uns 900:000 a a 1.200:000.

O sceptro de Carlos V passou a mãos ineptas de principes degenerados, confiantes em validos, que raramente se revelavam estadistas. O poderio da Hespanha desafiára invejas, e combatido pela França de Richelieu e de Mazarin, pela Inglaterra e Hollanda, enfraquecido pela revolta da Catalunha e pela independencia de Portugal, cairía como caíu, porque estava na logica dos factos.

Os piratas ingleses que, a principio, iam para os mares açoreanos esperar os navios hespanhoes e apresal-os, arrojáram-se a avançar mais alem: foram até á America Central e as ilhas de Santo Domingo, Jamaica, Roatán serviram-lhes de base de operações. Tomam então o nome de *bucaniers* e são celebres pelas suas aventuras e roubos.

Santo Domingo é como que o seu quartel general, principalmente na parte em que os negros são mais numerosos.

Sendo alli muito precario o dominio hespanhol, essa parte da ilha é cedida á França.

Com a revolução, decretados os direitos do homem, os negros tivéram inteira liberdade.

Um anno antes (1789), nascera de uma escrava, Faustino Soulouque, negro como a mãe, mas de feições finas, caucasicas: labios delgados, nariz regular, olhos meigos, aveludados.

Quando os negros se sublevávam contra a França, tinha Soulouque 14 annos, e era creado do general Lamarre, que morreu defendendo Mole contra Christovam, futuro rei d'Haiti, sendo encarregado de levar o coração de Lamarre a Pétion, que foi Presidente da Republica. Recebeu d'este, como premio, a nomeação de tenente da sua guarda a cavallo, e quando Boyer succedeu a Pétion, Soulouque continuou no palacio presidencial como um movel, uma cousa inoffensiva.

Boyer promove-o a capitão ao serviço de uma sua amasia, Mademoiselle Joute.

Ficou esquecido até 1833, mas d'esta data em diante avança rapidamente em promoções: coronel, general de brigada, general de divisão, commandante superior do palacio, no tempo de Riché. Ficando sempre no Palacio Nacional, obtinha uma promoção de cada novo presidente.

Corria o anno de 1847 e as camaras legislativas de Haiti, reunidas em assembléa nacional, tratavam de eleger o chefe d'estado.

Ha dois candidatos, generaes velhissimos e tontos: um é o dos deputados, dos *communs*, outro dos senadores, do *grande corpo*, porque é de saber que os parlamentares haitianos seguem a tradição de escolher valetudinarios para as funcções presidenciaes, com o fim prudente e innocente de serem elles, os parlamentares, quem governem e tutellem o presidente.

O accordo foi impossivel entre os dois grupos de eleitores e alguem lembrou, como meio conciliatorio, eleger Soulouque.

Não tinha elle quasi 60 annos?

Sabia apenas assignar o nome?

Era o bastante: reunia todas as circumstancias desejadas pelos parlamentares.

Depois, não tinha inimigos.

Seria o presidente ideal.

Foi eleito.

Algum tempo depois o presidente dá que fallar de si: manda massacrar os mulatos, os inimigos dos negros, da sua raça.

Observáram-lhe que era pouco humano tal procedimento, mas Soulouque replicou que assim seria, mas que não pedira para ser presidente, e agora que o aturassem.

Disséram-lhe que em França houve um imperador, chamado Napoleão, que antes de cingir a coroa fôra general, ganhára muitas batalhas e occupára, como primeiro consul, a chefatura da Republica, e Soulouque quiz copiar tal figurino.

Como lhe era preciso uma Arcole, Pyramides ou Marengo, declara a guerra á visinha Republica Dominicana, mas é vencido.

Entrando em Port-du-Prince, manda celebrar um *Te-Deum* pela victoria .. que não alcançou.

Creaturas suas fazem propaganda para a mudança de instituições e as representações populares chegam ao recinto das camaras

O assumpto é tomado em consideração: discute-se muito e vota-se—que a Republica é abolida, que Soulouque é proclamado Imperador e que a dignidade imperial é hereditaria na sua familia.

Logo que se vota, os senadores, esquecem-se que são tropegos e achacosos, montam a cavallo e levam a Soulouque a lei que o declara Imperador d'Haiti, e com a lei uma coroa . de papelão dourado, por não haver tempo de confeccionar uma de ouro, a valer.

E' sagrado solemnemente em 1852, com Adelina, sua mulher, negra como elle.

Cria uma aristocracia: principes, duques,

marquezes, condes, viscondes e barões, uns 400 titulares e ha então titulos como de La Limonade, des Trois Trous, etc.

Eram duques os ministros, mas apesar de tanta grandeza, fez passar pelas armas alguns d'estes secretarios d'estado.

Estabeleceu ordens: Legião d'Honra d'Haiti, S. Faustino, Sant'Anna, e Santa Maria Magdalena, sendo curioso que cada uma d'estas ordens correspondia a alguma derrota infligida ás suas tropas pelos dominicanos, sempre em guerra com o imperio.

Mas isto é pouco: as cidades haitianas são contempladas com brasões e decreta uniformes de cores phantasticas para aristocratas e militares.

Os menos berrantes eram verdes bordados a ouro.

Este reinado, mixto de zarzuela, de opera bufa e de tragedia, não podia acabar pacificamente: ao ridiculo e ao burlesco associáram-se as hecatombes—massacres dos mulatos,—incendios de cidades e povoações suspeitas de deslealdade para com o Imperador, fusilamentos sem processo, suspensão de todos os direitos, leis e garantias, funccionando apenas os conselhos de guerra, cujas sentenças o Imperador alterava, emfim uma orgia e loucura similares á de Caligula.

Veiu a reacção. Parte do exercito proclama a republica e o Imperador, á frente das suas tropas, sae a combater o inimigo.

Logo que o avista, retira-se do exercito, que deixa sem commando e entra na capital, Port-du-Prince.

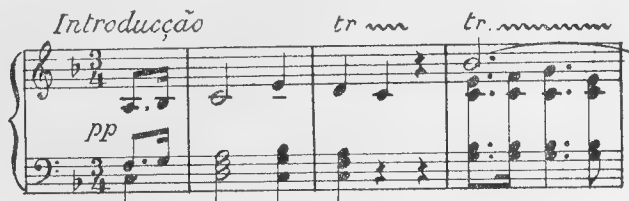
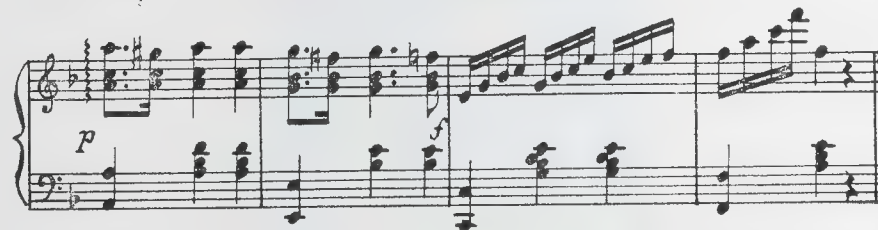
As forças imperiaes entregam-se sem combate e os republicanos marcham sobre Port-au-Prince, desguarnecida.

O Imperador ou insconciente ou cheio de bom humor, escreve a Geffrard, commandante em chefe do exercito republicano e futuro presidente, pedindo que lhe mandasse uma escolta para o proteger, porque estava só! Embarca então em um navio de guerra inglez, com a mulher e duas filhas, para o exilio, Jamaica, o desterro de todos os politicos haitianos.

Não poude levar comsigo as riquezas que accumulára, e em 1867, contando 78 annos, e na maior miseria, fallece em terra estranha Faustino I.º, Imperador d'Haiti.

Sic transit gloria mundi.

Antonio Ferreira de Serpa.

A ORIENTAL
por Furtado Coelho
Introducção
PIANO
pp
tr.
cresc.
ff
Mazurka
elegante
f
p
marcato
P. M. Gh.
NUNES da SILVA - DES.

Este trecho de musica simples, dolente, expressivo, romantico, define uma das multiplas feições do espirito do grande artista que foi Furtado Coelho. Quando elle a compoz, a sua alma vibrava no pleno enthusiasmo da juventude, em unisson com o poetico romanticismo da epocha, repassando de suaves e indefinidas tristezas os sentimentos e as idêas. Havia n'aquelle tempo, na convenção litteraria e artistica, o exaggero das paixões, tocadas de dolencias sensuaes, que puzeram n'esta musica a macieza de saudades, como mais tarde houve, em semelhante formula convencional, o exaggero de rudezas, amimadas apenas pela ironia sorridente, e que desnudam na expressão de arte a cruel dominação dos instinctos.

O Mosteiro de Argis

BALADA DA VALAQUIA

I

Por uma linda encosta das margens do Argis, segue seu caminho o principe Voda com seus companheiros: nove mestres pedreiros, e Manol, o decimo, superior aos mais.

Vão escolher juntos, no fundo do vale, terreno apropriado para um mosteiro. Eis que no caminho com elles se cruza um moço pastor, tocador de flauta, cantor de solaus, e ao avistál-o o principe lhe diz:

— «Gentil pastorsinho, cantor de solaus, tu já tens subido com o teu rebanho as margens do Argis; tu já tens descido as margens do Argis com os teus carneiros. Não terás tu visto por onde has passado algum muro em ruinas, muro abandonado, entre a verde rama das aveleiras?» —

— «Sim, principe, vi por onde hei passado um muro em ruinas, muro abandonado. Os meus cães, ao vêl-o, investiram logo, n'um ladrar de morte, como n'um deserto.»

Quando tal ouviu, o principe Voda exultou de alegre, e logo partiu em direito ao muro com os seus pedreiros, seus nove pedreiros, e Manol, o decimo, superior aos mais.

— «Eis o velho muro. E' este o local em que ha de em breve erguer-se o mosteiro. Vós, meus pedreiros, meus mestres pedreiros, durante dia e noite metei mãos á obra para construir, para erguer aqui, um bello mosteiro sem egual no mundo. Dar-vos-ei riquezas, e altas posições, ou, se não, por Deus, far-vos-ei murar, emparedar vivos, nos seus alicerces!»

II

Sem perda de tempo, os mestres pedreiros tomam as medidas, escavam o solo. Em breve levantam, levantam um muro. Mas o trabalho do dia esmorona-se de noite, e isto se repete no segundo dia, no terceiro dia, e tambem no quarto.

Baldados esforços. O trabalho do dia esmorona-se de noite.

O principe, surprêso, dá-lhes reprimendas, e, depois, colerico, de novo os ameaça de os emparedar vivos nos alicerces.

Os pobres pedreiros de novo recomeçam, trabalhando a tremer, e a tremer trabalhando, por um longo dia de estio, desde o amanhecer até noite cerrada.

Mas n'isto, Manol, largando as ferramentas, deita-se e adormece, e sonha um estranho sonho. De repente, levanta-se, e estas palavras diz:

«Vós, meus companheiros, nove mestres pedreiros, quereis saber que sonho eu sonhei a dormir?! Uma voz celeste, que ouvi claramente, veiu avisar-me de que o nosso trabalho se irá derrocando até que nós todos juremos aqui emparedar viva a primeira mulher, esposa ou irman, que amanhã vier ao romper do dia trazer a comida para algum de nós. Por isso, querendo levar a cabo este santo mosteiro, padrão glorioso, juremos aqui guardar o segredo; juremos tambem emparedar no muro a primeira mulher, esposa ou irman, que amanhã avistemos ao romper do dia.»

III

Ao raiar da aurora, eis Manol desperto. E logo se levanta, subindo aos andaimes, para ver ao longe os campos e a estrada. — Mas que avista elle?! Quem vê elle ao longe?

E' a sua esposa, a sua linda Aninhas, vindo-lhe trazer a comida e o vinho para o seu almoço. Turba-se a vista de Manol, ao vêl-a; e cheio de terror de joelhos cae, er-

gue as mãos e diz: «O' senhor meu Deus! Soltae sobre a terra uma grande chuva, uma chuva tal que as aguas do rio saiam do seu leito e alaguem os caminhos, forçando minha esposa a voltar para traz.»

Deus tem compaixão da maguada suplica, e lança sobre a terra as nuvens do Ceu,

Deus tem compaixão da maguada suplica, e lança sobre a terra uma ventania de uma força tal que torce os platanos, despoja os pinheiros, derruba as montanhas, mas que não consegue impedir que a esposa se approxime sempre, sempre a mais e mais, do termo fatal!

n'uma grande chuva que alaga os caminhos, mas que não consegue fazer com que a esposa volte para traz. Atravessando as aguas, ella avança sempre, e já perto vem... E Manol, ao vêl-a, geme angustiado, de joelhos cae, e ergue as mãos, e diz:

— «O' senhor meu Deus! Lançae sobre a terra ventania tal que torça os platanos, despoge os pinheiros, derrube as montanhas, forçando minha esposa a voltar para traz.»

IV

Os outros pedreiros, os nove pedreiros, experimentam, vendo-a, uma grande alegria, ao passo que Manol, o desespero na alma, a toma em seus braços, e subindo ao muro ali a deposita, falando-lhe assim:

— «Não tenhas receio, minha boa amiga. Queremos divertir-nos, fingindo emparedar-te, sem te fazer mal.»

Anninhas, confiante nas suas palavras, ri da brincadeira, enquanto Manol, fiel ao sonho tido, suspira, e começa a levantar o muro.

O muro vae subindo, e cobrindo a esposa até aos tornozelos, até aos joelhos, mas a pobresinha deixou de sorrir, e, cheia de susto, se lamenta assim:

— «Manoli, Manol, ó mestre Manol, basta de brincar, que essa brincadeira póde ser fatal! Manoli, Manol, ó mestre Manol, o muro vae subindo, vae-se cimentando, e o meu pobre corpo sinto comprimir!»

Manoli não ouve os lamentos da esposa, e o muro vae subindo, cobrindo a pobre Anninhas até aos tornozelos, até aos joelhos, até ás ancas, até aos seios, e a desgraçadinha chora amargamente, e, chorando, diz:

—«Manoli, Manol, ó mestre Manol, basta de brincar, porque vou ser mãe. Manoli, Manol, ó mestre Manol, o muro pouco a pouco mata-me a creança, e o meu peito chora lagrimas de leite!»

Manoli não ouve os lamentos de Anninhas, e o muro vae subindo, e cobrindo a esposa até aos tornozelos, até aos joelhos, até ás ancas, até aos seios, e até aos olhos, e á cabeça... Até que em breve a pobre Anninhas deixa de ser vista, e apenas se ouve a sua voz no muro:

— «Manoli, Manol, ó mestre Manol, cimenta-se o muro, e extingue-se-me a vida!»

V

Por uma linda encosta das margens do Argis, segue seu caminho o principe Voda para ir rezar ao Santo mosteiro, padrão glorioso, sem egual no mundo.

Ao ver o mosteiro sumptuoso e bello, exulta de alegria, e aos pedreiros diz:

— «Vós, os architectos, os mestres pedreiros, declarae aqui, sob juramento, se o vosso engenho poderá construir um outro mosteiro, padrão glorioso, maior e mais bello?»

Os mestres pedreiros, os dez architectos, trabalhando na abobada do edificio, quando ouvem tal, ficam muito ufanos, muito satisfeitos, e respondem assim:

— «Não existem, não, sobre toda a terra, eguaes a nós dez, dez mestres pedreiros. Sabei que o nosso engenho poderá construir um outro mosteiro, padrão glorioso, ainda mais bello!»

O principe, ao ouvil-os, ficou pensativo... Depois, com um mau riso, ordenou que quebrassem as escadas e os altos andaimes, e que despenhassem do alto da abobada os mestres pedreiros.

Mas elles, n'um pronto, sem perderem a cabeça, com taboado constroem voadoras asas... Por momentos conseguem esvoaçar no espaço; mas, ai d'elles! caem no sólo, e em pedras se transformam...

Quanto a Manoli, ao mestre Manoli, no proprio momento em que desfere o vôo, eis que ouve sair das muralhas uma voz querida, debil e apagada, que geme e chora, e se lamenta assim:

«Manoli, Manol, ó mestre Manol! O muro esmaga-me; lacera-me o corpo... Esgotam-se-me os seios, extingue-se-me a vida!»

Ao ouvir taes lamentos, Manol empalidece; turba-se-lhe o espirito, a vista lhe foge... Vê tudo andar á roda: ceu, terra e nuvens, e da alta abobada sobre o solo cae.

No logar da queda, nasceu uma fonte, fonte de agua clara, amarga e salgada, — agua misturada com lagrimas, com lagrimas amarguradas!

Versão de Delfim Guimarães.

A Architectura da Renascença em Portugal

POR ALBRECHT HAUPT

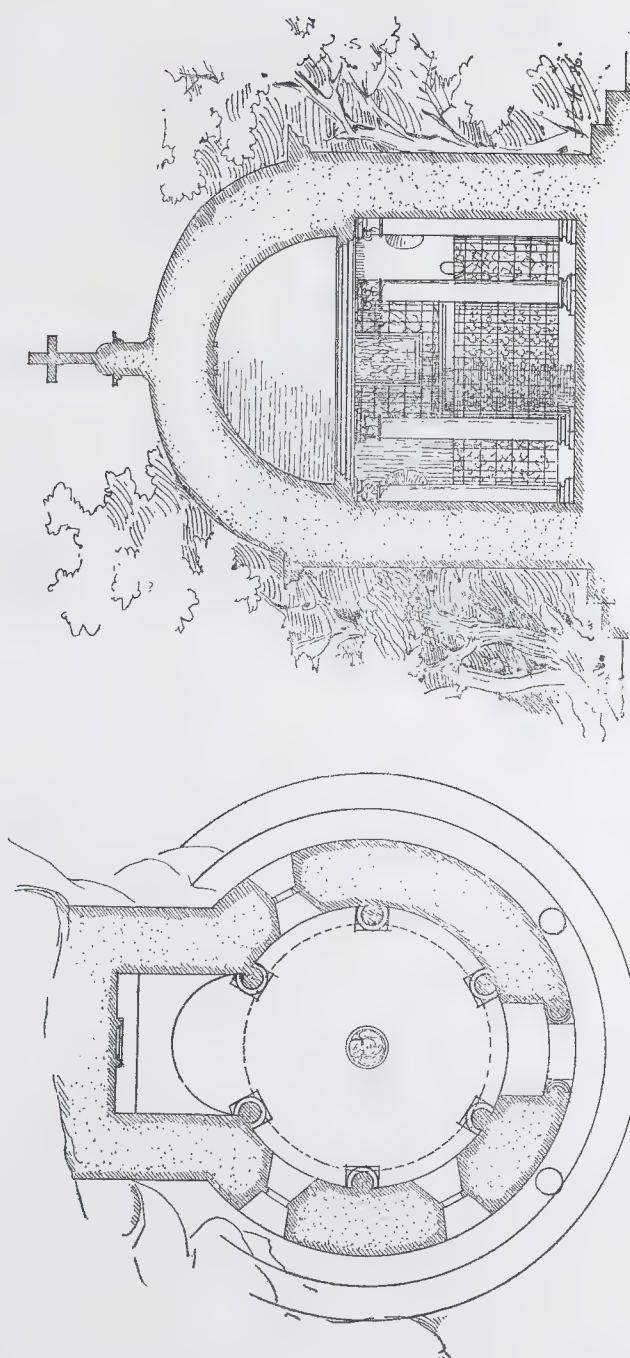
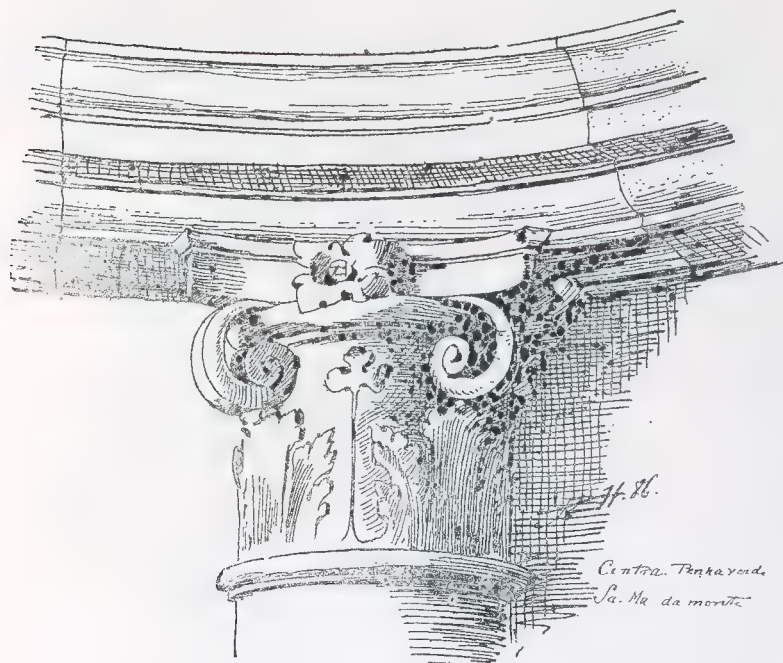
MONUMENTOS

DE CINTRA E DE COLLARES

A Penha Verde—O Castello da Pena—A Penha Longa—Em Collares —As Caldas da Rainha—Egrejas de Torres Vedras.

QUEM segue a estrada que vai a Collares encontra o portão de uma quinta, a Penha Verde, ao lado de um arco que passa sobre a parte mais alta da estrada. E' um dos mais lindos lugares de toda aquella região, e n'ella veiu repousar dos seus memoraveis trabalhos de homem de estado e de militar o grande D. João de Castro, quarto vice-rei da India. E' por assim dizer a modesta quinta de um philosopho de gosto apurado que quizesse gosar alli em paz dos resultados de toda uma vida trabalhosa. Estende-se a quinta pela admiravel encosta da serra, ora descendo, ora subindo. A casa baixa, a qual é talvez do anno de 1535 como todo o annexo, contem apenas simples divisões em parte abobadadas. Uma decoração de bustos antigos, de esplendidas armas da India e outros similhantes objectos de recordação, que ainda hoje alli existem, revela-nos o conhecedor e o amador. Detráz d'esta casa, partindo de um terraço ajardinado e adornado com fontes de repuxo, a quinta sobe em socalcos, occultando no parque grutas e capellas da renascença,

No extremo ponto mais alto, o qual similhante a um promontorio domina rochedos cobertos de matto n'este esplendido lugar, está a capella de Nossa senhora do Monte. Chega-se lá caminhando entre bosques até uma especie de porta, cujos pilares se nos mostram, quando observados de perto, recobertos de inscripções sanskritas, uma ostentação scientifica da primitiva residencia de D. João de Castro na India.

Alguns passos mais adiante e vê-se á esquerda, occulta a meio nos rochedos, a pequena cupula da ermida; em frente, uma ar-

A Penha Verde (Capella)

Capitel da Capella

caria em ruinas ao longo da serra, ao centro sob frondosas arvores um tumulo turco cuja inscripção diz que alli descança o coração de D. João, no sitio que elle amára mais em sua vida. A capella de tão simples apparencia é principalmente no interior de um grande valor artistico. O madeiramento da cupulla semi-espherica, cujo vertice é marcado por uma cabeça de anjo, repousa sobre seis columnas com finos capiteis; entre aquellas e até meia altura levanta-se um revestimento de azulêjos de riquissima pintura. O nicho do altar, fronteiro á entrada, é rectangular e tem por cima da meza do altar um alto relevo encantador em marmore branco sepresentando a Santa Familia, n'uma moldura preta, sustentada por anjos pintados nos azulêjos. A luz entra principalmente pela porta, sustida por duas meias columnas. O todo tem uma graciosidade tão simplesmente apurada que do seu magnifico ambito recahe sobre o visitador uma impressão inolvidavel. [1]

Voltando da capella e subindo á esquerda váe-se entre soberbas arvores

Azulejos de Capella

[1] A inscripção sobre a porta diz:
Joannes Castrensis cum XX annos in durissimis bellis in utraque Mauritania por Christi Religione consumpsisset et in illa clarissima Funet s expugnatione interfuisset atque tandem sinus arabici litora et omnis Indiae oras non modo lustrasset sed literarum etiam monumentis mandavisset et Christi numine salvos domum rediens virgini matri fanum ex voto dedicavit.

Portal da Capella

e terraços de feitios differentes até uma serie de capellas redondas que não possuem, porém, as mesmas formas nem a mesma arte d'esta. São em parte de uma época mais re-

Embrexados na Penha Verde

cente, por que diversas inscripções affirmam o interesse que os descendentes de D. João de Castro sempre tiveram por esta linda propriedade de seu illustre antepassado. Algumas teem grandiosas estatuas de santos em marmore as quaes se destacam bem sobre um fundo curioso. E' este constituido por uma superficie encerrada n'um arco e preenchida por desenhos em mosaico feito pela fixação na argamassa de pequenas pedras e de cacos azues de porcelana chineza e outras louças. [1]

Os jardins teem além d'isto uma maravilhosa vegetação que vem ainda do tempo de D. João de Castro, e a qual foi muito admirada de seus contemporaneos como sendo alguma cousa de verdadeiramente extraordinario.

[1] Este mosaico de louça partida tem o nome de *embrexado*.

Este notavel varão, como tivesse dedicado de graça toda a sua vida ao serviço da sua patria, tinha o caracteristico gosto de fazer substituir as arvores fructiferas e as plantas rendosas de seu jardim por bellas plantas ornamentaes e arvores magnificas, que em parte trouxera das suas viagens, afim de que não podessem dizer que elle pretendia aproveitar-se com lucro da sua propriedade. [1]

No cume mais elevado da serra (de Cintra) ergue-se hoje o magnifico castello do fallecido rei D. Fernando, a Pena, a Wartburg dos portuguezes [2]. A poderosa estructura que se agrupa em volta do antigo conventinho dos Jeronymos, no ponto mais alto do monte, occulta na sua massa as velhas construcções.

O pequeno convento do monte fôra alli fundado em 1503 por D. Manuel e concedido como refugio aos monges de S. Jeronymo de Belem; o rei teve por elle particular predilecção e alli esteve muitas vezes; e com razão. E' um dos lugares mais formosos do mundo; os aspectos dos seus rochedos sobre a serra, do campo esplendido e do mar são sem rivaes. D'esse modesto e velho mosteiro existem ainda na nova construcção a pequena egreja e o gracioso e simples claustro. E' duvidoso, posto que o affirmam, ser a torre da primitiva. Em todo o caso a sua fórma actual tem muito de moderno. A egreja do convento divide-se em trez compartimentos ou vãos rectangulares, dos quaes o ultimo servia de côro aos monges. A entrada, no eixo dos outros dois compartimentos, faz-se por um pequeno portal, ao qual dá accesso um alpendre sustentado por duas ricas columnas. Este portico é corôado por uma pyramide coberta á maneira antiga de azulêjos pretos e brancos; todas as paredes são muito simples, terminadas em ameias de argamassa de uma maneira similhante á que se encontra em Evora. A torre actual apresenta, como se vê na torre de Belem, duas platafórmas corôadas de ameias e um profil pitoresco.

Mosteiro dos Jeronymos da Pena

No interior a egreja tem uma linda abobada recticulada cujas nervuras fórmam grinaldas douradas em parte, e cujos barretes como as paredes, são revestidos de bonitos azulêjos em azul e amarello. Os altares pertencem ao tempo de D. João III, e talvez se deva considerar o revestimento de escaiola de um d'elles, ante o arco principal esquerdo, como um velho trabalho italiano.

Na parede trazeira do segundo comparti-

[1] Vide Andrade, *Vida de D. João de Castro* pag. 10.
[2] Castello celebre perto de Eisenach na Thuringia.

mento, debaixo da abobada mestra, levanta-se o altar-mór em alabastro e marmore preto, uma das mais finas obras da florescente renascença em Portugal. Este altar foi mandado erigir, segundo se deprehende da inscripção, por D. João III no anno de 1532 em commemoração do feliz parto da rainha D. Catharina que lhe déra um filho [1].

O altar é dedicado a Santa Maria e na parte inferior de uma columna tem a inscripção de que foi feito por Nicolau Chatranez no anno de 1532. Toda a obra é repartida por columnas e pilastras, e encimada por uma Santa Familia em corôamento; as restantes superficies encerram entre finas divisões architectonicas uma profusão de altos relevos e de estatuetas representando episodios da historia sagrada.

Altar na Egreja da Pena

A principal divisão inferior é preenchida por um Santo Sepulcro e em volta uma successão de scenas em menores dimensões: nascimento de Christo, a annunciação de Nossa Senhora, a adoração dos reis magos, a adoração dos pastores, etc., todas as figuras d'uma grande graciosidade e de uma grande delicadeza.

Todo o altar é architectonicamente bem dividido e ricamente executado, em parte

[1] Johannes III Emanuelis filius, Ferdinandi nep. Eduardi pronep. Johannis I abnep. Portugal et Alg. rex. affric. æthiop. arabic. persic. Indi. ob felicem partem Catharinæ reginæ conjugis incomparabilis suscepto Emmanuele filio principe aram cum signis pos dedicavitque anno MDXXXII.

Divæ Mariæ virgini et Matri sac.

com uma grande liberdade de tratamento decorativo, como por exemplo nas grinaldas soltas em alabastro sustentadas por anjos isolados e ainda em outras graciosas decorações, de

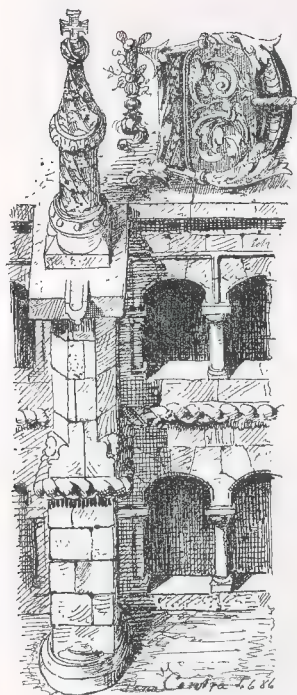
Ornato de columna do altar da Pena

maneira que não se póde fazer d'elle uma discripção bastante clara para dar perfeita idéa. Os detalhes architectonicos, sobretudo o ornamento, são de uma grande perfeição, como em Coimbra sómente d'elle se encontra exemplo. Ao de Coimbra excede em muito aqui a execução, assim como o nome do mestre.

A egreja tinha provavelmente em antigos tempos pinturas sobre vidro do mestre Francisco Henriques por 1510. Esta data marca o acabamento dos trabalhos aqui.

Todo o rez-do-chão do conventinho tem as habituaes abobadas recticuladas. Ao centro da construcção fica o pequeno claustro quadrado. Ha de cada lado d'este, nos dois pavimentos, duas divisões com trez aberturas sobre finos columnelos, e, entre aquellas divisões, arcobotantes com agulhas torças de remate e grossas molduras em fórma de corda.

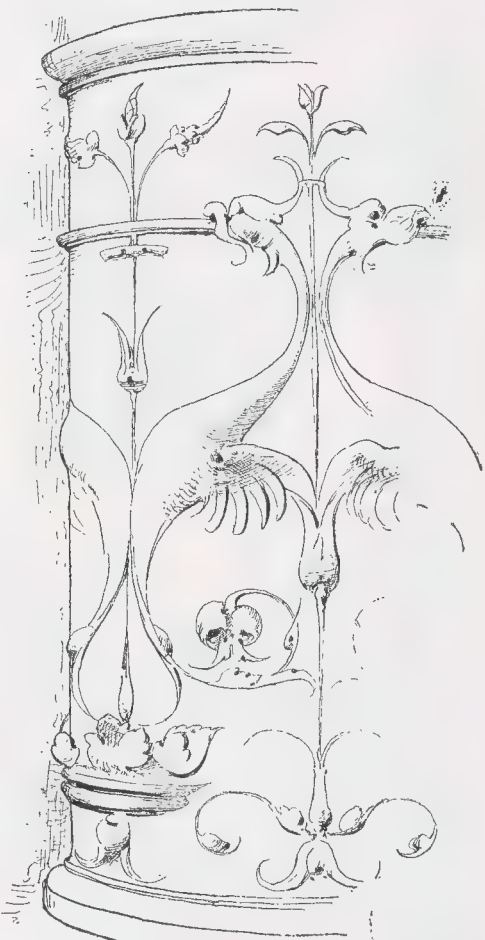
Nos arredores e para o outro lado da serra, n'um valle pitoresco foi construido o mosteiro da Penha Longa, interessante por ser uma elegante construcção da transitoria renascença dos primeiros tempos do reinado de D. João III. Tem a egreja uma só nave cuja parte destinada á capella-mór é corôada por uma cupula e é feita com muita pureza e severidade de fórmas. A nave com uma imponente abobada de tonel repartida em compartimentos e com duas capellas de cada lado fórma um vão grande de bôas proporções que se abre do lado do norte para um portico exterior. A sua architectura indica reconstrucção posterior (seculo XVII?); a torre muito simples deve ser primitiva. Ao lado sul segue o claustro quadrangular com trez alas de dois pavimentos de uma architectura que corresponde á que se encontra em Coimbra pelos annos proximos de 1540, de uma grande delicadeza de fórmas e de uma graciosa distincção no sobrio ornamento. Em volta do claustro agrupam-se as diversas dependencias do convento, a sacristia, o refeitorio, e uma parte agora utilizada como habitação e que antigamente fôra a do abbade. Esta parte, com a sua pequena entrada alpendrada sobre columnas e toda coberta de rica abobada recticulada, deve ser dos ultimos tempos do reinado de D. Manuel.

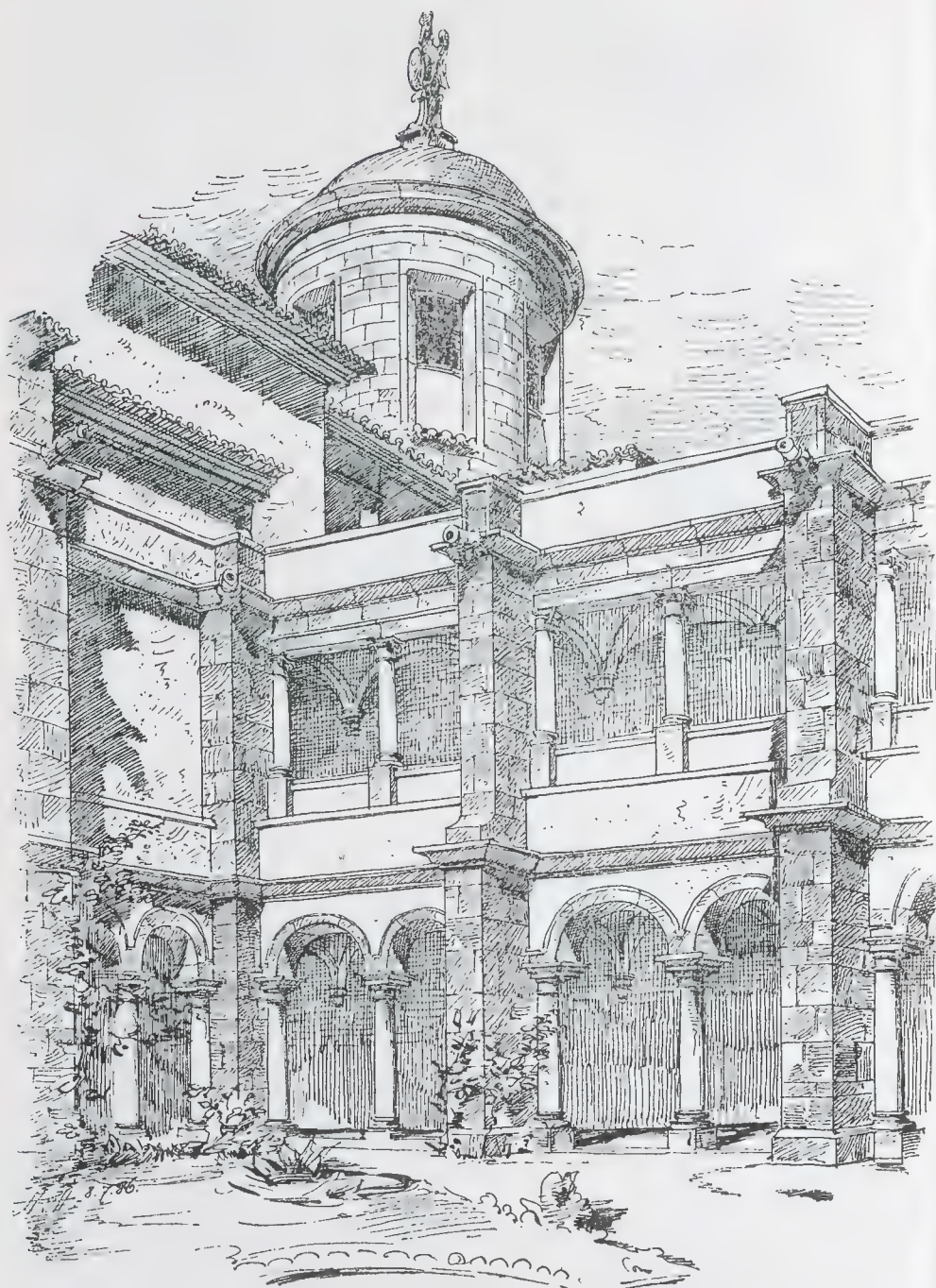
Claustro da Pena

Os jardins contiguos ao edificio encerram tambem ainda hoje toda a especie de cousas primitivas, grutas com azulêjos e similhantes, e mostram um exemplo de regular conservação de ajardinagem de um mosteiro opulento.

A egreja de Collares, villa celebre pelo seu vinho, situada no sopé da serra de Cintra merece menção, posto que seja apenas uma egreja de aldêa de bôa apparencia. E' um edificio comprido com abobada em fórma de tonel com capellas dos dois lados e cuja decoração é de talha ricamente dourada. As pilastras teem bons azulêjos do seculo XVI e as paredes do côro são tambem revestidas de azulêjos em estylo do seculo XVIII. Na praça ha ainda hoje e bem conservado o pelourinho: uma cruz sobre uma esbelta columna dorica, plantada sobre um pedestal de trez degraus.

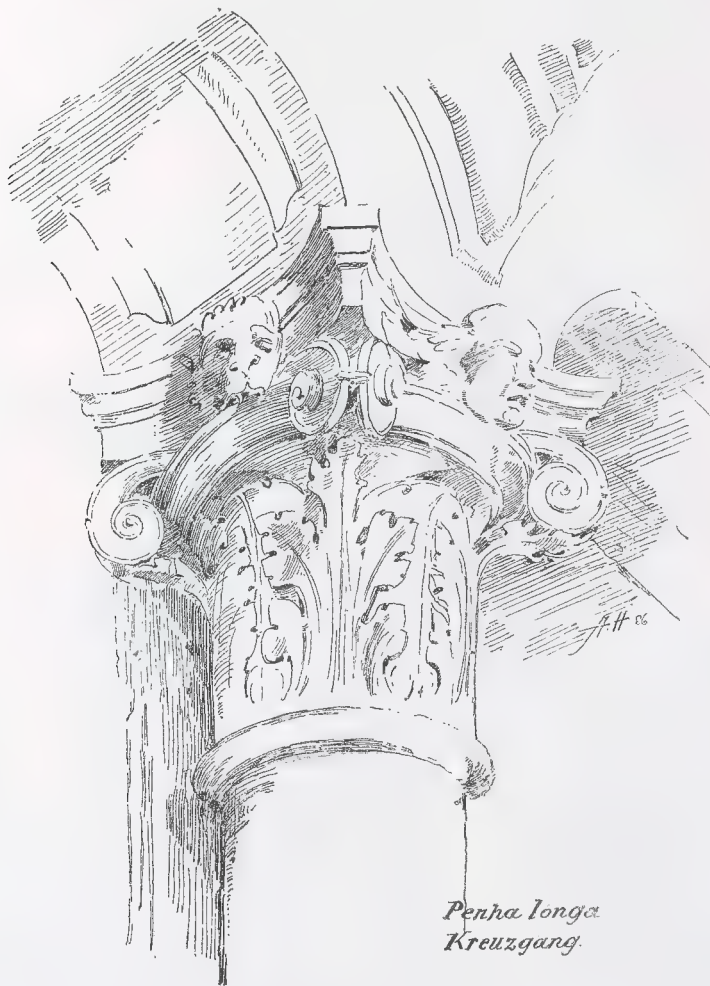
Na direcção do norte a pequena distancia da costa do mar, encontra-se proximo d'aqui a importante instituição do tempo manuelino na villa de Caldas — o estabelecimento dos banhos denominado Caldas da Rainha, do nome de sua fundadora a rainha D. Leonor.

Esta notavel e intelligente senhora fundou alli em 1485 este grande hospital de thermas onde ainda hoje se faculta aos pobres o uso dos banhos e que no tempo de D. João V foi substituido por uma nova construcção.

Da antiga e extensa construcção que parece ter sido acabada pelos annos de 1502, existe ainda hoje a pequena egreja com a sua fina torre; é aquella muito modesta com simples janellas de arco de volta inteira e uma galeria sobre a cornija principal, lindas abobadas no interior; pelo contrario a torre exhibe rico e requintado acabamento no seu campanario, unico exemplo por mim co-

Outro ornato do altar

nhecido de uma torre de egreja isolada n'este estylo. As janellas d'esta são esplendidamente

Claustro da Penha Longa

enmoldutadas e fecham-se em arco trevado e mostram uma execução muito original assim como o principio da arruinada pyramide (vide gravura). Todo este fragmento, como todas as construcções mandadas fazer por D. Leonor, indica que a rainha era zelosa protectora do novo estylo; a egreja da Conceição em Beja, tendo estas mesmas fórmas vivas e pitorescas, póde ser retrotrahida ao tempo de D. Fernando, pae de D. Manuel e de D. Leonor, de maneira que póde dizer-se ter este ramo da familia real uma tendencia consciente e seguida n'aquella orientação architectonica, em contraste com a de D. João II.

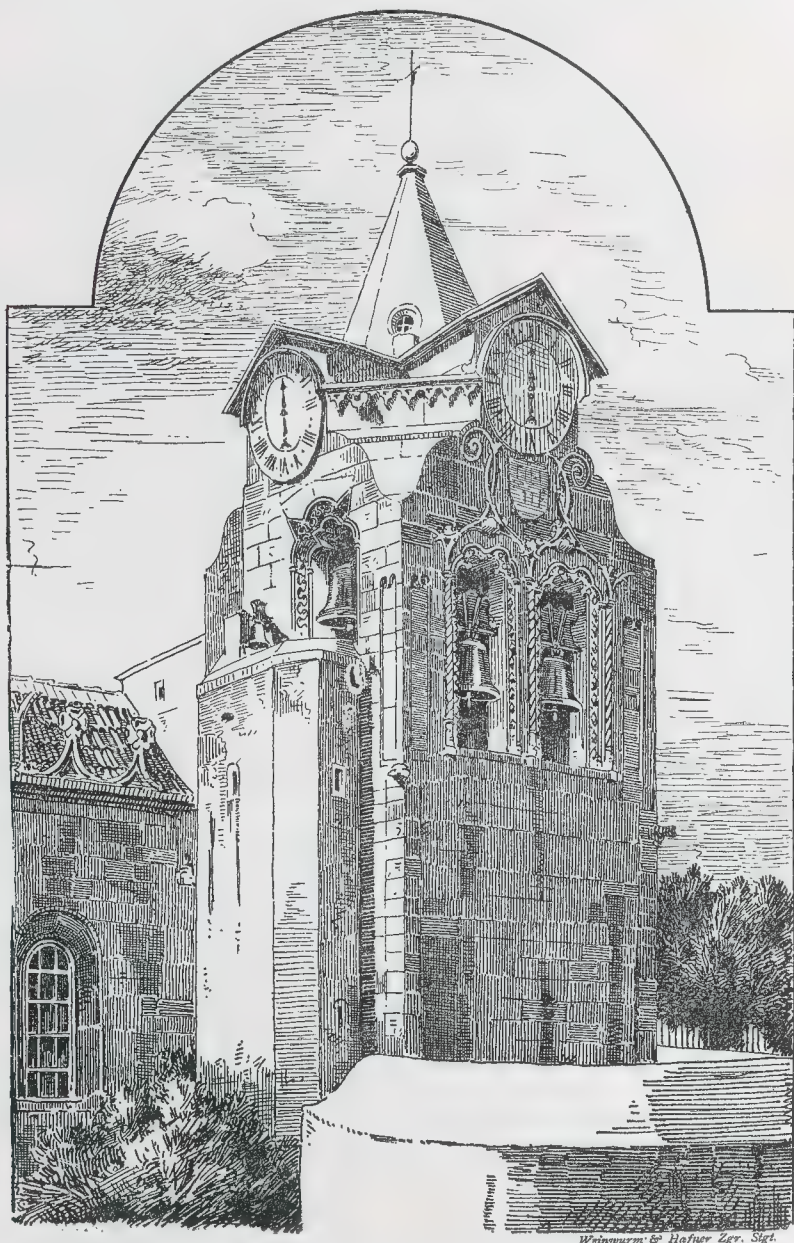
Em Torres Vedras que fica proximo, duas pequenas egrejas indicam o começo do seculo XVI; S. Pedro em especial possue um rico portal ogival de fórmas rudes no gothico dos ultimos tempos; no interior tem absida, e sómente o espaço da nave lateral, bem como o da transversal, possue ricas abobadas reticuladas; de mais é um edificio pouco systematicamente planeado.

Capitel de columna da Penha Longa

O mosteiro de S. Gonçalo é um singelo edificio da época hespanhola com pateo em arcaria um tanto grosseira e egreja de uma só nave abobadada em fórma de tonel cujas capellas em parte encerram altares da boa renascença em obra de madeira em talha dourada da época proxima de 1640; o sarcophago de S. Gonçalo na egreja provem do

principio do seculo XVI e exhibe fórmas pouco finas do estylo gothico manuelino dos ultimos tempos no paiz.

O velho castello mourisco recebeu de D. Manuel uma vistosa construcção no seu portão, corôado de ameias com o desenho dos escudos do rei sobre a porta.

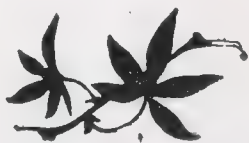
Caminhando das Caldas da Rainha para o norte e pelo leste, encontram-se proximos os mais grandiosos monumentos da archite-

Weinwurm & Hafner Zgr. Stgt.

Torre da Igreja das Caldas da Rainha

ctura de todo o paiz — exceptuando Belem — todos agrupados n'um pequeno trecho de terra: os soberbos pantheons dos primeiros reis em Alcobaça e Coimbra, dos mais modernos na Batalha e mais para sudeste em Thomar a immensa e magnifica

Pelourinho de Collares

residencia da ordem de Christo. A estas obras poderosas, que proveem de uma época mais remota, deu-lhes o tempo de D. Manuel a mais esplendida ornamentação, o encanto phantastico e artistico que as faz ainda hoje tão curiosas e unicas no seu genero

(Continúa)

UMA CABRA E OS SEUS CABRITOS

NARRATIVA JAPONEZA

Houve uma epocha remota, em que os bichos fallavam e andavam vestidos como a gente. Passou. Póde ser que outra venha, em que a gente se ponha a berrar como hoje os brutos e se cubra de pellos como elles; sabios ha mesmo que suppôem ter descoberto prenuncios certos d'esta farça dos seculos vindouros, a qual deve ser mui divertida. Mas isto não vem nada agora para o caso.

Vou contar-lhes a historia de uma cabra d'esses tempos remotos, de nome Yagui-san, que vivia em companhia de oito filhos seus. Escusado seria accrescentar que mãe e filhos muito se queriam mutuamente, coisa vulgar nas cabras, e mais de esperar-se no Japão, aonde as mães japonezas (fallo da especie humana) são as primeiras a dar o exemplo de um affecto entranhado ás creancinhas.

A familia vivia na montanha. De quando em quando a cabra descia á aldeia mais visinha a provêr-se de viveres necessarios para algum tempo.

Um dia pois, em que Yagui-san teve, como de costume, de ausentar-se do seu lar, reuniu a pequenada e a todos fez a recommendação do estylo: — «Vocês fiquem aqui muito quietinhos, não briguem uns com os outros, não abram a porta a nenhum estranho; eu vou á aldeia e volto breve, e não me esquecerei de trazer-lhes confeitos e brinquêdos.» — Os cabritos grunhiram em côro — «Sim, senhora!» — e prometteram ter muito juizo.

Lá vae Yagui-san, cesto no braço, descendo muito lepida pela serra, desejosa de concluir cedo os seus arranjos e regressar a casa. Os pequenos fecharam a porta no ferrolho e para se entreterem começaram jogando a cabra-cega.

Ora, um lobo dos sitios viu sair a matrona e dirigir-se á aldeia. Por fome e maus instinctos, pensou a principio em atirar-se a ella; mas raciocinou depois, e com criterio (faça-se-lhe esta justiça), que, banquete por banquete, mais valia ir abarcar os pequerruchos, que eram muitos e de febras mais tenras do que a mãe.

Assim fez. Eil-o abeirando-se da modesta choupana dos cabritos. Porta fechada; não contava com este contratempo. Por uma fenda da madeira, espreitou para dentro e viu os garotos rindo e folgando, como bons irmãos. Bateu de manso com os nós dos dedos na parede. — «Quem é?» — disse o mais velho dos cabritos — «Não se abre a porta a ninguem, por ordem da maman!» — grita o mais novo. — «Sou eu, murmura o lobo, a vossa tia, que vos traz confeitos e bonitos; abri depressa, meus amores . .» — Um do grupo obtemperou então que a voz da tia era mais doce e harmoniosa do que aquella, o que deu em resultado decidirem não abrir a porta ao visitante.

Corre o lobo a uma pharmacia, e pede um gargarejo que lhe torne a voz mais doce e mais harmoniosa. Usa a droga. Depois volta á casa dos cabritos, espreita e encontra a chusma a jogar ainda a cabra-cega. Bate de manso. — «Quem é?» — diz o mais velho. — «Não se abre a porta a ninguem, por ordem da maman!» — berra o mais novo. — «Sou eu, objecta o lobo, a avósinha, que vos traz bolos e brinquedos; abrí depressa, meus meninos . » — Um do grupo, approximando-se da porta e espreitando para fóra, notou aos companheiros que, tendo a avó os pés alvos como a neve, eram negros como carvão os pés do visitante; o que fez que resolvessem não abrir a porta a quem batia.

Safa-se o lobo a galope, já muito despeitado, e pede ao primeiro pintor com que depara que lhe pinte os pés de branco, por causa de uma brincadeira que projecta. Satisfeito o seu desejo, volve lesto ao poiso dos cabritos, que ainda se entretêem no mesmo jogo. Bate á porta, de leve. — «Quem é?» — diz o mais velho. — «Não se abre a porta a ninguem, por ordem da maman!» — guincha o mais novo. — «Pois sou eu mesma, tontinho! a tua mamansinha, que volta já da aldeia e traz o cesto cheio a transbordar de fructaa, de salada, de bolos e brinquedos! abrí depressa, meus encantos . » — Consideram no caso, consultam-se, espreitam pela fenda; agora não ha duvida; a voz é da maman, doce e harmoniosa, tal e qual como a da tia, e os pés são brancos como os d'ella, que n'isto sae á avó. Abre-se a porta. O lobo entra de um pulo, esfomeado, iracundo, ardendo em odio. Não precisa fallar, — para o caso dispensam-se

discursos —; escancara a enorme bocca e cae sobre os tristes indefesos. O mais novo, por ser tão pequenino, poude esquivar-se ás vistas do carnivoro e esconder-se dentro de uma arca que alli estava, d'onde então presenceou a scena horrivel que descrevo. O monstro enguliu um por um todos os sete irmãos, inteirinhos, sem mesmo tomar o gosto ás tenras carnes; tal era a fome que o alanceava e a raiva de que se achava possuido... Depois, julgando não restar mais coisa em que podesse exercer a sua voracidade insaciavel, lançou um olhar perverso ao aposento, arrotou, lambeu os beiços, fez meia-volta e retirou-se.

Passado pouco tempo, voltou Yagui-san, tendo concluido as suas mercas. Vinha offegante, escorrendo em suor, pela azafama com que andára de um lado ao outro, do vendilhão de alface ao dos bonecos, ao do arroz, ao dos confeitos, e pela ancia com que trepou pela serra arriba, na pressa de chegar.

A porta aberta, o desarranjo interno e o silencio em torno, tudo lhe annunciou uma grande catastrophe consummada. — «Meus filhos, clama a misera, meus filhos onde estão? Ai de mim, e ai d'elles! que por certo abriram a porta por engano, o lobo deu fé d'isso, veio aqui, comeu-m'os, devorou-m'os!...» — As lagrimas corriam-lhe dos olhos, a fio, manifestando a dôr immensa que lhe ia no bestunto. Então o cabrito mais pequeno, unico salvo, entreabriu a tampa da arca e lá de dentro, tremulo ainda de susto e de pezar, contou á mãe como tudo succedera.

A boa Yagui-san escuta attentamente a narrativa. A dôr, a colera, a sede de vingar-se, animam de tons differentes o olhar e o gesto do desolado bruto. Por fim, como se uma idéa genial de subito lhe occorresse e com um rasgo de coragem bem pouco em harmonia com a indole dos animaes da sua especie, — mas de que não serão capazes as mães em transes taes! — gritou ao pequenito — «Acompanha-me! vamos salvar teus manos e conferir o justo premio ao seu algoz! ..»

Seguem os dois. Embrenham-se no matto, alcançam as mais ermas clareiras da floresta, em procura do lobo. Oh! elle além está, estirado, fazendo fôfo leito das folhas seccas do arvoredo caídas pelo chão. Dorme e resona, n'uma doce postura de paz de consciencia e de apetite satisfeito, o canalha! . Convém não accordal-o; pois não será com tal patife, em guerra a descoberto, que a cabra terá probabilidades de victoria. Chega-se pois a elle mui de manso, mui de manso, com pés de lã que avançam sem ruido, contendo a respiração, o arfar do peito. Eil-a ao lado da fera. Depressa, saca de uma tesoira que trouxera, e rasga-lhe a barriga tão delicadamente, que o lobo continúa dormindo e resonando. Eis os filhos, todos sete, sãos e salvos, surdindo do bandulho sem uma só beliscadura e saltando ao pescoço e abraçando-se aos chavelhos da jubilosa mãe. — «Calem-se! absoluto silencio!...» — murmura-lhes a cabra.

Os filhos, tem-n'os ella. E' muito bom, mas ainda não é tudo. Urge agora mandar para os infernos aquelle troca-tintas, já porque a sede de vingança (que é uma virtude no Japão) assim o determina, já porque aconselham todos os codigos da prudencia que a gente — e os brutos porque não? — nos livremos para sempre, se podermos, de repetir encontros com os nossos inimigos.

— «Cada um de vocês, segreda a cabra aos sete filhos, vae agora trazer-me um pedregulho, comprehendem?» — Dito e feito. Yagui-san arruma as sete pedras na barriga do bicho, escancarada; depois começa de juntar de novo a pelle, cosendo-a a leves pontos de fio de seda com que vinha prevenida. Ah! impagaveis mãos das japonezas, mesmo quando seja de cabras que se trate... tanto mimo, tanta arte e quasi se diria — tal carinho — empregou no seu trabalho, como se estivesse cosendo um vestido de setim para um dos filhos, que ao cabo de uns minutos a ferida estava reparada sem que restassem vestigios do rasgão, composto e lisado o pello; e o lobo — comprazendo-se com os afagos d'aquelles dedos, parecia! — mais regaladamente continuava dormindo e resonando...

Bem. Agora é safar ligeiro para longe e escolher poiso entre a maranha dos arbustos, ao abrigo das vistas do patife, que ha-de accordar, quando se fartar de dormir tanto.

E accordou, passadas umas horas. Ergueu-se, espreguiçou-se, esfregou os olhos com as mãos, deu alguns passos ao acaso, mal seguros. Sem duvida, sentia-se pesado. — «Difficil digestão, exclama; eram mais duros do que eu julgava, os cabritinhos ..» — A agua corre-lhe proxima, n'uma profunda ribeira que serpea na montanha. Devora-o a sede; acerca-se, inclina o corpo sobre as mãos, para beber. Então, por um phenomeno de facil comprehensão, mesmo para os pouco versados nas leis da gravidade, as pedras rolam-lhe nas entranhas para a frente, o corpo perde o equilibrio, o lobo cae na agua e logo vae para o fundo... logo? não

tão rapidamente que não lhe chegassem ás orelhas as gargalhadas da cabra e dos cabritos, que vinham em rebanho, a mãe e os oito filhos, abeirar-se da ribeira e assistir aos ultimos esgares e ao turvo arregalar dos olhos de sua excellencia o lobo...

Kobe, outubro de 1902.

Wenceslau de Moraes.

VELHA HISTORIA

A todo o galope

Pilhados!

No momento da fuga

O primeiro descanço

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

Acontecimentos politicos e sociaes

Dezembro **17** de 1903 — *Hespanha* — No senado em Madrid o sr. Montero Rios diz sentir grande satisfação pelo bizarro acolhimento feito em Portugal a Affonso XIII, e prevê a alliança de Hespanha com Portugal, preconisada pelo partido democratico. Em seguida propõe que se envie á nação portugueza um publico testemunho de gratidão. A proposta de Montero Rios foi approvada por unanimidade. — *Grecia* — O sr. Theotokis acceita o encargo de formar novo gabinete pela demissão do sr. Rhallis. — *Japão* — Dizem de Tokio que a resposta da Russia ao Japão foi examinada pelo conselho de ministros, parecendo que as propostas russas não foram consideradas acceitaveis.

19 *França* — Em Lyon os operarios preparadores e tintureiros votam a continuação da gréve por grande maioria.

20 *Hespanha* — Em Valencia fecham-se os estabelecimentos para protestar contra os aggravamentos das contribuições.

22 *Inglaterra* — Em Londres as companhias de seguros estão já segurando navios contra os riscos de guerra. — *Hespanha* — Diz-se que Alexandre Pydal voltará novamente á politica activa em virtude de indicações d'altas influencias. — *Argentina* — Estão completamente paralysadas as operações no porto de Buenos Ayres em consequencia da gréve. — *Santiago do Chile* — Dá a sua demissão o gabinete chileno.

24 *França* — A commissão da revisão pronuncia-se unanimemente pela reeèptibilidade do requerimento do ex-capitão Dreyfus para a revisão do seu processo em Paris.

25 *França* — O sr. Delcassé, ministro dos negocios estrangeiros e o conde Tormelli, embaixador da Italia, assignam uma convenção de arbitragem, cujos termos são absolutamente identicos á convenção franco-ingleza assignada em 14 de outubro ultimo.

26 *Hespanha* — Salmeron está disposto a entrar n'uma activa propaganda republicana, realizando para esse fim varios «meetings». — *Brazil* — O numeroso pessoal da marinha mercante no Rio de Janeiro constitue-se em grève por causa dos cidadãos ultimamente naturalizados brazileiros serem excluidos da recente lei do sorteio para o serviço da marinha de guerra.

29 — *Hespanha* — Pablo Iglezias chefe do partido socialista vae retirar se á vida privada, afim de restabelecer a sua saude — *Somalilandia* — De Hoewit annunciam que os somalis inflingiram um pequeno revés a uma columna militar ingleza.

Janeiro **2** de 1904 — *Inglaterra* — «O Daily Telegraph e o «Daily Graphic», publicam informações assegurando que as ultimas noticias do Extremo Oriente dão como inevitavel o rompimento da Russia com o Japão.

3 — *Uruguay* — É declarado o estado de sitio em toda a republica.

5 — *Brazil* — A colonia portugueza do Ceará reclama do ministro portuguez, conselheiro Camillo Lampreia, providencias contra o assassinato do nosso compatriota Marques Dias.

6 — *Marrocos* — O governo marroquino paga os juros em atraso de todos os emprestimos.

9 — *China* — O principe Tching informa o ministro do Japão em Pekim de que a China conservará a neutralidade no caso de se declarar a guerra russo-japoneza.

10 — *Hespanha* — A grève dos trabalhadores maritimos estende-se a Huelva Villagarcia a Bilbao e Gigon — Celebram-se dez comicios em Madrid contra o bispo de Nozaleda sendo presos varios oradores.

11 — *Santiago do Chile* — Resolve-se a crise ministerial.

12 — *França* — A camara dos deputados elege para seu presidente o sr. Brisson republicano radical e candidato da maioria, por 257 votos contra 219 dados ao sr. Bertrand, republicano.

14 — *Italia* — Granito Belmonte é nomeado nuncio em Vienna, e Caputo para egual missão em Munich.

15 — *Hespanha* — Ha um levantamento em Valencia contra os impostos de consumo.

19 — *Inglaterra* — O sr. Chamberlain vae a Guild Hall, onde tem um acolhimento enthusiastico. Pronuncia um discurso em que explana o seu programma aduaneiro. Diz que se não forem adoptadas as reformas que elle propõe, a Inglaterra participará da sorte de Veneza, e da Hollanda, cuja prosperidade está extincta.

20 — *Allemanha* — O «Reichstag» approva sem debate os creditos supplementares pedidos pelo governo para reprimir a rebelião na Damaraland.

22 — *França* — Em Paris na praça da Concordia dá-se uma manifestação aos gritos de viva a Alsacia. A policia evacua a praça e effectua umas sessenta prisões.

26 — *Hespanha* — No senado o sr. Navarro Lenester combate energicamente o tratado de commercio entre a Hespanha e a Noruega.

29 — *França* — O senado approva as convenções assignadas em Haya entre a França e varias potencias para regularização dos conflictos de leis e jurisdição no tocante a tutella de menores, casamento e divorcio com separação de bens.

30 — *Hespanha* — No senado Montero de los Rios pede a lista das reclamações feitas por hespanhoes depois da perda das Philipinas, e que se relacionem com o tratado feito em Paris, segundo o qual o governo americano se obriga a recommendar a Cuba o cumprimento dos compromissos.

Fevereiro 1 — *Montevideu* — Um bando de 1:500 homens pertencentes ao partido governamental soffre um revez em San Ramon.

2 — *Hespanha* — O «Heraldo» publica varios documentos officiaes relativos á defeza de Manilla. Um d'elles prova que Nozaleda presidiu á junta de defeza de Cuba. — *Grecia* — O sr. Theotokis, presidente do conselho e ministro do reino, apresenta na camara dos deputados o programma da reorganisação do exercito. — *Inglaterra* — Abre o parlamento com a assistencia do rei Eduardo VII. No discurso da corôa mostra-se grande satisfação por se ter concluido com a França a convenção de arbitragem.

3 — *Servia* — Em Belgrado o ministerio servio dá a sua demissão collectiva.

4 — *Japão* — O governo japonez é informado de que todos os navios de guerra russos surtos em Porto Arthur, menos um que está em concerto, partiram com destino desconhecido, e que as tropas russas se dirigem para o Ialú.

7 — *Japão* — Aguarda-se a todo o momento a declaração de guerra. A legação russa prepara-se para partir de Tokio.

8 *Japão* — O governo japonez declara officialmente que toma a decisão do rompimento das relações por causa da demora da resposta russa, e affirma não a ter recebido.

9 *Japão* — A esquadra japoneza composta de 15 couraçados, bombardea Porto Arthur. *Servia* — Granitch Rerco constitue gabinete.

10 *Hespanha* — A autoridade suspende em Madrid o «meeting» da União Escolar Republicana, sendo preso um dos oradores. — *Estados Unidos* — O governo americano decide enviar os cruzadores da esquadra das Philippinas ás aguas chinezas para seguirem as operações. — *Russia* — O almirante Alexeieff é nomeado commandante de todas as forças de terra e mar no Extremo Oriente. — *Inglaterra* — O rei Eduardo assigna a declaração da neutralidade da Gran Bretanha.

13 *Allemanha* — O «Monitor do imperio» annuncia a proclamação da neutralidade da Allemanha. — *China* — O governo chinez proclama a neutralidade da China.

14 *França* — O governo francez adhere á nota dos Estados Unidos sobre a integridade e entidade administrativa da China. — O jornal official publica a declaração da neutralidade da França no conflicto russo-japonez.

15 *Hespanha* — O governo põe á disposição do deputado Nocedal, os documentos referentes aos processos instruidos, relativos á perda das colonias.

18 *Portugal* — Pela presidencia do conselho de ministros é levada á assignatura regia, depois de ouvido o conselho de Estado, o decreto pelo qual Portugal manterá a mais estricta e absoluta neutralidade a respeito das potencias belligerantes no Extremo Oriente. — *Japão* — Os japonezes no combate do dia 14 em Porto Arthur metteram a pique 2 navios russos.

19 *Portugal* — Realizam-se comicios como protesto ás propostas de fazenda.

21 *Hespanha* — Marcham de Madrid e de Barcelona mais tropas para os Baleares. — *Brazil* — E' sanccionado no Rio de Janeiro o tratado do Acre com a Bolivia.

23 *Hespanha* — O sr. Salmeron, rodeado por todos os deputados republicanos abandona a sala das sessões do Congresso em Madrid e assim sahe do edificio sendo acclamado por enorme multidão que o applaude. — *Russia* — A nota da Russia ás potencias accusa o Japão de ter violado o direito das gentes em Porto Arthur. — *França* — O grupo da direita e o grupo da União Republicana affirmam por unanimidade a sua fidelidade e sympathia para com a Russia e votam 500:000 francos para os feridos russos.

24 *Japão* — A subscripção aberta para o emprestimo destinado ás despezas da guerra foi coberta com grande enthusiasmo; a população ainda a mais pobre concorreu com o seu obulo para o emprestimo — *Russia* — O Mensageiro do Governo publica o «ukase» que nomeia o almirante Makaroff commandante da esquadra do Pacifico.

26 *Estados Unidos* — O presidente Roosevelt assigna uma proclamação que torna o tratado do canal de Panamá executavel. — *França* — O sr. Delcassé, ministro dos negocios estrangeiros, assigna com o embaixador da Hespanha, uma convenção de arbitragem analoga á celebrada com a Inglaterra e a Italia.

28 *Japão* — O almirante Togo continúa a bombardear Porto Arthur. — *Colombia* — E' eleito o general Reyes para presidente.

29 *Portugal* — Fundêa no Tejo a esquadra ingleza do Canal, sob o commando do vice-almirante Carlos Beresford.

Março 1 — *Portugal* — E' recebido em primeira audiencia por sua majestade el-rei D. Carlos I no paço d'Ajuda monsenhor Guiseppe Macchi, arcebispo de Thessalonica, novo nuncio de sua santidade em Lisboa.

3 *Egypto* — O conselho de ministros do Egypto decide que nenhum navio belligerante será autorizado a escoltar presos no canal de Suez nem nas aguas egypcias.

6 *Hespanha* — As forças militares que guarnecem Vigo recebem ordem para se mobilisarem na fronteira portugueza

9 *Portugal* — Dá-se uma revolta do gentio da Guiné. O governador envia de Bissau um telegramma noticiando que sahirá de Cacheu depois de completamente batido o Churo.

12 *Japão* — Os preparativos militares proseguem methodicamente. A esquadra japoneza tenta conseguir de novo obstruir o canal da enseada de Porto Arthur.

14 — *Portugal* — Realiza-se em Lisboa a manifestação do commercio de Lisboa, Porto e outras terras do paiz contra as propostas de fazenda — *Bulgaria* — O governo bulgaro denuncia todos os tratados de commercio.

15 — *Hespanha* — Fundea no porto de Vigo o «Koenig Albert», escoltado pelo couraçado allemão «Friedrich-Karl» e trazendo a bordo o imperador Guilherme. Duas horas depois chega o rei Affonso XIII tendo uma entrevista com o imperador a bordo. A tarde do mesmo dia o imperador Guilherme parte para Gibraltar, nomeando antes de partir Affonso XIII almirante da esquadra allemã, e concedendo as gran-cruzes da «Aguia Negra» aos commandantes dos navios de guerra hespanhoes «Pelayo», «Giralda», Vasco Nunez», e «Balboa».

19 — *Russia* — O estado maior general calcula em mais de 550:000 homens, comprehendida a cavallaria, que até 25 de maio estarão concentrados na Mandchuria. Só em agosto poderá dar-se uma batalha decisiva.

21 — *Italia* — Na sua encyclica «Jucunda sane» por occasião do centenario de S. Gregorio, o papa exprime a resolução de defender, a todo o transe, os direitos do papado e diz: «Estamos n'uma época de negação universal, que é o resultado da sciencia mal applicada, revelando as consequencias moraes d'esta incredulidade.»

24 — *Japão* — No combate naval que se seguiu ao bombardeamento de Porto Arthur, foi mettido a pique um couraçado russo — *Hespanha* — O senado approva o projecto supprimindo o imposto sobre o carvão mineral. — *Italia* — O imperador Guilherme chega a Napoles.

25 — *Italia* — O embaixador da França entrega a Merry del Val, secretario de Estado do Vaticano, conforme as instrucções do sr. Combes, presidente do conselho, e Delcassé, ministro dos negocios estrangeiros, um energico protesto contra os ataques dirigidos pelo Papa ao governo francez na sua recente allocução aos cardeaes.

26 *Italia* — Chega a Napoles o rei Victor Manuel que vae visitar o imperador Guilherme. — *Russia.* — Os russos começam a transpor o rio Ia-Lu.

27 *Hespanha* — Em Junrilla, Murcia, da-se um importante levantamento popular contra o arrendamento dos impostos. — *Russia* — Resolve-se formar um exercito de reserva com as tropas mobilisadas no centro da Russia europea. O seu effectivo será de 200:000 homens, que partirão para o Extremo Oriente no principio de maio. — *França* — A camara dos deputados approva por 316 votos contra 269 a generalidade do projecto de lei que supprime o ensino congregacionista.

29 *Japão* — Em Tokio o ministro da marinha lê á camara dos representantes o relatorio do almirante Togo sobre o sexto ataque a Porto Arthur. A camara vota uma moção de incitamento ao governo e obriga se a não lhe recusar nenhum meio de defesa para a continuação da guerra.

30 *Dinamarca* — Chegam a Copenhague o rei Eduardo e a rainha Alexandra de Inglaterra.

31 *Macedonia* — São enviados trez batalhões turcos a Hedjas, onde os beduinos massacraram perto de mil peregrinos.

5 *Hespanha* — O rei Affonso XIII assigna o decreto, promulgando a lei das responsabilidades dos funccionarios civis. — *França* — O sr. Delcassé, ministro dos negocios estrangeiros assigna com o ministro plenipotenciario dos Paizes Baixos uma convenção de arbitragem analoga as que assignou com a Inglaterra, Italia e Hespanha. — *Chile* — O ministerio chileno dá a sua demissão collectiva.

9 *Turquia* — E' assignado o accordo turco-bulgaro.

12 *Portugal* — A columna expedicionaria ao Binde e Bailundo na Africa, sustenta renhido combate em 31 de março, durante 2 horas e trez quartos terminando por um assalto á bayoneta, e obtendo victoria decisiva sobre o gentio, que offerece grande resistencia. — *Hespanha* — Ao sahir do palacio da deputação provincial em Barcelona, o sr. Maura, presidente do conselho de ministros é ferido com uma punhalada, que felizmente não é mortal.

13 *Russia* — Tendo a esquadra japoneza apparecido em frente de Porto Arthur a esquadra russa commandada pelo almirante Makaroff sahe a perseguil-a, travando se combate. A esquadra russa retira para o porto. Afunde se o couraçado «Petropavlovsk» por explosão de tropedo, morrendo o almirante Makaroff. — *India Ingleza* — A missão ingleza de Tibet que marchava sobre Giangtse, derrota 2:000 tibetanos.

15 *Japão* — Quatorze navios de guerra japonezes bombardeiam Porto Arthur.

24 *França* — O presidente Loubet chega a Roma, sendo recebido com a maior effusão pelo rei Victor Manuel e acclamado com grande enthusiasmo, por enorme multidão.

26 *Brazil* — A imprensa brazileira é unanime em criticar o decreto reduzindo os direitos aduaneiros em favor dos Estados Unidos.

28 *Italia* — O rei Victor Manuel respondendo ao brinde do presidente Loubet, diz que a Italia e a França harmonizando os seus inte-

resses no Mediterraneo, contribuem efficazmente para a paz da Europa. — *Allemanha* — Chega a Carlsruhe o imperador Guilherme.

Maio 1 — Regressa a Paris da sua viagem á Italia o presidente Loubet.

2 *Turquia* — A Sublime Porta queixa-se aos gabinetes de Londres e Paris de não ter sido consultada para o convenio anglo-francez a respeito do Egypto.

3 *Russia* — O almirante Alexeieff telegrapha confirmando officialmente o insuccesso da nova tentativa dos japonezes para obstruir o canal de Porto Arthur.

4 *Japão* — O general Kuroki toma na batalha do Ialú, contra os russos, vinte e oito pequenos canhões de tiro rapido e vinte peças de campanha.

5 *Venezuela* — O congresso venezuelano erigido em constituinte, confere ao general Castro com o titulo de presidente provisorio o poder de dictadura absoluta por um anno.

6 *França* — O sr. Delcassé, ministro dos negocios estrangeiros, encarrega o sr. Nisard, embaixador da republica franceza junto da Santa Sé, de notificar ao cardeal Merry del Val, secretario de Estado do Vaticano, que a França considera nullo e não recebido o protesto pontificio contra a viagem do presidente Loubet a Roma.

8 *Japão* — O general Kouropatkine confirma a noticia da occupação de Feng-Hoang-Cheng pelos japonezes.

11 *Japão* — O governo decide levantar um novo emprestimo de 5 % no paiz, na importancia de dez milhões de libras sterlinas reembolsaveis em cinco annos, ao preço de 95 %.

12 *Peru* — Rebenta uma gréve em Callao entre os operarios e empregados da navegação, dos ministerios e dos caminhos de ferro.

14 *Japão* — A terceira esquadra japoneza bombardêa as fortificações de Danly e depois desembarcam as tropas.

15 *Hespanha* — Regressa a Madrid o rei Affonso XIII, tendo uma enthusiastica recepção. — *Perú* — E' acceita a demissão do gabinete peruano. Forma o novo gabinete o dr. Elmore.

19 *Japão* — O cruzador «Kasagui» abalrôa com o cruzador «Yochino», indo este ultimo a pique em poucos minutos, salvando-se apenas 90 homens da sua tripulação; no mesmo dia o couraçado «Hatsuse» bate contra uma mina explosiva russa, e afunda-se, conseguindo os barcos torpedeiros salvar 300 homens. — *Marrocos* — Quatrocentos salteadores, capitaneados pelo celebre Raisouli, aprisionam dois americanos, Perdicario e Varley, com o fim de haverem d'elles um forte resgate.

21 *Hespanha* — Inaugura-se em Madrid o congresso naval sob a presidencia do rei Affonso XIII. — *Italia* — Dá se uma entrevista em Roma entre Nizard e Merry del Val, pedindo explicações relativas ao protesto do Papa.

22 *Portugal* — Realiza-se em Lisboa, na sala «Portugal» da Sociedade de Geographia a inauguração do Congresso Maritimo Internacional com a assistencia de suas magestades el-rei D. Carlos I, e D. Amelia e sua magestade a rainha D. Maria Pia, comparecendo tòdos os delegados estrangeiros e innumeras pessoas da nossa sociedade, inaugurando-se em seguida a Exposição Oceanographica d'El-Rei.

26 *Japão* — Os japonezes expulsam os russos de Nan Kia-Ling e tomam de assalto Kin-Cheo depois de encarniçado combate.

27 *França* — O sr Combes, presidente do conselho, diz na camara dos deputados em Paris que, «a retirada do sr. Nisard da embaixada junto do Vaticano significa que queremos acabar com os protestos da Santa Sé, a respeito do poder temporal» e pede á camara que addie para janeiro toda e qualquer moção relativa á separação da Egreja e do Estado.

30 *Brazil* — O sr. barão de Rio Branco prohibe o transporte pelo rio Amazonas de armas e munições destinadas ao Perú.

31 *Portugal* — E' assignado em Lisboa, entre o ministro dos negocios estrangeiros, sr. Wenceslau de Lima e o representante de Hespanha n'esta côrte o sr. Luis Polo de Bernabé o tratado de arbitragem. Pelo convenio agora celebrado, Portugal e Hespanha compromettem-se a submetter as questões, que a diplomacia não resolva pelas vias ordinarias, a uma commissão nomeada pelo dois governos. E, só quando esta commissão não puder vir a accordo sobre a solução do conflicto, é que elegerá, de entre os membros do tribunal da Haya, um arbitro de desempate.

Junho 1 — *Portugal* — Chega a Lisboa a primeira divisão da esquadra americana do commando do contra-almirante Alberto S. Barker.

2 *Hespanha* — No conselho de ministros é approvada a proposta do governo portuguez para a constituição de uma commissão de limites do Guadiana, tornando-a extensiva a todas as questões referentes ao uso do dito rio. — *França* — Na camara dos deputados termina a discussão geral do projecto de lei que estabelece o serviço militar de dois annos.

6 *Japão* — O exercito japonez avança ao longo da costa para Porto Arthur.

8 *Tanger* — E' lida na mesquita uma ordem do sultão destituindo o pachá de Tanger. E' a primeira satisfação dada na questão do Raisouli. — *Hespanha* — O duque de Almodovar, ex-ministro dos negocios estrangeiros, explica no congresso o estado das negociações do governo liberal para manter se o «statu quo» em Marrocos.

10 *Hespanha* — Dá entrada no Carcere Modelo o ex-presidente da deputação de Madrid Francisco Romero, por ter deixado extraviar o expediente sobre as eleições municipaes em Carabanchel.

12 *Perú* — A assembléa peruana proclama o sr. Fardo candidato á presidencia da republica. — *Argentina* — São eleitos presidente da republica o sr. Quintana e vice-presidente o sr. Alcosta.

13 *Argentina* — Rebenta uma revolução na provincia de S. Luis, achando-se prisioneiro o governador.

14 *França* — As secções da camara dos deputados nomeiam uma commissão de inque-

rito composta de 33 membros para averiguar o caso do milhao de francos offerecido pelos frades cartuxos afim de evitarem a expulsão

15 *Russia* — Zukaroff, filho do director da Universidade de Moscow, presentêa o seu paiz com 8 torpedeiro, cujo valor total é de 22 milhões de francos

16 *Japão* — Os japonezes derrotaram 7:000 russos perto de Fu-Cheu, tomando-lhe muitas peças de artilharia e munições.

17 *Hespanha* — Co reça em Barcelona a gréve dos operarios da viação. O grupo grévista intenta fazer parar as carreiras, a policia não deixa porém levar a effeito o seu intento.

18 — *Portugal* — Parte de Lisboa para Angola um troço de soldados do exercito da metropole que vae reforçar a guarnição d'aquella nossa provincia ultramarina e tomar parte na campanha que brevemente se vae encetar contra os «cunhamas», povos que se revoltaram contra a nossa soberania — *Servia* — O rei Pedro I da Servia tem na estação do caminho de ferro uma conferencia com o principe Fernando I da Bulgaria que passa incognito por ali.

19 — *Hespanha* — Uma commissão de representantes dos mais importantes jornaes visita o sr. Moret, presidente das reformas sociaes, pedindo lhe o seu apoio contra a approvação do projecto do regulamento do repouso dominical — *Japão* — O general Sachelburg retira para o norte depois de ter perdido cerca de 3:000 homens.

20 — *Hespanha* — O rei Affonso assigna o convenio com o Vaticano relativo á situação futura das ordens monasticas.

22 — *Russia* — As recentes desordens da Finlandia, os tumultos da Polonia e a agitação de alguns districtos do Caucaso, reunidos aos desastres da campanha contra os japonezes preoccupam fundamente a opinião em Petersburgo.

22 — *Hespanha* — Iniciam-se as grèves em varios pontos da provincia de Castella

23 — *Belgica* — É assignado em Bruxellas o novo tratado de commercio com a Allemanha — *Japão* — Os japonezes occupam a villa de San-Yu-Chan.

24 — *Inglaterra* — O rei Eduardo parte para Kiel — *Estados Unidos* — O presidente Roosevelt acceita a demissão pedida pelo sr. Cortelyon de ministro do commercio e industria — *Chicago* — A convenção republicana designa por unanimidade Roosevelt candidato á nova presidencia da republica. — *Uruguay* — O coronel Galirza derrota os insurrectos em Cerro Largo.

26 — *Allemanha* — Em consequencia do accordo anglo-allemão a respeito dos interesses allemães no Egypto, a Allemanha approva o projecto khedival relativo ás finanças egypcias.

30 — *Haiti* — O presidente da republica do Haiti dá satisfações publicas ao ministro plenipotenciario da França — *Japão* — A esquadra japoneza bombardêa o littoral e a bahia ao sul de Dalny, e desembarca um corpo de exercito, o qual vae em seguida atacar as collinas occupadas pelos russos. Os japonezes conseguem occupar Guin-San.

6 — *Japão* — Os japonezes repelliram os russos ao norte de Sae matse — *Colombia* — É eleito presidente da republica de Colombia o general Reyes.

8 — *França* — A lei que supprime o ensino congregacionista será immediatamente posta em execução nas communas onde as escolas leigas podem desde já substituir as escolas catholicas. — *Brazil* — Está acordado um «modus vivendi» entre o Brazil e o Perú — *Estados Unidos* — A convenção democratica escolhe o juiz Parker candida o á presidencia da Republica

10 — *Marrocos* — O bey de Tunis parte em viagem á França.

10 — *Russia* — Os russos evacuam Hai-Chan devido á pressão dos japonezes e retiram-se para o norte.

11 — *Hespanha* — No congresso em Madrid é approvada a ractificação do tratado da Hespanha com a Grecia. — *Mexico* — O general Profirio Dias é reeleito presidente da republica. — *Inglaterra* — A convenção de arbitragem anglo allemã, analoga as convenções já celebradas, é assignada em Londres.

17 *Russia* — O general Andrew vice-governador de Elisabethpol, é morto á traição em Adjihent.

18 *Russia* — Trava-se um grande combate na região de Iauzelin entre uma columna do general conde de Keller e os japonezes, vendo-se os russos obrigados a retirar. — *Inglaterra* — O embaixador da Gran-Bretanha dirige á Russia um energico protesto contra o aprisionamento do «Malacca», cujas munições pertencem á Inglaterra e são destinadas á esquadra ingleza nos mares da China.

24 *Japão* — Os japonezes alcançam uma nova victoria em Taksonitung.

25 *Inglaterra* — O sr. Arthur Balfour, primeiro ministro, respondendo a diversas perguntas na camara dos Communs, diz que a convenção do canal de Suez estipula expressamente que os navios de guerra teem o direito de passar pelo canal. Toda a liberdade do canal está sob a fiscalisação internacional e nenhuma potencia tem o direito de dizer individualmente ao governo egypcio que procedimento deve seguir.

28 *Allemanha* — Os srs. Bulow e Whitte assignam o tratado de commercio russo allemão. — *Russia* — O ministro Plehwe é assassinado perto da estação chamada Varsovia, tendo-lhe um individuo arremessado uma bomba explosiva.

Agosto **1** — *Russia* — O general Keller é morto na guerra por uma granada.

5 *Brazil* — O governo brazileiro compra em hasta publica a empreza dos caminhos de ferro de Sorocabana que serve uma importantissima região productora de café.

6 *Estados Unidos* — Tendo os patrões de diversas industrias de construcção despedido 17:000 operarios em consequencia de desaccordo, os respectivos syndicatos e outras corporações de construcção proclamam por soli-

dariedade a gréve, suspendendo o trabalho 50:000 operarios.

7 *Hespanha* — Em varias provincias realizam-se comicios socialistas em defeza da liberdade.

13 *Inglaterra* — A camara dos lords approva por unanimidade, em segunda leitura, a convenção anglo-franceza. — *Russia* — O contra-almirante Withoeft, chefe de estado maior da esquadra, é morto a bordo do «Cesarewitch» por uma bala de artilharia durante o combate.

15 *Russia* — Um manifesto do tzar proclama assim a ordem da successão ao throno: 1.º no caso do fallecimento do soberano antes da maioridade do principe herdeiro o chefe do Estado será o gran-duque Miguel Alexandrowitch: 2.º n'este caso a tutella do tzarewitch será confiada á tzarina Alexandra Feodorowna.

18 *Japão* — A legação do Japão annuncia que o general russo Stoessel rejeita as propostas do Japão concernentes á sahida dos individuos não combatentes e á rendição de Porto Arthur.

19 *Hollanda* — Depois da refutação das idéas do sr. Jaurés, feita pelo sr. Bebel, o congresso socialista approva a moção do socialista italiano Ferri a favor da unidade do partido rejeitando a moção do sr. Vandevelde e vota a resolução de Dresde.

20 *Russia* — E' publicado um «ukase» que ordena a convocação dos officiaes da reserva de todas as partes do imperio e tambem dos reservistas de 71 districtos de diversos governos. — *Japão* — Os japonezes occupam An-Chan-Chuang. Os russos retiram para Mukden.

23 *França* — Começa a gréve geral no porto de Marselha.

26 *Japão* — Os japonezes tomam os fortes orientaes de Porto Arthur.

30 *Marrocos* — Em Sidibbelabes uma columna franceza é atacada proximo de Berguent pelos mouros, tendo estes soffrido grandes perdas.

31 *Japão* — Trava-se a memoravel batalha perto de Liao-Yang, empenhando-se na acção, dos dois lados mais de 500:000 homens e 1:300 canhões. Os japonezes vencem, obrigando a retirar os russos

Setembro 1 — *França* — Começa em Cette a gréve geral dos operarios e trabalhadores das docas.

2 *Austria* — O rei Eduardo VII regressa de Marienbad a Inglaterra.

7 *Turquia* — O chefe armenio apodera-se da cidade de Van, o que occasiona um grande panico na população. — *Thibet* — E' assignado o tratado de paz entre a Gran Bretanha e o Thibet.

8 *Portugal* — Realiza-se em Vianna do Castello o congresso nacional de pescarias.

11 *Vienna d'Austria* — Realiza se a abertura do Congresso Internacional da Imprensa em Vienna d'Austria.

14 *Brazil* — O Congresso approva a convenção maritima internacional estabelecida entre os delegados do Brazil, da Republica Argentina, de Uruguay, de Paraguay, reunidos no Rio de Janeiro, a qual supprime as quarentenas.

17 *Italia* — O movimento da gréve propaga-se parcialmente a Roma, Bolonha e Turim.

20 *Italia* — Ao Congresso dos livres pensadores, reunido no Collegio Romano, assistem 3:000 delegados. O dr. Haeckel é saudado com acclamações. O delegado portuguez, dr. Magalhães Lima, é muito comprimentado.

21 *Servia* — Celebra-se em Belgrado a ceremonia da coroação do rei Pedro.

25 *Perú* — Assume a presidencia da Republica o sr. José Pardo. Está constituido o novo gabinete com o sr. Leguva na presidencia do conselho. — *Uruguay* — Assigna-se a paz entre os revolucionarios e a gente do governo.

29 *Portugal* — As forças portuguezas no Ultramar soffrem um desastre horroroso de que não ha memoria de outro egual desde a chamada campanha do Bonga; foi o massacre de um destacamento de cerca de 500 homens e officiaes, que partindo do Humbe atravessára o Cunene.

Outubro 3 — *Estados Unidos* — Abre-se em Boston o 13.º congresso internacional da paz.

9 *Hespanha* — Realiza-se a peregrinação a Begona, a que concorrem 40:000 peregrinos, os bispos de Palencia, Santander e Zamora, a deputação provincial, numerosos nacionalistas e a maioria das camoras municipaes de Biscaia.

12 *Russia* — A esquadra russa do Baltico composta de 42 navios, parte de Reval com destino a Libau.

15 *Japão* — O general Oku toma mais 10 canhões russos. Estes soffrem uma nova derrota, retirando e perdendo cerca de 20:000 homens.

17 *Santiago do Chile* — E' assignado o tratado de paz entre as Republicas do Chile e da Bolivia.

18 *Portugal* — O presidente do conselho, sr. conselheiro Hintze Ribeiro, apresenta a El-Rei a demissão de todo o gabinete, que é acceite.

20 *Portugal* — Constitue-se o novo gabinete, sendo presidente o sr. conselheiro José Luciano de Castro. São ministros os srs. conselheiros Antonio Augusto Pereira de Miranda, no reino; José Maria d'Alpoim, na justiça; Manuel Affonso Espregueira, na fazenda; Sebastião Custodio de Sousa Telles, na guerra; dr. Manuel Moreira Junior, na marinha e ultramar; Antonio Eduardo Villaça, nos estrangeiros; Eduardo José Coelho, nas obras publicas.

23 — *Inglaterra* — A esquadrilha de vapores de pesca de Hull e que alli chegou esta tarde relata que a esquadra russa do Baltico atacou na noite de sabbado a referida esquadra, afundando-lhe dois vapores, matando dois homens e ferindo muitos outros.

27 *Russia* — O czar exonera o almirante Alexeieff, a seu pedido, de commandante em chefe das tropas no Extremo Oriente; e nomeia o general Kuropatkine commandante em chefe de todas as forças de combate de terra e mar no theatro da guerra.

Novembro 1 — *Estados Unidos* — E' assignado o tratado de arbitragem entre os Es-

tados Unidos e a França. — *França* — Emquanto o sr. Lories falla na camara sobre a ordem do dia, Syveton, nacionalista, agride o ministro da guerra, e refugia se atraz da direita. A esquerda e extrema esquerda gritam : — Covarde ! e precipitam se no hemiciclo. A direita fecha o caminho. A camara dos deputados pronuncia a exclusão temporaria de Syveton.

5 *Estados Unidos* — Estão entaboladas negociações para um tratado de arbitragem com a Allemanha.

12 *Portugal* — Suas magestades el-rei D. Carlos e a rainha D. Amelia, acompanhados dos dignitarios ao seu serviço partem de Lisboa, e seguem através da Hespanha e da França, na sua viagem para Inglaterra. *Suissa* — E' assignado o tratado de commercio entre a Suissa e a Allemanha. — *França* — A camara dos deputados approva a convenção com a Terra Nova, e sem debate a convenção celebrada com Siam.

14 *Italia* — O Papa celebra consistorio secreto em que falla principalmente da situação da França ; repelle a accusação de ter violado a Concordata; proclama o direito do Papa de não nomear todos os candidatos ao episcopado apresentados pelo governo; e termina affirmando a sua inabalavel affeição pela França.

15 *Brazil* — O general Travassos e Dr. Lauro Sodré sublevam os alumnos das escolas militares — *China* — O ministro plenipotenciario de Portugal em Pekin assigna um novo tratado com a China pelo qual Portugal concede á China em Macau todas as facilidades para evitar o contrabando do opio, e obtem em troca o reconhecimento dos seus direitos commerciaes na colonia nomeadamente a respeito da navegação no Si Kiang; é tambem assignado o contracto para a construcção do caminho de ferro de Macau e Sin Ching por um syndicato sino portuguez. — *França* — O general André, ministro da guerra, apresenta a sua demissão.

18 *Inglaterra* — O ministerio inglez reune no Foreing Office para tomar conhecimento do tratado luso britannico de arbitragem. Os jornaes são unanimes em considerar de grande importancia o tratado de arbitragem.

19 *Brazil* — O alferes Ramos de Queiroz partidario da projectada dictadura militar Sodré, subleva os inferiores e soldados do nono de infantaria, mata o tenente coronel Fabricio de Mattos, que cahe combatendo, prende os outros officiaes, sahindo do quartel com os sublevados para tentar attrahir o resto da guarnição. Repellidos no quartel do quinto de artilharia pelo coronel Ribeiro da Costa, são os sublevados atacados e submettidos pelo coronel Sotero de Menezes á frente do dezeseis de infantaria. O alferes Queiroz unico oficial sublevado é mortalmente ferido.

22 *França* — Os operarios do arsenal em Brest votam grève geral. — *Estados Unidos* — E' assignado o tratado de arbitragem entre os Estados-Unidos da America e o imperio da Allemanha.

23 *Portugal* — Parte para Paris seguindo depois para Roma, sua alteza o sr. infante D. Affonso, que vae representar sua majestade el-rei, no baptisado do principe do Piemonte, herdeiro do throno de Italia.

24 *Italia* — E' assignado o tratado de arbitragem entre a Italia e a Suissa.

26 *Hespanha* — E' encerrado solemnemente o congresso das congregações Mariannas hispano-americanas.

28 *Hespanha* — O Senado approva a concordata com o Vaticano.

29 *Estados Unidos* — Os Estados Unidos e a Russia decidem celebrar um tratado de arbitragem.

30 *Estados Unidos* — O contra-almirante Davis acceita a nomeação de delegado da commissão internacional do inquerito ao incidente de Hull.

❁ ❁ ❁

Acontecimentos mundanos, scientificos e artisticos

Dezembro **15** de **1903** — *Montevideo* — Chega a Buenos Ayres a expedição escosseza Bruce, de regresso do polo antarctico, tendo attingido a latitude de 70°,25'. O navio «Scotia» partirá na proxima semana para o polo onde deixou seis pessoas para continuarem os estudos.

20 *Allemanha*—Realiza-se o casamento do gran-duque Meklembourg Schwerin com a princeza Alexandra de Cumberland.

22 *França* — A junta do Syndicato da imprensa parisiense repartiu assim o premio de 100:000 francos fundado pelo sr. Osiris: 60:000 francos a madame Currie pela descoberta do radium, e 40:000 ao sr. Branly pelo aperfeiçoamento da telegraphia sem fio.

27 *Portugal* — Realiza-se em Lisboa a ceremonia da entrega da canhoneira «Patria»; pelo Arsenal de Marinha ao representante da commissão patriotica portugueza, e por este, em nome da mesma commissão, ao governo.

28 *Hespanha* — Chegam a Madrid os principes da Baviera, hospedando se no palacio real. Estão acompanhados de seus filhos D. Fernando, D. Maria, D. Adalberto e D. Pilar. Falla-se na probabilidade do primeiro que conta apenas vinte annos, ser o futuro esposo da infanta D. Maria Thereza e da segunda que tem desoito annos completos, diz se que será a futura rainha de Hespanha.

Janeiro **4** de **1904** — *Portugal* — Realiza-se em Moncorvo a inauguração do hospital D. Amelia cujos principaes iniciadores foram os srs. dr Antonio Lopes Navarro, dr. Antonio Joaquim Ferreira Margarido e Cesar Augusto Macedo Ribeiro.

5 *Hespanha* — Chegam a Madrid o duque e a duqueza da Calabria.

9 *Portugal* — Effectua-se a inauguração da exposição Columbano em Lisboa, no salão do «Diario de Noticias» onde está reunida toda a sua obra, revelando toda a fertilidade da sua palheta, e todos os reflexos do seu raro talento.

Realiza-se a inauguração do monumento em bronze do sr. visconde de Valmôr no largo da Bibliotheca em Lisboa.

11 *Portugal* — Realiza-se em Lisboa com a assistencia de suas magestades El-rei o Senhor D. Carlos e a rainha D. Amelia a ceremonia do lançamento da primeira pedra para a construcção do Instituto Central da Assistencia e do Hospital do Repouso — *Suecia* — Chega a Stockolmo a expedição polar dirigida pelo dr. Nordenskjold.

Março **6** — *França* — Os mestres de armas italianos Pini e San Malato batem-se durante duras horas e 25 minutos; as testemunhas são obrigadas a interromper o combate. Pini fica ferido na fronte, ao terceiro assalto, e San Malato na palma da mão. — *Portugal.* — E' inaugurada em Lisboa, á meia noute, a nova estatua de Sousa Martins.

14 *Portugal* — Realiza-se com á maior solemnidade a inauguração da linha ferrea de Vendas Novas ao Setil, com a assistencia de sua magestade el-rei D. Carlos.

26 *Portugal* — Chega a Lisboa, monsenhor Macchi o novo nuncio de Sua Santidade n'esta côrte.

30 *Portugal*—Realiza-se em Lisboa a inauguração da lapide affixada na casa onde nasceu o valente almirante brasileiro Barroso.

Fevereiro **4** — *Portugal* — Realiza-se na sala Algarve da Sociedade de Geographia de Lisboa a sessão solemne commemorativa do 105.º anniversario do nascimento de Almeida Garrett e do 2.º anniversario da Sociedade Litteraria que tem por titulo o nome do distincto escriptor e que foi a promotora d'aquella commemoração.

10 *Inglaterra* — Realiza se em Londres na capella de S. Jorge, em Windsor, o casamento da princeza Alice de Albany com o principe Alexandre de Teck.

Abril **3**—*Hespanha*—Celebra-se no hippodromo de Madrid, a imposição pelo rei do cordão de S. Fernando, ao batalhão de Porto Rico. O acto é solemnissimo. Assistem os sobreviventes do batalhão, uns cem homens, que são saudados com enthusiasmo. Ao acto assiste toda a familia real, governo, corpo diplomatico, generaes, aristocracia, representantes de todos os centros civis e militares, operarios, estudantes, etc.

4 *Montevideu* — O presidente general Roca inaugura em Buenos Ayres o congresso de medicina, estando n'elle representadas todas as republicas latino-americanas.

5 *Hespanha* — O rei Affonso XIII inaugura a Exposição de Arte Ornamental.

6 *Hespanha* — Inaugura-se em Madrid o Congresso dos architectos. O delegado portuguez Pedro d'Avila pronuncia um discurso, que é muito applaudido.

8 *Portugal* — Sua magestade a rainha D. Amelia parte para Villamanrique, de visita a sua mãe e irmã, a sr.ª condessa de Paris e a princeza Luiza de França.

10 *Hespanha* — O rei Affonso XIII colloca a primeira pedra do monumento aos heroes Bruch no mosteiro do Monserrate, perto de Barcelona.

12 *Hollanda* — Viaja pelo Mediterraneo a rainha Guilhermina, da Hollanda.

16 *Hespanha* — Celebram-se em Madrid, na egreja de S. Francisco, as exequias solemnes da rainha Isabel.

25 *Hespanha* — Inaugura se em Ibiza, com a assistencia do rei Affonso, presidente da commissão promotora, e ministro da guerra, o monumento á memoria de Vara, defensor de Canev. — *Africa* — Nas propriedades da Companhia do Cazengo descobriu se um importante jazigo de linhite.

Maio **8** *Portugal* — Realiza-se com a costumada solemnidade e com a assistencia de sua magestade el-rei sr. D. Carlos, na Academia Real das Sciencias em Lisboa, a sessão para a leitura do relatorio dos trabalhos academicos e do elogio historico de Pinheiro Chagas, orador eloquente, poeta, estadista e parlamentar distincto. O elogio é devido á penna do distincto academico sr. Lopes de Mendonça.

10 *Portugal* — Realiza-se em Lisboa a abertura da exposição das Bellas Artes

14 *Portugal* — Fundea no porto de Lisboa o hiate «Marroussia», conduzindo suas altezas os duques de Orleans, irmão e cunhada de sua magestade a rainha D. Amelia.

17 *Portugal* — E' collocada no salão de entrada do theatro do Gymnasio em Lisboa, uma lapide em homenagem ao grande vulto da scena portugueza Francisco Alves da Silva Taborda, commemorando a estreia do glorioso actor n'este theatro ha mais de meio seculo.

26 *Dinamarca* — Abre se em Copenhague a conferencia dos membros da Associação Internacional para a lucta contra a tuberculose, estando representado Portugal.

29 *França* — E' inaugurado na praça d'Orleans, em Paris, o monumento levantado por subscripção publica ao poeta Colardeau, que foi membro da Academia franceza.

Junho **1** *Portugal* — Realiza-se com imponente e extraordinaria solemnidade a ceremonia do alistamento de sua alteza o sr. infante D. Manuel na Escola Naval, com o posto de aspirante de marinha, na sala do Risco do Arsenal, assistindo suas magestades el rei D. Carlos, a rainha D Amelia, a rainha D. Maria Pia, sua alteza o principe real, o infante sr. D. Affonso, dignitarios da côrte, etc.

5 *Portugal* — Realiza-se em Lisboa, na Tapada da Ajuda, com a assistencia de suas magestades, a inauguração da exposição hippica.

8 *Portugal* - Parte para Paris sua alteza o sr. infante D. Affonso.

10 *Portugal* — Realizam se em Braga as festas em honra da Virgem da Conceição, para commemorar o 50.º anniversario da proclamação do dogma

12 *França* — Na corrida do «Grand Steeple-Chase» d'Auteuil, é vencedor «Dandalo», verdadeiro cavallo de raca, vivo, secco e nervoso, pertencente a Mr. Fischoff. Na corrida do «Grand Prix de Longchamp» chega 1.º «Ajax», 2.º «Turenne», e 3.º «Macdonnall», tendo corrido 13 cavallos.

13 *Portugal* — Com a assistencia de sua majestade el-rei o sr D. Carlos, realiza se na carreira de tiro dos corpos da guarnição, em

Pedrouços, o segundo e ultimo torneio do grande certamen nacional.

26 *Hespanha* — Os federaes em Barcelona collocam solemnemente a lapide commemorativa na casa onde nasceu Pi y Margall.

Julho 5 — *Portugal* — Procede-se, com a assistencia de sua majestade el-rei sr. D. Carlos á ceremonia do lançamento da pedra fundamental do monumento que se vae erigir á memoria do duque de Saldanha.

9 *Portugal* — E' inaugurada em Coimbra na Escola Nacional d'Agricultura a exposição agricola e pecuaria.

16 *França* — E' inaugurado na praça de Breteuil em Paris o monumento erigido ao sabio Pasteur sob a presidencia do presidente Loubet.

20 *Portugal* — Chega a bordo do seu «yacht» a Lisboa sua alteza o principe de Monaco. — *Italia* — Centenario do grande poeta Petrarcha. Em Arezzo ha o descerramento d'uma lapide na casa solarenga do immortal cantor de Laura.

27 *Portugal* — Realiza-se na Bibliotheca de Lisboa a abertura da exposição em honra do grande poeta italiano Petrarcha.

31 *Portugal* — Inaugura-se officialmente o sanatorio de Parede, mandado construir pela sr.ª D. Claudina de Freitas Chamiço, obra piedosa e altamente benemerita.

Agosto 7 — *Hespanha* — Batem-se em duello em Madrid o jornalista Cadenas e o actor Ciquelme. Este recebe trez ferimentos e aquelle varias contusões. O duello foi a sabre.

12 *Russia* — A tzarina Alexandra dá á luz um gran-duqne, herdeiro da corôa da Russia.

15 *Portugal* — São mandados executar com urgencia os trabalhos preliminares para a construcção das obras de fortificação destinadas á defeza do porto artificial de Leixões e da barra do Douro.

18 *Portugal* — Effectua se em Alhandra na praça 7 de Março, a ceremonia do lançamento da primeira pedra de um modesto monumento que vae ser erigido em memoria de Sousa Martins, a expensas dos seus conterraneos.

24 *Russia* — Effectua-se com grande solemnidade na egreja de Peterhof o baptisado do tzarewitch.

Setembro 4 — Sua magestade el-rei D. Carlos passa revista ás tropas em manobras no Bussaco, levando á sua esquerda sua magestade a rainha D. Amelia, seguidos pela casa militar e officiaes montados do estado maior da direcção dos exercicios. — *Hespanha* — Inaugura-se em S. Sebastiom a exposição ethnographica.

6 *Portugal* — Chega a Lisboa Mr. Charles Millot de passagem no seu passeio pelo mundo que se propõe percorrer a pé. Tendo partido de Paris em 22 de Abril de 1900, isto é, ha quatro annos, tem percorrido, a França meridional, a Italia e a Hespanha.

9 *Allemanha* — E' officialmente ratificado o casamento do principe imperial da Allemanha Guilherme de Hohenzolern com a princeza Cecilia de Mecklemburgo Schwerin, irmã do gran-duque reinante Frederico Francisco.

15 *Inglaterra* — Chega a Londres o capitão Scott e os seus officiaes a bordo do vapor «Discovery» de regresso da sua viagem de exploração ao polo Sul. — *Italia* — A rainha Helena dá á luz um filho varão, o qual se chamará Humberto e terá o titulo de Principe do Piemonte.

16 *Hespanha* — Abre se ao serviço publico a navegação pelo canal de Castilha.

Outubro 16 — A princeza das Asturias dá á luz uma infanta, fallecendo em consequencia.

24 *Hespanha* — Inaugura-se em Barcelona a exposição mineira sob a presidencia de Mlende, que no seu discurso mostra a necessidade de se estabelecerem os portos francos para o desenvolvimento das industrias.

25 *França* — Realiza-se em Paris a abertura dos cursos da Sociedade dos Estudos Portuguezes.

30 *Portugal* — Celebra-se no Porto a inauguração do monumento levantado á memoria do insigne esculptor Soares dos Reis.

Novembro 6 — Na carreira de tiro dos corpos da guarnição em Pedrouços (Lisboa), realiza-se o primeiro campeonato da taça D. Carlos I, premio patrioticamente instituido pelo «Tiro Sport».

15 *Inglaterra* — O «yacht» real «Victoria and Albert» rodeado pela esquadra que o acompanha entra em Portsmouth, conduzindo suas magestades os reis de Portugal.

19 *Chile* — A republica do Chile é favoravel a ajudar a da Colombia para abrir o canal interoceanico através do isthmo de Darien, aproveitando os rios navegaveis Utrato e S. Juan.

22 *Portugal* — E' assignado pelo conselho da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, o contracto de exploração do caminho de ferro de Coimbra a Louzã.

27 *Hespanha* — Na Academia de Historia celebra-se a sessão commemorativa do centenario de Izabel a Catholica. — *Italia* — Inaugura se no palacio de S. João de Latrão em Roma, a exposição internacional Marianna.

NECROLOGIA

Dezembro 16 — 1903 — O actor Gama, em Lisboa, um velho artista que por muito tempo trabalhara no theatro de D. Maria II.

20 — Conselheiro Luiz Carlos Garcia de Miranda, em Lisboa, juiz do Supremo Tribunal de Justiça.

22 — Conselheiro general de divisão Elyseu Xavier de Sousa e Serpa, em Lisboa, 65 annos, administrador geral das alfandegas; foi tambem deputado, commandante da Escola Pratica de Artilharia, e era ajudante de campo honorario de sua magestade el-rei D. Carlos.

26 — José Zanardelli, em Roma, brilhante

orador parlamentar ministro em diversas situações e por ultimo, como chefe de partido, presidente do conselho.

Janeiro 2 — Dr. Antonio Fausto Namorado, em Lisboa, 82 annos de edade; foi cirurgião em chefe do exercito e em 1881 reformara-se com a graduação de general de brigada.

3 — Princeza Mathilde, em Paris, casada com o principe russo Demidoff. Com a sua morte desapparece uma das ultimas grandes figuras femininas do segundo imperio.

7 — Visconde de Claverie, em Lisboa, 75 annos. Exercia o cargo de correspondente do jornal francez «Le Figaro».

8 — Alberto Botelho, em Lisboa. Era deputado da nação, professor do lyceu, lente da Escola do Exercito e capitão de artilharia.

11 — Viscondessa de Macedo de Cavalleiros em Ponte de Lima, esposa do sr. dr. José Manuel de Brito Cicio, juiz de direito.

14 — Conselheiro José Silverio de Amorim da Guerra Quaresma, em Lisboa, 83 annos juiz conselheiro do Tribunal de Contas.

20 — Mannlicher, em Vienna, inventor da arma que tem o seu nome.

22 — Baroneza de S. Pedro, em Lisboa.

26 — D. Luiz da Camara Leme, em Lisboa, general de divisão reformado, ministro de Estado honorario, par do reino e do conselho de sua magestade.

31 — Marqueza de Tancos, em Bemfica arredores de Lisboa, venerada pelas suas virtudes e bondade de coração.

Fevereiro 6 — Desembargador Luiz Figueiras, em Lisboa 78 annos.

10 — General Davoust, em Paris, duque de Auerstadt e ex-chanceller da Legião de Honra.

13 — Conde da Azarujinha, Antonio Augusto Dias de Freitas em Lisboa, 74 annos de edade. Abastado capitalista, foi deputado em diversas legislaturas, e era par do reino.

15 — Casimiro Augusto Vanez Dantas, em Lisboa, 53 annos, general de brigada reformado, antigo escriptor e jornalista, inspirado poeta e militar distincto.

20 — O Actor Simões, em Lisboa, pae da actriz Lucinda Simões e avô de Lucilia Simões.

22 — Baroneza da Povoa de Santo Adrião, em Lisboa, 89 annos de edade. Era bisneta do marquez de Pombal, neta de José de Seabra e filha dos condes da Bahia.

Março 2 — Eduardo José Pereira em Lisboa, antigo vice-consul de Portugal em Yokohama no Japão, cargo que desempenhou gratuitamente e durante o qual teve ensejo de prestar optimos serviços aos portuguezes residentes e aos que em viagem por ali passaram. O extincto era um caracter nobilissimo e uma intelligencia pouco vulgar e cultivada.

5 — Marechal Conde de Waldersee em Hanovre. Foi um dos generaes mais considerados do exercito allemão e era chefe do estado-maior general.

7 — Visconde de Malanza em Lisboa, possuidor d'uma grande fortuna.

8 — Celso Herminio de Freitas Carneiro, em Lisboa, distincto caricaturista.

17 — Duque de Cambridge, em Londres, 85 annos de edade, tio-avô do rei Eduardo VII. Era feld-marechal do exercito britannico, e membro da camara dos pares.

17 — D. Isabel Maria de Lacerda Castello Branco, commendadeira do Real Mosteiro da Encarnação, da Ordem d'Aviz, em Lisboa, 68 annos de edade. Em 1888 foi condecorada por Sua Santidade Leão XIII com a commenda «Pro ecclesia et Pontifice», sendo a primeira pessoa agraciada com a commenda d'esta ordem pontificia

19 — Augusto Cesar de Almeida, em Lisboa, actor muito conhecido das platéas dos theatros portuguezes.

Abril 9 — D. Maria Luiza Izabel, era rainha de Hespanha, em Paris, filha de Fernando VII e de D. Maria Christina, de Napoles Nascera em Madrid em 1830 A conspiração militar de setembro de 1868, obrigára Isabel II a sahir de Hespanha e a abdicar em seu filho Affonso XII em 1870. Desde esse tempo vivera completamente alheia á politica.

13 — Silva Pereira, em Lisboa, 65 annos de edade, um dos mais populares e estimados actores portuguezes.

14 — Conselheiro Jacintho Simões Ferreira da Cunha em Lisboa, formado em direito e antigo deputado.

14 — Conselheiro Joaquim Pedro de Seabra, em Lisboa, 69 annos de edade, filho do visconde de Botelho Seabra.

24 — Bispo de Angra do Heroismo, D. José Manuel de Carvalho, em Angra, 59 annos de edade.

Maio 4 — Conde Valencia de Don Juan, em Madrid, archeologo notavel e director da Real Armeria.

— Gabriel Merino, em Madrid, escriptor dramatico, auctor de «Los Africanistas» «El rey de Lydia» e outras.

10 — Henry Moreton Stanley, em Londres, 64 annos, celebre explorador africano, um dos mais audazes aventureiros do seculo XIX

12 — Fernando de Oliveira, em Lisboa, 45 annos de edade, cavalleiro de touros, artista correcto e corajoso, victima d'um desastre na arena do Campo Pequeno.

13 — Daniel Vierge, em Paris, 55 annos, celebre illustrador parisiense.

27 — Barão de Combarjua, Thomaz d'Aquino Mourão Garcez Palha, pertencente a uma das mais distinctas familias da India Portugueza, antigo deputado da nação, e actualmente inspector da instrucção publica n'aquelle Estado.

Junho 6 — Conde du Bois d'Aische, em Lisboa, que durante alguns annos fôra ministro da Belgica n'esta côrte.

9 — Maria Juliana Roberta, em Ferreira de Zezere, com a notavel edade de 115 annos, deixando filhos, netos, bisnetos e trinetos. Nunca esteve doente nem tomou remedio algum.

13 — General Visconde de Santa Margarida, em Beja, tendo feito parte do antigo batalhão nacional de caçadores de Beja.

Julho 1 — Visconde de Santo Ambrosio, o dr. Francisco Namorado, em Lisboa

4 — Conego Alves Mendes, no Porto, illustre escriptor e eloquente orador sagrado, um dos mais brilhantes que tem tido o nosso paiz.

10 — General João Jesus Feijão, em Setubal.

12 — General Antonio Simões de Carvalho Vivaldo, em Lisboa, 58 annos.

14 — Paulo Kruger, em Clarens (Suissa), ex-presidente da Republica do Transvaal, celebre individualidade que se extinguiu no exilio.

18 — Dr. Henrique Midosi, em Lisboa, 80 annos, um dos nossos mais cultos jurisconsultos, professor distincto e escriptor estimado pelo seu profundo saber e nobre caracter.

23 — Conselheiro Henrique Francisco Bizarro, em Lisboa; delegado do thesouro no districto de Lisboa.

28 — Dr. Hygino de Sousa, em Lisboa, um dos mais brilhantes ornamentos da classe medica portugueza, operador distinctissimo

Agosto 2. — Dr. Alfredo Filgueiras da Rocha Peixoto, em Coimbra, 56 annos de edade, lente cathedratico da faculdade de mathematica e 1.º astronomo do observatorio astronomico da Universidade.

6 — General Conselheiro Alvares Pereira, em Azambuja, lente da Escola do Exercito.

12 — D. Antonio José Gomes Cardoso, bispo de Angola e Congo, em Palma de Baixo, arredores de Lisboa.

13. — Gutierrez de Aguera, em Lerico, Austria, embaixador da Hespanha junto do Vaticano.

23. — Marquez de Castellones, em Madrid.

27. — Marianna Jeronyma da Silva, em Sardoal (Portugal) na avançada edade de 110 annos.

Setembro 9. — Conselheiro Luis Frederico de Bivar Gomes de Castro, presidente da Camara dos Pares, em Portimão (Portugal).

14. — Ossorio y Bernard, em Madrid, distincto escriptor e jornalista.

16. — Alfredo Serrano, em Bolonha (Italia) distincto escriptor e critico de arte.

18. — Principe Herbert de Bismarck, em Dohersdorf proximo de Kiel. Foi um diplomata e um politico distincto.

21. — Dr. Silvino Guimarães, em Lisboa, 43 annos de edade, deputado do Estado do Pará.

Outubro 1. — Vice-almirante Antonio Duarte Pedroso, em Lisboa, 70 annos de edade, antigo ajudante de campo honorario de el-rei D. Luis e de el-rei D. Carlos.

5. — Rosa Damasceno, no Gradil, perto de Mafra, 55 annos de edade, distinctissima actriz, proeminente individualidade na scena portugueza, onde difficilmente será esquecida, apesar da ephemera gloria do palco.

6. — Francisco Simões Margiochi, em Lisboa, 56 annos de edade, par do reino, antigo provedor da Real Casa Pia, director-secretario da Sociedade das Casas de Asylo da Infancia Desvalida de Lisboa, antigo vereador da camara municipal de Lisboa, agronomo illustrado, tendo sobre a especialidade escripto numerosos artigos e memorias.

11. — Conde da Covilhã, na Covilhã, fidalgo da nobre casa dos Calheiros da villa de Vallezim e abastado capitalista.

15. — O Rei da Saxonia, Frederico Augusto, em Pillnitz. Era viuvo da infanta portugueza D. Maria Anna, com quem casara por procuração, em Lisboa, a 11 de março de 1859.

— Dr. Manuel Emygdio Garcia, em Lisboa, lente jubilado da faculdade de direito da Universidade de Coimbra, orador e distinto escriptor.

17. — A Princeza das Asturias D. Maria Mercedes, em Madrid, 24 annos de edade. Era a herdeira do throno de Hespanha até seu irmão D. Affonso XIII ter sucessão directa.

THEATROS

Dezembro 16 de 1903 — O heroe do dia, peça em 3 actos, traducção do sr. Alberto Braga. (Theatro D. Amelia). — pum! peça em 3 actos e 6 quadros, original do escriptor brazileiro sr. Arthur de Azevedo e do sr. Eduardo Garrido. (Theatro da Trindade).

23 — Ressureição, peça em 5 actos, de Tolstoi e Henry Bataille, traducção do sr. Mello Barreto. (Theatro D. Amelia)

24 — Um serão nas laranjeiras, peça em 3 actos, original do sr. Julio Dantas. (Theatro de D Maria II).

29 — O principe perfeito, peça em 1 prologo e 4 actos, extrahida do romance «Os amores do principe perfeito», original do sr. Arthur Lobo d'Avila. (Theatro do Principe Real).

30 — O outro sexo, peça franceza em 4 actos, de Valabregue e Hennequin, traduzida pelo sr. Sousa Bastos. (Theatro do Gymnasio).

Janeiro 8 — A cruz da esmola, peça em 3 actos, original do sr. Eduardo Schwalbach. (Theatro de D. Amelia).

9 — O senhor feudal, peça hespanhola de Dicente, traduzida pelo sr. Julio Soller. (Theatro da Avenida).

12 — O sonho d'um principe, peça em 1 acto, original do sr. Henrique de Mendonça. (Theatro de D. Maria II).

15 — O coxo do bairro alto, peça em 6 actos, original do sr. Eduardo Coelho. (Theatro do Principe Real).

23 — Casamento de conveniencia, peça em 4 actos, original do sr. Coelho de Carvalho. (Theatro de D. Maria II).

28 — Os diabos na terra, uma opera comico-phantastica, com 4 actos e 6 quadros. A musica um «arreglo» de Nicolini. (Theatro da Trindade).

28 — Uma noute em veneza, operetta em 3 actos, de Zell e Genée, com musica de Strauss. (Theatro da Avenida).

Fevereiro 6 — De portas a dentro, revista em 3 actos, original do sr. Baptista Diniz, com musica do sr. Paschoal Pereira. (Theatro da Rua dos Condes).

9 — Garra de leão, drama em 6 actos, do auctor parisiense Edouard Philippe, traducção do sr. João Soller. (Theatro do Principe Real).

12 — Cavallaria ligeira, peça em 3 actos, de Courteline, traducção do sr. Camara Lima. (Theatro de D. Maria II).

19 — As calças do juiz de paz, vaudeville em 4 actos, traduzido pelo sr. João Soller. (Theatro da Trindade).

29 — A castellã, comedia de Capus, em 4 actos, traducção do sr. Accacio de Paiva (Theatro de D. Amelia).

Março 4 — Uma senhora illustrada, comedia traduzida pelo escriptor brazileiro sr. Arthur d'Azevedo. (Theatro do Principe Real).

4 — Gente para alugar, comedia allemã traduzida, arranjada e remodelada em 4 actos, pelo sr. Freitas Branco. (Theatro do Gymnasio).

6 — Perdidos no mar, drama em 5 actos, mitação do sr. José Antonio Moniz. (Theatro do Principe Real).

8 — A moral d'elles, traducção da «Tante Leontine». — Ámanhã, original portuguez de Manoel Larangeira, em 1 acto. (Theatro do Principe Real).

9 — A mulher demonio, traducção do sr. Luciano Chaves. (Theatro do Principe Real).

11 — Amor de perdição, extrahido por D. João da Camara do drama de Camillo Castello Branco. (Theatro de D. Maria).

16 — Vivinha a saltar, revista do anno, original dos srs. Mello Barreto e Camara Lima. (Theatro da Avenida).

24 — Na lua de mel, comedia, traducção do sr. Leopoldo de Carvalho. (Theatro do Gymnasio).

24 — O Cenimatographo, comedia em 3 actos, traducção do sr. Accacio Antunes. Theatro do Gymnasio).

26 — O Adversario, peça em 4 actos, de Capus e Arene, traducção do sr. Cunha e Costa. (Theatro de D. Amelia).

— O coração tem caprichos, peça em 1 acto, traducção do sr. Portugal da Silva. (Theatro de D. Amelia).

Abril 2 — O cão do regimento, operetta em 4 actos de Decourcelles. (Theatro da Trindade).

8 — Beijos de burro, revista em 3 actos e 12 quadros de Caracoles e Eduardo Fernandes (Esculapio). (Theatro do Rato).

9 — Terra mater, original em 1 acto do sr. Augusto de Lacerda. (Theatro de D. Maria II).

— Os filhos alheios, uma peça de Brieux («Le berceau») traducção do sr. Portugal da Silva. (Theatro de D. Maria II.)

12 — Jack o estripador, drama em 7 quadros de Marot e Pericaud, traducção do sr. Eduardo Victorino (Theatro do Principe Real).

18 — Em ruinas, peça original do sr. Ernesto da Silva (Theatro do Principe Real).

21 — O ninho de cupido, comedia allemã traduzida pelo sr. Freitas Branco. (Theatro do Gymnasio).

23 — Casamento e mortalha, comedia em 2 actos original do sr. D. João da Camara. (Theatro de D. Maria II.)

Maio 1 — Jockey á força, operetta em 3 actos, traduzida pelo sr. Accacio Antunes, com musica de Victor Roger. (Theatro do Principe Real).

7 — Uma visita, peça do sr. Eduardo Brandés, traducção do sr. Accacio Antunes. (Theatro de D. Maria II).

— Fogo no convento, comedia do sr. Theodoro Barrière, traduzida pelo sr. Antonio Lopes. (Theatro de D Maria II)

11 — Velhos gaiteiros, *vaudeville* em 3 actos de Mars e Desvalliers. (Theatro do Principe Real).

13 — No tempo de Luiz XV, comedia em 4 actos de Alexandre Dumas, trasladada em portuguez pelo sr Salvador Marques. (Theatro de D. Maria II)

17 — Mancheia de rosas, «Duetto da Africana», «Chateaux Margaux», imitação do sr. José Soller das zarzuellas hespanhola, com musica do maestro sr. Del Negro. (Theatro do Principe Real).

18 — Pela patria, peça militar, escripta pelos srs. Caetano Pereira e Leopoldo Madeira, com versos do sr. Libanio da Silva e musica do maestro Luiz Filgueiras. (Theatro da Avenida).

Julho 1 — O espelho da verdade, peça phantastica em 4 actos e 10 quadros. (Theatro da Trindade).

Setembro 1 — Os frades mostenses, zarzuela com musica de Chapi, peça vertida para portuguez pelo sr. João Soller. (Theatro da Trindade).

16 — Os varinos, operetta em 3 actos, original do sr. Raphael Ferreira, musica do sr. Del-Negro. (Theatro da Rua dos Condes).

19 — O anno em tres dias, revista original dos srs. Machado Correia e Accacio Antunes, musica do sr Filippe Duarte. (Theatro do Principe Real).

Outubro 5 — Rosina, comedia em 1 acto, «arreglo» do sr. Pedro Cabral. (Theatro do Gymnasio).

7 — Sem pés nem cabeça, revista phantastica em 3 actos e 12 quadros, original do sr. José d'Azevedo e musica dos srs. Luiz Filgueiras e Joaquim Alagarnio. (Theatro do Rato.)

18 — Sciencias exactas, comedia de Vital Aza. (Theatro do Gymnasio).

22 — Os amores de um conselheiro, comedia em 4 actos original do sr. Tavares de Mello. (Theatro do Gymnasio).

Novembro 7 — Gilberta, em francez «Heureuse», peça em 3 actos, original de Hennequin e Paul Billaud, traducção do sr. Cunha e Costa. (Theatro de D. Amelia).

8 — Os paes, drama em 5 actos de Alexandre Fontanes, traduzido pelo sr. João Soller. (Theatro do Principe Real).

12 — A pedra de toque, peça em 5 actos de Augier e Sandeau, traducção do sr. Mello Barreto. (Theatro de D. Maria II.)

INDICE

DOS

ARTIGOS E GRAVURAS CONTIDAS NO VOLUME IV